EU ERA ASSIM



BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO

CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM



Soffria horrivelmente dos pulmões; mas graças ao xarope peitoral de alcatrão e jatahy *preparado pelo pharmaceutico* Honorio do Prado, *o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão, e coqueluche, consegui ficar assim !!*



COMPLETAMENTE CURADO E BONITO

HONORIO DO PRADO

115, Rua do Lavradio, RIO DE JANEIRO

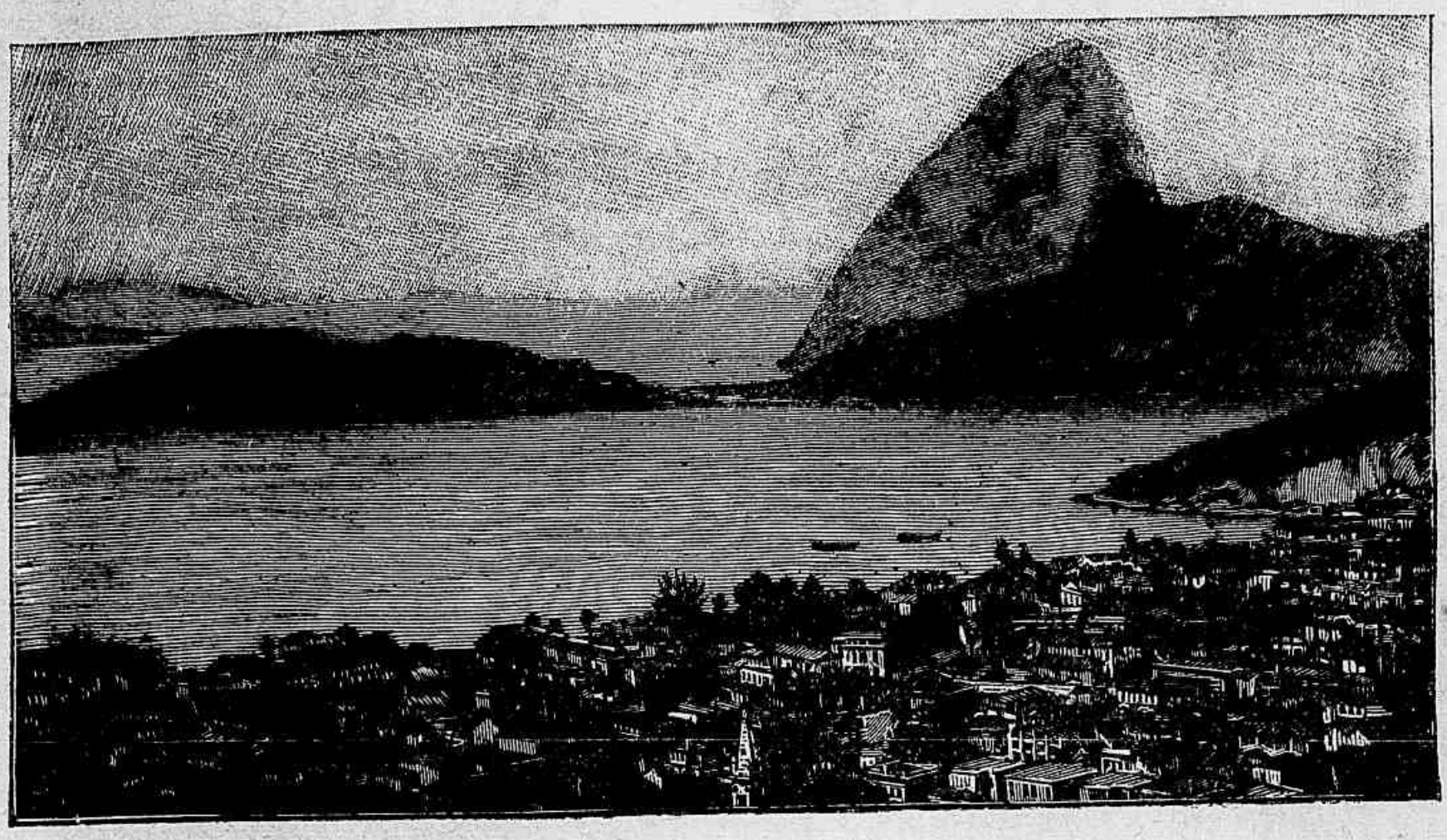
DEPOSITO

Drogaria PACHECO & COMP. Andradas 59

VIDRO 2$000 rs.

Marca Registrada

Rio de Janeiro
71, Rua do Ouvidor



Almanaque Brasileiro Garnier

para o anno de

— 1908 —

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO

DE

JOÃO RIBEIRO

Anno VI



Sala de venda da Livraria Garnier — Rio-de-Janeiro

O dr. Affonso Penna n. na cidade de Sancta Barbara (Minas) a 30 de Novembro de 1847 e graduou-se em direito em 1870. Deputado provincial de 1874 a 1879 e deputado geral de 1879 a 1889, foi ministro da guerra no ministerio Martinho Campos em 1882, da agricultura no ministerio Lafayette em 1883 e da justiça no ministerio Dantas em 1885. Depois da proclamação da Republica fez parte da Constituinte Mineira, foi presidente de Minas de 1892 - 1894, e presidente do Banco da Republica de 1895 a 1898.

Director e creador da Academia Livre de Direito de Bello-Horizonte, a nova capital que elle construiu e uma das mais bellas cidades do Brasil, ahi o foi encontrar a eleição de 18 de Fevereiro de 1902, que o elevou á vice-presidencia da Republica. Anteriormente havia recusado um lugar no Supremo Tribunal e o de ministro no Uruguay; afinal, o seu nome impoz-se para o lugar de chefe da nação.

Foi realmente eleito a 1.º de março de 1906 com grande numero de suffragios.



Dr. Affonso Penna
Presidente da Republica
(1906-1910)



Dr. Nilo Peçanha
Vice-presidente da Republica
(1906-1910)

Ao mesmo tempo foi eleito Vice-presidente o dr. Nilo Peçanha que, embora joven, já se tinha revelado estadista energico e de pulso no governo do Estado do Rio de Janeiro, cujas finanças e prosperidade com rapidez e efficacia de acção logo rehabilitou. O dr. Nilo Peçanha foi distincto parlamentar, de notavel prestigio nos annos anteriores e n'elle descançavam as esperanças da nova geração republicana, agora realisadas. O dr. Nilo Peçanha nasceu em 1867 na cidade de Campos de Goitacazes. Formou-se bacharel pela faculdade do Recife, em 1889; foi deputado á Constituinte e em 1903 foi eleito Senador e logo depois Presidente do Estado do Rio.

LIVRARIA H. GARNIER

Primeiras letras — Alphabetos
Leituras elementares
Escripta — Leitura de letra manuscripta
Noções de arithmetica e systema metrico
Ensino de doutrina Christã — Catechismos
Historia sagrada
Ensino intuitivo — Leitura — Redacção e estylo
Albuns e livros para premios
Desenho linear e architectura — Educação physica
Estudo da lingua portugueza
Estudo das linguas estrangeiras
Estudo da lingua latina
Geographia — Chorographia
Cosmographia e physica — Historia (obras classicas)
Mathematicas
Sciencias naturaes — Chimica
Rhetorica — Litteratura — Poetica — Philosophia
Musica — Pedagogia
Religião e moral — Sciencias economicas
Medicina — Hygiene — Jurisprudencia — Litteratura
Astronomia — Espiritismo
Magnetismo — Artes e Officios

Chronologia-Calendario

FESTAS DA EGREJA CATHOLICA

Festas fixas.

Circumcisão do Senhor ..	1º de Jan.
Epiphania ou Reis	6 Jan.
S. Sebastião.....	20 Jan.
Purificação de N. S.ª.....	2 Fev.
Annunciação de N. S.ª...	25 Março.
S. João Baptista	24 Junho.
S. Pedro e S. Paulo (Apost.)	29 Junho.
Assumpção de N. S.ª.....	15 Agosto.
Natividade de N. S.ª.....	8 Sept.
Todos os Sanctos.....	1º Nov.
Imm. Conceição de N. S.ª.	8 Dez.
Nascimento de N. S.....	25 Dez.

Para as festas moveis, póde-se de modo geral estabelecer a seguinte relação:

Conhecido o dia da Paschoa, 63 dias antes é a *Septuagesima;* 49 dias antes é o *Domingo gordo;* 7 dias antes, o *Domingo de Ramos;* 40 dias depois é a 5.ª feira da *Ascensão;* 50 dias depois é o *Domingo do Espirito Sancto* ou *de Pentecoste;* 61 depois é *Corpo de Deus* (5.ª feira).

QUADRO DAS DATAS DA FESTA DA PASCHOA DESDE 1907 ATÉ AO ANNO 2000

ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA	
1907	Março	31	1932	Março	27	1957	Abril	21	1982	Abril	11
1908	Abril	19	1933	Abril	16	1958	»	6	1983	»	3
1909	»	11	1934	»	1	1959	Março	29	1984	»	22
			1935	»	21				1985	»	7
1910	Março	27	1936	»	12	1960	Abril	17	1986	Março	30
1911	Abril	16	1937	Março	28	1961	»	2	1987	Abril	19
1912	»	7	1938	Abril	17	1962	»	22	1988	»	3
1913	Março	23	1939	»	9	1963	»	14	1989	Março	26
1914	Abril	12				1964	Março	29			
1915	»	4	1940	Março	24	1965	Abril	18	1990	Abril	15
1916	»	23	1941	Abril	13	1966	»	10	1991	Março	31
1917	»	8	1942	»	5	1967	Março	26	1992	Abril	19
1918	Março	31	1943	»	25	1968	Abril	14	1993	»	11
1919	Abril	20	1944	»	9	1969	»	6	1994	»	3
			1945	»	1				1995	»	16
1920	Abril	4	1946	»	21	1970	Março	29	1996	»	7
1921	Março	27	1947	»	6	1971	Abril	11	1997	Março	30
1922	Abril	16	1948	Março	28	1972	»	2	1998	Abril	12
1923	»	1	1949	Abril	17	1973	»	22	1999	»	4
1924	»	20	1950	»	9	1974	»	14	2000	»	23
1925	»	12				1975	Março	30			
1926	»	4	1951	Março	25	1976	Abril	18			
1927	»	17	1952	Abril	13	1977	»	10			
1928	»	8	1953	»	5	1978	Março	26			
1929	Março	31	1954	»	18	1979	Abril	15			
1930	Abril	20	1955	»	10	1980	»	6			
1931	»	5	1956	»	1	1981	»	19			

QUADRO DAS FESTAS MOVEIS (1908 a 1912)

Annos.	Lettra dominical.	Aureo numero.	Epacta.	Indicção romana.	Septuagesima.	Sexagesima.	Quinquagesima.	Dia de cinzas.	Paixão de N. S.	Paschoa.	Ascensão de N. S.	Pentecoste.	SS. Trindade.	Corpo de Deus.	1º Domingo do Advento.
1908	ED	9	XXVII	6	16 Fev.	23 Fev.	1 Março	4 Março	5 Abr.	19 Abr.	28 Maio	7 Junho	14 Junho	18 Junho	29 Nov.
1909	C	10	VIII	7	7 Fev.	14 Fev.	21 Fev.	24 Fev.	28 Março	11 Abr.	20 Maio	30 Maio	6 Junho	10 Junho	28 Nov.
1910	B	11	XIX	8	23 Jan.	30 Jan.	6 Fev.	9 Fev.	13 Março	27 Março	5 Maio	15 Maio	22 Maio	26 Maio	27 Nov.
1911	A	12	XXX	9	12 Fev.	19 Fev.	26 Fev.	1 Março	2 Abr.	16 Abr.	25 Maio	4 Junho	11 Junho	15 Junho	3 Dez.
1912	GF	13	XI	10	4 Fev.	11 Fev.	18 Fev.	21 Fev.	24 Março	7 Abr.	16 Maio	26 Maio	2 Junho	6 Junho	1 Dez.

O Calendario Gregoriano

A correcção Juliana feita aos calendarios antigos não foi sufficiente, porque deu ao anno tropico exactamente 365 dias e 6 horas, quando em verdade elle só tem 365 dias 5 horas e 49 minutos. Havia portanto um êrro de 11 minutos para mais em cada anno; este êrro accumulado produziu um dia em 129 annos, 2 em 258 e assim por deante. Em 1582 esses 11 minutos excedentes haviam produzido 10 dias de mais.

Para corrigir o êrro, o papa Gregorio XIII, auxiliado pelo astronomo Luiz Lilio, ordenou que se supprimissem dez dias no mez de Outubro de 1582, passando-se de 4 para 15. Assim, no anno seguinte, já o equinoccio da primavera caïu a 21 de Março, e ficou remediado o êrro que até então se commettera.

Para prevenir o êrro futuro, que havia de provir da successiva accumulação dos 11 minutos, ordenou egualmente que se fizessem trez equações solares ou se supprimissem trez dias nos trez primeiros annos centesimos de cada cyclo de 400 annos, a começar em 1700.

Assim 1700 e 1800 que deviam ser bissextos deixaram de sê-lo; 1900 tambem o não foi, e só 2000 ficará bissexto.

Tal é a reforma gregoriana acceita hoje quasi geralmente pelos povos civilizados. Na Europa só os Gregos e Russos não a abraçaram; seguem ainda o calendario juliano, contando actualmente mais 13 dias do que nós: 10 que se omittiram em Outubro de 1582 e mais 3 dos annos centesimos — 1700, 1800 e 1900, — que para elles fôram bissextos.

A maneira de contar pelo calendario juliano diz-se *estylo velho*, e o do calendario gregoriano *estylo novo*.

Na correspondencia usam escrever as duas datas á maneira de quebrado, ficando a do estylo velho em numerador, ex.:

$\frac{17}{30}$ de Janeiro de 1906.

A reforma gregoriana foi adoptada em França no mesmo anno de 1582, na Allemanha catholica em 1584, na Polonia em 1586, na Allemanha protestante em fins do seculo XVII e na Inglaterra só em 1752.

Augusto Comte, fundador do Positivismo, propoz um calendario novo, que é acceito pelos sectarios da doutrina. Segundo elle, o anno é dividido em 13 mezes eguaes, de 28 dias ou quatro semanas cada um, tendo mais um dia complementar, o último do anno, que é consagrado á commemoração geral dos mortos. Nos annos bissextos junta-se a este dia complementar mais outro, que Comte consagrou ás mulheres sanctas.

Cada mez é dedicado a um dos seguintes grandes vultos na historia da civilização:

Moisés, Homero, Aristoteles, Archimedes, Cesar, S. Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico e Bichat.

A era positivista adoptada começa a 1º de Janeiro de 1789.

O Calendario Ecclesiastico

O fim unico do calendario ecclesiastico é determinar a primeira lua cheia do outomno, visto como todas as festas moveis do anno dependem da Paschoa, que deve celebrar-se no primeiro domingo, seguinte á lua cheia depois do dia 21 de Março.

Para determinar o dia da Paschoa empregam-se os seguintes meios: *cyclo lunar*, *aureo numero*, *epacta*, *edade da lua*, *cyclo solar*, *lettra dominical* e *determinação do dia da semana*.

Cyclo lunar. — É o periodo de 19 annos solares ou de 235 lunações synodicas. O 1.º anno da era vulgar foi o 2.º d'um cyclo lunar.

Novo cyclo lunar. — É o periodo de 2.500 annos, durante os quaes se fazem 8 equações lunares, para fazer desapparecer o excesso de 8 dias que haveria no fim d'esse tempo. Estas equações fazem-se, as septe primeiras do 300 em 300 annos, e a última, a 8.ª, depois de 400 annos. Assentado que um dos cyclos de 2.500 annos acabasse em 1.500 da era vulgar, e principiasse outro cyclo em 1501, a 1.ª equação lunar fez-se em 1800, a 2.ª se fará em 2100 e assim por deante.

Aureo numero. — É o numero que indica o anno, em que se está, do cyclo lunar.

Epacta. — É o numero de dias que tem a lua, ou a edade d'ella, no principio do anno civil.

Cyclo solar. — É o periodo de 28 annos, decorridos os quaes, os dias dos mezes tornam a caïr nos mesmos dias da semana. O 1.º anno da era vulgar, foi o 10.º d'um cyclo solar.

Lettra dominical. — É a lettra que corresponde ás datas dos domingos d'um anno qualquer. Fôram para isto adoptadas as septe primeiras lettras do alphabeto, as quaes, escriptas invariavelmente na ordem alphabetica desde o 1.º de Janeiro até 31 de Dezembro representam os septe dias da semana.

Supponha-se que o anno começa numa quinta-feira. Sendo *A* a lettra do dia 1.º de Janeiro, á sexta-feira corresponde *B*, ao sabbado *C* e ao domingo *D*; logo *D* será a lettra dominical d'esse anno.

Seculo XX

N'este seculo haverá 1.000 eclipses — 650 do sol e 350 da lua.

Terá 25 annos bissextos e o mez de fevereiro terá, por tres vezes, cinco domingos: em 1920, em 1948 e em 1986.

OS PHOSPHOROS EM CRUZ

(Problema)

Collocam-se doze phosphoros, em fileira, por esta forma:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

Consiste o problema em levantar de cada vez um, fazendo-o passar sobre outros dois, e collocando-o em cruz sobre outro. Repete-se isto, até que os doze phosphoros tenham formado seis cruzes. Como se consegue a solução desejada, com o menor numero de movimentos?

O anno bissexto tem duas lettras dominicaes.

Cyclo da indicção romana. — É um periodo de 15 annos, adoptado pelo Concilio de Nicéa desde o anno 325 da nossa era, para substituir a notação das olympiades. É usado nas datas dos Concilios, e os pontifices ainda hoje o empregam nas datas dos seus diplomas.

Como determinar o aureo número?

Junta-se 1 ao anno dado, e divide-se a somma por 19. O resto da divisão é o número, que se procura.

Como determinar a epacta?

Multiplica-se o aureo número do anno dado por 11; ao producto tiram-se 10 unidades e mais tantas unidades quantas equações solares tiver havido desde 1700 *inclusive;* ao resto juntam-se tantas unidades quantas equações lunares tiver havido desde 1500. Si o resultado fôr inferior a 30, é essa a epacta; si fôr superior, divide-se por 30, e o resto é a epacta pedida.

Como determinar a edade da lua?

Junta-se á data do mez a epacta do anno e mais tantas unidades quantos mezes tiverem decorrido desde Março inclusive. Si o mez dado fôr Janeiro ou Fevereiro, procede-se como si Janeiro fôsse Março, e Fevereiro fôsse Abril. Si a somma fôr inferior a 29 ou 30, dá a edade da lua; si fôr superior, tiram-se d'ella 30, e o resto é o numero que se procura. Ex.: A edade da lua no dia 12 de Julho de 1889 foi de 14 dias (lua cheia), porque: $12 + 28 + 4 = 44$, $44 - 30 = 14$.

Como determinar que anno é do cyclo solar um anno qualquer?

Juntem-se 9 ao anno dado, e divida-se a somma por 28; o resto é o número pedido.

Como determinar a lettra dominical d'um anno qualquer da nossa era?

1.º caso. Anno anterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; junta-se o quociente ao anno dado, e juntam-se a esta somma mais 12 unida-

---

LOGOGRIPHO

N'um rio cá do Brazil—15,3,6,16,22,5,1,11
Andei eu a navegar
Para pescar este peixe—7,10,13,21,17,7,10,5,8,4
Ou esta ave caçar.—1,18,v,19,9,22,4
Mas fui seguindo viagem
Té chegar a uma cidade — 7,12.20,3,13,21,6
Onde encontrei á janella
Uma formosa deidade. — 11,15,21,6
Depois fui dar um passeio
E vi junto a um vegetal — 4,21,14,12,16
Um animal fabuloso — 13,4,11,18,2,20,17,7,12
Que me causou grande mal. — 1,14,11,19,5,17,7,12
Charadistas, procurar!
Pois quem fôr intelligente,
Junto a si bem facilmente
O meu todo ha de encontrar.

Sebastião Antunes de Siqueira (Barbarcena).

des; divide-se a somma total por 7. O resto indica a lettra dominical na tabella seguinte

G	F	E	D	C	B	A
1	2	3	4	5	6	0

contando-se pela ordem retrograda do alphabeto e directa dos numeros. Si o resto é 0, a lettra dominical é A.

2.º caso. Anno posterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; junta-se ao quociente o anno proposto; juntam-se mais a esta somma 12 unidades; tiram-se 10 unidades (correcção gregoriana) e mais tantas unidades quantas equações solares tiverem decorrido desde 1601. A differença divide-se por 7, e o resto mostrará a lettra dominical na tabella.

N. B. Si se tracta de anno bissexto, o resto da divisão por 7 indica a segunda das duas dominicaes, e a primeira (a que regula até 24 de Fevereiro) é a que se segue áquella na ordem directa do alphabeto. Si o resto da divisão indica *B*, as lettras dominicaes são *CB*.

Como determinar a indicção romana?

Junte-se 3 ao anno dado, e divida-se a somma por 15. O resto, si o ha, mostra a indicção; si não ha resto, isso indica que o anno dado é o último do cyclo de 15 annos.

Como determinar a data da Paschoa em um anno dado?

O meio mais expedito é o que se segue: 1.º Divida-se por 19 o millesimo dado accrescentado de 1 unidade. 2.º Achado assim pelo resto da divisão o *aureo número*, tire-se-lhe 1 unidade, multiplique-se por 11 e do producto tirem-se todos os multiplos de 30; o resto é a *epacta*. 3.º Subtraia-se de 44 o número da epacta. Si ella fôr menor que 24, tereis a data do mez de Março em que cae a lua cheia da Paschoa. Si a epacta fôr de 25 a 30, subtraia-se de 43, e o resto dar-nos-ha a data do mez de Abril em que cae a lua cheia. Si a epacta fôr exactamente 24, a lua cheia caïrá a 19 de Abril. A Paschoa é o domingo que se segue a esta lua cheia, e o domingo se acha por meio da *lettra dominical*.

Ex.:

Em que data cahiu a Paschoa de 1898?

1.º Dividamos (1898 + 1) 1899 por 19; o resto 18 é o *aureo número*. 2.º Multiplicando (18 — 1) 17 × 11, teremos 187, dos quaes subtrahidos (180) todos os multiplos de 30, teremos 7, que é a *epacta*. 3.º Subtrahindo 7 de 44 =37. Portanto o 37 de Março ou 6 de Abril será a data da lua cheia.

Ora, sendo *B* a lettra dominical do anno proposto, segue-se que o 1.º de Janeiro cahiu em sabbado (A), e portanto 6 de Abril será quarta-feira. Logo o domingo seguinte, que é o da Paschoa, cahiu em 10 de Abril. E' esta a solução do problema.

N. B. Para facilitar-se o cálculo, são muito uteis o calendario (A) e a Tabella (B) que se seguem:

A. Calendario perpetuo, ou Tabella que dá o nome de qualquer dia do mez, desde que se sabe o nome do primeiro dia do mesmo mez.

Dias do mez	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabbado	Domingo
1	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
2	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
3	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
4	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
5	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
6	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
7	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
8	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
9	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
10	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
11	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
12	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
13	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
14	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
15	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
16	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
17	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
18	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
19	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
20	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
21	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
22	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
23	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
24	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
25	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
26	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
27	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
28	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
29	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
30	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
31	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.

Exemplo : Em que dia da semana cahiu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que 1.º de Janeiro foi um sabbado?

Tome-se a columna — Sabbado — e desça-se até 31, em que se lê *Segunda-feira* na casa correspondente ; tome-se o 1.º de Fevereiro na columna — Terça-feira, — vá até 28 (porque 1898 não é bissexto, onde se lê *Segunda-feira;* tome-se o 1.º de Março na columna — Terça-feira, — desça-se até 31 onde se lê *Quinta-feira;* tome-se finalmente o 1.º de Abril na columna *Sexta-feira*, e em frente ao n. 10 encontra-se *Domingo*, que é o que procuramos. Logo 10 de Abril de 1898 cahiu em domingo.

A tabella seguinte ainda mais abrevia este trabalho. Effectivamente o algarismo indicado nas columnas Fevereiro, Março, Abril, etc. é o número de dias que se deve acrescentar ao dia do 1.º de Janeiro para ter o 1.º de Feve-

reiro, o 1.º de Março, o 1.º de Abril, etc. Conhecido o dia da semana do 1.º do mez, facil é achar o dia da semana de qualquer data do mez.

B. Tabella que dá o nome do 1.º de cada mez, quando se sabe o dia da semana em que cahiu o 1.º de Janeiro.

ANNOS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Septembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Não-bissextos.....	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
Bissextos.....	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6

Exemplo : Em que dia da semana cahiu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que o 1.º de Janeiro foi um Sabbado ?

Na columna — Abril — temos para 1.º de Abril o algarismo 6, o qual significa que se deve acrescentar 6 dias ao dia da semana do 1.º de Janeiro para termos o dia da semana do 1.º de Abril. Ora sabbado + 6 dias = sexta-feira. Recorrendo então á tabua A, desce-se pela columna Sexta-feira até 10, e acha-se *Domingo*. Logo cahiu em domingo o 10 de Abril de 1898.

A tabella seguinte *C* dá a solução de outro problema, que muitas vezes na vida se precisa resolver com presteza, isto é : saber o número de dias que decorrem entre duas datas.

C. Tabella, pela qual se calcula o numero de dias decorridos entre um dia dado e um dia de outro mez.

CHARADA

Offerecida ao Velhinho Carioca

Com toda sagacidade
Prestando toda attenção,
A primeira da charada
Se verá em conclusão. — 1

Quanto á segunda, leitores,
E' cousa bem trivial,
Porque n'ella encontraremos
Só um termo musical. — 2

Disse um dia o padre cura
Ao seu velho sachristão :
— Vá dizer aos meus collegas
Que venham p'ra reunião.

Os Zarolhos de Belem (Pará).

PROBLEMA DE ESCOTE

Um certo numero de amigos vão jantar a um hotel, e apresentam-lhes no fim uma conta de 1$800 réis.

—«Se não faltassem os outros quatro que tinham promettido ser convivas, pagaria cada um de nós menos tres tostões, e ainda sobejava um quartinho para a gorgeta».

Em vista d'esta observação, pergunta-se quantos foram os convivas e quanto coube a cada um no pagamento ?

DE	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Septembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Janeiro.....	365	334	306	275	245	214	184	153	122	92	61	31
Fevereiro.....	31	365	337	306	276	245	215	184	153	123	92	62
Março.....	59	28	365	334	304	273	243	212	181	151	120	90
Abril.....	90	59	31	365	335	304	274	243	212	182	151	121
Maio.....	120	89	61	30	365	334	304	273	242	212	181	151
Junho.....	151	120	92	61	31	365	335	304	273	242	212	182
Julho.....	181	150	122	91	61	30	365	334	308	273	242	212
Agosto.....	212	181	153	122	92	61	31	365	334	304	273	243
Septembro.....	243	222	184	153	123	92	62	31	365	335	304	274
Outubro.....	273	242	214	181	153	122	92	61	30	365	334	304
Novembro.....	304	273	245	214	184	153	123	92	61	31	365	335
Dezembro.....	334	308	275	244	214	183	153	122	91	61	30	365

N. B. Para os annos bissextos, accrescente-se 1 aos numeros da tabella.

Exemplos : 1.º Quantos dias decorrem entre 16 de Outubro e 16 de Julho seguinte ?

Procure-se a columna vertical — Outubro, — e desça-se até chegar á linha horizontal correspondente a Julho : achar-se-ha 273, que é o número de dias procurado.

2.º Quantos dias vão de 16 de Fevereiro a 18 de Agosto ?

Entre 16 e 18 ha 2 dias. Na columna — Fevereiro, — em face de Agosto, acha-se o algarismo 181. Entre as datas propostas ha portanto (181 + 2) 183 dias.

ENIGMA

Sujeito que era mal feito
Perguntou a um farçante
O que havia de fazer
Para ser mais elegante.

— Isso é coisa muito facil,
Lhe responde logo o tal,
— Na fim do seu appellido
Troque vogal por vogal,
— E se assim o lêr as vessas,
Você verá desde então —
Como fica *in continenti*
Todo catita e pimpão!

Em vista d'isto, senhores,
O caso tomando a peito,
Digam-me d'hoje a um anno
Quem seria o tal sujeito.

Gil Maduro

Livraria N. GARNIER

ALBUNS INFANTIS

COM GRAVURAS COLORIDAS

Alphabeto dos Animaes,
1 vol. cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Alphabeto das aves, 1 vol.
cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Jogos da Infancia, 1 vol.
cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Viagem do alto mandarim KA-LI-KÓ e de seu fiel secretario Pa-Tchu-Li,
1 vol. cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Primeiro livro das crianças. $800
Segundo livro das crianças. $800
Terceiro livro das crianças. $800
Ânjo da Guarda (O). . . . $800
Aventuras de Hilario (As) $800
Bom Irmão (O). $800
Chapéo Preto (O) $800
Estevão Murillo. $800
Gato da Avósinha (O). . . $800
Polo Norte (O). $800
Thiago, o Pequeno Saboiano. $800
Ultimo Conto de Perrault (O). $800
João Patusco, 1 vol. in-8º
cart., chromo . . . . . 1$000
Joanna Patusca, 1 vol in-8º
cart., chromo . . . . . 1$000

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

15 Medalhas de Ouro e Diploma de Honra em diversas Exposições

SECRETAN

Antiga Casa LEREBOURS & SECRETAN

13, Place du Pont-Neuf — **PARIS**

Lunetas astronomicas com pé de cobre. . . . **245** fr. — **465** fr. — **715** fr.

Instrumentos equatoriaes e circulos meridianos para observatorios, exploradores, relojoeiros, etc., etc.

INSTRUMENTOS DE GEODESIA : *Theodolithos, Tacheometros, Niveis, Bolsos de minas, Theodolithos reiteradores,* etc., etc. — *Binoculos e Telescopios, Oculos lunetas, Thermometros de precisão,* etc., etc., etc.

Enviam-se a pedido catalogos especiaes, explicativos.

ECLIPSES DE 1908

Haverá no anno de 1908 tres eclipses do sol e um da lua.

I Eclipse total do sol em 3 de janeiro de 1908, invisivel no Rio de Janeiro.

Começo do eclipse geral	4 h.	14′	9″
— — total	5	10	6
Meio do eclipse	6	52	6
Fim do eclipse total	8	34	8
— geral	9	30	5

II Eclipse annular do sol em 28 de junho de 1908, visivel na America do Norte, ao meio da Europa, na Africa occidental e ao Norte da America do Sul.

Começo do eclipse geral dia 27 ás	22 h.	36′	5″
— — annular —	23	40	4
Meio do eclipse central.	1	38	
Fim do eclipse annular.	3	34	
— geral.	4	37	9

III Eclipse da lua em 7 de dezembro de 1908.

Entrada da lua na penumbra	4 h.	54′	9″
Meio do eclipse	7	11	8
Sahida da lua da penumbra	1	28	7

Nascendo a lua n'esse dia ás 6 h. 31′ da tarde só poderá ser visivel as duas ultimas phases.

IV Eclipse annular e total do sol, em 23 de dezembro de 1908, visivel no Brasil e ao sul da Africa.

Começo do eclipse geral dia 22 ás	18 h.	13′	8″
— — annular —	19	18	2
Meio do eclipse	20	56	6
Fim do eclipse annular.	22	25	4
— geral.	23	29	8

Bençãos matrimoniaes

Prohibem-se as bençãos matrimoniaes desde quarta feira de Cinzas até o primeiro domingo depois da Paschoa (13 de Feveirero a 7 de Abril), e desde o primeiro domingo do Advento até o dia de Reis (1 de Dezembro a 6 de Janeiro).

Ferias forenses

Além dos domingos e dias de festa nacional, são feriados na Justiça Federal e no Districto Federal os dias 1º de Fevereiro a 31 de Março.

CHARADA (em terno, por syllabas)

Tange o pastor aos rebanhos
N'esta bonita cidade
Famosa praia de banhos

. . .

O ANNO DE 1908

Anno de 1908 dos Calendarios Juliano e Gregoriano começando o Juliano a 14 de Janeiro.

6621 do periodo Juliano.

5668 da era hebraica, começa em segunda feira 9 de Setembro de 1907 e o anno 5669 começa no sabbado 26 de Setembro de 1908.

2661 da fundação de Roma, segundo Varron.

1325 da hejira, calendario Turco, começa n'uma quinta feira 14 de Fevereiro de 1907 e o anno 1326 começa numa terça feira 4 de Fevereiro de 1908.

116 do calendario republicano francez, começa n'uma terça feira 24 de Setembro de 1907 e o anno 117 começa na quarta feira 23 de Setembro de 1908.

44 de 76º cyclo do calendario chinez, começa na quarta feira 13 de Fevereiro de 1907, e o anno 45 começa em domingo, 2 de Fevereiro de 1908.

19º anno da Proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

20º da extincção da escravidao do Brasil.

86º da Independencia Nacional.

406º do descobrimento do Rio de Janeiro.

408º do descobrimento do Brasil.

416º do descobrimento da America.

Cómputo ecclesiastico.

Aureo numero	XXVII
Cyclo solar.....	13
Indicção	6
Lettra dominical.....	ED

Temporas

11, 13 e 14 de Março.
10, 12 e 13 de Junho.
16, 18 e 19 de Setembro.
16, 18 e 19 de Dezembro.

Festas religiosas moveis.

Septuagesima.....		16 Fev.
Carnaval		1 Março
Cinzas		4 Março
Domingo de Paschoa		19 Abril
Rogações	25, 26 e	27 Maio
Ascensão		28 Maio
Espirito-Sancto		7 Junho
Trindade		14 Junho
Corpo de Deus.....		18 Junho
Domingo do Advento		29 Nov.

Festas religiosas fixas.

1º Jan. — Circ. de N.-S.
6 » — Epiphania (Reis).
20 » — S. Sebastião (no arceb. do Rio de Janeiro).
25 Jan. — Conv. de S. Paulo (no bisp. de S. Paulo).
2 Fev. — Purificação de Nª. Sª.
25 Mar. — Annunciação de Nª. Sª.
24 Jun. — S. João Baptista.
29 » — S. Pedro e S. Paulo.
15 Ag. — Assumpção de Nª Sª.
8 Sept. — Natividade de Nª Sª.
1º Nov. — Todos os Sanctos.
2 Nov. — Finados.
8 Dez. — Immaculada Conceição de Nª Sª.
25 » — Nascimento de N. S. Jesu Christo.

Os futuros eclipses

Os futuros eclipses do sol realizam-se nas seguintes datas, sendo visiveis nos pontos abaixo indicados.

Em 3 de janeiro de 1908—No Oceano Pacifico.

Em 23 de dezembro do mesmo anno —No Oceano Atlantico do Sul.

Em 17 de junho de 1909 — Na Groenlandia.

Em 9 de maio de 1910 — Nas regiões antarcticas.

Em 28 de abril de 1911 — Na Australia.

Em 17 de abril de 1912 — No sudoeste de Paris (pequena duração).

Em 21 de agosto de 1914 —Noruega, Russia e Indias.

Em 3 de novembro de 1916 — Na America do Sul e Açores.

Em 8 de junho de 1918 — Nos Estados Unidos da America do Norte.

Em 29 de maio de 1919 — Na America do Sul e Africa.

Em 1 de outubro de 1921 — Nas regiões antarcticas.

Em 31 de setembro de 1922 — Na Australia.

Em 16 de setembro de 1923 — No estado do Texas (America do Norte).

Em 24 de janeiro de 1925 — Nos Estados Unidos (Oceano Atlantico).

Em 14 de janeiro de 1926 — Na Africa, Oceano Indico e em Bornéo.

Em 3 de janeiro de 1927 — No Oceano Atlantico.

Em 29 de junho de 1927 — Na Inglaterra e Noruega.

FESTAS NACIONAES BRASILEIRAS

1.º Jan.	—	Confraternização da humanidade.
24 Fever.	—	Promulgação da Constituição federal, em 1891.
21 Abril	—	Execução de Tiradentes, em 1792.
3 Maio	—	Descobrimento do Brasil, em 1500.
13 Maio	—	Extincção da escravatura, em 1888.
14 Julho	—	Commemoração da Republica, da liberdade e da independencia dos povos americanos.
7 Sept.	—	Independencia do Brasil, em 1822.
12 Out.	—	Descobrimento da America, em 1492.
2 Nov.	—	Commemoração geral dos mortos.
15 Nov.	—	Proclamação da Republica, em 1889.

FESTAS ESTADUAES

Amazonas	— 13 Mar.	—	Promulgação da Constituição estadual.
	1º Jul.	—	Installação do Congresso Constituinte.
	10 Jul.	—	Libertação dos escravos.
	5 Sept.	—	Creação da provincia do Amazonas.
	21 Nov.	—	Adhesão á Republica.

Pará	— 22	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	15	Ag.	— Adhesão á independencia (1823).
	16	Nov.	— Adhesão á Republica.
Maranhão	— 28	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	18	Nov.	— Adhesão á Republica.
Piauhi	— 24	Jan.	— Adhesão á independencia do Brasil (1823).
	13	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
Ceará	— 25	Mar.	— Redempção dos captivos no Ceará.
	12	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	16	Nov.	— Adhesão á Republica.
R. G. Norte	— 19	Mar.	— Installação do governo republicano em 1817.
	7	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
	12	Jun.	— Execução de frei Miguelinho, em 1817.
Parahiba	— 20	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	5	Ag.	— N. Sra. das Neves, padroeira do Estado.
Pernambuco	— 27	Jan.	— Restauração de Pernambuco do dominio hollandez, 1654.
	6	Mar.	— Revolução republicana de 1817.
	17	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	24	Jul.	— Proclamação da republica do Equador, em 1824.
	10	Nov.	— 1° brado da republica por Bernardo V. de Mello, 1710.
Alagôas	— 15	Mar.	— Installação da 1ª assembléa provincial.
	11	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	16	Sept.	— Creação da provincia de Alagôas.
Sergipe	— 18	Maio	— Promulgação da Constituição estadual.
Bahia	— 2	Jul.	— » » » »
	7	Nov.	— Revolução de 1837 (Sabinada).
Esp.-Sancto	— 2	Maio	— Promulgação da Constituição do Estado.
	23	Maio	— Povoamento do territorio do Estado.
	12	Jun.	— Execução de Domingos José Martins, em 1817.
	25	Ag.	— Festa de N. Sra. da Penha.
	25	Dez.	— Natal.
R. Janeiro	— 9	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
Dist.Feder.	— 20	Jan.	— Fundação da cidade do Rio de Janeiro.
S. Paulo	— 8	Jul.	— Installação do Congresso Constituinte.
	14	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	15	Dez.	— Restauração da legalidade.
Paraná	— 7	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
	19	Dez.	— Installação da provincia em 1853.

S.Catharina— 11 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
17 Nov. — Adhesão á Republica.
R.G.doSul— 14 Jul. — Promulgação da Constituição estadual.
20 Sept. — Revolução de 1835.
Minas — 15 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
Goiaz — 1° Jun. — » » » »
13 Jul. — Reforma constitucional.
16 Dez. — Adhesão á independencia.
Mat. Grosso— 15 Ag. — Promulgação da Constituição estadual.
9 Dez. — Adhesão á Republica.

São ainda feriados : no municipio do Rio de Janeiro — o dia 20 de Septembro em commemoração da primeira lei de organização municipal ; e no municipio de S. Paulo — 25 de Janeiro, data da fundação da cidade.

FESTAS NACIONAES DOS PRINCIPAES PAIZES ESTRANGEIROS

Allemanha — 27 Jan. (ann. natalicio do imperador) ; 2 Sept. (ann. de Sédan).
Argentina (Rep.) — 25 Maio. (dia da Constituição ; 9 Jul. (juramento da Constituição).
Austria-Hungria — 18 Ag. (ann. natal. do imperador).
Belgica — 21, 22 e 23 Jun. (ann. da ascenção de Leopoldo I ao throno e da proclamação da independencia) ; 15 Nov. (ann. natal. de Leopoldo II).
Bolivia — 6 Ag. (primeiro Congresso — 1825 —, e proclamação da independencia).
Chile — 18 Sept. (proclamação da independencia).
China — Anno Bom — O deus da cozinha (7 dias antes de Anno Bom — Festas das lanternas (15 do 1° mez) — Festa dos dragões (5 do 5° mez) — Festa do outomno (15 do 8° mez).
Colombia — 27 Jul. (independencia) ; 28 Out. (ann. de Bolivar).
Costa-Rica — 15 Sept. (independencia) ; 12 Out. (descobrimento da America).
Dinamarca — 8 Abr. (ann. natal. do rei) ; 5 Jun. (Constituição — 1849).
Equador — 10 Ag. (independencia) ; 9 Out. (independencia de Guaiaquil).

Estados-Unidos	— 22 Fev. (ann. natal. de Washington); 4 Março. (posse do presidente, de 4 em 4 annos); 30 Maio. (decoração dos tumulos); 4 Jul. (independencia); 1ª segunda-feira de Sept. (*labor-day*); um dia de Nov. (acção de graças).
França	— 14 Jul. (tomada da Bastilha).
Grã-Bretanha	— 9 Nov. (ann. natal. de Eduardo VII).
Grecia	— 25 Março./6 Abr. (independencia).
Guatemala	— 15 Março. (posse do presidente); 30 Jun. (revolução liberal); 15 Sept. (independencia).
Haiti	— 1 Jan. (independencia); 1 Maio. (Festa da lavoura).
Hespanha	— 2 Maio. (ann. de 1808); 17 Maio. (ann. natal. de Affonso XIII); 21 Jul. (ann. natal. da rainha Maria Christina); 12 Out. (ann. do descobrimento da America).
Honduras	— 15 Sept. (independencia — 1821).
Italia	— 1° domingo de Jun. (dia da Constituição); 20 Sept. (entrada das tropas em Roma); 11 Nov. (ann. natal. de Victor-Manuel III).
Japão	— 11 Fev. (ascensão ao throno do primeiro imperador Jimmu); 3 Nov. (ann. natal. do imperador Mutsuhito).
Mexico	— 5 Fev. (publicação da Constituição); 5 Maio. (ann. da batalha de Puebla); 16 Sept. (independencia — 1810).
Montenegro	— 23 Abr./6 Mai. (festa de S. Jorge); 25 Sept./8 Out. (ann. natal. do principe Nicolau).
Nicaragua	— 11 Jun. (comêço da guerra civil — 1893); 15 Sept. (proclamação da independencia).
Paizes-Baixos	— 31 Ag. (ann. natal. da rainha); 2 Ag. (ann. natal. da rainha-mãe).
Paraguai	— 15 Maio. (dia da independencia); 25 Nov. (dia da Constituição).
Perú	— 28 Jul. (ann. da independencia — 1821).
Portugal	— 2 Jan. (abertura do Parlamento); 21 Março. (ann. do principe herdeiro); 29 Abr. (festa da Constituição); 31 Jul. (juramento da Constituição); 24 Sept. (ann. da morte de D. Pedro IV); 28 Sept. (ann. natal. do rei Carlos I); 16 Out. (ann. natal. da rainha-mãe); 19 Out. (ann. da morte do rei D. Luiz I).

Rumania	— 14/27 Março. (ann. da proclamação do reino); 10/23 Maio. (ann. da coroação do rei Carlos).
Russia	— 6/19 Maio. (ann. natal. do imperador); 14 Maio. (ann. da sagração do soberano); 25 Maio. (ann. natal. da imperatriz Alexandra); 21 Out. (ascensão ao throno do imperador Nicolau).
Salvador	— 29 Abr. (ann. da revolução de Gutierrez — 1894); 15 Sept. (ann. da independencia — 1821).
São Marinho	— 5 Fev. (independencia); 3 Sept. (festa de S. Marino, padroeiro da Republica).
Serbia	— 15/28 Jul. (festa commemorativa dos guerreiros mortos pela Fé e pela Patria).
Suecia-Noruega	— 21 Jan. (ann. natal. do rei); 17 Mai. (festa da independencia e da Constituição — 1814).
Suissa	— O 3º domingo de Septembro (dia da prece pública).
Turquia	— 16 Chaban (8 Dez., ann. natal. do sultão); 1 Moharram (30 Abr., festa de Anno Bom); 11 Djumadi-el-auual (31 Ag., ann. natal. do principe).
Uruguai	— 3 Fev. (ann. da batalha de Montecaseros); 18 Jul. (juramento da Constituição); 25 Ag. (proclamação da independencia da Republica).
Venezuela	— 5 Jul. (ann. da independencia).

CHARADA (enigmatica, por syllabas)

Em tercia e dois, que frescura!
Em prima e quarta, que ardor!
Mas se as vejo de enfiada,
Fico passado de horror!

Joaquim Antonio Dias.

* * *

A *Deutsche Revue*, no seu numero de Abril, publica um interessante artigo sobre as qualidades que Bismarck exigia dos diplomatas.

Em geral, o Chanceller preferia os Saxões ou os Bavaros aos Prussianos, cuja aspereza tradicional lhe dava serios cuidados. Não ligava importancia alguma á origem nobre ou plebeia dos seus agentes; preferia os antigos officiaes a todos os gentis-homens do Imperio; apreciava nelles os habitos de disciplina contrahidos na carreira militar. O Principe queria ser rigorosamente obedecido pelos diplomatas de sua escolha. As suas relações deviam ser o mais limitadas possivel e nunca eivadas de comadrices. Bismarck tinha horror á intriga.

Quanto á instrucção, Bismarck ligava mais importancia aos conhecimentos economicos e financeiros dos seus agentes do que aos seus conhecimentos politicos. Não fazia absolutamente caso dos conhecimentos linguisticos. Um embaixador, na sua opinião, não precisava de ser « polyglotta como um gerente de hotel! ». Finalmente, o Chanceller de Ferro fazia grande questão de que as esposas dos diplomatas allemães estivessem á altura de acompanhar seus maridos e em qualquer parte fizessem honra á Allemanha.

FESTAS OFFICIAES OBSERVADAS NAS LEGAÇÕES E NOS CONSULADOS ESTRANGEIROS

Jan.	21	— Suecia e Noruega — Anniversario do rei Oscar II.
»	27	— Allemanha — Anniversario do imperador Guilherme II.
Fev.	7	— Rep. de S. Domingos — Anniversario da independencia.
Abril	6	— Grecia — Anniversario da independencia.
»	8	— Dinamarca — Anniversario do rei Christiano IX.
Maio	15	— Paraguai — Anniversario da independencia.
»	17	— Hespanha — Anniversario do rei Affonso XIII.
»	19	— Russia — Anniversario do tsar Nicolau II.
»	25	— Rep. Argentina — Anniversario da independencia.
Julho	4	— E. U. da America do Norte — Anniversario da independencia.
»	5	— Venezuela — Anniversario da independencia.
»	14	— França — Festa nacional da Republica.
»	27	— Colombia — Anniversario da independencia.
»	28	— Perú — Idem.
Agosto	1	— Suissa — Anniversario da fundação da Confederação.
»	6	— Bolivia — Anniversario da independencia.
»	10	— Equador — Idem.
»	18	— Austria-Hungria — Anniversario do imperador Francisco José.
»	25	— Uruguai — Anniversario da independencia.
»	31	— Hollanda — Anniversario da rainha Guilhermina.
Sept.	18	— Chile — Anniversario da independencia.
Sept.	28	— Portugal — Anniversario dos reis D. Carlos e D. Maria Amelia.
Nov.	9	— Grã-Bretanha — Anniversario do rei Eduardo VII.
»	11	— Italia — Anniversario do rei Victor Manuel III.
»	15	— Belgica — Anniversario do rei Leopoldo.

Quanto custaria um raio, se fosse precizo produzil-o por meio de uma pilha?

Um sabio belga fez o calculo, achando que seriam necessarios 27,777 kilowatt-hora,

Ao preço em que está o kilowatt em Bruxellas, um raio custaria uns 14.000 francos. Que disperdicio de electricidade!

* * *

— Um dos espectadores sempre atirou ao outro uma destas bofetadas! Com mil macacos! Nunca vi uma bofetada assim!

— De estalo, heim!

— Uma cousa extraordinaria. O peior é que, querendo separal-os, fui eu que a apanhei!

CALENDARIO PERPETUO

Válido desde sexta feira 15 de outubro de 1582 até domingo 31 de dezembro de 2000

O quadro AA indica os *seculos*. Os quadros CC: os *annos correntes*, de 1 a 50 á esqurda, e de 51 a 100 á direita. Assim, para termos 1926, tomamos 1900, em AA, e 26 na 5.ª columna do quadro C. Seguindo perpendicularmente a columna que contém 1900 e horizontalmente a que contém 26, vamos encontrar, no quadro B, e na intersecção d'ellas, a letra R. Querendo saber que dia da semana será 25 de maio de 1926, procure-se, no quadro de maio, o numero 25, e siga-se horizontalmente a columna até ao encontro da columna vertical R, no quadro emmoldurado de preto, e encimado pelo nome de **Christo**. Na intersecção d'estas duas columnas encontra-se a designação 3.ª, que quer dizer *terça-feira*. O dia 25 de maio de 1926 será, por conseguinte, terça-feira.

Para os annos bissextos, as letras do quadro B não servem senão a partir do 1º de março. Para janeiro e fevereiro, toma-se a letra á direita da que é encontrada pelo methodo que fica dito. Exemplo: «Achar o dia, que corresponde a 12 de fevereiro de 1896».

O quadro B dá a letra I na intersecção da columna vertical 1800 com a columna horizontal 96. Como o anno é bissexto, e o mez o de fevereiro, entrar-se-ha no quadro **Christo** com a letra S, que fica immediatamente á direita. E assim, achar-se-ha, que o dia 12 de fevereiro de 1896 foi uma *quarta feira*.

A	= SECULOS =					A
1600	—	1700	B	1800	—	1900 1500
C	H	R	I	S	T	O
O	C	H	R	I	S	T
T	O	C	H	R	I	S
S	T	O	C	H	R	I
I	S	T	O	C	H	R
R	I	S	T	O	C	H
H	R	I	S	T	O	C

C								C
1	6		17	23	28	34		45
2	7	12	18		29	35	40	46
3		13	19	24	30		41	47
4	8	14		25	31	36	42	
5	9	15	20	26		37	43	48
6	10		21	27	32	38		49
7	11	16	22		33	39	44	50

51	56	62		73	79	84	90	C
	57	63	68	74		85	91	96
52	58		69	75	80	86		97
53	59	64	70		81	87	92	98
54		65	71	76	82		93	99
55	60	66		77	83	88	94	
	61	67	72	78		89	95	100

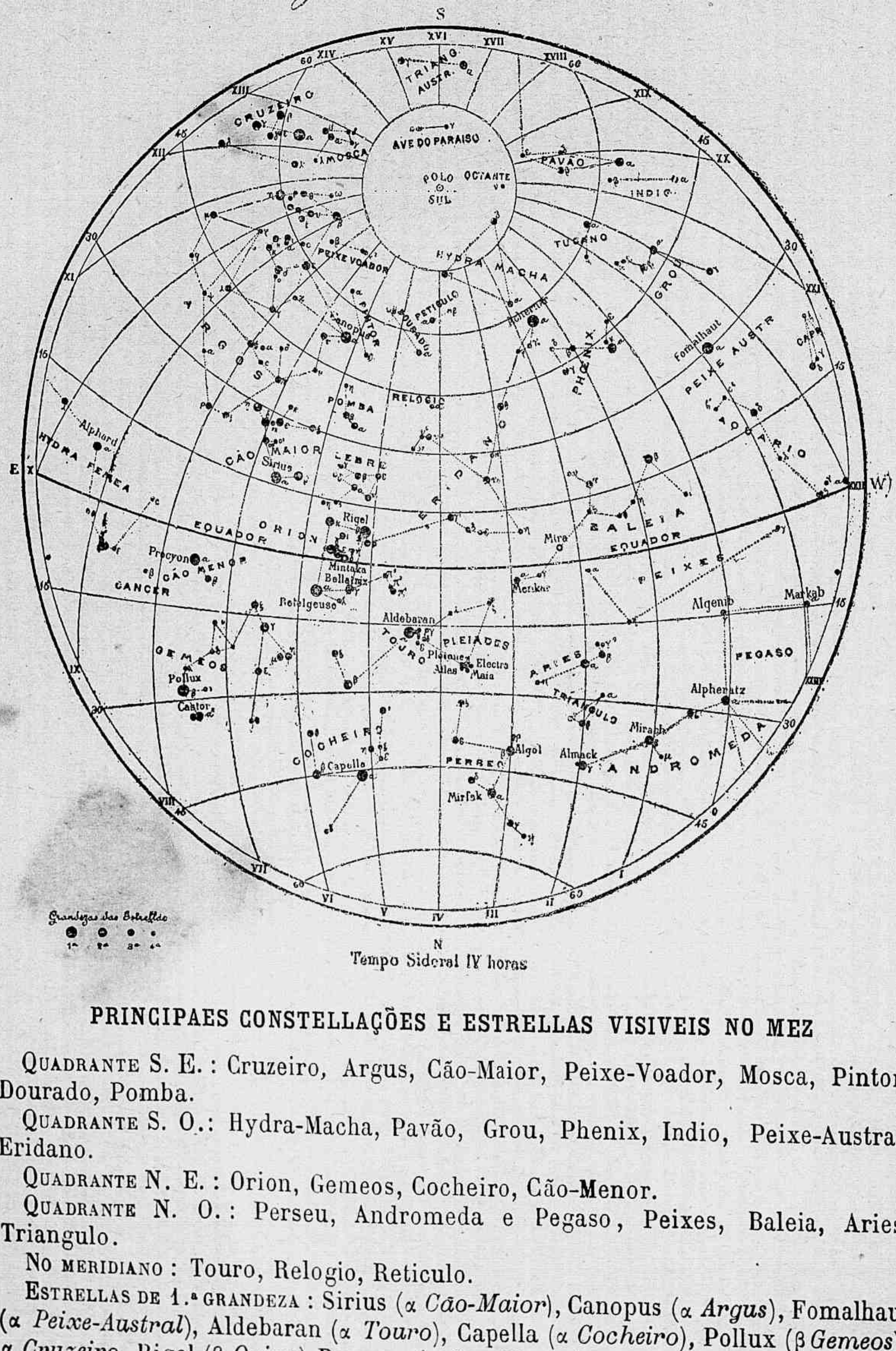
JANEIRO					FEVEREIRO					CHRISTO							MARÇO					ABRIL				
1	8	15	22	29		5	12	19	26	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª		5	12	19	26	30	2	9	16	23
2	9	16	23	30		6	13	20	27	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª		6	13	20	27		3	10	17	24
3	10	17	24	31		7	14	21	28	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª		7	14	21	28		4	11	18	25
4	11	18	25		1	8	15	22	29	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	1	8	15	22	29		5	12	19	26
5	12	19	26		2	9	16	23		5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	2	9	16	23	30		6	13	20	27
6	13	20	27		3	10	17	24		6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	3	10	17	24	31		7	14	21	28
7	14	21	28		4	11	18	25		S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	4	11	18	25		1	8	15	22	29

MAIO					JUNHO					CHRISTO							JULHO					AGOSTO				
	7	14	21	28		4	11	18	25	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	30	2	9	16	23		6	13	20	27
1	8	15	22	29		5	12	19	26	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	31	3	10	17	24		7	14	21	28
2	9	16	23	30		6	13	20	27	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª		4	11	18	25	1	8	15	22	29
3	10	17	24	31		7	14	21	28	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª		5	12	19	26	2	9	16	23	30
4	11	18	25		1	8	15	22	29	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª		6	13	20	27	3	10	17	24	31
5	12	19	26		2	9	16	23	30	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S		7	14	21	28	4	11	18	25	
6	13	20	27		3	10	17	24		S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	1	8	15	22	29	5	12	19	26	

SETEMBRO					OUTUBRO					CHRISTO							NOVEMBRO					DEZEMBRO				
	3	10	17	24	1	8	15	22	29	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª		5	12	19	26	31	3	10	17	24
	4	11	18	25	2	9	16	23	30	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª		6	13	20	27		4	11	18	25
	5	12	19	26	3	10	17	24	31	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª		7	14	21	28		5	12	19	26
	6	13	20	27	4	11	18	25		4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	1	8	15	22	29		6	13	20	27
	7	14	21	28	5	12	19	26		5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	2	9	16	23	30		7	14	21	28
1	8	15	22	29	6	13	20	27		6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	3	10	17	24		1	8	15	22	29
2	9	16	23	30	7	14	21	28		S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	4	11	18	25		2	9	16	23	30

ASPECTO DO CÉU

15 de Janeiro ás 8.h 20.m da noite



Tempo Sideral IV horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Cruzeiro, Argus, Cão-Maior, Peixe-Voador, Mosca, Pintor, Dourado, Pomba.

QUADRANTE S. O.: Hydra-Macha, Pavão, Grou, Phenix, Indio, Peixe-Austral, Eridano.

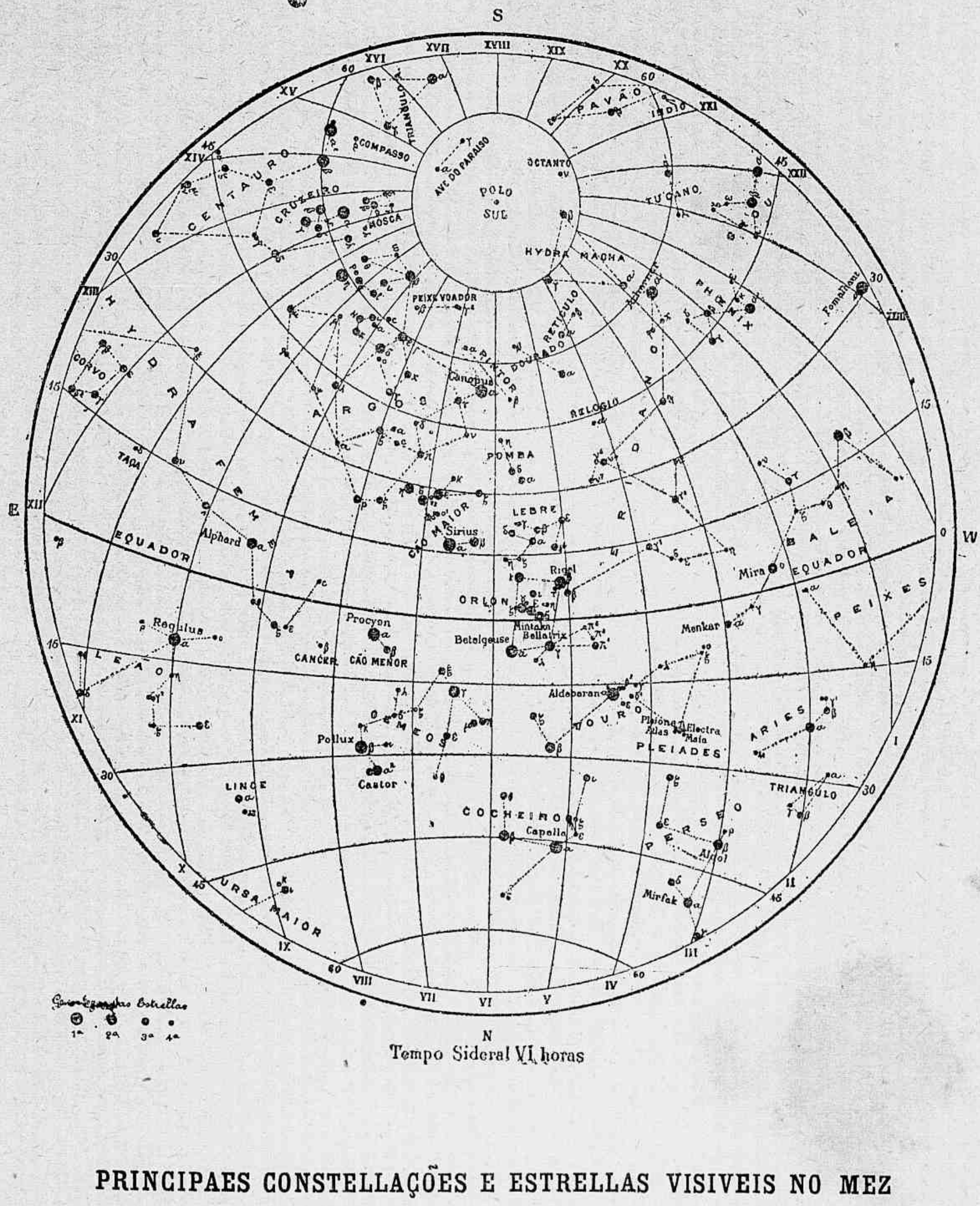
QUADRANTE N. E. : Orion, Gemeos, Cocheiro, Cão-Menor.

QUADRANTE N. O. : Perseu, Andromeda e Pegaso, Peixes, Baleia, Aries, Triangulo.

NO MERIDIANO : Touro, Relogio, Reticulo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Aldebaran (α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*), Pollux (β *Gemeos*), α *Cruzeiro*, Rigel (β *Orion*) Procyon (α *Cão-Menor*). — L. CRULS.

15 de Fevereiro ás 8.h 15.m da noite



Tempo Sideral VI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Cruzeiro, parte do Centauro, Argus, Corvo, Triangulo-Austral, Mosca, Peixe-Voador.

QUADRANTE S. O. : Eridano, Phenix, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo, Dourado.

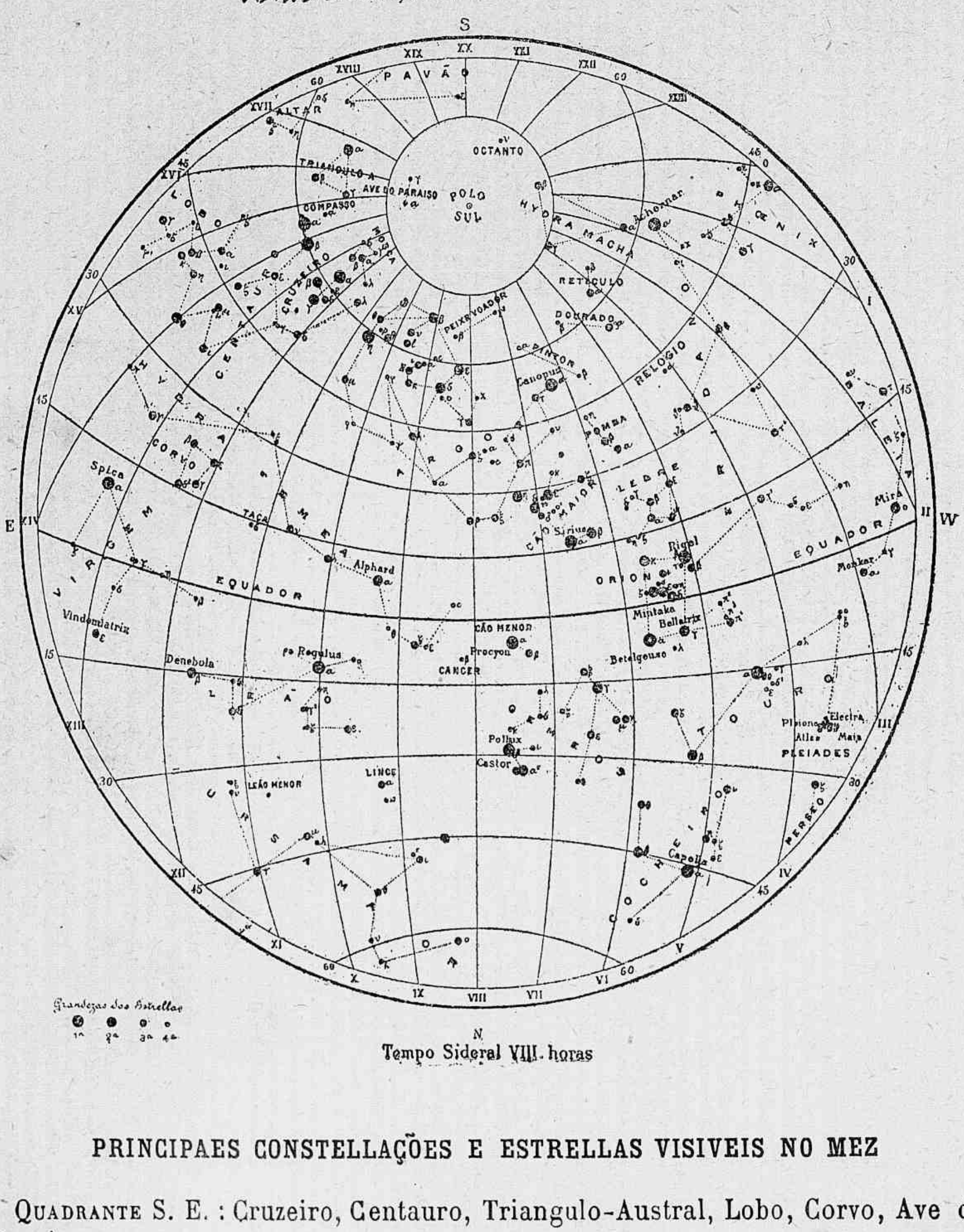
QUADRANTE N. E. : Gemeos, Cão-Menor, Leão.

QUADRANTE N. O. : Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Aries.

NO MERIDIANO : Pintor, Pomba.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*), Sirius (α *Cão-Maior*), Achernar (α *Eridano*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Procyon (α *Cão-Menor*). — L. CRULS.

15 de Março ás 8h. 25m. da noite



Tempo Sideral VIII. horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Lobo, Corvo, Ave do Paraiso.

Quadrante S. O. : Eridano, Hydra-Macha, Cão-Maior, Phenix, Pomba.

Quadrante N. E. : Leão, Ursa-Maior, Leão-Menor, Lynce.

Quadrante N. O. : Touro, Gemeos, Cocheiro, Leão-Menor.

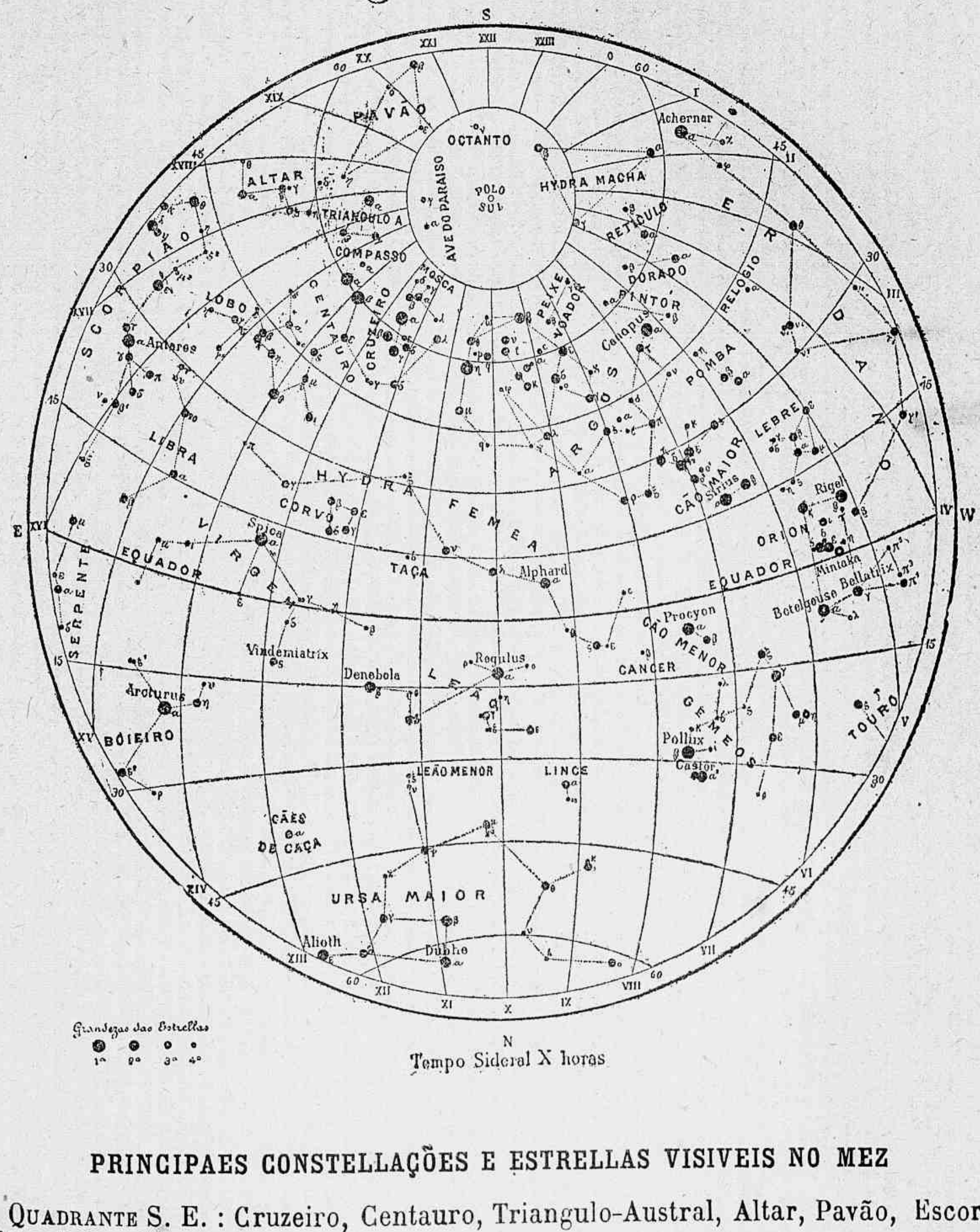
No meridiano: Argus, Peixe-Voador.

A Oeste : Orion.

A Leste : Virgem.

Estrellas de 1.ª grandeza : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Aldebaran (α *Touro*), Canopus (α *Argus*), Pollux (β *Gemeos*), Rigel (β *Orion*), Espiga (α *Virgem*), Procyon (α *Cão-Menor*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*). — L. Cruls.

15 de Abril ás 8.h 25 da noite



PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Altar, Pavão, Escorpião, Lobo, Libra.

Quadrante S. O. : Argus, Cão-Maior, Eridano, Pomba, Lebre, Pintor, Dourado, Reticulo, Hydra-Macha.

Quadrante N. E. : Ursa-Maior, Leão-Menor, Cães de caça, Boieiro.

Quadrante N. O. : Gemeos, Cão-Menor.

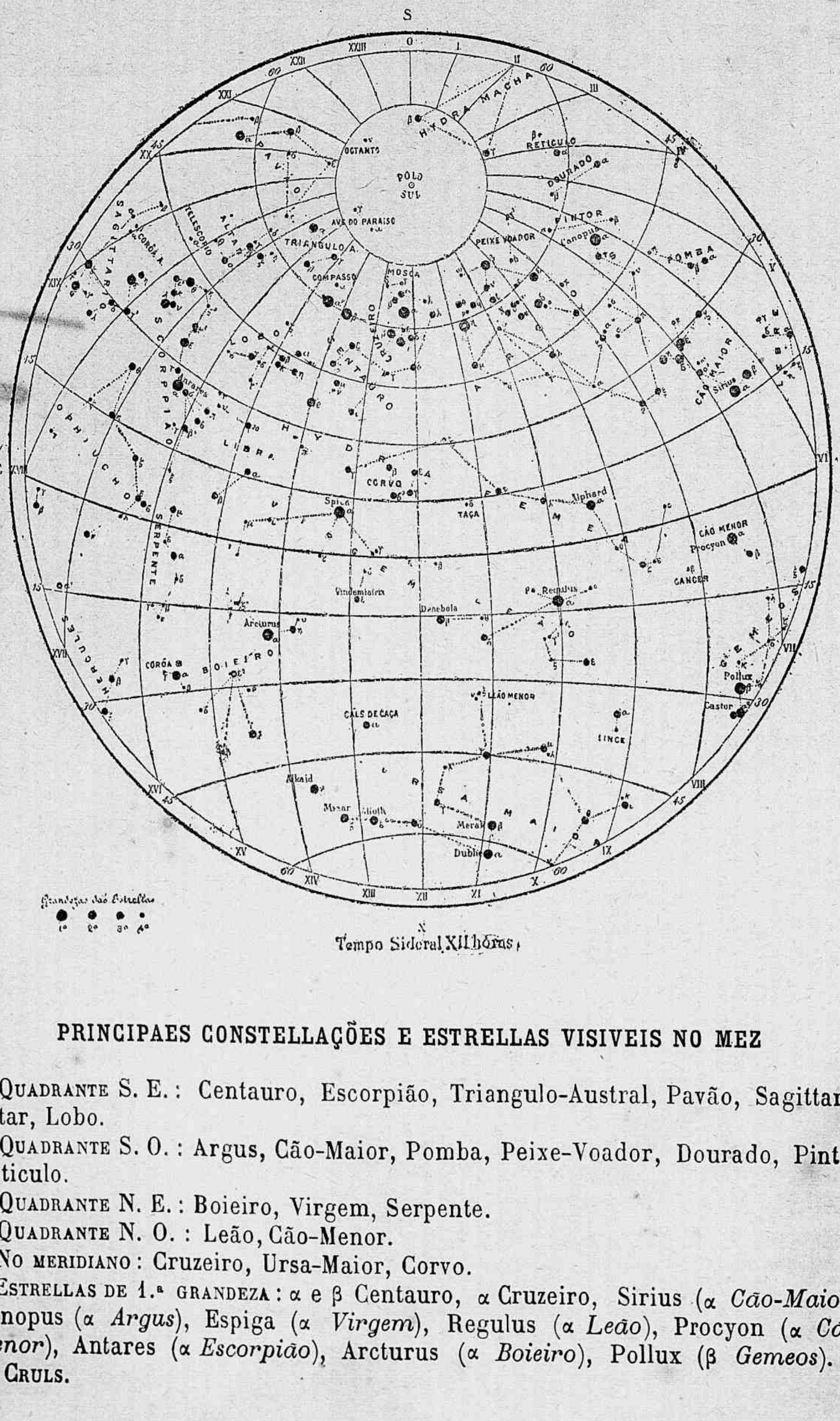
A Leste : Orion.

A Oeste : Virgem.

No meridiano : Leão.

Estrellas de 1.ª grandeza : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Procyon (α *Cão-Menor*), Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Sirius (α *Cão-Maior*), Regulus (α *Leão*). — L. Cruls.

15 de Maio ás 8h. 25m. da noite



Tempo Sideral XII horas.

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Centauro, Escorpião, Triangulo-Austral, Pavão, Sagittario, Altar, Lobo.

QUADRANTE S. O.: Argus, Cão-Maior, Pomba, Peixe-Voador, Dourado, Pintor, Reticulo.

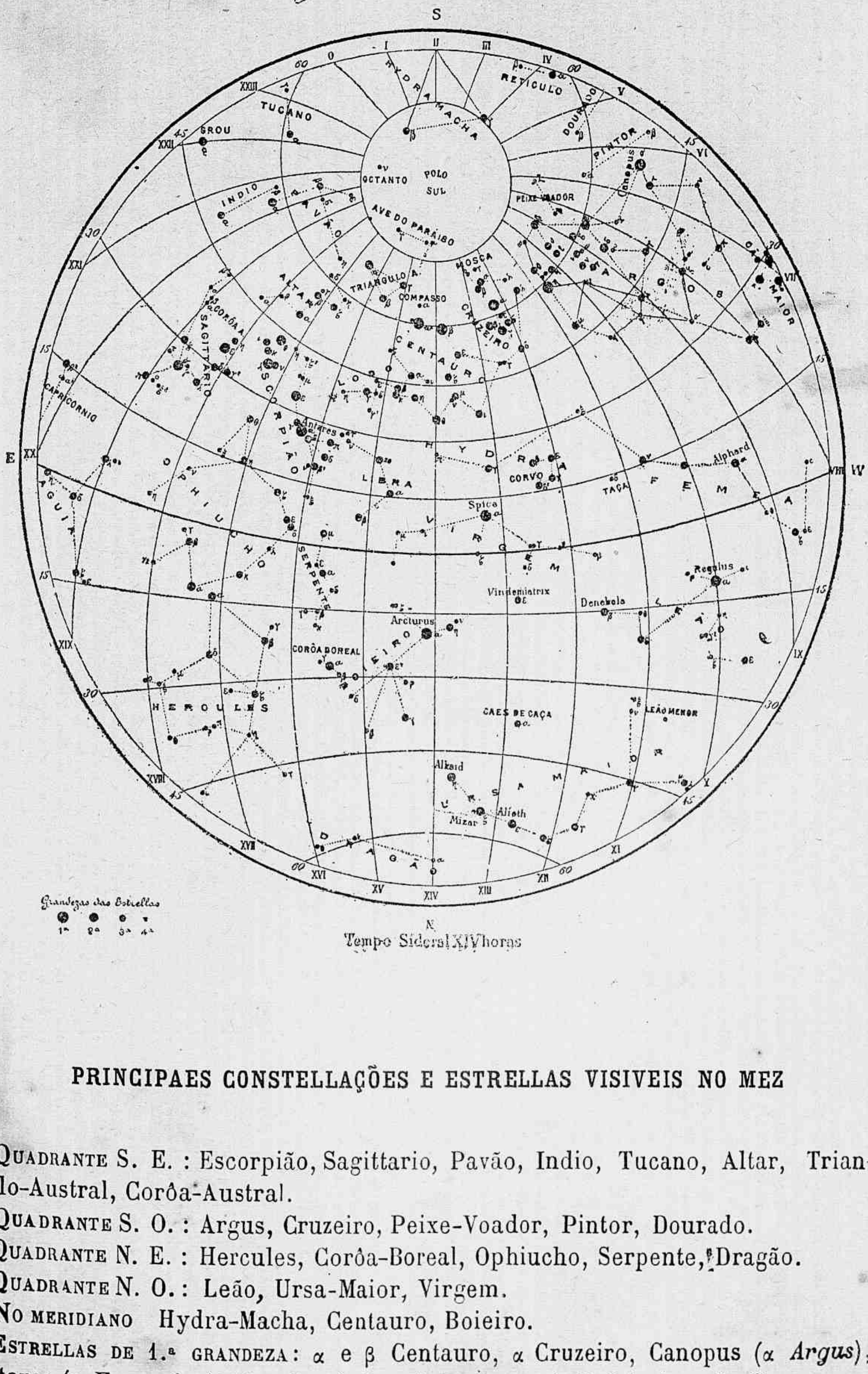
QUADRANTE N. E.: Boieiro, Virgem, Serpente.

QUADRANTE N. O.: Leão, Cão-Menor.

NO MERIDIANO: Cruzeiro, Ursa-Maior, Corvo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Espiga (α *Virgem*), Regulus (α *Leão*), Procyon (α *Cão-Menor*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Pollux (β *Gemeos*). — L. CRULS.

15 de Junho ás 8.h 25.m da noite



PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Escorpião, Sagittario, Pavão, Indio, Tucano, Altar, Triangulo-Austral, Corôa-Austral.

Quadrante S. O. : Argus, Cruzeiro, Peixe-Voador, Pintor, Dourado.

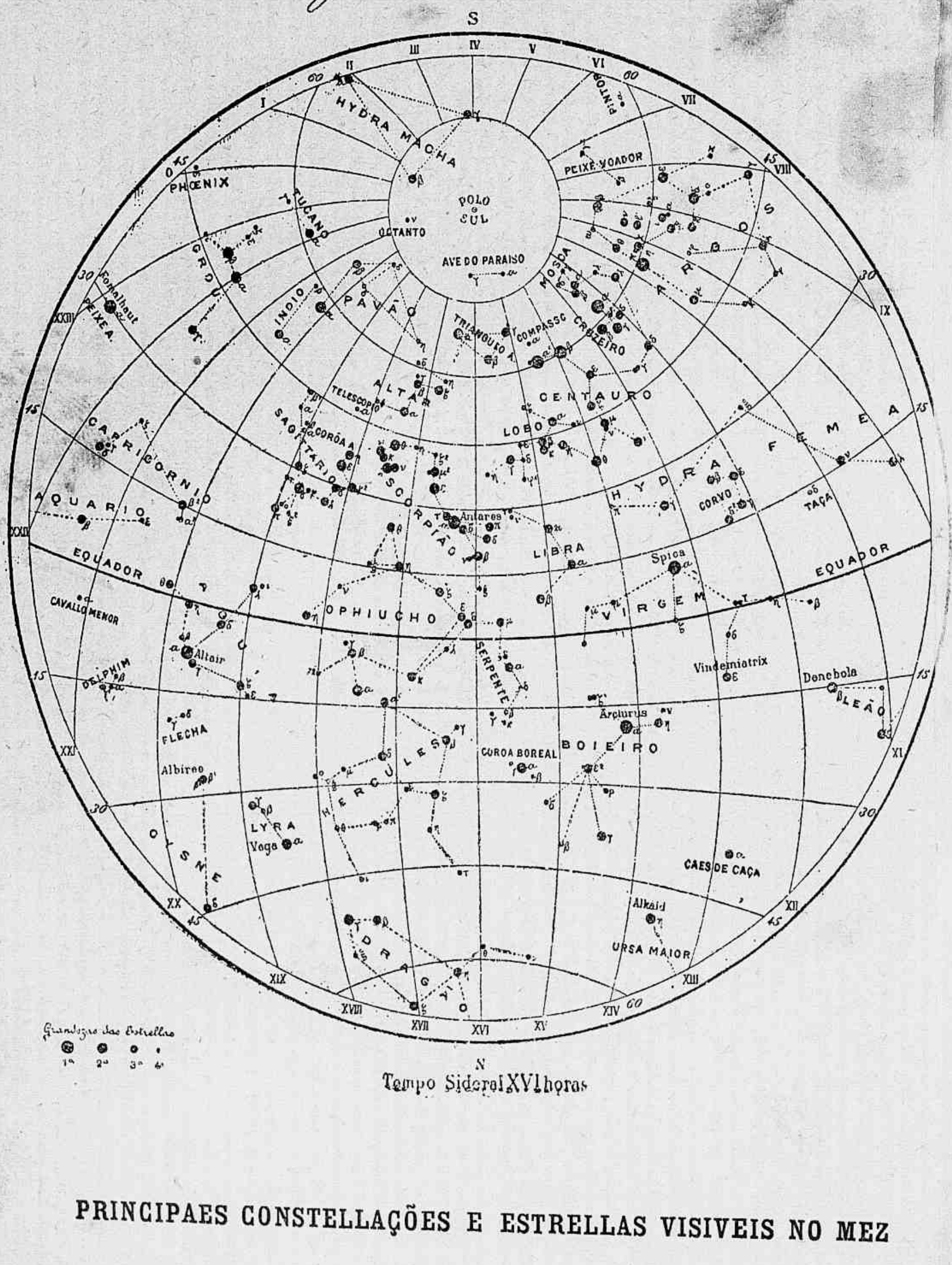
Quadrante N. E. : Hercules, Corôa-Boreal, Ophiucho, Serpente, Dragão.

Quadrante N. O. : Leão, Ursa-Maior, Virgem.

No meridiano Hydra-Macha, Centauro, Boieiro.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Regulus (α *Leão*), Arcturus (α *Boieiro*). — L. Cruls.

15 de Julho ás 8 h. 25 da noite.



Tempo Sidereal XVI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Sagittario, Pavão, Grou, India, Hydra-Macha, Altar, Telescopio, Corôa-Austral.

Quadrante S. O.: Argus, Centauro, Cruzeiro, Peixe-Voador, Corvo, Libra.

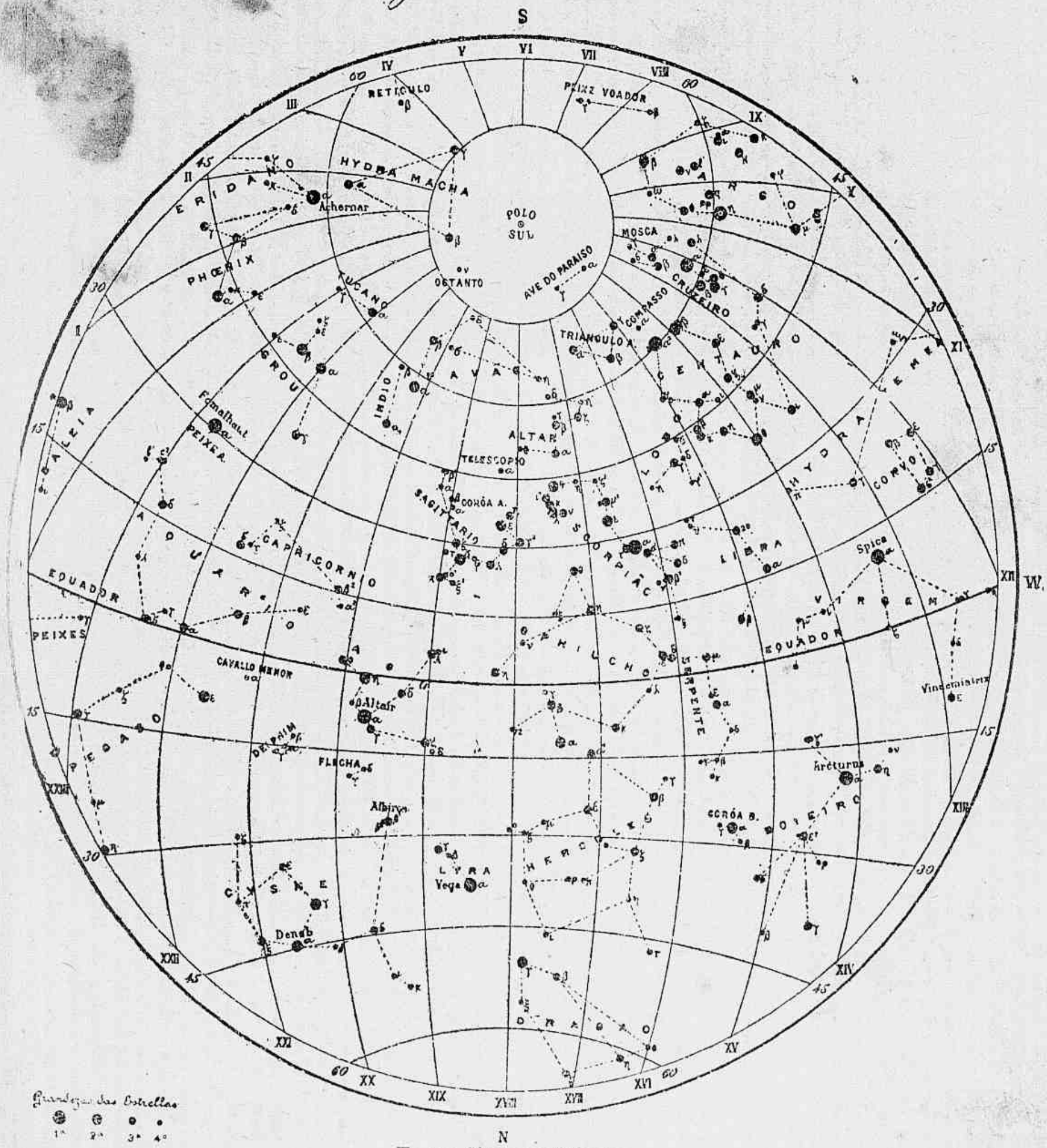
Quadrante N. E.: Hercules, Ophiucho, Aguia, Lyra, Flecha, Cavallo-Menor.

Quadrante N. O.: Boieiro, Cães de caça, Leão, Virgem, Corôa-Boreal.

No meridiano: Triangulo-Austral, Escorpião, Serpente, Dragão.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*) Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*). — L. Cruls.

15 de Agosto ás 8h 25m da noite



Tempo Sideral XVIII horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Pavão, Grou, Tucano, Hydra-Macha, Eridano (parte), Phenix, Peixe-Austral.

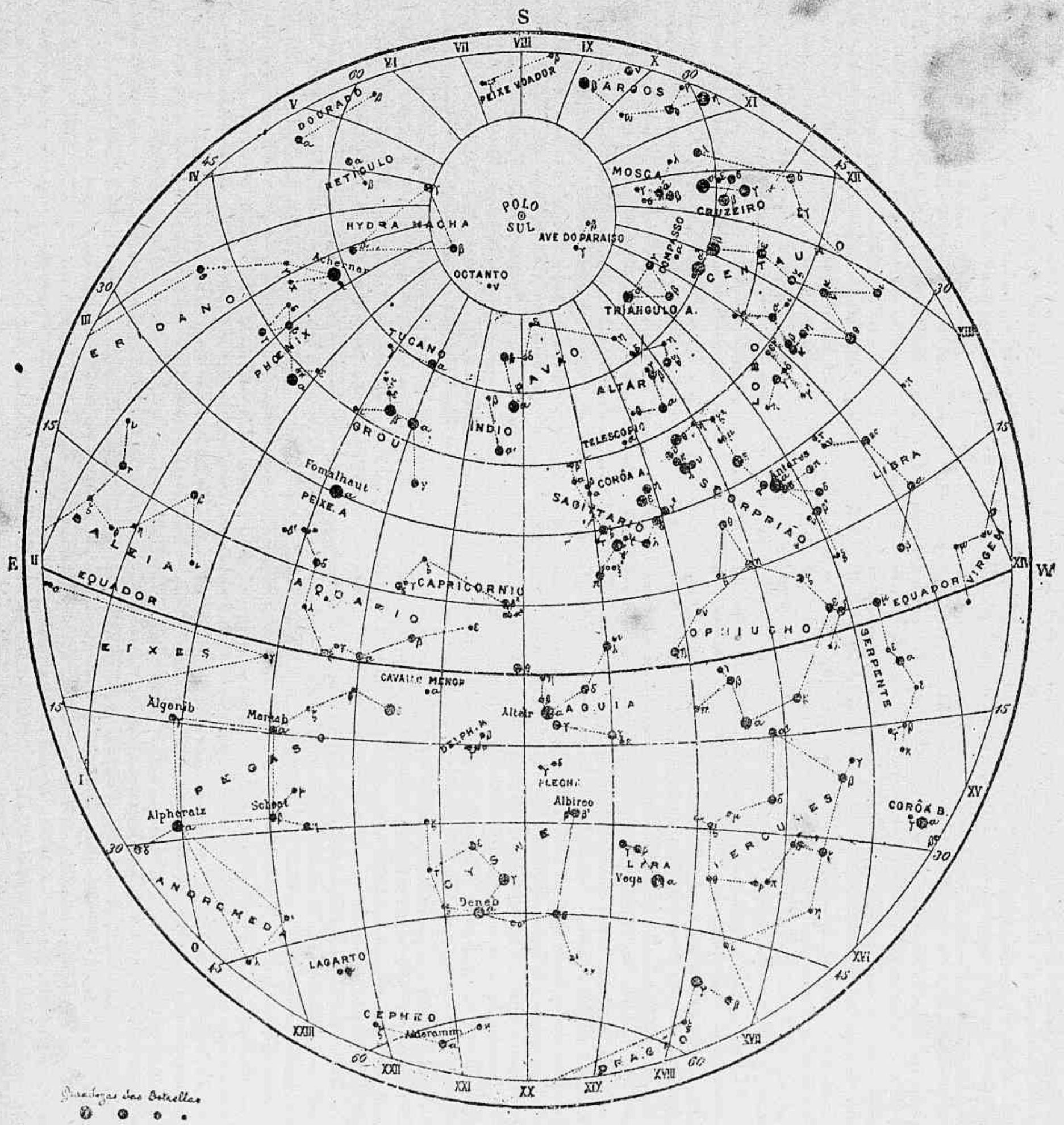
QUADRANTE S. O.: Centauro, Cruzeiro, Argus (parte), Lobo, Corvo, Escorpião, Triangulo-Austral, Altar, Mosca.

QUADRANTE N. E.: Cysne, Aguia, Lyra, Flecha, Pegaso (parte).

QUADRANTE N. O.: Boieiro, Ophiucho, Serpente, Hercules, Corôa-Boreal, Dragão.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Espiga (α *Virgem*), Arcturus (α *Boieiro*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. CRULS.

15 de Setembro ás 8h 20m da noite



Tempo Sideral XX horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Éridano, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo.

Quadrante S. O.: Escorpião, Triangulo-Austral, Centauro, Cruzeiro, Mosca, Lobo, Altar, Libra. Sagittario, Corôa-Austral.

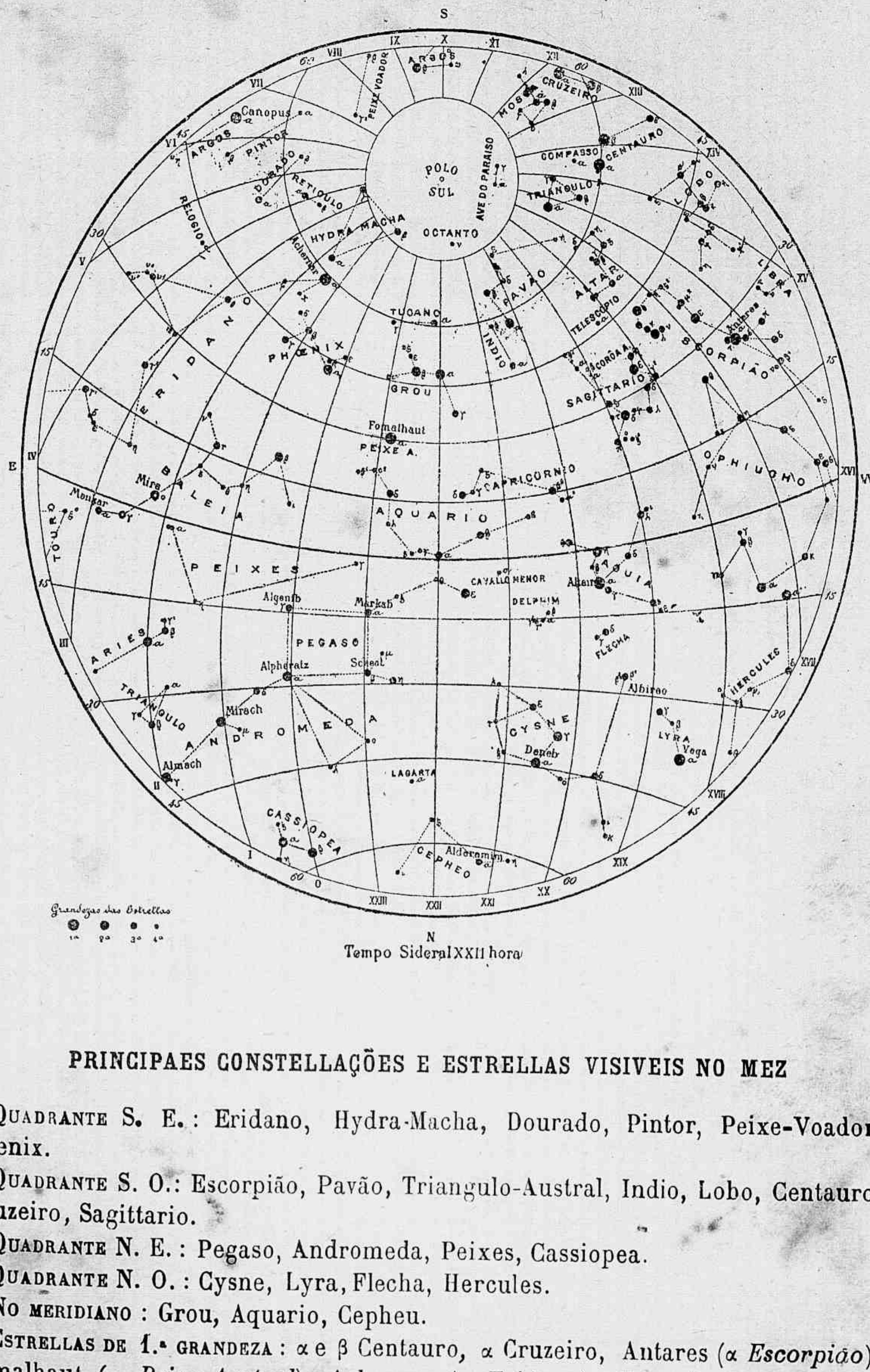
Quadrante N. E.: Pegaso, Andromeda (parte), Cepheu, Lagarto.

Quadrante N. O.: Hercules, Lyra, Aguia, Dragão.

No meridiano: Pavão, Cysne.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Altaïr (α *Aguia*), Vega (α *Lyra*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. Cruls.

15 de Outubro ás 8.h 25.m da noite



Tempo Sideral XXII hora

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Pintor, Peixe-Voador, Phenix.

QUADRANTE S. O.: Escorpião, Pavão, Triangulo-Austral, Indio, Lobo, Centauro, Cruzeiro, Sagittario.

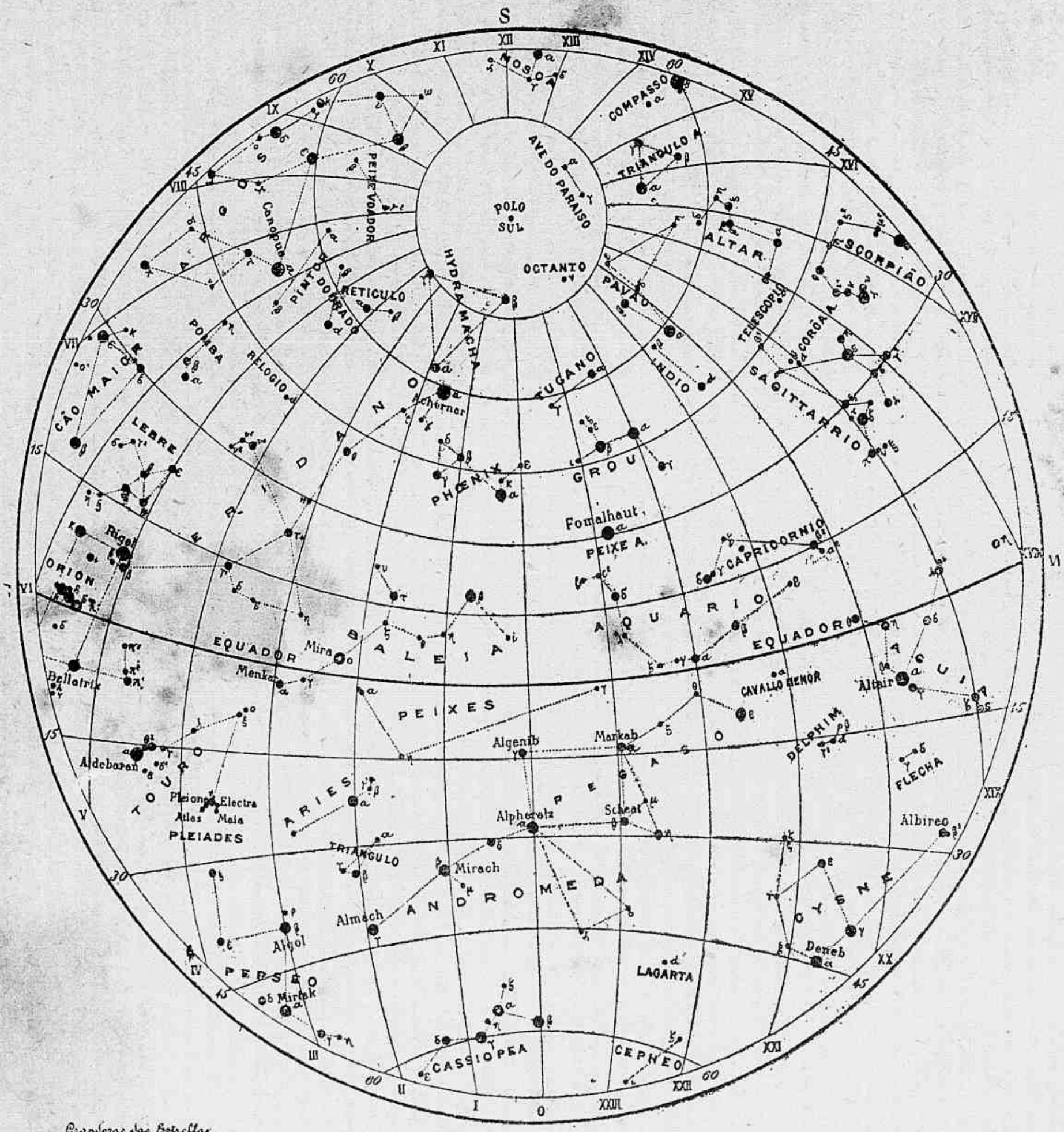
QUADRANTE N. E.: Pegaso, Andromeda, Peixes, Cassiopea.

QUADRANTE N. O.: Cysne, Lyra, Flecha, Hercules.

NO MERIDIANO: Grou, Aquario, Cepheu.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Canopus (α *Argus*). — L. CRULS.

15 de Novembro ás 8.h 20.m da noite



PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Reticulo, Peixe-Voador, Argus, Pomba, Relogio, Cão-Maior.

QUADRANTE S. O.: Escorpião, Sagittario, Altar, Triangulo-Austral, Indio, Pavão, Grou, Peixe-Austral, Tucano.

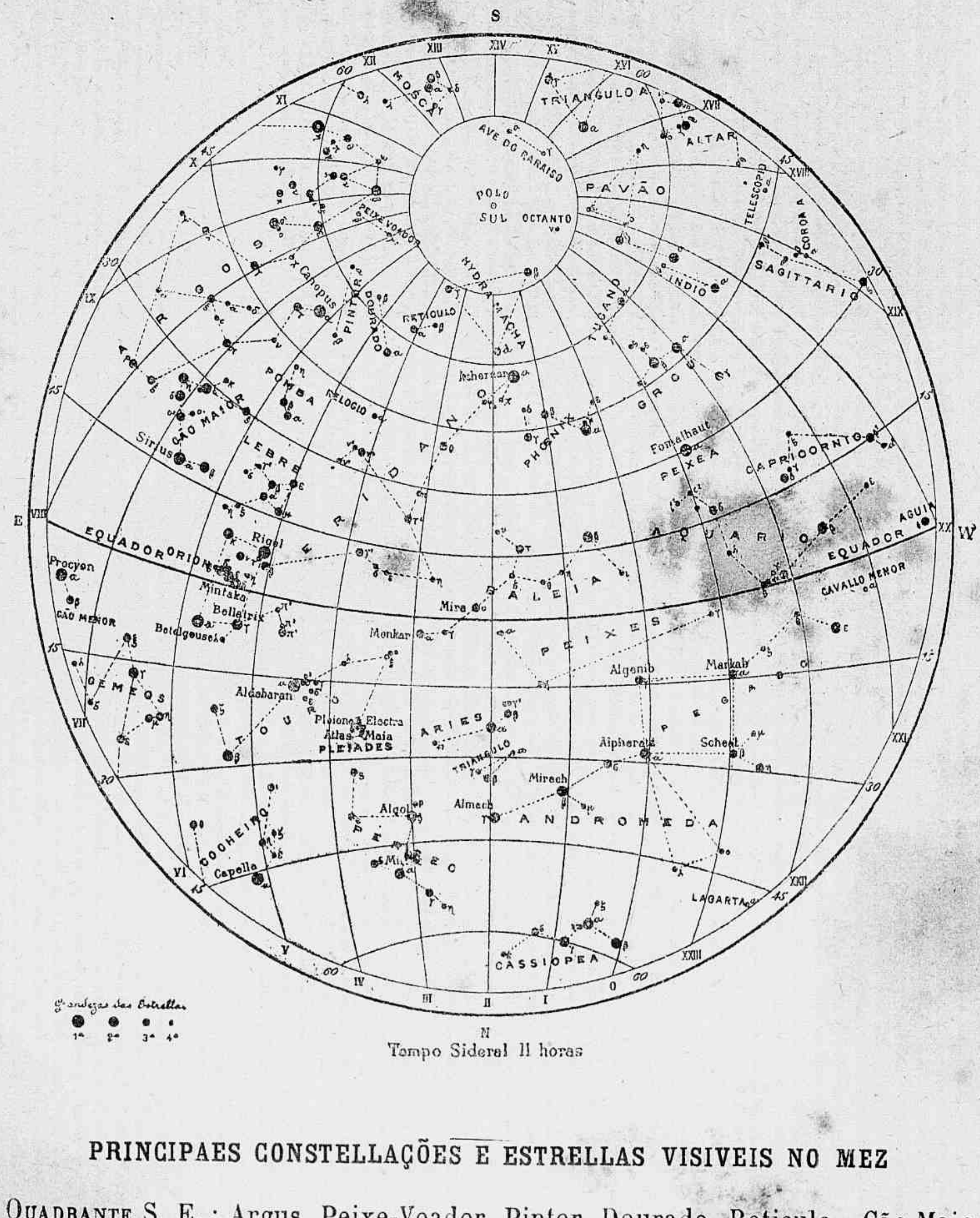
QUADRANTE N. E.: Andromeda, Peixes, Touro, Aries, Perseu, Triangulo.

QUADRANTE N. O.: Cysne, Lagarto, Cepheu.

NO MERIDIANO: Phenix, Pegaso.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α Centauro, Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Rigel (β *Orion*), Aldebaran (α *Touro*), Altaïr (α *Aguia*). — L. CRULS.

15 de Dezembro ás 8h 20m da noite



Tempo Sideral 11 horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Argus, Peixe-Voador, Pintor, Dourado, Reticulo, Cão-Maior, Pomba, Eridano.

QUADRANTE S. O.: Grou, Pavão, Indio, Triangulo-Austral, Phenix, Sagittario, Peixe-Austral.

QUADRANTE N. E.: Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Gemeos.

QUADRANTE N. O.: Andromeda, Pegaso, Cassiopea, Peixes.

NO MERIDIANO: Hydra-Macha, Baleia, Aries, Triangulo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Sirius (α *Cão-Menor*), Procyon (α *Cão-Maior*), Aldebaran (α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*). — L. CRULS.

L. N. no dia 3 as 6h. 50 T.
Q. C. » » 10 » 11 0 M.
L. C. » » 18 » 10 44 M.
Q. M. » » 26 » 0 8 M.

Perigeo no dia 4 as 29
Apogeo » » 18 » 11

Janeiro



PRIMEIRO MEZ — 31 DIAS — Aquarius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quart.	† *Circumcisão* (FERIADO). Fulgencio.
2	Quint.	Isidoro. Macario.
3	Sext.	Antero. Genoveva.
4	Sabb.	Gregorio. Rigoberto. Tito.
5	**DOMINGO**	Simeão. Estelita. Apollinaria.
6	Seg.	† *Reis,* ou *Epiphania*. André.
7	Terç.	Theodoro.
8	Quart.	Lourenço. Justiniano.
9	Quint.	Julião. Marciana.
10	Sext.	Paulo. Gonçalo d'Amarante.
11	Sabb.	Hygino. Honorata.
12	**DOMINGO**	Satyro. Taciana.
13	Seg.	Veronica.
14	Terç.	Hilario. Felix de Nole.
15	Quart.	Amaro. Bonito.
16	Quint.	Marcello. Estephania.
17	Sext.	Antão. Servula.
18	Sabb.	Prisca. Margarida d'Hungria.
19	**DOMINGO**	Canuto. Ponciano. Germana.
20	Seg.	† (na Cap. Fed.) Sebastião.
21	Terç.	*SS. Nome de Jesus*. Ignez. Patroclo.
22	Quart.	Vicente. Anastasio.
23	Quint.	Raimundo de Penaforte. Emerenciana.
24	Sext.	Timotheo. Marcolino.
25	Sabb.	Conv. de S. Paulo. Ananias.
26	**DOMINGO**	Polycarpo. Paula.
27	Seg.	*Septuagesima*. João Chrysostomo.
28	Terç.	*Sagr. Familia*. Cyrillo. Herminia.
29	Quart.	Francisco de Sales.
30	Quint.	Martinha. Matilde.
31	Sext.	Pedro Nolasco. Cyro.

— E' mais facil obter subscripções do que dedicações.

P. DELAY.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	Comprar sardas
5	
6	
7	Restituir dos dardos no dia 8
8	Fig. Aprov. escripta de Chinez. e portuguez.
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

L. N. no dia 2 as 5 h. 43 M.
Q. C. » » 9 » 1 35 M.
L. C. » » 17 » 6 13 M.
Q. M. » » 25 » 0 31 M.

Perigeo no dia 1 as 11
Apogeo » » 14 » 13

Fevereiro



SEGUNDO MEZ — 29 DIAS — Pisces

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sabb.	Ignacio. Brigida.
2	**DOMINGO**	† *Purif. de N. Sª.*
3	Seg.	Braz. Odorico.
4	Terç.	João de Britto. Gilberto.
5	Quart.	Agueda. Pedro Baptista.
6	Quint.	Dorothea. Antonio de Amandula.
7	Sext.	Romualdo. Ricardo.
8	Sabb.	João de Matha.
9	**DOMINGO**	Cyrillo. Apollonia.
10	Seg.	Escholastica.
11	Terç.	Lazaro. Severino.
12	Quart.	Lucio. Eulalia.
13	Quint.	Catharina de Ricci.
14	Sext.	Valentim. Jovita.
15	Sabb.	Faustino.
16	**DOMINGO**	*Septuagesima.* Samuel. Porphyrio.
17	Seg.	Philippe de Jesus. Silvano.
18	Terç.	Theotonio. Simeão.
19	Quart.	Conrado. Ernestina.
20	Quint.	Eleutherio. Nilo.
21	Sext.	Fabiano. Vitalina. Leonor.
22	Sabb.	Papias. Abilio.
23	**DOMINGO**	*Sexagesima.* Pedro Damião. Milburges.
24	Seg.	FERIADO. Mathias.
25	Terç.	Margarida de Cortona.
26	Quart.	Nestor. Torquato.
27	Quint.	Leandro. Honorina.
28	Sext.	Romão. Thomaz de Coria.
29	Sabb.	Severo.

A mamãi:

— Oh, ama! pois você não se serve do thermometro para dar o banho ao menino?

— Não é necessario, minha senhora. Estou já acostumada. Quando a agua está fria, o menino faz-se verde; quando está quente de mais, o menino faz-se encarnado. Vê-se logo.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	

L. N. no dia 2 as 4 h. 4 T.
Q. C. » » 9 » 6 49 T.
L. C. » » 17 » 11 36 T.
Q. M. » » 25 » 9 39 M.

Perigeo no dia 1 as 22
Apogeo » » 13 » 1
Perigeo » » 29 » 0

Março



TERCEIRO MEZ — 31 DIAS — Aries

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	**DOMINGO**	*Quinquagesima*. (*Carnaval*). Eudoxia.
2	Seg.	Simplicio. Camilla.
3	Terç.	Hemeterio. Cunegundes.
4	Quart.	*Cinzas*. Lucio.
5	Quint.	Theophilo. Rogerio.
6	Sext.	Perpétua. Felicidade.
7	Sabb.	Thomaz de Aquino.
8	**DOMINGO**	João de Deus. Pelagia.
9	Seg.	Francisca. Gregorio de Nyssa.
10	Terç.	Militão.
11	Quart.	Candido. Constantino. Rosa.
12	Quint.	Gregorio Magno.
13	Sext.	Sancha. Euphrasia. Ernesto.
14	Sabb.	Boaventura. Matilde.
15	**DOMINGO**	Christovão. Longino.
16	Seg.	Cyriaco. Abrahão.
17	Terç.	Patricio. Agricola.
18	Quart.	Gabriel. Anselmo.
19	Quint.	José (protector da Egreja).
20	Sext.	Martinho Dumiense. Cyrillo.
21	Sabb.	Bento.
22	**DOMINGO**	Benevenuto. Cilecina.
23	Seg.	Felix. Victoriano.
24	Terç.	Agapito.
25	Quart.	† *Annunc. de N. Sa.*
26	Quint.	Ludgero. Braulio.
27	Sext.	João Damasceno. Lydia.
28	Sabb.	Alexandre. Dorothéa.
29	**DOMINGO**	*Paixão*. Bertholdo. Eustasia.
30	Seg.	Clineu. Regulo.
31	Terç.	Benjamim.

As mulheres têm o dom de comprehender os comprimentos em todas as linguas.
O. Feuillet.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

L. N. no dia 1 as 2 h. 9 M.
Q. C. » » 8 » 1 39 T.
L. C. » » 16 » 2 2 T.
Q. M. » » 23 » 4 14 T.
L. N. » » 30 » 0 40 T.

Apogeo no dia 9 as 20
Perigeo » » 24 » 21

Abril



QUARTO MEZ — 30 DIAS — Taurus

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quart.	Catharina de Sena.
2	Quint.	Francisco de Paula. Maria Egypciaca.
3	Sext.	Ricardo. Irene.
4	Sabb.	Vicente Ferrer. Isidoro.
5	**DOMINGO**	*Paixão N. S.* Iria.
6	Seg.	Marcellino. Catharina de Pallencia.
7	Terç.	Epiphanio. Valtrudes.
8	Quart.	Amancio.
9	Quint.	Demetrio.
10	Sext.	Ezequiel. Pompeu.
11	Sabb.	Leão. Isaac.
12	**DOMINGO**	Julio. Victor.
13	Seg.	Hermenegildo.
14	Terç.	Justino.
15	Quart.	Lucio. Anastasia.
16	Quint.	Engracia. Fructuoso.
17	Sext.	Rodolfo. Aniceto.
18	Sabb.	Galdino. Valeriano.
19	**DOMINGO**	*Paschoa.* Hermogenes.
20	Seg.	Timotheo. Accindino.
21	Terç.	Anselmo. Silvino.
22	Quart.	Sotero. Senhorinha.
23	Quint.	Jorge. Adalberto.
24	Sext.	Honorio. Roberto.
25	Sabb.	Marcos Ev.
26	**DOMINGO**	Cleto. Marcellino.
27	Seg.	Tertulliano. Zita. Thuribio.
28	Terç.	Paulo da Cruz.
29	Quart.	Pedro. Hugo.
30	Quint.	Eutropio. Sophia.

Uma curiosa exposição de cães, realizou-se em Paris. Faziam parte da exposição 1.827 cães. No «salão» annexo á exposição figuravam muitos quadros de valor. Cães de luxo, cães de caça, cães de guarda, de tudo alli havia! Que reunião democratica!

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Q. C. no dia 8 as 8 h. 30 M.
L. C. » » 16 » 1 39 M.
Q. M. » » 22 » 9 24 T.
L. N. » » 30 » 0 22 M.

Apogeo no dia 7 as 15
Perigeo » » 19 » 23

Maio



QUINTO MEZ — 31 DIAS — Gemini

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	Philippe. Jacob.
2	Sabb.	Athanasio. Mafalda.
3	**DOMINGO**	FERIADO. Alexandre. Juvenal.
4	Seg.	Monica. Floriano.
5	Terç.	Pio. Angelo.
6	Quart.	*Maternidade de N. S.* João Damasceno.
7	Quint.	Estanislau. Gisela.
8	Sext.	Miguel Arch. Victor.
9	Sabb.	Greg. Nazianzeno. Trasl. de S^to André.
10	**DOMINGO**	Antonino.
11	Seg.	Athanasio. Palmyra.
12	Terç.	Joanna.
13	Quart.	FERIADO. Pio. Glyceria.
14	Quint.	Bonifacio. Justa.
15	Sext.	Isidro. Dimpina.
16	Sabb.	João Nepom. Maxima.
17	**DOMINGO**	Paschoal Bailão. Restituta.
18	Seg.	Venancio. Liborio.
19	Terç.	Ivo.
20	Quart.	Bernardino de Sena.
21	Quint.	Pedro Celestino.
22	Sext.	Rita de Cassia. Helena.
23	Sabb.	Desiderio. Basileu.
24	**DOMINGO**	Afra. João do Prado.
25	Seg.	Urbano. Maria Magd. de Pazzi.
26	Terç.	Philippe Nery. Prisco.
27	Quart.	Agostinho de Cantuaria,
28	Quint.	*Ascenção*. Emilio.
29	Sext.	Maximo. Theodosia.
30	Sabb.	Fernando. Emilia.
31	**DOMINGO**	Petronilha.

— Os ricos consideram o mundo como um immenso bazar cheio de cousas, que todas se compram.

PH. HEUZEY.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Q. C. no dia 7 as 2 h. 3 M.
L. C. » » 14 » 11 2 M.
Q. M. » » 21 » 2 33 M.
L. N. » » 28 » 1 39 T.

Apogeo no dia 4 as 9
Perigeo » » 16 » 7

Junho



SEXTO MEZ — 30 DIAS — Cancer

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Seg.	Pamphilo. Ubaldo.
2	Terç.	Marcellino. Eugenio.
3	Quart.	Clotilde. Paula. Ovidio.
4	Quint.	Quirino. Saturnina.
5	Sext.	Bonifacio. Valeria.
6	Sabb.	Norberto. Paulina.
7	**DOMINGO**	*Pentecostes*. Roberto.
8	Seg.	Salustiano. Calliopa.
9	Terç.	Primo. Melania.
10	Quart.	Margarida. Mauricio.
11	Quint.	Felix. Barnabé.
12	Sext.	Onofre. Antonina.
13	Sabb.	Antonio, de Lisboa.
14	**DOMINGO**	*S. S. Trindade*. Basilio o Magno.
15	Seg.	Modesto. Crescencia.
16	Terç.	João Francisco Regis. Germana.
17	Quart.	Thereza. Manuel.
18	Quint.	*Corpo de Deus*. Marina.
19	Sext.	Gervasio.
20	Sabb.	Silverio. Prudenciana.
21	**DOMINGO**	Luiz de Gonzaga. Demetria.
22	Seg.	*S. Coração de Jesus*. Paulino.
23	Terç.	Edeltrudes.
24	Quart.	† *João Baptista*.
25	Quint.	Guilherme. Febronia.
26	Sext.	João e Paulo. Perseveranda.
27	Sabb.	Ladislau de Hungria.
28	**DOMINGO**	Marcella.
29	Seg.	† *Pedro e Paulo*.
30	Terç.	Lucia. Marçal.

Certo usurario, passeiando com um amigo, nega-se a dar esmola a um mendigo.
— Dá um nickel ao pobre, tu és tão rico...
— Dar, para que? Pois não vês que, si eu lhe der, elle vae logo gasta-lo.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Q. C. no dia	6 as	5 h.	32 T.
L. C. » »	13 »	6	55 T.
Q. M. » »	20 »	9	9 M.
L. N. » »	25 »	*h*	24 M.

Apogeo no dia	2 as	1
Perigeo » »	14 »	10
Apogeo » »	29 »	12

Julho



SEPTIMO MEZ — 31 DIAS — Leo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quart.	Domiciano. Theodorico.
2	Quint.	*Visitação de N. Sª.* Processo.
3	Sext.	Anatolio. Jacintho.
4	Sabb	Isabel, de Portugal. Bertha.
5	**DOMINGO**	Philomena. Zoé.
6	Seg.	Tranquillino. Isaïas.
7	Terç.	Pulcheria.
8	Quart.	Procopio. Methodio. Pris illia.
9	Quint.	Nicolau. Anathalia.
10	Sext.	Januario. Rufina.
11	Sabb.	Pio. Sabino.
12	**DOMINGO**	João Gualberto. Marciana.
13	Seg.	Anacleto. Eugenio.
14	Terç.	FERIADO. Boaventura.
15	Quart.	Henrique. Rosalia.
16	Quint.	Ceslau. Reinalda.
17	Sext.	Acylino. Marcellina.
18	Sabb.	Camillo de Lellis.
19	**DOMINGO**	Vicente de Paulo. Justa.
20	Seg.	Margarida. Jeronymo Emiliano.
21	Terç.	Praxedes. Victor.
22	Quart.	Maria Magdalena.
23	Quint.	Liborio. Brigida.
24	Sext.	Christina. Vicente.
25	Sabb.	Christovão. Valentina.
26	**DOMINGO**	Olympio.
27	Seg.	Pantaleão. Natalia.
28	Terç.	Innocencio. Celso.
29	Quart.	*Sta Anna.* Olavo. Beatriz. Martha.
30	Quint.	Julieta. Rufino.
31	Sext.	Ignacio de Loyola. Germano.

— Todo homem valido só deve contar consigo. Uma vez de pé, caminhe com as proprias pernas ninguem tem o direito de ser carregado.

ROOSEVELT.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Q. C. no dia 5 as 6 h. 47 M.
L. C. » » 12 » 2 6 M.
Q. M. » » 18 » 6 32 T.
L. N. » » 26 » 8 6 T.

Perigeo no dia 11 as 19
Apogeo » » 25 » 16

Agosto



OITAVO MEZ — 31 DIAS — Virgo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sabb.	Pedro nos vinculos.
2	**DOMINGO**	Affonso de Ligorio. Estevão.
3	Seg.	Lydia. Hermilio.
4	Terç.	Domingos. Perpétua.
5	Quart.	Cantidiano. Afra.
6	Quint.	Thiago. Xisto.
7	Sext.	Caetano. Donato.
8	Sabb.	Cyriaco. Esmeralda.
9	**DOMINGO**	Romão. Sabina.
10	Seg.	Lourenço. Philomena.
11	Terç.	Tiburcio. Susanna.
12	Quart.	Clara. Cassiano.
13	Quint.	Hippolyto.
14	Sext.	Eusebio. Athanasia.
15	Sabb.	† *Assumpção de N. Sª.* Alipio.
16	**DOMINGO**	Roque. Sirena.
17	Seg.	Mamede. Paulina.
18	Terç.	Agapito. Helena.
19	Quart.	*S. Joaquim.* Jacintho. Tecla.
20	Quint.	Bernardo. Samuel.
21	Sext.	Umbelina.
22	Sabb.	Felisberto. Antusa.
23	**DOMINGO**	Liberato. Davina. Graça.
24	Seg.	Bartholomeu. Aurea.
25	Terç.	Luiz. Patricia.
26	Quart.	*S. Coração de Maria.* Zephyrino. Rosa.
27	Quint.	José Calasans. Cesario.
28	Sext.	Agostinho. Alexandre.
29	Sabb.	Candida. Adolfo.
30	**DOMINGO**	Rosa de Lima.
31	Seg.	Raimundo Nonnato.

— A mocidade tem obrigação de ser paciente : tem deante de si o futuro.

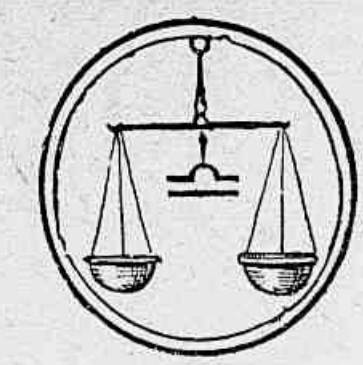
BONAPARTE.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Q. C. no dia 3 as 5 h. 58 T.
L. C. » » 10 » 9 30 M.
Q. M. » » 17 » 7 40 M.
L. N. » » 25 » 0 6 T.

Perigeo no dia 9 as 5
Apogeo » » 21 » 21

Septembro



NONO MEZ — 30 DIAS — Libra

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	Egydio. Gedeão.
2	Quart.	Estevão. Maxima.
3	Quint.	Aristeu. Euphemia.
4	Sext.	Rosa de Viterbo. Candida.
5	Sabb.	Lourenço Justiniano. Gentil.
6	**DOMINGO**	Libania. Zacharias.
7	Seg.	FERIADO. Regina. Athanagildo.
8	Terç.	† *Natividade de N. Sª*. Adriano.
9	Quart.	*O Stº Nome de Maria*. Serafina.
10	Quint.	Nicolau Tolentino.
11	Sext.	Theodora. Jacintho.
12	Sabb.	Auta. Juvencio.
13	**DOMINGO**	Eulogio. Maurilio.
14	Seg.	*Exaltação da SS. Cruz*. Cornelio. Crescencio.
15	Terç.	Nicomedes. Melitina.
16	Quart.	*Dôres de N. Sª*. Cypriano. Luiza.
17	Quint.	Pedro de Arbues. Comba.
18	Sext.	Thomaz. Sophia.
19	Sabb.	Januario. Constança.
20	**DOMINGO**	Philippa.
21	Seg.	Matheus. Iphigenia.
22	Terç.	Mauricio.
23	Quart.	Lino. Tecla.
24	Quint.	Geraldo.
25	Sext.	Firmino. Pacifico.
26	Sabb.	Justina. Callistrato.
27	**DOMINGO**	Cosme. Damião. Delphina.
28	Seg.	Wenceslau. Lioba.
29	Terç.	Miguel Archanjo. Fraterno.
30	Quart.	Jeronymo. Sophia.

— Flagello de Deus ou lei da natureza, a guerra é e continua a ser o *leitmotiv* da harmonia universal.

G. M. VALTOUR.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Q. C. no dia 3 as 3 h. 21 M.
L. C. » » 9 » 6 10 T.
Q. M. » » 17 » 0 42 M.
L. N. » » 25 » 3 54 M.

Perigeo no dia 7 as 13
Apogeo » » 19 » 11

Outubro



DECIMO MEZ — 31 DIAS — Scorpius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quint.	Remigio. Julia.
2	Sext.	Nilo. Ludgero.
3	Sabb.	Candido. Emilia.
4	**DOMINGO**	Franc. de Assis.
5	Seg.	Placido. Flaviana.
6	Terç.	Bruno.
7	Quart.	*N. Sª. do Rosario.* Marcos. Sergio.
8	Quint.	Pelagia. Reparata.
9	Sext.	Dionysio. Andronico.
10	Sabb.	Eulampia. Luiz Beltrão.
11	**DOMINGO**	Nicacio. Genoveva.
12	Seg.	FERIADO. Wilfrido. Serafina.
13	Terç.	Daniel. Eduardo.
14	Quart.	Calixto. Gaudencio.
15	Quint.	Theresa de Jesus.
16	Sext.	Gallo. Lullo.
17	Sabb.	Heduviges. Mariano.
18	**DOMINGO**	Lucas. Athenodoro.
19	Seg.	Pedro d'Alcantara.
20	Terç.	João Cancio. Iria.
21	Quart.	*N. Sª. dos Remedios.* Ursula. Celina.
22	Quint.	Maria Salomé. Alodia.
23	Sext.	Domicio. Hilarião.
24	Sabb.	Rafael Archanjo. Evergisto.
25	**DOMINGO**	Crispim. Daria.
26	Seg.	Evaristo. Luciano.
27	Terç.	Elesbão. Capitolina.
28	Quart.	Simão. Judas Thadeu. Cyrilla.
29	Quint.	Narciso. Benvinda.
30	Sext.	Serapião. Eutropia.
31	Sabb.	Quintino. Wolfgango.

— Nunca pensar na morte é loucura ; mas tambem é louco quem só pensa nella.
A. THOMEREAU.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Q. C.	no dia	1	as	11 h.	23 M.
L. C.	»	8	»	5	5 M.
Q. M.	»	15	»	8	48 T.
L. N.	»	23	»	7	0 T.
Q. C.	»	30	»	6	51 T.

Perigeo	no dia	4	as 10
Apogeo	»	16	» 7
Perigeo	»	30	» 0

Novembro



UNDECIMO MEZ — 30 DIAS — Sagittarius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	**DOMINGO**	† *Todos os Sanctos.* Cesario.
2	Seg.	FERIADO. *Finados.* Tobias.
3	Terç.	Malachias. Silvia.
4	Quart.	Carlos Borromeu. Agricola.
5	Quint.	Zacharias. Berthilde.
6	Sext.	Leonardo. Severo.
7	Sabb.	Herculano. Nicandro.
8	**DOMINGO**	Severiano.
9	Seg.	Theodoro. Mathurino.
10	Terç.	André Avellino. Nympha.
11	Quart.	*Patrocinio de N. Sª.* Martinho. Renato.
12	Quint.	Diogo. Levino.
13	Sext.	Eugenio. Zebina.
14	Sabb.	Clementino. Philomena.
15	**DOMINGO**	FERIADO. Gertrudes. Leopoldo.
16	Seg.	Valerio. Ignez.
17	Terç.	Alpheu. Zacheu.
18	Quart.	Romão. Astrogilda.
19	Quint.	Isabel. Ponciano.
20	Sext.	Felix. Octavio. Maxencio.
21	Sabb.	Demetrio. Honorio.
22	**DOMINGO**	Cecilia. Amphiloquio.
23	Seg.	Clemente. Felicidade.
24	Terç.	Estanislau. Chrysogono.
25	Quart.	Catharina. Alfredo.
26	Quint.	Belmiro. Genoveva.
27	Sext.	Margarida de Saboia. Maximo.
28	Sabb.	Jacob da Marca.
29	**DOMINGO**	*1ª Dom. Advento.* Saturnino.
30	Seg.	André. Maura.

Em um album :

Quanta graça e quanta belleza são precisas a uma mulher morena, para que se lhe possa perdoar... o não ser loira?

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	Tirou-se [illegible] a segunda machina a 4 de 5.2
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

L. C. no dia 7 as 6 h. 51 T.
Q. M. » » 15 » 6 20 T.
L. N. » » 23 » 8 57 M.
Q. C. » » 30 » 2 47 M.

Apogeo no dia 14 as 4
Perigeo » » 25 » 23

Dezembro



DUODECIMO MEZ — 31 DIAS — Capricornius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	Eloi. Agerico.
2	Quart.	Bibiana. Aurelio.
3	Quint.	Francisco Xavier. Sofonia.
4	Sext.	Barbara. Osmundo.
5	Sabb.	Geraldo. Sabas.
6	**DOMINGO**	Nicolau. Leoncia.
7	Seg.	Ambrosio. Fara.
8	Terç.	† *Conceição de N. Sª*. Romarico.
9	Quart.	Leocadia. Proculo.
10	Quint.	Melchiades. Eulalia.
11	Sext.	Damaso. Pretextato.
12	Sabb.	Justino. Dionysia.
13	**DOMINGO**	Luzia. Otilia. Orestes.
14	Seg.	Agnello. Eutropia.
15	Terç.	Eusebio. Irineu.
16	Quart.	Adelaide. Mizael.
17	Quint.	Martha. Lazaro.
18	Sext.	Espiridião. Basiliano.
19	Sabb.	Fausta. Dario.
20	**DOMINGO**	Philogonio. Domingos.
21	Seg.	Thomé. Themistocles.
22	Terç.	Honorato. Angelina.
23	Quart.	Servulo. Victoria.
24	Quint.	Gregoriano. Delphino.
25	Sext.	† *Natal*. Eugenia.
26	Sabb.	Estevão. Archelau.
27	**DOMINGO**	João Evang.
28	Seg.	Eutychio. Theophila.
29	Terç.	Thomaz. Melania.
30	Quart.	Sabino. Colomba.
31	Quint.	Silvestre. Nominando.

A Salve Rainha foi composta pelo Benedictino Hermann, da Abbadia de Reichenon.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

LIVRARIA GARNIER

Ultimas publicações

A America do Norte em Trabalho. por J. FRASER, traducção brasileira de J. DE CASTILHO. Obra ornada de muitas gravuras. 1 v. in-8°, br.

Arte (A) de furtar, pelo Pe ANTONIO VIEIRA. Nova edição acompanhada de estudo critico e bibliographico, de notas historicas e philologicas e cuidadosa revisão, por JOÃO RIBEIRO (*da Academia Brazileira*), 1 v. in-4° enc.

O Cego da Fonte Santa Catharina, romance, por DUCRAY-DUMINIL, traducção portugueza, 2 v. in-8°, br.

Historias da Vida, por JOÃO LUZO, 1 v. in-8° br.

Historias da Vida e da Morte, par THOMAZ LOPES, 1 v. in-8° br.

Livro Truncado, por OSCAR LOPES, 1 v. in-8°, br.

Memorias de Judas, romance, por F. DELLA GATINA, traducção portugueza, 2 v in-8° br.

As Modernas Correntes Estheticas da litteratura Brasileira, por ELYSIO DE CARVALHO, 1 v. in-8° br.

Mythologia Grega e Romana, por P. COMMELIN, traducção brasileira, 1 v. in-8°, br.

Virgilio Brasileiro, ou traducção do poeta latino, por MANOEL ODORICO MENDES, Nova edição cuidadosamente revista, 1 v. in-4° cart.

Poesias, por J. M. GOULARD D'ANDRADE, contendo : *livro bom, livro prohibido, livro intimo*, 1 v. in-8°, br.

Tratado Elementar de Photographia Pratica, por G.H. NIEWENGLOWSKI, traducção brasileira, 1 v. in-8°, br.

Geographia = Estatistica

BRASIL



Republica federativa composta de 20 Estados e um Districto Federal. Constituição de 24 de Fevereiro de 1891. O Senado compõe-se de 63 representantes, sendo 3 por cada Estado e outros 3 pelo Districto Federal, renovando-se o Senado pelo terço triennalmente. A Camara dos Deputados compõe-se de 212 representantes (um por 70.000 hab.), eleitos mediante suffragio directo por trez annos. O presidente e o vice-presidente da Republica são eleitos por 4 annos e tambem por suffragio directo. É eleitor todo o Brasileiro maior de 21 annos que se alistar na forma da lei.

Aos 20 Estados acima referidos accresce o chamado territorio do Acre, que pelo decreto n. 5188, de 7 de Abril de 1904, foi dividido em trez zonas ou departamentos administrativos com estas denominações : *Alto Acre*, *Alto Purús* e *Alto Juruá*. Cada um d'elles é administrado por um prefeito de nomeação do presidente da Republica, havendo em Manaus um delegado do Governo Federal para centro de informações e transmissão de ordens. Todo esse territorio constitue uma comarca com um juiz de direito e trez juizes de districto.

— Area, 8.525.055 kls. qs., comprehendida a permuta de territorios estipulada pelo recente tractado de Petropolis. — População (segundo o recenseamento de 1890) 14.333.915 hab.; presume-se que a actual não seja inferior a 18.000.000 e ha quem com boas razões a eleve a 21.000.000. Um estudioso de estatisticas faz os calculos seguintes a respeito da população :

ENIGMA

Aos charadistas portuguezes

Descubram qual é o nome
D'um rio de Portugal
Que, intercalando pronome,
Dá roedor animal;

Se, porém, não levam gosto
Em tal interposição,
Com o pronome posposto
Outro roedor terão.

D. Adelia F. M. Dorea. (Bahia).

A população do Brasil em 1906

(Estimativa exaggerada).

	ESTADOS	AREA EM klms. QUADRADOS	POPULAÇÃO	HABTS. por KLM.
1	Alagôas	58.491	937.920	16,0
2	Amazonas	1.897.020	288.000	0,1
3	Bahia	426.427	2.802.000	6,5
4	Ceará	104.250	1.200.000	11,4
5	Districto Federal	1.394	876.000	62,8
6	Espirito-Santo	44.839	241.920	5,3
7	Goyaz	747.311	408.000	0,5
8	Maranhão	459.884	792.000	1,7
9	Matto-Grosso	1.379.651	188.400	0,1
10	Minas-Geraes	574.885	5.132.880	8,0
11	Pará	1.149.712	782.880	0,6
12	Parahyba	74.731	716.200	9,5
13	Paraná	221.319	432.000	1,9
14	Pernambuco	128.395	2.507.400	19,5
15	Piauhy	301.797	510.000	1,6
16	Rio Grande do Norte	57.485	488.640	8,5
17	Rio Grande do Sul	236.553	1.620.000	6,8
18	Rio de Janeiro	68.972	1.560.000	22,6
19	Santa Catharina	74.156	486.960	6,8
20	São Paulo	290.876	3.024.000	10,3
21	Sergipe	39.090	540.000	13,8
	Total	8.337.218	25.534.200	3,8

Para o calculo do presente quadro serviu de base o organisado pelo Dr. Antonio de Toledo para 1900, admittindo-se augmento de 20 o/o nos seis annos desde então decorridos, acrescimo correspondente á duplicação observada do numero de habitantes em trinta annos. Comtudo, a população mais provavel para 1908 será de 18 a 20 milhões de habitantes.

Limites. — Confina ao *Norte* com as Guianas Franceza, Hollandeza e Ingleza e as republicas de Venezuela e Estados-Unidos da Colombia; a Oeste e SO. com as republicas do Perú, da Bolivia, do Paraguai e Argentina; ao S. com a Republica do Uruguai; a SE, E.e NE. com o Oceano Atlantico, tendo por pontos extremos:

Ao *Norte*, na serra Roruima, a nascente do rio Cotingo, aos 5° — 9′ — 40″ lat. N. e 17° — 34′ — 20″ long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 60° 44′ 41, 15 O. de Greenwich.

A *Leste*, Ponta de Pedras, na costa de Pernambuco, aos 7° — 37′ — 30″ lat. S. e 8° — 22′ — 01″,15 long. E. do Obs. do Rio-de-Janeiro ou 34° — 48′ — 02″ O. de Greenwich.

Ao *Sul*, a barra do arroio Chui, no Oceano Atlantico, aos 33° — 45′ — ″00 lat. S. e 10° — 21′ — 27″,10 long. O. do Obs. do Rio-de-Janeiro ou 53° — 31′ — 48″,25 O. de Greenwich.

Oeste (actualmente) a nascente do Rio Jaquirana, aos 7° — 11′ — 48″,10 lat. S. e 30° — 37′ — 23″,35 long. O. do Obs. do Rio-de-Janeiro ou 73° — 47′ — 44″,50 O. de Greenwich, ponto commum ao Brasil, Perú e Bolivia

A sua maior extensão entre os pontos terminaes, na linha *Norte-Sul*, é de 4.310 kilometros, e na linha *Este-Oeste* de 4.300 kilometros.

Aspecto physico, serras e chapadões. — A maior parte do paiz consta de um planalto de 300 a 1000 metros de altura, limitado ao N. e a O. pelas grandes depressões continentaes do Amazonas e do Paraguai, quasi unidas por meio do valle do Madeira e de seu tributario o Guaporé. Comprehende tambem parte do planalto da Guiana, a maior parte da depressão do Amazonas e a parte superior da do Paraguai. A estas quatro divisões ainda ha que juntar uma região maritima, que occupa uma estreita facha entre o Oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro.

Embora representem-n'o geralmente como montanhoso, o planalto brasileiro consta em grande parte de chapadões profundamente excavados pelos valles de numerosos rios. As verdadeiras montanhas, — as que são devidas ao soleva-mento — existem principalmente a Leste e no centro, e podem considerar-se como constituindo duas cadeias quasi separadas pelos altos chapadões da bacia do S. Francisco e da do Paraná.

A cadeia oriental ou maritima acompanha a costa do Atlantico a pequena distancia do littoral, desde as proximidades do cabo de S. Roque, e vai quasi até aos limites meridionaes do paiz.

A cadeia central ou goiana occupa uma parte do Sul de Goiaz, parte do Estado de Minas a Oeste do S. Francisco, e junta-se á cadeia oriental por uma lom-bada transversal que se extende para Oeste atravez do Sul de Minas. Esta lom-bada transversal faz parte da grande divisoria das aguas do continente, exten-dendo-se na direcção E. O., e á qual geralmente chamam Serra das Vertentes, denominação impropria, porque uma parte consideravel da divisoria das aguas não é precisamente montanhosa.

As montanhas do systema oriental formam uma zona longa e comparativa-mente estreita, de cêrca de vinte leguas na sua maior largura, nos Estados ao Sul do Rio-de-Janeiro, de quatro ou cinco vezes mais no Sul de Minas-Geraes, de cincoenta ou sessenta leguas a Leste do rio S. Francisco.

Nos Estados do Paraná, S. Paulo, Rio-de-Janeiro, Espirito-Sancto e no S. E. de Minas-Geraes, onde esta cadeia chega ao seu maior desenvolvimento, ha duas divisões parallelas bem definidas : a serra do Mar e a serra da Mantiqueira, que se extendem de S. O. para N. E. Os pontos culminantes são : os picos dos Orgãos deante da bahia do Rio-de-Janeiro (2232 m.), na serra do Mar; e o Itatiaia (2994 m.), o mais elevado do Brasil, na serra da Mantiqueira, no angulo dos trez Estados do Rio-de-Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Ao Norte do parallelo do Rio-de-Janeiro, a linha culminante da cadeia passa da serra da Mantiqueira, que continúa na direcção de N. E., para um ramal que, sob o nome de serra do Espinhaço, encaminha-se para o Norte ao longo da margem oriental da bacia do S. Francisco. Os pontos mais elevados d'esta serra

são os picos de Itacolumi (1750 m.), e Caraça (1955 m.), proximo a Ouro-Preto, Piedade (1787 m.) junto a Sabará, e Itambé (1817 m.) na região de Diamantina. As montanhas d'esta cadeia oriental tornam-se mais baixas ao Norte e ao Sul dos Estados mencionados, e ao Norte do S. Francisco são representadas por pequenas serras e cabeços isolados.

A cadeia central ou goiana consta pelo menos de duas divisões distinctas : a das serras da Canastra e Matta da Corda, que se extendem em direcção geralmente septentrional desde as cabeceiras do S. Francisco até á margem meridional da bacia do grande affluente occidental, o Paracatú, e a das montanhas do Sul de Goiaz, que se extendem na direcção de N. E. entre as cabeceiras das bacias do Tocantins-Araguaia e do Paraná.

A primeira destaca-se da lombada mencionada, que da serra da Mantiqueira se extende atravez do Sul de Minas-Geraes. Seu ponto culminante é a serra da Canastra, onde nasce o S. Francisco, com a elevação de 1282 metros.

Da segunda ainda não se póde traçar com precisão nem a extensão, nem os limites, pois os conhecimentos que se possúem da geologia e topographia d'aquella região não permittem distinguir as verdadeiras montanhas, devidas a solevamento, das que são devidas á denudação de estratos horizontaes. E' assim impossivel estabelecer até que ponto as várias divisorias das aguas que irradiam de Goiaz devem classificar-se com as suas montanhas, e determinar si formam ou não um systema distincto.

(*Orv. Derby*).

Altitude das principaes montanhas do Brasil

Ceará

	Metros
Serra Ibiapaba (ponto culminante)	1.020
Serra de Maranguape	920
Serra de Maruóca	850
Serra do Aratanha	780
Serrote do Joá	620

Parahiba

Cordilheira de Borborema	264

Pernambuco

Serra do Gigante	921
Serra de Garanhuns	845
Serra do Exú	631

Alagôas

Garganta da serra do Olho de Agua de Paula	301
Jatobá	299

Sergipe

Serra de Itabaiana	860

Bahia

	Metros
Morro de Commandatuba	600
Monte Paschoal	536
Cimo da Serra-Grande	500
Serra de Itiúba	436

Espirito-Sancto

Serra de Itapemirim	2.100
Serra de Itabapoana	1.430
Morro Mestre-Alvares	980

Rio-de-Janeiro

Serra dos Orgãos, Pedra Assú	2.232
Serra dos Orgãos, pico medido por Liais	2.011
Serra das Almas, trez Picos do Matheus	1.880
Frade de Macahé	1.750
Serra do Tinguá	1.650
Morro do Frade (Mambucaba)	1.640
Serra da Onça	1.400

	Metros
Districto federal	
Pico do Andarahi.	1.025
Pico do Corcovado	697
Paineiras (Corcovado).	464
Pão de Açucar.	385
Antiga Caixa da Carioca . . .	209
Minas-Geraes	
Itatiaia (Agulhas Negras). . . .	2.994
Itatiaia (Pyramides)	2.500
Pico do Passa-Quatro (Serra da Mantiqueira).	2.252
Serra do Caraça	1.955
Pico do Itambé.	1.817
Alto da serra da Piedade em Sabará.	1.787
Pico de Itacolomi (Ouro-Preto)	1.750
Pedra-Branca, junto á cidade de Caldas	1.710
Pico de Itabira do Campo. . .	1.520
Morro da Moeda	1.455
Alto da Serra na estrada de Barbacena.	1.288
Serra do Ouro-Branco, ao Sul de Ouro-Preto	1.260
S. Paulo	
Serra do Macuco	1.400
Serra de S. Roque	900
Paraná	
Serra da Ribeira	1.000
Sancta-Catharina	
Serra do Mirador.	492
Rio-Grande do Sul	
Aceguá	621
Sancta-Tecla	573
Herval.	500
Sanct'Anna.	490
Matto-Grosso	
Serra de Maracajú	618
Nioac	220
Goiaz	
Chapada dos Veadeiros. . . .	1.678
Serra dos Pyreneus.	1.385
Serra da Tabatinga.	880

Rios principaes, com a sua extensão approximada:

Bacia do Amazonas

	Kms		Kms
Amazonas.	5.400	Guaporé	1.716
Madeira	3.240	Negro	1.551
Purús	3.000	Içá.	1.452
Tocantins	2.640	Jutahi	1.056
Araguaia.	2.627	Teffé.	990
Trombetas	1.992	Javari	660
Xingú	1.980	Coari	594
Juruá	1.980	Branco.	560
Japurá.	1.848		

Bacia do Rio da Prata

	Kms		Kms
Paraná.	4.390	Iguassú.	1.320
Paraguai.	2.078	Tieté.	1.122
Uruguai	1.650	Paranahiba.	957
Grande (Minas).	1.353	Paranapanema	660

Bacia do S. Francisco

	Kms		Kms
S. Francisco (Liais)	2.900	Paracatú	627
Rio das Velhas (navegavel)	1.135	Preto (affl. do Paracatú)	528
Verde Grande (40 kms., navegavel)	792	Urucuia	501

Bacias secundarias

	Kms		Kms
Parnahiba (do Piauhi, navegavel até á foz do Canindé)	1.716	Gurupi	800
Itapicurú (do Maranhão)	1.650	Parahiba do Sul	792
Mearim (do Maranhão)	1.095	Pardo (Bahia)	792
Jequitinhonha	1.082	Rio de Contas (Bahia)	550
Doce	977	Vasa-Barris (Sergipe)	530
Canindé	858	Mucuri	528
		Paraguassú (Bahia)	520

Distancia em milhas do Rio-de-Janeiro a Manaus e Porto-Alegre

Para o Norte

	Milhas
Rio-de-Janeiro a Bahia	734
Bahia a Maceió	270
Maceió a Recife	120
Recife a Parahiba	70
Parahiba a Natal	78
Natal a Fortaleza	260
Fortaleza a S. Luiz	360
S. Luiz a Belém	250
Belém a Breves	146
Breves a Gurupá	123
Gurupá a Porto de Móz	48
Porto de Móz a Prainha	96
Prainha a Montalegre	41
Montalegre a Santarem	60
Santarem a Obidos	68
Obidos a Villa-Bella	95
Villa-Bella a Itacoatiara	137
Itacoatiara a Manaus	110

Rio-de-Janeiro a Bahia	734
Rio-de-Janeiro a Recife	1.124
Rio-de-Janeiro a Fortaleza	1.532
Rio-de-Janeiro a S. Luiz	1.892
Rio-de-Janeiro a Belém	2.142
Rio-de-Janeiro a Manaus	3.066

Para o Sul

Rio-de-Janeiro a Santos	202
Santos a Paranaguá	142
Paranaguá a Antonina	15
Antonina a S. Francisco	29
S. Francisco a Florianopolis	65
Florianopolis a Rio-Grande	349
Rio-Grande a Pelotas	27
Pelotas a Porto-Alegre	106

Rio-de-Janeiro a Santos	202
Rio-de-Janeiro a Paranaguá	344
Rio-de-Janeiro a Antonina	359
Rio-de-Janeiro a S. Francisco	388
Rio-de-Janeiro a Florianopolis	453
Rio-de-Janeiro a Rio-Grande	802
Rio-de-Janeiro a Pelotas	829
Rio-de-Janeiro a Porto-Alegre	935

De Montevidéu a Cuiabá	2.091

Nascimento e Occaso do Sol

MEZES	DIAS	R. G. Sul		Paraná		Rio		Pernambuco		Pará	
		N	O	N	O	N	O	N	O	N	O
		h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.
Janeiro	1	5 4	7 4	5 18	6 50	5 20	6 4	5 48	6 20	6 0	6 8
—	11	5 11	7 6	5 24	6 52	5 26	6 50	5 52	6 24	6 3	6 13
—	21	5 19	7 2	5 31	6 48	5 33	6 49	5 57	6 25	6 7	6 15
Fevereiro	1	5 31	6 57	5 40	6 47	5 42	6 46	6 2	6 26	6 10	6 16
—	11	5 39	6 50	5 47	6 42	5 48	6 41	6 4	6 25	6 11	6 18
—	21	5 46	6 41	5 52	6 36	5 54	6 35	6 5	6 23	6 10	6 18
Março	1	5 52	6 33	5 56	6 29	5 57	6 28	6 6	6 19	6 9	6 16
—	11	5 59	6 31	6 1	6 19	6 1	6 29	6 5	6 15	6 7	6 13
—	21	6 5	6 9	6 5	6 9	6 5	6 9	6 4	6 10	6 4	6 10
Abril	1	6 13	5 55	6 9	5 58	6 9	5 58	6 4	6 3	6 1	6 6
—	11	6 18	5 44	6 14	5 48	6 13	5 49	6 3	5 59	5 59	6 3
—	21	6 24	5 34	6 18	5 40	6 17	5 41	6 3	5 55	5 57	6 1
Maio	1	6 31	5 23	6 22	5 32	6 21	5 33	6 3	5 51	5 56	5 58
—	11	6 37	5 15	6 27	5 25	6 25	5 27	6 4	5 48	5 55	5 57
—	21	6 42	5 10	6 31	5 21	6 29	5 23	6 5	5 41	5 55	5 57
Junho	1	6 49	5 6	6 36	5 19	6 34	5 21	6 8	5 47	5 56	5 59
—	11	6 53	5 6	6 40	5 19	6 38	5 21	6 10	5 49	5 58	6 1
—	21	6 57	5 6	6 43	5 20	6 41	5 22	6 13	5 50	6 1	6 2
Julho	1	6 57	5 10	6 44	5 23	6 42	5 25	6 14	5 53	6 2	6 5
—	11	6 57	5 14	6 44	5 26	6 42	5 28	6 14	5 56	6 5	6 5
—	21	6 53	5 20	6 42	5 31	6 40	5 33	6 16	5 57	6 6	6 7
Agosto	1	6 46	5 26	6 38	5 35	6 36	5 37	6 15	5 58	6 6	6 7
—	11	6 38	5 32	6 30	5 40	6 29	5 48	6 13	5 58	6 4	6 9
—	21	6 29	5 38	6 23	5 44	6 22	5 45	6 9	5 58	6 3	6 4
Setembro	1	6 17	5 43	6 13	5 47	6 21	5 48	6 3	5 57	5 59	6 1
—	11	6 5	5 48	6 1	5 51	6 12	5 51	6 1	5 52	5 55	5 58
—	21	5 52	5 54	5 52	5 54	5 52	5 54	5 52	5 54	5 51	5 55
Outubro	1	5 40	6 0	5 42	5 58	5 42	5 58	5 46	5 54	5 46	5 52
—	11	5 28	6 6	5 32	6 2	5 33	6 1	5 41	5 53	5 45	5 49
—	21	5 17	6 13	5 23	6 7	5 24	6 6	5 37	5 53	5 42	5 48
Novembro	1	5 6	6 21	5 15	6 12	5 16	6 11	5 33	5 52	5 41	5 46
—	11	4 59	6 29	5 10	6 18	5 11	6 17	5 32	5 56	5 41	5 47
—	21	4 54	6 38	5 6	6 26	5 8	6 24	5 32	6 0	5 42	5 50
Dezembro	1	4 51	6 48	5 6	6 33	5 8	6 31	5 35	6 6	5 46	5 53
—	11	4 53	6 53	5 7	6 40	5 9	6 38	5 37	6 10	5 49	5 58
—	21	4 57	6 59	5 11	6 45	5 13	6 43	5 42	6 14	5 54	6 2

PROBLEMA DO VIAJANTE

Um sujeito andou mais doze kilometros que a metade do caminho que desejava fazer, e, apezar de ser o resto apenas um quinto, desistiu e voltou para traz. Não se pergunta se o homem é tolo, o que está sabido, mas quantos kilometros percorreu.

As Estações.

Verão..... de 21 de Dezembro a 20 de Março.
Outomno..... de 20 de Março a 21 de Junho.
Inverno..... de 21 de Junho a 23 de Septembro.
Primavera..... de 23 de Septembro a 21 de Dezembro.

A Hora no Brasil.

Quando na Capital Federal é meio-dia :

Differença de hora entre cidades do Brasil

	H.	M.	S.
Rio-de-Janeiro	12	0	0
Manaus.....	10	52	41
Belém.....	11	38	45
S. Luiz.....	11	55	34
Therezina	12	1	56
Fortaleza.....	12	18	29
Natal.....	12	31	28
Parahiba.....	12	33	16
Recife.....	12	33	7
Olinda	12	33	13
Maceió	12	29	51
Aracajú	12	24	12
S. Salvador.....	12	18	36
Victoria	12	11	34
Petropolis	12	0	0
Parahiba do Sul.....	11	58	30
Nicteroi	12	1	1
Campos	12	7	4
S. Paulo	11	46	8
Santos	11	47	25
Campinas.....	11	44	12
Amparo	11	45	16
Rio-Claro	11	42	4
Casa-Branca	11	43	36
Piracicaba	11	41	52
Sorocaba	11	42	48
Taubaté	11	50	20

	H.	M.	S.
Curitiba	11	34	52
Paranaguá.....	11	38	40
Antonina	11	37	24
Florianopolis	11	38	36
S. Francisco.....	11	38	0
Porto-Alegre	11	27	40
Pelotas.....	11	22	44
Rio-Grande	11	23	48
Bagé.....	11	15	56
Uruguaiana.....	11	4	36
Alegrete.....	11	9	8
Itaqui.....	11	6	52
Jaguarão	11	18	52
Livramento.....	11	10	36
S. Gabriel.....	11	14	28
Ouro-Preto	11	56	32
Barbacena	11	56	44
Juiz de Fóra.....	11	58	48
Leopoldina	11	58	20
S. João d'El-Rei	11	54	52
Campanha.....	11	51	8
Marianna.....	11	57	0
Uberaba.....	11	40	12
Goiaz.....	11	32	12
Cuiabá	11	8	16
Corumbá	11	2	8

Navegação

Várias companhias de navegação fazem o serviço costeiro, umas subvencionadas pelo Estado, outras com recursos exclusivamente seus, a saber entre as mais importantes :

Lloyd Brasileiro, que mantem as seguintes :

Linhas de navegação. — Entre o Rio-de-Janeiro e Manaus, com escalas pelos

portos de Victoria, Bahia, Maceió, Pernambuco, Parahiba, Natal, Ceará, Maranhão, Pará, Obidos e Santarém.

Entre o Rio de Janeiro e New-York (Est. Unidos).

Entre o Rio-de-Janeiro e Rosario de Sancta Fé, com escalas por Santos, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande, Montevidéu, e Buenos-Aires.

Entre o Rio-de-Janeiro e Porto-Alegre, com escalas por Santos, Cananéa, Iguape, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande e Pelotas.

Entre o Rio-de-Janeiro e Maceió, com escalas por Ponta d'Arêa, Caravellas, Bahia, Estancia, Aracajú e Penedo.

Entre o Rio-de-Janeiro e a Bahia, com escalas por Cabo-Frio, Itapemirim, Piuma, Benevente, Guarapari, Victoria, Sancta-Cruz (Espirito-Sancto), Barra e Cidade de S. Matheus, Viçosa, Caravellas, Alcobaça, Prado, Porto-Seguro, Sancta-Cruz (Bahia), Canavieiras e Ilhéos.

Entre o Rosario de Santa Fé e Cuiabá, com escalas por Paraná, La Paz, Goyaz, Bella Vista, Corrientes, Cerrito, Humaitá, Pilar, Villa Franca, Assumpção, Rosario, Conceição, Foz do Apa, Olympo, Coimbra, Albuquerque, e Corumbá.

Entre os portos de Sancta-Catharina.

Entre os portos da Bahia e entre o Rio-Grande e Porto-Alegre

Existe mais uma linha especial para cargas entre o Rio-de-Janeiro, Porto-Alegre e o Pará.

Companhia Nacional de Navegação Costeira (do Rio-de-Janeiro a Perrambuco e a Porto-Alegre);

Empresa Esperança Maritima (do Rio-de-Janeiro a Macau e a Porto-Alegre;

Empresa de Navegação (do Rio a Caravellas).

Empresa de Sal e Navegação (Norte e Sul).

— As communicações maritimas internacionaes são feitas pelas seguintes companhias de paquetes:

Messageries Maritimes, Rio-de-Janeiro a Bordéus	5139	milhas
Transports Maritimes, — — a Marselha	5384	—
Chargeurs Réunis, de Santos ao Havre	5289	—
Royal Mail, do Rio a Southampton	5313	—
Pacific Steam Navigation, do Rio a Liverpool	5671	—
Liverpool-Brazil and River-Plate Steamers, do Rio-de-Janeiro a Liverpool	5671	—
Prince Line, de Santos a Nova-York	4146	—
La Veloce, do Rio a Genova	4991	—
Navigazione Generale Italiana, do Rio a Genova	4991	—
La Ligure Brasiliana (Santos-Genova).		
Hamburg-America Linie.		
Hamburg-Südamerikanische Dampfschifffahrts-Gesellschaft, de Santos a Hamburgo	5719	—
Robert M. Sloman et Cº (Hamburgo-Nova-York-Brasil).		
Norddeutscher Lloyd Bremen, de Porto-Alegre a Bremen	6673	—
Lloyd Austr. e Real Hung. Adria, de Santos a Trieste	6600	—

Os paquetes d'estas companhias fazem quasi todos escala por Bahia e Pernambuco, tocando alguns em Victoria e Maceió.

Alem d'estas linhas existem outras interestadoaes de menor importancia, mas de grande movimento, sem falar nas pequenas emprezas de navegação fluvial a vapor em quasi todos os rios de leste e norte do Brasil.

Porto do Rio de Janeiro.

Com os poucos elementos de que dispomos organizamos as tabellas relativas ao movimento maritimo de 1905.

Os mappas que em seguida publicamos, demonstrarão o referido movimento e delles se verá que no anno que passamos em revista tivemos 2.188 entradas e 2.175 sahidas; sendo de longo curso 992 entradas e 928 sahidas, e por cabotagem 1.196 entradas e 1.247 sahidas.

Para os navios de longo curso a tonelagem nas entradas foi a seguinte :

Navios de vela ..	71.142	tons.
Vapores	2.077.296	—

e nas sahidas :

Navios de vela ..	68.471	—
Vapores	1.968.540	—

A tonelagem dos navios estrangeiros em transito ou entrados dos portos nacionaes foi a seguinte :

Navios de vela ..	3.061	tons.
Vapores.....	478.079	—

e a dos navios sahidos :

Navios de vela...	979	—
Vapores	584.778	—

Os navios nacionaes entrados por cabotagem tiveram a tonelagem seguinte :

Navios de vela ..	23.289	tons.
Vapores.....	322.902	—

e os navios sahidos a seguinte :

Navios de vela ..	22.767	—
Vapores.....	316.315	—

Comparando o movimento de navegação com o do anno de 1904, verifica-se que houve no corrente anno uma differença para menos de 26 navios nas entradas e 9 nas sahidas.

— O desenvolvimento da viação ferrea já excede de 17.000 kilometros em trafego. A extensão das redes telegraphicas é de 25.000 kilometros com desenvolvimento que excede 47.000.

Commercio e Finanças

Situação economica. — O movimento geral do commercio da Republica com o exterior, segunde os dados fornecidos pela Repartição de Estatistica Commercial, elevou-se em 1905 á somma de 1.114.454:426$, papel, equivalente a £ 72.761.880, e em 1904 á de 1.288.955:307$, papel, ou £ 65.345.559, verificando-se, portanto, um augmento de £ 7.416.321 no valor real da exportação e importação do anno de 1905.

Esses grandes valores assim se decompõem :

1904	Exp.	776.367:418$ ou £	39.430.136
	Imp.	512.587:889$ —	25.915.423
1905	Exp.	684.831:785$ —	44.643.113
	Imp.	429.622:641$ —	28.118.767

Vê-se que o excesso da exportação sobre a importação de mercadorias foi em 1904, em que regulou a taxa cambial

média de 12 7/32, de 263.779:529$, papel, ou £ 13.514.713; e em 1905, com a média cambial de 15 57/64, de 255.209:144$, papel, ou £ 16.524.346, havendo, portanto, um augmento de £ 3.009.633 no valor real do saldo de 1905 sobre o de 1904.

As differenças para menos em papel, do anno de 1905, confrontando com o de 1904, de 91.535:633$ na exportação e de 82.965:248$ na importação, resultam da elevação da taxa cambial, pois o valor real da exportação em 1905 augmentou de £ 5.212.977 e o da importação de £ 2.203.344.

Effectivamente, as quantidades das mercadorias exportadas no anno findo e seus correspondentes valores em ouro apresentam sensiveis augmentos, sendo dignos de nota : — o assucar, cuja exportação, de 7.861.450 kilos em 1904, attingio em 1905 a 37.746.510 kilos; — a borracha de seringa, de 28.792.206 kilos a 32.073.285; — o café, de 10.024.536 a 10.820.661 saccas; — caroços de algodão, de 26.600.538 kilos a 37.493.736 kilos; — o algodão, de 13.262.738 a 24.081.753 kilos — e a farinha de mandioca, cuja diminuta exportação anterior teve um accrescimo de 1.296.070 kilos. Só o fumo e a herva-matte apresentam diminuição nas quantidades exportadas, que baixaram respectivamente de 3.573.697 e 3.042.122 kilos.

No quinquennio de 1901 a 1905 foi o seguinte o movimento do commercio com o exterior :

Annos	Importação	Exportação	Saldos da exportação
1901	£ 21.377.003	£ 40.621.993	£ 19.244.990
1902	£ 23.279.418	£ 36.437.456	£ 13.158.038
1903	£ 24.207.810	£ 36.883.175	£ 12.675.365
1904	£ 25.915.423	£ 39.430.136	£ 13.514.713
1905	£ 28.118.767	£ 44.643.113	£ 16.524.346

A este movimento commercial, que se póde considerar satisfactorio, tem correspondido uma arrecadação lisonjeira da renda.

Situação financeira. — A das Alfandegas da União foi em 1905 de 177.735:851$, papel, e 53.775:501$, ouro, havendo, portanto, um augmento de 15.936:635$, papel, e 7.187:543$, ouro, sobre a do anno anterior.

A dos impostos de consumo foi no mesmo exercicio de 36.015:892$, conforme os dados conhecidos e ainda incompletos, demonstrando desde já um augmento de 822:412$, sobre a de 1904.

Da arrecadação das alfandegas no primeiro trimestre do corrente anno é já conhecida a renda de 40.138:743$, papel, e 16.871:979$, ouro, ou menos 7.751:381$, papel, e mais 4.319,467$, ouro, do que em igual periodo do anno passado.

A renda da exportação do territorio do Acre tem tido consideravel augmento. Tendo produzido para a União, em 1903, 570:502$529, subio a 2.376:932$377 em 1904, a 8.416:972$068 em 1905, elevando-se já a 4.458:680$ no primeiro trimestre deste anno.

A lei n. 1.313, de 30 de Dezembro de 1904, orçou a receita geral da Republica para 1905 em 47.844:880$889, ouro, e 260.813:000$, papel, excluidas as quantias que poderiam ser arrecadadas para obras de melhoramentos de portos nos Estados e cuja cobrança não foi ordenada.

A renda escripturada á vista dos balanços já recebidos das Delegacias Fiscaes e repartições desta Capital, é de 45.133:136$704, ouro, e 227.808:320$154, papel; a conhecida pelas demonstrações vindas das Delegacias e ainda não escripturada é de 10.206:144$679, ouro, e 50.870:322$821, papel; e a do trimestre addicional é estimada em 1.000:398$430, ouro, e 9.073:083$979 papel.

Reunidas estas parcellas, verifica-se ser a receita approximada do exercicio de 56.359:679$813, ouro, e 287.751:726$954, papel, não cumputados os depositos.

Do confronto desses algarismos resulta que a renda arrecadada excedeu a estimativa orçamentaria em 8.514:798$924, ouro, e 26.938:726$954, papel.

A despeza do exercicio foi fixada em 46.794:481$720, ouro, e 273.679:237$085, papel, excluidas as quantias para obras de melhoramentos de portos nos Estados, não arrecadadas.

Addicionando-se a essas importancias as de 1.677:207$042, ouro, e 27.808:249$389, papel, de despezas feitas por conta de creditos especiaes, extraordinarios e supplementares pertencentes ao exercicio, ter-se-ha a despeza effectiva de 48.471:688$762, ouro, e 301.487:486$174, papel.

Comparando a arrecadação com a despeza effectuada, obtem-se o seguinte resultado :

Arrecadação, ouro ..	56.359:679$813
Despeza, ouro	48.471:688$762
Saldo, ouro.....	7.887:991$051
Arrecadação, papel..	287.751:726$954
Despeza, papel.....	301.487:486$474
Deficit, papel.....	13.725:759$520

Divida Externa

Importa (em Setembro de 1906) em...	£ 69.847.017-9-9

Divida Interna

Divida interna fundada (em Setembro de 1906.	Rs 558.476:600$000

Obras do Porto (*Setembro de 1906*)

CONTA ESPECIAL DO EMPRESTIMO DE £ 8.500.000 PARA AS OBRAS DO PORTO DO RIO DE JANEIRO (OURO)

Liquido do emprestimo de	£ 8.500.000	4.778.631-4-5
Entradas do emprestimo de	£ 3.000.000	2.910.000-0-0
		7.688.631-4-5

Abatendo as despezas do emprestimo de £ 3.000.000 :

Commissão de 1 3/4 aos Agentes Financeiros.....	52.500-0-0	
Corretagem de 1/4 idem.....	7.500-0-0	
Sello inglez de 1/2 0/0	15.000-0-0	
Impressão dos titulos e outras despezas.....	2.317-19-8	
Descontos por antecipação de entradas.....	8.117-11-6	85.494-11-2
		7.603.136-13-3

Juros abonados, a saber :

Em 1903.....	49.613-16-3	
Em 1904.....	82.125-7-6	
Em 1905.....	62.800-0-6	
Em 1906 (até Junho).....	54.834-0-3	249.373-4-6
		7.852.509-17-9

Abatendo-se :

Saques feitos até 31 de Dezembro de 1905.....	3.800.000-0-0	
Pagamentos a G. H. Walker et C., até Junho de 1905.....	206.162-5-2	
Idem de Junho a Dezembro 1905.	179.204-9-5	
Idem de Janeiro a Julho 1906...	241.794-19-5	4.427.161-14-0
Saldo		3.425.348-3-9

CONTA ESPECIAL DO EMPRESTIMO PARA AS OBRAS DO PORTO DO RIO DE JANEIRO (PAPEL)

Receita

Arrecadada pela Commissão das Obras do Porto e recolhida ao Thesouro :

	Papel	
Em 1903	185:038$020	
Em 1904.....	2,909:489$135	
Em 1905.....	2.879:666$496	
Em 1906 até Julho	984.780$502	6.958:974$453
Saques a diversos cambios da importancia de £3.800.000.		
Em 1903	43.101:593$500	
Em 1904.....	11.845:758$000	
Em 1905	14.469:486$200	69.416.837$700
		76.375:512$153

Despeza

Importancia entregue á Commisão das Obras do Porto :		
Em 1903	10.000:000$000	
Em 1904.....	39.907:965$079	
Em 1905	15.100:000$000	
Em 1906.....	7.100:000$000	
	72.107:960$079	
Juros do emprestimo de 17.300:000$000 :		
Em 1903, 2º semestre	432:500$000	
Em 1904, 1º e 2º semestres...	865:000$000	
Em 1905, 1º e 2º semestres...	865:000$000	
Em 1906, 1º semestre.....	432:500$000	74.702:965$079
Saldo		1.672:847$074

Papel moeda (*Setembro de 1906*)

O papel moeda em circulação que em 31 de Dezembro de 1902 era de..... 665.536:784$000
achava-se reduzida em 30 de Setembro a..... 666.998:313$500
e tendo sido depois dessa data autorizada a queima de mais de 2.000:000$, o que reduzirá a circulação a..... 664.998:313$500

A massa desse papel representava em 31 de Dezembro de 1902 o valor de £ 34.000.000, approximadamente, e hoje representa, ao cambio de 16, cêrca de 44.400.000.

A taxa de cambio que se mantinha ao nivel de 12 subio gradualmente, elevou-se a sua média a 12 7/6, em 1904, a 15 58/64, em 1905 e a 16 5/16 no 1º semestre do corrente anno.

Os titulos brasileiros, cuja depreciação era de 50 0/0 em 1899, alcançando uma alta de 35 0/0 até 1902, attingiram ao par.

Os titulos dos emprestimos internos estão todos acima do par.

Todos os pagamentos têm sido feitos pontualmente, tendo sido effectuados, sem emissão de titulos, nem de letras do Thesouro, o de £ 2.000.000 em 1904 da indemnisação á Republica da Bolivia, e neste anno á firma Armstrong o de £ 842.640, primeira prestação do contrato para a construcção de tres couraçados.

Não existem em circulação bilhetes do Thesouro.

O fundo de garantia, que em 31 de Dezembro de 1902 era apenas de £ 1.592.566-6-11 representa actualmente o valor de £ 4.021.574-18-4 e elevar-se-ha no fim do anno de 1906 a cerca de £ 5.250.000, com a arrecadação ouro, que lhe é destinada no 2º semestre deste anno, e com a conversão da renda do Acre que se apurar no actual exercicio.

Os fundos da amortização dos emprestimos internos papel, que em 31 de Dezembro de 1902 possuia em titulos..... 13.741:800$000
actualmente possue.. 20.669:500$000

O seguinte quadro mostra em resumo a differença entre a situação financeira em 1902 e a actual :

	31 de Dezembro de 1902	Em Outubro de 1906
Papel-moeda em circulação ..	675.536:784$000	666.998:313$500
Taxa cambial.....	12	15 1/2
Valor do papel-moeda em circulação.....	£ 34.000.000	£ 44.400.000
Titulos Brasileiros.....	85 0/0	ao par
Deposito em Londres (approximadamente).....	£ 2.000.000	£ 6.000.000
Fundo de garantia.....	£ 1.592.566-6-11	4.021.574-18-4

Convindo notar que até 31 de Dezembro proximo vindouro o papel-moeda terá soffrido ainda reducção de 2.000:000$, e o fundo de garantia elevar-se-ha approximadamente a libras 5.256.574-18-8.

Rendas federaes

Segundo o ultimo relatorio do ministro da Fazenda, em 1906, verificou-se augmento das rendas das Alfandegas da União.

A renda arrecadada foi :

	Ouro	Papel
Em 1905.....	53.775:501$000	177.735:851$000
Em 1904.....	46.587:958$000	161.799:216$000
Augmento.....	7.187:543$000	15.936:635$000

Reduzindo a receita em ouro, ao valor médio de 1$690 papel, por 1$ ouro, temos..... 12.146:947$

que, com a de..... 15.936:652$

dá um augmento total para 1905 de (papel) ..... 28.083:590$

A Exportação

As mercadorias principaes de exportação, além do *café* que é consideravelmente a primeira, são muito notavelmente a *borracha*, os *couros*, o *fumo*, a *herva mate*, as *pelles*, o *ouro e pedrarias*, e o *algodão;* nos ultimos annos a *monazite* e o *maganez* e a *lã* tem tomado grande incremento ao passo que vae o *assucar* desapparecendo como mercadoria exportavel. Em seguida registramos algumas notas estatisticas sobre as mercadorias de exportação, excluido o *café* cuja importancia economica já foi numericamente assignalada acima.

Nos ultimos annos de 1902 a 1906 A EXPORTAÇÃO CRESCEU DE 36 para 50 MILHÕES ESTERLINOS.

I. — A Monazite

Temos dados officiaes quanto ao Estado do Rio de Janeiro em 1906 :

« A exportação de areias monaziticas no nosso Estado augmentou do anno atrazado para o anno passado (1905) mais de 500 0/0.

No Itabapoana a *Société Minière Industrielle Franco-Brésilienne* installou uma usina modelo de concentração.

As areias brutas pobres, do teôr de 6 0/0 medio de monazite, o que corresponde a 36 0/0 de thorio, são concentradas até o teôr de 95 0/0 de monazite, ou 5,70 0/0 de oxydo de thorio, por meio de separadores electricos.

A usina da *Minière* trabalha com cerca de 90 pessoas e tem tres machinas a vapor de 20 cavallos cada uma, dous dynamos de 9 k. w. e cinco caldeiras de 15 k. w.

A sua producção mensal é de 60 toneladas.

Na Sapucaia, á margem do Parahyba, os Srs. Charles Rau et C. montaram tambem machinas electromagneticas para beneficiamento de areias. As machi-

nas electricas são em numero de sete, movidas por um dynamo de 15 k. w. e por um locomovel de 18 cavallos, e a producção mensal póde ser de cincoenta toneladas.

Julgam os industriaes ser este o modo mais racional de tratamento deste mineral raro, que em nenhuma parte se encontra em tanta quantidade, em tão alto teôr e em tão boas condições de exploração, como no Brasil, que, salvo uma pequena producção nos Estados Unidos, é o fornecedor da luz incandescente ao mundo inteiro.

Os depositos de monazite são importantes no Brasil, mas as jazidas não são inexgotaveis.

Abstenho-me de considerar a maneira por que se está fazendo a exportação deste raro mineral na zona presentemente arrebatada á jurisdicção dos Estados; a exportação de areias, ricas apenas, póde determinar, em tempo não muito romoto, a perda deste valioso patrimonio da Nação. »

Relatorio do Presidente do Estado,

II. — O ouro

Exportação de ouro de Minas Geraes

Annos	Grammas	Valor official			
1896.....	2.030.142	5.493.600$	1900..	4.420.422	13.804.978$
1897.....	2.153.035	6.743.322$	1901.....	4.045.802	10.986.375$
1898.....	3.272.795	10.958.958$	1902.....	3.813.794	9.591.091$
1899.....	3.974.273	12.999.847$	1903.....	3.970.945	9.923.222$
			1904.....	4.081.109	10.203.189$

III. — A borracha

A exportação da borracha no exercicio de Julho 1905 Junho 1906, calculada pelos differentes portos de embarque na região amazonica :

	Kilos
Embarques por Iquitos...	2.399.941
Embarques por Manáos ..	14.555.474
Embarques pelo Pará....	17.295.674
	34.251.089

A producção da borracha no Pará

SAFRAS	ILHAS	ITAITUBA	CAUCHO	TOTAL	STERLINAS
	tons	tons	tons	tons	
1905 a 1906.	10.105	947	830	11.882	£ 3.623.440
1904 a 1905.....	9.888	893	959	11.740	£ 3.462.391
1903 a 1904.....	9.861	836	665	11.362	£ 2.807.641
1902 a 1903.....	9.998	831	507	11.336	£ 3.059.000
1901 a 1902.....	8.355	845	133	10.333	£ 2.799.720
1900 a 1901..... ..	8.413	718	116	9.247	£ 2.647.185
1899 a 1900.....	9.124	803	30	9.957	£ 2.862.400

IV. — O xarque

(RIO-GRANDE DO SUL E PAIZES VISINHOS)

Matanças de gado vaccum e producção de xarque

SAFRAS por QUINQUENNIOS	RIO DA PRATA		RIO-GRANDE DO SUL	
	REZES	XARQUE	REZES	XARQUE
		toneladas		toneladas
1874 a 1878.....	5.811.000	464.880	1.250.700	108.500
1879 a 1883.....	5.470.000	437.600	1.391.000	111.128
1884 a 1888.....	5.723.840	457.840	1.645.634	131.047
1889 a 1893.....	7.165.000	573.200	1.736.178	157.974
1894 a 1898.....	7.368.000	589.440	1.812.219	122.893
1899 a 1903.....	5.158.000	412.640	1.803.468	137.642

Matanças de gado vaccum de 1900 a 1906

ANNOS	RÉP. ARGENTINA	URUGUAY	RIO-GRANDE DO SUL
1900.....	329.400	650.200	283.073
1901.....	403.000	627.500	300.376
1902.....	454.900	733.100	472.378
1903.....	269.100	693.700	471.251
1904.....	243.100	782.700.	490.353
1905.....	281.100	425.870	492.800
1906.....	275.500	726.800	558.693
TOTAL.....	2.256.100	4.639.870	3.068.924

V. — Pelles de cabras

(1901-1904)

ANNOS	KILOS	VALORES
1901.....	1.252.888	2.712.819$000
1902.....	1.483.813	7.384.422$000
1903.....	1.902.025	9.595.648$000
1904.....	2.520.447	13.068.092$000

Está-se fallando da intelligencia dos animaes :
— Pois o senhor atreve-se a dizer que ha cães que teem mais espirito que seus donos?
— Decerto : são raros, mas tenho eu um assim.

Portos pelos quaes se effectuou a exportação en 1903

PORTOS	VALOR	KILOS
Recife	4.764.388$	979.399
Fortaleza	2.694 179$	551.064
Bahia	1.907.545$	326.093
Pará	142.767$	28.751
Maranhão	83.334$	16.054
Manaus	3.129$	610
Rio de Janeiro	306$	54
TOTAL	9.595.648$	1.902.025

Paizes que importaram em 1903 :

Estados-Unidos	1.490.317 kilos
França	218.552 »
Inglaterra	192.090 »
Allemanha	1.031 »
Uruguay	35 »
TOTAL	1.902.025 kilos

VI. — **Algodão** (1)

ESTADOS	FARDOS DE 45 KILOS				
	1898/1899	1899/1900	1900/1901	1901/1902	1902/1903
Pernambuco	138.100	172.900	65.000	78.000	270.000
Parahyba	19.600	49.200	13.500	12.100	100.000
R. G. do Norte	18.200	44.100	12.600	15.300	30 000
Alagoas	13.800	30.200	9.300	8.700	50.000
Ceará	9.300	49.700	15.100	10.800	40.000
Maranhão	2.100	1.700	700	1.000	—
TOTAL	201.100	347.800	116.200	125.900	490.000

(1) A exportação do algodão augmentou consideravelmente e em 1905 foi de 24.082.000 kilogrammas.

A um menino perguntaram:
— Quantos premios ganhou você este anno no collegio?
— Dous.
— Porque?
— Um, por ter boa memoria.
— E o outro?
— O outro? Já não me lembro.

Os Estados

E' prospera a situação financeira dos Estados que compõem a União, apesar de um ou outro exemplo em contrario. No todo, a receita total dos Estados de 1905-1906 attinge :

Receita.....	177.000.000$000
Despeza.....	169.000.000$000
Saldo.....	8.000.000$000

Encerraram os seus orçamentos com *deficits* apenas *cinco* Estados : Rio G. do Norte, Parahyba, Bahia, Santa Catharina e Goiaz.

O **Districto Federal** tem a sua receita orçada, para 1907, em 26.032:991$000. As verbas mais importantes d'esta receita são : o imposto do gado (1.000:000$), imposto de licenças (3.000:000$), predial (12.000:000$), sanitario (2.300:000$), cobrança da divida activa (1.000:000$).

O novo Rio de Janeiro

O que está feito e o que se ha de fazer

A transformação rapida (e tão rapida que pareceu a todos maravilhosa) porque passou o Rio de Janeiro, tornou esta capital uma das mais bellas e talvez sem exaggero a mais bella cidade do mundo.

Não ha muito era commum achar escripto em todos os livros de viajantes, *touristes* e geographos, que só disputavam a belleza natural do Rio talvez Napoles, Constantinopla ou Sidney; mas ainda assim os partidarios mais numerosos formavam ao lado da esplendida Guanabara e das montanhas que a cercam, das suas ilhas verdejantes e pittorescas enseadas.

Com tudo essa belleza invejada trazia occultos venenos. Aqui campeiava a *febre amarella* terrivel; alastrou-se a reputação de clima mortifero, devida, aliás, a uma molestia importada e injustamente crida como propria da nossa terra; e a esse pavor juntava-se a decepção do viajante quando penetrava na cidade velha, cheia de beccos e ruas sem largueza, sem ar, com a architectura colonial dos seus edificios sem gosto e sem nenhum ar de conforto e de hygiene.

Um presidente da republica, o Dr Rodrigues Alves, tomou a peito, no seu curto quadriennio, destruir completamente essa reputação injusta, rehabilitar a cidade e ajuntar ás suasbellezas naturaes o encanto de uma reedificação completa, aproveitando e ainda aperfeiçoando todos os processos com que se teem transformado as tres ou quatro cidades européas de maior vulto. Para esse grande fim, teve o raro tacto de achar tres grandes auxiliares, homens admiraveis, activissimos e energicos

PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL

Planta indicativa dos calçamentos aperfeiçoados

executados na administracção do

PREFEITO-DR. F. P. PASSOS

1903 – 1906

BAHIA DE GUANABARA

LEGENDA

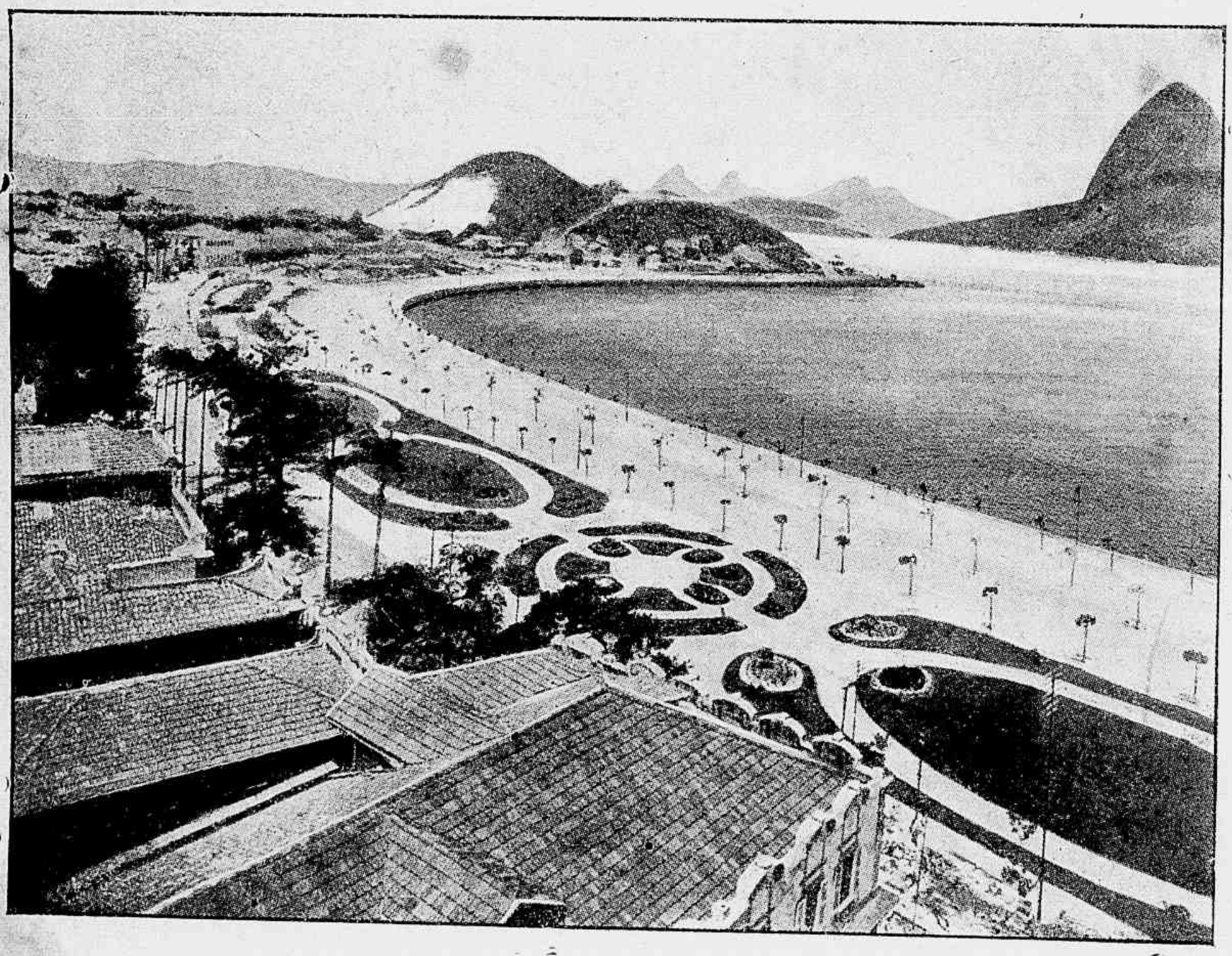
Calçamentos aperfeiçoados a asphalto

" " " parallelipipedos e tijolos vidrados

Áreas destinadas a mercados

Escala : 0 50 100 200 300 400 500 1000 metros

como não era possivel mais : OSWALDO CRUZ que saneou o Rio de Janeiro e poz termo á febre amarella, LAURO MULLER, cuja acção se extendeu por todo o paiz, e especialmente na capital fez construir o novo porto e as obras complementares, essa magnifica *Avenida* de mar a mar, com quasi doze



Aven da Beira-Mar.

kilometros ao travez das antigas ruas de cidade commercial, e PEREIRA PASSOS, o prefeito genial e o mais energico que tivemos e que dia a dia e por toda cidade creou maravilhosos jardins, como os da *Gloria*, da *Tijuca* de *São Christovam*, *Carioca* e do *Vallongo*, *S. Salvador*, abriu varias avenidas, a da *Uruguayana*, a da *Assembléa*, do *Marechal Floriano* e *Inhauma*, do *Acre*, *Camerino*, do *Sacramento*, *Frei Caneca*, *Mem de Sá*, *Salvador Corrêa*, *Estácio de Sá*, *Treze de Maio*, *Sete de Setembro*, *Gomes Freire*, reconstruiu ou melhorou os logradoros e jardins antigos, balaustrada da *Gloria*, *Duque de Caxias*, o *Passeio Publico* e principalmente o *Rocio*, que foi por assim dizer feito de novo; pavimentou de asphalto todo o boulevard do Cattete até a cidade pela Lapa e Passeio, o Carceller até a Assemblêa e todas as avenidas novas que abriu e as ligações para grandes praças da *Republica* e do *Rocio*, remodelando varias ruas cercade 80 pelo recúo e pelo alinhamento, arredondando em bellas curvas os antigos cotovellos desgraciosos, e emfim com uma energia, labôr e talento incomparaveis se tornou o nome mais popular, aquelle em que o povo representa toda o obra de transformação do Rio de Janeiro; mas a sua obra prima foi essa estupenda *Avenida Beira-Mar*, que não

conta nenhuma em todo o mundo que d'ella se quer se approxime.

A simples enumeração de todas as obras realisadas pelo prefeito *Passos* seria fatigante: muitas foram as *Escolas* que edificou, as primeiras casas para as *Agencias* da prefeitura, o soberbo *Theatro municipal*, as travessas que abriu, os melhoramentos do parque nacional da Tijuca com a suas estradas refeitas, os calçamentos a *macadam* nos bairros do oeste, os *poços artesianos* para a irrigação



Avenida Central.

das ruas, o *Aquario* do Passeio Publico, o pavilhão de *Regatas*, o mercado de *flores*, a nova arborisação das ruas novas ou antigas, os *chalets* e *mictorios* aperfeiçoados, sem falar ainda em innumeros projectos que deixou de

realizar, como o jardim de Ipanema, a avenida *Maracanã* por escasseza de tempo e que provavelmente serão levados a cabo dentro de pouco.

A essa obra gigantesca em que despendeu toda a sua actividade deve o dr. Passos um nome que nunca mais se apagará dos labios dos habitantes da grande metropole da America do Sul, e d'isso teve elle a prova logo no dia mesmo em que deixou as suas funcções recebendo nas ruas a mais imprevista e por isso mesmo a mais espontanea e bella de todos as manifestações que jamais o povo da capital prestou a um homem publico.

As obras do *Governo Federal*, excepto a esplendida e monumental *Avenida* que teve o nome de *Central* e que, em verdade merece o nome que officialmente foi proposto pelos representantes do municipio de *Avenida Rodrigues Aloes* teem andamento por sua natureza mais lento. A *Avenida Central* está por assim dizer toda construida, só faltando para completal-a o acabamento de alguns edificios como a *Escola de Bellas Artes*, a *Bibliotheca Nacional*, a *Polyclinica*, os clubs *naval* e *militar*, o da *engenharia*, que pelo grandioso das construcções demandam mais largueza de tempo; a *Avenida* foi creação do Dr Paulo de Frontin, um talento de primôr, gloria da sciencia e honra da sua patria, que n'elle vê um dos mais eminentes dos seus filhos. A *Avenida Central* é certamente uma das mais bellas do mundo e cremos que não haverá exaggero dizendo que nenhum dos grandes *boulevards* ou *Rings* das capitaes européas se lhe pode comparar, pela belleza de perspectiva.

Em um dos extremos d'ella fica o *Obelisco* commemorativo em frente ao *Palaçio Monröe*, a joia mais bella da architectura da cidade, creação de Souza Aguiar, o actual prefeito.

Ainda a Frontin pertence o grandioso desenho da *Casa da Amortização* na mesma avenida e o plano de algumas ruas transversaes como a da antiga *Barão de S. Gonçalo* que tem a largura de trinta metros e será um dos recantos o visinhanças mais apraziveis do lugar. Era plano primitivo, e pode ser que ainda o seja futuro, o arrazamento do morro do Castello, obra que ao maior arejamento da cidade traria a vantagem de um bairro elegante e moderno; e d'isso trataremos em proxima opportunidade.

Pelo caes do *Porto* correrá a grande avenida do litoral do norte que se ha de ligar á avenida, de 90 metros, já quasi toda preparada do antigo *Canal do Mangue*, obra gigantesca e uma das mais uteis e essenciaes ao saneamento urbano; ao partir do extremo da antiga e maravilhosa avenida de palmeiras do antigo canal este tomando a largura de 20 metros e ornado de bellas pontes, terá aos lados marginado de ruas e refugios arborisados na largura total de quasi cem metros até o mar. A larga zona de aterro n'esta parte da cidade proporcionará o terreno proprio para mais de vinte ruas arborisadas, largas e traçadas já com as dimensões que requerem a reedificação e remodelamento da urbs. Tambem esta avenida cujas obras estão sendo executadas pelo Dr H. Bicalho, um dos luminares da engenharia, será concluida no governo actual do Dr Affonso Penna.

Se ajuntarmos os 2.800 metros de comprimento da *Avenida do Mangue* aos 3.500 de todo o caes e respectiva *Avenida* e mais os 1.800 de *A. Central* e os 5.200 metros da *A. Beira-Mar* teremos una linha sem interrupção de 13.300 metros de Botafogo a São Chris-

tovam involuindo para o centro da chamada cidade nova.

O desenvolvimento das avenidas municipaes é tambem extraordinario. Os 1.500 metros da *A. Mem de Sá* continuam ainda com os 950 da *A. Salvador Corrêa*, o que dá um total de 2.500 metros. E'de razão accrescentar que com pequeno esforço as municipalidades futuras poderão com o simples recuo ainda continuar essa grandiosa avenida, por Haddock Lobo e Conde do Bomfim, até a Tijuca dando-lhe um desenvolvimento de 8 kilometros ou mais.

A avenida municipal da rua da Assembléa até o encontro com a de Salvador Corrêa, pelas ruas da Carioca e Frei Caneca attinge o desenvolvimento de 1.500 metros contados desde a praça inicial do Largo do Paço. Para completal-a apenas falta esperar o recúo do pequeno trecho da rua do V. do Rio Branco e a mudança do Congresso para o seu projectado palacio. A. do *Rocio* ao caes terá 1.900 metros, a da Uruguayana cerca de 700 e attinge a alguns milhares a somma de outras vias publicas alargadas e abertas ao trafico.



Avenida Central.

Sem embargo dos trabalhos colossaes já realisados com tão feliz exito, achamos todavia que, como declarou o actual prefeito Sousa Aguiar, restam ainda a fazer certos melhoramentos complementares e talvez algumas correcções de pequena monta ao que ja foi feito.

Em primeiro lugar, porque se acha folgado o enorme trafego das ruas que as demolições por vezes haviam impedido, não se justificam mais os pequenos passeios (pequenos relativamente ao novo estylo) das ruas *Treze de*

Maio e *Sacramento* e ainda outras cujos meios fios pouco affastados não



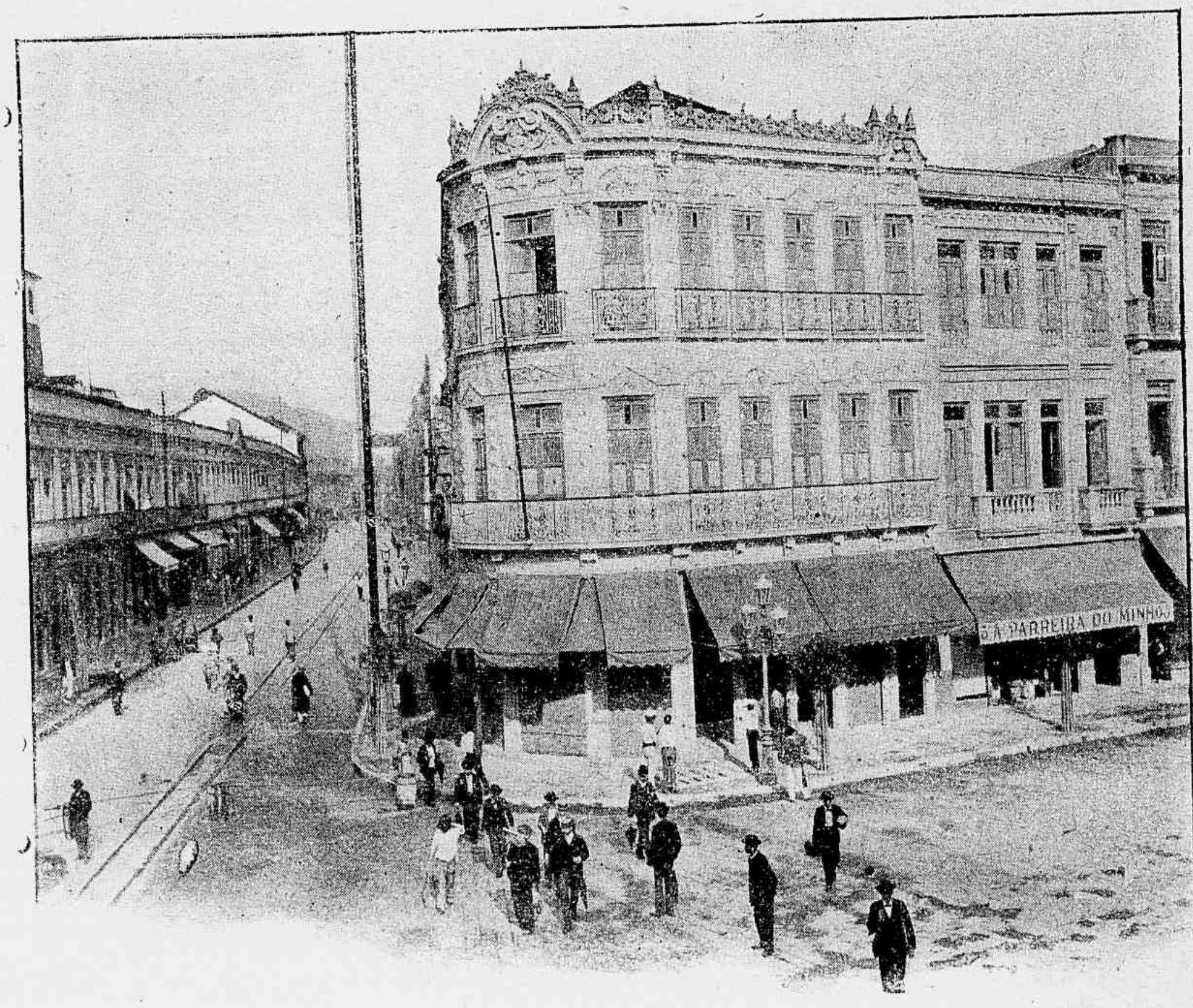
Juizo Federal e supremo Tribunal Federal.

permittem a arborisação, regular que é o principal motivo de belleza das ruas e é, ao demais, indispensavel no nosso clima; essa correcção impõe-se e deve applicar-se successivamente ás ruas Rio Branco, Frei Caneca, Salvador Corrêa, Camerino, Acre.

No mesmo sentido algumas das nos-

sas ruas que já eram largas, com pouca despeza de simples correcção de alinhamento nas curvas, podem ser dotadas de passeios de tres metros ou pouco mais que permittam a arborisação regular, e isto se vê em evidencia quanto á praticabilidade, nos arrabaldes, como é o caso de *S. Francisco Xavier*, *Mariz e Barros*, *São Christovam*, *Villa Isabel*, verdadeiros boulevards que só resta aperfeiçoar e corrigir em pequenas secções desfiguradas pela incuria dos antigos governos municipaes. De hoje por diante e cremos que para sempre o municipio se libertou de seus governadores politicos muito pouco interessados pela reputação e pelo conforto da grande metropole.

Considerados esses melhoramentos, cumpriria ainda nos bairros que cercam a cidade e onde os terrenos não escasseiam, não deixar que se abrissem ruas de oito ou dez metros sem espaço para passeios arborisados, sob pretexto de que as casas quasi todas são precedidas de jardins. N'este particular a



Rua da Carioca.

nossa esthetica tem sido deploravel e quasi hedionda por irreparavel; ruas de palacetes como, *Voluntarios* e *S. Clemente* são entretanto estreitas, apertadas algumas e quasi se affiguram sem remedio no futuro, salvo o de passarem a segundo plano se effectivamente se não reformarem e modernizarem.

E não é tudo.

O bairro de Botafogo tambem de futuro ao nosso vêr necessita de uma

Avenida entre a sua incomparavel bahia e a Lagôa Rodrigues de Freitas, sem aproveitamento das ruas actuaes que n'esse sentido correm, as quaes em verdade tem tanto de ricas como de eias, salvo o aspecto dos jardins particulares que as tornam supportaveis á vista.

A projectada Avenida Mem de Sá deverá ser feita, sem nenhuma economia mesquinha de terreno; uma largura menor de desesete metros tornal-a-á defeituosa ou pelo menos pouco attractiva; por ella na sua secção visinha ao mar, e talvez no todo, o trafego será enorme, de peões e de carros, trafego que muito crescerá com o augmento prodigioso que é natural prevêr n'estes proximos annos para a população do Rio, desde que a cidade, saneada, e uma das mais bellas, fixe aqui grande numero de



Rua de Uruguayana.

adventicios. Outro desejo que manifestamos é que, realisado o arrasamento do morro do Castello, se demarque uma praça circular de cincoenta ou sessenta metros de diametro pelo menos e que ahi façam convergir em leque grandes ruas largas como as que radiam do arco da Estrella, em Paris. Assim, haverá uma diversão para contrastar os innumeros angulos rectos da velha cidade, e n'este interim rectificar-se-á o prolongamento (rua da *Misericordia*) da rua

1º *de Março*, mas não com a estreiteza que está indicada na carta municipal dos melhoramentos. A mesma disposição em estrella ou em leque entre nós desconhecida ou imperfeitamente realizada, deve ser adoptada nos terrenos do morro do Senado que vae desapparecer e nos que forem alcançados pelo aterro na enseada de São Christovam.

Cousa difficil de explicar é, de certo, o limite imposto á Avenida Beira Mar, que vem morrer na praia de Santa Luzia. E' de presumir que o pequeno contorno da ponta do Arsenal de guerra seja transposto e que a Avenida Beira-Mar venha afinal communicar, interior ou exteriormente, com o *caes Pharoux*, que é hoje um dos mais bellos pontos da cidade; d'esta arte, ficarão coordenados todos os melhoramentos realisados ou para realisar na cidade commercial.

Um projecto que, presumimos, de futuro será executado



Balaustre da Gloria.

Folgamos muito com a noticia que tivemos ha tempos, mas não vimos mais confirmada, de que seria levado até dentro do mar no sentido do eixo da avenida ou na altura do Passeio Publico, um pequeno molhe que terminaria por um pavilhão-café, como é o *Alster-Pavillon* no delicioso lago do Alster em Hamburgo. Esta idéa deveria ser levada a effeito porque nada seria mais confortavel e util á população do que gozar o frescôr das brisas marinhas, mórmente á noite, na estação quente e mesmo em qualquer epoca do anno.

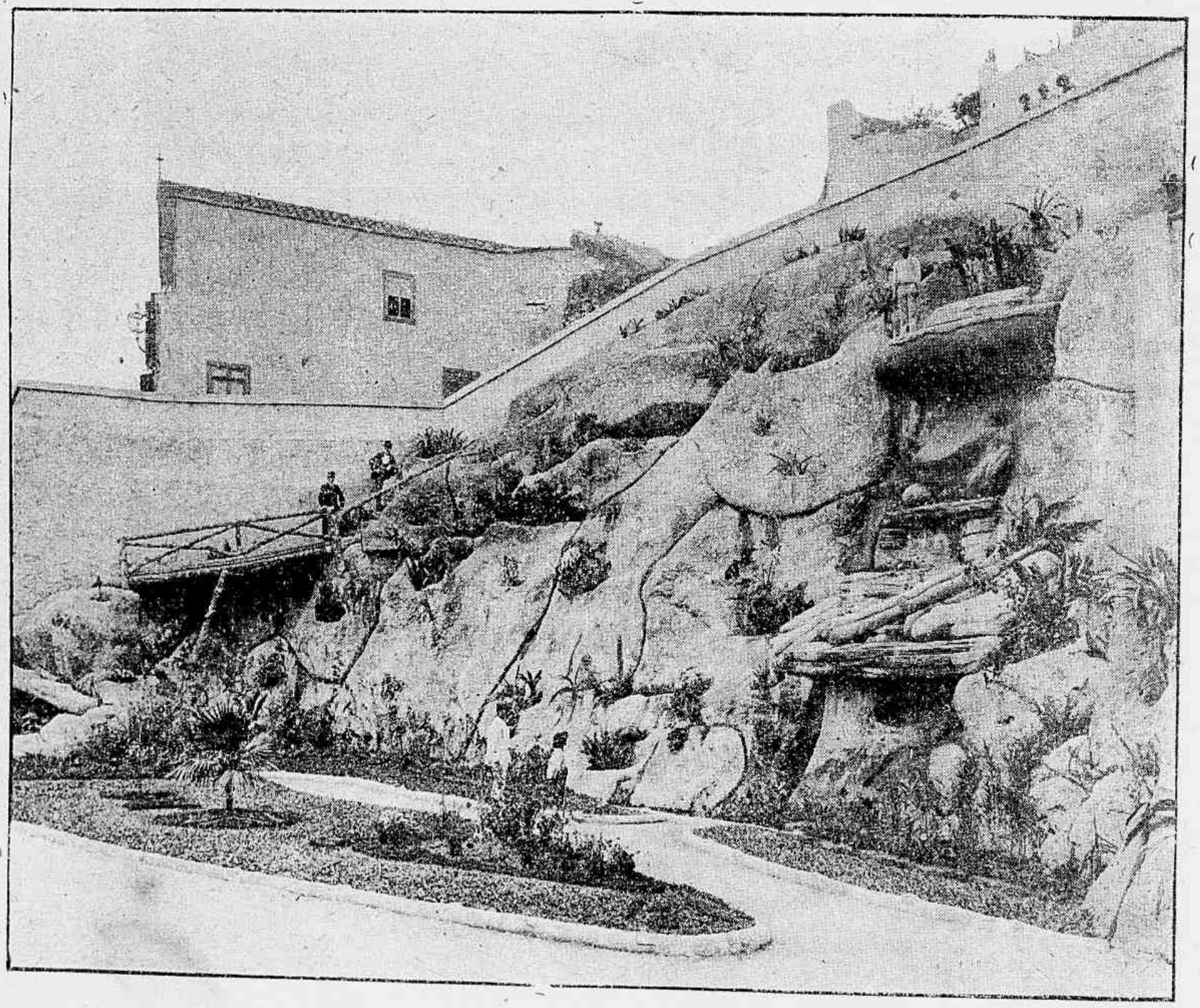
será o de um *Ring* ou *Annel*, como o inexcedivel de Vienna, com largura varia, aproveitando-se os elementos ja existentes ou por vir, de modo que circumde a cidade no sentido approximadamente marcado pelas ruas *1º de Março*, *Santa-Luzia*, *Riachuelo*, *Sant'-Anna*, *Estrada de Ferro*, *Marechal Floriano* descendo até o mar; este *Ring* coordenaria em linha circular todo o movimento e as direcções radiantes do centro para o perimetro da cidade antiga e seria ao mesmo tempo uma das estradas de aprazimento e de recreio para o publico

Por mais encantadôres que sejam os jardins, as ruas tambem o são quando arejadas, floridas pela vegetação e animadas pelo trafego, e cremos que, n'este particular, preferivel seria, por exemplo, dar a largura que estava indicada pelo alinhamento do palacio Monröe a toda a rua do *Passeio* embora se cortasse uma nesga do antigo e popularissimo jardim; a largueza obtida daria para arborisar os dous lados da rua até o pequeno largo da Lapa com grande vantajem e evidente belleza do local, onde enorme é o trafego de vehiculos.

A Avenida *Mem de Sá* deveria poupar a bella perspectiva do aqueducto de Santa Thereza deixando que ahi se abrisse uma praça elliptica...

E quantas suggestões não desperta esse renascimento do Rio de Janeiro?

Que fará ou quanto poderá fazer o novo Prefeito? é a pergunta que todos fazem. Esperemos registrar com applausos a continuação do muito que foi realisado já.



Jardim de Vallongo.

Concluindo essas ligeiras reflexões agradecemos ao photographo do municipio, o Sñr Malta, cujas qualidades de artista seria inutil encarecer, a preciosa collaboração sua com as melhores das illustrações que acompanham estas linhas.

Mais não pretendemos com o que foi dito senão fazer inteira justiça ao merito, ao bom gosto e á energia dos que conseguiram a transformação do Rio. Nem, todavia, a obra está completa e

todas as suggestões merecem exame. Uma d'ellas e das mais singulares foi a que appareceu sob o nome de Sidney Barnett, sobre a creação do um jardim maravilhoso que não teria egual no mundo porque só no Rio de Janeiro fora possivel e seria o *Jardim das Orchideas* :

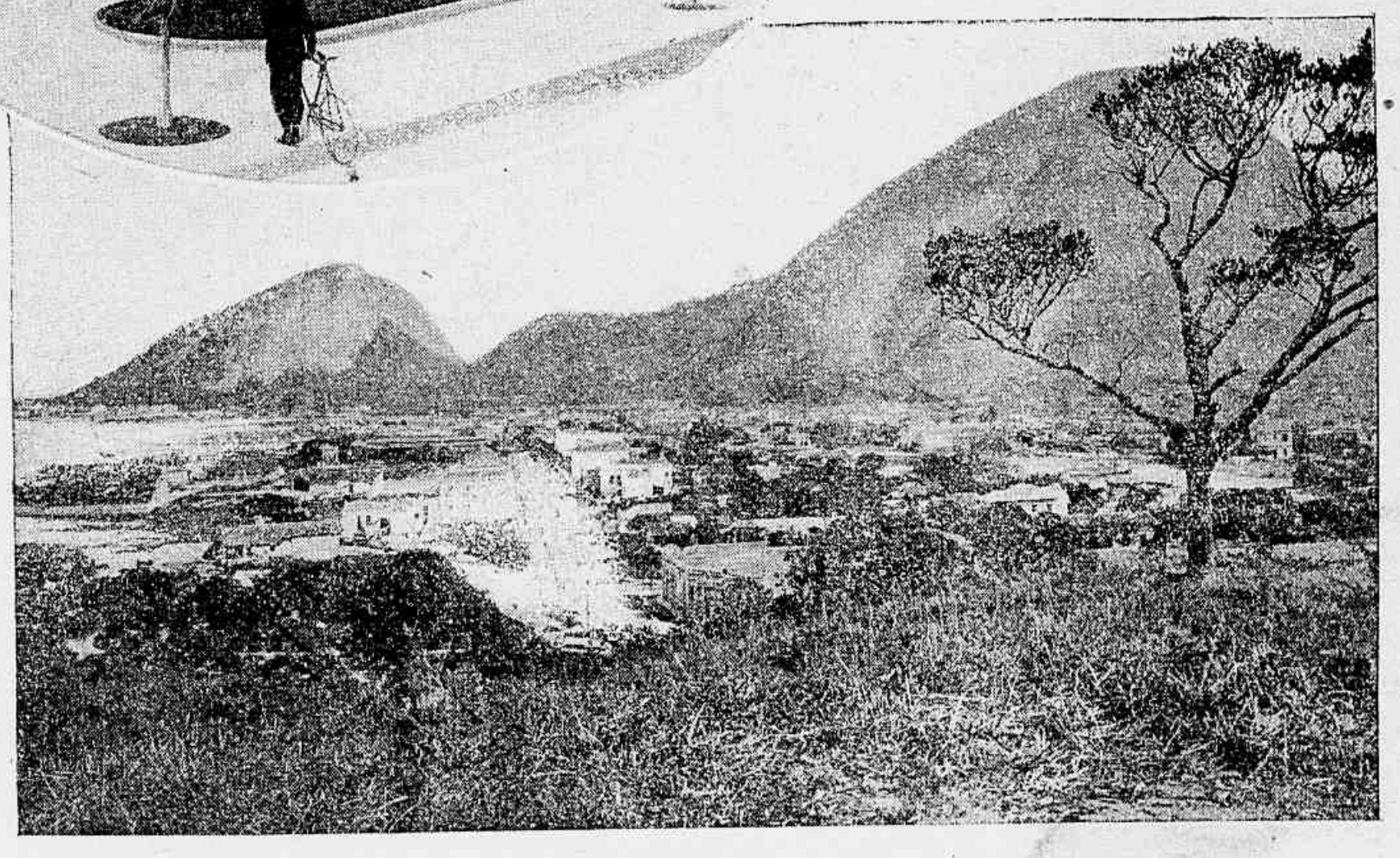
« No Brasil encontram-se as mais raras orchidéas e do seu valor nos offerece provas o grande numero exportado dellas para a Europa e America do Norte : talvez que attinja a varias centenas de milhares de plantas a exportação que se faz todos os annos.

Entretanto em vão se procura em qualquer parte do Brasil uma bonita exhibição dessas raras e bellissimas flôres. Ha algumas nos jardins particulares e no Jardim Botanico do Rio de Janeiro. Alguns amadores têm collecções muito valiosas, mas não ha em nenhum lugar do paiz cousa que corresponda á rara e requintada belleza, á caprichosa fórma, ás maravilhosas côres dessa mais aristocratica de todas as flôres.

Neste particular tem o Brasil uma occasião de ganhar louros, realizando uma exposição tão extraordinaria e brilhante, que difficil, senão impossivel, será a outro paiz igualal-o ou imital-o sequer : um jardim de grandes proporções especialmente reservado ás orchidéas, ás orchidéas brasileiras é claro, pois esse devia ser o primeiro objectivo, podendo tambem juntar-se-lhe opportunamente, se se achasse isso conveniente, as orchidéas de outros paizes. Por agora bastaria porém ter orchidéas deste paiz e, reunidas as de todo o Brasil, já bastante variada seria a collecção.

Avenida do Maugue.



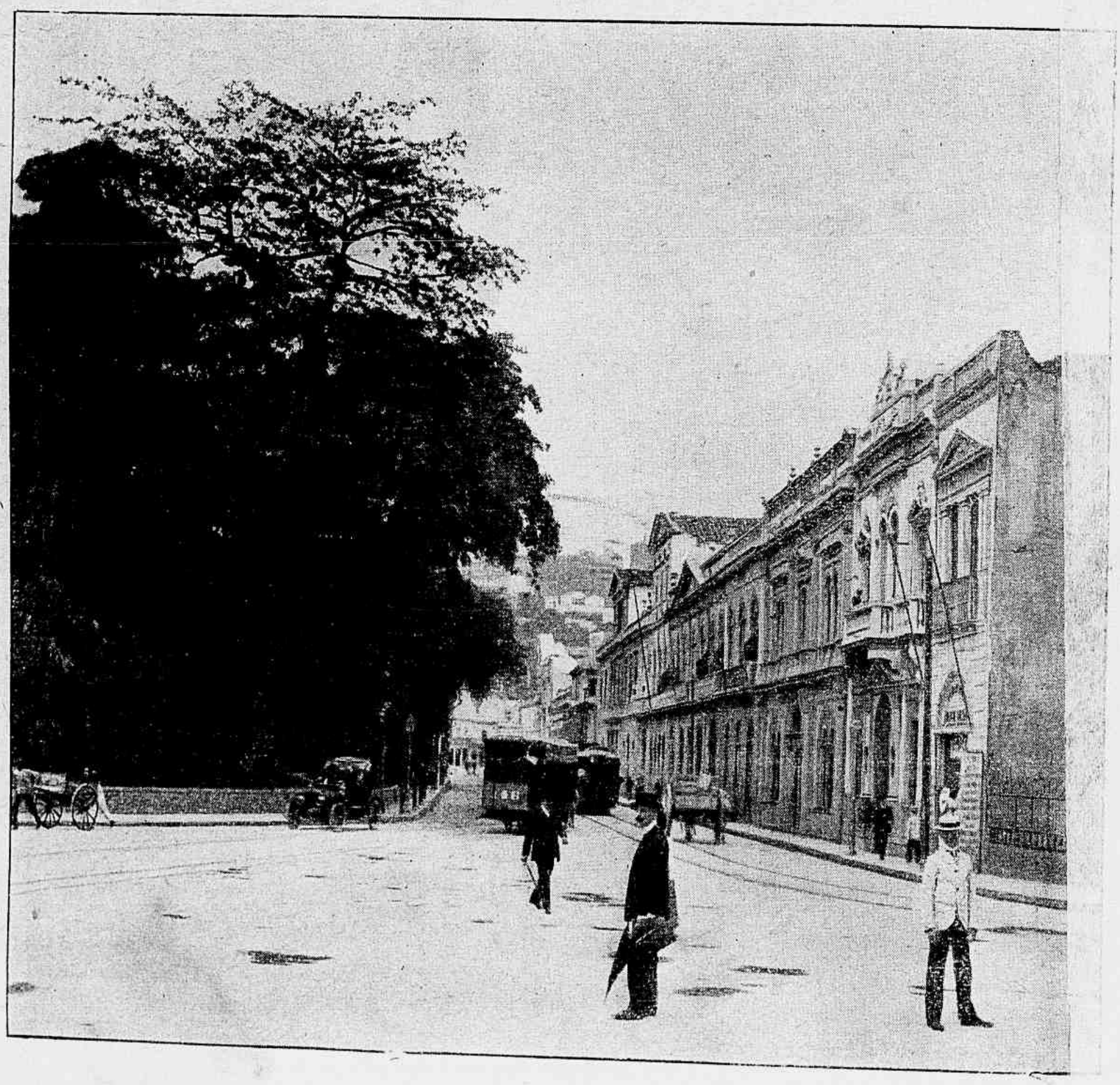


Copacabana.

Deveriam ser dispostas, não á feição de specimens isolados, como em geral são vistas nos jardins, mas deveria haver centenas de milhares de plantas de cada variedade, em grupos, em montes, isoladas, em tufos, dispostas por todos os meios e fórmas capazes de facilitar-lhes o crescimento, perfeição e effeito pittoresco.

Devia ser escolhido para este fim um lugar especial, pois ha orchidéas que gostam de um clima frio, outras que gostam do calor dos tropicos. O jardim, se fosse possivel combinaria os dous climas. Poderia ser por exemplo no Alto da Tijuca ou acima do Alto, estendendo-se uma parte do jardim pela encosta da montanha, ficando assim grande parte delle ao nivel do mar e com um clima quente.

Petropolis tambem serviria perfeitamente. Ahi o jardim se estenderia pelas rochas da encosta da montanha, onde encontraria habitaculo adequado a um grande numero de plantas. O Jardim Botanico do Rio tambem seria um magnifico lugar, mas, a ser lá, o jardim deveria alastrar-se pela encosta da montanha acima, offerecendo assim um bellissimo effeito. As orchidéas seriam plantadas como florescem na Natureza; as que crescem nas arvores deveriam



Rua do Passeio.

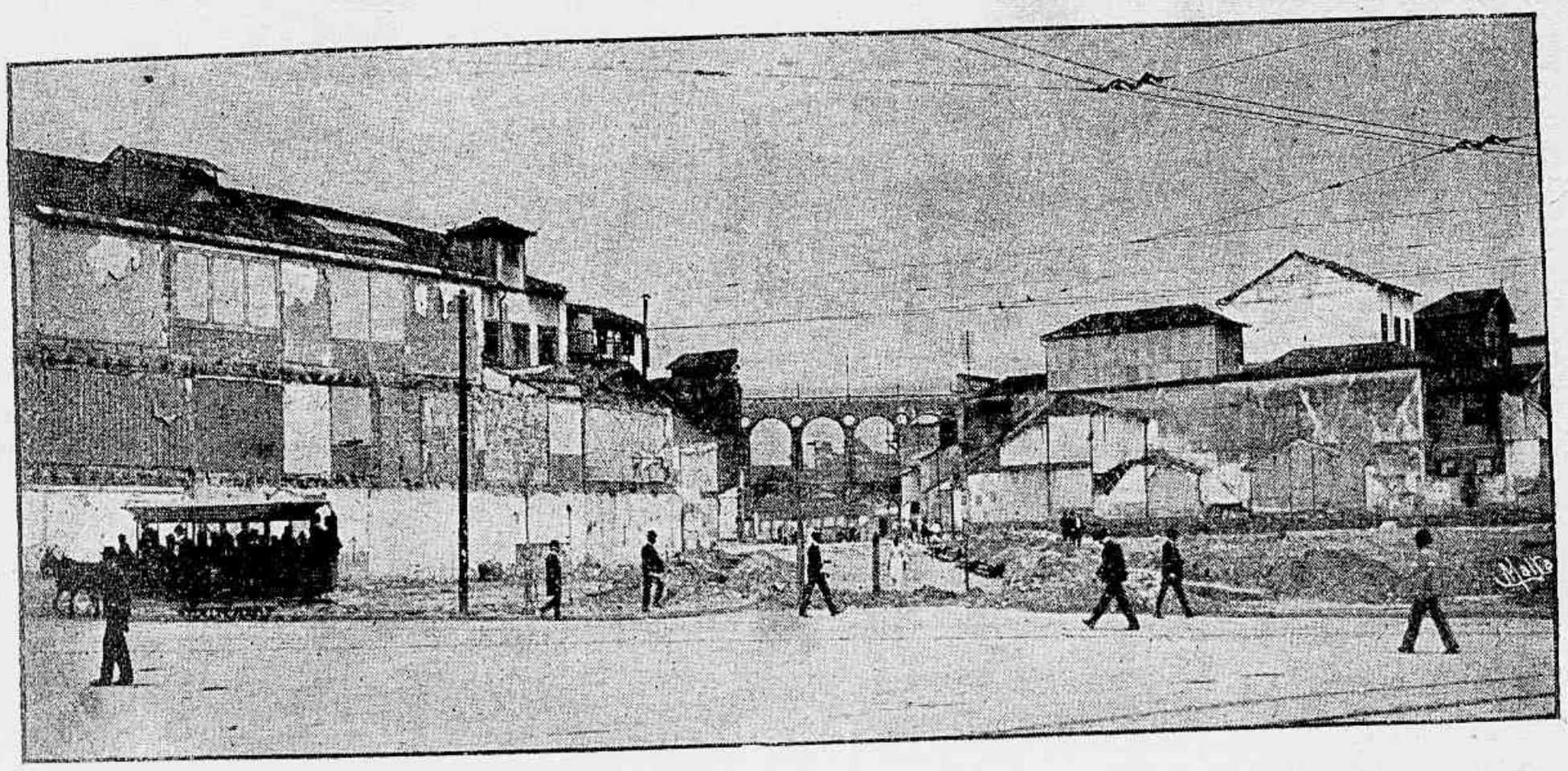
ser plantadas nas arvores, as que crescem nas pedras seriam plantadas nas pedras e as terrestres seriam plantadas no solo.

São por tanto precizas no jardim grandes arvores, pois nellas viveria uma grande parte das orchidéas; as rochas tambem seriam utilisadas, pois algumas orchidéas dão-se bem nas pedras inteiramente núas e lisas. As grandes arvores vetastus cobertas de parasitas fariam um effeito encantador

o resultado desejado e a sua fama repercutir por todo o mundo.

Orchidéas ha-as aqui na quantidade necessaria O custo da apanha e da installação das plantas seria muito pequeno, comparado com o resultado que se alcançaria. Em dous ou tres annos o jardim podia já offerecer os seus primeiros esplendores, e para o futuro, de anno para anno, augmentaria em belleza e magnificencia.

Uma vez feito, uma das primeiras



Avenida Mem de Sá.

e dariam ao jardim um pittoresco que muito concorreria para a sua belleza.

Póde-se fazer uma pequena idéa do esplendor deslumbrante e do effeito maravilhoso que tudo isso teria, recordando o effeito que produzem milhares destas plantas quando todas estão em flôr ao mesmo tempo. A decantada maravilha dos jardins suspensos da Babylonia nada seria em comparação, e a fama desse paraizo floreo transportaria os mares e attrahiria visitantes, de todas as partes do mundo.

Ganhe a idéa terreno e faça-se o jardim vasto, pois é precizo que elle seja de dimensões gigantescas para produzir

perguntas de quem chegasse ao Rio de Janeiro seria: *Onde fica o jardim das Orchidéas?*

Nenhum paiz fez ainda esta tentativa e nenhum o póde fazer com orchidéas indigenas por preço tão baixo.

Póde crear-se aqui, no Rio de Janeiro, um jardim unico e que quando feito, será o verdadeiro « Jardim dos Deuses ».

Essa concepção é ou poderá parecer phantastica, mas quem viveu no Rio estes ultimos cinco annos não se deve atemorizar com a idéa de um jardim pela encosta acima da Tijuca, pelos meandros dos suas incomparaveis estradas até o mais alto da montanha. E de certo, muitos atravessariam o Atlan-

tico para vêr a deslumbrante flora dos tropicos nos seus especimens mais raros e singulares.

O exemplo do Rio ja começa a propagar-se pelas nossas grandes cidades; algumas d'estas já notaveis pelos trabalhos sumptuarios realisados como Manáos, Pará, São Paulo, Bello Horizonte. Virá mais tarde a Bahia e Pernambuco.

A Bahia com o seu novo porto terá com certeza uma avenida litoranea aceiada, ampla, e rica de verdura, para ajuntar aos seus arredores pittorescos e legendarios.

Pernambuco offerece uma topographia excepcional; cortada por dous rios volumosos, banhada pelo oceano ainda está comtudo entregue á negligencia criminosa dos seus edificadores; nenhuma cidade apresenta como ella os accidentes terrestres mais proprios para que se torne, como se ha de torrar uma das mais bellas do mundo. Desde que as margens dos seus rios sejam orladas de amplas avenidas e um largo *boulevard* começando no Recife vá perder-se nas planicies de Boa Vista aonde vez de pontes mais bellas e mais dignas da importancia da Veneza americana, não ha duvidar que nada terá que invejar ás suas rivaes do Atlantico.

Para quando este sonho? O que parece indiscutivel é que o exemplo do Rio não ficará infecundo.

NOTAS SOBRE O ACRE

I

E' grande o interesse que desperta por todo o Brasil o conhecimento da riquissima região que foi incorporada ao paiz, graças á sciencia sumptuaria e diplomatica do Barão do Rio Branco. O novo territorio accrescido aos nossos dominios pelo grande estadista representa desde já uma dos maiores fontes da riqueza nacional. O territorio do Acre dividido em prefeituras é administrado pela União e sel-o-á por muito tempo até que o povoamento local, que é rapido, já fixado no solo, esteja no caso de reclamar mais ampla autonomia; comtudo o governo Federal nenhuma pressão ou restricção odiosa alli exerce e antes é segura garantia da justiça e do bem estar dos habitantes d'aquellas paragens, ainda ha pouco inseguras.

A carta que reproduzimos e que foi, obsequiosamente para o *Almanaque*, desenhada pelo Engenheiro Euclydes da Cunha, gloria das letras brasileiras, abrange as tres prefeituras do Acre, do Purús e do Juruá, creadas pelo tratado de Petropolis, no extremo sudoeste amazonico. Foi traçada de accordo com os ultimos reconhecimentos geographicos que alli effectuaram as commissões mixtas, brasileiro-peruanas, do Alto Juruá e do Alto Purús, respectivamente dirigidas pelo general Bellarmino de Mendonça (brasileiro) e capitão Numa Leon (peruano), engenheiro Euclydes da Cunha (brasileiro), e capi-

74° 73° 72° 71° 70° 69° 68° 67° W. Greenwiche

7°

8°

9°

10°

11°

R. Javary

S. Thomaz

Ouro Fala

S. Felipe

Colombo

Diamantina

R. Itucumã

R. Gregorio

R. Juruá

Rio

R. Ipixuna

Seretama

Trombetas

Canutama

Cruzeiro do Sul

PREFEITURA DO JURUÁ

Rio Moá

R. Môa

Matto Grosso

Pacatuba

Boa Hora

Boa Esperança

Tarahuaca

L. Acuráua

Acaraú

Rio

ESTADO DO AMAZONAS

Linha Beni-Javary ou Cunha Gomes

R. Juruá-mirim

Valparaiso

Natal

Ouro Preto

Canindé

Grajahú

Porto Seguro

Monte Carlo

R. Embira

R. Massapira

R. Tamaya

Villa Thaumaturgo

R. Tejo

S. Lourenço

Acuriá

Ceará

Bom Futuro

R. Breu

R. Amonea

R. Arara

R. Boo

R. Figueyaco

R. Tarauacá

R. Corelluc

Rio Purús

Cruzeiro

Oriente

S. Braz

Porto Central

Liberdade

Catiana

Itauba

Macapá

S. Salvador

Bragança

Descanço

PREFEITURA DO ALTO PURUÚS

S. Bento

S. Miguel

Rio Branco

S. José

Cametá

R. Mauhiny

Desterro

Eduardo Ribeiro

Entrevolta

Aripuaná

Floriano Peixoto

Bom Jardim

Porto Acre

PREFEITURA DO ACRE

Humaytá

Bagaço

Catuaba

Empreza

Volta da Empreza

Nova Empreza

Bemfica

Guarany

Capatará

Javary

Independencia

Nova Esperança

Porvir

Carmo

Rio Acre

Fundo

Bage

Ribeirinho

Mazagão

Siberia

Victoria

Rio Xapury

R. Caethé

Nº Sº do Amparo

R. Yaca

Arapixy

R. Antimary

Quatyá

Joá

Caquetá

Funil

Sobral

Sta Rosa

R. Sta Rosa

R. Chanellas

Aracajú

Itatinga

Concordia

Barcelona

R. Macauan

Rio Purús

Calay

Curanja

R. Curanja

R. Ituxi

I. Malpaja

Sta Cruz

Cocoma

R. Manicha

Shamboyaco

R. Curiuja

R. Cujar

R. dos Patos

R. Manoel Urbano

Tingoleales

R. Urubamba

R. Fenho

Rio Ucayale

Limites pelos tratados de Pétropolis

TERRITORIO NACIONAL DO ACRE

PERÚ

BOLIVIA

tão de corveta Pedro Alejandro Buenãno (peruano).

Considerados apenas os traçados mais remotos dos dous grandes rios, Juruá e Purús, vê-se que attinge a cerca de 900 leguas quadradas a porção de terras americanas, até então desconhecidas, que aquellas commissões desvendaram á sciencia geographica. Observa-se ainda que a enorme planicie amazonica, estirando-se em 500 leguas segundo aquelle rumo (S. O.) se desdobra até ás suas



Barão do Rio Branco.

cabeceiras sem que nenhuns accidentes a perturbem : as nascentes de Purús quasi se anastomosam ás do Ucayale sendo inapreciavel na escala normal dos mappas o exiguo *divortium aquarum* que as *separa*. Formam-no os cerros de *Contamana*, indecisos e esparsos (com menos de 50 metros de altura relativa e menos de 450 sobre o nivel do mar) succedendo-se dos manadeiros do Purus aos dos Javary como se fossem um apagado reflexo das cadeias mais orientaes dos Andes, um socalco perlongando em parte a 3.ª cordilheira, e avançando para o norte formando a divisoria do Juruá e do Ucayale.

Os sitios que se apontam nesta ca definem bem o intenso povoamento d região, constituido sobretudo, de um lado por brasileiros, em geral ceare ses, e de outro por peruanos do de partamento de Loreto. Os primeiros dedicam-se á extracção do latex de seringueiras (*heveas guayanensi*, *spru ceana*, etc.) e os segundos do caucho (*castilloa elastica*); de onde lhes pro vêm as denominações conhecidas, « seringueiros » e « caucheiros ».

Rivaes pela nacionalidade e pelos in bitos da profissão, estas duas socied des novas que se defrontam, já chocaram (1905) em serios conflit a custo reprimidos. De sorte que proxima solução diplomatica, fixan definitivamente a nossa fronteira n quellas bandas se impõe; é urgentissi ma e constituirá uma das maiores ta fas do actual governo.

Aquelle territorio talvez seja, de em pouco, agitadissimo palco de suc cessos extraordinarios, que poderão facilmente acompanhados na carta apresentamos.

II

Sobre as rendas e recursos do Ac aqui damos os trechos essenciaes *interview* realisada entre um dos nos jornalistas e um conhecedor d'aque regiões :

« A imprensa noticiou ha pouco que a renda arrecadada do Acre fôra q além da metade da orçada para o exercicio que findou e que a receita prov do exercicio vindouro (1906-1907) e deria a renda deste em quasi o dobro. Não póde haver confirmação mais bri lhante do acerto com que foi adquirido aquelle territorio e, ao mesmo tempo, das razões que assistem aos acre nos em pedir a autonomia para uma re

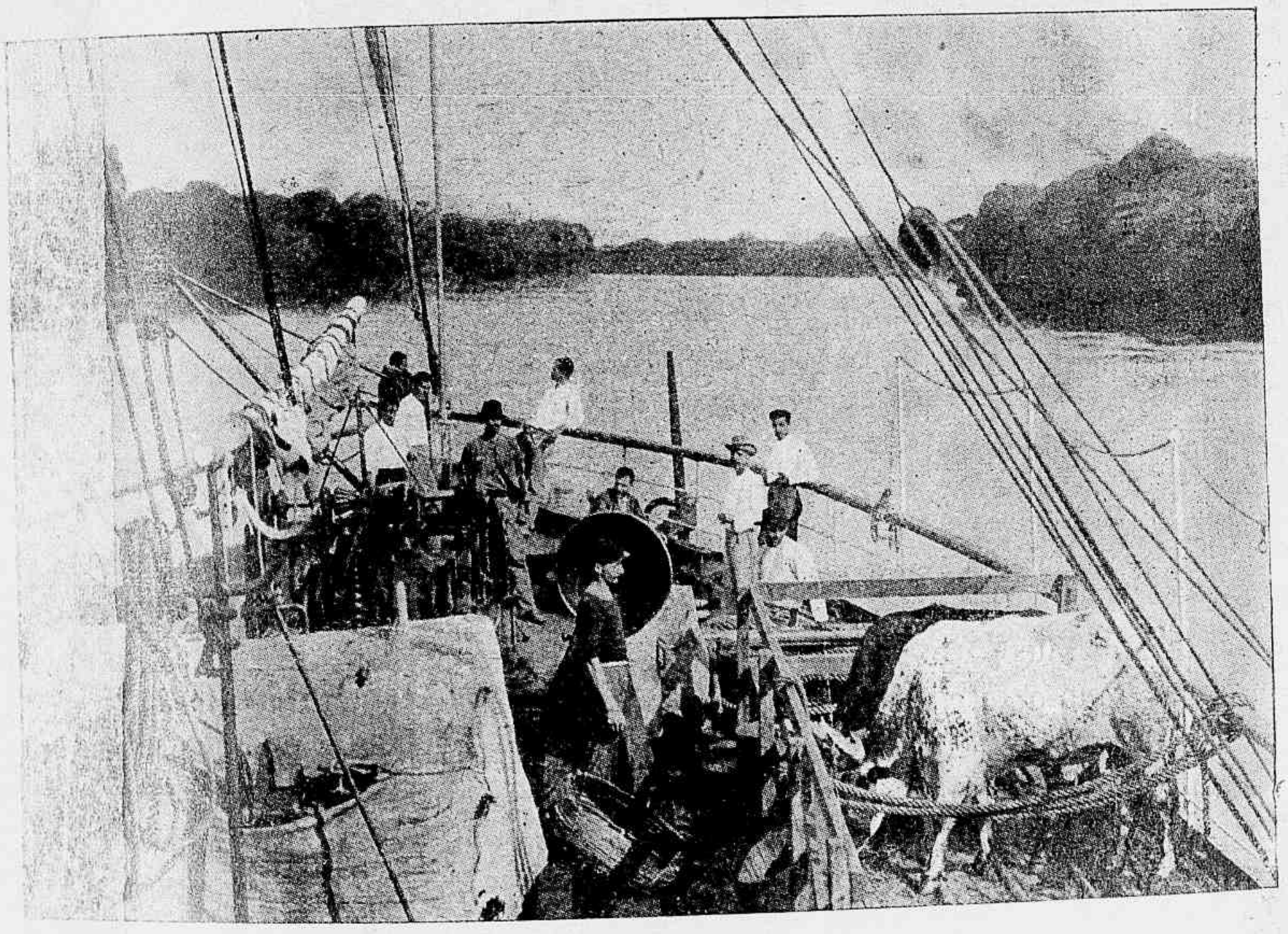
cuja renda leva uma tão consideravel somma aos cofres da União, sem que esta deixe, entretanto, em beneficios na terra o que ella dá prodigamente de recursos.

Hontem um valente desbravador da maravilhosa região, que se acha actualmente no Rio de Janeiro, externava-se a respeito com um redactor do *Paiz*.

— Veja V. se não é uma coisa de justiça o que pedimos: o Acre enche de ouro a União, dá-lhe 12.000:000 $ de renda em um anno e dessa quantia, que faria, ella só, a resurreição de uma terra morta, não fica para o Acre, cujas forças vivas apenas pedem uma pequena restituição de energias, nem uma migalha. Ficam lá cerca de 250:000 $, mas ainda assim com a administração, com os melhoramentos locaes nada se tem empregado, os rios continuam estorvados para a navegação, os pantanos não são dissecados, as estradas de rodagem não existem quasi, as de ferro não existem de modo algum. No emtanto, repito, o Acre rende neste 1906 nada menos de 12 mil contos.

—Doze mil contos!

—Não ha motivos para surpresa. O coronel Thaumaturgo, prefeito do Alto Juruá, estima a producção da borracha em todo o Acre para 1906 em nove milhões de kilos; o coronel Placido de Castro, muito mais optimista, vai além e calcula-a em 10 milhões. Se aceitarmos o calculo deste homem, profundo conhecedor da zona e seringueiro elle prorio, temos que, ao preço medio de 5 $ o kilo e á razão de 23 % de imposto, o valor da safra será de 50.000:000 $ e o do imposto de exportação de..... 11.500:000$000.



O *Alagôas* do Lloyd atravessando um dos paranás do Amazonas.

Isto é o calculo feito. Entretanto, o que se está vendo é a arrecadação da renda ir todo o dia além das previsões; de modo que não é exaggerado dar para

1906 uma renda de 12 mil contos ou cerca disso.

—Quer dizer, a renda de um Estado.

—Muitos por ahi não têm a metade.

Não é nenhuma coisa do outro mundo que queriamos nós no Acre, como todos os outros, que uma parte, pelo menos, dessa receita fique em beneficio da terra que a produz. Sei que a União precisa resarcir os esforços e os dispendios que fez para engastar no Brazil esse diamante de primeira agua; mas esses gastos estarão pagos de sobra dentro em pouco e sel-o-hiam mesmo, sob o regimen da autonomia estadoal, por um compromisso tomado pelo Acre, por uma amortização feita por elle da sua divida á collectividade federal. Não se precisa expoliar o Acre para dar á União o que a ella se deve.

Em menos de tres annos a União terá satisfeito os compromissos assumidos no tratado de Petropolis ou regulado a sua satisfação sem onus para o paiz. O Acre, ou melhor, todo o territorio conhecido por tal produz perfeitamente para satisfazer os compromissos da União, cuidar das suas necessidades locaes e augmentar annualmente de meio milhão de libras as nossas reservas em Londres. A producção augmenta dia a dia e a renda augmenta na mesma proporção.

E' facil de verificar: a safra de 1905 foi calculada em 7 milhões de kilos, dando na média de 5$ por kilo é 35.000:000$; e o imposto, consequentemente, de 6.300:000$ á razão de 18 % como era cobrado então. Mas viu-se logo que a arrecadação excedia consideravelmente o orçamento. A receita orçada, correspondente ao periodo de janeiro a setembro, era de 4.500:000$ e a cobrada nesse espaço de tempo subia já a 6.700:000$, ou mais 2.400:000$ sobre a orçada; ou ainda 700:000$ sobre o calculo de todo o anno.

Ora, um territorio que dá essa força ascendente de riqueza, que tem essa plethora de recursos, póde muito bem gastar comsigo uma parte delles, sem prejudicar a União.

—Mas isso não precisa para ser feito que o Acre seja Estado.

— Sim, o que póde ser feito já, deve ser feito. Isto não quer dizer que se deva abrir mão da aspiração. Em todo o caso, muita coisa o governo federal póde e deve fazer já, que não tem feito e que afinal só redunda em desvantagem para a União, porque priva o Acre de um desenvolvimento maior e a ella das maiores rendas que esse progresso lhe daria. A questão das estradas, por exemplo, é uma questão capital; della dependem as melhores condições de trabalho, o augmento da producção pela exploração de novos donos, o barateamento de transporte com vantagem para o productor e para o Estado. Nós, já foi dito em tempo, não temos quasi outras estradas senão as que Placido de Castro abriu; fóra disso, temos ainda a luctar com a vasante dos rios, que são as grandes estradas, com o empedramento de muitos delles, que nos reduzem a situação, no curso alto dos rios, de só ter permuta de productos e só adquirir recursos para a manutenção duas vezes por anno.

— E o remedio?

— O remedio são estradas de toda a sorte, por todos os lados; mas o remedio essencial, neste assumpto é a Madeira-Mamoré. Esta é que resolverá a questão capital. Ha não sei quantos seculos que reclamam, mesmo quando o Acre não era o que é agora; fizeram-se mil estudos e tentativas, o governo prometteu por ultimo, no tratado de Petropolis, construil-a e estamos ainda hoje como estavamos ha trinta annos passados.

— Mas a União poderá de momento

dar cumprimento a essa obrigação? Olhe que a Mamoré tem sido o escolho dos engenheiros.

Não quer dizer nada. As condições daquelle tempo não são as de hoje e a prova de que ella é praticavel é que o governo se comprometteu a fazel-a. Não custa tanto assim.

Com um pequeno augmento de despeza dará o governo cumprimento a uma das clausulas do tratado de Petropolis e terá prestado enorme beneficio ao Acre.

As despezas decretadas, inclusive commissão mixta do Purús e do Juruá e o tribunal arbitral, não attingem a 2.000:000 $. A Mamoré, sendo paga em apolices geraes, insignificante augmento de despeza trará ao territorio, que poderá render este anno 16.000:000 $ se a borracha se mantiver ao preço actual de 7 $ o kilo.

Pode-se estabelecer o prazo de cinco annos para a construcção e nessas condições a despeza com os juros das apolices será insignificante no 1º anno, pois apenas vencerá juros no segundo semestre.

E' facil de ver por este calculo :

1º anno, 2.000 apolices 5 % — juros do 2º semestre.....	50:000$000
2º anno, 3.000 apolices nas mesmas condições.....	175:000$000
3º anno, 3.000, idem..	325:000$000
4º » 3.000, idem..	475:000$000
5º » 3.000, idem..	625:000$000

Do segundo anno em diante os pagamentos poderão ser feitos a dinheiro, pois já estará paga a divida do Acre.

Como vê, o caso financeiro não é tão difficil como parece á primeira vista : Metta agora em conta o que lucram o Acre, o Amazonas, a União com essa estrada e ha de ver que não somos exigentes quando insistimos por ella.

A Madeira-Mamoré será o primeiro beneficio prestado a essa região de 90.000 habitantes, que com este imprescindivel melhoramento terá ligado os valles ferteis do Madeira aos do Acre, dando saida facil aos seus productos, pela navegação do Abunã e o trecho da estrada de sua foz a S. Antonio, evitando assim a penosa travessia de mezes pelo Purús.

Com a construcção da estrada irá o governo dar cumprimento a uma das clausulas do tratado de Petropolis, em virtude da qual ficou solvida a nossa questão de limites com a Bolivia.

Este compromisso de honra veiu reanimar uma antiga aspiração e tornar forçosa a satisfação de um antigo ideal das duas nações.

A estrada hoje representa, não um saque sobre o futuro, mas um elemento seguro de prosperidade e de riqueza que, se vai augmentar consideravelmente as vantagens daquellas regiões, que abrangem os nossos dois Estados de Matto Grosso e do Amazonas, a satisfação delle pode contar, desde o primeiro dia, com razoavel compensação ao capital que nella se empregar.

A construcção trará, não só um valioso elemento para a nossa expansão commercial com a Bolivia, mas tambem um valioso instrumento para incorporarmos á nossa civilização uma rica e extensa area de territorio no Amazonas e em Matto Grosso, sobre a qual o nosso dominio é até agora puramente nominal.

A satisfação de propositos taes é o que constitue o ideal politico de todos os povos e principalmente dos que dominam paizes novos como o nosso.

Será esse o primeiro acto que o governo do Brazil pratica no intuito de fa-

cilitar a expansão no norte do paiz; e será muito difficil impedir que a esse acto fiquem eternamente ligados os nomes do ministro do exterior e do presidente sob cujo auspicio elle se realizar. Ao contrario, elle accentuará indelevelmente esses dois nomes, já por si beneméritos.

O distincto acreano terminou:

— Fecundada essa região por completo, virá o Estado, aspiração que não se extingue, nem se illude.

III

A grande riqueza da Amazonia é a do commercio da borracha. Ha ainda muitos brasileiros que ignoram o que seja a famosa arvore da *seringa;* algumas, todavia, podem ser vistas e formam uma alameda no nosso Jardim Botanico.

« A seringa ou borracha diz Gomes Carmo, entra no nosso commercio com cerca de 14 milhões esterlinos, quantia esta pouco excedente da quarta parte da nossa exportação, que é de..... 50.000.000 libras approximadamente. El-rei Café fornece-nos dois quartos de toda a exportação; os demais productos completam o resto.

Temos logar distincto no commercio mundial da borracha, o qual regula em 60.000.000 de kilos, do valor medio de 24.000.000 esterlinos ou 360.000:000$000 ao cambio de 16 dinheiros por mil réis papel. Entra o Brasil com de 30.000.000 de kilogrammas (1).

A nossa seringa alcança sempre optima cotação nos mercados importadores. Ultimamente, porém, vae ella sendo batida pelas borrachas vindas de Malaca e Ceylão, que são presentemente as que alcançam melhor cotação.

Cresce de dia para dia o consumo da borracha, graças aos multiplos empregos que se lhe dão. Por isso que seu preço é elevado, (pois que já se tem pago o kilogramma a mais de 12 shillings ou 9$000) ha muitos industriaes e scientistas empenhados em lhe inventar um succedaneo capaz de desbancal-a da regia posição que occupa no mercado mundial. Até o momento em que rabiscamos estas tiras, ainda não nos chegou a nova da almejada descoberta. Porém emquanto os scientistas não conseguem achar a borracha artificial, outros vão tentando alargar-lhe a zona de cultura. São os inglezes que possuem os maiores seringaes fóra do Brasil. Elles os têm no Ceylão, Malaca, Borneo, Africa etc.

Os seringaes inglezes são todos de recente creação e procedentes dos primeiros seringaes plantados em Ceylão em 1876.

Ha pelo planeta muitas outras regiões que produzem a borracha, porém é inferior á nossa. E' que a borracha dessas regiões procedem de outros vegetaes e não da seringueira. O Perú, a Bolivia, o Equador e em summa, todas as regiões sub-andinas, da Bolivia ao Mexico, todas produzem borracha proveniente do Caucho ou *Castilla Elastica*, que nós tambem possuimos.

A Africa tem os seus vegetaes borrachiferos, sendo os mais importantes os *Landolphia* sarmentosos e os *Kickxia*, egualmente sarmentosos e sedosos.

A Asia possue o *Ficuo Elastico*, muito nosso conhecido, desde annos remotos.

Porém ninguem como nós é rico em vegetaes borrachiferos, pois possuimos nada menos de quatro, que são: a *Hevea Brasiliensis*, a *Manihot Glagiovi*,

(1) Veja-se a parte geral sobre as rendas e commercio de exportação na primeira secção do *Almanaque*.

a *Castilla Elastica*, a *Hancornia Spiciosa*, isto é, em linguagem corrente, Seringueira, Maniçobeira, Caucho e Mangabeira.

As duas primeiras são excellentes, a terceira regular, a quarta boa. Temos, portanto, o bastão de commando em materia de borracha. Temol-o, não deforto, palacios, uma coisa feerica capaz de deixar as nossas fazendas de café a cem legoas de distancia!

Si assim imagina, lance as suas vistas para a gravura n. 1 que as representa e terá a alma aos pés. A gravura ali estampada é uma photographia fiel.

Todo seringal tem por séde o barra-



Lancha navegando n'um igarapé.

vido aos nossos esforços, sinão por obra e graça da Divina Providencia.

O leitor está certamente farto de ouvir falar em seringaes. Porém tem elle porventura idéa definitiva do que seja *aquillo*? Talvez alguem mais imaginoso tenha em sua imaginação arvores colossaes alinhadas com impeccavel symetria, á guiza dos cafesaes; por sobre as suas ramagens aves de irizada plumagem a encherem o espaço de melodias esquisitas: simios aos milheiros a executarem cabriolas arriscadas, concão collocado á margem do Amazonas ou de algum affluente destes. O curso dagua — rio, paraná ou igarapé — é na bacia do Amazonas a unica estrada de que o homem dispõe. Por ali passam transatlanticos, vapores fluviaes, *gaiolas*, lanchas e *montarias*: convem, pois, que o barracão lhes fique ao alcance para lhe trazerem generos e exportarem a seringa. Cada barracão tem a sua ponte, que lá naquellas regiões representa o papel de caes e escada de embarque. Barracão, ponte, estiva e cerca,

onde as ha, é tudo de pau acapú (Andira Aubletti?) negro como carvão e eterno na terra. Não apodrece nunca.

Os barracões collados ás margens dos grandes rios são sobre esteios altos do chão e assobradados em paus roliços ou taboões. Aquillo são precauções para o tempo das cheias, que se repetem infalivelmente entre dezembro e maio. Com tal providencia, vem a enchente, alaga tudo, passa por baixo do barracão e este nada soffre. Ha apenas algumas ligeiras alterações nos habitos de vida amphibia. As *montarias* (pequenas canôas de taboas que um homem dirige com um remosinho de cabo curto) estão continuamente á porta, quer para se ir ao encontro da *gaiola* (vapor que navega pelo Amazonas), quer á barraca do seringueiro ou a qualquer outro mister. Outro aspecto typico do barracão e das barracas consiste na ausencia completa de culturas em torno da habitação. Quando muito, ha ali junto, sinão encostado á morada, uma touceira de assahyseiros e alguns pés de *cupù-assù*, para refrescos durante o dia. A propria *macacheira* (aipim) é coisa rara e falta mesmo. Come-se *jabá* (carne secca) que vem do sul, piracurú ou bacalhau e farinha d'agua fabricada no Maranhão. Conservas variadas, bebidas, o aristocratico champagne tambem se encontram no barracão e se vendem, pois a *borracha estica* e dá para tudo isso. Em torno da morada-barraca ou barracão — plena foresta virgem, começando o seringal ali mesmo junto á porta.

A primeira seringueira da *estrada* está ao lado da casa. E' uma bella arvore, alta muitas vezes de 30 metros e talvez mais; sua folhagem no fim do verão tem uma coloraçâo rubro-viva muito typica, o que permitte distinguir se a seringueira a grande distancia. O tronco é recto, a casca lisa lá onde não tocou a *machadinha* do seringueiro, porém dali para baixo o tronco forma barriga e é todo coscorento, como si fosse atacado de terrivel elephantiasis.

A estrada vae pelo matto a dentro, desviando-se para aqui e epara ali conforme estão disseminadas as seringueiras; depois quando já muito afastado, volta ao ponto de partida, seguindo a mesma direcção da ida.

Isso a que o seringueiro pomposamente chama de estrada, dê-lhe o leitor o verdadeiro qualificativo de — *picada de caçador*, feita a facão ou *terçado*, como lá dizem. Cada estrada deve ter de 60 a 120 seringueiros approximadamente; porém esses numeros variam forçosamente conforme a quantidade de arvores que a Divina Providencia espalhou pela matta. Está ahi, pois, em que consiste um seringal; é isto, nada mais nem menos.

Culturas de seringueira, plantações regulares, quem pensa nisso?

E para que, si no matto ha tantos seringueiros já creados! Quando estes acabarem, a gente sobe rio acima, que isso é um nunca acabar de seringa!

O espaço de que dispomos é estreito, por isso vamos finalizar; por que, si fossemos a escrever a exploração da seringa sob todos os seus multiplos aspectos technicos e sociaes, teriamos materia para um livro e volumoso; portanto ponto final.

E' uma exploração typica e unica no seu genero. Assim : o seringueiro explora a seringueira, o patrão e o dono do barracão exploram o seringueiro, o *aviador* (ou commissario) explora o *aviado* ou dono de barracão, o exportador explora o aviador e os governos exploram a todos, tributando a borracha exportada com mais de 25 %, cobrados sobre o preço da venda !! »

COMPANHIA NACIONAL BRAZILEIRA

DE

Phosphoros de Segurança

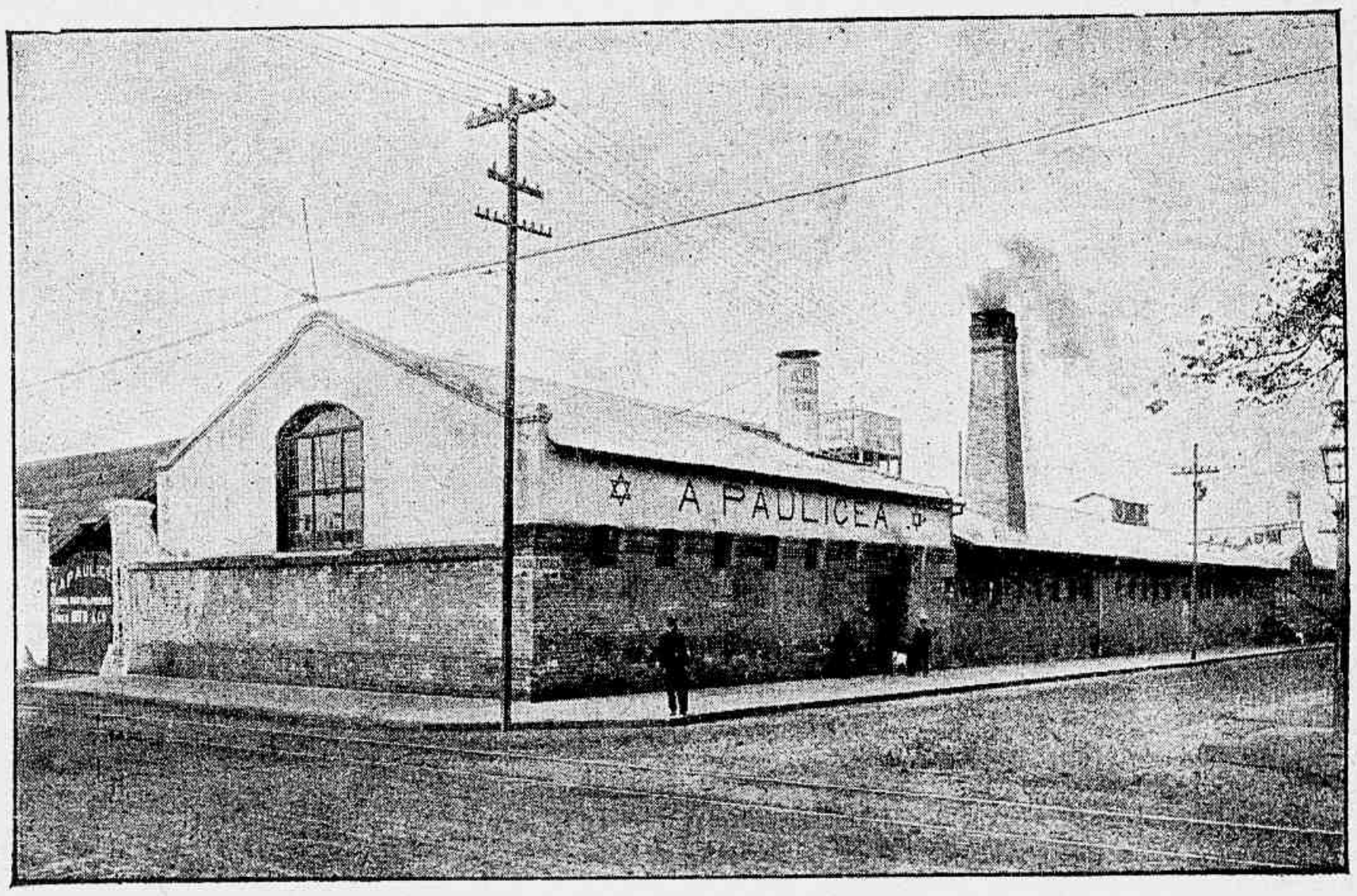


" A PAULICEA "



BRITTO & Cia

S. PAULO



O mais importante estabelecimento em seu genero
não só do Brazil como de toda a America do Sul

Marcas registradas

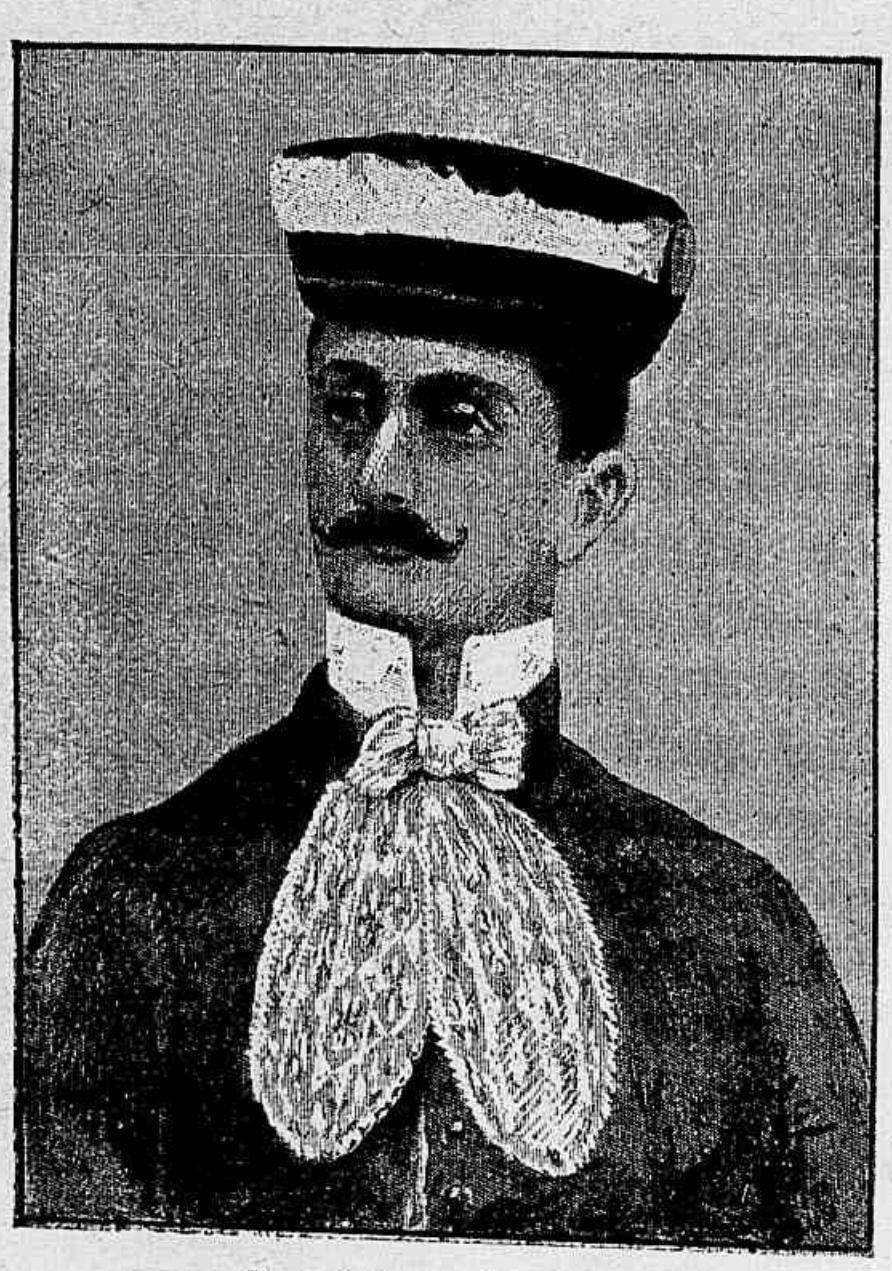
TREVO

E BICHO

CASO RARO

(As visceras invertidas)

O rarissimo caso de heterotaxia (mudança na collocação dos orgãos e mu-



Dr. Octavio Varella.

dança de suas formas) que constitue o assumpto da brilhante these do dr. Octavio Varella, recentemente formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, reveste-se de dupla curiosidade.

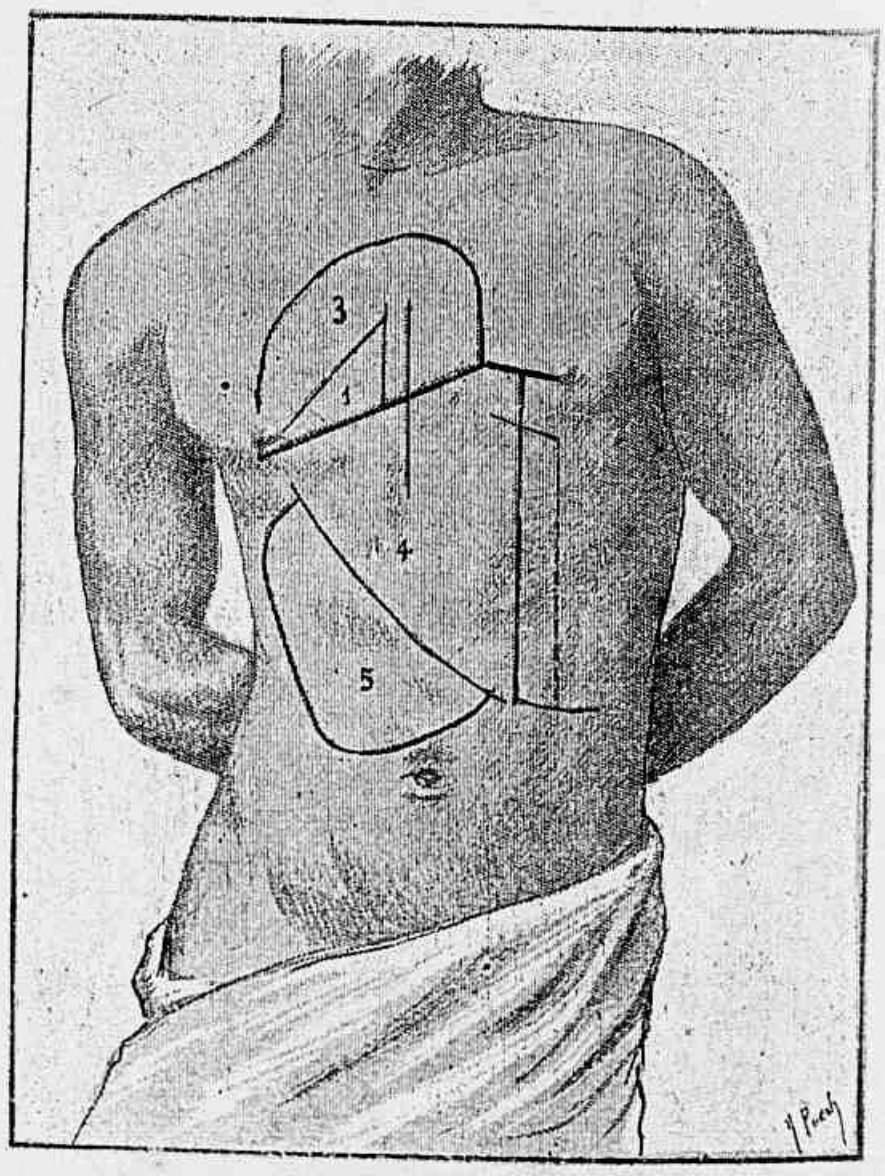
A primeira está na excepcionalidade do caso. O professor Camillo Darest que, como medico, foi o unico, até hoje, a tratar do assumpto, diz nunca ter observado num ser vivo a transposição geral das visceras. Viu e estudou alguns casos parciaes, entre os quaes o da mudança do coração para o lado direito, mas um tão completo exemplar de inversão jamais logrou observar!

A segunda curiosidade manifesta-se por ser a these do dr. Octavio Varella uma *auto-observação*.

E' minuciosa e interessantissima.

Ao principio a *desconfiança* limitou-se ao coração. Quando criança, sentindo-se fatigado após seus folguedos, percebia o coração bater mais fortemente do lado direito. Por diversas vezes communicou esse facto ás pessoas de sua familia, mas o caso foi tido como uma simples desconfiança. Chegando á Bahia (o autor é filho do Rio Grande do Norte) em 1898, submetteu-se a um minucioso exame dos professores drs. Alfredo Brito, Americo Garcez Fróes e conselheiro Ramiro Monteiro. Foi nessa occasião que, com o auxilio dos raios X, ficou constatada a anomalia. Elle tinha não só o coração, mas tambem o estomago e o figado do lado direito.

Vindo ao Rio de Janeiro e apresentando o seu caso a illustrados profes-



sores, a observação dos illustres professores bahianos foi em tudo confirmada,

obtendo então o *cliché* abaixo estampado, pelo qual fica scientificamente provado esse raro caso, que vae ser presente aos sabios europeus.

O dr. Octavio Varella é um moço de 28 annos, sadio, robusto e, póde-se dizer, bonito, como se verificará pelo retrato estampado no começo desta noticia.

Goza de todas as suas faculdades, num invejavel equilibrio e tem diante de si o mais brilhante futuro pela dedicação que vota á sciencia, de que já é cultor conceituado.

Harpa do céu

Harpa do céu por anjos dedilhada
Pelas noutes clarissimas da lua,
Quando a vaga suspira apaixonada
Beijando o barco e a murmurar : « Sou tua ».

Harpa do céu vibrando nas espheras,
Onde até Deus sorri maravilhado,
Quando a estrella a cantar diz : « Não me esperas,
Nuvem? Dá-me o teu manto constellado ».

Harpa do céu! Sons ideaes que passam!
Gosos de amor numa caricia louca!
Virgens despidas, noivos que se abraçam!
Que harpa do céu melhor que tua boca?

JULIO PIRES.

O FLAUTISTA DO SERTÃO

(Versão livre de Campoamor)

'Stão no baile os convidados,
E o flautista não chegou.
— Foi depôr entre os finados
Sua mãi, que se finou...
— Voltará? — Devemos crer;
Ha de vir, é seu dever,
Que a arte é a honra do artista...
Mas... que dôr no coração
Do flautista,
Do flautista do sertão.

Pobre! pensando na casa
De onde a ventura ha fugido,
Chora um pranto que o abraza,
Como chumbo derretido.
P'ra os irmãos que tem na herdade
Grangeia o pão da orphandade,
E este pão... paga-se á vista...
Toca, quer queira, quer não,
O flautista,
O flautista do sertão.

Nunca houvera mãi tão bella
Desde o nascente ao sol posto.
Seu coração foi com ella
Na pallidez do seu rosto...
Toca e chora, a flauta treme,
Não são notas que ella geme
Nem o balir que contrista...
São suspiros de um leão
— Do flautista,
Do flautista do sertão.

A moça mais bailadora
" — Toca! " ordena em tom conciso,
E o flautista toca e chora,
Fazendo cara de riso...
E a gente que se diverte,
Aos prantos que a flauta verte
Zomba ironica e egoista,
Sem pena nem compaixão
Do flautista,
Do flautista do sertão.

Votado a occulta agonia,
Elle toca sem parar :
Da saudade, a melodia
Falla melhor que o fallar...
A cada nota que toca
Vôa-lhe um beijo na boca
Para o céo, que a mãi conquista,
Na dolorosa emoção
Do flautista,
Do flautista do sertão.

Dizei, senhores, commigo
Quantos ha no mundo assim ?!
Perguntaes-me por quem digo,
Por vós respondo, e por mim.
Frequentemente, senhores,
Os cantos, que ouvis, são dôres
De uma amargura imprevista...
No mesmo diapasão
Do flautista,
Do flautista do sertão...

Rio de Janeiro.

Eduardo Ramos.

A Igreja de S. Francisco de Assis em Ouro Preto

Votos de Arte.

Os moldes laconicos de um Annuario, onde os escriptos devem ser resumidos, impedem-me desenvolver este assumpto, aliás interessante. Limitar-me-hei, pois, dando apenas uma succinta noticia.

Minas Geraes é o berço de habilidosos artistas.

Em Ouro Preto, nasceu o engeitado José Jeronymo Viegas, o *Gutenberg* mineiro; gravador e pintor de marecimento, e o compositor do canto escripto pelo Dr Diogo Pereira de Vasconcellos, dedicado ao governador visconde de Condeixa.

Ali tambem teve seu berço Antonio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho*. *O Praxiteles* ouro-pretano é oriundo de Bomsuccesso, freguezia de N. Senhora da Conceição do Antonio Dias.

Mineiro e um dos fundadores da escola de pintura bahiana foi José Joaquim da Rocha. Celebre pintor e mestre de famosos artistas.

Filho, finalmente, da Suissa brazileira, é o sympathico e muito nosso conhecido Valentim da Fonseca e Silva, mestre *Valentim*, a quem tanto deve o Rio de Janeiro.

Minas Geraes é, por conseguinte, a patria de famosos poetas : Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, os dous Alvarengas, Santa Rita Durão, etc.; de notaveis

artistas : Viegas de Menezes, Lisboa, Valentim, Rocha, etc.; de illustres scientistas : Conde de Prados, Baptista Caetano, Couto de Magalhães; de escolhidos estadistas : V. de Ouro Preto; M. de Paraná; Bernardo Pereira de Vasconcellos, etc.; e, finalmente, de intelligentes industriaes, Mariano Procopio Ferreira Lagos e outros.

Já tendo estudado, e mesmo sobre elle escripto, fui, propositalmente, a S. João de El-Rey, para apreciar a famosa Igreja de Francisco de Assis, trabalho do *Aleijadinho*.

D'esta cidade segui para a outr'ora Villa Rica.

Celebrava-se ahi, por esse tempo, a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, com toda a pompa, uncção e espirito altamente religioso, proverbiaes e communs a esse muito respeitavel e bem educado povo.

Deixei passar esses dias, em que a Igreja commemora a sublimidade da nossa Santa Religião.

Segunda feira da Paschoela puz-me a campo e fui á rua de S. Francisco admirar o seu magestoso templo.

Logo ao enfrental-o, conclui ter sido obra de Lisboa : a tanto me autorizaram o estylo e a execução das esculpturas, dos talhamentos e dos detalhes, em tudo muito similares aos de S. João de El-Rey.

O frontespicio é elegante, de grande inspiração artistica, de sentimento religioso; si bem que algumas vezes peque pela technica.



Igreja S. Francisco de Assis.

As altérosas torres, bem delineadas e de famosos corucheos, chamam logo a attenção. O estylo é de architectura barroco jesuitico; a construcção, de pedra e cal, com revestimento de cantaria lavrada.

A'entrada, vê o visitante no tympano, por sobre a porta principal, uma bella esculptura, de pedra azul, denominada *sabão*, representando a effigie do Padroeiro. N'elle está esculpida a cruz do Patriarcha, ladeada das chagas. Dentro de um medalhão o orago, recebendo as cinco chagas e mais abaixo Nossa Senhora cercada de Anjos alados.

A elegancia, a severidade e a imponencia d'essa architectura ostentam-se em todo o templo.

Os dous pulpitos do corpo da Igreja estão bem trabalhados, não obstante o máo gosto antigo : pesados e pouco elegantes.

Soberba é a pintura do tecto, do corpo da Igreja. Representa a ascenção da Virgem cercada de anjos, no mais formoso concerto. O todo é circumscripto por uma balaustrada, entrelaçada de folhagens e flôres, nos angulos da qual se destacam os quatros evangelistas : S. João, S. Matheus, S. Lucas e S. Marcos.

O matiz do colorido, o concerto das fórmas e das sombras denotam trabalho de mestre.

A capella mór tem muitas preciosidades esculpturaes e de pintura a oleo e sobre ladrilhos de azulejo.

O lavabo da Sacristia, as imagens das Tres Pessoas da Santissima Trindade e os anjos pousados por cima do altar mór têm merito artistico.

Sobretudo, attrahiu-me a attenção a esculptura allusiva á resurreição de Nosso Senhor Jesus Christo; a figura do cordeiro e a decoração da capella mór, com as sobre-dictas esculpturas.



S. João d'El-Rei. — S. Francisco de Assis.

Conservei-me n'este templo, por cerca de duas horas, durante as quaes meditei, meditei muito, como em terra longiqua e sem mestres de arte podesse ter havido um genial artista, auctor de trabalhos tão primorosos; a mór parte, de pura concepção, pois ahi não havia modelos, livros e Escolas especiaes.

Foi esse predestinado o genial Francisco Lisboa-*Aleijadinho*.

Linda é a figura de S. Francisco de Assis, em relevo, recebendo as chagas.

Tem expressão e sentimento.

Ao entrar-se na Igreja, vê-se á esquerda, a pintura da effigie de Nosso Senhor Jesus Christo dentro de uma barca, prégando ás turbas, no mar Tiberiades; e á direita o propheta Jonas, no acto de ser lançado ao mar e prestes a ser engulido por uma baleia que faminta o aguarda.

O finado Sr Xavier da Veiga dizia que os vultos que representam o povo d'aquelle primeiro grupo, tem ar de que prestam seria attenção, mas o Salvador não tem ahi a magestade que se divisava no seu rosto. Comtudo, está bem executado.

Os pulpitos são ladeados pelos Apostolos Evangelistas, com os seus attributos ou figuras allusivas e pela visão do propheta Ezequiel.

S. Matheus com o anjo, S. Marcos com o leão, S. Lucas com o boi e S. João com a aguia.

O lavabo da Sacristia é esculpido das imagens da Fé. No retabulo vê-se o pentametro : *Hæc est ad Cœlum, quæ via ducit aves.*

Por baixo e proximo da pia, da parede pendem mãos, pescoço e rosto de um Corvo, de cuja bocca jorra agua.

O estabulo tem a inscripção : *Ad Dominum curro, sitins et cervus adundas.*

Esta Igreja tem a forma oitavada, de estylo severo e configuração interna de cruz latina, com duas naves.

Nos angulos do tecto do seu corpo, estão pintados as effigies de Santo Agostinho, S. Gregorio e S. Ambrosio.

Por baixo do arco Cruzeiro ha dous pulpitos de pedra *sabão*, elegantemente esculpturados.

A planta do templo e toda a sua execução foram do *Aleijadinho*.

Retirei-me vivamente bem impressionado, cheio de uncção religiosa e admiração artistica; dirigi-me ao hotel Martinelli por preparar-me pas a o meu regresso d'esta hospitaleira terra; d'essa terra, da qual sempre me lembrarei com as mais saudosas e gratas recordações.

Approuve-me n'ella ter estado e approuve-me n'ella ter convivido, si bem que por pouco tempo, com os conterraneos de meus avós.

Dr. A. da Cunha Barboza.

(*Do Instit. Historico*).

Belmiro de Almeida

Incontestavelmente foi o *clou* da exposição na Escola Nacional de Bellas Artes em 1906 esse bellissimo quadro de Belmiro de Almeida, *Dame à la Rose*, de que damos uma reproducção.

Belmiro esteve ultimamente na Europa, onde, pelos estudos que fez, ainda mais completo se tornou na arte de que ja era uma das melhores glorias do Brasil.



Dame à la rose
de Belmiro de Almeida.

MOLESTIAS DO PEITO

Tosses, bronchites, asthmas, rouquidões, coqueluches, constipações, etc. Curam-se com o antigo e afamado

XAROPE PEITORAL de ANGICO COMPOSTO

O grande numero de attestados de distinctos clinicos e de innumeros doentes que têm achado neste xarope a cura das suas doenças, incitam-nos a recommendal-o ao publico como o mais efficaz dos medicamentos na cura de todas as molestias do peito.

Prepara-se na

PHARMACIA BRAGANTINA

81, Rua Uruguayana, 81 — RIO DE JANEIRO

Vende-se em qualquer pharmacia e drogaria

GIRASOL

Florir no descampado ou no humido recanto
De alguma ruina, ou mesmo em aspero alcantil,
E'um orgulho que tem o redoirado heliantho
Dês que da terra emerge a plúmula erectil.

Quando elle desabrocha entre os glastos e o acantho,
Entre os mil tinhorões e as passiflóras mil,
Tem-se á conta de um sol nascido por encanto
Ao tôpo senhorial do tomentoso hastil.

E'de vel-o medir a força e o valimento,
Do orgulho vegetal, do seu orgulho em pról,
Ante o rival senhor de terra e firmamento!

E'de vel-o, tenaz, de arrebol a arrebol,
Do grande astro seguindo o regio movimento,
O aureo disco volver para encarar o sol!

Emilio de MENEZES.

Recreações mathematicas

I. — PROEZA DE RAPOSA.

Uma raposa bispou n'uma capoeira dez nedias patas.

Foi lá a primeira noite, e trouxe comsigo para a toca cinco patas. Voltou na segunda, e trouxe de novo outras cinco. Mas no dia seguinte ainda estavam oito patas na capoeira, sem que ninguem as tivesse accrescentado. Como foi isto?

Querem saber? Vá lá! Explico-lhes, só com receio de os fazer virar a bola com esta arithmetica. É que entre as cinco patas que a raposa trouxe na primeira noite contavam-se as quatro que organicamente lhe pertenciam. E na segunda, idem. De modo que das patas aladas não furtou a raposa senão duas. Ficaram pois oito, e essas duvido que o bicho damninho lhes deite a garra. O dono já está prevenido.

II. — BANQUETE DE FAMILIA.

Perguntei a um velhote meu conhecido quem tinha jantado com elle no dia de Natal.

Vae elle, respondeu-me:

— Ah! foi um jantar de familia! Estava presente o cunhado de meu pae, o sogro de meu irmão, o cunhado de meu sogro, e o sogro de meu cunhado.

Sabidas as contas, contou-me d'alli a pouco que o homem tinha jantado sósinho, e no emtanto não faltára á verdade nas affirmações que me fizera.

Como pode isto ser?

O nome de Deus em 36 linguas differentes

Em hespanhol — *Dios.*
Em italiano — *Iddio.*
Em provençal — *Diou.*
Em francez — *Dieu.*
Em celtico e gaulez — *Diu.*
Em irlandez — *Diê.*
Em allemão (antigo) — *Diat.*
Em latim — *Deus.*
Em portuguez — *Deus.*
Em baixo bretão — *Dove.*
Em inglez e ant, saxonio — *God.*
Em teutão — *Goth.*
Em allemão-suisso — *Gott.*
Em flamengo — *Goed.*
Em norueguez — *Gud.*
Em dinamarquez e sueco — *Gut.*
Em americano — *Teut.*
Em egypicio antigo — *Teuti.*
Em egypicio moderno — *Tenn.*
Em grego — *Theos.*
Em cretense — *Thios.*
Em arabe, cyriaco e turco — *Allah.*
Em malaio — *Alla.*
Em polaco — *Bung.*
Em slavo — *Buch.*
Em ceromandez — *Bramo.*
Em chaldeu — *Eloah.*
Em hebreu — *Jehovah.*
Em eólio e dorico — *Ilos.*
Em pamonio — *Istu.*
Em chinez — *Pussa.*
Em pernari — Pachaca — *Mas.*
Em zembra — *Feizo.*
Em indostão — *Rain.*
Em japonez — *Geeyar.*
Em guarany — *Tupá.*

Si o dizer-se que *toda regra tem excepção* constitue já de si uma regra, é preciso que haja uma regra sem excepção para ser a excepção dessa regra.

Redondilhas de José d'Abreu Albano

I

CANTIGA

Nestes sombrios recantos,
Nestes saudosos retiros
A agoa deslisa dos prantos,
Sopra o vento dos suspiros.

VOLTA

Tenho na alma dois moinhos,
Um é d'agoa, e outro é de vento;
Ambos juntos e visinhos
Estão sempre em movimento.
E giros tantos e tantos
E tantos e tantos giros,
Dao ao primeiro os meus prantos
E ao segundo os meus suspiros.

II

ESPARSA

Ha no meu peito uma porta
A bater continuamente,
Onde a esperança jaz morta
E o coraçao jaz doente;
Em toda parte em que eu ando,
Oiço este ruido infindo:
Sao as tristezas entrando
E as alegrias sahindo.

III

VILANCETE

Saudoso de ti, meu bem,
Sósinho estive a chorar
Entre o sol-posto e o luar.

VOLTAS

Na hora mais triste que eu sei
Das horas que vêm e vão,
Saudosamente espalhei
O pranto do coração,
Pois que me nasceu então
Uma magoa singular
Entre o sol-posto e o luar.

E eu gemia : O sol morreu,
Não me vê chorando assim ;
A lua, occulta no céo,
Não sente pena de mim ;
O dia teve o seu fim
E a noite está por chegar
Entre o sol-posto e o luar.

Já chorei muito, a soffrer
Saudades, longe de ti,
Porem nunca em desprazer
Tantas lagrimas verti.
E dest' arte conheci
Quanto é mais triste, chorar
Entre o sol-posto e o luar !

IV

CANTIGA

Ó passarinho ligeiro,
Cuja voz o espaço invade,
Se vives em liberdade,
Passo a vida em captiveiro.

VOLTAS

Vejo-te a voar nos ares,
Alegre as azas batendo,
E o motivo não entendo
De tanto me lastimares ;
Pois a não sêr prisioneiro
Ninguem, a mim, me persuade :
Pela tua liberdade
Não troco o meu captiveiro.

Preferes o teu estado,
E o meu destino prefiro ;
Voas livremente em giro,
Trazem-me em grilhões atado ;
Só no dia derradeiro
Hei-de-me soltar, pois ha-de
Sêr-me morte a liberdade
E é-me vida o captiveiro.

Mas se me tens em despreso,
Ainda assim te perdôo ;
Sobe pelos céos em vôo
E deixa-me á terra preso.
E isso tudo, eu te requeiro,
Que no canto se traslade :
Louva a tua liberdade
Que eu louvo o meu captiveiro !

V

TROVAS

1

Sonhei que tinha chorado,
Ai ! como eu ninguem existe,
Pois vivo em tão duro estado
Que até sonhando sou triste.

2

Duas auroras num dia
Vi rompendo em luzes flavas :
Uma era o sol que surgia,
A outra eras tu que chegavas.

3

A violeta anda chorosa
E a rosa alegre e faceta,
Só porque eu te chamei rosa
E não te chamei violeta.

4

Das flores mais olorosas
Trago-te um mólho composto ;
Eu só te não trago rosas,
Porque estas já tens no rosto.

5

Em este mundo quem se ha-de
A teus encantos oppôr ?
Longe matas de saudade
E perto matas d'amor.

6

Nesta existencia eu padeço
De dois males, ai de mim :
Da ventura sem começo
E da tristeza sem fim.

1905-1906.

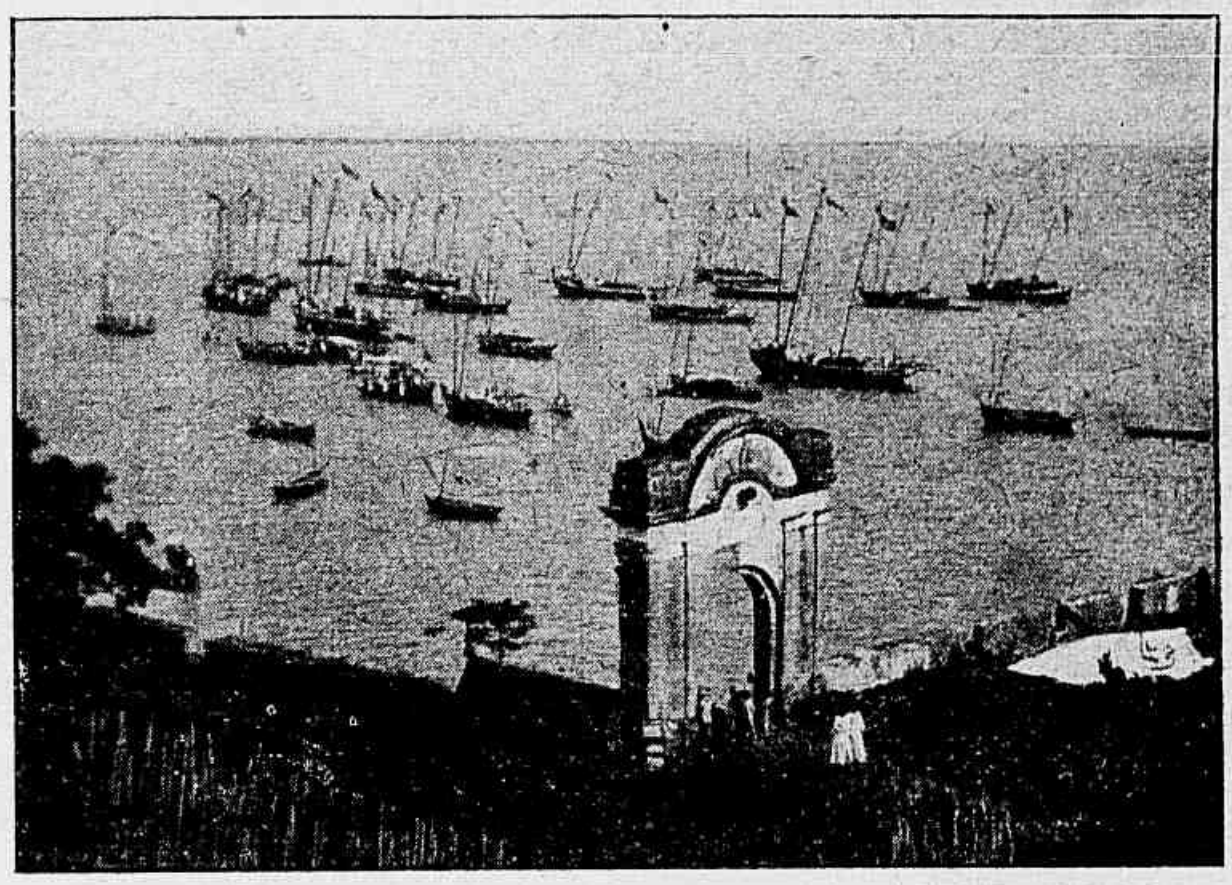
O melhor amigo é aquelle que melhor desengana. — *Alarcon.*

Nª. Sª. DA LUZ

(*Ao Monsenhor Zacharias Luz.*)

Com que satisfação, depois de penosa travessia em barco de véla do Alexis, ou no vapor da Companhia Bahiana, eu ouvia dizer Morro de São Paulo! Que alegria!

Era o termo do enjôo, a entrada no braço do mar calmo, sem os vaivens das ondas do alto mar. Pressuroso subia ao tombadilho para revîver recordações da infancia, vendo o portaló da Foztaleza, o pharol alto e esguio, e a igrejinha de Nossa Senhora da Luz, na esplanada do morro, entre a verdura, alva e singela.



Ilha de Tinharé. — Procissão no mar.

Entre os annos de 1549 e 1550, o castelhano Francisco Romero, delegado e logar-tenente do donatario da capitania dos Ilhéos, Jorge de Figueredo, tendo com os seus colonos seguido para o sul de Bahia, julgou encontrar no morro de S. Paulo propicio ponto para começo de colonisação, e ahí principiou a edificar o povoado, que seria a cabeça da colonia, quando teve noticia da existencia de um porto melhor, mais para o sul; e para os Ilhéos transferiu a séde da capitania. Data dahi o primeiro povoado no morro de S. Paulo.

Foi o capitão Lucas da Fonseca Saraiva d'entre os segundos povoadores, um dos principaes!

Coube-lhe boa parte daquellas terras e do cayrú, escolhendo elle para moradia a parte mais elevada da ilha Tinharé, chamada pelos portuguezes Morro.

Lá no alto, determinou Saraiva construir uma ermida dedicada a N. Senhora da Luz. Começou-se a construcção no alto, entregue aos zelos e cuidados, ao fervor e diligencia de um devoto de nome Simão Barreto. Ahi começa a lenda.

Eram quasi insuperaveis as difficuldades da construcção por falta d'agua.

Simão Barreto tinha de supprir esse inconveniente, fazendo buscar agua em longo trajecto por canudinhos ingremes e distantes, com detrimento do progresso da construcção que elle, com afan, desejava ver concluida.

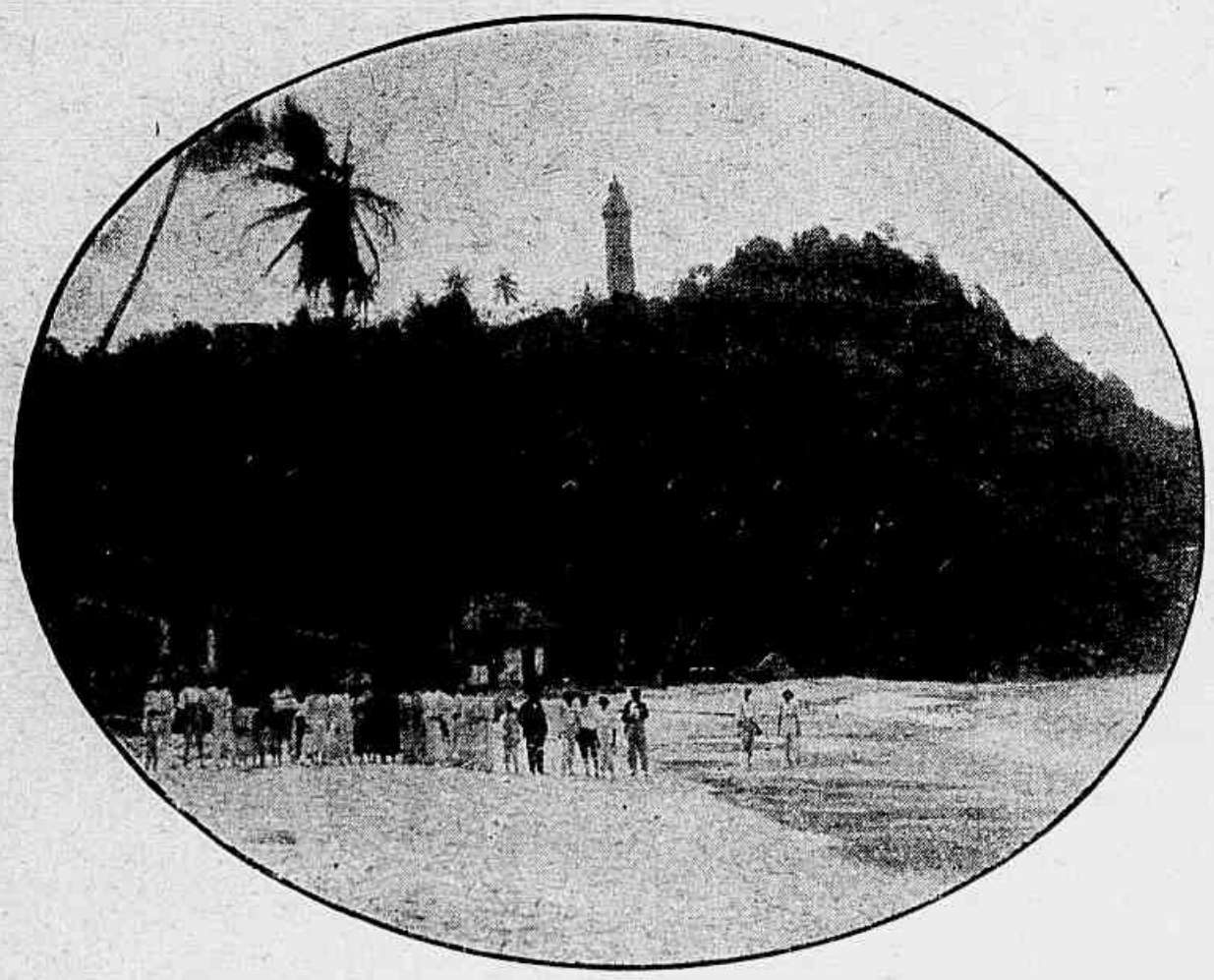
E o ermitão recorreu á Santa Virgem e, emquanto em fervente prece lhe pedia auxilio percorria o cabeço do morro, afastando ramos, rasgando as vestes nos espinhaes, raspando as folhas seccas acamadas no chão humido á procura de uma nascente. Avistou por fim uns *caráuátas* (*gravatás*) e certo de que o apoio da

Mãe Santissima não o abandonaria, para lá se dirigiu e depois de ligeiramente cavar com as unhas, afastando o humus, a terra humedecida, viu jorrar um veio limpido e crystallino que obviava todos os inconvenientes e demoras da construcção começada.

Era a primeira manifestação da bondade e protecção da Virgem.

Construida a ermida, era preciso ornamental-a, ornal-a com alfaias e paramentos, e Simão não tinha os meios de conseguir o preparo condigno do serviço divino.

Essa preoccupação lhe trazia insomnias, e dias passava o pobre homem no seu retiro fazendo projectos, e calculos, phantasiando recursos para dar áquella pequena ermida, que como uma pomba de paz abria as azas protectoras sobre a povoação em começo, o brilho cultual de uma rica, antiga e magestatica cathedral. Recorreu pois ao seu thesouro, ao manancial de todas as suas alegrias, de toda sua ventura, á sua unica riqueza. E dirigiu á Virgem a seguinte falla ingenua e simples, confiada e confidencial, como de irmão tratando do bem estar commum, conselho de amigo e interessado, falla que transcrevemos textualmente do *Orbe serapahico*, *Senhora, o dinheiro é consumido, o vosso devoto, devoto e bemfeitor, não pode haver outro tão cedo, e assim, si quereis ir logo para vossa casa, dai-nos com o que a preparemos, que não parece bem estar acabada a vossa capella, e vós aqui neste meu indigno e indecente palheiro.*



Ilha Tinharé. — Morro de S. Paulo.

Ergueu-se como illuminado; viera-lhe espontaneo o desejo de perambular pelas largas praias arenosas e brancas, batidas pelas ondas agitadas daquelle mar largo e magestoso, que lhe ficava aos pés. Sahiu á procura de ambar que se dizia abundar naquellas paragens.

O dia inteiro consumiu na exploração das praias, trepando aos arrecifes, fustigado pelo vento fresco do mar, molhado pelas fartos borrifos que a onda múrmura espalhava, quebrando-se com ruido na praia. E elle attento acompanhava com o olhar ávido o recúo rapido da vaga, na larga extensão da praia, onde a agua deixava de envolta cam as algas, bellas conchas nacaradas, ricos buzios. brunidos e matisados, como artefactos de madre perola.

Extenuado, voltava Simão á sua choupana, quando fazendo a curva da costa ao sopé do morro, sobre os arrecifes, onde o mar se quebra com fragor, atirando columnas de agua e espuma a grande altura, onde menos o poderia suppor, encontrou uma boa quantitade de ambar, *que veio a montar em quatro libras*

do mais apurado a que chamam griz. Ali mesmo prostrado de joêlhos Simão Barreto protestou servir á Virgem e gastar em seu culto, quanto lhe restasse de vida.

Da venda do ambar ficou a capella provida do necessario para o culto e decoração e, trasladada a *imagem*, constituiu-se a confraria.

E N. S. da Luz ficou sendo a protectora e madrinha de todos aquelles pobres pescadores e maritimos que, nas suas lutas com o oceano, fariam da igrejinha o seu norte no mar, e *da Virgem o seu norte na vida.*

Constituida protectora e mãe, parece que foi o encargo do agrado da Mãe de Christo, que se esmerou em demonstral-o em occasiões criticas e memoraveis, como a que passo a relatar.

Quando em 1624 parte da esquadra hollandeza, que se devia apoderar da cidade de S. Salvador, esteve á capa nos mares próximos á Ilha Tinharé, esperando Wilkens, sob o commando de Pedro Pietersz Heyn (Pedro Pires, como chamavam os hespanhoes), diz Accioli, nas suas memorias historicas, que o primeiro aviso foi dado ao governador pelo commandante da fortaleza do Morro.

Entretanto Jaboatão, contando a defesa do Morro em 1628, diz que Diogo Luiz de Oliveira, XV governador, no anno seguinte *indo pessoalmente ao Morro mandou levantar a que ao presente se acha, pois não havia nella outra fortaleza.*

Parece ter razão Jaboatão, porque depois da primeira invasão hollandeza e consecutivas investidas á Bahia por Pietersz Heyn, cuidou muito Diego Luiz de Oliveira das fortificações do littoral, terminando obras de defeza começadas pelos hollandezes, e aproveitando o material bellico por elles entregue por occasião da capitulação de Kiff, e rendição da cidade de S. Salvador.

Era necessaria essa pequena digressão historica, para bem accentuar o valor da defesa feita por Nossa Senhora da Luz ás povoações protegidas pela barra do morro de S. Paulo, sendo *Ella forte esquadrão e tambem cidade guarnecida de torres.*

Pedro Pietersz Heyn, tendo pela terceira vez voltado á Bahia e penetrado até o reconcavo, de onde levou pingue presa, ao sahir em busca dos galeões do Mexico expediu dous navios para explorarem as povações do sul.

Chegaram esses navios á vista do morro e depois de alguma demora fizeram-se ao largo.

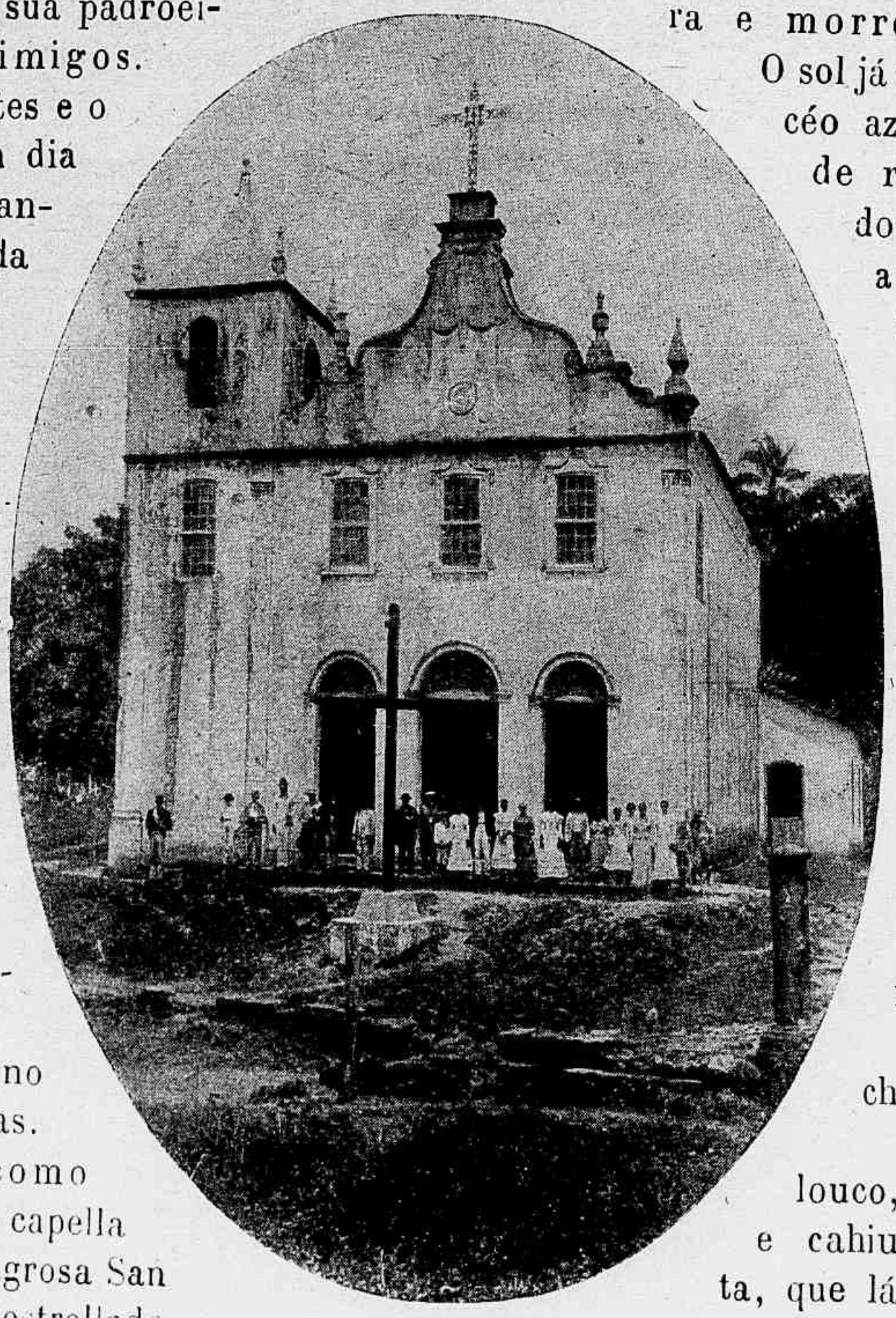
Agora a lenda :

Vinham esses navios com a missão especial de saquear a capellinha da Luz, rica de peças de ouro e prata conforme noticias recebidas pelos Hollandezes, que traziam instrucções para o assalto ás propriedades ruraes do continente, ás margens do Gordão, Jequié e Una e povoado de Cayrú.

Não foi bem succedida a expedição, porque quando os navios se aproximaram da costa os tripolantes divisaram clara e distinctamente uma força militar, forte de mais de dous mil homens, causando-lhes confusão e assombro, em um logar onde *ainda não havia fortaleza mais que a de Nossa Senhora da Luz naquelle seu templo* (1).

(1) Jaboatão.

Simão Barreto, que do alto assistiu ás manobras dos navios e sua retirada precipitada, receioso da volta dos Hollandezes á noite, e temeroso do saque á capellinha e desacato á imagem, tirou do altar a Santa Virgem e as alfaias, e tudo conduziu para o matto, dentro de uma forte caixa de madeira, que lhe serviu de leito naquella angustiosa noite. Deitado sobre a caixa evitaria assistir ao desacato da sua padroeira e morreria antes ás mãos dos inimigos.



Igreja de Nª. Sª. da Luz.

O sol já dourava os cabeços dos montes e o céo azul sem nuvem annunciava um dia de rosas, quando Simão despertando e vendo limpo o mar em toda a extensão, que sua vista habituada áquelle exercicio alcançava, sem uma véla branquejando ao longe, sem a sombra escura de um costado de navio, prostrou-se devotamente para a Virgem, abriú a caixa e não encontrou a imagem. Ficou na maior perturbação o pobre eremita. Como dormira tanto que permittira a subtracção de seu thesouro ? Que culpas tinha elle que merecesse tal castigo ?!

E prostrado no chão chorou lagrimas amargas.

Depois, como louco, abandonando tudo, correu á capella e cahiu em extasis, diante da milagrosa Santa, que lá estava com o seu manto estrellado fixando-o com o seu olhar doce e manso de Mãe carinhosa.

Agora uma tradicção de familia.

Na noite de dez de Dezembro de 1827 viajava da Bahia para Valença o Coronel Francisco Xavier de Figueredo, meu trisavô, em companhia de sua filha e netas Francisca Xavier de Figueredo Lopes e Herminia e Mathilde, quando um veleiro navio de piratas vindo nas mesmas aguas começou a caça da embarcação que era um *barco da Nação*. Sabiam os corsarios que esses barcos levavam sempre dinheiro para a conservatoria das mattas e para pagamento dos trabalhadores nos córtes de madeira. A marinhagem do navío flibusteiro estava prompta á abordagem, toda a postos, com os morrões preparados para o ataque. Do barco da nação assistiam impotentes áquelles preparativos, jà desesperados de se libertarem das garras ousadas daquelles ladrões do mar, D. Francisca resolvida a procurar a morte nas aguas de preferencia a ser aprisionada por

aquella gente sem crença e sem coração, preparava as filhas para aquelle sacrificio no momento do assalto, e de joelhos junto á borda do barco pedia, a altos brados, soccorro á N. S. da Luz, cuja capellinha alvejava ao longe.

Repentinamente a carreira do brigue foi diminuindo, ao passo que vento de feição enchia as velas do barco, o qual conseguiu transpor a barra do Morro de S. Paulo sem avaria, ao mesmo tempo que um barquinho do sul tambem perseguido, velejando para as proximidades de terra, livrava-se ao assalto.

O brigue corsario fez-se ao largo e desappareceu na orla azul do horisonte.

Na sacristia da capellinha da Luz ainda existe um quadro tosco perpetuando na memoria dos crentes mais esse favor da Virgem.

FABIO LUZ.

Jesus sobre as ondas

E no meio do mar, era a barca açoutada
Das ondas, porque o vento em contrario assoprava;
Mas Jesus, quando mal se entre-abria a alvorada,
Com elles veio ter... Sobre as ondas andava!...
E, ao vel-o andar, assim, sobre o mar, se turbaram,
Exclamando: « E' de certo um phantasma! » e de susto
A gritar começaram.
O Salvador, porém, os aquietou, sem custo.
« Confiai, disse, sou eu, não temais. » Respondendo,
Pedro fala: « Senhor, si és tu, de facto, manda
Que eu, das aguas por cima, a ti vá. » « Pois vem, anda »,
Replicou-lhe Jesus. E, da barca descendo,
Sobre o mar caminhando, ia Pedro... Por fito
Tinha a Jesus chegar... Mas, vendo rijo o vento,
Temeu, e, ao se sentir afundar, deu um grito:
« Põe-me a salvo, Senhor! » E, no mesmo momento,
Christo, a mão extendendo, o tomou, e lhe disse:
« Homem de exigua fé, porque haveis duvidado?! »
E, como, com Jesus, Pedro á barca subisse,
Calou-se o vento, e o mar quedou abonançado.
D'Elle, então, se achegaram
Os discipulos seus,
Que se achavam na barca, e, humildes, o adoraram,
Proclamando: « Em verdade, és o filho de Deus! »

AFFONSO CELSO.

Decadencia do Mar

(Sobre uma pagina de Raul Pompeia.)

Contra a maldade humana, outr'ora, erguendo a crista,
Enraiveceu-se o mar. Ingenuo moralista,
Affeito a contemplar a abobada serena,
Achou que era de mais a perversão terrena.
E os homens com terror viram as crespas aguas
Transbordarem do leito, espumando nas fraguas,
Num grosso fervilhar, de estouro sobre estouro.
O mar cresceu, cresceu, mugindo como um touro.
Conspirando com o mar, reuniram-se as torrentes,
E as nuvens, sem cessar, choveram nas enchentes.
Corriam para as mães as crianças, emquanto
Mulheres com pavor, afogadas em pranto,
Seminúas, ao vento os cabellos ondeantes,
Supplicavam soccorro aos antigos amantes,
Recordando, a chorar, entre beijos doridos,
Os thesouros de amor, para sempre perdidos!
Bravios animaes, numa corrida lesta,
A's cegas, desertando a alagada floresta,
Cheios de mansidão, vinham pedir abrigo
Ao homem, — seu maior e mais tredo inimigo.
Os principes da terra, em delirio de orgulho,
Vendo a onda subir, num crescente marulho,
Ameaçavam com o punho, em ridiculos gestos,
Erguendo para o céu ridiculos protestos.
E o mar subiu, subiu, formidavel e forte,
Espalhando o terror, a confusão e a morte.

***

Hoje o mar é diverso. A quilha dos navios
Domou-lhe a virgindade e os impetos bravios.
E aquelle antigo heroe, sublime justiceiro,
Que levava no bôjo um bamido altaneiro,
Anda agora a levar, nas espaduas profanas,
O fardo esmagador das ambições humanas!

BAPTISTA CEPELLOS.

Nisia Floresta

Em 1909 celebra-se o centenario do nascimento da maior escriptora brasileira, *Nisia Floresta*.

Poucos brasileiros conhecem este nome. Entretanto, elle é o de uma das mais fortes mentalidades femininas do paiz. Difficilmente se comprehende como essa extraordinaria mulher, sem

meios de fortuna e num tempo cheio de preconceitos, poude adquirir os conhecimentos de que fez uso no Brasil e na Europa, onde se notabilizou, publicando diversas obras em francez e em italiano.

Não cabe aqui a narração dos pormenores dessa atormentada, intensa e gloriosa existencia; mas, uma vez que raros a conhecem, convém accrescentar alguma cousa ao que ahi fica.

Nisia deixou o Rio Grande do Norte aos 19 annos, vindo residir no Recife, onde se demorou pouco tempo, transportando-se para o Rio Grande do Sul.

Ahi fundou um collegio que teve grande nomeada, mas o Rio a seduzia e ella para aqui se transportou, continuando a sua nobre profissão de educadora, ao mesmo tempo que fazia, em 1842, conferencias abolicionistas e republicanas, nas quaes prégava a liberdade de cultos e a federação.

Em 1849 deixou o Brasil e fixou residencia em Pariz, onde conviveu com os mais eminentes espiritos da época. Lamartine, Victor Hugo, George Sand, Saint-Hilaire, Laboulaye foram seus intimos e é pena que não tenha sido publicada a correspondencia que manteve com esses luminosos espiritos, salvando-se, apenas, algumas cartas de Augusto Comte, editadas pelo Apostolado Positivista, sob a direcção do Sr. Miguel de Lemos.

Nisia Floresta viajou grande parte da Europa. Demorou-se bastante na Italia, cujo aspecto physico e moral desenhou num soberbo livro de cerca de 400 paginas — *Trois ans en Italie* — narrando com muito interesse e relevo os acontecimentos de 1860.

Correspondia-se assiduamente com Manzzini, Garibaldi, e outros heróes da revolução, cujos interesses advogou em mais de uma gazeta italiana.

A notavel patricia viajou tambem pelo Oriente e escreveu sobre a Grecia paginas admiraveis de profundeza e colorido.

A sua individualidade destaca-se, porém, das outras escriptoras brasileiras pela elevação de vistas com que encarava os altos problemas sociaes e philosophicos, fazendo da penna e da palavra um sério elemento de propaganda, não só das cousas do paiz, como das idéas em voga nos grandes centros europeus. Neste sentido, orientou a sua educação intellectual, frequentando os mais notaveis cursos de sciencia na Italia, na Inglaterra e em Pariz, e relacionando-se com os mais cultos espiritos do tempo.

Prestará inestimavel serviço ás lettras patrias quem estudar criteriosa e demoradamente essa por tantos titulos excepcional figura feminina, uma das primeiras da phase romantica entre nós.

Eis o titulo de algumas das obras que deixou publicadas : *Direito das Mulheres* (1833), *Conselhos a minha filha* (1845), *Pensamentos* (versos 1856), *Lagrimas de um Caheté* (1849), *Revolta praiera* (1850), *D'assis* (1850), *Scintilla dumá anima brasiliana* (1855), *Trois ans en Italie* (1861), *Voyage en Allemagne* (1863), *Abysmo sobre flôres* (1864), *Um passeio ao Luxembourg. Dedicação a uma amiga*, *Le Brésil* (1871), *Fragments d'un ouvrage inédit* (1875).

Deixou ineditas uma collecção de poesias — *Inspirações maternas e Memorias de minha vida*.

Os *Conselhos a minha filha* foram traduzidos para o italiano pelo Bispo de Mondovi e para o francez.

Nisia Floresta falleceu em 24 de Abril de 1885, em Rouen, e está sepultada no cemiterio de Bonsecours.

H. Castricianno.

Uma carta de Fialho d'Almeida

Ha uns vinte annos que o sr. Fialho d'Almeida vem conquistando pelo conto, pela critica e pela chronica, a admiração e estima dum grupo literario a que me honro de pertencer.

A sua forte, sincera, original maneira de expressar-se, o lavor dos seus periodos, por vezes contornados, macios, voluptuosos, acariciando minudencias, polindo simples filamentos decorativos, como cinzeluras de mão que o amor e a saudade conduzem; ora violentos, bruscos, ineditos, a dois tons de negro e branco, em rasgões de contrastes entre o zimbrar da luz veranica e a reacção desgrenhada da tréva persistente; a multiplice visualidade da sua analyse fundamentada e rigorosa, em que soam marteladas iconoclastas e onde se descobrem recessos vivisecados de modelos anatomicos; o fulgor estranho das suas idéas, a firmeza dos seus argumentos, a altivez da sua opinião, puzeram-no em destaque de bronze commemorativo diante da nossa admiração e da nossa sympathia.

E sempre foi com pressura e febre que abrimos seus livros, trabalhados com a emoção intensa da Verdade e o carinho mystico dum desses possuidos da Arte, que se identificam com suas obras té o alheiamento completo das proprias existencias physiologicas fendidas como casquilha de casulos para a liberdade franca do imponderavel espirito.

Bem poucos escriptores têm feito, como elle, admiradores mais ardentes e constantes, postoque o numero não corresponda a uma desejada popularidade, nem seja o bastante para compensar o exhaustivo trabalho de tão valiosa obra! Mas, isso, que é elemento de lucro pecuniario, não póde abalar a um homem da tempera do sr. Fialho d'Almeida, que já perdeu a illusão da fortuna pela literatura, tal se deduz dessa ironica e admiravel auto-biographia do introito d'*A' Esquina*; e, si, por acaso, essa falha de exito põe fuligem negra de despeito nas meditações dos dias tristes, não conseguirá emparedar a alma sonhadora de um artista que produziu a extraordinaria galeria da *Cidade do Vicio*, onde a tragedia de Goya se mistura com a suavidade romantica de Murillo, numa incomparavel factura descriptiva. Ao demais, o sr. Fialho teve influencia na esthetica de não poucos escriptores cariocas, pelo menos nos do meu tempo, e por menores, por menos recommendaveis que elles sejam — para guardar o bom tom de parecermos modestos — já portanto prova que a sua obra excedeu os limites communs da chuchurreada literatura dos serões domesticos.

Assim posto, uma carta literaria desse bizarro, mas emocionante e vigoroso artista, é sempre uma gemma d'alto interesse, que excita a curiosidade, mórmente quando ella não se destina á vulgarisação da imprensa. Esta particularidade esteve a me embaraçar o desejo de publical-a; repelli-a, porém, com o animo e o jubilo dum *caçador d'esmeraldas*, si bem que, para isso fazer, fosse necessario violentar a relutante modestia de um amigo, a quem a carta foi dirigida.

Como vêem, commetti um delicto, pequenino embora! A carta veiu para o sr. Costa Macedo, esse delicado rapaz d'olhos norueguezes e lindos cabellos de pagem veneziano, duma tonalidade d'ouro sem mescla, que, de quando em

quando, nos conta umas historias impressionantes da triste gente rude do seu formoso Portugal.

Escreve o sr. Fialho, ouçamol-o:

« Muito lhe agradeço a dedicatoria do seu conto na *Renascença*. Só conhecendo a vida solitaria que eu passo, a mór parte do anno, numa vilória de jornaleiros alemtejanos, v. ex. comprehenderia a enternecida tristeza com que longinquas palavras de sympatia como as da carta de v. ex., me entram no peito, e ahi fazem reviver um melancolico coração.

As suas historias do *Kosmos* e da *Renascença* passam-se em Portugal; fala do Ave, da Arrifana, das culturas, da paisagem e da gente minhota... E' v. ex. portuguez, minhoto acaso? Lembro-me vagamente de um nome de Costa Macedo que ha annos figurava em jornaes academicos e gerações coimbrãs... E' v. ex.? E sendo, como foi parar ao Brasil?

Todas estas perguntas nascem do interesse que a sua carta me desperta, e tem um fim de confraternidade que lhe peço attenda e satisfaça. Nas suas historias admirei primeiro a lingua já forte, sonora e tersa, em que vem escriptas, e que muito me lembram uns cultores de letras portuguezas que havia out'rora, e estão rareando por cá, mercê do cosmopolitismo e da preferencia franceza, nas leituras de estudo e de prazer.

Não é que eu entenda a lingua portugueza immovel nos modelos do seculo XVII, e uzada e reproduzida pelos mesmos regidos periodos, d'enfase e secura, que os nossos grandes antepassados pompearam.

Quizera, porém, que a sua modernização fatal e evolutiva se não afastasse sensivelmente das linhas geraes da velha syntaxe, e não pozessemos de parte, systhematicamente para lhes preferir locuções e formulas peores e menos vivas, tantas das nossas bellas locuções luzitanas, tão claras, tão abertas, tão energicas, e que só o castelhano puro, escripto por algum escriptor do grande seculo hespanhol, consegue ás vezes obscurecer ou emparelhar.

Coisa curiosa é esta que, desde que morreu Camillo, a terra de Portugal deixou de ser aquella onde melhor se escreve o portuguez, sendo effectivamente o Brasil onde hoje com mais pureza e frescura se está escrevendo a lingua-mater.

E' ver como quasi todos os escriptores novos, poetas e prozadores brasileiros, sabem renoval-a dentro de modelos castiços, remodelando o vocabulario com gosto, colhendo da dicção popular copia de termos, e não exorbitando emfim, fóra do razoavel, como por cá se faz em Portugal, no que respeita á adopção de estrangeirismos, que não devem colher-se por luxo, mas só quando o justifique a sua excessiva beleza, ou na lingua patria falhe coisa que os represente, eguale ou exceda siquer em propriedade e formozura.

Aqui póde v. ex. acudir com a pergunta de « si o diabo se haveria feito sachristão? ».

Pois não ha quem mais culpas tenha neste crime de ter ajudado a estragar o portuguez, do que este seu creado e admirador.

Razão por que repulso a obra nefasta (claro que só naquilo que ella tenha de nefasta), e me não cançarei de gritar que a primeira coisa de que necessita um homem de letras, é conhecer a fundo a lingua em que escreve, e sabel-a esgrimir, e estar apto a renoval-a dentro dos limites do seu saber, do seu gosto e do seu genio.

Pelos jornaes que v. ex. me remette,

vejo que ha uma pleiade de espiritos estudiosos, pensadores, poetas, artistas, capazes de sustentar dois jornaes do typo revista-magazine; e ainda isto é uma surpreza para mim, que vejo Portugal, com Lisboa e Porto, não ter colaboradores nem leitores para sustentar jornal nenhum. »

. . . . . .

E' uma carta lisongeira para nós, brasileiros; ao que, de resto, já nos habituou o sr. Fialho. O seu prefacio a um dos livros do nosso magnificente Coelho Netto se mostra de tal sorte optimista a respeito da profissão das letras no Brasil que, francamente direi, me senti vexado e apoucado ao relembrar as queixas e os desalentos por nós todos extravasados em letra de fôrma ou nas parlendas da vadiagem á porta das livrarias.

Mas considerando o caso, sou forçado a crêr que o julgamento do sr. Fialho declina para o vulgar conceito de ser a *gallinha da vizinha mais gorda que a minha*, sinão para os exaggeros da sympathia.

Ainda nesta carta, por mim audaciosamente entregue ao fino goso dos que amam letras, a affectuosidade que o grande e independente escriptor portuguez nos dispensa, fal-o acreditar numa superabundancia de escriptores e leitores brasileiros, capaz de sustentar duas revistas — magazines! Quanto a leitores, se lhe tirarmos da conta os que compram revistas por causa dos *bonécos*, ficaremos reduzidos a um numero pouco mais ou menos sufficiente para desesperar o mais simplorio, desambicioso editor... E quanto a collaboradores... Ah! o sr. Fialho, o nosso querido artista do *Paiz das Uvas*, o incomparavel pamphletista da *Vida Ironica*, das *Pasquinadas* e dos *Gatos* não nos conhece!

O que temos de admiravel, com sinceridade é... a mania de escrever, porque, si assim não explicarmos essa perseverança em applicação desproveitosa, teremos de lhe dar classificação mais triste, em vez de mania diriamos — tolice, a tolice de escrever.

A bon entendeur...

E não é que só agora tive consciencia do delicto de que se me podia responsabilizar? Uma carta particular... Deus meu! Mas, o sr. Fialho d'Almeida sempre teve a franqueza das suas opiniões e em toda a sua obra inestimavel de pensador e critico nunca vacillou, um momento, no affirmar o que a sinceridade lhe ditasse. Essa carta, portanto, não traz o caracter de reservada, e, sobre a sua exclusiva expressão literaria, possue a fascinação de todos os lavores preciosos desse grande artista da Fórma e da Idéa, a quem a lingua portugueza deve, como a Camillo, uma plasticidade soberba e a rutilação dum thesouro imperial.

Maio de 1906,

(Ectr.). GONZAGA DUQUE.

CHARADAS (novissimas)

Ao Sertanejo Paulista

Em França houve um rei que, valha a verdade, parecia um camello. — 2, 3
Deus e o diabo fazem balburdia. — 1,4
Polydoro (Companhia Japonesa —

***

— Olhem; eu, si ficar viuvo, não torno a casar.
— Nem eu.
— Digo mais: ainda que eu fique viuvo vinte vezes, não torno a casar.

Pensamentos de Alex. Dumas filho

O que me consterna ás vezes é observar que o genio tem limites e a tolice não.

***

Os grilhões do casamento são tão pesados que se torna necessario para carregar com elles ser-se dous e ás vezes tres.

***

Só gozam da vida os que a empregam em cousas bellas.

***

Começai por admirar o que Deus vos mostra; não vos sobrará tempo para buscar o que elle vos occulta.

***

Ha muita gente que não se arrepende senão das suas boas acções.

***

E' mais facil ser bom para todos do que para um só.

***

A vida é o ultimo habito que se deve perder porque é o primeiro que se contrahe.

***

Aquelle que se suicida é uma victima que encontra o seu algoz e o mata.

***

Não discutais nunca; não convencereis ninguem. As opiniões são como os pregos: quanto mais se lhes bate em cima, mais fundo elles se enterram.

***

Em amor só ha um ultimo adeus : é aquelle que nunca se diz.

***

Quem do seu infortunio não soube tirar proveito, merece a sorte que tem.

***

Se quereis chegar ao conhecimento da divindade, não o procureis unicamente nas obras e na sociedade dos grandes espiritos, mas tambem no commercio das boas almas. O genio não explica Deus, a bondade prova-o.

***

Se os homens gastassem para fazer bem aos outros a quarta parte do que despendem para fazer mal a si mesmos, a miseria desappareceria do mundo.

***

Dai dinheiro, não empreisteis. Dar só faz ingratos; emprestar faz inimigos.

***

Prefiro os máos aos imbecis porque os primeiros de tempos a tempos descansam.

***

Os homens têm ás vezes direito a dizer mal das mulheres; nunca duma mulher.

***

Aos quarenta annos um homem politico serio despreza por tal fórma os homens que só lhe restam dous partidos a tomar : Suicidar-se ou servir-se delles.

Monologo de um velho

Ai, se pudesse a saudade
Trazer-me os passados dias,
As doiradas alegrias
E os sonhos da mocidade,
Pouco importara que o gelo
Dos annos em mim tombasse,
Cavando rugas na face
E embranquecendo o cabello!

Passam as scenas da infancia,
Dos tempos, naza velós;
Mas dellas eu tive após
Immoredoira fragancia...
Fala-me tudo de outr'óra:
Ora, um trecho de paisagem,
Ora, um tremer de folhagem
Ou trillo de ave cantora!

Recordo a casinha erguida
No monte, bem rente ao mar;
E minha mãi a cantar
Alguma trova sentida,
Meus irmãos acalentando,
E essa pobresa modesta
Que é toda luz, toda festa
Para quem vive esperando.

Quem tem crenças, quem confia
Traz, dentro dalma, um thesoiro:
Céu feito de estrelas de oiro,
Onde é perpetua a alegria.
Viveu sempre de esperança
Minha velhinha adorada...
Alma angelica e sagrada,
Descança no céu, descança!

Meu pai da faina voltava,
Da lida de pescador,
Soltando endeixas de amor,
Quando o sol agonizava...
Há, na voz dos marinheiros,
O pipilar das gaivotas,
Uivos das vagas nas grótas
E os ribombos dos pampeiros.

S. Paulo, 1902.

Em mesa tôsca, de pinho,
Nosso jantar era posto;
E ao *velho* tudo era exposto
Por minha mãi, de mansinho.
— Minha eterna travessura,
As *artes* do Quim, do Zico,
Que punha a casa em fanico,
Mesmo o cêsto da costura!

Do chagado coração,
Que tristeza se me evola!
A' noite, havia a viola
Ou o choroso violão!...
Ai, maguadas cantilenas!
Ai, noites de desafio!
Cantaram meu pai e o tio
De uma das minhas *pequenas*...

Por que recordar a historia
De uns amores de criança?
Baste, apenas, a lembrança,
Déssa quadra transitoria;
E o perfume esvaecido
De algumas flôres tambem;
E o gozo, o supremo bem
De um beijo, a furto, colhido...

Tombando o lar de meus pais,
Um outro eu não construi;
E dos gozos, que perdi,
Fiz meus suspiros, meus ais.
E a minha vida parece
Velho castello em ruina,
Onde a illusão peregrina
Do meu passado floresce:

Ai, se pudesse a saudade
Trazer-me os extinctos dias,
As doiradas alegrias
E os sonhos da mocidade,
Pouco importara que o gelo
Dos annos em mim tombasse,
Cavando rugas na face
E embraquecendo o cabello!...

CARVALHO ARANHA.

Entre moças:
— Que rapaz feio! é um verdadeiro purgante!
— Pudéra; si é filho de um boticario...

A eterna pergunta

Vives de uma illusão, que é a propia vida. E' essa
A motora fatal que nos arrasta e leva
A' crença, luz de alguns, ou á descrença, treva
— Róla um mundo, em fragor, outro a surgir começa.

Sombra : — principio e fim. Humano ser, depressa
Passas, ludibrio vil, prêsa da dor primeira;
E a alegria fugaz, que, após, te exalta e enleva,
Nada vale afinal, pois vém na magua expressa.

Desarvorada náu, no eterno mar perdida,
Planta, que a brisa afaga, ou o furacão carrega,
Aonde irás tu parar? Que t'o responda a vida.

Que serás, amanhan? E embora, inquieto, fremas
Emquanto indagas tudo e a alma, curiosa, offega,
Surgem, de um só problema, insoluveis problemas...

Rio, 1902. CARVALHO ARANHA.

Visconde de Barbacena

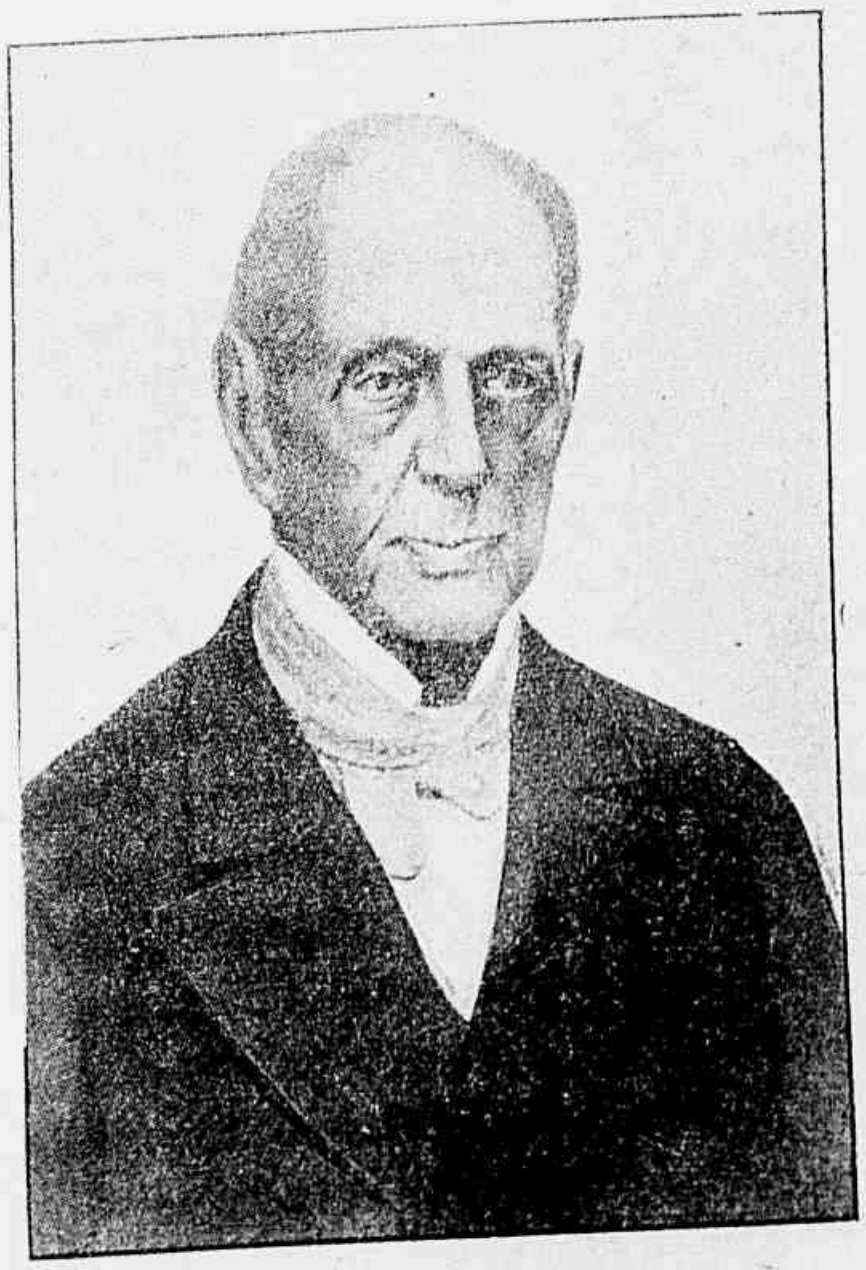
Na avançada edade de mais de 103 annos, falleceu a 28 de Maio o Visconde de Barbacena, cujo nome se tornara alvo de respeito e veneração em todo o Brasil.

Recebendo desde o berço um nome já illustre, o Visconde de Barbacena pelos seus meritos pessoaes ainda mais bello tornou esse nome.

Primeiro como militar, depois como diplomata, mais tarde na qualidade de administrador, e por fim como industrial, elle prestou muito bons serviços ao Brasil, deixando uma memoria digna de ser apontada.

Quando a 22 de Junho de 1897 a colonia ingleza festejava aqui o *Diamond Jubilee* da Rainha Victoria, o Visconde de Barbacena, convidado para essa festa toda intima dos filhos da Gran-Bretanha, ao transpor a porta do grande salão poude ver que eram as senhoras as primeiras a erguer-se e a recebel-o com uma prolongada salva de palmas.

Certamente nesse momento elle recordou outra data em que, joven ainda, representára o Brasil e fôra tambem recebido com honrarias em outra ceremonia,



Visconde de Barbacena.

a coroação de Jorge IV, pai da Rainha Victoria, successor do seu pai, Jorge III.

Nessa festa, o Ministro inglez, que a presidia, recebeu o Visconde de Barbacena com um discurso enthusiasta, a que o illustre Brasileiro respondeu em inglez, sendo-lhe entregue, pelo representante da Grã-Bretanha, uma medalha de ouro em que se liam os seguintes dizeres: « — 1837 — The diamond jubilee Queen Victoria. To Visconde de Barbacena the british colony. Rio de Janeiro, 22th. June 1897 ».

Em Julho de 1902, o Instituto Historico celebrou, com a presença do Sr. Presidente da Republica, uma sessão solemne em commemoração do centenario do Visconde de Barbacena. Por essa occasião recebeu elle as maiores demonstrações de admiração e respeito. Innumeras corporações e pessoas notaveis, tanto do nosso paiz como do extrangeiro, se empenharam em levar ao festejado velhinho o testemunho confortador da sua sympathia.

***

Pouco antes de completar os seus 103 annos o Visconde de Barbacena era entrevistado por um dos nossos jornalistas a respeito de uma ephemeride, o 7 de Abril, de grandes recordações na historia patria.

Eis o resumo d'este *interview* :

« Cada vez que encontramos o Sr. visconde de Barbacena, achamol-o mais dulçurosamente simples e bondoso, cheio dessa natural bonhomia, que o torna deliciosamente encantador no trato intimo.

S. Ex., como se sabe, vae fazer 103 annos, mas diz, graciosamente, que só tem tres, porque está fazendo uma segunda contagem e vivendo uma segunda vida. E' um velhinho que, em materia de saúde, bate quasi toda essa gente moça: não tem um achaque. Bem agasalhado em grossa roupa de casemira, ainda por cima envolvido num chambre, agora no tempo frio, depois do almoço, fica na sala de visitas, onde se conserva até á tarde. Ahi revê a velha Inglaterra (a Inglaterra que S. Ex. viajou nos bons tempos), por meio de revistas, que um seu pupillo, educado no collegio dos Salesianos, e polyglota, lê em voz alta, horas e horas.

Mal chegámos á sua casa, S. Ex. foi nos dizendo :

— « A entrevista que você teve commigo e publicou depois no seu jornal, sahio reproduzida numa revista ingleza. Já me chegou ás mãos. »

Sem grandes circumloquios fomos logo expondo o desejo que tinhamos de conhecer algum ponto obscuro da celebre questão do *Sete de Abril*, ao que nos respondeu o visconde: — « Isso é assumpto conhecido. Em todo o caso vou dizer-lhe alguma coisa sobre a parte que meu pae e eu tivemos na questão.

O Sete de Abril verificou-se, como sabe, por causa da demissão que o imperador deu ao ministerio do marquez de Barbacena.

Duas vezes meu pae foi demittido por intrigas.

A primeira foi assim: Francisco José Gomes, amigo e conselheiro privado do imperador, disse-lhe que o marquez de Barbacena tinha commettido duplicata nas suas contas, o que se verificou ser uma infamia, pelos exames posteriormente feitos no Thesouro Nacional. Isso foi ardilosamente tecido para arre-

dar os elementos nacionaes das altas posições officiaes.

O ministerio seguinte foi recebido com hostilidade pela Camara dos Deputados, onde o deputado mineiro Bernardo Pereira de Vasconcellos, grande notabilidade da época, atacando com violencia o governo, disse que a demissão do gabinete Barbacena vinha mostrar que Pedro I não governava com os seus ministros e sim com um conselho secreto.

Querendo facilitar a reeleição do seu ministro José Antonio da Maia, deputado, Pedro I emprehendeu a celebre viagem a Minas, onde foi recebido com uma indifferença cortante, glacial, reflexo dos desgostos que lavravam por todo o paiz.

O Maia foi estrondosamente derrotado por José Feliciano Pinto Coelho.

De volta ao Rio de Janeiro, o imperador só recebeu manifestações agradaveis dos seus conterraneos.

Os brasileiros estavam a estourar de indignação. Cresciam as rivalidades, a agitação popular era terrivel.

Pouco depois ha os medonhos conflictos conhecidos historicamente por — *noite das garrafadas*.

E' difficil descrever o estado de espirito do imperador, profundamente irritado com a marcha das coisas. Por essa época chega ao Rio de Janeiro o coronel hespanhol Barreros, commissionado pela maçonaria hespanhola e pela portugueza para offerecer a Pedro I a corôa de imperador da Peninsula Iberica. Illudido por essa promessa e desvairado pela exaltação popular, pela critica flagelladora dos jornaes e pelas manifestações revolucionarias da tropa, que, commandada pelo general Francisco de Lima e Silva, já se achava em fórma no campo de Sant'Anna — o imperador abdicou.

Os soldados ardiam de furia patriotica. Projectavam dar um saque nas casas portuguezas. Para acalmal-os foi preciso mandar buscar numerosas pipas de aguardente, que, preparada com muito opio, foi distribuida a todos.

Adormeceram e no dia seguinte não se fallava mais em saque.

E Pedro I, sonhando com a corôa da Peninsula Iberica, antegosando as delicias do throno dos Felippes, tomou a náo ingleza e partio para Portugal.

Acho conveniente citar mais algumas passagens que me escaparam durante a narração.

O imperador teve uma louca paixão por D. Domitilia (não me lembro do resto do nome) feita depois marqueza de Santos.

Essa mulher, mediocremente bonita, rica de ardil, de audacia, e pobre de educação, conseguio dominar completamente o joven imperante, tirando de tal situação o maior proveito possivel, até em dinheiro. Imagine que ella fazia isso: não querendo pedir dinheiro directamente, francamente ás partes, inventou umas apostas em que ganhava tanto si conseguisse e nomeação de tal sujeito para tal cargo, e perderia egual quantia em caso contrario.

E' clarissimo que sempre ganhava, porque D. Pedro não lhe sabia resistir.

O ministerio sempre concordava com isso. Parallelamente a contrariedade publica se avolumava para explodir incoercivelmento a 7 de abril.

Quando o marquez de Barbacena, meu pae, chegou ao Rio de Janeiro, com a princeza noiva de Pedro I, encontrou o imperader muito amigo e obsequioso.

Muitos brasileiros notaveis foram então procural-o, pedindo-lhe insistentemente que formasse gabinete. Meu pae recusou a principio, mas depois con-

cordou com o pedido dessa gente notavel.

Formado o ministerio, o primeiro cuidado foi o de mostrar ao imperador a inconveniencia de ceder, publicamente, aos pedidos escandalosos da marqueza de Santos, com preterição dos interesses do Estado e declarou que o Brasil não via com bons olhos a influencia nefasta dos tres conselheiros secretos: Francisco Gomes da Silva, vulgo *Chalaça*, o *Carlota* e o Rocha, envolvidos simultaneamente em ridiculo e antipathia.

Pedro I comprehendeu quanta razão havia nas palavras de meu pae e dispensou os conselheiros, despachando-os para a Europa em commissões do governo. Pouco depois vae a palacio um illustre senador portuguez, amigo intimo do imperador.

Depois de muita conversa, de dizer que ia ali em caracter particular, porque nenhuma influencia tinha, pedio licença para lembrar que a situação era grave, que todos os ministerios eram recebidos hostilmente pela Camara, que só o marquez de Barbacena conseguia tudo, prova evidente de que esse homem perigoso estava sendo apontado para a presidencia da Republica que se preparava.

Essas intrigas foram a causa da segunda demissão de meu pae.

No dia 4 de abril de 1831, em casa do marquez de Barbacena, fui ter uma conferencia com o redactor da *Aurora Fluminense*, Evaristo Ferreira da Veiga, para combinar os meios de fazer a revolução, porque o imperador, divorciado do paiz, havia perdido o respeito e o apoio dos homens politicos, por causa do seu programma do prometter hoje uma coisa para amanhã fazer o contrario. Nesse ponto o visconde, jovialmente, diz: — « Por hoje basta. Já você tem ahi muita coisa. »

(1906)

Voz clamante

I

Neste frio silencio, á luz do luar, parece
Expirar, alta noute, uma saudosa prece:
Donde vem o clamor funebre e dolorido
Como de um moribundo o cansado gemido?
Si não vejo em redor os sombrios cyprestes,
Porque, vago e sinistro, o vento chora nestes
Desertos da existencia? A voz tremula e doce
Que de leve agonisa, assim como si fosse
Um adeus muito longe e muito triste, outrora
Arrastava comsigo um barulho de aurora.
Quem assim me perturba o silencio? Nos ermos
Costumam soluçar os corações enfermos:
Que terna apparição, nos doridos logares
De meus sonhos, deplora os seus velhos pesares?
Si, fechados de medo, os calices das flores
Calam, por noute afora, os suspiros e as dores,
Donde partem, chorando e gemendo, essas voses
De lentas afflicções e torturas atroses?

Não é perto de mim, entre as folhas sombrias
O barulho feral de roucas ventanias,
Nem de uma ave nocturna o pio agudo e lefio,
Imitando um funereo e tragico lamento.
Ouço, triste e confusa, a linguagem: de certo
Alguem se transviou no profundo deserto
Que começa, formosa, em tua ausencia, e finda
Onde finda a extensão desta saudade infinda.

II

— Vae, minh'alma, atravez da mesta solidade;
Chora, viuva e só, a tua negra orphandade;
Clama em gritos mortaes por seu nome; aos ecos
Atira anciosamente os teus grandes abraços;
E, encontrando, bem longe, a arvore da esperança,
Sob os galhos em flor abre a tenda, e descansa.

Ceará, 16 junho 1905.

Cunha Mendes

CHARADA (Bisada)

Aos invenciveis Granadeiros

4 — O velhaco *ri* do meu guisado. — 3

Aldo Maller (Belem — Pará).

Recreação

CURIOSA PROPRIEDADE DE UM NUMERO.

Ahi vae uma coisa realmente curiosa, em que talvez os mathematicos nunca pensassem.

Tomemos o numero 37 e a progresssão arithmetica 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 e multipliquemos 37 por cada um dos termos; vem:

37×3=111 37×6=222 37×9=333
37×12=444 37×15=555 37×18=666
37×21=777 37×24=888 37×27=999

Conclue-se esta curiosa propriedade: o numero 37 multiplicado pelos termos d'aquella progressão dá productos formados de tres algarismos iguaes, e a somma d'esses algarismos é igual ao numero pelo qual se multiplicou 37, como é facil de ver.

DUPRAT & Cia

Casa fundada em 1850

Fabrica de Livros em branco e de Carimbos de borracha.
Secção especial de Clichés em Zincographia, Autotypia, Stereotypia e Galvanosplastia.
Trabalhos em Trichromia, etc., etc.
Artigos para Escriptorio.

Desenho, Pintura e fantasia. Carteiras e Cadernos escolares. *Importação Directa de todos os artigos concernentes ao nosso ramo de negocio.*

o o o o PAPELARIA
o o TYPOGRAPHIA
o o o DOURAÇÃO
o o o o PAUTAÇÃO
ENCADERNAÇÃO

OFFICINAS E DEPOSITO :

Rua 25 de Março, 40

PAPELARIA :

Rua Direita, 14

Telephone, 78 ***Caixa Postal, 52***

SÃO PAULO

Endr. Telegr. : ***" INDUSTRIAL "***

OLIVEIRA MARTINS

(Carta a Silva Gayo)

N'aquella noute do « Café Lusitano », em Coimbra, onde tivemos uma palestra, continuadora dos lendarios cavacos da Lusa-Athenas, ás vesperas de feriado, matou-me v. o bichinho do ouvido para me arrancar um artigo sobre o Oliveira Martins *intimo*...

O' meu querido secretario da universidade, alma d'oiro e poeta até á medulla dos ossos! como v. em tudo revela uma ingenuidade muito ao arrepio das paixões e pequenezas dos circumspectos e condecorados portuguezes que nos escutem, desconfiados e formalistas! Trazer o Martins *intimo* á curiosidade velhaca ou tendenciosa do publico, estando ainda quentes as cinzas de um dos mais interessantes naufragos da politica portugueza? Quentes, sem duvida: no amassar dos seculos, a data de 24 de agosto de 1894 é uma cousa tão proxima de nós, tão mystica — assim se escrevia até em antigos documentos do municipio de Lisboa — que doze mesquinhos annos representam apenas um infinitamente pequeno no rosario infindavel dos tempos. Estou ainda a assistir, de memoria, a esse momento, para mim tragico, pois nunca vira morrer ninguem!

Após duas horas de uma agonia sem grandes convulsões, e quando os primeiros alvores d'esse dia invadiam hesitantes, a mêdo, o quarto mortuario de Sousa Martins, amigo, e medico intimo do grande escriptor, espreitando, olhos chorosos, o alento final, pronunciou a dolorosa e crusciante sentença: « *Está morto!* » E, consultando o relogio: « *Seis horas e tres minutos!* »

E aquelle espirito original, tão complexo, tão sobranceiro a essa élite que nos forçam para ahi a admirar e tão rebelde a uma rigorosa observação psychologica, estava deante de nós mudo, hirto, sereno, no protocolo prosaico dos cadaveres, o classico lenço amarrado em volta das maxillas, n'esse formalismo que tem de sugeitar-se á horrorosa casaca e calças, os pés mettidos nas disparatadas e lendarias babuchas de defuncto! E depois, a leitura *ac cadaver*, das disposições testamentarias, na presença do regedor, indifferente, pela força do habito, a espectaculos d'essa natureza...

— Não, meu caro Gayo, não é chegado ainda o momento de remexer cinzas socegadas, de trazer a publico o Oliveira Martins que pensava dos grandes problemas da vida por uma forma que parece contradictoria com as formalidades derradeiras que o levaram amortalhado para o mysterio do Além: do Martins superiormente ironico, a espaços faceto á antiga portugueza e que sublinhava com uma graça caustica e maliciosa os juizos que lhe cahiam dos labios sobre os homens do seu tempo — politicos, litteratos, artistas e dizedores dos males dos outros sem olharem aos seus... Nem me parece que esses juizos, desabafos momentaneos, quando assoalhados e offerecidos a pasto da curiosidade impiedosa e vingadora, comidos já da terra alguns dos que foram visados pela ironia do escriptor, possam constituir elementos seguros de critica sobre a integração intellectual do critico que no *Portugal Contemporaneo* foi tão severo com os principaes actores da tragedia liberal.

De maneira, meu caro Gayo, que se contentará com saber — decerto já o sabia de ha muito — que na intimidade era onde mais transparecia o caracter de Oliveira

Martins, caracter feito essencialmente de antitheses: portanto desegual no trato, mas no fundo affectuoso, embora sob esterioridades que a espaços tendiam mais a affastar, a repellir que a attrahir. Caracter fundamentalmente bom, compassivo, amoravel, ninguem o poderá contestar. Desdenhoso da futilidade ambiente? Certamente, porque com a maior difficuldade reconheceria meritos nos falsos talentos, nos reclamistas dos seus postiços merecimentos, dos impingidores de unguento basilicão por banha de cheiro — especie irritantemente numerosa no nosso meio social. Não perdoava, aj dentro da sua consciencia, aos taes roncadores de popularidade conquistada á custa da boa fé do publico ingenuo. Filho das suas obras, producto do proprio esforço, voltava costas aborrecidas a falsos heroes, a tudo que não representasse solidez e se escorasse apenas na banalidade ou na futilidade. Isto que a olhos superficiaes poderia traduzir uma desmedida importancia de si, era apenas a manifestação sádia de um espirito forte e recto. A frivolidade poderia acaso captivar-lhe um momento a sua analyse ou o seu instincto curioso, mas o que não captivava era a sua admiração.

Quererá agora v. que lhe diga como trabalhava Oliveira Martins? Materialmente, em pé, a uma meza de superficie movel, inclinada, e que ainda conseguia ser estante para conter livros e papeis avulsos. Com um folgado roupão, um *fez* na cabeça, começava cêdo a sua tarefa.

Para descançar uns minutos, refestelava-se n'um cadeirão cujos braços não serviam apenas para apoio: n'um d'elles uma pequena estante movel, no outro uma palmatoria egualmente movel para a luz da vela se accommodar á leitura, ali poderia o auctor dos *Filhos de D. João I* estudar os assumptos mais diversos, porque a sua mentalidade não se contentava com a especialisação d'esta ou d'aquella doutrina, de tal ou tal forma litteraria.

Materialmente, trabalhava assim. Psychologicamente, porém, trabalhava com ordem, com *methodo*. Na experiencia propria e na de certos escriptores aprendera que consagrar ao labor systematico, diario, horas certas, poucas que sejam, é amontoar na roda do anno quantidades que nos espantam, ao vermos no final a somma do esforço produzido. Assim se explica o sommatorio litterario de um Balzac, de um Zola, e do nosso Theophilo Braga. Depois, a disposição egualmente systematica dos materiaes com que trabalhava facilitava-lhe pasmosamente a sua lavra. Os livros, arrumados por categorias doutrinarias, tornavam a pesquiza de qualquer referencia, citação ou analogia extremamente breve. De uma vez, quando quem isto escreve traduzia do inglez a *Historia de Portugal* de Morse Stephens foi preciso verificar o nome de certo rio africano, variado na sua graphia, nas obras portuguezas. Oliveira Martins, em menos de dois minutos punha a mão n'uma onomastica. Era a da batalha de Alcacer-Kibir; e ahi se encontrava o verdadeiro nome do rio, galgado, na desastrada batalha onde se afundou e heroismo portuguez, pelo estouvado rei Sebastião, ao sumir-se n'aquelle nevoeiro que o trará ainda um dia ao nosso inveterado sebastianismo...

Nunca vi que o Martins se désse a peros para achar um apontamento, um livro, um opusculo, uma simples nota de acaso. Sempre positivo, sempre pratico. E comtudo era um poeta, um sentimental, um lyrico, em momentos de lazer. Aqui se manifestava ainda o seu antithetico temperamento. Nas suas obras, quantos raptos de um idealismo tão nosso, afinado por uma sensibilidade de poeta! Mas nas gavetas jaziam decretos com que reformaria economica e financeiramente o paiz. Até um *codigo de caça* — diz-se — espreitava o momento de ir mondar, por esses campos fóra, os abusos vexatorios. E um dia, ministro da fazenda — não por vaidade mas com a patriotica ambição de fazer alguma cousa por esta desastrada e malfadada nação — cahiu no erro fundamental que elle annos a fio fulminara; e a curto intervallo era vencido pela astucia de um advogado raposão, habil em negocios caseiros, mas por seu turno vencido

lorpamente pela arteirice de outros raposos... Porque motivo cahiu o ministro? Por a fatalidade do seu caracter antithetico. Tinha força de vontade, era um politico de idéas, mas era tambem um philosopho.

Quando se via, como *politico*, enredado nas difficuldades armadas pela mediocridade e platitude do meio ambiente, o *philosopho* encolhia os hombros, desdenhoso, empolgado pelo pessimismo, que foi uma das notas, aliás pouco aquecedoras, da sua obra como pensador. Faltava-lhe, como politico, essa *energia* que não attende a conselhos de philosophia nem a escrupulos de consciencia, que não amontôa prós a contrapôr a contras, que despreza obstaculos e não vê senão o alvo a attingir. Martins era um pensador, um homem de idéas largas; e quando pelo proprio tactear dos negocios sentiu a pobreza de recursos do paiz que elle desejava levantar e sobretudo observou a curteza de vistas do meio politico ambiente, desdobrou a sua personalidade; desconsolou-se; chamou em seu auxilio a philosophia que é a grande consoladora das illusões perdidas.

N'esse momento, o homem de acção abdicou. Oliveira Martins, sentindo-se *mais grande* ainda ao pé dos pigmeus, recolheu aos livros. D'ahi a pouco morria, e bem aborrecido ao que parece!

... Era um philosopho. E com tudo, a sua repugnancia por quaesquer systemas de philosophia — nomeadamente pelo Comte — era bem visivel.

Falho d'essa documentação que jáz copiosa e em parte virgem nos nossos archivos, mormente na *Torre do Tombo* e cuja trasladação á letra redonda era, no seu criterio, um dever impreterivel do Estado, claro está que a obra de Oliveira Martins é mais adivinhada que real e positiva.

Falho de preparação philosophica, a sua obra péca por dar um caracter especial a factos que se filiam em leis geraes. Uma fraternal descompostura lhe apanhei — ouvi-a bem contristado: já a tuberculose lhe estrangulava a voz! — por eu haver apreciado o seu *Nun'Alvares* á luz da philosophia, n'um artigo do jornal. Criminava-me como discipulo ferrenho de Theophilo Braga. Onde, porém, o assumpto lhe permittia alar-se aos dominios da Arte, folgava como o peixe n'agua.

A pintura de caracteres era o seu dom primacial. Recorda-me da satisfação intima que experimentei um dia quando Luiz de Magalhães lhe desfechou á queima-roupa este juizo: « Você, Martins, dava um grande dramaturgo! »

Era precisamente o que eu já concluira da sua pintura dos grandes actores da epopeia portugueza. Pegar em figuras mortas, resequidas e pergaminhadas por uns poucos de seculos de historia; encarnal-as, movel-as, explicando a mola intima das suas acções; pôl-as em toda a acção — era o segredo typico da sua arte. Lera muito Stendhal, Taine, Balzac, Renan e Bourget e outros psychologos de fama, o que muito o ajudava na reconstituição das figuras de maior marca no tablado historico. Esse era o seu principal talento.

Brusco ás vezes, logo resgatando a secura por um sorriso, se via no rosto do seu interlocutor quaesquer sombras de melindre; agora risonho e familiar, logo uma catadura de deus intangivel em presença dos pedantes, fazia gosto, apesar d'isso, viver na sua roda.

Sem ser conversador fecundo e primoroso, a anedocta, o epigramma, escorriam-lhe dos labios com especial sublinhadura. Se v. lhe ouvisse contar a historia de um sujeito que um dia lhe entrou de esfusiote, pelo seu gabinete de ministro, para lhe impôr a revogação de um concurso para fornecimento de certo artigo para a guarda fiscal!

Claro está que o sujeito foi conduzido pelo continuo para fóra do gabinete do ministro; mas logo na noite, um jornal, padre-mestre em campanhas anti-ministeriaes ruidosas, arrastava o Martins pelas gemonias, flagellando-o á bruta e á tesa. A politica, entre nós, é muitas vezes isto..... Martins contava esta e outras anecdotas, com a resignação de um santo e com a ironia de um Voltaire.

Nada de theatral na exposição de taes mizerias : o commentario era feito pelo proprio criterio do ouvinte. As minhas funcções estipendiadas de secretario litterario impunham-me mais reserva na lingua que nos ouvidos. Estes, em dez mezes, receberam boas lições e rasoavel colheita de primores de graça e ironia.

Tenho ainda bem vivo, na memoria, esse gabinete que a digna viuva do escriptor conserva religiosamente, tal como aos amigos se facultava ha doze annos.

A arrumação das estantes e dos moveis é ainda a mesma, excepto a ausencia de poucos objectos que, por disposição testamentaria, passaram a outros possuidores. Não está lá uma estatueta do *Infante D. Henrique*. Tambem ella nos poderia dizer, em segredo, alguma cousa de interessante para a historia intima da nossa administração, e que seria como que a replica do caso do outro que pretendia mandar, entrado de esfusiote, no gabinete do ministro...

Quando acaso visito a casa de Calçado dos Caetanos, onde habitou Oliveira Martins, domina-me a illusão de que elle está alí, que se ecclipsou, um momento, para se entrajar e sair, depois do meio-dia, para as occupações habituaes do seu dia, marcadas n'um *memorandum*.

Parece-me vêr, ainda, na meza de trabalho, no 1.º de cada mez, as mezadas com destino aos contemplados, por generosidade sem alarde do grande escriptor, o sobrescripto com a remuneração dos meus serviços — *rubis sur l'ongle*. Outr'ora guarda-livros, não fôra essa circumstancia indifferente aos seus habitos de escripturação clara, positiva das coisas da vida. Tinha, por conseguinte a alma de um anglo-saxão. Agora pratico, terra a terra, lidando nas officinas ensurdecedoras, por entre machinas azeitadas ; logo, repotreado em commoda poltrona, a imaginação banhando-se nas coisas superterrenas, onde, pela phantasia vêmos o que ha de mais bello, roseo e ao mesmo tempo impalpavel. O que Oliveira Martins não poude foi alcançar a envergadura do *politico*, tal como se concebe entre nós. Pois é este o seu melhor elogio ; porque para isso tinha de não ser um pensador, um escriptor, um homem de lettras. N'este paiz, raro individuo poude desdobrar-se brilhantemente n'essas duas fórmas, ambas, por exemplo, appetecidas por Garrett, Mendes Leal, Corvo e Pinheiro Chagas.....

Meu caro Gayo : Passam em 24, d'este, doze annos sobre o ultimo sopro de Oliveira Martins. Nós, todos, os que tivermos uma concepção, a mais nobre possivel da vida, devemos-lhe respeito.

Respeito a esse homem, salutar exemplo do que póde o trabalho, sob o imperio da força que pretende abrir caminho, pela vida fóra, com os proprios recursos e conquistar uma relativa e honesta independencia.

Respeito a esse homem que por si, e entre difficuldades e occupações materiaes que n'outros estancava ou paralysava toda a vontade, fez a sua educação mental, metteu na cabeça uma reducção de encyclopedia para a transmittir depois ao povo, cuja educação intellectual e moral elle queria transformar, habilitando-o á regeneração politica do paiz. Ser escriptor não era para elle apenas a satisfação da vaidade natural de quem deseja communicar com outros pela lettra redonda : era a maneira de influir politica e superiormente na administração desmantelada do Estado. Faltava-lhe para isso a « energia » do politico destituido de escrupulos, arteiro nos processos de vencer resistencias e cauteloso em evitar as hesitações que proveem do predominio das idéas, dos grandes principios sociaes tomados muito ao pé da lettra... do absoluto, em summa...

Sobrava-lhe porém aquillo que deve faltar precisamente n'um homem d'estado — vistas largas, demasiadamente penetrantes dos assumptos que mais importam á republica ; faltava-lhe a obstinação que dimana da estreiteza de vistas e vem a ser a melhor qualidade dos politicos ; tinha imaginação de mais para ver as cousas do governo no seu prosaismo peculiar ; era homem de lettras de mais para os negocios publicos. « Se é verdade, como creio — diz o escriptor francez Gas-

ton Boissier — que no governo de um Estado o politico chega a bom termo pelos seus defeitos, os quaes são as proprias qualidades do homem de lettras e que o fazem naufragar, ao dizer-se que elle não tem geito para os negocios publicos, é quasi fazer-lhe um cumprimento ».

Mais do que isso : é fazer-lhe o maximo elogio. Jornalista, escriptor, epistolographo, polygrapho, com o seu estylo tão pittoresco e ás vezes ziguezagueado denunciando a tara que se lhe lia no olhar enviezado; com todos os seus defeitos de optica para apreciar os homens e as cousas do seu tempo, Oliveira Martins era uma figura original, completa e cheia de lição.

Illudiram-se os que na sua generosa aspiração lhe deram a carnadura de um Messias? O erro foi d'elles proprios : n'este paiz corrompido por setenta annos de um liberalismo estreitamente interesseiro; com os seus costumes politicos pouco dignos do louvor da Historia; com a mingua dos recursos que constituem propriamente a força das nações, não ha logar para « Messias », nem para salvadores dignos das honras do triumpho. Quando muito haverá logar para governantes dotados de alguma energia, sincero desejo de bem servir a causa publica e rara limpeza de mãos...

Meu caro Gayo : isto não é bem o que V. me pediu em Coimbra, n'uma deliciosa cavaqueira á guisa dos tempos em que por ali fingimos tomar os leites sacrosantos da maman — Universidade, cada vez mais rabugenta, coitada! Isto é apenas uma folhinha de saudade, deposta sobre o tumulo de um homem, o unico — entenda-me bem! — a cuja sombra me senti sempre feliz, estimado, comprehendido, o unico que venerei pela sua superior illustração, pela sua grande bondade e pela candura mesmo de seu inolvidavel trato.

(*Lisboa*) J. T. da Silva Bastos.

FABRICA DE MOVEIS E SERRARIA

AULER & Cia

Fabricação de Moveis de estylo e fantasia

Trabalhos de Esculptura, installações de luxo em

CASAS COMMERCIAES E ESCRIPTORIOS

63, Rua Uruguayana, 63

Telephones 476/472

FABRICA :
Rua dos Invalidos, nº 92

RIO DE JANEIRO

Um "love-feasts" intellectual

Em meiados de 1894, estando Raymundo Corrêa e Adherbal de Carvalho de passagem pela capital cearense, foi-lhes offerecido um almoço intimo pelos rapazes do *Centro Literario*, associação que muito contribuiu para o desenvolvimento e o gosto pelas bellas letras na encantadora terra de José de Alencar, e que deu motivo a que se constituisse, posteriormente, um outro agrupamento de dissidentes denominado *Padaria espiritual*, tendo a dirigir-lhe os passos o distincto poeta Antonio Salles, que se acha actualmente incorporado ao jornalismo carioca.



Adh. de Carvalho. Raymundo Corrêa.
Papi Junior. Almeida Braga.

O ágape, que foi frugalmente servido na saleta de um hotel, correu cheio de animação e verve, esfusiante de paradoxos que escandalisaram os pudicos ouvidos de meia duzia de comensaes, de certo empregados publicos, caixeiros e patrões.

Tratou-se de letras e de artes; discutiu-se systemas philosophicos; amigos fôram lembrados e saudados effusivamente; fez-se trocadilhos; recitou-se; contou-se anedoctas; descreveu-se typos de bordo; e um dos associados, o poeta Henrique Vogeler, mostrou as sus habilidades numas scenas de cumberlandismo, de que era mestre eximio.

Logo após a *boia*, Papi Junior, o másculo romancista d'*O Simas* que com a *Luzia Homem*, do saudoso Domingos Olympio, póde ser justamente considerado o melhor romance de costumes cearenses até o presente — e Almeida Braga, de saüdosa memoria, o delicioso *causeur* que attrahia a todos com a sua physionomia franca e alegre, e que encantava com as suas phrases repassadas de uma ironia fina e penetrante, lembraram-se de perpetuar o chylo numa placa

photographica, conjunctamente com Raymundo Corrêa e Adherbal de Carvalho. A pôse foi arranjada pelo maestro dos *Symphonias* com a natural estupefacção do photographo allemão, o Sñr. N. Olsen, artista muito conceituado na Fortaleza, e que por um triz não recusou focalisal-os, tão esquesita achava elle « aquella fantasia », não obstante as ponderações dos retratados.

A. C.

QUEM SABE?

(Do Hespanhol)

Aquelles que vão á praia
Quando o barco vae largar
Pensam, fixando os que partem :
« Quem sabe se hão de voltar? »

E aquelles que vão no barco
Dizem, olhando de lá :
« Quem sabe, quando voltarmos
Se terão partido já!...

Campoamor

No crystal de um fino espelho
Com quarenta annos me vi
E achando-me feio e velho
De raiva o crystal rompi.

Da alma na transparencia
O interior examinei
E achei tal minha consciencia
Que o coraçào me rasguei.

E' que nào tendo o mortal
Um allivio á sua dor,
Vê-se no espelho... e mal :
Mira-se n'alma... e peor.

O humorista Artemus Ward

Nas suas perigrinações pela terra do ouro, Artemus Ward nem sempre conseguia manter aquella jovialidade que o celebrisou como *lecturer* e humorista.

Ha homens privilegiados : Artemus Ward era um destes.

Quando a figura avantajada, esguia, o rosto energico, ornado de bigodes sob que se encobria perennemente um sorriso ironico, apparecia na tribuna dos salões amplos onde costumava recitar as suas *lectures* cheias de espirito, o auditorio deixava-se logo empolgar pelo poder magico do humorista.

Uma predisposição para o riso, para a bonhomia, espalhava-se pelos ouvintes agglomerados nos recintos cheios até á frente, ao passo que o orador calculava pelo numero de pessoas alli reunidas a altura da pilha de dollars, que devia estar construida sobre a mesa onde se vendiam as entradas.

Eram quatro os companheiros, que faziam rir sadiamente a população toda sobre que se desfraldava o pavilhão estrellado, desde Manhattan, á beira do Atlantico, até a *Golden Gate*, no Pacifico; Artemus Ward, o prelector, Samuel L. Clemens, que sob o pseudonymo de Mark Twain passará á immortalidade, Bret Harte, que descobriu o verdadeiro ouro da California, e soube explorar o veio inexgottavel daquella riqueza grandiosa — a vida aspera do pioneiro do *far west*, e Bill Nye, a jovialidade apparecida em forma de gente neste valle de lagrimas.

Artemus Ward, porem, como todos os mortaes, possuia aquella viscera que ás vezes conspira contra a mais forte e determinada resolução de ver sempre este mundo pelo prisma da alegria e do ridiculo.

Havia, sobretudo, uma coisa que perturbava em absoluto a placidez e o hypocondrio daquelle homem, justamente considerado o principe do riso e da galhofa : — era a repugnancia ingenita, racial, espontanea, involuntaria, de travar palestra com um desconhecido.

Ward não levaria o seu respeito pela pragmatica saxonica, consagração do direito individual definido na *Magna Charta* — o direito de não admittir familiaridade ou intrusão de um extranho nos negocios particulares — ao ponto de deixar arder a agibeira de um frequentador de cafés, por não conhecer a victima do desastre e não poder assim perturbar-lhe a collação.

Mas, viajar um dia, uma semana, encerrado em um carro de estrada de ferro, tendo ao lado um extranho, a falar, a falar, era para o humorista uma tortura.

Como sustentar a palestra, sem haver entre ambos o conhecimento das relações sociaes, das predilecções profissionaes, das sympathias e das antipathias?

Os logares communs, inevitaveis na conversação com desconhecidos, irritavam sobremodo o espirito de Artemus Ward.

Ao partir-se para uma dessas excursões literarias, que lhe deram fama, a previsão dos tormentos que padeceria ás mãos dos desconhecidos deshumanos tirava-lhe o socego.

E era fatal.

Nem a belleza das paizagens marginaes da linha que iam ficando para

traz á razão de cem kilometros por hora, nem as scenas que se succediam rapidamente, nem os grandes annuncios artisticamente extendidos em letras colossaes pelos cercados da linha, serviam para distrahir aquelle espirito attribulado : um após outro, os extranhos que vinham assentar-se ao seu lado, haviam de entregar-lhe com a maior polidez o cartão de visita — para irem pelo caminho palestrando.

Era o purgatorio sobre rodas.

Marck Twain, o leal amigo e companheiro, narrou assim um dos supplicios de Ward :

Um dia, viajando em estrada de ferro, sentindo-se miserrimo e temendo a enfadonha palestra de extranhos, approximou-se delle um homem que lhe dirigiu immediatamente a palavra :

— Conhece a ultima novidade sobre Horacio Greeley?

— Greeley? Greeley? Horacio Greeley... quem é Horacio Greeley?

O homem ficou em silencio por cinco minutos. Logo, porém, recomeçou :

— Geerge Francis Train está fazendo um grande barulho na Inglaterra. Não pensa que hão de mettel-o em uma Bastilha?

— Train? Train? inquiriu Artemus solemnemente. Nunca ouvi falar desse typo.

Tão crassa ignorancia apenas bastou para fazer calar o individuo por uns quinze minutos; e, depois, continuou :

— Que acha da candidatura do general Grant á presidencia da Republica? Será eleito?

— Grant? Grant? Ora, o señhor parece conhecer mais illustres desconhecidos que qualquer outra pessoa no mundo.

O homem zangou, levantou-se, andou pelo carro e parou diante de Artemus, com cenho carregado, e disse :

— Grandissimo idiota! Nunca ouviu falar de Adão?

O rosto de Ward crispou-se com o mais compenetrado esforço de pensar, a estupidez mais densa reflectia-se-lhe no rosto, e depois de meditar um instante, perguntou :

— Adão?... Qual era o sobrenome?

E. B.

As tuas meias

Têm originalidade
As tuas meias, coitada;
E' branca a do pé direito,
A do pé esquerdo azulada.

Os teus sapatos de ourêlo
Que se rasgaram tão cedo,
Por mais que tu o quizesses,
Não guardaram o segredo!

E assim, as tuas visinhas,
Sempre rindo da pobreza,
Riram-se das tuas meias,
Minha triste portugueza.

Não faças caso, Maria,
Bem basta a tua canceira :
Tu teus nas meias as côres
Da nossa linda bandeira!

Teus avós, por Portugal,
Morreram, longe, na guerra!
O teu amor pela patria
Nas tuas meias se encerra!

E' branca, a do pé direito,
A do pé esquerdo, azulada...
Deixa lá rir as visinhas,
Portugueza abençoada!

(*Coimbra*) JULIO B. RIPADO.

COLLABORADORES DO ALMANAQUE

Dr. Lucio de Mendonça

Noticia biographica. — Lucio de Mendonça, filho de Salvador Furtado de Mendonça e D. Amalia de Menezes Drummond Mendonça, nasceu aos 10 de Março de 1854, no municipio de Pirahy, na então provincia do Rio de Janeiro. Fez com brilhantismo o curso de sciencias juridicas e sociaes na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde se bacharelou a 27 de Novembro de 1877. De pois de formado exerceu os seguintes cargos: — promotor publico e curador de orphams da Comarca de Itaborahy, na provincia do Rio de Janeiro, durante poucos mezes de 1878; inspector da instrucção publica nas provincias de Minas Geraes (municipio de S. Gonçalo do Sapucahy) e Rio de Janeiro (municipio de Valença), cargos que exerceu sem remuneração; vereador e presidente da Camara municipal de S. Gonçalo do Sapucahy; secretario do ministro da Justiça do Governo Provisorio, de Novembro de 1889 a Fevereiro de 1890; curador fiscal das massas fallidas do Districto Federal, de Março a Dezembro de 1890; director geral da secretaria da Justiça e, depois, da directoria da Justiça no mesmo ministerio, de Fevereiro de 1891 a Março de 1895; fiscal do Governo juncto ás Faculdades Livres de Direito da cidade do Rio de Janeiro e vogal do Conservatorio Dramatico, sendo estes ultimos tambem sem remuneracção. Hoje é ministro do Supremo Tribunal Federal, onde se destaca pela cultura e independencia de seu espirito. Para este alto cargo foi nomeado a 24 de Março de 1895, já tendo, por duas vezes, servido como procurador geral da Republica, nas presidencias de Manuel Victorino, Prudente de Moraes e Campos Salles.



Lucio de Mendonça.

Foi um dos fundadores da Academia brasileira de lettras, de que é membro effectivo na cadeira de Fagundes Varella. E' membro honorario da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires e do Centro de Sciencias sociaes e juridicas da mesma capital, desde 1900; membro honorario de varias associações litterarias e scientificas brasileiras.

Noticia bibliographica. — O illustre Dr. Lucio de Mendonça tem publicado até á presente data os seguintes livros:

Nevoas Matutinas, poesia; typ. Perseverança; e l. Thompson, da Livraria Imperial, Rio, 1871 (exgotada);

Alvoradas, poesia; typ. Valle, ed B.-L. Garnier, Rio, 1873;

O Marido da Adultera, romance; typ. do Colombo, cidade da Campanha, Minas; ed. Manuel de Oliveira, 1884 (exgotada);

O Escandalo, pamphletos politicos, Rio, 1888-1889 (exgotada);

Vergastas, poesia revolucionaria; typ. Moreira Maximino; ed. João Drummond Junior, Rio, 1889 (exgotada);

Lições de Politica Positiva, trad. de Lastarria, Rio, 1892;

Estudos de Direito Consttiucional, trad. de Boutmy, Rio, 1894;

Esboços e Perfis, contos, Rio, 1894;

Do recurso extraordinario, monographia juridica, Rio, 1896;

Horas do bom tempo, memorias e phantasias, Rio, 1900;

Paginas Juridicas, ed. H. Garnier, Paris, 1902;

Murmurios e Clamores, poesias completas, ed. H. Garnier, Paris, 1902;

A caminho, propaganda republicana, Rio, 1905.

São os seguintes os jornaes e revistas em que foi redactor e collaborador effectivo :

O Rebate e *A Republica*, folhas academicas, S. Paulo, 1873 e 1877; *A Republica*, Rio, 1872-1873; *A Provincia de S. Paulo*, 1875-1877; o *Colombo*, Campanha, Minas, 1879 a 1885; *Diario de Minas* e *Pharol*, Juiz de Fora, Minas; *Gazeta de Noticias*, *Paiz*, *Republica*, *Correio da Manhã*, *Tribuna* e *Jornal do Brasil*, e revistas *A Semana*, *Revista Brasileira* e *Almanaque Garnier*, do Rio de Janeiro.

Rio, 24 Outubro de 1906. L. F.

Ursula Garcia



Ursula Garcia.

Ursula da Costa Barros Amorim Garcia nasceu no Ceará a 3 de Março de 1865. Desde cedo, em annos juvenis, se revelou poetiza inspirada. Não foi longa a sua vida, que terminou no Recife a 25 de Julho de 1905. A' insigne collaboradora do *Almanaque*, a Exmª Snª D. Amelia de Freitas Bevilacqua, devemos a gentileza de algumas producções ineditas que aqui publicamos da mallograda filha das Musas. A sua ultima producção :

« Oh como eu amo os lindos passarinhos »

que adiante reproduzimos, foi escripta poucos dias antes da morte, no momento em que foi assaltada pela terrivel molestia, a variola, que a victimou.

GOTTA, CALCULOS
RHEUMATISMO



são **COMBATIDOS**

com bom **RESULTADO** pelos

Saes de Lithina Effervescentes

LE PERDRIEL

(Carbonato - Benzoato - Salicylato - Citrato - Glycerophosphato - Bromhydrato).

Superior a todos os outros dissolventes do acido urico, pela sua acção curativa sobre a propria diathese arthritica.

O acido carbonico **NASCENTES** que d'elle se desinvolve e se combina molecularmente com a Lithina e assegura a efficacia d'esta.

ESPECIFICAR o Nome "**LE PERDRIEL**" *para evitar a substituição de similares inactivos, impuros ou mal dosados.*

LE PERDRIEL, 11, Rue Milton, PARIS

E TODAS AS PHARMACIAS

Epochas d'uma Existencia

Um livro antigo achei, qual se perdido
N'alguma antiga e abandonada igreja
Precioso missal fosse esquecido;
Nelle parece que um mysterio adeja.
Penso que foi um livro mui querido,
Mas cujo dono a morte arrebatasse,
E o triste á solidão do pó, no olvido,
Annos inteiros por ali ficasse.

Era este livro um album envelhecido,
Um simples album de photographias.
O perpassar do tempo já volvido
Veio tornar-lhe as côres mais sombrias;
Ninguem se importa mais que o livro seja
Folheado, revisto... Quantos dias
Essas folhas a luz do sol não beija!
Pobres folhas colladas! Eu abri-as.

D'uma creança eis o retrato. A face
Risonha rochonchunda, petulante...
— Se uma esperança viva se encarnasse
Tinha esse rosto alegre, irradiante.
Como é feliz! Que sonho indefinido
Enche de luz o rizo que roreja
Seu labio em flôr... seu labio que o gemido
Não presente, e só jubilos poreja.

Eil-a crescida; o seu sorrir fugace
Reflecte o gozo que o viver festeja
De quem venturas e prazer sonhasse,
Na rosea idade que a illusão corteja.
Confiante, animosa qual se erguido
Altar de offerendas seu porvir pensasse,
E de flores viçosas um tecido
Julgasse o trilho em que garbosa andasse.

Outro retrato. E' moça; o olhar perdido
N'um sonho apaixonado inda sorri.
Como ella crê no seu porvir querido!
Como ella espera ser feliz aqui!
(Aqui na terra?!) Neste mundo, almeja
Achar um ninho para o seu amor?...
Dil-o seu rosto, o seu olhar. Dezeja
Viver ditosa, triumphar da dor!

Volto a folha. E' a mesma; enternecido
Seu olhar diz viver n'um paraiso;
Não é formosa, entanto o seu sorriso
Como é gentil! Quanta illusão volteja
No azul do céo das suas phantasias!
Será verdade que possivel seja
Haver um fim a tantas alegrias ?!

Outra folha. Que rosto estarrecido
De angustia, de terror, de dôr sem nome!
Que feições cadavericas! Sumido
O olhar sem luz! Parece morta á fome!
Que triste véo sinistro ali negreja!
E' possivél que assim se tranformasse!
De dôr presinto que seu peito arqueja
E um pranto amargo desbotou-lhe a face.

Por que passar alem? Não heis já lido
De sua historia o acerbo desenlace?
Se inda existe o retrato presumido,
E' como o de um cadaver que esfriasse...
Não volto a folha! Pouco mais sobeja...
Depois do desespero, ha desconforto,
Depois do mar sinistro que esbraveja
Escuro lago, estagnado e morto!

***

Se um busto em fino marmore esculpido
Subito golpe rude esmigalhasse,
Mesmo no lodo ha tempos escondido
Onde a sorte maldita o mergulhasse,
Pode ás vezes brilhar, se algum fugido
Raio de sol sobre elle inda lampeja
Quando a chuva o lavar, assim partido,
O que foi, semelhar que ainda seja.

Mas se algum curioso irreflectido
For prescrutar no fundo a vasa escura,
Verá despedaçado e enegrecido
Esse rosto de marmor que fulgura.
Deixai! Deixai-o em paz ali no olvido.
Contentai-vos do pouco que se veja.
Assim, a dôr que dorme, o rir trazido
N'um sonho passageiro, que a bafeja.

Eis a historia do livro envelhecido.
Quem seria o seu dono? Se falasse
Diria o quanto fôra estremecido...
Talvez até thesouros encerrasse!
Porem tudo acabou! Nem mais viceja
Florido ramo em tronco carcomido...
E o sol se manda um raio á velha igreja
E' um raio frio, pallido, perdido!

URSULA GARCIA.

Á Anna Nogueira e Á Amelia de Freitas Bevilacqua

Um anno apenas tem nossa amisade
E o coração já não lhe sabe a idade.

Eram escriptos meus fragilimas lianas
Que o vento sobre o chão arremessava a flux;
Jamais se erguera um ramo; a folha mais ufana
Nunca deixara a sombra, ignorava a luz.

De uma a affeição selecta, amiga e irmã no fado
(Que a magoa nivelou seu coração ao meu),
Igual ao doce orvalho, piedoso e abençoado
Deu força á debil planta e a fez olhar o céo.

Outra, arvore opulenta e protectora, eu via
Attrair-me gentil, e n'ella me amparei;
Esteio, sombra amiga ás flores acolhia...
E o que fizestes ambas por mim, somente eu sei.

Assim, a vós eu devo a vida dos meus versos,
A vida dos meus cantos, ao vosso coração;
Uma os ergueu do pó, aonde eram dispersos,
Outra lhes deu ao sol lugar e protecção.

Oh! como eu amo os lindos passarinhos!
Flores vivas que são, quaes anjos vôam...
Que doce mimo em seus aereos ninhos!
Quanta belleza no cantar que entôam!

Amo-os... sempre os amei, desde creança,
Aos meus risos seus cantos misturaram,
De minha sorte na fatal mudança
Seus gorgeios talvez me consolaram...

Aves do céo, quando eu morrer, na cova
Que o meu corpo encerrar, vireis um dia?
Oh! vinde, sim, cantar-me a ultima trova!
Creio até... (se outra vida se renova)
Que em passarinho eu me transformaria!

URSULA GARCIA.

Linguas indigenas do Brasil

Relativamente a muitos grupos linguisticos, pouco tem adeantado a critica scientifica, diz o prof. de Gregorio. Em geral faltam-nos obras de exclusiva indole glotto logica; pelo menos são rarissimas. Os estudos sobre grande pârte dos grupos linguisticos, ainda não considerados como familias (e estas são a semitica, a indô-europeia ou aryca, a uralô-altaico, a chinêsa, a banta, a malaiô-polynésica) (1), póde dizer-se que se acham no mesmo estado primordial e confuso, em que se achavam os estudos arycos em fins do seculo XVIII. Entrevê-se aquém e além uma ou outra tentativa de grammatica comparada, mas nem todas as linguas estão sufficientemente conhecidas, a poncto de ministrarem material seguro á comparação scientifica. As phases historicas são inteiramente desconhecidas; só os glottologos futuros as poderão conhecer ao menos quanto a uma limitada extensão de tempo, e utilizal-as, si lhes transmittirmos os materiaes sufficientes, e si taes linguas não forem suffocadas brevemente pelas linguas dos povos cultos.

Não obstante, diz o auctor citado, a glottologia (2) começou já a reunir, com a investigação geral sobre a natureza da linguagem, todos os phenomenos esporadicos dos dialectos, ainda não classificados e estudados por fórma que ministrem elementos para uma grammatica comparativa.

E' evidente que para as linguas que entre si não apresentam qualquer ligação intima e demonstravel, não é possivel a *grammatica comparada*, embora se possam tentar comparações. Quanto a estudos sobre dialectos sem litteratura e que se consideram isoladamente, taes estudos exercem-se num campo que é disputado egualmente pela philologia e pela glottologia.

Não se tracta aqui da critica de estudos linguisticos, mas sim de uma simples exposição das principaes linguas de nossos selvagens, as quaes junctamente com as outras linguas indigenas da America, inclusivè o *inup* ou *ésquimo*, são chamadas *incorporativas* ou *polysyntheticas*, e constituem uma subdivisão especial das agglutinativas, conforme de Gregorio. Apenas o grupo abanheênga parece, segundo Hartt, não possuir o caracter da *incorporação*.

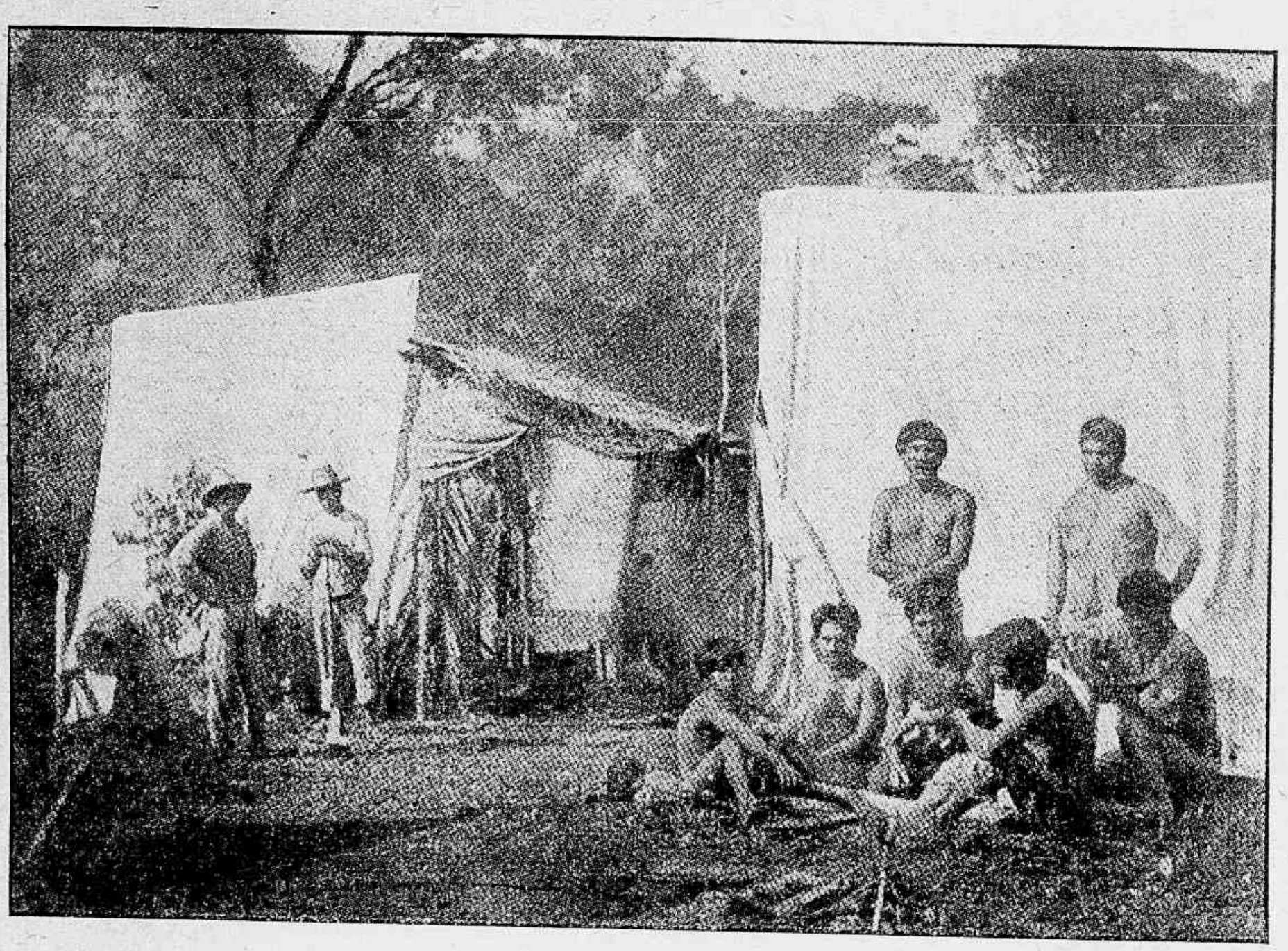
A verdade porém é que, no abanheênga, as palavras incorporadas no verbo estão sempre pospostas a este, como nas demais linguas americanas, excepto os pronomes que lhe estão sempre antepostos. Geralmente, os nomes não existem em taes linguas, pois se exprimem por fórmas verbaes. Por ex: *casa* em sentido geral exprime-se em abanheênga pela palavra *t-óca* (o que cobre) e *a minha casa* em particular, pela phrase ou palavra incorporada *xe-r-óca* (o que me cobre).

---

(1) Eis a synopse da classificação morphologica tripartida das linguas, segundo De Gregorio:
Linguas monosyllabycas (chinês, annamita, siamês, bermano, thibetano).
Linguas agglutinativas (bantas, malaiô-polynésicas, uralôaltaicas, etc.).
Linguas flexivas (arycas e semiticas).
(2) *Glottologia* é o estudo sobre a origem e desinvolvimento da linguagem.
Grammatica comparada é a analyse comparativa entre linguas affins.
Philologia é o estudo de uma lingua e sua litteratura.

Para melhor conseguirmos o nosso intuito a tal respeito recorreremos em parte ao que escreveu ácêrca do assumpto o illustre americanista brasileiro, dr. Baptista Caetano de A. N., em seus *Aponctamentos sobre o abanheênga* ou *lingua geral dos Brasis*. Estuda elle aï sobretudo o facto da generalidade da lingua mais falada por Indios do Brasil e do Paraguai e com a qual diz ter mais ou menos affinidade muitas linguas americanas.

« Applicando-se, quanto possivel, ás linguas da America o processo comparativo (diz esse auctor), e que tão ingentes resultados tem produzido no estudo das linguas do Mundo Antigo é natural que se esperem identicos effeitos.



Indios.

« O simples facto da existencia de grande numero de vocabulos que, com pequenas mudanças são como que universaes na America do Sul e talvez na do Norte, seria bastante para induzir a crêr que pelo menos houve uma lingua que passeou soberana por todo (ou quasi todo?) este vasto continente meriodional. Fosse ou não vinda de outra parte essa lingua, o facto certo e estabelecido fundamentalmente é que ella existiu e revela a sua existencia no grande numero de vocabulos pelo menos communs a todas as linguas da America do Sul...

« Nesta investigação (continúa o citado auctor) é preciso criterio para se não caïr no extremo opposto, dando-se por filiados ou aparentados vocabulos de origem inteiramente diversa. E'uma mania como outra qualquer a de achar similhança entre cousas differentes e os mestres da linguagem já notaram e estabeleceram que é um erro por méras concordancias parciaes estabelecer-se parentesco de linguas bem distinctas, como entre o « abanheênga » e o grego, só porque deparam-se termos como *og*-casa, que lembra *oikos*; *porô*-gente, muitos, que assimilha-se a *poly*; etc.

« E' realmente preciso muita vontade de achar parentesco em toda a parte para etymologicamente ligar Peru, Pará, Paraguai, Veragua, Pária, Parina e finalmente Brasil.

« E' possivel que assim seja; é possivel filiar o « quechua » ou outras linguas americanas ao tronco sanskritico (aryco). Mas então, nesse caso, é porque já se póde provar *scientificamente* que houve um unico Adão e comprovar a tradição biblica (do dogma monogenistico), com os dados fornecidos pela sciencia (1). Então os dados fornecidos pela comparação das linguas terão chegado á mais alta prècisão, dando a synthese da sciencia linguïstica. E' definitivo que a questão ethnographica póde ser decidida pela sentença final de uma origem unica de todas as linguas ou que pelo menos a *speciès homo* no que diz respeito á expressão do pensamento, tambem parece-se comsigo só (2).

« Para se compararem as linguas é preciso primeiro que tudo que se as conheça e bem; tão evidente é isto que basta dizel-o (3).

« Pelo menos este modo de vêr conforma-se mais com o real e positivo do que tentativas como as do sr. Fidel, no seu livro *As raças aryanas no Perú*. Como se quer filiar uma lingua ao sânskrito si ainda não se a precisou? Como se dizer peremptoriamente que um vegetal provém de tal região, si no mesmo logar em que elle se apresenta como objecto de estudo não se investigou ainda si elle parece-se com outros, si ha ou não especies congeneres? Vai-se buscar na Asia (está bem) e além disso no tronco commum das cultas linguas aryanas, a filiação de umas linguas que geralmente classificam entre as de agglutinação, entre as que não chegaram a alto grande de desinvolvimento, isto quando ainda nem definiram a lingua de que se tracta nem se estudaram as suas ralações com as conterraneas. E' o mesmo que querer fazer a geographia do Brasil pela geographia de um païs de natureza muito diversa.

« Embora não se admitta em absoluto que « o quechua » ou o « guarani » sejam « linguas agglutinativas » no rigor da palavra, comtudo não é possivel sem

---

(1) As tentativas que se tem feito, diz o prof. Giácomo de Gregorio, para descobrir a affinidade entre as linguas do Novo e as do Velho-Mundo, têm sido infructiferas, e talvez continuarão a sêl-o. Aquellas linguas incultas alteram-se continua e rapidamente, a poncto que os tres grupos norte-americanas *algonquino*, *iroquès* e *dacota*, tendo dispoto de material commum, já nada offerecem que possa servir para qualquer comparação lexicologica. Como se poderiam pois tentar confrontos com linguas, de que as incorporativas se teriam afastado ha tanto tempo, que adquiriram diversa estructura grammatical?

(2) E' evidente, diz o mesmo auctor, que a glottologia tem especial importancia para a reconstrucção das origens da humanidade, e dilata-se até os dominios da paleontologia anthropologica, a que presta valiosos subsidios.

Verdade é que o parentesco linguïstico entre povos não importa parentesco de raça, e que, portanto, a linguïstica não tem decisivo valor ethnologico, como observou P. Broca, Assim, o facto da unidade da familia aryana não importa unidade de raça entre os povos que falam lingua arycas- e vice-versa.

Em compensação, diz o distincto prof. siciliano G. de Gregorio, a propria unidade da raça aryana é descoberta exclusiva da linguïstica, e ocioso será pòr em relevo as vantagens que ella tem trazido e póde ainda trazer ás investigações ethnicas, e outras. Deve-se até reconhecer que teve valor prophetico a affirmação leibnitziana de que nada como os confrontos linguïsticos póde lançar luz sobre a origem dos povos.

(3) Noutro logar disse o dr. Baptista Caetano que, antes de começar a comparação, é necessario procurar fixar o mais possivel os radicaes da lingua, para se ter uma base de confronto com outras.

A regra fundamental do methodo comparativo é, diz G. de Gregorio, que as comparações para que sejam rigorosas, devem ser feitas entre fórmas de palavras que tenham o mesmo estádio linguïstico, ou que a elle se reduzam, pelo processo de reconstrucção.

mais nem-menos filial-as á familia sanskritica (aryca); com egual razão poderiam filiar-se á semitica (1). Entre o sr. Fidel Lopes e von Martins está o caminho direito para chegar a esse resultado, e que é o da observação e estudo conscienscioso das linguas americanas ».

As principaes linguas faladas pelas innumeras tribos indigenas na maior parte da America reduzem-se a 11, estabelecidas por L. Hervás, 4 das quaes pertencem á America do Sul, e são a *araucana*, a *guarani* (abanheê), a *quèchua* e a *caribe* (caraïba), que, segundo o dr. Baptista Caetano, talvez ainda se reduzam a duas o *abanheênga* (o *brasilio-guarani* de Orbigny) e o *aimará*, de cuja mistura, dissolução e refusão em diversas épochas resultaram o *quêchua*, o *araucano*, o *caraïba* e os numerosos idiomas e dialectos que daï provieram.

Fred. Müller enumera 26 linguas, ou grupos de linguas, americanas differentes, além do *ésquimo*, 10 das quaes são pertencentes á America do Sul: 1) o *caraïba*, em Venezuela, e o *arevácо* (aruac), nas Guianas inglêsa e hollandêsa; 2) o *tupi-guarani* ou *abanheènga*, no Brasil e no Paraguai, e o *omágua*, o idioma dos Botocudos (ramo dos Gês), que talvez constitua categoria especial; 3) as linguas dos Andes; 4) o *araucano* ou *chileno*; 5) o *guaicurú* e o *obipom*, no Paraguai; 6) o *puelche*, nos Pampas; 7) o *teuélet*, na Patagonia; 8) os idiomas da Terra-do-Fogo; 9) o *chibcha*, na Columbia; 10) o *quichua* ou *peruano*, e o *aimará*, entre o Perú e Bolivia.

Nesta enumeração de linguas está evidente a inclusão do grupo *nuaruáque* no *caraïba* e a confusão do grupo *gè* (botocudo) com o abanheênga (omágua), segundo a nova orientação sobre o genio de cada uma das 4 principaes subdivisões linguïsticas dos Indios brasileiros.

O dr. Baptista Caetano pensa que todos os dialectos falados na America Meridional podem reduzir-se definitivamente a 5 e talvez mesmo a 2 somente: o *chilli* (araucano), o *aimará*, o *quèchua*, o *quiriri* (a classificar) e o *abanheènga*. O proprio chilli filiar-se-ia ao quêchua e ao abanheênga, o quêchua ao aimará e o quiriri ao abanheênga. O mesmo auctor suppõi ser o *caraïba* uma mistura do abanheênga sobretudo com o quêchua, como o *gè* uma fusão do abanheênga com o aimará e o *aruáque* do abanheênga com outras linguas, talvez o quèchua e o chilli (2).

Como von Martins, compartilha Baptista Caetano o preconceito de attribuir aos Tupis uma preponderancia em quasi tudo exaggerada, admittindo a hypo-

---

(1) A classificação linguïstica morphologica, diz o dr. Couto de Magalhães, não indica grau algum de parentesco de uma lingua com a familia (categoria) em que ella é classificada, e indica simplesmente o periodo de desinvolvimento em que se acha. Assim, o facto de classificar o tupi ou guarani no grupo das linguas turanas (agglutinativas), não quer dizer que elle tenha o menor gráu de parentesco com linguas asiaticas; indica apenas seu estado de desinvolvimento no periodo em que nós o encontrámos.

A familia das linguas *uraló-altaicas*, ou *scythicas*, chama-se tambem turanica, diz G. de Gregorio. O que é preciso porém é não incluir nella tudo que não seja aryco, ou semitico, como se fazia dantes, chamando uralo-altaico, além do turco ou tartaro, o tamul, o chinês e as linguas dos Pelles-Vermelhas.

(2) Sobre as divisões linguïsticas em geral, convém ter presente, observa Renan, que a glottologia não póde impôr-se á ethnographia. As divisões das linguas e as divisões das raças nem sempre coincidem, e seria muito arriscado deduzir daquellas uma conclusão de ordem anthropologica. Physiologicamente, um arabe ou um hebreu é da mesma raça do grego. A separação entre o tronco semitico e o aryco funda-se inteiramente na glottologia, e só tem valor para este ramo de sciencia.

these de um parentesco proximo entre a lingua abanheênga e a caraïba, e, como Hervás, acceitando além disso a possibilidade de reduzirem-se as linguas sul-americanas a poucos grupos, talvez a 2 ramos apenas, e estes filiados a tronco quasi unico das linguas do Mundo Antigo.

O dr. Couto de Magalhães tambem propôs a sua divisão empirica das linguas sul-americanas em 2 grandes grupos, o grupo quêchua ou das *linguas aryanas* e o grupo tupi ou das *linguas não aryanas*. O proprio auctor presuppõi ser o aimará o tronco commum das linguas do ramo ou grupo linguïstico que elle chama tupi ou *nheèngatú*, e que o dr. Baptista Caetano observa ser apenas um dialecto do abanheênga, dialecto falado por Indios mansos e por mestiços em alguns logares do Est. do Pará, e mais eivado de português que outros dialectos da mesma lingua falados no Est. do Amazonas, como sejam o dialecto do rio Negro e o omágua (1).

Taes dialectos, bem como outros de filiação diversa, sobretudo nu-aruáque, devem ter sido estudados pelo explorador alemão dr. Theodor Koch, que acaba de fazer mui recentemente uma longa expedição scientifica pelo Est. amazonense.

Para outros, comtudo, podem se dividir as linguas indigenas do Brasil em tantos grupos quantos são os troncos ethnicos conhecidos que as falam, o que parece mais acceitavel pelo menos quanto aos 4 troncos principaes, de recente classificação: *tupi, gê, caraïba* e *nu-aruáque*.

A. Gomes Soares.

Illusões...

Velas fugindo pelo mar em fóra...
Velas... pontos — depois... depois, vasia
A curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...

Partem pandas e brancas... Vem a aurora
E vem a noite após muda e sombria...
E se em porto distante a frota ancora,
E' p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam garbosas,
Palpitam sonhos, desabrocham rosas
Na esteira azul das peregrinas frotas...

Chegam... Ancoram n'alma um só momento:
Logo, as velas abrindo, amplas, ao vento,
Fogem p'ra longes solidões remotas...

Medeiros e Albuquerque.

Vana...

Aurâ panduntur vela fugientia...
Deinde... in undâ maris nigra sphærula...
Demùm pervacuum — resonante querula
Udo favonio carmina dolentia...

Vela turgida vadunt... In tenerulâ
Luce, — diei brumalis refulgentia
Surgit, ac nox, — si in portum venientia,
Crastino, ligna, sole, arantque cærula...

Item mentis imagines mendaces,
Somnia vana, spes garrulæ fugaces,
Sulcum sequuntur navium pererrantium..

Corda visuntque temporis momento:
Rursùs panduntur vela, inflata vento,
Oras petuntque litorum distantium...

Mendes de Aguiar.

---

(1) Cumpre observar, diz G. de Gregorio, que nem todas as linguas, ou grupos de linguas, apresentam entre si caracteres de similhança taes, pelo menos no seu estado actual, que possam considerar-se como ramo de um tronco unico. Na classificação das linguas, os chamados *grupos* não são, a bem dizer, em muitos casos, sinão reuniões, que comprehendem um conjuncto multiforme de falas, imperfeitamente definidas e talvez diversas entre si.

... Antes que a glottologia possa lançar os olhos para este lado, decorrerão largos trabalhos de colheita e disposição dos materiaes philologicos. E' o caso do chamado grupo *negro* da Africa. Entretanto, lá mesmo, o grupo das linguas *bantas* elevou-se já á categoria de familia; e póde-se dizer que elle já encontrou ou seu Bopp. Só não se póde dizer o mesmo das linguas da America, que ainda formam um grupo provisorio.

ANTHOLOGIA

(AUGUSTO GIL)

EPIGRAMMA VOTIVO Á DEUSA VENUS

(De Platão)

« Eu, esta orgulhosa Lais para quem a Grecia era um brinquedo e que tinha á porta um enxame de jovens amantes, consagro a Venus este espelho. Não quero vêr-me tal qual sou e não posso vèr-me tal qual era. »

Eu, esta Lais d'orgulho insubmisso
A cuja porta vinham os amantes
Como abelhas doiradas ao cortiço...

Eu, esta Lais que tinha d'antes
O rosto lindo e lêdo;
Eu, para quem a altiva Grecia era
Um leve, fútil e infantil brinquedo;

A ti, Belleza que se não altera
A ti, oh Deusa, o meu espelho dou,

— Não posso ver-me como d'antes era!...
— Não quero ver-me como agora sou!...

EPIGRAMMA COMICO Á MESMA DEUSA

(De Antipater)

« Houve a edade de ouro, a de prata e a de ferro; a Venus de hoje pertence a todas essas tres edades; ella honra quem lhe traz o ouro, não repelle o que lhe offerece a prata e até mesmo acolhe o que só tem moeda de ferro. »

Três edades passaram n'este encêrro
Da vida:
A d'oiro, a de prata e a de férro.

Venus, a bella deusa das beldades,
Que das alvas espumas foi nascida,
Pertence a todas essas três edades:

Alegre acolhe quem no seu thesoiro
Despeje as mãos, a trasbordarem d'oiro..

Mas nem por isso expulsa ou desacata
Os que — por mingua d'oiro — lhe dão prata.

E aos que, só moéda de vil ferro, dão...
Nem mesmo a esses — ella diz que não!

EPIGRAMMA COMICO Á PERFIDIA

(Imitação de Demodoco)

No epigramma de Demodoco a vibora morde um *capadocio*. Tomei a liberdade de alterar a narrativa do Poeta, por me parecer que o arrevezado patronimico destoa fortemente em versos modernos, mesmo quando elles, como n'este caso, intentam reflectir a belleza antiga.

Um dia, uma vibora mordeu n'um pé
A pérfida Cloé,
Perguntarão: Que succedeu
A pérfida Cloé? Morreu?
Isso morreu ella...
Mal sentiu a mordidélla,
Não teve febre, nem ardor, nem nada.
— A bicha é que morreu envenenada!

EPIGRAMMA COMICO AO AMOR

(De Juliano do Egypto)

« No outro dia entrançando uma corôa, achei entre as rosas um Amor.

Tomando-o pelas azas, mergulhei-o em vinho; feito isto, enguli-o, e elle agora no meu seio faz-me soffrer, batendo as azas. »

Um dia,
Em que tecia,
Com olhos contentes
E mãos diligentes,
Capellas de rosas,
Entre uma das rosas, achei um amor.

Peguei-lhe nas azas com todo o geitinho,
Tirei-o da flôr,
Deitei-o depois n'uma taça de vinho,
E ao beber sequioso
O vinho capitoso,
— Enguli tambem o pequenino Amor.

Quiz que fosse a minha taça o seu esquife
E o meu peito a sua negra sepultura...
Porém o maroto, porém o patife,
Ainda vive! Ainda méche! Ainda dura!
Furou-me o estomago, mudou de prisão
E faz-me cuidado,
Dá-me afflicção,
Sentil-o cá dentro, raivoso e irado
— A bater as azas no meu coração!...

(Lisboa).

A Nobreza no Brazil

Ao cahir o Imperio, a 15 de Novembro de 1889, a nobreza era composta de sete marquezes e uma marqueza viuva, dez condes e dez condessas viuvas, vinte viscondes e dezoito viscondessas viuvas, vinte e sete barões e onze baronezas viuvas, 34 viscondes sem grandeza e seis viscondessas viuvas, e 280 barões sem grandeza e 55 baronezas viuvas.

Actualmente existem um marquez e uma marqueza, tres condes e seis condessas, 24 viscondes e 18 viscondessas, 186 barões e 47 baronezas.

BATALHA NAVAL DO RIACHUELO (1)

11 de Junho de 1865

Foi toda a guerra do Paraguay um periodo de grandes anciedades e vivas emoções para as três nações alliadas.

Nemhuma emoção, porem, foi tão intensa como a produzida pela victoria do Riachuelo, despercebidos, como se achavam os alliados, de que, nas aguas do Paraguay, pudesse surgir qualquer agrupamento de força naval que ousasse affrontar o poder da esquadra brasileira.

No computo das forças que a triplice alliança ia pôr em linha entrava como um dos principaes factores o poder naval do Brasil, e, desde logo, a esquadra brasileira era o unico elemento offensivo dos alliados prompto a entrar em acção immediatamente.

E de facto, mal se iniciava a organização dos exercitos alliados nas margens do Prata e já o intrepido almirante Tamandaré lançava uma divisão de sua esquadra Paraná acima, a desafiar todo o poder militar de Lopes.

Estrategicamente cabia á nossa esquadra manter em rigoroso bloqueio as fronteiras fluviaes do inimigo, collaborar com o exercito alliado na oppugnação ás fortificações paraguayas situadas ás margens do Paraná e do Paraguay, e garantir a base de operações dos invasores no territorio inimigo bem como as linhas fluviaes de communicações com o Prata.

Se havia objectivo tactico determinado para a esquadra brasileira, era o de forçar, no momento opportuno, o passo formidavel do Humaytá para ir ameaçar a Assumpção.

Um encontro naval, propriamente dito, estava fóra da previsão, não só dos governos e generaes alliados de terra e mar, como da opinião publica no Brasil e no Rio da Prata.

Dahi o assombro jubiloso com que foi recebida a noticia da derrota da flotilha paraguaya, em sua arremetida contra as divisões avançadas da nossa esquadra no rio Paraná.

Nem o facto de serem ignorados dos alliados os recursos navaes que o Paraguay soubera accumular, diminuiu o reconhecimento da importancia da nossa

---

(1) E' um trecho do bello livro *De Aspirante a Almirante*, 1880-1902, autobiographia que é ainda um documento de inestimavel valor para a historia patria.

victoria, tanto mais quanto se acreditou geralmente que o resultado da batalha poderia ter-nos sido adverso, se o chefe paraguayo Mezza houvesse executado á risca o plano de surpreza delineado por Lopes.

Esse plano consistiria em uma abordagem geral á esquadra bloqueadora, na noite de 10 para 11 de Junho.

A avaria na machina ou no propulsor de um dos vapores paraguayos, o *Yberá*, que o inutilizou, e o atrazo na marcha da flotilha, causado pelo reboque de seis chatas, não lhe permittiram enfrentar com a nossa esquadra antes de clarear o dia.

Por força destes contratempos, Mezza desistiu do assalto planejado por Lopes, e, não tendo ousado retroceder, porque naturalmente temia mais a colera do generalissimo paraguayo do que o inimigo, resolveu acceitar o combate com a esquadra brasileira, apoiando-se na bateria assestada previamente no barranco que dominava o passo do Riachuelo, bateria destinada, no plano de Lopes, a cortar a retirada aos navios brasileiros que conseguissem escapar da abordagem.

Não nos parece, porem, que o commettimento, tal como o engendrara Lopes, pudesse ter melhor exito, do que a alternativa a que se lançou o mallogrado Mezza. Desde logo, para que se desse verdadeira surpreza seria necessario que a nossa esquadra se conservasse na mais absoluta confiança de que os paraguayos nada tentariam contra ella; ora, Barroso nunca se embalou nessa attitude descuidosa.

Se elle não admittia a possibilidade de uma batalha naval, é sabido que sempre se acautelou contra uma abordagem, de surpreza, geral ou parcial, e contra ataques de torpedos e brulotes, favorecidos pela obscuridade da noite, pelas sombras impenetraveis das mattas das margens e pela correnteza do rio.

Para attender a essas contingencias é que elle durante o dia empregava uma parte de seus marinheiros em cortar lenha no Chaco para, com este combustivel, na escassez de carvão em que se achava, manter os fogos abafados durante a noite, com pressão de vapor sufficiente para toda esquadra mover-se em alguns minutos; e era ainda nessa previdencia que todo o pessoal da esquadra se conservava a postos desde as 2 horas da madrugada até o romper do dia, a denominada *promptidão* em que Barroso dava o exemplo de sua presença na tolda rigorosamente uniformizado, de espada e revólver á cinta.

Havia, alem disso, todas as noites uma canhoneira de vigia avançada, algumas amarras acima da estação habitual de bloqueio.

De mais, só ignorando completamente a pratica de manobra em rios correntosos, se poderia admittir, como insinuou Schneider em sua descripção da batalha do Riachuelo, que a flotilha paraguaya, vinda de aguas acima, pudesse abordar directamente a nossa esquadra, sem primeiro evoluir para aproar á corrente.

E essa evolução, por mais rapidamente que se effectuasse, daria tempo á esquadra atacada de dispôr-se para o combate.

Se a tactica prescripta por Lopes era que cada vapor paraguayo abordasse um dos nossos, nesses oito combates singulares, os abordados deveriam ter a superioridade potencial; primeiro, de sua artilheria, que teria jogado contra o aggressor todo o tempo que elle empregasse em manobrar; segundo, porque, fundeado ou sobre a helice, se tivesse pressão sufficiente de vapor para mover-se, o

abordado utilizaria todo o seu poder intrinseco inherente á acção defensiva; terceiro, ainda porque, mesmo admittido que as tripolações paraguayas fossem numericamente superiores, sendo na quasi totalidade de soldados de terra, não teriam, na lucta braço a braço á bordo, a destreza dos nossos marinheiros.

Se, porem, a abordagem convergisse sómente sobre uma parte da nossa esquadra, como os mesmos paraguayos praticaram com chalanas, mais tarde, contra uma divisão de couraçados, os nossos navios deixados livres se moveriam em defesa dos abordados, mettendo os vapores paraguayos entre dous fogos de que difficilmente poderiam escapar.

Occorre ainda observar que na execução do plano de abordagem de Lopes não se póde comprehender a parte que elle destinava na acção ás seis chatas trazidas a reboque.

O que se nos afigura é que na tentativa projectada essas embarcações seriam verdadeiros trambolhos altamente prejudiciaes ao exito do ataque.

E' inutil notar que a bateria sobre o barranco do Riachuelo nada podia accrescentar ao valor combatente dos paraguayos na *melée* de uma abordagem geral, admittido que a lucta se travasse ao alcance da mesma bateria, o que não seria provavel.

A conclusão a que queriamos chegar é, que: o commodoro paraguayo, dispondo-se a combater a todo o transe, não obrava senão por obediencia passiva, ou terror de incorrer no desagrado de Lopes, pois a sua consciencia profissional impunha-lhe o dever de desistir de dar combate, desde que ficou desfalcado do *Yberá*.

Excluiriamos, a adopção do alvitre, sempre doloroso para um bravo, da desistencia de combater, sobre tudo nas condições especiaes em que se achava o infortunado Mezza ao serviço de um despota inexoravel, se se verificasse a hypothese de achar-se o chefe da esquadra paraguaya investido de autoridade discricionaria para usar a flotilha sob o seu commando como melhor entendesse; em cujo caso, elle, imitando o procedimento heroico dos russos em Sebastopol, poderia ter lançado mão do recurso supremo de obstruir o canal navegavel do Riachuelo (que não tinha mais de cinco metros de profundidade) mettendo a pique uma parte da esquadrilha, tres ou quatro de seus vapores.

Por esse sacrificio voluntario, a nossa esquadra ficaria collocada em conjunctura extremamente critica, embora a obstrucção não fosse completa.

O modo pelo qual Mezza dispoz a sua esquadrilha, para dar combate á nossa no Riachuelo, indicava que elle se submettia á mesma sorte a que mais tarde deviam se resignar, na guerra hispano-americana, o bravo Montojo e o denodado Cervera.

Não que a destruição da flotilha paraguaya, apoiada em um extenso barranco fortificado, fosse uma operação facil como foi o anniquilamento das esquadras hespanholas em Cavite e Santiago; mas porque Barroso poderia ter evitado o combate encarniçado que travou, em condições a muitos respeitos desvantajosas para a nossa esquadra, limitando-se a forçar o passo, com o que ficava frustrado o principal intuito de Lopes, que era o de obrigar alliados a suspenderem o bloqueio do Paraná.

Os brasileiros vencedores podem e devem render homenagem á bravura de Mezza, de Martinez, de Alonso, de Cabral, de Ortis, de Robles e de Alcarás, dessas victimas da disciplina implacavel do tyranno do Paraguay; mas a victoria não podia deixar de decidir-se por aquelles que uniam á bravura o saber profissional e a consciencia esclarecida do dever militar, como cidadãos de um paiz livre, e que se chamaram: Barroso, Abreu, Raymundo de Brito, Coimbra, Alvaro de Carvalho, Bonifacio, Lucio de Oliveira, Elisiario Barbosa e Honholtz.

A critica retrospectiva poderá especular sobre as possibilidades de uma victoria menos cara do que nos custou a do Riachuelo; mas dessa critica não escapam nem mesmo os vencedores do Cabo de S. Vicente, de Abukir e de Trafalgar.

Não nos propuzemos descrever o maior feito naval da nossa historia; o nosso compromisso foi o de dizermos alguma coisa sobre o Riachuelo; escolhemos para thema uma hypothese que outros já têm considerado, mas que nunca será por demais discutida entre estudiosos de questões de tactica naval.

« *It is on* IF *and* BUT, diz o illustre historiador Mahan, *not on yea and nay that military criticism justly dwells.* »

A. Jaceguay.

Triste Philosophia

Ia Rosa vestir-se, e do vestido
Uma vosse desprende e assim murmura:
" Muitas morremos de uma morte escura,
Por que te envolva serico tecido! "

Ia tourcar-se, e escuta-se um gemido
Do marfim que as madeixas lhe segura:
" Por dar-te o affeite desta minha alvura,
Jaz na selva meu corpo succumbido! "

Põe um collar, e a perola mais fina:
" Para pescar-me quantos párias, quantos!
Padeceram no mar lugubres sortes! "

E Rosa chora: " Oh! destitosa sina!
Todo sorriso é feito de mil prantos,
Toda vida se tece de mil mortes! "

(*Extr.*)

Carlos de Laet.

Epigramma a José Agostinho de Macedo

Na occasião em que José Agostinho publicou o *Oriente*, poema em que este poeta, aliás de incontestavel valor, pretendeu rivalisar com Camões, de quem, afinal, não foi mais do que um invejoso detractor, — áppareceu e circulou em Lisboa esta satyra mordaz, que auctor anonymo lhe disparou (1).

Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões;
Mas de loucas pretenções
As Musas se põem a rir;
Apollo, sem se affligir,
D'est'arte fala ao casmurro:
Pode entrar, que o não empurro,
Nem me vem causar abalo;
Já cá sustento um cavallo,
Sustentarei mais um burro.

(1) Sabe-se que o auctor do satyra foi o poeta brasileiro Francisco J. Cardoso, auctor do poema latino *Tripoli* que mereceu a honra de ser traduzido por Bocage.

A critica e os criticos

No correr do anno de 1906 morreu na Sicilia um homem, cuja fama empallidecera havia annos, depois de ter conhecido grandes triumphos litterarios. Chamava-se William Sharp, escriptor inglez cujo talento ductil e variado brilhou na critica, na poesia e no theatro.

A sua memoria não escapará do esquecimento sómente por ter sido litterato notavel, mas tambem por outros titulos á lembrança de todos. A morte revelou o que elle havia sido — um embaçador litterario em genero difficillimo de praticar.

Inventára, ou antes creara uma individualidade litteraria, fabricou uma gloria completa e póde-se dizer que usou todo o genio que tinha a burlar os seus contemporaneos. Ha uma dezena de annos a gente culta vio apparecerem obras assignadas por um nome desconhecido, Fiona Mac Leod. Essas obras causaram sorpreza e interesse e o novo talento que surgia foi acclamado pela critica que não poupou louvores a Fiona Mac Leod.

Surgio depois um volume de poesias de Fiona apresentado ao publico por William Sharps, que lhe fazia commentarios incomiasticos, contando varios episodios da vida e habitos da poetisa.

O volume teve grande exito. Fiona publicou outro e teve um triumpho como nunca William Sharp gozara igual. A critica espesinhava as suas obras e levava ás nuvens as da sua recommendada. Entretanto elle não mostrava ciumes por essa differença de tratamento; antes cada vez mais se esforçava por augmentar a reputação da nova musa.

Na sociedade ingleza ninguem conhecia Miss Fiona Mac Leod e havia curiosidade de saber onde ella vivia, como vivia e o que fazia. William Sharp satisfazia esses desejos, dedicando á poetisa estirados artigos nos diccionarios biographicos. Contava que Fiona residia na sua terra, na Escossia, e que as suas distracções predilectas eram viajar, navegar em barco de vela, galgar outeiros e contemplar os horizontes sem limites, a scismar.

Morre agora o Sr. Sharp e descobre-se que Fiona Mac Leod não passava de um ente de sua imaginação; as poesias della, poesias tão gabadas, eram delle, autor tão maltratado.

Os que desdenhavam das suas obras assignadas, conheceram que haviam sido burlados pelo engenhoso ironista, que William Sharp lhes havia dado uma lição cruel para o seu amor proprio, mostrando a parcialidade de suas criticas.

Um magistrado norte-americano conta num jornal as mais curiosas recordações da sua carreira e dá algumas amostras de motivos apresentados por diversos esposos nos processos de divorcio. São as mulheres que offerecem maior numero de queixas e nos seus *provaris* revelam mais brilhante fantasia.

Uma, por exemplo, requereu divorcio porque seu marido se tinha barbeado.

— Esposei-o barbado, dizia ella; agora, não é o mesmo; ficou feio, ridiculamente moço e perdeu toda a seriedade.

Por excepção, o Juiz indeferio o seu requerimento.

Uma matrona de setenta e tres annos accusava seu marido, de oitenta e tres, de mascar tabaco.

— E' verdade? perguntou o Juiz.

— Sim, senhor, respondeu o velho. Tenho esse habito ha cincoenta annos, não me posso desfazer delle.

— Pois bem, tem que escolher entre o tabaco e sua mulher.

O Rapaz dos Burros

Aquella de verde,
Que vae no meu russo,
Que tem pela cara
Sombrinhas de buço;

Sempre é forte franga!
Nunca vi tal flôr!
Vou-me aqui suando
De sêde e de amor.

Toca os teus, Canhoto,
Bota-os para a estrada;
Arre burros, burros,
Vamos para Almada.

Se aquella mãosinha
Pagasse um almude,
Levava-o d'um sorvo
A' sua saude.

Que bôca de risos!
Que modo jingão!
Que olhinhos tão gaios!
Ai! meu coração!

Levo uma princeza
Para a mascarada;
Arre burros, burros,
Vamos para Almada.

Por lhe dar um *chôcho*
Em cima do buço,
Dava a vestia nova,
Dava mesmo o russo;

Só não dava as calças;
Não dava nem dou,
Que n'este joelho
Seu pé se estribou.

Vou aqui, vou morto,
Morri de facada:
Arre, burros, burros,
Vamos para Almada.

Não olha, não ouve,
Por mais que me esturro,
Correndo e gritando
Arre, burro, burro.

Pois pico-lhe o russo,
Pois faço-a estender,
Só por ver-lhe as ligas
E depois... morrer!

Ficas atraz, Canhoto,
Vá de galopada;
Arre, burros, burros,
Vamos para Almada.

Ha mais de dois annos
Que sou burriqueiro,
Nunca vi corpinho
Tão bom cavalleiro.

Com trote, pinotes,
E couce a zunir,
Nem quer que a segurem,
Nem sabe cahir.

Nas calças ao menos
Quero outra pégada;
Parae burros, burros,
Chegámos a Almada.

A. Castilho.

— Por que será, mamãe, que a senhora deseja que eu encontre marido a todo o custo nos bailes?
— Porque, filhinha, nestas festas sempre se encontra um tolo; foi em um baile que eu encontrei en pae!...

AS LEBRES E AS RÃS

(*Fabula de Esopo.*)

Diz que as lebres, como gente,
Um dia conselho houveram
Por não viver tristemente,
E afogar-se de repente
Todas juntas resolveram.

Uma lebre mais ladina,
Que isto viu, teve-se quedo,
E gritou pela campina :
— Tende mão, gente mofina,
Que inda ha rãs que vos tem medo.

Duas rãs, como sohiam,
Junto ao charco eram pastando
Adonde as lebres corriam,
E de medo do que ouviam
Vão-se no charco lançando.

DOM FRANCISCO MANOEL.

O linho brasileiro

Uma descoberta de grande alcance para a industria nacional e especialmenta para o Estado do Rio de Janeiro foi a da planta agora denominada *Canhamo Brasilinius Perini*, mais vulgarmente conhecido por linho Brasileiro ou linho Perini.

Esta fibra, que participa simultaneamente das qualidades do canhamo e do linho europeus, era até ha pouco, inteiramente desconhecida em suas applicações.

Encontrou-a o Dr. Victorio Perini em estado selvagem nas matas do S. Francisco, a mil metros acima do nivel de mar, e tendo colhido algumas sementes, fez sobre ella completos estudos em uma propriedade sua, sita no Rodeio.

Coube-lhe o trabalho de classifical-a, domestical-a, descobrir os processos de sua cultura industrial, bem como estudar praticamente suas applicações no fabrico do panno, da cordoalha e do papel, pelo que obteve de Governo Federal a 20 de Junho de 1904 patente de invenção, fundada na descoberta dessas utilidades.

« Tendo lido a exposição dos resultados experimentaes, diz o Dr. Nilo Peçanha, e visto as amostras de manufactura, feitas na Italia, antes de tomar qualquer deliberação, procurei completar minhas observações em uma visita que realizei ás primeiras plantações do Dr. Perini.

Reconheci desde logo que me achava diante de uma cultura destinada a revolucionar a industria da tecelagem em todo e mundo, e diante de um acontecimento que marcava o inicio de uma nova éra á lavoura fluminense; desde então não poupei esforços no sentido de auxiliar a futurosa industria, que dispunha do mercado universal, e se afigurava por isso um vantajoso succedaneo á cultura do café nos terrenos já improprios para a producção dessa riqueza, que foi outr'ora a base da nossa prosperidade.

Firme nesse proposito, transferi aos Srs. Dr. Perini e J. Knight a fazenda da Boa Vista, de propriedade do Estado, onde estão sendo montados os tanques, galpões e machinismos para macilamento, scotelamento, penteiagem e amorbidamento do fio, tendo elles já importado para a cultura da fibra, arados modernos, capinadeiras, semeiadeiras, ceifadeiras mecanicas, proprias para o linho.

Aquelles industriaes obrigam-se a fazer igual installação na cidade de Nitherohy, para o serviço da rêde da Leopoldina.

Para que seja dado um impulso vigoroso á nascente industria, é precizo, a par de tarifas modicas, em estudo, offerecer ao productor um mercado franco para toda a quantidade.

Com esse intutio ouso solicitar da Assembléa Legislativa uma subvenção annual de 30 contos durante cinco annos, para a primeira fabrica de papel e tecidos de linho que aquelles industriaes pretendem montar em Boa Vista, para a utilização directa da fibra, dos residuos e da madeira da preciosa planta.

A cultura, que está sendo feita no Horto Botanico em Nitherohy, habilitará o Governo a fornecer gratuitamente aos lavradores, no anno vindouro, grande quantidade de sementes ».

O autor desta descoberta, cujo grande alcance é manifesto, já tem plantados, no Estado do Rio, cinco mil metros quadrados de terreno.

A planta dá tres colheitas por anno e o Sr. Perini espera já no anno que vem colher 540 toneladas de fibra.

Sabemos que diversas casas européas, depois do exame da fibra e dos seus productos de tecelagem e cordoaria, offereceram preços que variam entre 25 e 30 libras esterlinas por tonelada.

OS RECIFES DO BRASIL

The stone reefs of Brazil, their geological and geographical relations, with a chapter on the coral reefs. — By John Casper Branner. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology. Vol. XLIV. (Geological Series. Vol. VII.). Cambridge, Mass. May 1904.

Esta valiosa memoria trata de um phenomeno geologico que até aqui não tem recebido a devida attenção, se considerarmos a importancia e o interesse que elle offerece tanto sob o ponto de vista commercial como scientifico. Um porto, formado por um recife de grés, abrigou, em 1500, a frota dos primeiros portuguezes descobridores do Brazil e a impressão que elle produzio em seus espiritos é frisantemente relevada no facto de terem-lhe applicado um nome descriptivo — Porto-Seguro — ao envez de um nome tirado do Calendario dos Santos, como era o costume quasi universal dos antigos exploradores ibericos. Partindo deste ponto como centro, uma consideravel secção da região costeira do Brazil foi explorada e povoada, emquanto dous outros portos, protegidos de recifes, Recife (Pernambuco) e Rio Grande do Norte, tornaram se tanto ou mais importantes que aquelle. O primeiros destes, Pernambuco, conservou a sua importancia commercial até o presente e, estando situado sobre uma grande rota de navegação, tem attrahido a attenção e excitado a admiração de todos os marinheiros e viajantes que têm visitado a costa brazileira. Aquelles muito naturalmente confundiram os recifes formados de grés com esses outros, ainda mais frequentes ao longo da costa, compostos de rochas coralleiras, e os ultimos repetiram as informações dos marinheiros, a saber, que uma larga secção da costa é margeada por um recife de natureza igual ao de Pernambuco.

O primeiro a descrever, de um modo exacto, o recife de Pernambuco, como sendo um banco de areia consolidada, foi Darwin, que alli tocou na celebre viagem do Beagle. Hart, em 1870, mostrou que a celebre grande barreira de recife do Brazil era um mytho, embora occorressem, em numerosos pontos, recifes destacados, de coral e de grés, sendo estes ultimos devidos a uma consolidação superficial de praias de areia, substancialmente limitada pelos planos de alta e baixa maré. Os exemplos destas curiosas estructuras estavam na immediata visinhança de Pernambuco e ao longo da secção da costa, ao sul da Bahia. A presente memoria, além de esclarecer bellissimamente, com mappas e photographias, os exemplos já conhecidos, dá completos detalhes de um grande numero de outros pontos ao norte, entre Pernambuco e Rio Grande do Norte. Dos recifes conhecidos, o de Guarapary, no Estado do Espirito Santo, é o que está situado mais ao sul e, desse ponto até o Rio Grande do Norte, em uma distancia de cerca de mil milhas nauticas, os recifes de grés podem agora ser considerados como definitivamente conhecidos. Ao sul é presumidamente certo não mais existirem; porém, no pedaço igualmente longo da costa, do Rio Grande do Norte ao Amazonas, pode-se prever serem elles tão abundantes e caracteristicos como na secção acima mencionada. E' muito para desejar-se que essa secção do norte seja examinada do mesmo modo cuidadoso.

O Dr. Branner, depois de descrever e esclarecer completamente os recifes examinados, em numero superior a vinte, resume os seus caracteristicos como segue: « Os recifes de grés são approximada, mas não distinctamente, rectillinios. As camadas do material inclinam-se do lado do mar com o mesmo angulo commum ás praias. A rocha endurecida do recife tem sómente tres a quatro metros de espessura. Os materiaes subjacentes são: areias, conchas e argillas, em successão irregular. Emquanto o processo de formação, o caracter e a estructura dos recifes mostram que elles são antigas praias consolidadas pelo carbonato de cal, o seu estado rectillineo mostra que elles são formados de uma linha natural de praia, fixada e tornada permanente pelo processo de consolidação apontado na Parte VI. »

O problema mais difficil que apresentam esses recifes é o da sua consolidação por meio da deposição do carbonato de cal, e um dos mais interessantes capitulos da memoria é dedicado a essa discussão. A hypothese do endurecimento das praias de areia pela acção da agua da chuva e pelo escapamento do dioxydo de carbono contido na agua do mar é admittida como possivel, porém posta de lado como insufficiente para explicar todas as phases do phenomeno. A coincidencia da distribuição dos recifes de grés com uma areia de grande densidade das aguas oceanicas é notada como uma possivel causa concurrente. (Outra coincidencia digna de nota é a distribuição dos recifes de grés e de coral). Uma causa mais efficiente parece ser a passagem da agua doce carregada de acidos organicos, provenientes da decomposição de materias vegetaes accumuladas nas lagôas e correntes reprezadas, por trás das elevações das praias. Os recifes occorrem ao longo de uma secção da costa, batida por ventos e correntes toleradamente constantes e em condições geologicas e climatericas taes que muitos dos riachos são temporaria ou permanentemente fechados pelas areias accumuladas que se formam em suas bocas. Deste modo o unico caminho que as aguas têm para attingir o oceano é a percolação através das barreiras de areia das praias. Em conclusão o autor nota: « Parece provavel que a consolidação dos recifes de grés não teria lugar, caso a quéda de agua da chuva fosse sufficientemente abundante e constante, de modo a manter as bocas dos riachos abertas e as suas aguas puras. »

Os movimentos da costa, tanto de elevação como de depressão, nos antigos tempos geologicos, são apresentados e discutidos em um capitulo. Uma depressão de consideravel importancia presumidamente teve lugar nos primitivos tempos do Plioceno, tendo sido seguido de uma

fraca elevação. Os recifes de grés são de formação e consolidação subsequentes á depressão e não ha evidencia de que posteriormente elles tenham soffrido qualquer movimento apreciavel. Ambos os recifes, de grés e coral, têm protegido a terra e auxiliado a formação da costa do mar.

Em um capitulo introductor é dada uma breve revista do que é conhecido da costa, ao longo da qual occorrem os recifes. Ahi o Dr. Branner começa referindo ao Terciario uma consideravel porção do que tem sido considerado como cretacio, tanto pelos seus predecessores como pelos seus proprios escriptos anteriores. A evidencia para esta mudança de vistas é, não obstante, confessadamente inconcludente e o autor desta apreciação parece-lhe que certa evidencia contrária e de importancia tem sido pouco reparada ou indevidamente minorada.

O capitulo sobre recifes coralleiros é tambem uma valiosa contribuição para os nossos conhecimentos das condições physicas e geologicas da mesma secção da costa, uma vez que os unicos estudos scientificos a elles referentes eram os de Hart sobre os recifes das proximidades dos Abrolhos e os do Rathbun sobre os de Itaparica na Bahia de Todos os Santos. A secção da Costa do Brazil constituida por essa franja de recifes estende-se desde as proximidades do equador até 18 gráos de latitude sul, porém, sob cerca de metade dessa longa linha, do Rio Grande do Norte para cima, os varios typos de recifes, grés, coral e rochas subjacentes não têm podido ser descriminados. Muitas e grandes aberturas quebram a continuidade dos recifes de coral e para muitas dellas nenhuma razão póde ser dada. Com a excepção das Rocas que parecem ser um verdadeiro atoll emergido das aguas profundas, todos os recifes são erigidos na baixio continental submerso e sao recifes em fórma de orla e de muralha. Elles são usualmente estreitos, tendo de dez a cincoenta metros de largura, porém é possivel que as grandes muralhas de recife attinjam uma largura de 30 kilometros. Os recifes junto ás praias são bem estreitos, provavelmente nao excedendo dez metros de espessura, emquanto que as muralhas de recifes situadas ao largo devem presumivelmente ter uma espessura maxima de cem metros.

Pela maior parte os recifes têm alcançado, em altura, o limite de crescimento e são agora mortos no cume, comquanto ainda hoje cresçam lateralmente. Como quer que seja, não se conhece nenhum que se-tenha elevado acima do nivel das marés. Em idade, presume-se que elles datem dos tempos Terciarios, desde que elles elevaram-se sob um baixio devido a uma depressão cuja data é presumivelmente do começo do Plioceno. As rochas de coral têm sido observadas tanto em baixo como em cima dos recifes de grés, sendo possivel que alguns recifes de coral ergam-se de uma base fornecida por exemplos submersos de recifes de grés. A fauna corallaria de polypos encontrados nos recifes contem 28 especies e está mais intimamente em relação com a fauna das Indias Occidentaes do que com qualquer outra conhecida.

Um dos pontos de maior interesse geologico relevado neste estudo dos recifes de coraes é o que diz respeito ao processo de dolomitização da rocha do recife que faz-se em pleno mar, tornando assim desnecessaria a hypothese do « salt-pan » para a qual se tem apellado, nos casos ordinarios notados de uma proporção mais elevada de magnesia nas rochas de origem coralina do que nos esqueletos dos proprios coraes.

O Dr. Branner nota que a opportunidade que teve para completar os seus estudos sobre os recifes, começados muito tempo antes, foi-lhe facultada pelo professor Alexandre Agassiz. Ambos estes senhores devem ser felicitados pela importancia dos resultados alcançados e apresentados nesta esplendida memoria e ser-lhes-ha para desejar que taes resultados estimulem os a promoverem um estudo similar desta *terra incognita*, biologica e geologicamente fallando; a secção norte da costa dos recifes da costa brazileira que, devido ás condições peculiares, aos ventos e correntes, sómente poderá ser explorada empregando-se barcos a vapor.

ORVILLE A. DERBY.

A LENDA DO REY "LEAR"

Um grande millionario, fanatico de Shakespeare, acaba de reunir em Londres uma original collecção de documentos, os quaes deram origem á lenda do Rei Lear — que serviu de thema a um dos mais bellos trabalhos do poeta. — Esses documentos pertenceram á famosa chronica de Holinshed, que justificou a lenda perante a historia, contando-nos que, no anno 3105, da creação do mundo, no tempo em que Joas reinava na Judéa, subiu ao throno da Bretanha o nobre principe Lear, que fundou Karleir. Tinha elle tres filhas Genorilla, Regana e Cordelia — a mais joven e a mais querida. Lear, vendo-se velho, quiz conhecer a affeição de suas filhas e ás tres perguntou si o amavam mais que á propria vida. As duas primeiras protestaram com um tal amor que excederia todas as affeições concebiveis. Cordelia, a mais moça, respondeu-lhe que não conhecia affectos nem terduras superiores áquelles que lhe votava; mas era possivel que a paixão que tivesse pelo esposo futuro fosse superior ao amor filial. Lear, furioso, casou Genorilla e Regana com os duques de Cornewall e d'Albania e Cordelia desherdada e expulsa ficaria sem arrimos, si uma espontanea paixão que por ella tinha um dos doze principes que governavam a Gallia não fizesse della esposa e rainha.

Os duques de Cornewall e d'Albania, não querendo esperar a morte do velho rei, revoltaram-se, desthronando-o e apossando-se de todos os seus Estados. Lear, velho e decahido, veiu procurar refugio em casa de Cordelia, que o recebeu com grandes honras. Aganipus, marido desta, levantando um aguerrido exercito e equipando uma esquadra, passou á Bretanha, onde bateu e matou os dous duques seus cunhados e repoz o velho monarcha no seu throno.

E' esta a base principal da « Lenda » da qual tirou Shakespeare a sua grande obra. Todos aquelles que cultivam o grande poeta não podem deixar de visitar em Londres o famoso theatro no qual foram pela primeira vez representadas as obras primas de Shakespeare.

E' quasi inacreditavel que obras como Hamleto, Othelo, Lear, Macbeth tenham visto a luz da rampa em semelhante quadro.

Uma velha fachada de pedras e tijolos, para qual dá entrada uma enorme porta carcomida, vendo-se por cima desta uma estatua de Hercules grosseiramente pintada, sustentando um globo com a seguinte divisa *Totus mundus agit histrionem*. Um grande e tosco lettreiro annunciava naquelles tempos idos o programma do espectaculo, e o interior composto de uma enorme e suja platéa dava vista sobre um taboado ao ar livre. O preço dos bilhetes era fixado a um, meio e quarto de shilling! Os actores eram todos homens, mesmo aquelles que representavam os grandes papeis da rainha Catharina e outras grandes damas!

L'AMOUR

On s'enlace,
Puis un jour
On s'en lasse,
C'est l'amour.

VICTORIEN SARDOU.

PEREIRA DA SILVA

Pereira da Silva, no seu apostolado amargo de arte, coroado com os acanthos da tristeza e com as estrellas do sonho, tem a apparencia de um sonhador perdido em brumas. O poeta de *Væ Solis!...*, esse tedioso archanjo melancolico, vive mergulhado na eterna e orgulhosa contemplação do seu proprio ser, desolado em altas scismas abstractas pelos mundos subjectivos de sua mórbida imaginação,

Dentro de um mundo azul de mysticas idéas,

numa attitude de esphynge deante de outra esphynge. Atravessa a vida, os olhos dirigidos para o além, a procurar talvez algo que não existe na terra, sempre absorto nas miragens nevoentas de um mundo desfeito, a fluctuar-lhe vagamente na visão, como um somnambulo, um ser inconsciente que fosse monologando aquellas palavras mysteriosas que o assombroso Shakespeare pôz na bocca do nobre solitario de Elseneur :

To be or not to be...

duvida pungente que tambem lhe apunhala o espirito.

Homem nasci, homem ando pelo mundo
Como uma cousa á tôa pelo Espaço.
Penso; mas quanto em mim mais me aprofundo,
Menos conheço a origem do que faço...

Meu espirito é como um vagabundo
Que anda por tudo e em nada deixa traço.
Que anda ora alegre; ora meditabundo;
Ora forte; ora exhausto de cansaço...

Ser e não ser! Sinto-me assim captivo
De mim mesmo e em mim mesmo todo absorto
Como dentro de um mundo subjectivo...

Ser e não ser! até pareço um aborto
Um monstro que tivesse o corpo vivo
Obedecendo ao espirito de um morto...

***

Pereira da Silva, como Nobre, com quem tem affinidades flagrantes, é o typo da tristeza e da amargura. Nunca neste mundo, ente algum, na sua edade, se mostrou mais cheio de desesperos, afflições e dôres infindas. Ninguem mais do que elle sente tão profundamente o tedio da vida, *tædium vitæ,* atroz enfermidade que dissolveu milhares de almas nobres. A sua existencia è um continuo martyrio, um delirio, um desespero sem fim. A sua alma, triste e austéra, trajando sempre de luto, sentindo a nostalgia da cruz, é

Como as almas viuvas dessas freiras
Que andam entre nós á falta de convento.

Lembra uma pobre velhinha, franzina e enregelada como a dôr, cançada, semi-morta, exhausta de fadiga e exhausta de viver, sem abrigo e sem conforto, exposta ao vento e á chuva.

No abandono de Deus e no tédio iracundo
De uma vida entre máus, sem sonho e sem conforto,

tão só, tão pobre, tão sem nada, e sem ao menos alguem que lhe console a dôr de « reprobo da vida »,

... Sou mais que um moribundo,
Sou mais triste, talvez, do que Jesus no Horto,
Concentrado, apesar as infamias do Mundo.

As suas visões têm a côr do amargurado, e as coisas se lhe apresentam vagas, indefinidas, incoerciveis. A Natureza, vista atravéz do seu temperamento pessimista e dissolvente, é um negro *cauchemar*. A Terra lhe apparece como o reino do peccado, como uma especie de valle de Josaphat, povoado de fantasmas, sombras e pavores. O poeta vive mergulhado nessa *morne incuriosité* de que nos fala Baudelaire.

O mundo é para a luz do meu olhar já fusco
Um cháos, um cháos enorme, un cháos em que em vão busco
As outras sensações de vida da minh'alma.

A vida, é uma luta dolorosa em que vence quem mais forças tem, uma comedia funebre, mas louca, e a peor das desventuras.

A vida! a Vida, poeta, é tão pesada
Como o madeiro em que expirou Jesus.

A carne é triste, e o poeta

... Prefere morrer na cruz do seu martyrio
Ás bellezas mortaes da carne as mais extranhas,

tendo gritos como este, contra aquelles que, corações perversos e criminosos, dão filhos á dôr :

Sabei que é vosso amor de Satyro um delicto
E um delicto cobarde;
Que um ventre de mulher nunca será bemdito
Quando produz Leopardi.

O estado de espirito em que se encontra o poeta é o do nihilista pessímista, depois que este verifica uma contradicção irreductivel entre o ideal e o real, entre a existencia que julga bôa e a existencia que vive, quando descobre que a vida não tem um fim, que o homem não é a razão de ser do universo e que a somma dos soffrimentos excede a somma dos prazeres, emfim, quando nelle se verifica a bancarota de todas as crenças consoladoras com as quaes a humanidade tem vivido até o presente.

Isso tudo que vês, sentes e conjecturas,
Terra, oceano, céus, astros encandecidos,
Sons que acordam prazer ou dôr nos teus ouvidos,
Como o timbre da luz ou o grito das creaturas;

As grandezas do sol, as suggestões escuras,
Das noites que o mal fez para bem dos bandidos,
Os impetos sem freio ou os impetos contidos,
O genio das Razões ou o genio das Loucuras;

Isso tudo que vês, que sentes e que crias
Com teu sopro de luz tão instinctivo e agudo
Que dá fórma e dá vida ás tuas agonias;

Sim! teu Verbo de Deus, teus silencios de mudo,
Artes, Religiões, Sciencias, Philosophias,
Isso tudo... isso tudo.. o que vale isso tudo?...

Esta philosophia é um producto legitimo da religião do soffrimento humano, o christianismo, que tem retardado por 19 seculos a marcha da humanidade para a belleza integral e para a vida feliz. O pessimismo christão levado até as ultimas consequencias acaba no aniquilamento do querer viver, na aspiração mystica para a bôa morte, para o nirvana buddico, para a paz eterna do tumulo.

Para quem, como eu, vê toda a existencia escura
O Tumulo ha de ser a torre da Ventura
— Da ventura de estar entre os que já não vivem,

esclama Pereira da Silva, allucinado de desalento e anciedade.

Foi esse pessimismo que inspirou a Schopenhauer as suas paginas admiraveis sobre a morte do desejo egoista no asceta que se liberta da illusão universal. Foi esse pessimismo, transformado em Wagner nesse immenso desejo de absorpção pantheistica do sêr individual pelo Grande Todo, que se diluiu em ondas de melodia em *Tristan* e que canta nas harmonias sublimes de *Parsifal*. Foi ainda esse pessimismo, tetrico e aniquilador, que levou o genial mas desgraçado Anthero, « genial e santo », accrescenta Oliveira Martins, a resolver pela violencia o problema da Verdade eterna, que o atormentava dolorosamente.

Que sempre o mal peor é ter nascido,

concluiu elle e... suicidou-se. Foi, emfim, esse pessimismo que Frederico Nietzsche, com a sua terrivel clarividade e profunda intuição psychologica, denunciou como um perigo permanente para a planta humana. O pessimismo christão é um symptoma morbido, a manifestação psychica de uma perturbação organica profunda, uma grave enfermidade. O christianismo tem por origem o processo psychologico da decadencia. A decadencia, que de forma alguma é um phenomeno anormal e pathologico, mas uma consequencia necessaria e normal da vida, é o enfraquecimento do typo humano considerado como uma manifestação voluntaria, como uma expressão consciente da vontade de poder. O decadente typo vem a ser, portanto, aquelle que possue uma sensibilidade requintada, que renuncia a luta pela vida, os gozos terrestres e as grandes virtudes creadoras, que se deixa dominar pela aspiração mystica do além, emfim, todo aquelle que vive segundo a taboa dos valores ethicos estabelecidos pelo christianismo, essa grande declaração de guerra contra a saude, a belleza e a vida. Nunca será de mais repetir : a moral christã ensina o desprezo e o odio contra as grandes paixões, as aventuras perigosas e as experiencias audaciosas, condemna a vontade de poder e exalta, em prejuizo do egoismo, as virtudes uteis aos fracos : o altruismo, a piedade e a covardia, maldiz a terra e prega o aniquilamento da vida universal.

Ora, em Pereira da Silva constato perfeitamente os symptomas caracteristicos da decadencia: excitabilidade nervosa, emotividade exaltada, enfraquecimento da vontade de viver, a volupia mystica da morte, a anarchia dos instinctos elementares, dissolução da personalidade organica, desaggregação da unidade mental. Traz os stygmas da cruel nevrose, desta « mulher negra » que Heine canta em seu *Lazaro* e cujo beijo mortal fez do seu corpo « um cadaver em que o espirito era prisioneiro ». Pereira é um vencido,

um aniquilado na tragedia da vida, que confessa finalmente a bancarôta das suas mais altas esperanças e se inclina para um nihilismo dolorosamente amargo. O mysticismo, por si só, no pensar de Légrain, constitue um phenomeno altamente symptomatico da decadencia. Verlaine balbuciando delirios e litanias á Virgem, mescladas da mais requintada sensualidade,

(Je ne veux plus aimer que ma mère Marie)

absorvendo-se na autocontemplatividade do seu ser perturbado por enfermidades ingenitas,

(Ô mon Dieu, vous m'avez blessé d'amour...)

exaltando-se a ser *sage*, não é menos doente que o visionario Francisco de Assis e Sta Theresa de Jesus mergulhada em paroxismos extaticos.

Assim, a sua arte, como a arte desses pessimistas geniaes que se chamaram Wagner, Heine e Quental, é uma arte malsana, porque em lugar de reproduzir, augmentar e multiplicar a vida, provoca estados depressivos da sensibilidade; é, em toda a extensão da palavra, uma *arte decadente*. Mas não pensem que *Væ Solis!...* é uma exposição d'um estado d'alma pessoal : é o estado de espirito quasi commum a toda uma geração de intellectuaes — o espectaculo da sensibilidade contemporanea.

***

A obra de Pereira da Silva é filha legitima da sua propria dôr, que elle bemdiz, afaga, proclama, canta, obstinadamente e intensamente verteu nos seus poemas.

Não é dos que inventam soffrimentes para cantal-os, mas do numero daquelles que soffrem realmente e exprimem com sinceridade o estado d'alma doloroso em que sempre se encontram. A prova temos naquella série de sonetos, *Dulcissimus Dolor*, da qual destacarei ao menos o primeiro, para que se veja como é intensa a paixão que trabalha a alma do poeta e lhe faz gritar de dôr a musa afflicta :

Seja bemdita a Dôr que me arranca estes versos
Fundidos no crysal da Desventura humana :
Bemdito este rancor acre d'onde dimana
A caudal do meu Odio aos parvos e aos perversos.

E este pranto em que tenho os meus olhos immersos,
E esta doença fatal da minha mente insana,
E esta extrema afficção de mar que alto espadana
Em milhões de milhões de vagalhões dispersos...,

Minha furia, a Caim, de onda contra o rochedo;
Meus monologos sós e intimos de Manfredo,
Meus sorrisos a Heine e ternuras á Norma;

Emfim, todo o meu ser hysterico, exquisito,
— Mais infeliz talvez que um passaro maldito —
Fique a chorar e a rir na Nevrose da Fórma.

Os seus versos trazem a dôr dos que soffrem, a angustia dos opprimidos, o desespero dos afflictos. Seus gritos, suas blasphemias, suas apostrophes, suas lamentações, seus cantos, emfim, saem-lhe das entranhas, commovidos, fundos e sinceros. O poeta é um desventurado que nos commove, porque sentimos quanto padece, quanto se lacera, se morde, se martyrisa, para dar bem nitida, em cada frase e em cada accento, a afflicção

que lhe anda no peito enfermo, angustiado, opprimido, a soluçar continuamente como uma mãe a quem se lhe tivesse roubado o filho querido. Os versos já transcriptos demonstram sufficientemente e estes o confirmarão :

Pobre Musa! Bem sei que na extrema Agonia
Em que morres, não ha lisonja que te queira.
Hão de fugir de Ti como de ave agoureira
Que na eterna mudez de um cemiterio pia.

O meu Mal, o teu Mal, nossa Melancolia,
Meu habito de monge e o teu burel de freira,
Jamais hão de calar noi mo da alma grosseira
De quem mesmo da Cruz de Cruz e Souza ria.

Mas cantemos a sós. Curemos nosso Tedio
(Esta Insania de Poë p'ra que não ha remedio)
Na nudez cellular da minha alcova pobre.

E, emquanto a morte vae cavando a nossa cova,
Gozemos nupcialmente esta Volupia Nova
Que ha no Livro de Job das Tristuras de Nobre.

Et videte si est dolor sicut dolor meus. O versiculo de Jeremias serve de epigraphe ao livro de Pereira da Silva, e, com effeito, a dôr que engendrou estes poemas é immensa. *Væ Solis!...* é a historia dos seus soffrimentos de todas as horas, das suas agonias que se nunca extinguem, das sua dôres clamorosas de todos os momentos, dos seus desesperos surdos, iracundos, pungentes e das loucuras que sacodem continuamente sua alma bôa entre a bondade dos simples e a ira tempestuosa dos máos, é

Toda a historia do Christo de minh'alma,

diz elle, e foi escripta nos

... seus dias de Job, dias de vento norte,
Dias 13, dias de azar, de augurio agoureiro,

em que pensava sempre que

... ia morrer assim como os cordeiros
E só, sem pae, sem mãe — nada que me conforte.

O seu longo poema *In Extremis*, que vem no fim do volume, vale por uma verdadeira autobiographia, embora incompleta e nebulosa, e melhor accentua o drama intimo da sua vida

... de ser que alguma culpa expia.

Ninguem melhor do que o proprio poeta poderia dar assim uma *silhouette* exacta do singular engenho que produziu toda essa desesperação do *Væ Solis!...*

O poeta Hermoz, de olhar humido e vago,
De talhe esguio e rosto nazareno...
Só, de alma e corpo, só e sem conforto,
Na sua alcova de um silencio de ermo,
— Ar vesperal de pallidez de enfermo —
..... com o espirito absorto
Na prostração da suã dôr sem termo,

lembra o melancolico autor de *Postuma*, que se pintava então como um pobre tysico, morto em plena juventude, cantando o ultimo verso do cancioneiro

Domani al mio balcon non torneró...

Os sonetos *Idylio de Esphynge, Iniciado* e *Voz do Vacuo* são, em synthese, a alma ironica, dolorosa e sonhadora de Pereira da Silva. Leia-se, por exemplo, *Idylio de Esphynge*, um dos melhores do livro, soneto que compendia toda a obra do poeta :

Horas, mais horas, sós, emmudecidos,
Nos contemplamos eu e a Natureza ;
Eu — no burel sombrio da Tristeza
Que é o luto fechado dos vencidos ;

Ella — nos vagos, incomprehendidos
Silencios insondaveis da Grandeza ;
Eu — conjecturando ; Ella — sorpreza
Da Dôr emocional dos meus sentidos.

Eu — como um sêr que alguma culpa expia
— Um sêr que em transes mudos agonia
Para attingir um fim que não attinge ;

Ella — como a coisa unica, absoluta
Que me vê, que me ouve e que me escuta ;
Uma Esphynge deante de outra Esphynge...

Julgo, pois, que haverá mais justiça em attribuir todas as desillusões, todos os delirios, todas as amarguras do seu coração ao seu organismo enfermo do que critical-as como expressão legitima do seu formoso talento. Não quero dizer, entenda-se, que nisso apenas, consista a expressão suprema da sua obra. Fique isso bem accentuado Ha nesse livro exotico trechos de uma belleza bem estranha, estrophes como as de *Velhinhas* e *ceguinha*, tão preciosas de rythmo como offuscantes de raras imagens ideaes.

Não excluo da minha admiração o soneto *Paysagem Nocturna* que, pela graça mystica e pela melancolia pessoal, faz lembrar as paysagens de Beato Angelico, vagas, ethereas, espirituaes, quasi invisiveis e a poesia *Sol*, a que pertencem os formosos versos que se seguem :

Eu Sol, eu feito Sol! E de manhã, bem cedo,
Teria essa apotheose eterna do Universo.
Surgiria cantando e até mesmo o rochedo
Vibraria na luz vibrante do meu Verso.

Cioso como um Sultão, de corolla em corolla,
Os jardins aromaes hauriria num hausto ;
Desta essencia de amor que da terra se evola
Haveria de estar constantemente exhausto.

Para mim, que era Luz, tudo seria claro.
Não haveria mais, nunca mais, uma Esphynge
E somente eu teria esse desplante raro
De cingir num clarão tudo o que o mundo cinge.

Eu Sol, eu feito Sol! E ver lá do Alto o mundo,
Como um pequeno grão de areia ou um ponto de i
E penetrar no mar de todos o mais fundo
E, no fundo do mar, ver o que nunca vi!

Ai o meu fulvo Ideal! de auscultar os refolhos
Mais intimos ou ver tudo a meus pés de rastros!...
E ás horas vesperaes teria ante os meus olhos
A extranha procissão dos Circulos dos Astros!

E outros mundos então surgiriam da Treva.
— Mundos feitos dos tons essenciaes das coisas,
E com beijos de amor feitos do beijos de Eva
E volupias subtis de azas de mariposas...

Mundos que eu nunca vi, mas que ha de certo nesses
Altos donde o esplendor do Sol tudo percute,
Mundos feitos de soes, de crystaes e de messes
Loiras, loiras, talvez, mais que os trigaes de Ruth.

Todo o poema se reveste deste maravilhoso encanto, e todos os seus versos têm rythmos inefaveis. A falta de espaço me impede de transcrever outros poemas, para que o leitor se compenetrasse do que acima affirmo. Seria preciso transcrever ainda, e sobretudo algumas das ultimas producções de Pereira da Silva, reunidas em volume prestes a apparecer, sob o titulo *Versos de Maria*, em que elle se mostra mais humano e seu talento brilha de uma luz nova.

***

Já é tempo de concluir estas considerações que sobre o poeta de *Væ Solis!*... venho fazendo. Pereira da Silva, cuja physionomia no vago retrato que desses documentos procurei esboçar apparece como um representante typico desse estado psychico que Nietzsche chama *anarchia dos instinctos*, é um poeta com a sensibilidade de Verlaine, a philosophia de Quental, o mysticismo de S. Theresa e a lyrica de Nobre. A sua obra, aliás uma das mais sinceras, das mais tocantes e das mais singulares do nosso tempo, ficará, de certo, como um phenomeno de esthesia e, numa época futura da civilisação, poderá ser considerada como subsidio valioso para o estudo da sensibilidade do seculo XIX nos seus ultimos decennios.

ELYSIO DE CARVALHO.

Academia em Minas

No correr de 1906 annunciaram as folhas locaes de Minas que alli corria a idéa de fundar-se uma *Academia de Letras*, a exemplo das do Rio, Pernambuco e outras. Deviam fazer parte da Academia Augusto de Lima, Gustavo Penna, Nelson de Senna, Josaphat Bello, Augusto Franco, Bento Ernesto, Mendes de Oliveira, Alvaro da Silveira, Estevam de Oliveira, Heitor Guimarães, Carlos Sanzio, Francisco Lins, Belmiro Braga, José Rangel, Alphonsus de Guimaraens, Azevedo Junior, Lindolpho Gomes, Brant Horta, Estevam Lobo, Pinheiro Campos, José Paixão, Olympio de Araujo, Silva Guimarães, Diogo de Vasconcellos, Silva Tavares, Antonio Celestino e Avelino Foscolo.

Modos de dizer Brazileiros

(Dona Alexina Magalhães)

Amarrar cachorro com linguiça.
Cair nas boas graças de alguem.
Dá uma no cravo outra na ferradura.
Morder e assoprar. Ser com o barata. E' uma barata...
Plantar verdes para colher maduras.
Engambelar a lagôa (?).
De casaca e pé no chão.
Coroar Santa Catharina (1).
Ver passarinho verde.
Aves de arribação (aventureiros).
Andar nas aguas de outrem.
Passar na bica.
Nariz de cera. Colla ou cóla.
Chover no molhado.
Que esperança!
Pudera! Quem quer falar...
Tirar o seu pé do atoleiro.
Tirar sardinha com a mão do gato.
Passar como gato por brazas.
Fazer das suas.
Obras de Santa Engracia.
Vender nabos em sacco.
Comprar gato por lebre (comprar? vender? passar?)
Tomar a nuvem por Juno.
Receber o recado na escada.
Fazer de um argueiro um cavalleiro.
V. para espelho tem muita tripa. Estar como espelho sem aço.
Entornar o caldo.
Homem de máos bofes. Gato-pingado.
Por dá cá aquella palha... elle se aborrece.
Emquanto o diabo esfrega um olho.
Pelo sim ou pelo não.
Por fas ou por nefas.
Accender uma vela a Deus outra ao diabo.
Varrer a testada. Ser testa de ferro.
Cada um varre a porta da sua casa.
Fazer tijollos. Ser Azeiteira.
Differença entre « regateira » no Brasil e em Portugal.
F... quer achar a comida já mastigada.
Babáo!
Dar ás de villa Diogo.
Abrir na sola.
Pernas para que te quero.
Andár a duas amarras.

(1) Não casar, ficar solteira; locução franceza aprendida nos collegios francezes de meninas, do Brasil.

Quando eu disser que o burro é preto, você póde olhar para as orelhas.
V. não está debaixo da ponte.
V. não está em casa de judeu...
Metter-se em camisas de onze varas.
Elle fez da boa...
Comer em pratos de ouro com escarros de sangue.
Lembrar-se de Santa Barbara na hora que troveja.
F... é mão muito aberta.
Bolir em caixa de maribondo.
Chover no molhado, digo, malhar em ferro frio.
Metter a mão em seára alheia.
Um João Ninguem.

Pedro cem
Que já teve
E hoje não tem.

Anjo papudo com tripas e tudo. (Isto é, fulano já não é anjo como dizes.)
Santinho do páo oco. Boi sonso. Macaco velho.
T... é uma Maria vae com as outras.
Morde aqui no dedinho...
Isso é uma conversa fiada. Conversar com os travesseiros.
Este dedinho me contou.
Dizer com os seus botões...
Vida de cachorro magro.
Servir de páu de cabelleira.
Nas costas do tomanduá o tatú passa bem.
Cinzar alguem.
Arrastar a aza a alguem.
Voz de prata refinada.
Virar a casaca.
Engrossar (elogiar). (Esc. militar.)
Dar com os burrinhos 'nagua.
Si F... fosse negociar em carapuças, as creanças nasceriam sem cabeça.
Muito fastio... longe do meu paiol. (On a toujours moins la qualité dont on fait drapeau.)
Perder o seu latim.
Ahi é que está o *busilis*.
Ahi é que pega o carro.
Dar os nomes aos bois.
Falar com a filha para o pae entender.
Isso é para inglez ver.
Ficar no cocho; no toco... (isto é, por ultimo).
Carambolar por tabella.
Quando um diz mata outro diz esfola.
Ter o coração na bocca.

Caiu-lhe a alma aos pés.

Vae de vento em pôpa.

Ver estrellas ao meio dia.

Trazer alguem de canto chorado.

(Portugues.) Elle alli era um Santo Antoninho onde te porei.

Ser cabeça no vento. Estar com a cabeça no ar, *a juros*.

Papagaio come milho, piriquito leva a fama.

D'aquelle matto não sae coelho.

Andar ás moscas.

Tire o seu cavallo da chuva (isto é, não vise tão alto).

Andar no mundo da lua. Ser aluado.

Ter medo de espinho e engolir espeto.

Guardar o farello e desperdiçar o fubá.

Cair na esparrella.

Isso tem dente de coelho.

Sangrar em saude.

Pinto molhado (canto popular).

Molhado como um pinto; dos pés até á cabeça; todo molhadinho.

Ensinar Padre-nosso ao vigario.

Não metta a sua colher de pau aonde não é chamado.

INTERJEIÇÕES POPULARES

Adió! (isto é, você não é capaz de tal.)

Uai! gentes!

Chi!!

Ii!

E' muito!

Que esperança!

Uma Pagina de João Luso

E' uma folha arrancada ás que escreveu da terra portugueza e nenhuma mais commovida e bella :

« — Pois eu bem me estou a querer lembrar! Sim, mas... O senhor não é um que andava em Coimbra e depois foi pr'ó Brasil?

— Talvez, talvez. Mas, já lá vão não sei quantos annos e tu estás a mesma cousa, não envelheceste, não emmagreceste nem engordaste... Grande patife!

Isto de certo o lisonjeou; abrio-se-lhe um riso consolado no carão alvar.

— Então, meu senhor; herva ruim não a cresta a geada!

Silvou o pingalim, de novo os cavallos largaram. Dalli por diante, a paisagem offerecia-me o especial encanto duma serie de quadros familiares — voltas de rio onde se fizeram pescarias, ermidas onde se ouviram sermões, arraiaes onde se dansou; lombos de serra que se percorreram, atrás das lebres e das perdizes; sombras de carvalheiras onde se merendou e se fizeram os magustos de Novembro, com sobremesa de medronhos e infusas de vinho novo, correndo de mão em mão. Ah! sim! eu conhecia aquillo a palmos, eu designava os lugares pelos seus nomes poeticos ou pittorescos, conhecia as caras que assomavam ás janellas dos casebres, attrahidos pelo rodar daquelle carro de luxo. A muitos lavradores que sachavam as « terras de revolta » ou mondavam a vinha exuberante e que á nossa passagem tiravam o barrete, gritando o velho « Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! » gritei as alcunhas de familia, aquelles joviaes baptismos que vêm de pais a filhos e atravessam muitas gerações a designar dymnastias como recordações historicas. Leopoldo mostrava-se maravilhado da firmeza e da frescura da minha memoria; e o Sr. João Erse, esse, então, chegava a sentir-se vexado pelos quinãos que eu lhe dava, eu, ha quatorze annos lá por fóra, e elle, que vivia a meio dia de viagem e todos os Nataes e S. Joões vinha comer o porco ou trincar as cerejas do lar.

— Agora é Foz de Arouce e a ponte historica, da qual tantos Francezes se precipitaram nas aguas patrioticas do Ceira a meio de uma escaramuça e pela infernal estrategia dos guerreiros lusitanos. Cá está a ponte; olha, Leopoldo, vê que fundo, que negro, foi um batalhão inteiro!

Surgio-nos depois a Povoa, o muro da quinta do Conselheiro Ferrer (cujas obras de Direito informei, tambem no Brasil se estudam ainda hoje) e, finalmente, a recta de tres kilometros, com um grande pinheiro manso no meio, que, dalli a meia

hora havia de dar comnosco na Louzã. Senti então uma destas commoções absurdas, indefiniveis, que a gente não sabe se são de pura alegria, ou de profunda dôr. Encolhi-me no fundo do carro; as arvores fugiam á direita e á esquerda, mas eu tinha a sensação de não avançar; o carro rodava no mesmo sitio, sem ruido, sem solavancos, como no ar... Os companheiros tinham-se tambem calado; parecia-me que tudo parara em volta, tudo se immobilizara e emmudecera, á espera de um cataclysmo, um golpe da Fatalidade. Na minha indizivel ancia, era como se aquillo se devesse prolongar infinitamente, e, depois de tamanha travessia, tantas leguas percorridas, tantos dias e noites andados, me sobreviesse de repente, e alli tão perto, a condemnação de nunca mais chegar!

De repente, o carro entrou a solavancar; era a rua, era a villa, era a Terra. Foi um choque, senti-me voltar a mim; uma grande doçura, um grande consolo me invadia, ao cabo de tão amargo e tormentoso pezadelo. Agora as casas affiguravam-se-me pequeninas, as ruas curtas, o rodar do *landau* perfeitamente virtiginoso. A' porta da casa, povaréo, banda de musica; salto do carro, chovem-me abraços em cima, o homem do trombone — que aprendeu o *a b c* commigo — perde a compostura, e num berro, atira o boné ao ar. Galgo a escada, grito:

— Onde está ella? onde está ella?

Apparece-me então uma velhinha de preto, com a cabeça toda branca, a soluçar. Tão velhinha, tão branquinha...

Mas não eram os seus cabellos brancos que tanto a faziam chorar. Eram os meus! »

Jornal do Commercio

O novo edificio que se está construindo na *Avenida Central* e que será propriedade e a séde do *Jornal do Commercio* constituirá uma das grandes curiosidades do novo Rio de Janeiro, pela belleza do plano e pelas proporções grandiosas até agora não attingidas nos varios monumentos da capital.

A gravura representa a face para a Avenida e o angulo com a rua do Ouvidor. Para encontrar paralello digno da monumental edificação de muito superior aos palacios mais vistosos da imprensa de Buenos Aires seria preciso ir aos Estados Unidos do Norte, onde este nosso ainda teria um lugar distincto e saliente.

O director de *Jornal*, o dr. J. C. Rodrigues, que tantos annos viveu entre os *yankees* d'elles tomou o espirito de iniciativa e de progresso e, pois, é garantia certa do exito da empreza.

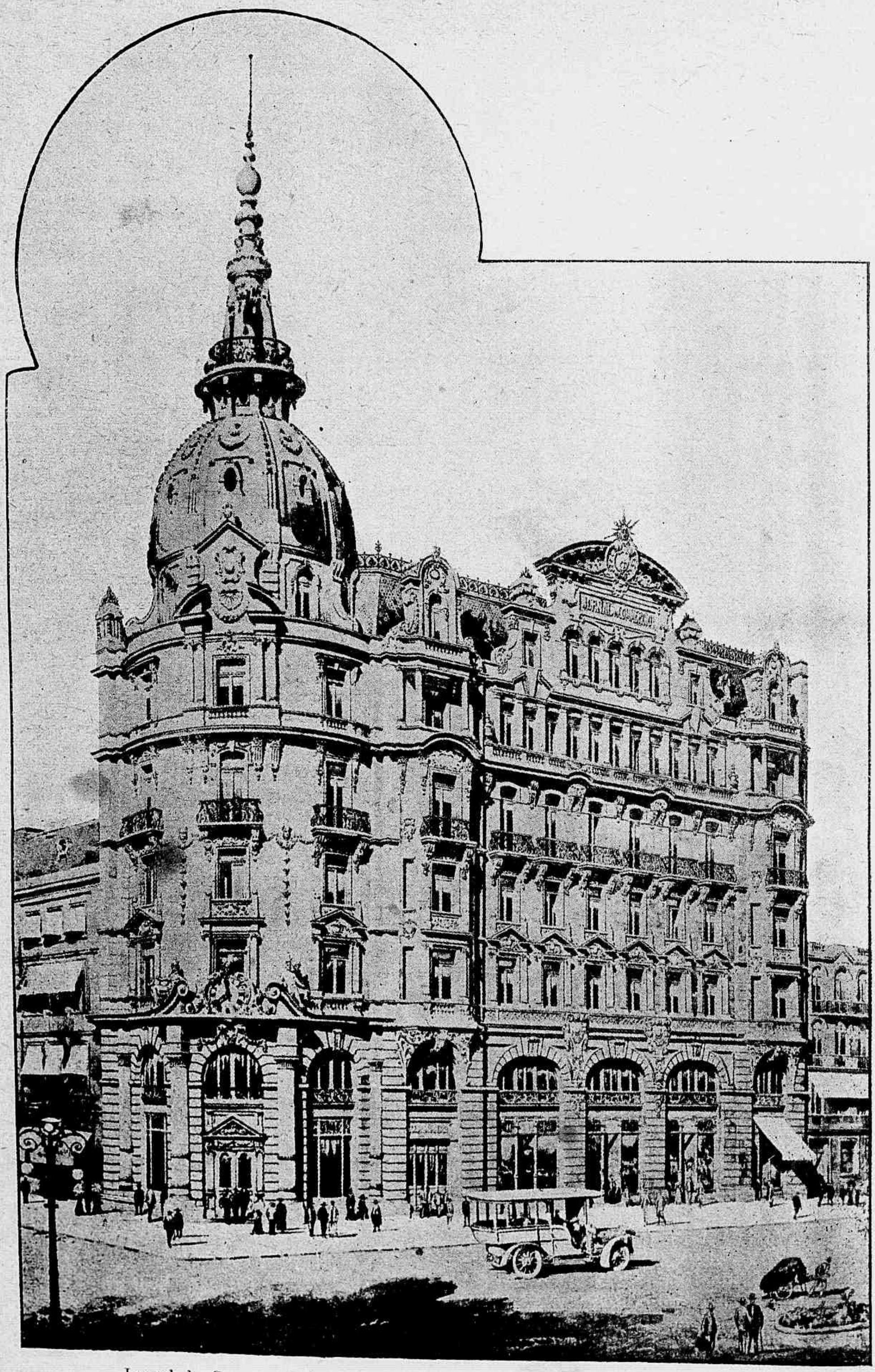
Um d'estes sujeitos que não vão tomar chá a alguma casa sinão para encher a algibeira de bolos, preparava-se para sair de uma *soirée* em que estivera, e juncto de uma bandeja enchia de bolos as algibeiras da casaca e do sobretudo, sem reparar que um creado o observava silenciosamente.

De subito, solta um grito, sentindo a perna esquerda escaldada.

Volta-se furioso e vê o creado a entornar-lhe o bule na algibeira da calça.

— Que é isto ?, brada elle.

— Ah! perdão!, torna o creado respeitosamente, como v. exa. leva os bolos, suppuz que tambem queria levar o chá.



Jornal do Commercio (*o novo edificio em construcção na Avenida Central*).

Notas estatisticas sobre a Instrucção Publica

Aqui incluimos varios dados de procedencia official, referentes aos ultimos annos e que bem demonstram o muito ou o quasi tudo que temos de crear e desenvolver n'esta materia a mais transcendente de todas.

Ainda nenhum governo tomou como programma seu exclusivo ou preponderante essa questão que com a do povoamento constituem quasi que os problemas fundamentaes do nosso progresso. A *Instrucção primaria* entregue aos *Estados*, onde, em muitos d'elles pelo menos, não ha mais do que indifferença pela educação do povo, deveria merecer cuidado continuo e vigilante do poder Central. Em todo o caso é certo que não podemos continuar como até aqui na mais criminosa inercia sobre esse assumpto e deixar que medre a assombrosa proporção de analphabetos que constituem talvez 85 0/0 da população total na maioria das circunscripções administrativas do paiz.

E não somente isso. Ao passo que descuramos a instrucção nacional, os allemães, que absolutamente não podem dispensal-a, aqui disseminam nas suas colonias a lingua allemã, que em diversos pontos do nosso territorio é a unica que se estuda e aprende.

E' de esperar que o recente projecto de Barbosa Lima (outubro de 1906) concedendo meios ao governo para crear e manter escolas brasileiras nas colonias allemãs, unico meio efficaz de combater o chamado *perigo allemão*, encontre o apoio de todos que se interessam pela homogeneidade da nossa cultura e da nossa nacionalidade.

Instrucção publica primaria em alguns Estados

ESTADOS	AULAS	ALUMNOS MATRICULADOS
S. Paulo (1905)	1.056 (*)	55.801
Minas-Geraes (1904)	1.407	52.021
Rio-Grande do Sul (1905)	990	42.635
Districto Federal (1904)	—	27.872
Rio de Janeiro (1905)	—	17.964
Pará (1905)	—	14.424
Ceará (1905)	—	11.896
Paraná (1905)	343	7.916

Em Matto Grosso em 1906.

« Durante o anno passado a frequencia média nas escolas do Estado, excluidas as que ficam situadas nos pontos mais distantes, foi de 3.828 alumnos, sendo 2.351 do sexo masculino e 1.477 do feminino, segundo os dados remettidos á directoria de instrucção publica até o dia 2 de janeiro.

A frequencia média, no anno de 1903, foi de 3.653 alumnos. »

Em Goiaz em 1906.

« O ensino primario continúa a cargo dos municipios e do Estado. Este, porém, só mantém as escolas nos municipios que solicitaram a sua intervenção,

renunciando a faculdade de cobrar como renda propria os seguintes impostos : valor locativo de predios urbanos, direitos sobre tavernas e armazens, taxas sobre rezes mortas para o consumo e sobre o gado suino consumido no Estado.

« O Estado mantém 73 escolas primarias, das quaes 48 são effectivas e 25 elementares mixtas.

« A média da frequencia dos alumnos de um e outro sexo nas escolas mantidas pelo Estado foi, no anno de 1903, de 1563 alumnos. »

No Ceará em 1906, o Presidente confessa textualmente que quanto aos meios practicos de occorrer á instrucção de todos os filhos do Estado o governo local não poderá ministral-os. As escolas primarias eram 272 em 1904 com a frequencia maxima de 11.000 alumnos. Quantas existiam em 1906 não o disse o Presidente na sua *Mensagem* o que faz suppor que o numero não augmentou e talvez diminuiu, o que não é de espantar, pois em 1.900 havia 336 escolas e quatro annos depois como se viu em 1904 desappareciam nada menos de *cincoenta !*

Em S. Paulo, as cousas felizmente têm outro aspecto mais risonho e n'um officio dizia o Inspector Geral do Ensino em 1906.

« Tenho a honra de informar que nesta data se acham providas exactamente 1.000 escolas isoladas, sendo 466 para o sexo masculino, 390 para o feminino, 130 mixtas e 14 cursos nocturnos. Dessas, pertencem ao muuicipio da Capital 44 para o sexo masculino, 55 para o feminino, 47 mixtas e 2 cursos nocturnos.

Estão creados 77 grupos escolares e em funccionamento 70.

Dos 70 grupos em funccionamento 14 estão localizados na Capital e 56 no interior do Estado.

A matricula, nos grupos escolares, em Maio ultimo, foi de 24.298 alumnos, sendo 12.772 meninos e 11.526 meninas, os quaes deram a frequencia média de 19.160 alumnos de ambos os sexos no mesmo mez.

Tendo sido matriculados no referido mez de Maio 31.503 alumnos de ambos os sexos em 906, póde-se dar uma média de 32 alumnos de matricula para cada escola e calcular-se assim que se acham matriculadas 32.000 crianças nas 1.000 escolas hoje providas.

Não se computando as escolas annexas a grupos escolares e as de funccionamento suspenso por falta de alumnos, é de 2.662 o numero de escolas creadas, das quaes estão vagas 1.662, com as orçadas pela ultima lei sob n. 991. »

No Estado do Rio de Janeiro, no anno de 1906, diz a palavra official :

« A administração não fechou escolas; dispensou professores que não tinham o curso da lei e transferio para o interior escolas em excesso nas cidades.

O magisterio está sendo exercido por professores diplomados.

Antes desta reforma a matricula era de 9.183 alumnos e a frequencia média de 7.360; em seguida a ella a matricula se elevou a 15.657 e a frequencia média a 10.866; neste anno já attinge a 17.964 alumnos e a frequencia média a 11.813. »

A *Mensagem* do governo de Minas Geraes em 1906 consigna o seguinte :

« Ao assumir o Governo em 1902 encontrei cadeiras providas em numero de 1.320 — com uma matricula de 32.121 alumnos, existindo actualmente 1.430 cadeiras preenchidas, nas quaes a matricula ascende a 54.815, sendo de 1.492 o numero de cadeiras existentes. Se compararmos o movimento de matricula actual com o de annos anteriores, verificar-se-ha que progredimos muito em materia de ensino, não obstante ter havido suppressão de grande numero de cadeiras.

Em 1897, com a existencia de 2.120 cadeiras, havia matriculados 57.410 alumnos e frequencia de 34.718, e em 1905 a matricula foi de 54.825 e a frequencia de 36.072 alumnos, em 1.411 cadeiras. Naquelle anno foi de 499 o numero de alumnos approvados nos exames finaes e em 1905 elevou-se a 1.853 esse numero, tendo-se verificado muito maior aproveitamento por parte dos alumnos; accrescendo que esse resultado, que revela maior esforço, mais dedicação da parte dos professores, foi obtido com

grande economia, pois a consignação orçamentaria para 1905 foi de 1.800:000$, quando em 1903 foi de 1.900:000$ e 1904 foi de 1.935:000$. Ha actualmente apenas 62 cadeiras vagas.

O Governo fez acquisição, a preço commodo, de duas mil carteiras para distribuir com as escolas primarias urbanas, convindo que seja consignada uma verba especial no orçamento para esse fim, assim como para construcção e reparos de prédios destinados á instrucção. Havendo consignação annual de duzentos contos, dentro de alguns annos estarão as escolas funccionando em predios proprios e providos de material escolar.

Além do ensino ministrado pelo Estados a iniciativa particular e municipal contribuem com apreciavel contingente para diffusão do ensino. — Existem funccionando 421 escolas municipaes, 150 particulares, de que se tem conhecimento, e 104 collegios particulares. — A matricula nas primeiras attinge a 11.617 alumnos, nas escolas particulares a 4.090 e nos collegios a 4.747.

Pela estatistica conhecida a média da matricula para cada escola estadoal é de 38 alumnos e da frequencia — 25 alumnos, sendo a exigencia do Regulamento para frequencia minima — 20 alumnos para as cadeiras urbanas e districtaes. »

No Pará (1906) diz o governador na *Mensagem* d'aquelle anno ;

« Os grupos escolares têm dado excellentes resultados e nelles os que se interessam na campanha contra o analphabetismo continuám a depositar as esperanças de regeneração do nosso systema de instrucção primaria. Desde vossa ultima reunião foram fundados mais tres grupos, sendo um na capital e dois no interior (Faro e Gurupá), dos quaes um está funccionando ha poucos dias. A média da matricula nos sete grupos da capital é de 495 alumnos; a da matricula nos 20 grupos do interior é de 247 alumnos. Estes algarismos são muito animadores. Acha-se tambem fundado mais um grupo no Mojú, onde foi preparada uma excellente casa e continúo nas precisas gestões para estabelecer esta instituição em Ponta de Pedras, Vizeu, S. Caetano, Anajás e outros municipios.

Convém ainda notar que a matricula nos grupos está quasi attingindo 2/3 da matricula geral em todas as escolas.

Para se ter uma idéa exacta dos esforços do governo, no tocante á disseminação da instrucção primaria no Estado, aos 14.859 matriculados nas escolas publicas, é preciso accrescentar 720 meninos internados nos institutos Lauro Sodré, Gentil Bittencourt, Orphanologico e do Prata, o que nos dá um total de 15.589 meninos, que recebem por parte do governo estadual os beneficios da instrucção primaria.

A proposito especialmente da capital, para vos dar uma idéa do estado actual do ensino primario mandei organisar uma estatistica dos meninos existentes, quer em escolas publicas, quer em escolas particulares, que me permitte fornecer-vos os seguintes esclarecimentos :

Escolas do governo estadual.....	4.063	matriculados
Escolas municipaes (inclusive o orphanato Antonio Lemos).....	742	»
Institutos Lauro Sodré e Gentil Bittencourt.....	500	»
Escolas particulares.....	3.564	»
Total.....	8.869	»

Não gosto de fazer comparações, mas não me posso furtar ao prazer de mostrar que os Estados mais adeantados da União não nos levam vantagem a respeito da disseminação do ensino primario. Em S. Paulo, segundo as ultimas informações, para uma população de 2.567.000 existem 55.801 alumnos nos 70 grupos e escolas isoladas, sendo 24.292 nos grupos e 31.503 nas escolas isoladas. Assim, pois, S. Paulo tem em suas escolas officiaes pouco mais de 2 p. de sua população. O Pará, com uma população avaliada em 700.000 almas, disseminada em extensissimo territorio, possue nas escolas estaduaes 14.869 alumnos ou mais de 2 p. da sua população. Levando mais além a comparação ainda constatarei que S. Paulo possue 70 grupos escolares com 24.292 alumnos ou 347 alumnos por grupo; o Pará possue 25 grupos com 8.458 alumnos, ou 313 por grupo. A comparação, portanto, não nos é desvantajosa. Cada alumno em S. Paulo custa ao Estado 9$, no Pará cada um de seus alumnos custa 105$000 ».

No *Districto Federal* na administração do Dr F. P. Passos construiram-se escolas monumentaes e havia 187 escolas primarias regidas por professores do quadro do magisterio municipal, 78 escolas elementares e 8 escolas-modelos, o que dá um total de 283 escolas. Nos districtos suburbanos, estas escolas são em numero de 68, sendo 29 primarias e 39 elementares.

A frequencia é este anno muito maior que nos annos anteriores, como se vê dos quadros que se seguem. Assim, verifica-se que o total da matricula nas escolas municipaes foi :

Em	1904—julho.....	28.645.
»	1905— »	29.073.
»	1906— »	33.295.

Ha, deste modo, uma differença para mais, de 4.222 alumnos. Quer dizer que em Novembro ou Dezembro esse total chegará a 37.000 alumnos.

No programma do novo governo iniciado pelo Dr Affonso Penna, a Instrucção publica será sempre um dos pontos capitaes em cuja preoccupacão serão empregadas todas as diligencias possiveis. Escusado é dizer que *povoamento* e *instrucção* serão d'ora avante o programma de todos os governos bem intencionados e intelligentes.

Annibal Theophilo

E'um parnasiano e um romantico, ao mesmo tempo.

Seus versos, deixam ver muita preoccupação de fórma. Ha, porém, idéas, sentimento, e, ás vezes, uma certa dóse de philosophia.

Enthusiasta da obra do grande epico portuguez, não se poude furtar ao desejo de imital-o e o fez com felicidade.

A collecção de seus sonetos camoneanos é já volumosa. Ouso mesmo adiantar que, entre nós ninguem os faz com mais pericia. Soube aproveitar a dicção classica, dentro dos moldes parnasianos.

Leia-se este, para exemplo :



Annibal Theophilo.

SUPPLICA

A provar que hei perdido a segurança
Desde, Senhora, que cheguei a ver-vos,
Ao juiso recusam-se-me os nervos,
Em mim succede insolita lembrança.

Tremo por mim, pezar que a linda e mansa
Face vossa me induza a vir dizer-vos
Minha infinita insania de querer-vos,
E quanto em mim palpita de esperança.

Apiedae-vos de mim, cuja loucura
Em toda a parte só devisa abrolhos,
Depois de ter o olhar, de leve, posto

Em vosso airoso talhe, em vossa alvura,
Nas duas noites que mostraes nos olhos,
Nas duas rósas que trazeis no rosto.

E este outro :

FALANDO AO CORAÇÃO

Cuidoso coração desconsolado
Quem pena sentirá de tua pena,
Se essa que a tantos tratos te condemna
E'cega, ou tal se finge ao teu cuidado ?

Não te acouselharei, fôra baldado.
Nada agora o teu animo seréna,
E o conselho é um consolo que envenena
A quem ferio de amor a mão do Fado.

Vejo, porém, que desvairar-te deixas :
Preso á dona de um gesto peregrino,
Razão de alvo te serve a duras queixas.

Contra a força de Amor quem se acautela?
Meia culpa te vem de teu destino,
Outra metade da belleza d'ella.

Nota-se nestes versos uma expressão vernacula, ás vezes pura e rigorosa.

Sente-se bem noutros generos mais difficeis de poesia, como a ballada classica, pouco explorada pelo poetas brazileiros.

A que se segue é uma das melhores que tem escripto :

BALLADA

Desterrado na minha desventura,
Nesta angustia ignorada, atroz, sem par,
Meu magoado coração procura
A fonte de seus males olvidar :
Porém, ave cansada, em pleno mar,
A'qual nenhum poder soccorro envia,
Como por dar-lhe accrescimo á agonia,
De toda a parte de onde espera um bem,
Da luz, da sombra, tragica ironia!
Constantemente esta saudade vem.

Nenhuma queixa o labio meu murmura,
Ninguem conhece meu cruel pezar;
Eis porque, ás vezes, amo esta tortura
Que não consigo em odios afogar.
Amo-a—desconhecida assim do olhar
Do mundo que meus sonhos injuria ;
Odeio-a—pela indifferença fria
De quem a causa, desse ingrato alguem
Que recordar-me em tudo, noite e dia,
Constantemente esta saudade vem.

Mas não sei que esperança em mim perdura
Que não exprimo, vaga e singular...
Ou que fraqueza acabrunhante escura
Me prende a quem só sabe injuriar.
Nasci para soffrer e perdoar,
De certo, pobre viuvo da alegria!
E viver como nunca o pensaria,
Sem consolo e piedade de ninguem,
Pois para me abater, cruciante e fria,
Constantemente esta saudade vem.

OFFERTORIO

Coração que a lembrança desvaria,
Não terá fim esta melancolia
Que o fado teu por te acabar mantem?
Vê : cada vez maior e mais sombria,
Constantemente esta saudade vem.

* * *

Não quero terminar sem reproduzir aqui um soneto seu que já conquistou larga popularidade :

A CEGONHA

Em solitaria, placida, cegonha,
Immersa num scismar ignoto e vago,
Num fim de occaso, á beira azul de um lago,
Sem tristeza, quem ha que os olhos ponha?

Vendo-a, Senhora, vossa mente sonha,
Talvez, que o conde de um palacio mago
Loura fada perversa, em tredo affago,
Mudou nessa pernalta erma e tristonha.

Mas eu que em pról da Luz, do petreo, denso
Véo do Ser ou não Ser, tento a escalada,
Qual morosa, tenaz, paciente lesma :

Ao vel-a, assim, mirar-se n'agua, penso
Ver a Duvida Humana debruçada
Sobre a angustia infinita de si mesma.

W.

N'uma estação de estrada de ferro o empregado, muito asafamado, fazendo entrar para o vagão uma creança que se está a despedir da mãe, uma galante senhora :

— Ande, menina ! Suba, suba !

— Eu não posso subir sem beijar a mamã.

— Eu cá a beijo. Suba, suba !

UM NOVO LIVRO DE SYLVIO ROMÉRO

A obra do sr. Sylvio Roméro, nas linhas geraes que offerece, sendo de critica, em sua grande parte, é por um lado obra de negação, até mesmo de demolição, mas por outro tem um largo caracter constructor, como nenhuma sua congenere logrou possuir até agóra entre nós. Para attestal-o basta simplesmente a sua *Historia da Litteratura Brazileira*, — o pantheon mais completo já erigido em honra da nossa vida intellectual, desde que começamos a registar emoções e a balbuciar idéas neste outro lado do mundo.

Outra razão da preeminencia dessa obra no terreno que lhe é proprio está na sanidade da sua constituição organica.

Nenhuma outra, de vulto, em nossas lettras, caracterisa-se pelo vigor no combate, que ella revela, e pela franqueza das attitudes que implica.

Haverá erros, desvios inconscientes, mas não ha refolhos nem contemplações, no que respeita a coisas essenciaes, alli. Si existe um homem que tenha dito tudo quanto sente de mal, que haja denunciado quanto lhe pareça ser erro ou mesmo simples exaggero, em relação aos homens, ás coisas e ás idéas, no seu paiz, esse é por certo o sr. Sylvio Roméro.

Mas o motivo pelo qual, apezar disso, o illustre escriptor goza de legitima sympathia entre nós, está em que, no fundo, elle é um dos espiritos mais confortativos que a epocha offerece, porque é dos poucos que desabafam o que sentem de oppressivo para continuarem a gozar da alegria de viver, a serem confiantes, a serem crentes.

O caso geral é justamente o contrario : os de temperamento são, entre nós, de ordinario não passam de uns accommodaticios e os que vivem em clamores e queixas são quasi sempre naturezas perdidas do paludismo chronico que atormenta o espirito nacional, morbo que se tradúz e traduziu-se sempre por manifestações systematica e desoladoramente pessimistas.

A obra do eminente critico é, pelo contrario, de um invariavel optimismo no intimo, de uma segura confiança nos destinos do povo que somos, embóra corrigidos esses sentimentos exalçantes pela noção da nossa relatividade, das nossas verdadeiras condições de todos os pontos de vista, tanto quanto a sciencia, desde a geographia e a geologia, até o estudo das sociedades humanas, póde determinar no presente e mais ou menos entrever no futuro.

A differença que existe entre o espirito de optimismo dos que pensam com o sr. Sylvio Roméro hoje em dia e o dos panegyristas do segundo reinado, — com elle extinctos na sua quasi totalidade, — está apenas nesse ponto.

Hoje não queremos viver na illusão com que elles se alimentaram e entretiveram o paiz, tornando-o balofamente orgulhoso de si.

E' precizo que todos o comprehendam : as riquezas naturaes e ainda menos as prodigiosas bellezas offerecidas não importa por que região são coisas que nunca salvaram os povos da ruina e das invasões por si sós.

Onde o homem hoje em dia não trabalhe intelligentemente, e provido dos

recursos que a civilisação lhe tem proporcionado, — utensis e capital, — não ha meio de ser forte e apto a resistir na lucta. Os povos que deixem de se collocar á altura da epocha estão irremediavelmente perdidos como nações autonomas : é questão de tempo, o invasor ha de bater á porta e ha de entrar.

Por outro lado, porém, não ha motivo para desanimos e descrenças absolutas, que só por si compromettem uma situação. Ninguem tem invectivado mais energicamente do que o sr. Sylvio Roméro, entre nós, a pusilanimidade desses espiritos que vivem perennemente alarmados, até quasi ao terror, com a perspectiva das coisas, desses que nas metamorphoses não vêem sinão a morte, pela immobilidade que ellas apparentam, e no renascimento a anarchia, pela agitação e o desordenado que são caracteristicos delle.

Embóra não haja figurado no que se deva chamar a propaganda politica antes da Republica, o illuste escriptor pertence ao numero dos que desde logo trabalharam de animo mais aberto, com mais lealdade e desvelo para ver o novo regimen firmado e constituido num verdadeiro instrumento de civilisação.

Além de que o facto de não ter sido um propagandista politico não o exclúe do numero daquelles cujos nomes se devam indicar parallelamente com os dos que figuram nessa campanha, porque é facil de estabelecer que elle foi dos que primeiro abriram brécha aqui no Rio sobre os novos horisontes, que foi um verdadeiro iniciador, vulgarisando e applicando, quer na philosophia, quer no direito, quer no terreno litterario mais propriamente dito.

E' de lembrar, além disso, a obra de quasi uma década, levada por deante no Recife, ao lado do grande Tobias Barreto e de outros companheiros notaveis, a qual só perdeu de immediata efficacia pela fatalidade da collocação do arraial em que tiveram de agir, distantes como se acharam do centro de que este paiz immediatamente depende.

Não se póde negar, entretanto, que apezar dessa circumstancia o pensamento nacional deve bastante do seu patrimonio presente, da sua cultura, da sua evolução á iniciativa que nos veio do norte.

Por todas essas razões, não ha mais quem hoje sériamente o conteste : o sr. Sylvio Roméro constituiu-se um dos chefes intellectuaes do paiz.

Elle não escreverá mais uma pagina que desmereça do interesse dos seus compatriotas; todas quantas ainda tenha de elaborar deverão ser o complemento de uma das obras mais consideraveis que um intellectual brazileiro já conseguiu construir.

Estas da sua nova brochura que ora temos presente, *Outros Estudos de Litteratura Contemporanea*, representam uma collecção feita de trabalhos diversos, publicados em differentes epochas. Não será a mais interessante, mas é indispensavel na bibliotheca de quantos se interessam por coisas nacionaes e principalmente dos que votem a este espirito a sympathia, a admiração e a curiosidade que elle merece e desejem acompanhar suas modalidades na sequencia dos dias e dos factos.

Ha ahi um pouco de tudo : sete trabalhos de critica litteraria, entre os quaes avultam *Poesias completas* (*por Machado de Assis*), *Versos, versos e mais versos*, *O visconde de Taunay* (*o homem de lettras*), *A escola litteraria do Recife no ultimo quartel do seculo*

XIX, O momento litterario, José do Patrocinio; uma pagina de historia e diplomacia, *O barão do Rio Branco, historiador e diplomata;* paginas de viagem, representadas por um fragmento da descripção de sua *Viagem á Europa;* critica social e politica: *O problema brazileiro em 1891;* critica philosophica: *Concepção da philosophia, por Samuel de Oliveira, A classificação das sciencias, por Liberato Bittencourt*, etc.

Quem conhece outros escriptos do sr. Sylvio Roméro, prevê facilmente que não será neste livro que ha de vir encontrar os chamados primores de estylo, arroubos de um imaginativo, bysantinismos de construcção, nem siquer desvelos nunca desmentidos de apaixonado cultor da lingua. Não são essas as qualidades que lhe possam assentar como caracteristicas.

Estylo proprio, porém, mesmo accentuadissimo, esse elle possúe como poucos. Ser-lhe-ía difficil cultivar o anonymato sem que no fim da segunda ou terceira frase não se deixasse ingenuamente traír aos olhos dos que se acostumaram a manuseal-o.

E na sua maneira elle é de um raro pittoresco, pela extrema movimentação, — extrema e brusca, — dos periodos que váe lançando. Tem-se frequentemente a illusão do gesto, do riso, mesmo da gargalhada, lendo-se uma pagina sua. Essa ou então a da impaciencia, da exacerbação, até da colera, e do andar, das idas e voltas, dos brados, sinão de manifestações mas physicas ainda, como punhadas sobre a mesa e batidos de pé mais ou menos violentos.

Além disso, desdenhoso de circumloquios e de gommados de phrases, como é o sr. Sylvio Roméro, seu estylo tráe um nortista ás direitas, recamado de modismos e até ás vezes de vocabulos regionaes.

E' assim um espectaculo completo o que esse estylo representa, parecendo ora uma festa, ora uma briga, através dos multiplos e ás vezes profundos assumptos que o escriptor aborda e em que se embrenha.

Porfim tudo isto nos dá a impressão de uma vasta e complexa intelligencia, fortemente culturada, e sympathica, de que o orgulho resalta palpavel, si a susceptibilizam, mas cujo maior encanto provém justamente da naturalidade, mesmo da *nonchalance* com que ella normalmente se manifesta, numa facundia notavel, segura, mesmo visivelmente satisfeita de si, em todo caso sem ir ao destempero dos deslumbramentos morbidos.

Graças a esse seu complexo de qualidades, entre as quaes varias, — concordaremos, — representarão defeitos encaradas de certo ponto de vista, o sr. Sylvio Roméro é um inquebrantavel, uma individualidade-legião, que, depois de ter produzido quanto é justo lançar no seu haver, ainda promette o que é natural esperar-se do declinio que mal se pronuncia numa vida em que ha qualquer coisa de gigante.

NUNES VIDAL.

(Nestor Victor).

— Vou fazer-lhe a barba com a navalha que serviu a El-Rei D. João VI, dizia um barbeiro a um freguez.

Dahi a pouco estava o homem com as lagrimas nos olhos e a fazer caretas.

— Porque chora o senhor?

— Choro ao lembrar-me de quanto aquelle monarcha soffreu nesta vida!

A TRISTEZA DA LUA

I

Outubro, Alice, o labaro abençoado
Da primavera conduzia rindo
E retouçava trefego, no prado,
Como um collegial rosado e lindo.

Tu ao meu lado placida seguias:
— Curta saia de linho revelava
Do teu corpo as menores harmonias,
Como obediente e carinhosa escrava,

Desvelada em tornar-te inda mais bella,
Irresistivel e provocadora;
Tinhas o brilho suave de uma estrella,
Precipitada ao mundo ardente e loura.

— Liquidas, alvas fitas destrançadas,
Nos campos os arroios sussúrravam:
E borboletas, brancas e rajadas,
Cruzavam no ar tremulamente, voavam.

Atraz nós avistavamos pinheiros,
E ao nosso lado, abaixo, acima, adiante —
Altos, rigidos, fortes, sobranceiros,
Como uma guarda de honra deslumbrante.

Era grande de mais minha ventura
Para poder continuar, brigamos.
E, ao deixar-me, disseste fria e dura:
« Que sonho! Felizmente o terminamos! »

II

A noite abrira as grandes azas; quêdo,
Meus soluços a custo sopitando,
Eu ficara sentado entre o arvoredo,
Aquellas horas de ouro relembrando.

Quando me ergui, já velha a noite, linda,
No céo ardia a lua tristemente:
E, como padecesse muito ainda,
Puz-me a olhal-a, tristonho e r everente.

« Lua argentada! Tu somente entendes,
Suspirava, meus prantos e pezares:
Como que em tua face vejo duendes
Que choram pela minha dor, nos ares. »

E contemplava-a sempre : a pouco e pouco,
Sua esphera prateada se animava,
E pareceu-me, certo, um sonho louco,
Ouvil-a assim dizer, lucida e flava :

III

« Pobre, oh ! pobre mortal — dizia a lua —
As tuas penas, juro-te, partilho :
Minh'alma soffre tanto como a tua,
Comprehendo-te e lastimo-te, meu filho !

Revejo em pranto os tempos luminosos...
Da Hellade antiga, em tudo o amor revejo :
Carros tirados por corséis fogosos,
Onde a paixão triumpha e impera o beijo.

Daphnis, Cloé ! Ah ! Quanta vez, outr'ora,
Não vos illuminei, marcando a estrada —
Emquanto Marte na amplidão descora,
E a noite está sinistra e carregada.

Divertiam-me vossos embaraços,
Vossas reservas timidas, discretas,
Vossos beijos e candidos abraços,
Sob o olhar paternal do bom Philetas.

Então, e inda passados muitos annos,
Era o amor festejado antes de tudo ;
Celebraram-no Phrygios e Romanos,
E o Barbaro guerreiro, atro e sanhudo.

E tantos outros, tantos ! Abelardo,
Julieta, Romeu e companheiros...
Bom tempo em que nem só amava o bardo,
Mas o rei, cortezãos e cavalheiros.

Como tudo se muda, de repente !
O scepticismo avança e a terra invade.
Vejo o mundo enfezado, decadente,
E nem mais sabe amar a humanidade. »

E, longo tempo, pela noite adiante,
Fallou a lua, scismativa e dôce,
Tão triste a espaços, tão dilacerante,
Como si humana creatura fosse.

Adriano DE ABREU.

A fortuna vae a quem a não busca.

A quem eu sei

(*De Bartrina*)

Não fui eu o primeiro que illudiste !
Assim, por consolar-me, o disse alguem,
D'egual desillusão acerba e triste
Ou testemunha ou victima tambem.

Não fui eu o primeiro : e quero crêr,
Que em mim, tambem, a serie não acabe ;
Quem o primeiro fosse não se sabe...
Mas o ultimo, posso-t'o dizer :

O ultimo... ha de ser, na escuridão
Do teu sepulchro, o verme escarnecido
Quando, no teu cadaver corrompido,
Debalde procurar teu coração.

Fabulas

(*De Bartrina*)

I

Um sabio curioso e anhelante
Achando um diamante de valia,
Para saber ao certo o que seria,
Analysou na pilha o diamante.

Mas viu assim perdida a joia bella,
E teve a mais cruel desillusão.
Parecia-lhe um pedaço d'uma estrella.
Era apenas um pouco de carvão.

Se queres ser feliz, como me dizes,
Não analyzes, não, não analyses.

II

Ia um sabio herborisando,
Quando ao chão lhe cae a lente,
E sob ella uma formiga
Fica presa, de repente.

As formigas que passavam
Não se tinham de surpreza,
Por vêrem tal formigão
D'uma tão rara grandeza.

E a pequena formiguita,
Debaixo do vidro presa,
Ao vêr as outras gigantes...
Não tinha menor surpreza.

Poz-se o sabio a rir com gosto,
Quando as viu assim pasmar.
Quanta gente ahi se vê
Só por vidros de augmentar !

O Amor

(*Ramon de Campoamor*)

Perguntas: « Que é amor?... » E' um desejo,
Em parte peccador, e em parte santo,
Que eu não sei definir, quando te canto,
Que sei, porém, sentir, quando te vejo !

Philemon e Baucis redivivos

Baucis e Philemon, uma velhinha e um velhinho da Phrygia, pauperrimos, tendo como unica fortuna o amor que os unia, deram uma noite hospedagem a Jupiter, que andava pela terra, disfarçado, a experimentar o coração dos homens. Não sabiam que hospedavam o maior dos deuses : mas offereceram-lhe um pouco do seu pão minguado, e um pouco da sua agua ; Jupiter agradecido, revelou-se-lhes em pleno esplendor da sua gloria olympica, e pergunthou-lhes o que queriam como recompensa. « Queremos morrer juntos, na mesma hora, e ficar unidos na morte, como unidos estivemos na vida ! » E morreram juntos, como desejavam, e foram transformados num carvalho e numa tilia, cujos galhos perpetuamente se enlaçavam á feição de braços amorosos...

Esta formosa lenda pagan veio ter a sua reproducção real e verdadeira numa pobre e obscura localidade do Brasil, perto de Macahé, — como nos refere esta

noticia que o *Jornal do Commercio* transcreveu de uma folha provinciana:

« Foram registrados no cartorio de Carapebús, no mez de novembro ultimo, com poucos dias de differença um do outro, dois obitos devéras interessantes. São elles de Antonio Rodrigues Noya, com 122 annos de edade, e de sua esposa, Anna Maria da Conceição, com 115, que estavam casados ha nada menos de um seculo! Effectivamente, Noya se casára com Anna quando essa contava as suas 15 primaveras e elle 22, tendo reinado sempre entre ambos toda a harmonia, como affirma o filho mais moço desse ditoso casal, que carrega ás costas a carga regular de 65 annos. »

Cem annos de casamento, sem briga, — coisa fabulosa! Parece que o caso não é daqui, nem desta época, mas da Phrygia, e daquella época maravilhosa em que os deuses ainda tinham a coragem de andar pela terra e a curiosidade de estudar o coração humano...

Ao Philemon e á Baucis de Carapebús não houve jámais um deus que pedisse hospedagem... Não houve? Houve, sim. Houve um, e o mais poderoso e o mais misericordioso de todos, — aquelle que resgata com as suas dadivas todas as miserias da vida, e o unico que ainda é capaz de operar milagres na terra...

Foi o Amor quem um dia bateu á porta de Antonio e de Anna Maria: entrou, e ficou alli residindo com elles, entre os dois, unindo-os e egualando-os no carinho e na ternura. E deu-lhes a mesma ventura, e concedeu-lhes a mesma divina esmola que Jupiter outorgou outr'ora ao casal da Phrygia: matou-os juntos, e consentio que fossem continuar no seio do aniquilamento aquella doce união e aquella rara harmonia que santificaram a sua existencia terrena.

E quem sabe? d ecompondo-se no fundo da terra, integrando-se na vida universal, esses dois corpos alimentarão talvez duas plantas, que se defrontem e namorem, no cemiterio de Carapebús, trocando, como beijos, o aroma das suas flores e o canto dos seus passarinhos!

Olavo Bilac.

(*Do Registro*)

Adivinhas populares andaluzas

Adivinha, adivinhar;
Qual é a cousa primeira,
Que se faz ao acordar?

Meio anno estou com vida,
E sem vida o outro meio,
E, comtudo, em todo o anno,
Ando sempre de passeio.

Sendo de nada o meu ser,
Muitas varas, n'um só dia,
Posso encurtar e crescer.
Mas não me posso mover,
Se não tiver companhia.

Faço Papas, Imperadores,
Reis e tudo o que quizeres.
Faço, sem ser Jesus Christo,
Peixes, homens, e mulheres.

Que cousa, feita de nada,
Entra, á vontade, no rio,
Sem nunca ficar molhada?

Falo e não penso,
Chóro e não sinto,
Rio sem razão
E minto sem intenção.

Sempre a andar, sempre a andar,
E, comtudo, o pobrezito
Nunca sáe do seu logar.

Vão dois passaros voando,
Uma velha os apanhou;
Para vestir o despido,
O vestido desnudou.

Um matrimonio de dois namorados;
De dia estão juntos, de noite afastados.

Teve um filhinho
Maria Penacho;
Nem morto, nem vivo,
Nem fêmea, nem macho.

Só se a tens é que a procuras; se não a tens, nem a procuras, nem a queres.

Cae de uma torre e não se lastima;
Entra no rio e faz-se em farinha.

Eu, no campo me criei,
Entre mattos e lentisco;
Nunca sapatos calcei;
Mas sempre vesti e usei
O habito de S. Francisco.
Dois martyrios passarei;
Porém, não sendo por Christo,
Para o ceu não irei.

Sou visita aborrecida,
E a mim não me quer ninguem;
Mas não se lembram de mim,
Senão depois que me teem.

Delgada como uma espinha;
Mas visto a propria rainha.

Sou tão grande como o mundo,
E, comtudo, não me vês;
Pensas, que sou vagabundo?
Cerco-te, largo e profundo,
Todo, da cabeça aos pés.

Pelos ares vae voando,
Sem pennas nem coração;
Aos vivos dá-lhes sustento,
E aos mortos consolação.

Uma dama, n'um verde prado,
Com seu vestido de seda, bordado.

Um convento bem fechado,
Que não tem sinos nem torres;
Com muitas freirinhas dentro,
E todas fazendo doce.

Uma dama de linda lindeza,
Com varios galãs senta-se á mesa;
Todos aceitam e deixam a bella;
Casa com todos e fica donzella.

Eu, sempre, com sabios vou,
Como prenda generosa;
Nunca entre nescios estou;
A cousa mais facil sou,
E a mais difficultosa.

Minha vida é fraca e pouca;
Por qualquer cantinho vou,
Dizendo, aos gritos, quem sou,
Mas sem o dizer co'a bôca.

Mil vezes dou alegria,
E outras mil causo dôr;
Todos sabem que eu engano;
Mas todos me tem amor.

Como uma noz pequenino,
E pesa mais do que um sino.

Dois manos são;
Vae um á missa,
E o outro não.

Quem será o cavalheiro,
De longas patas pelladas,
Atrevido trombeteiro,
Mas que apanha bofetadas?

O que é, o que vem a ser,
Que a ti te bate na cara,
Mas que tu não podes vêr?

Vôam e não teem azas;
Dão sombra e não teem corpo;
São ligeiras ou pesadas;
Temidas ou desejadas;
Matam sem ferro nem espada,
E resuscitam o morto.

LEÃO XIII E PIO X

Todas as encyclicas expedidas pelo actual Soberano Pontifice, em tres annos de benemerito governo, são documentos notaveis que alliciam a attenção, deleitando, esclarecendo o espirito do leitor, obrigando-o a meditar.

Quer tratem do dogma da Immaculada Conceição, quer do dever dos catholicos perante o movimento politico e social contemporaneo, quer de

musica sacra, quer tenham apenas por fim manifestar alegria e reconhecimento aos que vão a Roma visitar o chefe da Egreja; — quaesquer phrases sahidas da penna ou dos labios do successor de Leão XIII encantam, deliciam, empolgam, pela espontaneidade, simplicidade christã, profundeza e elevação.

Leão XIII era o diplomata, o sabio, o requintado litterato. As encyclicas de Lão XIII sobre magnos problemas da vida collectiva formam immenso e opulento repositorio de informações e levantados debates, conduzidos com cerrada dialectica, apontando sempre a clara e firme solução que a Egreja Catholica depara a todas as possiveis conjuncturas do mundo. Leão XIII, sem esquecer o coração, dirige-se preferentemente ás intelligencias. Pio X, sem olvidar a intelligencia, endereça-se antes aos corações. Um arrebata e se impõe; outro se insinua e persuade. O primeiro grandiloquo, magestoso, solemne; o segundo chão e familiar.

Servem ambos a Deus com identico zelo. No fundo dos dizeres, tanto deste como daquelle, brilha o mesmo dogma inalteravel, a verdade intangivel ao volver das idades.

Em sua bondade infinita, utilisa-se o Senhor de meios differentes para encaminhar as almas aos Céos. Vibram todas as cordas no instrumento da Egreja. As encyclicas de Leão XIII hão de perdurar como modelos de excelsitude; as de Pio X como obras primas de candor. E' assim tambem a natureza: alteam-se as montanhas, cavam-se os valles, estendem-se as planicies; alternam as terras com os mares, os rios com as florestas, as estrellas com as flôres e os insectos.

Mas montanhas, valles, planuras, oceanos, selvas, aves, astros, atomos, é tudo manifestação de uma unica sabedoria suprema; proclama tudo, no conjuncto e de per si, a gloria e a omnipotencia do Altissimo.

Leão XIII era de nobre estirpe; Pio X é de origem plebéa. Leão XIII percorreu as côrtes européas; Pio X, nascido de pais pobres, na sua laboriosa carreira — vigario, bispo, cardeal, patriarcha — jamais transpôz as fronteiras da Italia...

Admiravel, divina a organisação da Egreja! Ao mesmo tempo, aristocratica e popular... De um lado, consagrando a infallibilidade que corta todas as duvidas e hesitações; de um lado, dirigida pelo vigario de Christo, pelo representante, pelo delegado do proprio Deus, isto é, pela maior culminancia humana imaginavel. . . . . .

— De outro lado, substancialmente liberal, aberta, accessivel a quaesquer espiritos de bôa vontade, aos mais pequenos, aos mais humildes.

Famulos, escravos, menos do que isso — peccadores, criminosos abjectos, pódem, em se arrependendo, attingir na Egreja as posições de primazia; pódem ser collocados entre os escolhidos, entre os santos; pódem ascender as seio do Eterno. Verdadeiramente sublime! Jesus-Christo nasce numa familia regia, a familia de David; mas educa-se entre operarios, vive entre

miseraveis, morre entre codemnados, para, depois, remontar á gloria immortal.

E' a combinação perfeita do principio da autoridade com o da liberdade, da aristocracia com a democracia, da nobreza com o povo, da selecção com a promiscuidade; o reconhecimento de que em tudo isso ha sabedoria; tudo isso é elemento necessario ao cumprimento do destino humano.

Filho do povo, o Papa reinante ama o povo; dedica-se ao povo.

Conta-se que, Bispo de Mantua, empenhava o annel prelaticio para pagar dividas de simples jornaleiros; Cardeal, Patriarcha de Veneza, assistia a reuniões operarias, visitava, em suas mansardas, proletarios enfermos e necessitados; tirava até os melhores pratos de sua modesta cozinha para dal-os a pobres famintos. Tão humilde que, ao partir para o conclave donde sahiu eleito, comprou, na estrada de ferro, bilhete de ida e volta, certo de que não ficaria no Vaticano!

O vasto programma, admiravelmente synthetisado na formula — restaurar tudo em Christo — Pie X o vai cumprindo com a simplicidade dos primitivos apostolos.

AFFONSO CELSO.

(*Da Academia Brazileira.*)

Lavras diamantinas da Bahia

O Dr. Orville Derby apresentou ao Sr. Dr. Miguel Calmon, Secretario da Agricultura da Bahia, o seguinte relatorio acerca das zonas diamantinas, que visitou nesse Estado:

« Illmo, Sr. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, dignissimo Secretario da Agricultura do Estado da Bahia — Antecipando o preparo de um relatorio detalhado sobre os estudos effectuados nas regiões diamantinas do Alto Paraguassú e do Salobro, para o qual me faltam agora tempo e outros elementos necessarios, passo a expôr em breves palavras algumas das conclusões geraes que me parecem ser de mais immediata importancia.

A excursão para as lavras diamantinas da va occasião para reconhecer, nas seus traços geraes, a estructura geologica da bacia do rio Paraguassú, que, na sua parte superior, inclue a principal e maior região diamantina do Estado da Bahia, a — assim chamada — Chapada Diamantina.

O rio Parraguassú, no seu curso, atravessa quatro regiões bem distinctas na sua composição geologica e, por consequencia, nos seus caracteres topographicos e economicos.

A primeira região, que abrange todo o districto das cabeceiras do rio e do seu principal tributario, o Santo Antonio, estende-se até á cachoeira da passagem de Andarahy; a segunda, deste ponto até á povoação de Bebedouro, cêrca de 70 kilometros pela estrada de rodagom, abaixo da Passagem e 20 kilometros acima da estação terminal da estrada de ferro em Bandeira de Mello; a terceira, de Bebedouro até á cidade de Maragogipe com a largura de cêrca de 30 kilometros, é a quarta deste ultimo ponto até á barra do rio com a largura de poucos kilometros apenas.

A primeira região é constituida essencialmente por possantes camadas de grez duro avermelhado, que muitas vezes passa a conglomerado. Estas camadas, cuja espessura é estimada em mais de 500 metros, são profundamente perturbadas, sendo levantadas em dobras que se podem comparar ás ondas do mar, e atravessadas por fracturas, ou falhas, com levantamento de um lado, produzindo enormes paredões a pique. Assim: é uma régião essencialmente montanhosa, apresentando o typo de estructura oreographica, caracteristico das

montanhas da parte oriental do continente norte-americano e por isto conhecida pela denominação de typo appalachiano. A elevação geral da região é de cêrca de 1.000 metros, elevando-se alguns picos e serranias a 200 ou 300 metros acima deste nivel, e descendo os vales mais escavados uns 700 metros abaixo delle. Em virtude da dureza das suas rochas e das pertubações (dobras e falhas) que estas têm soffrido, a topographia é extremamente accidentada e agreste, apresentando innumeros enormes massiços, ou serranias, de rochas quasi completamente despidas de sólo e por consequencia de vegetacão, intermediadas com manchas de terreno com contornos mais suaves, onde a decomposição da rocha tem fornecido uma capa espessa de sólo avel coberto geralmente com vegetação campestre, em alguns lugares por matas. Em virtude da composição predominantemente arenosa das rochas subjacentes, o sólo desta região é, em geral, fraco e, por consequencia, mais apropriado á criação do gado do que á lavoura. Quanto á riqueza mineral, a unica até hoje approveitada é a de diamantes e carbonados, e a sua constitução geologica pouca esperança offerece da existencia de outra, a não ser num ou noutro ponto, onde alguma outra formação mais antiga possa porventura aflorar na superficie.

A segunda região é constituida por camadas de grez avermelhado que, em parte, se assemelha bastante em aspecto ao da primeira região, sendo porém, pela maior parte, mais argilloso e molle e tendo intercalladas uma ou mais camadas de calcareo de umas dezenas de metros e as suas camadas jazem em posição proximamente horizontal, sendo, porem, provavel que tenha havido alguns deslocamentos no sentido vertical por meio de falhas. Em virtude desta constituição geologica, a região é relativamente plana com a elevação geral de 50 a 60 metros, mais accidentada pela excavação dos valles do Paraguassú e de seu tributario o rio Una, que descem até uns duzentos e tantos metros abaixo deste nivel geral. A decomposição das rochas é muito mais pronunciada do que na primeira região, de modo que é sómente nas encostas mais bruscas que se percebe a natureza das rochas subjacentes. O calcareo, quando encoberto, como geralmente acontece, se revela muitas vezes pelas segregações silicosas (pedreira) contidas nelle, as quaes, livres da rocha encaixante pela decomposição desta, alastram muitos trechos da estrada. A capa de sólo que encobre a região é, geralmente, bastante espessa e sustenta matas que em muitos pontos merecem a denominação de frondosas. Onde aflora o calcareo o sólo é de côr vermelha escura e de consistencia gordurosa em virtude da sua riqueza em cal, sendo por este motivo preferido pelos poucos lavradores, que se têm estabelecido na região apezar da sua deficiencia em aguas correntes que, como é usual nas regiões calcareas, se somem nas fracturas e cavernas que abundam na rocha.

As cachoeiras formadas no rio Paraguassú pelas rochas desta região fornecem diamantes e carbonados, explorados pelo processo de mergulho, mas é duvidoso se provêm das rochas proprias da região ou se são transportados da vizinha.

Nada consta da existencia de outras riquezas mineraes nesta região, a não ser a pedra calcarea que tem sido explorada em alguns pontos para o fabrico de cal. Ao que parece, esta formação de grez e calcareo, que caracteriza uma zona de umas dezenas de kilometros de largura margeando a fralda oriental da serra das Lavras, se estende para o norte constituindo uma boa parte da assim chamada — Matta do Orobó, e, para o sul, na região calcarea do Brejo Grande. Pelo lado agricola é talvez a zona mais promettedora do sertão central do Estado.

A terceira região é constituida de rochas gneissicas, abundantemente injectadas por erupções plutonicas, predominando, ao que parece, as de typo granitico. As suas partes mais baixas demoram entre as costas de 200 e 300 metros acima do nivel do mar, sendo notavel, em vista da sua constituição geologica, a extensão de terrenos relativamente planos ao longo do rio e da estrada de ferro. Acima desta base relativamente baixa e nivelada, elevam-se serrotes e serranias até á altura de 800 e mais metros. As partes baixas ao longo da estrada são revestidas pela vegetação caracteristica denominada « catinga », mas, ao que parece, as partes mais elevadas são, pela maior parte, cobertas por matas e gozam da fama de fertilidade, A minha passagem rapida por esta zona em trem de estrada de ferro não me permittio observações a respeito da sua capacidade agricola ou da sua riqueza mineral, mas em diversos logares tive occasião de observar que a capa de solo é muito delgada, mesmo nos logares planos onde era de esperar maior espessura, e que muitos dos serrotes graniticos eram quasi completamente despidos de vegetação. Pela sua constituição geologica, tanto quanto esta podia ser percebida, será de esperar que, em algumas partes, haja jazidas de manganez, ferro, graphito e talvez outros mineraes de valor economico.

A quarta região é constituida por camadas de grez molle de edade cretacea e terciaria que caracterisa região de Reconcavo da Bahia, e que pouco interesse offerece para o presente estudo.

Os diamantes (incluindo neste termo os carbonados que na região da Chapada Bahiana raras vezes ou nunca deixam de acompanhar os diamantes verdadeiros) são especialmente caracte-

risticos da primeira região e a sua occurrencia esporadica na segunda e terceira póde com certa plausibilidade ser attribuida ao transporte, antigo ou moderno, de elementos derivados della. Em todas as localidades examinadas (Santa Isabel, Chique-Chique, Andarahy, Lençóes e Palmeiras), a sua occurrencia acha-se intimamente ligada com a de uma grossa camada de conglomerado, que se apresenta perto do meio da formação de grez acima descripta. Este conglomerado representa um deposito de cascalho formado numa época geologica remota pelo mesmo modo por que se formaram, e ainda hoje se formam, os cascalhos (conglomerados incoherentes e ainda não transformados em pedra) em que os mineiros procuram os diamantes. Em diversos pontos é evidente que uma parte do « cascalho » dos mineiros é simplesmente o conglomerado decomposto *in situ*, sem que os seus elementos tenham soffrido o minimo transporte moderno. Assim se acha repetido nesta região o mesmo phenomeno já observado na região de Diamantina, em Minas Geraes, onde existem diversas lavras importantes em conglomerado decomposto e onde, em Grão Mogol, se tem encontrado o diamante effectivamente encravado no conglomerado duro. Os cascalhos modernos e não consolidados contêm naturalmente uma mistura de elementos derivados de todas as rochas desintegradas na visinhança, mas, onde são mais ricos é evidente que a maior parte destes elementos provem do conglomerado, ou « pedra cravada », como os mineiros a denominam, que raras vezes deixa de se apresentar em contacto immediato ou na visinhança proxima dos garimpos mais productivos. Assim é evidente que o grande, senão o unico, repositorio dos diamantes de região é este conglomerado, ou cascalho fossilizado, intercallado no meio da grande formação de grez que caracteriza as serras das Lavras.

A camada maior do conglomerado apresenta-se com a espessura média de 6 a 10 metros, tendo, porém, em muitos pontos, algumas intercallações delgadas de grez fino. Como ficou dito, a sua posição é proximamente no meio da grande formação de grez, de modo que, em termos geraes, ha cêrca de 250 metros de grez abaixo delle e outro tanto acima. No grez superior á grande camada de conglomerado existem muitos seixos espalhados, bem como intercallações delgadas de verdadeiro conglomerado, dando a toda a formação, do meio para cima, um caracter conglomeratico. No grez inferior, porém, não se observa este caracterisco, e esta e outras circumstancias fazem suspeitar que se deve estabelecer uma divisão geologica na base do conglomerado, referindo as camadas inferiores a uma formação independente e mais antiga do que adas que lhes ficam por cima. Entre estas circumstancias, avulta a de serem muitos dos seixos e grandes blocos, encravados no conglomerado, identicos em aspecto com a rocha das camadas inferiores.

O conglomerado apresenta maior resistencia á acção destruidora dos agentes athmospericos do que a maior parte das camadas que se acham associadas com elle e por isto se salienta e se apresenta na superficie da grande maioria dos accidentes do terreno, dando-lhes um caracter extremamente aspero e pittoresco. As camadas de grez superiores a elle são especialmente susceptiveis a esta acção e acham-se, em muitas partes, corroidas, dando lugar á formação de valles, que, de um do, apresentam grandes superficies de congl rado postas a nú. Assim em quasi toda a fralda oriental da serra, no trecho entre Santa Isabel e Lençoes, na distancia de mais de 69 kilometros, o conglomerado se apresenta cobrindo quasi toda a encosta da serra, como as telhas de um tecto inclinado, para mergulhar, com a inclinação de 20 a 30 gráos para leste, no fundo dos valles dos rios Piabas, Chique-Chiques, Andarahy e S. José, que fraldejam as serras, neste trecho, sendo o outro lado dos seus valles formado principalmente pelas camadas do grez superior.

Em virtude do dobramento de toda a formação, as camadas rochosas acham-se repetidas diversas vezes ao longo de uma linha normal á orientação geral da serra da região, que é do sul para o norte. Estas dobras podem ser facilmente reconheeidas pelos afloramentos do conglomerado que, ao longo de uma linha E-O, se apresenta em diversos pontos inclinando-se ora para o léste, ora para o éste. Assim, por exemplo, no referido trecho de Santa Isabel a Lençoes, a inclinação do conglomerado é sempre para léste, formando elle toda a fralda oriental da serra como um lado do tecto de uma casa, mas ao dobrar o alto da serra elle reapparece, depois de uma interrupção em que se apresentam em grande possança as camadas de grez inferior, com inclinação para o oéste. Depois de uma outra interrupção occupada pelas camadas de grez superior (tendo o conglomerado mergulhado debaixo dellas), a mesma rocha reapparece na visinhança de Palmeiras, reapparecendo ao mesmo tempo os garimpos de diamantes. Assim tambem, a julgar pelas informações colhidas, acontece com as serras e garimpos de Chapada Velha, Santo Ignacio e outros que para o oéste estabelecem uma cadeia de serras diamantinas e garimpos que se estende até perto das margens do rio S. Francisco.

Sendo exacto, como me parece fóra de duvida, que a formação conglomeratica, ou o cascalho antigo, é o grande repositorio dos diaman-

tes e carbonados daregião das lavras, segue-se que o stock *destes mineraes ainda em ser deve ser enorme. Os pontos de mais facil ataque já lavrados são insignificantes, em comparação com a massa do material, contendo as pedras preciosas, que ainda se acha intacta.* E', porém, evidente que sómente uma parte relativamente pequena desta massa póde ser lavrada com proveito pelos processos actualmente empregados.

Resta a saber se a technica moderna, aproveitando a força hydraulica que abunda na região em condições excepcionalmente favoraveis, offerece meios de lavral-a com uma despeza menor do que o valor do producto. E' questão a ser resolvida pelo engenheiro de minas e não pelo geologo, mas me parece que as probabilidades de uma solução favoravel são bastante fortes para justificar serios estudos e experiencias neste sentido. Para os emprehender, ou, pelo menos, aproveitar depois de feitos, seria necessario tornar a região mais accessivel pelo prolongamento da estrada de ferro até Andarahy, ou, melhor, Lençóes, pontos estes que podem ser alcançados sem encontrar difficuldades technicas de maior monta. Ao meu ver, as probabilidades de um desenvolvimento maior da industria mineira na zona das lavras e da agricola na zona fronteira justificam um estudo serio da questão deste prolongamento.

Fóra da região da Serra das Lavras, propriamente dita, a qual, no districto examinado, termina a leste, na escarpa coberta pelo conglomerado que se estende de Lençóes em direcção a Santa Isabel, as lavras de diamantes em terra tornam-se escassas, faltam completamente. Em alguns pontos, porém, se tem explorado, pelo processo de mergulho, o leito do rio Paraguassú e alguns destes pontos se acham em tal distancia da serra que é difficil acreditar que os diamantes tenham sido transportados della. O mais importante destes pontos é a cachoeira do Funil, perto do Bebedouro e por consequencia na margem oriental da região de grez e calcareo acima descripta. Esta cachoeira é formada por uma grossa camada de conglomerado bastante parecido com o da região das lavras, mas que, parece, deve pertencer a um outro horisonte geologico superior ao da serra. Os seus seixos são principalmente de rochas graniticas e o conglom ‹o assenta immediatamente sobre rochas des natureza. Parece provavel que os diamantes encontrados neste lugar provêm do conglomerado local ou de algumas das rochas associadas com elle, mas sobre este ponto nada pude observar de caracter decisivo. Como a serie geologica desta segunda zona é mais recente do que a da serra e assim, presumivelmente, formada em parte de detritos derivados desta, ha uma forte presumpção de que, em uma ou outra parte, ella tambem seja diamantifera. A « formação » ou « pé da batéa » do cascalho pescado na cachoeira do Funil differe notavelmente da das lavras na maior abundancia de elementos graniticos, devido isto, presumivelmente, á circumstancia de que desaguam na visinhança corregos, que drenam detrictos graniticos e gneissicos.

Quanto ao horizonte geologico a que devem ser referidas as duas (ou tres) séries rochosas acima indicadas, nada pude observer de decisivo, sendo infructiferas as pesquizas em procura de fosseis que podiam elucidar esta questão. Por diversos motivos, que seria fastidioso expôr neste lugar, julgo serem mais antigas do que a idade secundaria a que se referem as jazidas de diamantes da Africa Austral e da região de Bagagem, em Minas Geraes, e que, eventualmente, provar-se-ha pertencerem á parte média ou superior (Siluriana a Carbonifera) da idade anterior, ou Paleozoica.

A região diamantifera de Salobro, no municipio de Cannavieiras, offerece um interesse especial por differir notavelmente das outras regiões diamantiferas do Brasil pela sua proximidade (60 kilometros, mais ou menos) do mar e pela falta das asperezas topographicas, que geralmente se associam com a occurencia do diamante. A região é, apenas, medianamente accidentada com a elevação de pouco mais de cem metros, e as serras mais altas que se avistam no horizonte nenhuma relação apparente têm com a occurencia do diamante no rio Salobro. Toda a visinhança é coberta por uma espessa capa de solo, sustentando matas frondosas que encobrem as rochas e difficultam as observações geologicas. Nas margens e nas cachoeiras do rio Pardo, fronteiras ás lavras de Salobro e apenas 6 kilometros distantes, pude verificar que as rochas subjacentes da região consistem em uma série de camadas de grez e schistos argilosos, tendo intercallada uma grossa camada de conglomerado constituido por blocos rolados de diversos typos de rochas granitica e gneissicas. Essa série deve ter algumas centenas de metros de espessura e acha-se perturbada, apresentando uma forte inclinação para o léste.

No leito do rio Salobro e dos seus pequenos tributarios, este conglomerado se apresenta em diversos pontos e as lavras de hoje abertas acham-se na vizinhança immediata dos seus afloramentos. Para se verificar a hypothese da provenieacia dos diamantes do conglomerado, o Sr. Pedro Benezet teve a amabilidade de mandar lavrar, em separado, cerca de um e meio metros cubicos de conglomerado decomposto, escolhidos por mim para este fim. O resultado foi o diamante pesando tres grãos. Assim parece fóra de duvida que aqui, como nas Lavras, o dia-

mante tem uma relação directa com o conglomerado, que fornece um precioso guia, de facil encontro e reconhecimento, para as pesquizas na zona do littoral. *E' indubitavel que uma formação tão possante como a exposta nos rios Pardo e Salobro terá grande extensão nesta zona; e ha forte probabilidade qae em muito, senão em todos, dos pontos em que aflora ella será diamantifera como no Salobro. Este ultimo aliás, ainda offerece um campo bastante para as operações do mineiro.*

Saude e fraternidade.

ORVILLE A.

Bahia, 23 de Maio de 1905.

HISTORIA DO BRASIL

A Revolução do Acre (1)

SUMMARIO. — Testemunho d'um contemporaneo. O movimento revolucionario de Placido de Castro. Orlando Correia Lopes. Rodrigo de Carvalho. O general [illegible]. O coronel Rojas. O *modus vivendi*. A victoria brazileira.

Foi por meiados de 1902 que, num echo longinquo de tiroteios, começou a chegar ao Rio de Janeiro o nome de Placido de Castro.

A revolta dos brazileiros no Acre contra a dominação boliviana tomara então uma inesperada feição militar, revelando a presença de um bravo espirito de tactica nas fileiras revolucionarias.



Coronel Placido de Castro.

Depois do ensaio de republica independente montado por Luiz Galvez — apezar de toda a ironia despertada pelo Sul, foi a segunda manifestação do movimento acreano — os esforços dos brazileiros do Extremo-Norte haviam degenerado numa agitação desordenada e infeliz. Pelos *barracões*, onde o pasmo ante a franca protecção do Governo Federal as pretenções da Bolivia paralysara o trabalho, os seringueiros amotinavam-se á passagem dos soldados estrangeiros, travando-se combates inuteis e isolados.

As forças bolivianas marchavam em columnas numerosas e vigilantes, numa região conflagrada. Não raro uma descarga de *rifles* atroava a floresta num protesto energico a desesperado. Aos invasores parecia que rebentara a suprema reacção dos habitantes da terra, mas, trocados os primeiros tiros, apenas

(1) Vae chegando o tempo de reunir os documentos da historia do Departamento do Acre. Este que imprimimos agora é um subsidio consciencioso, embora parcial.

de homens divulgava-se entre as arvores, e tudo terminava com alguns fuzilamentos sobre um barranco.

Apezar dos primeiros insuccessos da revolta, o espirito de hostilidade dos seringueiros conservava-se tão vivo e elevado que não podia uma pequena patrulha boliviana destacar-se dos acampamentos.

De parte a parte concebera-se um deshumano processo de infundir terror ao adversario. Seringueiros ou soldados, sempre que encontravam o inimigo em situação inferior, matavam-no a tiro como a uma fera, atirando depois o cadaver ao rio, para que os companheiros, pelas margens, vissem-no passar, rigido e de braços abertos, rodando lugubremente sobre as aguas.

Mas, todo esse odio manifestava-se impotente e sem resultados. Debalde Rodrigo de Carvalho, o mais esforçado propagandista, a alma latente do movimento revolucionario, viajava de seringal em seringal, convidando os patrões a uma reunião harmonica de todos os elementos, para uma campanha methodica e bem dirigida. Os proprietarios de seringaes, sem verem á frente da insurreição um homem que lhes merecesse confiança militar, pretendiam ser todos chefes supremos do exercito acreano, obtendo Rodrigo de Carvalho sómente discussões, mais ou menos afogueadas, como pr oducto dos seus esforços e exposições.



Rodrigo de Carvalho.

Por todo o Acre em armas, alastrava-se esse perigoso estado de desordem, quando, em dezembro de 1900, chegou a Caquetá o vapor «Solimões», com um grupo de enthusiastas partidos de Manáos para a revolução.

A bordo do Solimões durante a viagem era frequentemente lembrado o nome de Placido, quando se tratava de um chefe para o movimento.

Intimamente ligado ao chefe dos guarnecedores do «Solimões», o dr. Orlando Correia Lopes, por uma funda amizade que passados perigos solidificara, era elle entre todos conhecido pela sua calma e reflectida bravura, pelo seu energico espirito de organisação, fortemente evidenciado na campanha federalista.

Até a muitos parecia admiravel que não se houvesse elle ainda empenhado na reconquista do Acre, achando-se na região, para onde partira em fins do anno anterior.

Um dos seus melhores companheiros, o engenheiro Joaquim Luiz Caldas havia sido morto pelos bolivianos, e o dr. Gentil Norberto, seu conterraneo e amigo, havia muito juntara os seus esforços aos de Rodrigo de Carvalho, na tentativa patriotica de levantar todo o rio, unido e diciplinado, contra a invasão estrangeira.

Como explicar o silencio em que Placido se conservava, talvez ouvindo as descargas com que o espirito brasileiro era impiedosamente suffocado no Acre?

Afinal, num dia em que o «Solimões» atracara a um porto para receber lenha, o proprietario da situação trouxe a bordo noticias delle.

Estava no rio Pauhiny, muito doente, numa barraca a poucas voltas da bocca.

Ahi foram encontral-o os expedicionarios do «Solimões», esquecido e paralytico, esperando que algum navio apparecesse, emquanto o fatal beriberi ia-lhe consumindo a vida.

Foi um grande pezar e um desapontamento para todos, que tanto esperavam do seu concurso, e, trazido até o Purús pelo «Solimões», que subiu o Pauhiny para procural-o, Placido ficou num barracão á espera do primeiro vapor que descesse para Manaus.

Tal era o seu estado, que, ao delle se despedirem, os rapazes do «Solimões» tinham quasi a dolorosa certeza de que elle não chegaria a Manaus.

A bordo do Solimões seguia tambem Rodrigo de Carvalho, que voltava da sua viagem de propaganda da revolução pelo Sul, e, chegado o navio a Caquetá, ahi foi encontrado o dr. Gentil Norberto com um pequeno destacamento revolucionario.

Muitos brazileiros, pelos barracões, ao longo do rio, já se havim agrupado esperando o primeiro momento para entrarem em lucta. Mas ás primeiras conferencias realisadas em Caquetá, entre o dr. Orlando Lopes, Rodrigo e os proprietarios dos seringaes proximos, vio-se que era impossivel um accordo pelo qual todos os elementos armados fossem conjuncta e proficuamente levados contra os bolivianos.

A especie alguma de considerações cedeu a vaidade de alguns patrões.

Debalde Rodrigo de Carvalho procurou harmonisar os grupos em que os revolucionarios se dividiam. Até um forte destacamento que se conservava em Bom Destino, poucas milhas acima do Porto Alonso, foi negado pelo proprietario desse logar, o ex-consul Joaquim Garneiro.

Porto Alonso, centro da administração boliviana, era então guarnecido por um batalhão de infanteria e uma ala, desmontada, de um regimento de cavallaria. Cercada de fortificações provisorias feitas sob os mais modernos principios de tactica, sob a direcção do coronel Pastor Baldivieso, essa posição tornara-se inatacavel, para uma força que não tivesse pelo menos trez vezes a sua guarnição.

Mas, contando com o abatimento em que diziam os do logar estarem as forças bolivianas, devido á escassez de alimentos que ha longo tempo soffriam, o dr. Orlando Lopes decidiu-se a atacar essa praça com os sessenta homens que commandava, juntos a um destacamento de outros sessenta, commandados pelo agrimensor Arco Verde, um bravo que no Acre foi, pela patria, de esforço em esforço, até o supremo sacrificio da vida.

Com essa sortida de uma intrepidez que chega á loucura, esperava o dr. Orlando Lopes, se não entrar em Porto Alonso, o que lhe daria prestigio bastante para dominar todos os grupos, pelo menos iniciar a peleja, chamando todos os brasileiros á lucta por um apello de decisão e de heroismo.

Mas a pequena força conservou-se um dia inteiro sob as certeiras descargas partidas das trincheiras bolivianas, sem que ninguem viesse em seu auxilio.

Em Bom Destino os seringueiros armados ouviam crepitar a fuzilaria em

Porto Alonso, mas as mal comprehendidas desconfianças dos patrões não os deixavam correr em soccorro dos seus irmãos.

Já á noite, os expedicionarios do «Solimões», ameaçados de um choque á arma branca com o inimigo, o que seria o aniquilamento completo, retiraram-se, reduzidos, já sem munições e carregados de feridos.

A nova dessa derrota, subindo o rio com o colorido que lhe soube emprestar a fantasia dos chefes bolivianos, foi o signal de debandar para aquella phase da revolução.

Parecia que tudo estava acabado. Os brasileiros sentião-se definitivamente abandonados pela sua patria, e todos os incentivos e esforços estavam perdidos.

Pelo seu lado, o snr. Andréa Muños, ultimo delegado boliviano, dotado de um prudente espirito de tolerancia, afastou dos seringueiros todo perigo que lhes podessem trazer as consequencias da insurreição, com uma circular concedendo amnistia plena, e os grupos armados foram-se dissolvendo, só ficando daquelles preparativos bellicosos algumas sepulturas esquecidas pela floresta e feridos em tratamento nos barracões entrincheirados.

Foi então que começou a epocha mais esforçada e cheia de sacrificios da acção de Rodrigo de Carvalho.

Acommettido de beri-beri, elle ainda conservou-se longo tempo no Acre procurando reaccender as esperanças de triumpho no espirito teimoso dos patrões As suas palavras eram muitas vezes recebidas com ironia. Tendo tudo empregado em armamentos e munições, viu-se obrigado a pedir um emprego, ao governo do Amazonas, na Mesa de Rendas de Caquetá, para poder viver, e na região ficou numa dolorosa situação, entre as recriminações de alguns proprietarios, que se compraziam em responsabilisal-o por tudo, e a prevenção das auctoridades bolivianas, que o conheciam pelo seu impenitente patriotismo.

Um dia encontrei-o em Manáus. Arrimado a uma bengala, curvado e andando penosamente, elle vinha subindo a Avenida.

Ao meu chamado parou e ficamos um momento conversando.

Notei o seu deploravel estado de saude; a respiração escapava-se-lhe difficil e anciosa, e toda a sua pessôa denotava uma dessas infernaes infecções do impaludismo do Norte.

Falou-me com amargura da ingratidão dos que o abandonaram nos momentos em que mais decisiva se tornara a sorte da revolução.

Lembrei-lhe então : — Porque não vai para o Sul, Coronel ?... A sua saude já não permitte mais que se conserve no Acre ; é bom tratar-se...

— Ir para o sul com os bolivianos em Porto Alonso ?! É lá que eu devo estar, porque o Acre ha de ser brasileiro ou lá hei de deixar o corpo!...

E quasi com raiva, elle despediu-se e continuou a andar no seu passso pesado e tropego de beriberico.

* * *

Tendo-se restabelecido no clima suave e patricio do Rio Grande, Placido voltou ao Acre.

O velho Rodrigo (como affectuosamente o chamam os seringueiros) lá continuava a fazer de Caquetá a sua propaganda brasileira. Alguns patrões mostravam-

se dispostos a um novo levante, e a maioria, mesmo os acommodaticios, não ousava declarar-se por uma vez boliviana, em face da antipathia feróz e unanime dos trabalhadores contra a Bolivia.

Placido conversando em Caquetá com Rodrigo, seguiu em canôa para o Riosinho, inspeccionando e observando as disposições dos habitantes.

Lá chegando, não julgou conveniente a occasião de fazer um novo levante, e esperou que qualquer violencia das autoridades bolivianas determinasse um dos conflictos isolados que foram até então tão frequentes, para preparar um movimento geral em todo o rio.

Correspondendo-se sempre com Rodrigo, por meio de proprios que passavam pela floresta, fóra da fiscalisação dos soldados estrangeiros, elle estava sempre a par de tudo que se passava nos barracões e só esperava um momento azado.

Foi quando por toda a região estalou a alarmadora noticia do arrendamento do Acre a um syndicato norte-americano.

Uma forte columna vinha de La Paz reforçar as guarnições bolivianas, no sentido de bem garantir a posse dos novos senhores da terra, e estando todos os trabalhadores espalhados pelo centro, no trabalho, já não havia tempo de arregimentar contingentes para combatel-os.

Placido resolutamente encarou a situação em toda a sua gravidade.

Era indispensavel evitar a juncção das forças em viagem com os homens do general Ibañes, em Porto Alonso, e, sem mais delongas, Placido reuniu os seringueiros da propriedade de José Galdino, ao todo sessenta, e partiu ao encontro dos bolivianos. As forças que vinham eram, porém, superiores a quatrocentos homens, e, apesar da habil emboscada que Placido lhes preparou em Santa Rosa, ellas continuaram victoriosas a sua marcha, rio abaixo.

O alarme, porèm, estava dado e a situação assumira um caracter muito especial e decisivo.

Encarregados de manter a soberania boliviana a todo transe, até á chegada dos delegados do syndicato, os chefes bolivianos substituiram imediatamente a politica humana e pacificadora do sr. Andréa Muños pelos processos rapidos e sanguinolentos do terror.

A manifestação de rebeldia em Santa Rosa foi uma sentença de morte para todos quantos fossem encontrados com um rifle ás costas.

Ora, os donos de barracões, com os seus freguezes reunidos nos portos pelo alarme daquelle tiroteio, que rapidamente percorrera leguas annunciando o resurgimento da guerra, já não podiam esconder aos olhos dos bolivianos as disposições hostis de todos os seus homens, e a resistencia impoz-se como indispensavel defeza da vida.

Com o seu pequeno destacamento augmentado pelos mais intrepidos que se lhe vieram juntar, Placido não teve mais que percorrer alguns seringaes expondo a situação aos trabalhadores alarmados e predispostos á lucta pelo seu velho odio aos *gringos*...

Em poucos dias elle via-se seguido de uma força numericamente igual á calumna vinda de La Paz. As superioridades de fortuna, ás quaes os patrões pretenderam das outras vezes subordinar a distribuição dos cargos no exercito, desappareceram com a imminencia do perigo. Placido fazia seus logares-tenentes

aos mais capazes e aos mais bravos, e dando áquella massa de homens armados uma rapida organisação militar, que só a sua maravilhosa energia conseguiu manter, desceu em marcha forçada sobre os bolivianos.

A columna de reforço vinda de La Paz era commandada por um official moço e intelligente, o coronel Rosendo Rojas. Pelo abandono em que encontravam as habitações no seu caminho, depois do insulto audaz de S.ta Rosa, elle comprehendeu que alguma cousa se preparava em torno de suas forças, no segredo daquellas mattas impenetraveis. Assim, ao chegar ao Campo da Empreza, onde existiam fortificações deixadas pelo general Ismael Montes quando lá esteve, resolveu interromper a marcha por terra e aguardar que apparecesse algum vapor que o levasse a Porto Alonso.

Esse vapor appareceu; foi o «Independencia», que, chamado a atracar, recebeu um destacamento commandado por um tenente, ficando detido á ordem do commandante da columna.

Antes, porém, que o coronel Rojas tivesse tempo de embarcar com os seus homens, sem que o menor ruido houvesse anteriormente denotado a presença de alguem pelas immediações do campo, os piquetes avançados travaram lucta com uma patrulha revolucionaria, quasi sobre as trincheiras.

Uma agitação de rebate correu pelo acampamento, presentindo alguma cousa extraordinaria ao aviso daquelles tiros, mas só os bolivianos conheceram bem a gravidade da sua situação, quando toda a floresta rebentou numa fusilaria ensurdecedora, revelando os segredos hostis daquelles mattos até então desertos e silenciosos.

Comtudo, o coronel Rojas acreditou que não seria difficil aos seus soldados repellir aquella multidão de seringueiros armados, dada a superioridade das suas posições fortificadas, além da vantagem que sobre combatentes de occasião levam sempre as tropas regulares.

Os rebeldes, porém, occultos sob a densa cortina das arvores, não se expunham muito. Durante todo o dia contentaram-se em caçar, com as suas magnificas pontarias, a cabeça dos soldados sobre a crista das trincheiras, tendo apenas se adeantado pelo fundo do campo, para cortar as communicações de uma trincheira proxima á matta, com o grosso das forças, o que conseguiram antes do anoitecer.

Pela noite, a fusilaria continuou frouxamente, accentuando-se em certos pontos para onde parecia chamar a attenção dos soldados, até á madrugada, quando houve um relativo repouso.

Entre os bolivianos reinava já a esperança de que, convencidos da difficuldade de assaltar as trincheiras, ou por terem exgotado as munições, houvessem os revolucionarios renunciado ao ataque.

O dia veiu lentamente, assignalando no humido nevoeiro da manhã o perfil escuro das arvores. Ao longo das trincheiras, onde os soldados extenuados cabeceavam de somno, os cadaveres, apenas afastados das linhas, estendiam-se ensanguentados, e no ar pesado e denso, onde pairava ainda a fumarada dos tiroteios, a voz grave e lenta dos clarins bolivianos subiu, cantando a alvorada.

Os officiaes, agrupados em torno do commandante, procuravam com olhares

anciosos devastar a bruma onde as sombras das arvores se immobilizavam. Em torno do acampamento estendia-se um absoluto silencio. Não era possivel que aquella multidão, que tão cerrada fusilaria fizera, ainda alli se conservasse.

Mas, aos ultimos accentos dos clarins, respondeu do outro lado uma corneta, dando uma ordem nas notas incisivas e seccas da ordenança brasileira, e immediatamente o nevoeiro se constellou de chammasinhas rapidas, emquanto a fuzilaria de novo atroava a floresta.

Com o profundo abalo dos tiros, as brumas do alvorecer depressa se evolaram, e então o coronel Rojas viu com espanto que os tiros agora partiam do meio do campo, levantando-se o fumo á linha do sólo.

Aquelles paisanos sem educação militar, haviam contra-fortificado habilmente o campo, igualando as condições da lucta. Um ramo das suas trincheiras improvisadas estendia-se até o rio cortando a agua e ameaçando o vapor amarrado ao porto, emquanto um energico fogo vindo da trincheira que fôra na vespera isolada mostrava ter-se rendido a sua guarnição.

Placido de Castro revelava assim todas as suas extraordinarias qualidades tacticas, que tanto maravilharam os chefes bolivianos.

O combate tomou então uma intensidade feroz, continuando durante o dia inteiro. Agarrados ás trincheiras, os bolivianos sentiam-se cahir de fadiga naquella lucta sem tregoas, e foi com verdadeiro terror que perceberam a approximação das trincheiras inimigas, avançando sempre sobre a fuzilaria, em linhas obliquas ás suas.

Á testa dos atiradores revolucionarios, homens armados de pás e picaretas iam prolongando as fortificações, e hora a hora a lucta á arma branca foi-se tornando mais emimente, numa tremenda ameaça de carneficina e de massacre.

Todo o odio accumulado na alma dos seringueiros naquelles trez annos de inutil espectativa e de combates infelizes, ia explodir furioso e selvagem naquelle ensanguentado triumpho.

O official destacado no navio, já com a sua guarnição quasi extincta, entregou-se, acabando-se a ultima esperança de retirada para as forças bolivianas, e foi sob o vexame dessa situação mortal e desesperada, que o coronel Rojas viu ás mãos de um official revolucionario fluctuar acima da fumarada dos tiros, como uma promessa de salvação e de paz, uma bandeira de parlamentar.

A corneta dos brasileiros nas suas modulações imperativas e rapidas mandou cessar fogo, e nas trincheiras contrarias, cheias de cadaveres, a fraca fuzilaria foi tambem calando-se ao som prolongado e triste dos clarins bolivianos.

Tinham-se passado cinco dias nessa lucta furiosa e sem tregoas !

Então o coronel Rosendo Rojas, tendo recebido o parlamentar dos revolucionarios, quiz pessoalmente se entender com o coronel Placido de Castro, que mandava aconselhal-o a capitular, pois só assim seria evitado o massacre dos que restavam nas fileiras bolivianas.

Uma admirada curiosidade impellia aquelle official a conhecer o extraordinario chefe revolucionario, que tão segura e habilmente sabia conduzir os seus soldados inexperientes e sem disciplina militar, e, tendo transposto as trincheiras, alguns officiaes contrarios, que attenciosamente o receberam, conduziram-no á

presença de um homem moço e de aspecto simples, lá num papiry (*) á orla da floresta.

Placido, sem accentuar a posição superior em que se soubera collocar, fez sentir ao coronel Rojas sómente o dever que tinha de em nome da humanidade convidal-o a evitar um deploravel sacrificio de vidas, inutil e indigno de homens civilisados.

* * *

D'ahi a dias, os habitantes da margem direita do Acre, viram passar numa turba desarmada e confusa aquelles homens arrogantes e violentos que havia quasi cinco annos se tinham tornado os irresistiveis senhores da região.

Placido lhes havia dado a liberdade com a condição de se retirarem para o seu paiz.

Da Empreza, as forças revolucionarias, sob o commando intrepido e intelligente do seu chefe, desceram o rio numa vaga triumphadora e crescente.

Rodrigo, que aos primeiros tiros trocados em Santa Rosa, se havia aventurado pelo sertão, indo juntar-se a Placido sob as trincheiras da Empreza, preparara de antemão o espirito dos seringueiros pelos barracões que encontrava.

Assim, á columna victoriosa foram-se juntando todos os brasileiros do rio. As guarnições bolivianas, entre a Empreza e Porto Alonso, renderam-se sem grandes esforços, e quando o general Ibañes esperava em Porto Alonso os soldados que de La Paz lhe haviam promettido, viu desenvolver-se pela floresta, em magnificas posições de combate, uma força revolucionaria de oitocentos homens. Ao mesmo tempo, uma canôa chegava ao porto com alguns soldados bolivianos dos que se renderam na Empreza, e ao chefe da praça communicavam que d'ali para cima já não havia um só dos seus compatriotas, a não serem os feridos, que caridosamente Placido mandara receber nos hospitaes revolucionarios.

Essa noticia, aggravada pela vista das forças atacantes, espalhou uma profunda impressão de abandono e desanimo na guarnição da praça.

O general Ibañes, porém, procurou illudir o perigo que se approximava com os mesmos argumentos que tão inuteis se apresentaram ao coronel Rojas, logo ao segundo dia do sitio da Empreza.

Não lhe parecia cousa facil a uma multidão de paisanos tomar um campo habilmente fortificado e defendido por numerosa guarnição de tropas regulares.

Contando com a larga cinta de abatizes e outros generos de defeza que impossilitavam o accesso á praça pelos lados da floresta, esse official esperava aniquilar os ousados seringueiros antes delles chegarem sobre as trincheiras, durante o tempo em que envencilhados nas defezas externas ficassem expostos ás descargas mortiferas das suas Maüser.

Obedecendo a esse racionicio, as forças foram distribuidas pelas trincheiras, abundantemente municiadas e promptas áquelle verdadeiro exercicio de tiro ao alvo, com o qual o general Ibañes estava certo de vingar os seus compatriotas da Empreza.

Mas, em vez de se aventurarem ao assalto immediato, os revolucionarios

---

(*) Ranchinho de palha usado pelos indios.

começaram a fazer sobre as trincheiras inimigas uma fuzilaria ensurdecedora. Não pareceu isso desagradavel ao general Ibañes, que com os seus homens bem defendidos pelas fortificações da praça, via assim exgotarem os insurrectos as munições sem resultados.

Emquanto esses tiroteios loucos obrigavam os soldados bolivianos a não se afastarem das trincheiras, pela floresta cheia da fumarada espessa dos rifles, Placido preparava aos seus adversarios uma situação desesperadora e extrema.

As aguadas da floresta, as fontes de agua crystallina e potavel, foram todas tomadas e fortificadas. Cada dia, ao amanhecer, as trincheiras revolucionarias que foram sahindo da floresta, um trabalho persistente e corajoso, sob a fuzilaria incessante, mais proximas se mostravam das posições bolivianas.

Em poucos dias só restava livre ao general Ibañes a face de Porto Alonso voltada para o rio. As forças viam-se na necessidade de se abastecerem de agua á noute na corrente lodosa e insalubre do Acre, e vendo chegar em marcha lenta e segura o assalto, pela approximação das trincheiras inimigas, só o rio lhes parecia abrir uma problematica esperança de salvação, comquanto nenhuma embarcação apparecesse.

Porém, um dia uma linha de atiradores audazes desenvolveu-se pela praia avançando para o porto. Para fazer fogo sobre elles era necessario aos guarnecedores do rio abandonarem as suas posições e avançarem até á extremidade do barranco sobre que estavam e que encobria os atacantes em baixo ao longo da praia.

Mas, logo que os primeiros soldados transpuzeram os parapeitos, da margem opposta partiu uma fuzilaria certeira e viva que os fez retroceder deixando alguns estendidos no desamparo do barranco, despido de vegetação e sem abrigo.

Estava tomado o rio.

A situação de Porto-Alonso tornou-se então uma fragorosa agonia.

De todos os lados o ataque avançava numa ameaça fatal de aniquilamento e de destruição. Os tiroteios não cessavam, dia e noite, protegendo a marcha paciente das trincheiras atacantes, e foi já quando a sorte do general Ibañes e dos seus commandados se revelava num inevitavel fim de carnificina e de massacre que Placido, promettendo-lhes todas as garantias, convidou-os a se retirarem, rio abaixo, offerecendo-lhes mesmo conducção, desde que depuzessem as armas.

Naufragos, vendo a morte approximar-se no rugir atroante das vagas que lhes desconjuntassem as ultimas taboas a que se houvessem agarrado, não sentiriam mais intensa alegria ao ver no horizonte desenhar-se o grato perfil de uma vela, que aquelles soldados exhaustos e cheios de medo, ao ouvirem reduzir-se nesse rasgo de cavalherismo e de humanidade as ameaças e invectivas que os seringueiros, já de bem perto, lhes atiravam no ardor infernal dos tiroteios.

Era a vida, era o regresso á patria que se lhes offerecia, depois de vinte e tantos dias do infernal pesadelo de uma irrevogavel sentença de morte.

Ficara o Acre livre dos seus arrogantes invasores. Os homens de Placido não tiveram, porém, tempo para bem sentirem o grande allivio de verem a sua terra expurgada da permanencia humilhante daquelles intrusos, que tão fracos se lhes revelaram após todas as passadas brutalidades do seu dominio.

Quando o presidente Pando viu chegar a La Paz, em levas desmoralisadas e

batidas, os soldados que deviam garantir a realisação do arranjo firmado pelo sr. Aramayo com o syndicato, saltou furioso da sua compostura de chefe de estado, e entregando-se todo ao velho espirito caudilheiro de sua terra, partiu para o Acre com o que de melhor encontrou no exercito boliviano, ameaçando devastar as florestas e seccar os rios sob o fogo vingador da sua colera. Parecia que Atila, resuscitado ás margens do Titicaca, viesse rolando sobre o Amazonas com a furia de todos os pronunciamentos e vulcões da cordilheira !

As forças brasileiras, cuja partida para a região fôra determinada pela feição aguda que então assumiram as nossas relações com a Bolivia, não podiam chegar a tempo de proteger os nossos pobres patricios contra o homem hecatombe que se approximava. Estava tudo perdido !...

Placido, porém, ao receber essas noticias idas de Manaus num rebate apprehensivo e assustado, partiu immediatamente ao encontro do terremoto.

As forças acreanas já eram então um pequeno exercito experimentado e cheio de confiança no seu chefe, e, fazendo uma marcha surprehendente, conseguiram ellas ir encontrar o general Pando já fóra dos limites do Acre, em plena região do Abunã.

Um dia o major Gomes de Castro, que conduzia o *modus-vivendi* accordado entre as chancellarias brasileira e boliviana, destinado a evitar a agitação no territorio durante o tempo das negociações que se entabolaram, avançando pela floresta desse rio, ouviu sobre os profundos ruidos da matta o lobrego crepitar de longinquas descargas de fuzilaria.

Lá estava o general Pando penitenciando-se de todo o seu destemperado ardor bellico...

Quando o *modus-vivendi* chegou ao conhecimento de Placido, já o presidente da nação andina achava-se sitiado e perdido, cercado de cadaveres, mal respondendo os amedrontados soldados que lhe restavam ao fogo constante e certeiro dos nossos sertanejos. Se não houvesse tão depressa andado o major Gomes de Castro, teria o mundo assistido ao irresistivel escandalo do aprisionamento e expulsão de um chefe de Estado, por um punhado de trabalhadores sublevados !

* * *

E foi assim que escapou o Brasil a uma vergonhosa mutilação imposta pelos desatinos diplomaticos dos nossos governos.

A ferida aberta com o desmembramento do territorio do Acre, já ia cicatrisando. Mais alguns mezes passados sobre os reconhecimentos teimosos da nossa chancellaria á posse da Bolivia sobre aquelle territorio, e tudo seria facto consummado e irremediavel.

Placido de Castro, com o seu extraordinario valor, batendo e desmoralisando o exercito daquella Republica, estabeleceu e impoz a necessidade das novas negociações, tão sabiamente dirigidas pelo sr. Barão do Rio Branco.

A corações estreitos, incapazes de um sentimento patriotico até para admirar aquelles que pelos seus actos dignificam o espirito nacional, ainda parece escapar todo o alto brilho de que no Acre se cercou o nosso abnegado patricio, achando immerecidas as festas com que o paiz agradecido significou-lhe o seu reconhecimento.

A acção do bravo triumphador da *Empreza* e de *Porto Alonso*, não valeu somente a reemcorporação do Acre ao territorio nacional.

No estado de abatimento em que a politica infeliz creada pelo systema federativo nos collocou, essa admiravel campanha do Acre serviu para accordar nos brasileiros a consciencia do seu valor na America.

Uma boa parte da victoria com que, para nós, finalisou essa lucta, cabe á sympathica figura do velho Rodrigo de Carvalho.

Elle foi o espirito latente do movimento, o mais esforçado propagandista do espirito brasileiro no Acre, e, antes de ser Placido o chefe da revolução certo a coragem dos nossos compatriotas teria de todo se abatido sob a triste impressão das passadas derrotas, se não fosse o seu animo inquebrantavel.

Encarnando a alma da resistencia á invasão estrangeira, Rodrigo de Carvalho, desde que a bandeira da Bolivia subiu em Porto Alonso, nunca mais descançou. A cada fracasso da insurreição, correspondia mais uma tentativa da sua parte para reanimar o ardor patriotico dos seus companheiros, e quando as cornetas de Placido annunciavam a rendição do general Ibañes, com toda justiça elle dizia ter sentido que aquella musica da victoria cantava o triumpho dos seus soffrimentos e dos seus esforços.

A Placido de Castro e Rodrigo de Carvalho deve indubitavelmente o paiz ter salvo a sua integridade. Um, foi a vontade destemida que organisou a libertação do Acre, outro foi a tenacidade, o devotamento constante que alimentou a scentelha de patriotismo no espirito dos seringueiros, heroes obscuros dessa esforçada obra de reivindicação nacional.

J. M.

Cuentam de um sabio, que un dia
Tan pobre y misero estaba,
Que solo se sustentaba
De unas yerbas que cogia.
¿Habrá otro (entre si decia)
Más pobre y triste que yo?
Y cuando el rostro volvió,
Hallo la respuesta, viendo
Que iba otro sabio cogiendo
Las ojas que el arrojó.

CALDERON.

J. AUMAITRE

Pannos, Casimiras, Fórros, etc.

PARIZ — LONDRES

DEPOSITO

Nº 4 — Rua da Quitanda — Nº 4

= S. PAULO =

Caixa do Correio, 632

GOULART DE ANDRADE

Goulart de Andrade, de quem por ultimo trato nesta minha palestra, é de uma fecundidade incomparavel e assombrosamente creador. Não recúa nem esmorece ante as maiores difficuldades artisticas que se lhe deparemantes, procura-as para o goso de vencel-as. Cabe-lhe a primazia de ter composto em nossa lingua poemas de fórma fixa da lingua franceza como o *rondel*, o *rondó* e o *Canto Real* generos de poesias onde a technica é de exigencias quasi insuperaveis.

Começarei lendo-vos um *rondel* especie de *bibelot*, de estatueta de *biscuit* que se encontra na obra de Goulart, a attrahir pela sua pequenez e pela sua graça olhos cançados de fitar monumentos.

Meu coração, minha altivez
Ponho a teus pés, musa serena;
Sonho de amor em noite plena
De redolencia e languidez!

Tens para mim tanta algidez,
Pobre, que em troca desta pena,
Meu coração, minha altivez
Ponho a teus pés, musa serena!

Fraco, a vontade se me esfez
Nesta volupia que envenena :
Queres-me ver de rastro, ordena,
Que eu deporei sob teus pés
Meu coração, minha altivez!

Bem podeis avaliar as torturas em abrigar, desenvolver e vestir uma idéa dentro de uma quintilha e duas quadras que obedecem tambem a duas unicas rimas.

Seria justamente condemnavel a pratica dessas verdadeiras *chinoiseries*, cheias de regras labyrinthicas, se o poeta, apezar de manietado como se vê pela fórma severa, não conseguisse manter a emoção que se encontra em todos os seus versos.

Goulart de Andrade tem uma alma profundamente musical. As suas poesias como que são feitas dos sons de uma harpa ferida, cujas notas ficam vivendo no espaço, por largo tempo, numa doce revoada de queixumes brandos que se vae desfazendo à proporção que augmenta a saudade que ellas nos deixaram.

Um dos seus mais bellos trabalhos é, incontestavelmente, *Lunar*, versos livres, cheios de imagens formosas, lindas e leves como um sereno desabrochar de lyrios e violetas.

LUNAR

Lua, livida lua,
Ai magoado de luz apalescente
Saudade ignota que pelo ar fluctua,
Vaga recordação de um sol glorioso e ardente,
Nostalgia do ceu, lampada de doente,
Lua, segúre tetrica da morte,
Sibylla domadora do mar fórte,
Alva flor de polares primaveras;
Celeste Yára
Que com a trama clara
De luz, a alma dos poetas encarceras
Nessa prisão, nesse amplo sorvedouro
Das nebulosas e dos astros de ouro!
Por que pelos teus raios
Desejas que eu ascenda á Estancia Etherea,
Lua, lua funerea
De hystericos desmaios?

Sóror pallida, monja intemerata
Que os sinistros ergastulos visita,
Aguadeira a regar lyrios de prata
Do jardim que no ceo flore e palpita!
Amo a terra e os prazeres... Tu nem pódes
Saber o quanto em mim ha de alegria...
Mas, porque me entristeço á tua luz sombria?
O' decerto esta poeira argentea que sacódes
E' a sementeira da melancolia!
O teu véo branco é feito de jasmins
Ou cravos, que em essencia
Si diluissem pelo ar numa deliquescencia
Venenosa; ou talvez sejas formada
De uma revoada
De extinctos sons de bandolins
Que se partiram para o cláro espaço...
Olha, temo o teu lugubre regaço...
Que attracção infernal exerces sobre mim,
Lua de ambar ou marfim?
Eu soffro ao teu influxo uma immensa tortura
Sem causa nem razão... um ignorado anceio...
Uma infinda tortura,
Um tão grande receio,
Que á tua luz meu corpo deve
Ficar bem alvo como o de um velhinho...

E os meus cabellos ficarão de arminho
E as minhas faces n'um pallor de reve...
Celeste Yára
Que com a trama clara,
De luz, a alma dos poetas encarceras
Nas tuas gélidas crateras...

***

Apaixonadamente pantheista, Goulart em quasi todas as paginas do seu livro, celebra em extase, a natureza impregnada de amor e de mysterios. Ella surge sempre com o seu sol, as suas florestas, as suas aguas que cantam e as suas montanhas grandes e negras que se ficam ao longe n'um fundo cláro do céo. Aqui, explende a Primavera, com a sua festa de flores e de azas; alli, é o Outomno, com a calma resignação de quem segue impellido para o *fim* para o *nada*,

« Pelo fatal poder que tudo aggrava »,

Mas a sua lyra tem todas as cordas; e assim é quando, sob o pallio protector de uns olhares e uns sorrisos, elle exclama, n'uns arranques de lyrismo bucolico, isento do sentimentalismo melifluo e deploravelmente piégas da nossa raça :

VILLANCETTE

Zagala, que pastoreaes
O rebanho das lembranças,
Amar-vos não posso mais...

VOLTAS

Desde a alva ao sol fenecer,
Desde a noite á madrugada,
Das penas ando a pascer
A numerosa manada...
Zagala, causa dos males
Que eu soffro, sem esquivanças
Trazei-me por estes valles
O rebanho das lembranças.

Não temais a confusão
Nem as provaveis misturas;
Si as lembranças brancas são
As penas serão escuras...
Penas de vos não olhar,
Lembranças que me guardais
Tanto é o penar e o lembrar
Que amar-vos não posso mais.

Nestes olhos duas fontes,
Meu rebanho dessedento;
E vou por valles e montes
Num profundo desalento...
Alguem dirá deste pranto,
Destas saudades mortaes,
Que eu vos amando assim tanto
Amar-vos não posso mais...

E' a forma archaica do villancete rejuvenescida por um espirito moderno, a dar-lhe viço, a fazel-a maleavel com uma nova comprehensão de arte.

E essas voltas, como espiras de incenso, impregnadas do suavissimo olor dos valles abertos, nos fazem surgir aos olhos d'alma um socegado recolher de rebanhos, a fumaça que sobe dos casaes espalhados, toda a serena paz dos campos onde a vida flue n'um deslise extreme de cobiças, de invejas, sem odios e paixões. — Olhar o céo alto, e pascer as ovelhas entre cousas bemditas e formosas.

***

Canto Real é uma poesia symbolica e uma grande alegoria.

A alegoria vae explendendo nas estrophes, como Aphrodite emerge scintillante de pedrarias, na sua belleza immortal, do seio onde-ceruleo das aguas querulas. — E no *envoi*, que é o remate, nós encontramos como que um coroamento de cupola de cathedral. E' como o sol que vem tornar transparentes e luminosas as tellas em gaze, e os refólhos de brocados. A respeito do seu *Canto Real da Noiva*, póde-se repetir o que sobre o de Georges Doncieux, escreveu Clair Tisseur nas suas *Modestas observações sobre a arte de metrificar*: — « J'avais toujours cru que ce genre de poésie, ne pouvait plus se pratiquer que par manière d'exercice, comme les rétablissements gymnastiques. Mais après avoir lu le *Chant royal de la mer* de M. Georges Doncieux j'ai dû croire qu'il n'y a pas de formes poétiques les plus hérissées de difficultés techniques qui ne se puissent prêter à la manifestation des plus larges pensées et aux nuances les plus délicates de l'expression ».

CANTO REAL DA NOIVA

Rigida, heril, soberba, numa altura
Inaccessivel quasi, ergue o frontal
Para o azulado céo — sua moldura
Unica — para o resplendor astral
A cidadella em marmore rosado!
Sinistramente fulgem pelo eirado
De esguia e branca torre de marfim
As almenáras, sobre as quaes, por fim
Fluctúa, ovante, n'um deslumbramento,
Longo, escuro, lusente e de setim
O augusto pavilhão largado ao vento.

Conquistadores chegam na planura :
Passa um penacho de elmo e a côr de um brial,
Ora um fulgor de esplendida amargura,
Ora um broquel de ouro pallido ! Lual
Fero, arrogante em seu arnez dourado !
Qual cavalgando rápido, estribado,
Com alta lança, em alto, aureo sellim;
Esse de pique; aquelle de espadim...
Todos olhando com desvairamento
A cidadella em que revôa emfim
O augusto pavilhão largado ao vento !

Um, animado de vontade impura,
Obedece ao espirito do mal;
Outro, por uma audaz desenvoltura,
Por um capricho, ou por inveja tal
Que em se julgando um bemaventurado
Fátuo, vem affrontar o duro fado !
Este o subôrno intenta com o sequim,
Esse embocando o estridulo clarim,
Deseja impor-se pelo atrevimento !
E indifferente ao estupido motim
O augusto pavilhão largado ao vento !

Impassivel a tudo, — luz, fulgura
A cidadella com seu porte real:
Um halo iriado cinge-lhe a estatura
De claridade sobrenatural!
A multidão de um lado e do outro lado
Supplica... exóra... arranca iroso brado...
Mas, como á vis frechados um fortim,
Como a Lua aos ladridos de um mastim,
Linda e serena, pelo firmamento,
Se desdobra sereno e lindo assim
O augusto pavilhão largado ao vento !

Por entre a turba que a paixão escura
Move, por entre o embate sem igual
Em que cada senhor tão só procura
Derrubar a prosapia do rival,
Um Poeta chega-o olhar alevantado
Da alma tirando um canto soluçado,
Lyra ornada de cravo e de jasmim,
Chega, e vê acenar-lhe do confim
Do horisonte, com desvanecimento,
Como uma aza de estranho cherubim,
O augusto pavilhão largado ao vento.

OFFERTORIO

Noiva! Sem ouro ou arma no tallim,
Por te vencer de muito longe vim
Pulsando a lyra — o magico instrumento...
Minha! E soltas a coma sobre mim
— O augusto pavilhão largado ao vento!

Que importa a turba alvoroçada se agite e rodopie movida por paixões complexas? Que importa a arrogancia de um, a ousadia de outros, o interesse de todos pela conquista do summo bem?

A cidadella lá está, rosada e linda, impassivel e coroado Sette-Estrello, tendo por moldura o céo, que é como um halo de innocencia e de candura. Lá está ella, trancada a sete-chaves, impenetravel e explendida.

« O augusto pavilhão largado ao vento... »

Nada vale a ameaça nem o subôrno. Cantassem as trombetas de Jerichó que ella resistira, por certo... Mas, que harmonia celestial é esta que sáe do coração da noite? Porque extranho prodigio todo aquelle marmore estremece, córa, vibra e se illumina e abre par e par as portas da Alma?

— E' a vóz da lyra enamorada de um poeta, é a condensação de todos os queixumes, é o suspiro dos suspiros, é o segredo da alma da noite mysteriosa. E eil-a, — a cidadella inexpugnavel — rendida e submissa, que tanto é o influxo que tem

« Um punhado de estrophes e de rimas... »

GUSTÁVO DE AGUILAR PANTOJA.

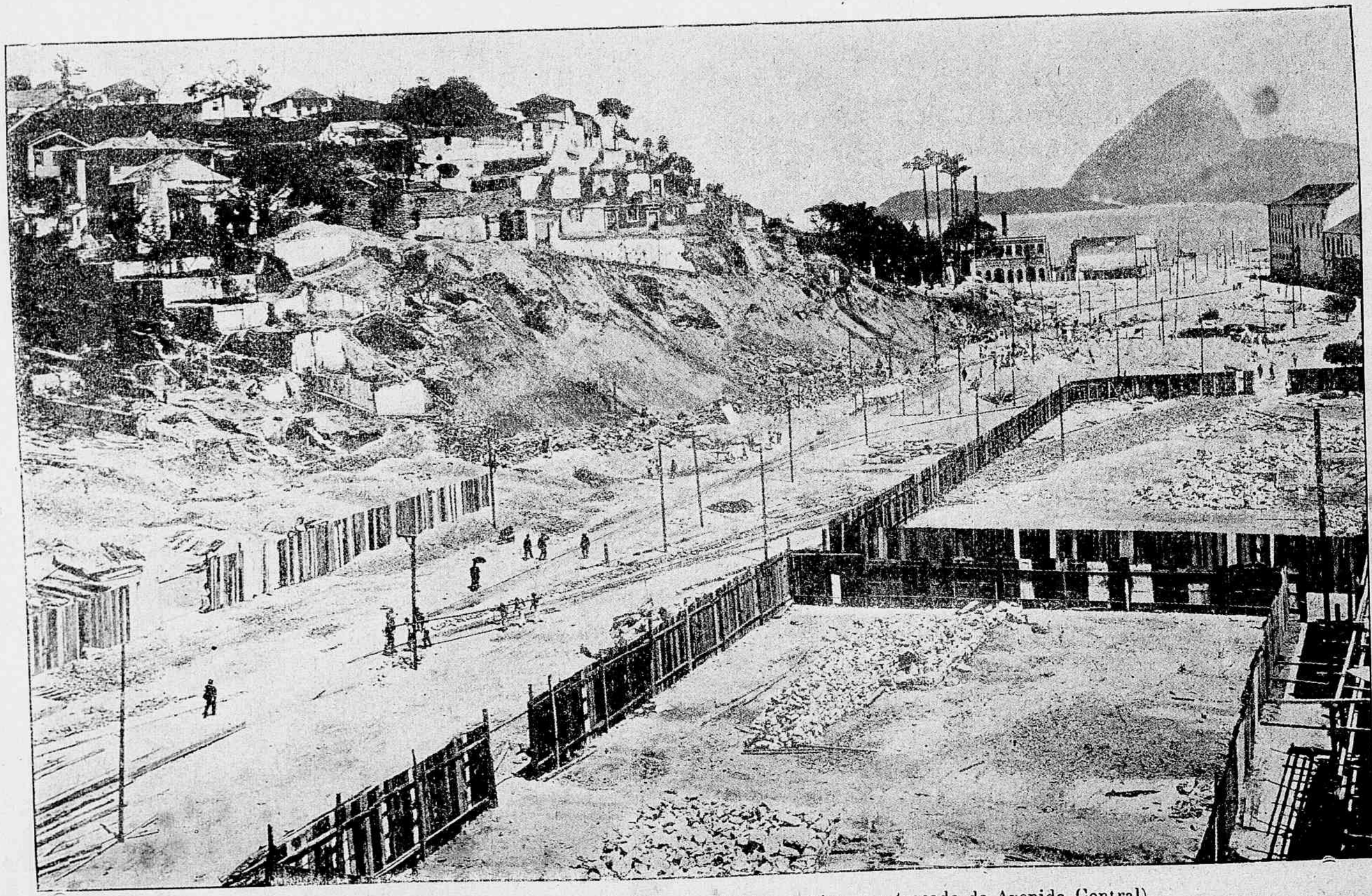
Excerpto de uma conferencia realisada no Club Fluminense na noite de 16 de Maio de 1906.

Morro do Castello

E' o arrazamento do morro do Castello (diz proficientemente o engenheiro Miguel R. Galvão) idéa antiga. Em 1798 a Municipalidade do Rio de Janeiro consultou as notabilidades medicas, a quem fez sete quesitos, afim de habilitar-se com os subsidios da sciencia a tratar do saneamento da cidade. Em pareceres separados os Drs. Bernardino Antonio Gomes, Manuel Joaquim Marreiros e Antonio Joaquim de Modeiros, opinaram pelo arrazamento do morro do Castello como o maior factor da salubridade local.

O Bispo Azeredo Coutinho, no começo do seculo passado, de accordo com esse parecer, indicou a maneira de fazer o arrazamento do morro, fundado no boato que corria de que o morro encerrava no seu bojo grandes riquezas. E', portanto, a idéa do arrazamento do morro do Castello idéa antiga que tem sido consignada em todos os projectos de saneamento do Rio de Janeiro.

Se da sua execução não puderam provir ao Thesouro da União recursos novos constituidos por thesouro mais ou menos



Morro do Castello (A primeira parte que foi demolida as iniciar-se o traçado da Avenida Central).

consideraveis e lendarios, dar-nos-á, a par de uma grande area onde póde ser construida uma nova cidade, o meio mais pratico para arejar a parte antiga não beneficiada pela Avenida Central.

De um artigo não ha muito publicado na imprensa, extractamos os seguintes dados:

« A area vendavel depois de demolido o morro, é de 120.000 metros quadrados que produzirão 12.000:000$000.

Accrescimo a pagar das obras encetadas.....	6.000:000$000
Complemento do arrazamento :	
Desapropriações.....	10.000:000$000
Ruas, canalisações, etc...	4.000:000$000
	20.000:000$000
Terrenos vendaveis.....	12.000:000$000
Despeza effectiva.....	8.000:000$000

A area arrazada produzirá 250 mil metros quadrados, dos quaes se reservarão 130 mil para a Santa Casa da Misericordia, Escola de Medicina, etc., ficando livres 120 mil. »

Entremos agora em outra sorte de considerações.

Para completar o terrapleno que se tem de levar a effeito em virtude da construcção do novo cáes que está sendo executado pela Commissão das Obras do Porto, são precisos tres milhões de metros cubicos de terra, além dos obtidos pelo arrazamento dos morros do Senado e das Ilhas das Moças, já desapparecidas, e dos Melões.

O arrazamento do morro do Castello fornecerá 5.500.000, havendo portanto, a sobra de 2 milhões e 500 mil, que poderão ser empregados no aterramento de terrenos em Copacabana e na Lagôa Rodrigo de Freitas, para onde a conducção é facil, por intermedio dos comboios da Companhia Jardim Botanico.

Essa mesma sobra de dous milhões e meio de metros cubicos de terra póde ser diminuida desde que se aproveite a idéa aventada pelo nosso collega Avilez Barrão e consignada em uma « Varia » do « Jornal do Commercio », de se deixar, por occasião do arrazamento, uma elevação dentro de um quadrilatero formado por quatro das ruas a abrir, constituindo uma quadra onde poderá ser construido o novo palacio do Congresso Nacional.

Com essa providencia, evitar-se-ão despezas especiaes de desapropriações, para ser levada a effeito aquella construcção, e ter-se-á o edificio em posição de dominar a cidade produzindo magnifico effeito.

CASA PIERRE DUCHEN

70, Rua de São Bento, 70

CAIXA N. 497 — SÃO PAULO — TELEPHONE 429

Importação de Vinhos, Molhados finos e Aguas Mineraes

FABRICA DE BISCOUTOS "EXCELSIOR" 19, Rua São Lazaro

Com machinismos modernos, movidos pela força electrica

Ballada do Beijo

Vós me pedistes certo dia,
Por uma tarde de verão
Cheia de encanto e de harmonia,
Uma gentil definição.
Em vossa frase houve ironia
E vosso olhar foi zombador...
Mas mata caça quem porfia :
— O beijo é fructo, o beijo é flor.
Certo, explicar melhor seria
Tudo isso, com demonstração...
Que sonho o meu! que fantasia!
Tende piedade e compaixão!
Optimo intento é o que me guia...
Dizer, num tepido calor,
Era sómente o que eu queria :
O beijo é fructo, o beijo é flor.
Junto de vossa fidalguia,
Enfraquecida a minha acção,
O beijo é flor, eu vos diria,
Pelo aspirar de vossa mão...
A vossa bocca é a polpa fria
De um fructo de fatal sabor
Que agudos dentes desafia...
O beijo é fructo, o beijo é flor.

OFFERTA :

Senhora! é grande esta ousadia :
Deixae-me pelo exemplo expor
Que em relação á moradia
O beijo é fructo, o beijo é flor.

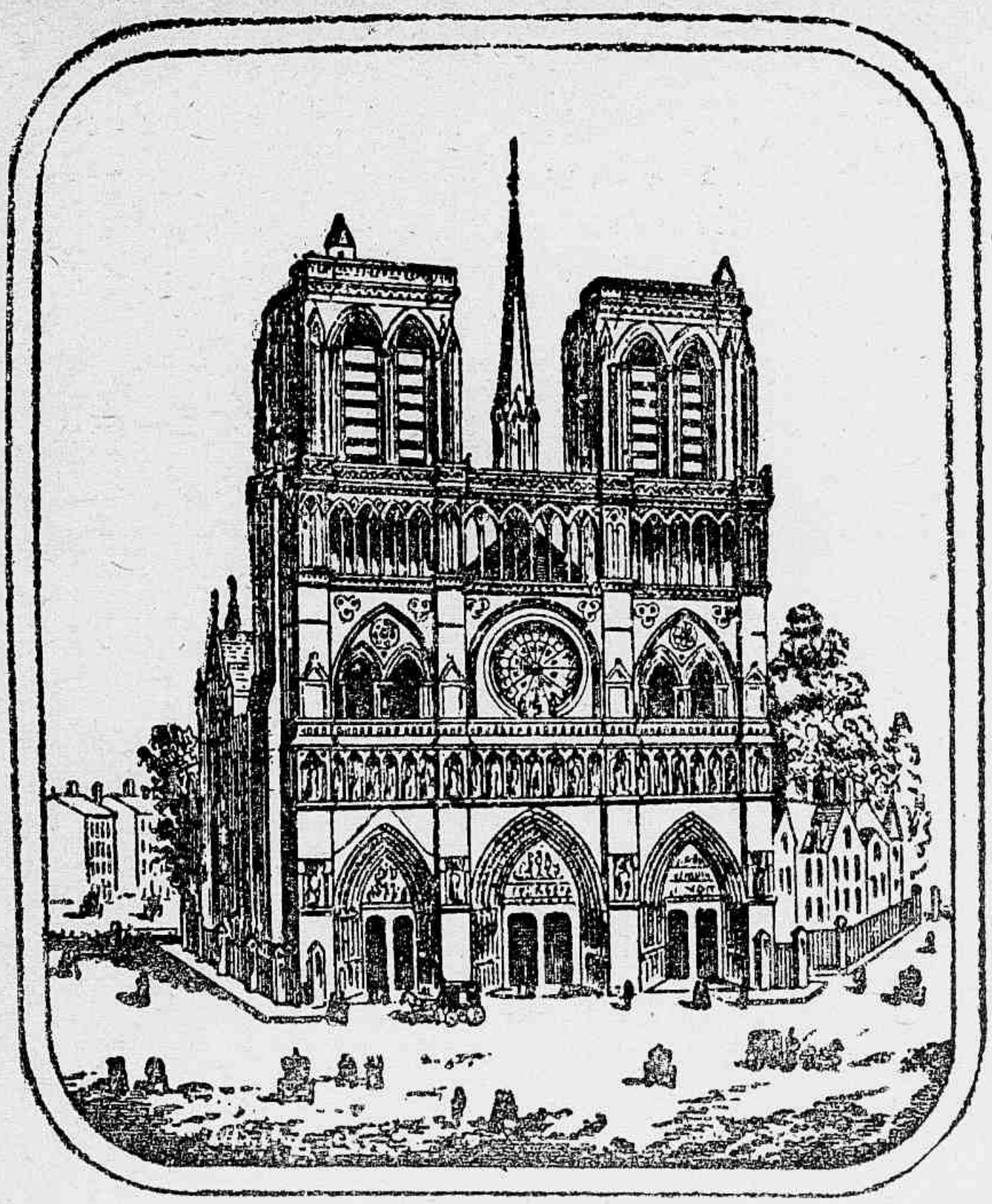
OSCAR LOPES.

Novembro, 1906.

AO TELEPHONE

— Estou a fallar com o sr. director do Monte-do-Soccorro?
— Sou eu. Que deseja?
— Faz favor de me dizer que horas são?
— O senhor julga que eu estou aqui para aturar brincadeiras?
— Brincadeiras, perdão! Os senhores teem lá no estabelecimento o meu relogio...

A NOTRE-DAME DE PARIS



PREÇO FIXO

Os mais vastos Armazens
de Fazendas e Modas do Brazil

VENDAS A DINHEIRO

SEDAS, LÃS, TECIDOS DE FANTASIA, CONFECÇÕES.
CHAPEOS, MEIAS, ESPARTILHOS, CHAPEOS DE SOL, ENXOVÁES PARA CASAMENTOS
E BAPTISADOS,
ROUPA BRANCA PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS.
ATOALHADOS, LENÇÓES, COLCHAS,
RENDAS, FITAS, ARTIGOS DE FANTASIA, ETC., ETC.

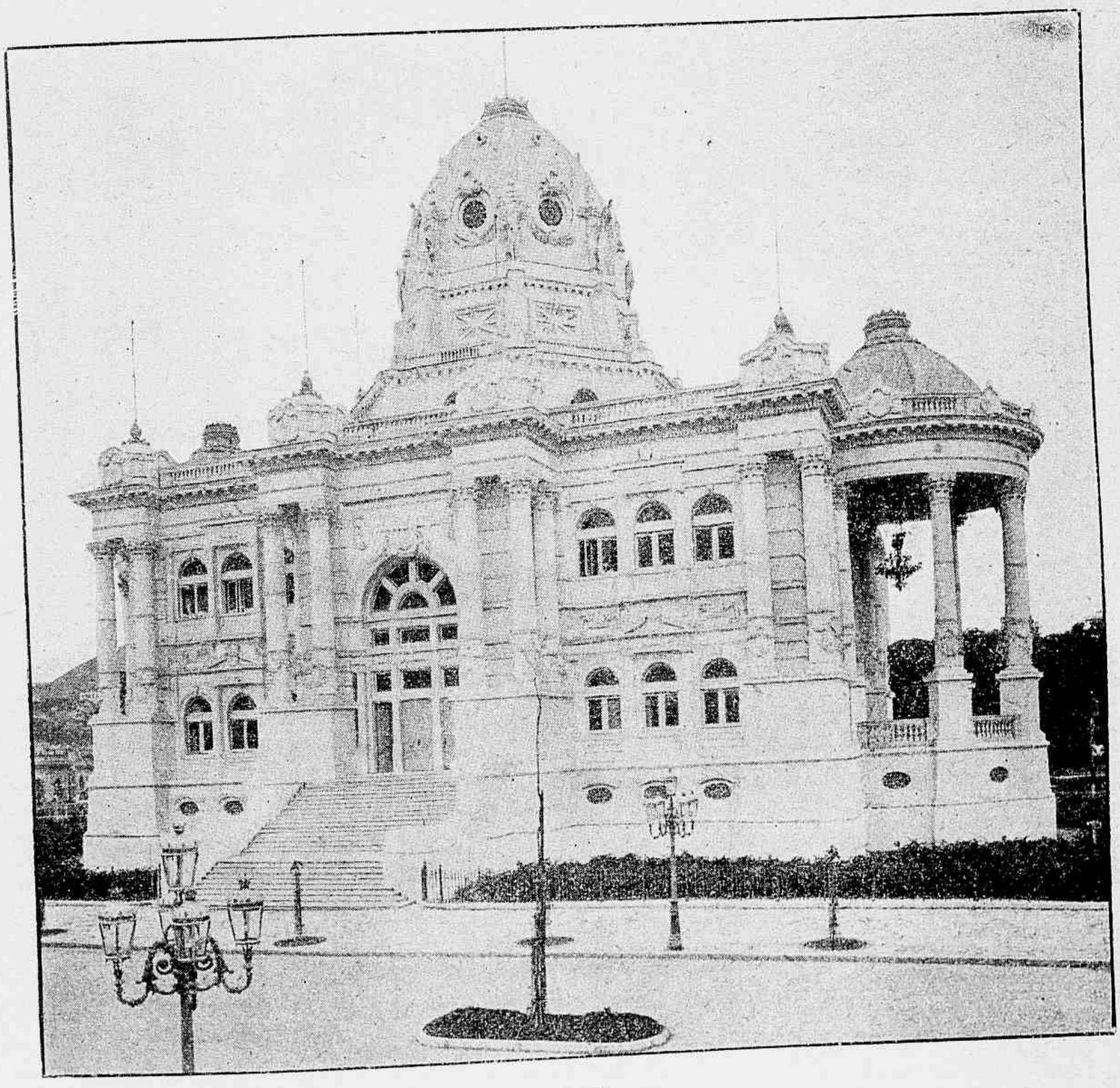
GRANDE OFFICINA DE COSTURA

Rua do Ouvidor, Largo de S. Francisco de Paula
e Travessa do Rozario

RIO DE JANEIRO

CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA

Tendo-se resolvido que a terceira Conferencia Internacional Americana se realisaria no Rio de Janeiro, foi ella aberta com grande solemnidade pelo nosso ministro do Exterior, Snr. Barão do Rio Branco, a 23 de Julho, no Pavilhão

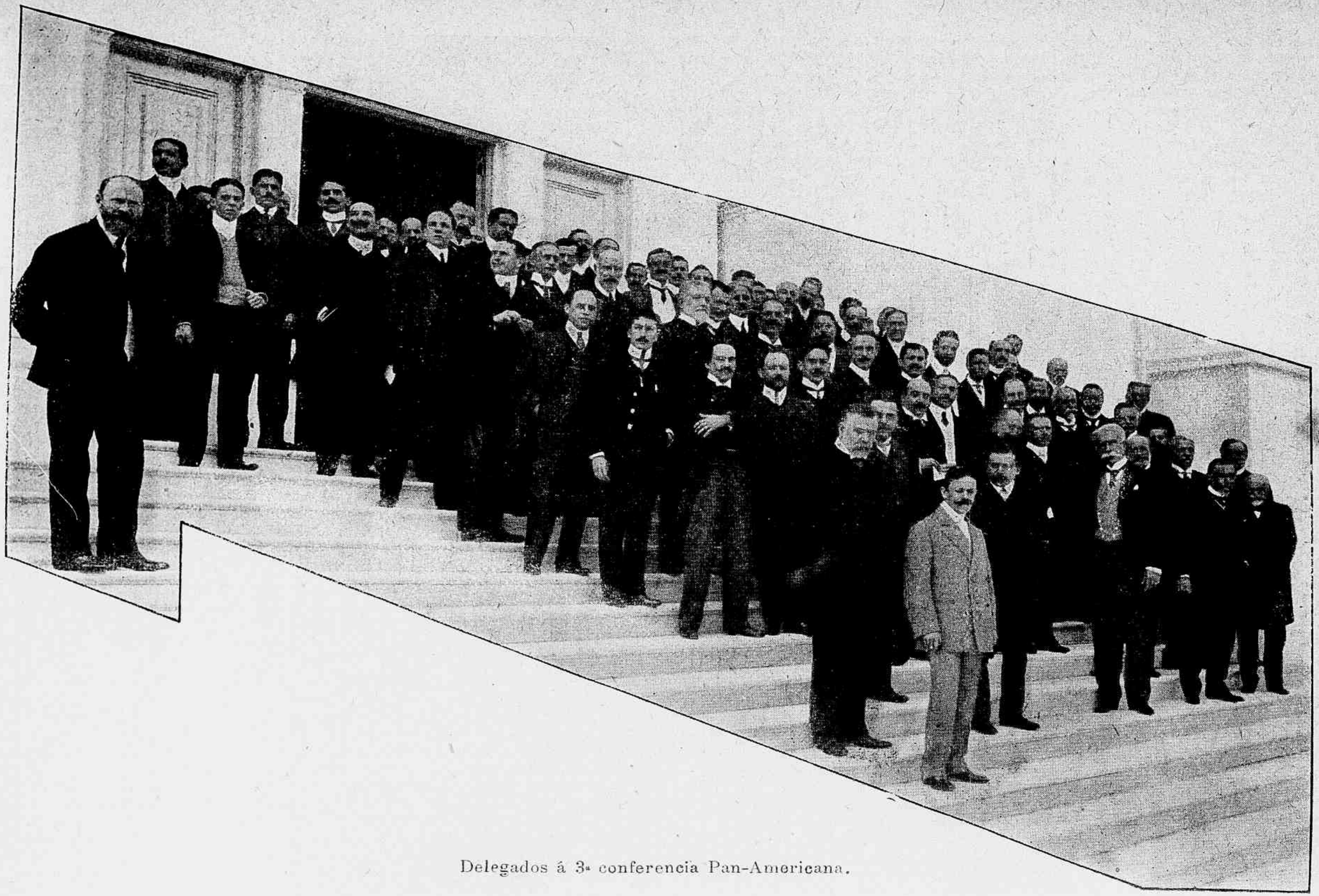


Palacio de Monroe.

de S. Luiz, lindo monumento que tomou depois o nome de Palacio Monröe e que reproduzimos segundo uma excellente photographia do photographo Malta.

Achavam-se presentes representantes de quasi todas as Republicas americanas, que tomaram parte em todos os trabalhos desta Conferencia.

Estes se prolongaram até 27 de Agosto, dia em que se deu o encerramento, com novo discurso do Snr. Barão do Rio Branco.



Delegados á 3ª conferencia Pan-Americana.

A recepção do Dr. Joaquim Nabuco

Foi verdadeiramente significativa do grande apreço e admiração em que elle é tido pelos seus compatriotas a recepção feita no Rio de Janeiro ao nosso embaixador em Washington, Dr. Joaquim Nabuco, aqui chegado a 17 de Julho, depois de estar ausente sete annos em serviço da patria.



Dr. Joaquim Nabuco, passagem pela Avenida.

Dias antes, a imprensa agitou a idéa dessa recepção, a que adheriram desde logo todas as classes sociaes, representadas pelas numerosas corporações que se fizeram representar.

Joaquim Nabuco passou em triumpho no grande prestito que se organisara e que o acompanhou desde o caes Pharoux até ao Hotel dos Estrangeiros, onde elle se foi hospedar.

Notava-se na phisionomia do nosso illustre patricio uma expressão de profunda alegria por tornar a ver as terras brasileiras, acolhido com carinho e enthusiasmo pelos seus, o que demonstrava a approvação nacional á ultima obra de que elle era um dos principaes factores, a da approximação do Brasil e dos Estados Unidos da America do Norte, como elle fez notar no discurso com que respondeu ainda a bordo ás primeiras saudações que lhe foram dirigidas.

Dois dias depois, a 19 de Julho, foi-lhe offerecido pelos seus amigos e admiradores um grande banquete no grande salão do Casino Fluminense a que compareceram representantes das nossas mais altas corporações, membros do Governo, Senado, Camara, Supremo Tribunal, Prefeitura, Exercito, Marinha, Força Policial, Escolas Superiores, Academia de Letras, Tribunaes, etc., etc.



Lloyd Griscon Joaquim Nabuco.

Houve cinco discursos nesse banquete, notando-se entre elles o do embaixador dos Estados Unidos, Snr. Lloyd Griscon, que, com a mais agradavel surpresa para os convivas, exprimiu-se em portuguez, idioma que desconhecia, quando, mez e meio antes, aportava em nosso paiz. Foi verdadeiramente notavel a resposta do Snr. Joaquim Nabuco, que falou por ultimo, correspondendo a todas essas saudações.

Depois de terminados os trabalhos do Congresso Pan-Americano, a que presidiu por voto unanime dos seus membros, indo a S. Paulo e a Minas Geraes o nosso illustre compatriota teve a confirmação da alta estima e apreço que lhe vota o seu paiz, sendo recebido com egual enthusiasmo naquelles dois importantes Estados da Republica, como já o fôra na sua passagem pelo Recife e pela cidade da Bahia.

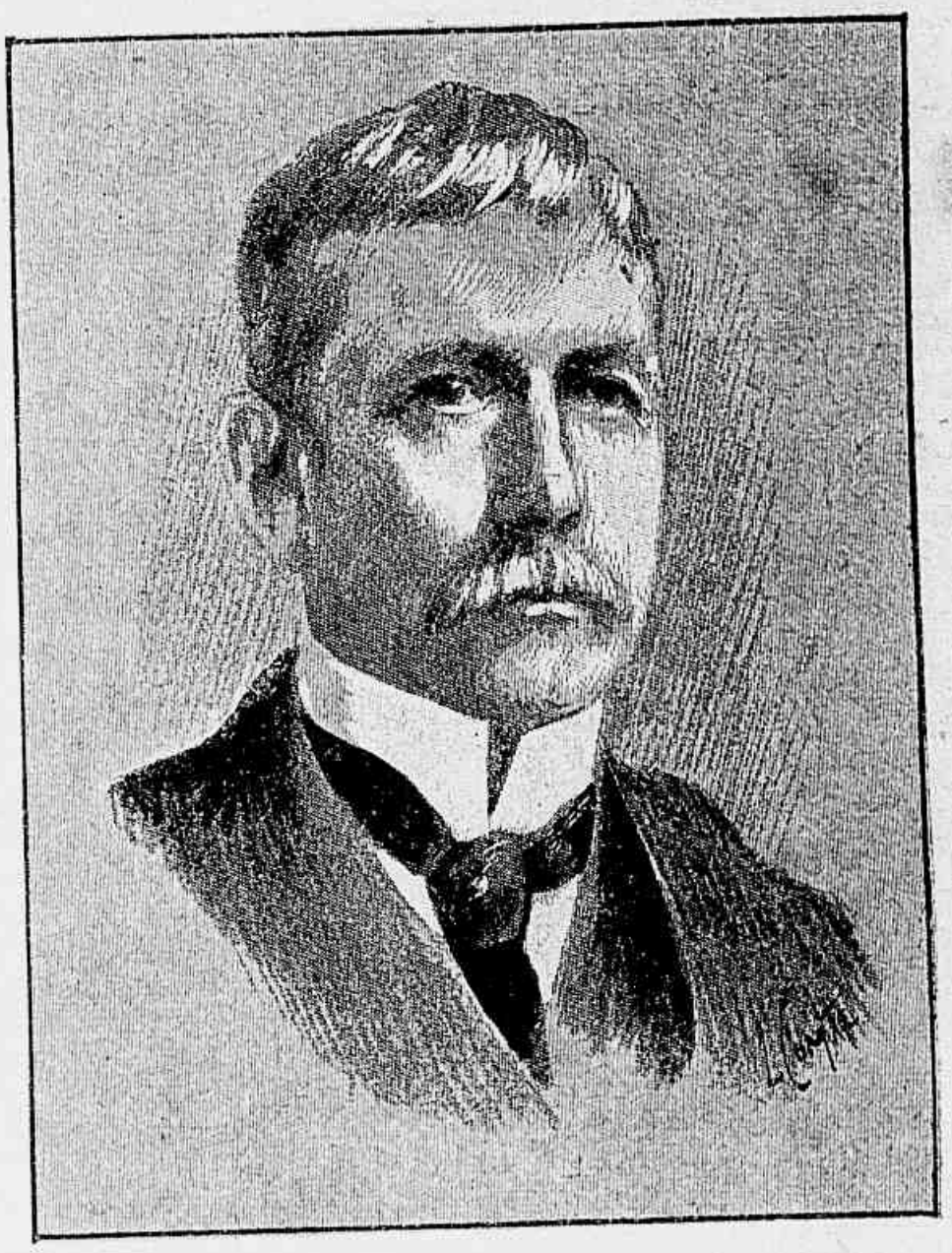
O Snr. Elihu Root

Aproveitando a opportunidade da reunião do Congresso Pan-Americano no Rio de Janeiro, o Snr. Elihu Root, secretario de Estado dos Estados Unidos da America do Norte na pasta dos Negocios Exteriores, resolveu visitar varios paizes da America do Sul, a começar pelo Brasil.

Elle chegou ao Rio de Janeiro a 27 de Julho, no cruzador *Charleston* da marinha de guerra dos Estados Unidos.

Teve imponente recepção e foram todos dias de festa, por assim dizer, aquelles em que o eminente estadista se demorou entre nós. O Brasil procurou demonstrar ao Snr. Root que tinha o alcance da importancia da sua visita, que a principio elle projectara limitar exclusivamente ao nosso paiz.

Ganhou verdadeira celebridade no mundo inteiro o muito notavel discurso que o Snr. Elihu Root pronunciou ao ser recebido no seio do Congresso Pan-Americano, a 31 de Julho.



Elihu Root.

Das numerosas festas que se realisaram em honra do nosso eminente hospede as que deixaram mais indelevel lembrança foram a grande recepção que se realisou no palacio da presidencia e o baile do palacio Itamaraty, offerecido pelo ministro do Exterior, Snr. Barão do Rio Branco.

Em S. Paulo, que o Snr. E. Root, visitou antes de partir para Sul, tambem elle foi recebido com brilhantes e condignas festas.

Conta-nos o escriptor Ramalho Ortigão que Caldas Aulete, o grande diccionarista e educador portuguez, na sua qualidade de valetudinario, tinha horror á agua fria, e o banho para elle era um abysmo sem as vertigens da attracção. Fallando de senhoras da sua convivencia, dizia cheio de pasmo: — Ellas lavam-se pela manhã (e ia contando pelos dedos); lavam-se depois do almoço para sahirem; lavam-se ao chegar a casa; lavam-se depois de jantar; finalmente, tornam a lavar-se á noite antes de se irem deitar...

Nunca vi gente mais porca.

Eu lavo-me uma vez, pela manhã. Algumas vezes nem pela manhã me lavo, porque não preciso, estou limpo!

Dá vida de um poeta

Onesime Loye, poeta francez, era conhecido por sua vida de vadio incorrigivel, de extrema bohemia. Foi um dia preso por andar mendigando na estrada de Berri e em seguida processado por crime de vadiagem e mendicidade, perante o tribunal.

No acto de ser interrogado, fez a sua defeza em verso, como se verá das respostas, que, devidamente traduzidas, abaixo damos :

— O seu nome? lhe perguntou o Juiz.

« Onesime Loye, vosso humilde criado. »

— A sua residencia?

« A terra é meu leito, e tecto... o azul dos céus. »

— A sua profissão?

« Amar, cantar e crer e... ter esperanças em Deus. »

— E' verdade haver o réo infringido a lei que prohibe a mendicidade?

« A lei? Eu tinha fome, e a lei mais austera
Não tem poder algum, se a negra fome impera. »

— Mas, o réo é um homem intelligente e illustrado. Por que não ganha a vida escrevendo para o publico?

« E o editor? Sabeis vós o que é um editor?
Sabeis o que elle diz ao misero escriptor?
Ganha celebridade, e tendo-a conseguido
Eu me encarrego então de o tornar conhecido. »

Mas a lei tinha de cumprir-se e apezar desta defeza eloquente o pobre poeta foi condemnado no minimo da pena — 24 horas de prisão correccional!

« Obrigado ! Obrigado! ó justiça clemente.
Durante um dia emfim, vou ter quem me sustente. »

Exclamou o vate, ao ouvir ler a sentença; e proferindo estas palavras retirou-se com serena dignidade, saudando o tribunal.

Receita para fazer versos

I

Forme usted lineas de medida iguales,
y luego en fila las coloca juntas
poniendo consonantes en las puntas!
— ¿ Y en el medio ? — ¿ En el medio? Ese es el cuento!
Hay que poner talento.

II

SIC SEMPER

Um santo de cortiça e outro d'ouro,
Do mar cahiram no profundo abysmo;
Foi para o fundo o que era grão thesouro,
Para o outro foi leve o cataclysmo,
O mesmo é, entre os homens, com desdouro,
Da sagrada justiça o rigorismo;
Afunda-se, o que val, na dura liça;
Porém, fluctua sempre o de cortiça.

(Do poeta peruano, RICARDO PALMA.)

III

Sobre a sciencia da vida,
Só ha dois livros humanos :
Trata um : das *illusões*;
O outro: dos *desenganos*.

IV

Venham vêr um quadro triste,
Um quadro que desconsola :
A's portas dos corações
Anda Amor pedindo esmola.

Bate Amor, de porta em porta,
Mas anda batendo em vão :
Dizem-lhe todas : não ha!
Todas respondem : perdão!

V

Para vêr se os Reis chegavam,
Puz na lareira umas botas;
Mas achei-as como estavam...
— Vazias? — Não, senhor : rotas!

Assim como o peixe n'agua
Vive o *bom*, á luz do sol,
Sem cuidado, até que o *máu*
Lhe deite o anzol.

E' o amor, tal qual um prego,
Que, se chega a entortar,
Nem com força, nem com geito,
Fica facil de pregar.

LACRIMA RERUM

(Ao ver desfilar o Cortejo funebre de Carlos Gomes)

Chorai, auroras, orvalhai as mattas,
Cobri de pranto o coração das flores,
Tardes, trajai de violaceas cores,
Gemei, ó fontes, soluçai, cascatas!

Da Natureza um brado doloroso
Ao Infinito evole-se d'aqui
Quando inhumar-se o esquife glorioso
Do divino cantor do « Guarany »!

. . . . . .

Amazonas fidalgo e soberano,
Porque não recolheste ao teu sudario
A concha inane, o escrinio mortuario
Da perola do Genio americano?

Para dormir o sommo derradeiro
Leito não ha como o natal torrão,
Mas no teu delta, ó Nylo brazileiro,
Sangra a aorta do patrio coração.

Triste espectac'lo houveras-nos poupado
Em muitos actos, cada qual mais triste
D'essa tragicomedia que consiste
Em puro tartufismo disfarçado!

Doeu-me n'alma ver as cambalhotas
Dos histriões do Circo universal
Mascarados agora em patriotas,
Em arautos da — Gloria Nacional!

Doeu-me n'alma ver o aprimorado
D'essa pompa theatral de despedida
Ao *Cadaver amado* do que em vida
Si quiz viver viveu expatriado!...

Doeu-me ver endeosar-se o morto
No Templo ingrato em que, por irrisão,
Jamais lhe coube o misero conforto
Da mais modesta ou infima missão!...

Doeu-me ver, fingindo carpideiras,
Refalsados, finorios crocodilos
Esbaforidos, *retorcendo estylos*...
Ao renderem-lhe as honras derradeiras!...

. . . . . .

Tu, que lhe déste protector carinho
E o collocaste em teu melhor altar,
Devêras ser-lhe o derradeiro ninho,
Nobre Amazonia, foz do Rio-mar!

Nem sepulcro mais bello ha para o Genio
Do que o reino selvagem das Nymphéas,
Onde as Ondas descantam melopéas
Das virgens Pororócas no proscenio!

A onda é leito do Cysne soberano
O leito da aguia é o pincaro sem fim :
Gonçalves Dias dorme no Oceano
Dorme sobre um vulcão Silva Jardim!

Pena que um milagroso cataclysmo
Não te houvesse tragado, ó nau de guerra,
Toda a tripolação lançando á terra,
Mas guardando-o, Elle só, no fundo abysmo!

A illuminar-lhe o derradeiro somno
Esparsa nágua a juba singular
Victoria-Regia fôra sobre um throno
De dia, e á noite — Syrius a brilhar.

Entre as Ondinas vendo-se á vontade
Transformado em Sereia alvinitente,
Puderá Elle cantar eternamente
Na voz das brisas ou da tempestade.

Mais digna fôra tal metempsychose
Dentro em teu seio, nobre rio-mar,
Que os — Sete Passos — d'essa apotheose
Em que é forçado o morto a caminhar!...

. . . . . .

Chorai, Auroras, orvalhai as mattas,
Cobri de pranto o coração das flores;
Tardes, tarjai-vos de violaceas cores,
Gemei, florestas, suspirai cascatas!

Noites, cobri de lucto a immensidade,
Ceos, acendei o lampadario astral,
Ventos, cantai a aréa da saudade
Ondas, rithmai a marcha funeral!

AURELIO DE FIGUEIREDO

Rio, 20 de Outubro de 1896.

No campo

Manhã. No campo. Um fio d'agua, doce,
Lambe a raiz das arvores gigantes.
Aves de galho em galho. A luz coou-se
Atravez das ramagens verdejantes.

Aves, o fio d'agua, a luz, qual fosse
Tudo a expressão da magua dos amantes,
Sente meu coração golpes de fouce...
Minh'alma é um nimbo rôxo, e chove a instantes.

Nostalgia do lar, do ceu, do affecto,
Que eu, muito mais que o ceu e o lar queria,
Não sinto, e punge-me um pezar secreto...

Velha corrente, eu te conheço agora :
Fui talvez passaro e cantei um dia
Nestes logares annunciando a aurora.

JOSÉ VIEIRA.

Lar destruido

Porque com triste pranto
Te volves para mim?
Porque, sentida assim,
E' triste o teu olhar?
E tu, triste, entretanto
Pareces sem razão
Envolta na afflicção,
Nas maguas, no pezar.

Bem sei; a grande enchente
Teu lar foi destruir :
Razões p'ra se affligir
Tu' alma triste tem!
Da patria estás ausente,
Perdeste o meigo lar,
Nem mais has de voltar
A' patria triste alem.

E quanto desterrado
A enchente lá não fez?
E quantos d'uma vez
Se viram na afflicção?
Da patria ao triste fado
Immensa fôra a dôr!
Tão cheia de terror,
Na grande inundação.

Do rio a massa d'agua
Mil dores motivou;
Immensa dôr causou
A' patria e filhos seus;
Causou profunda magua
Causou pezar sem fim,
Mas tu, sentida assim,
Adora! a causa é Deus.

POSSIDONIO CALAÇA DO ESPIRITO SANTO.

Alto do Cemiterio de Januaria, 17-2-1906, numa barraca ao lado do cemiterio.

EMPREZA

CAXAMBÚ, LAMBARY E CAMBUQUIRA

Estas aguas são recommendadas pela illustrada classe medica no tratamento das molestias chrcnicas do tubo gastro-intestinal, nos estados morbidos dependentes de desordens de nutrição, nas affecções chronicas do estomago, nas *dyspepsias*, nos catarrhos gastro-intestinaes, na chloro-anemia, nas molestias do *figado*, dos *rins* e da *bexiga*.

Esta agua contém acido carbonico,
bi-carbonato de sodio, de potassio e de calcio

A' VENDA EM TODA A PARTE

Escriptorio central

= 20, ALFANDEGA, 20 =

RIO DE JANEIRO

A seda no Brasil

A seda poderia, não ser exportada, mas prover o nosso mercado, deixando no paiz avultadas quantias consagradas á sua importação. Em 1895 figuraram em a nossa Exposição os mais bellos exemplares dos *Bombyx mori*, fios e tecidos de finissima qualidade, creados aquelles, e tabalhados estes, por um industrial brasileiro. Entretanto, bem que a amoreira prospere perfeitamente entre nós, a sericultura teria cahido desde logo em completo abandono, se não fossem as colonias italianas, em S. Paulo, e nos Estados do Sul, que a praticam em mui pequena escala.

Esse abandono é tanto mais condemnavel quanto existe, em varios Estados, e notadamente no do Espirito Santo de onde é originaria, um Bombyx, a *Saturnia anxota*, vulgo *Porta-espelhos*, cuja seda, mandada analysar pelos fabricantes de Pariz e Lyon, foi considerada entre as primeiras, pela sua alvura, tenacidade, alongamento e espessura do fio. Não obstante, o *Porta-espelhos* não se conservou deslembrado em todos os tempos, nem sua riqueza textil escapou á videncia dos estadistas do passado : em 1815 era apenas vista e observada essa borboleta nas proximidades da igreja da Penha na então provincia do Espirito Santo ; dous annos depois, o governo animava com certa quantia a Paulo Fernandes Vianna e a Vieira da Victoria pelos estudos praticos da seda indigena, havendo até quem classificasse, no Brasil, sete especies de Saturnias serigenicas; em 1825, uma senatoria enviava a Pedro I larga facha desse tecido indigeno, com que o Imperador galhardamente volteiava á cinta a sua pesada *espada de gala*; affirmou-se mesmo que, no segundo reinado, muitas das vistosas colchas que ornavam as janellas em os dias de festas religiosas, eram de producção, dobagem e tecedura indigena; entretanto, apezar de tão animadores ensaios, continuámos a importar os tecidos do Bombyx mori, um dos artigos que mais pesam em a nossa balança économica. E, peior ainda, ninguem cogitou em criar o *Porta-espelhos*, que deve ser, em virtude de seu indigenato, menos sujeito ás molestias que o Bombyx mori.

PIRES DE ALMEIDA.

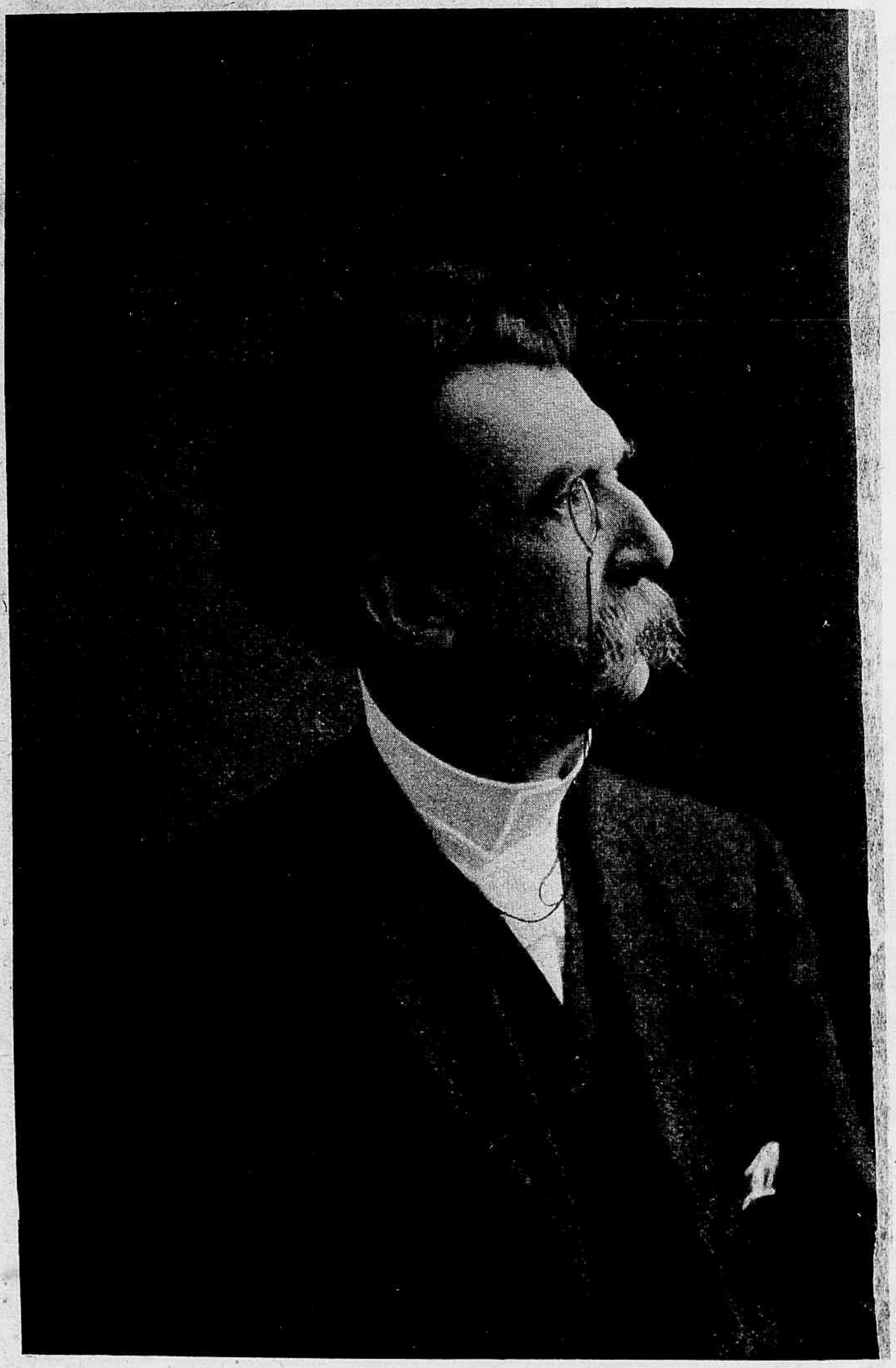
LOPES TROVÃO

Foi elle o mais querido, o mais popular de todos os propagandistas da Republica, e o unico, talvez, que ainda hoje conserva a mesma aureola de sympathia do outro tempo e de sempre.

Hoje a sua posição é de adversario que lucta contra a deturpação do ideal republicano, contra as olygarchias que se apoderaram do paiz, annullando o suffragio e a vontade nacional, contra todos os egoistas que se fizeram declarar *salvatores patriæ*, para á sombra do sophisma ou do crime tratarem dos seus interesses pessoaes.

Ha talvez exaggero n'esse juizo eloquente, mas demasiado severo. Comtudo, tanto vale conhecer o homem quanto vale estimar no seu devido valor psycholo-

gico a extensão e profundidade do seu pensamento. Lopes Trovão é o adv inimigo intransigente de todas as tyranias e de todos os egoismos, ainda d



Dr. Lopes Trovão.

les que a sociedade contemporanea tão hypocrita e defeituosa permitte e até aconselha. A sua piedade pelos opprimidos e pelas victimas transcende os limites da nossa especie e envolve carinhosamente todos aquelles que a brutalidade

humana aproveita e explora sem compaixão pela vida, que é afinal a propriedade universal de todos os viventes. Elle é o amigo dos humildes, dos desprotegidos, dos sem defeza, homens ou animaes, e a sua justiça é demasiado severa porque é demasiado ampla e profunda. A sua democracia não é só politica, é tambem a religião da natureza.

Quanto ao regimen politico actual tão differente do que havia ideado na phase da propaganda, os seus conceitos traduzem-se no estylo colorido e harmonioso que lhe é tão peculiarmente seu, na bella pagina que transcrevemos :

« Ha dezoito annos que, consoante o plano longamente meditado por Quintino Bocayuva, a Republica foi incruentamente proclamada pelo incontrastavel prestigio que sobre as nossas forças armadas exercia o maior soldado brazileiro — Deodoro da Fonseca! Da pratica do regimen com que ella nos beneficiou, o que temos nós obtido?

Ernesto Renan pedia dez annos para se habituar *á regarder un gouvernement comme légitime*, porque *c'est au bout de ce temps que les gouvernements peuvent se mettre á essayer quelque chose de bon. Jasque-là ils ne font que payer leurs dettes de premier établissement* ».

A nosso favor contamos mais oito annos sobre o prazo fixado pelo encantador sabio francez, o que não é excessivo para um povo, como o nosso, que, pela capacidade dos homens e experiencia politica e administrativa, não póde concorrer com o mais illustre e poderoso povo de estirpe latina. Em escambo, porém, na implantação do novo systema governamental não encontramos resistencias por parte mesmo da maioria absoluta daquelles que, ainda na vespera, lhe eram radicalmente infensos. Como se explica, pois, o esquecimento, o abandono, o menospreço com que, no facto, tem sido tratadas as doutrinas juridicas e moraes que foram na propaganda proclamadas basicas?

A hora primeira da proclamação da Republica foi uma hora de deslumbramentos Os homens, a quem a logica dos acontecimentos confiou a supremacia do poder, se houveram com a superioridade consummada de uns grandes actores que tivessem apaixonadamente e por muito tempo ensaiado o drama épico com que assombraram a plateia, tal a elevação dos actos que praticaram e a harmonia que puzeram no desempenho das suas funcções. Nao puderam fazer mais... porque os seus maiores vultos pouco se demoraram no scenario politico. Com tudo, no espolio que lhes herdou a nação, elles deixaram attestadas a comprehensão exacta do regimen e a nitida percepção das necessidades publicas, — fundamentalmente consagradas no projecto, d'onde sahiu a actual Constituição—obra que, por ser humana, tem senões, denunciados pelas exigencias da pratica, mas que, entre as suas congeneres, avulta com brilho e recamo sem eguaes na bibliotheca da legislação universal.

Depois delles... a montanha dos oraculos sagrados de José Bonifacio,—o moço, se foi aplainando na charneca em que campeam, como dominadores, as mediocridades que foram, que são e que continuarão a ser e com ellas a intriga e a insidia, todas as artimanhas da politicagem sem escrupulos. Isto não vale desconhecer a subsistencia no poder de homens de real valia... Esses, porém, lá estão como figuras de segundo plano e que, para lá se conservarem, tiveram de subscrever a quebra da propria hombridade, a retratação dos proprios ideiaes, o apagamento da propria individualidade. Os que não se submetteram foram postos de lado, relegados á vida obscura da multidão anonyma, condemnados á existencia privada dos que não pódem.—E' que, fiados na monta dos serviços prestados, no amor ás instituições, no desinteresse pessoal provado, nas mostras de capacidade accumuladas, isolaram-se como os leões e os leopardos, desavisados de que, no *struggle for life*, os animaes fracos vencem porque combatem em associações. A quasi totalidade d'esses proscriptos são velhos lutadores da

propaganda; e d'hahi vem que o povo adoptou a formulade que—*vivemos em uma Republica sem republicanos*, muito embora os adversarios irreconciliaveis da Republica teimem em levar á conta d'elles os desacertos e erros commettidos. Que pelo ostracismo curtido, dentro da propria obra politica, não se queixem dos ex-monarchistas com quem repartiram os despojos opimos da batalha, no dia da victoria. Estes são apenas os auxiliares dos seus co-religionarios que, na arriscada campanha contra o imperio, se conservaram invariavelmente na linha da retaguarda por inepcia ou temor; e, hoje, que o novo regimen lhes parece consolidado, para evitar confrontos que humilham vaidades e sobrelevam direitos a pretenções descabidas, tratam de os eliminar, sem preverem que acabarão tambem por ser eliminados pelos seus auxiliares, que são mais numerosos e incontestavelmente mais habeis. Podem continuar n'essa faina de destruição emquanto por ella não forem victimados.

O povo já se habituou a assistir, de bom humor, a este espectaculo desalentador e, com sorriso desdenhoso, a contemplar a enscenação em *salvatores patriæ* dos egoistas, sem ideias e de palavra espessa, que açambarcam tudo quanto rende em pecunia e honras, para viver confortavelmente na sornice do lar e em heróes dos pifios que, não tendo a coragem moral que lampeja no verbo cortante de Demosthenes, provaram que sabem imitar o immortal orador atheniense na tremenda refrega de Cheronéa. Perdeu o enthusiasmo da primeira hora e afinal quedou-se indifferente á sorte da Republica E' que, educado na escola do antropomorphismo politico, elle vê as instituições através dos homens que as incarnam... e, em boa parte, com razão, porque o homem está para a ideia como a electricidade para o accumulador :—sem este a electricidade não seria aproveitada na producção da luz e da força e a ideia sem a acção d'aquelle nunca conseguiria concretisar-se no facto.

Seria necedade pretender que os detentores da situação resignem os altos postos de mando em que se estabeleceram. Na vertigem das alturas ha forças de gravitação... que não se quebram facilmente; e muito custa á vaidade lisongeada e ao interesse supposto legitimado a perda da posição fruida. Mas podem fazer quasi tanto, consentindo que ajam com autonomia os espiritos de eleição que emparedaram nos seus corrilhos estreitos, egoisticos, sem ideias definidas nem altura de sentimentos e franqueando o terreno da politica official áquelles, pelo menos, a quem a vontade popular conferiu poderes para analysar os seus actos, discutil-os e affeiçoal-os ás conveniencias geraes.

Isto... assim como está, é uma olygarchia que preme e suffoca como um pesadelo, tanto mais intoleravel quanto, para se conservar unida e resistente, ella se occupa exclusivamente do seu eu... dando dupla interpretação á mesma lettra do nosso estatuto fundamental, derogando leis que reformou hontem para as modificar amanhã, lançando, d'est'arte, a anarchia na vida moral, administrativa, economica e financeira da nação. Com este processo no governo ninguem se julga seguro... Todos—individuos e classes—andam sobresaltados, sem confiança no postridio, temerosos de serem surprehendidos por uma d'essas soluções com que o imprevisto castiga os povos que não obrigam os seus dirigentes a marcharem pela larga estrada recta da verdade, da justiça e do direito. E' a instabilidade por funcção principal da sociedade e que tam graves males tem causado, sobretudo ás democracias puras, entregando-as ao protectorado estrangeiro ou submettendo—as á dictadura militar.

A Republica não póde ser isso.. porque não foi na monstruosa esteatopygia da Venus Hottentote que os seus apostoladores puzeram as promessas que fizeram ao Brasil, mas na união da vida com a graça, do movimento com a harmonia, da elegancia com a magestade que o artista imprimiu no perfil seductor da Diana de Gabias..

LOPES TROVÃO.

Metros barbaros

No *Almanaque de 1907*, a proposito da innovação dos hexametros na lingua portugueza, referimos-nos a tentativas analogas ja realizadas nos começos do seculo XIX por dous poetas, José Anastacio da Cunha e principalmente Vicente Pedro Nolasco.

A este metro pertence entre outras producções a *Elegia ao General Moreau*, publicada no *Investigador portuguez*, de 1813, a qual assim começa em hexametros alternados com pentametros, segundo a metrica dos gregos e latinos:

Veos funebres da Morte, que fulgurando nos astros,
Cá sobre a terra palida sombra cobre,
Dai-me que subindo ás fontes da etherea vida
Mysterios sonde, que avido o Ceo recata
Da humana sorte os quadros notando medonhos.
Fluctua a Mente, pavido o seio treme.
Fins occultando mostra a Providencia meios
Que aos mortaes olhos cega vereda traçam.
Por ella a Razão marchando, vacilla, tropeços
Acha da verdade na escurecida rota.
Da sordida Cubiça, da Tyrania cruenta
Cahir nas garras a Integridade vemos.
Com torpe jubilo folgando o Crime triumpha
E em pranto, e ferros a humanidade geme.
Na horrenda alluvião de males que a terra desolam.
Náufraga a virtude quasi que o termo toca.
Feios mais que Egypcia treva, de lucto cobertos
Os tristes dias da Escravidão negrejam.
Ja curvo de crueis Tyranos á ferrea vara
O genero humano vira de pranto dias.
Nesses, que inda a Magoa aponta, de Emacia campos
Onde hostes patrias crua peleja abriram,
Ao Crime jus, triumphos á Infamia dando,
Co' insulto a Sorte quiz macular os evos.
O rigido inimigo da Prepotencia dura
O censor fero d'horridos arbitrios,
Catão firme expira; e co' a liberdade caindo
Resigna os foros d'alta nobreza humana
Não menos em crimes fertil; mais negra no lucto
A idade nossa fez Tyrania crua.

O Dr. Affonso Penna e a Graphologia

Um curioso que acredita na sciencia da graphologia, hoje aliás muito bem reputada, remetteu alguns autographos do Presidente da Republica para servirem de estudo ao Sñr Crépieux-Jamin, o mais notavel talvez de todos os graphologos contemporaneos.

A resposta, feita apoz maduros estudos, envolve affirmações que parecem

muito concordes com os factos, pelo que se conhece da vida intima e publica do notavel politico que hoje preside os destinos do Brasil.

O teor da resposta que transcrevemos, para maior fidelidade em francez, é o seguinte :

L'écriture que vous me soumettez, appartient à un homme très intelligent et très actif. Il a de la véhémence en même temps que de la retenue, c'est-à-dire qu'il possède la maîtrise de lui-même, tout en ayant une nature fougueuse. C'est que la réflexion s'allie dans son esprit à une rare vivacité d'impression. Sa nature émotive exalte ses qualités, son imagination les féconde, pendant que son esprit remarquablement clair classe les nouvelles acquisitions avec une méthode sûre. Ce n'est pas une organisation de savant, mais il aurait pu devenir un savant; il est de ceux qui sont assez bien doués pour réussir en tout. Cependant, s'il faut montrer la caractéristique la plus saisissante de sa nature, c'est l'habileté. Il est très fin, très avisé, très observateur aussi. Sa compréhension est rapide comme l'éclair ; il n'a pas besoin de faire effort, il comprend tout de suite et naturellement. Mais, de son côté, il ne se livre pas. Son habilité consiste justement à jouer serré avec toutes les forces d'une intelligence vive et avec un naturel, une simplicité qui débordent sur le caractère.



Dr. Affonso Penna.

En effet, il n'y a pas d'homme plus complexe, intellectuellement mais plus simple moralement. La complexité est dans tous les résultats de sou esprit, mais la simplicité est un de ses moyens principaux. Il est un peu fuyant et insaisissable, à cause de cela; on ne discerne pas toujours sa pensée nette et cependant il reste naturel, parce que sa manière d'être ne provient nullement d'un calcul, c'est l'effet du jeu de ses qualités.

Dans ces conditions l'insaisissabilité a très peu de retentissement sur la droiture, celle-ci se manifeste autrement, par la clarté, par la simplicité.

Nul doute que si la réserve paraît être chez lui une qualité très estimée, la franchise, l'horreur du mensonge ne soient aussi très goûtées. Cela ne l'empêche pas d'être malin, adroit d'habileté loyale.

Son énergie est faite tout à la fois d'élan et de continuité.

Il n'a pas une volonté farouche, mais une activité profonde, sans cesse renaissante; on ne l'accusera sûrement ni de lenteur, ni de paresse ! Parfois il est bien capable de donner un coup de collier ardent, mais enfin, la forme la plus habituelle de son activité c'est la persistence vive et sereine à la fois.

Cette personnalité si bien douée, si riche et si dénuée d'orgueil et de présomption,

est singulièrement attachante. Elle a des délicatesses de femme, avec la vive impulsion d'un homme supérieur.

Les opiniâtretés sont remarquables et suffiraient à elles seules à le classer dans la supériorité.

Maintenant, dire qu'il est toujours sage ce serait trop dire. Il a une nature passionnée et si parfaitement équilibrée qu'elle soit, la passion reste une source empoisonnée.

Je vous prie de croire à mes sentiments les plus distingués.

O LYCEU MARANHENSE

O Lyceu Maranhense funcciona em uma casa de sobrado, sem realce algum de architectura, com a face principal para a rua Formosa, e a lateral para a rua Direita.

Em 1823, o padre Domingos Cadavilla Velloso, professor de primeiras lettras, provido por Bernardo da Silveira Pinto, dava aula no corredor da igreja do Rosario, e em 1828, funccionava a de latim na Santa Casa da Misericordia.



O antigo Lyceu do Maranhão.

Depois foi melhorando com a fundação de outras escolas tanto publicas como particulares, até que em 1838, no governo do Commendador Vicente Pires de Figueiredo Camargo, ficou resolvido pela lei provincial n. 77 de 24 de Julho do referido anno, a creação de um Lyceu. Começou a funccionar no anno seguinte no pavimento terreo do Convento de Nª Sª do Carmo, em frente ao largo do mesmo nome, matriculando-se desde logo muitos alumnos.

Contava de 10 cadeiras : — latim, francez, inglez, geographia, grammatica philosophica, philosophia racional e moral, rhetorica, mathematica elementar, commercio e historia.

Foi seu primeiro director o notavel philologo maranhense Francisco Sotero dos Reis.

E ahi beberam o conhecimento das humanidades muitas das celebridades da sciencia, da literatura e da politica brasileira.

D. João VI

Um illustre possuidor de autografos da nossa historia e residente na Bahia, publicou ha pouco e com annotações da sua lavra, a seguinte e interessante carta do tempo de Dom João VI, no Brasil.

« Amigo Manoel Ignacio (1) — Cuidado em não mostrar *à tout le monde*. — Já lhe tenho escripto e sempre o farei, pois sou seu amigo e tenho toda certeza e provas de que é meu; eu vou por ora passando bem, logro muito boa saude, e soffro unicamente os incommodos de pretendentes que são menores que os de Lisboa, pois ao menos os secretarios de Estado não moram no fim do mundo e ainda que algum more mais distante, vem sempre á secretaria e ha occasião de falar-lhe.

Muito tenho lamentado aqui a sua falta para analysarmos esta *Corte dos balaios* e uma celebre espera que se faz todas as noites no paço até chegarem as pessoas reaes, que se compõem do principe pai (2) e filho (3), do infante (4), da infanta (5), casada com o infante (6) de Hespanha, almirante-general, moço galante, bella figura, amigo de José Machado Pinto (7);



O Pe José Mauricio no palacio do rei D. João VI (Tela de H. Bernardelli).

disse que se compunham as pessoas reaes daquellas nomeadas, porque a rainha (8) não é desta sociedade, sae com uma

(1) *Manoel Ignacio da Cunha Menezes*. visconde de Rio Vermelho, senador do imperio pela então provincia da Bahia. onde nasceu e prestou relevantes serviços á causa da independencia e na administração publica, gozando de grande prestigio e importancia em seu tempo.

(2) D. João VI.

(3) D. Pedro I.

(4) D. Miguel de Bragança.

(5) D. Maria Thereza.

(6) D. Pedro Carlos de Bourbon, que era sobrinho de D. Carlota, a doida, e casou em 1810, no Rio de Janeiro, com a infanta D. Maria Thereza contra a vontade de sua tia e sogra. Falleceu em 1812 e com bons fundamentos ha supposição de ter sido assassinado, por ordem de D. Carlota, pelos embaraços que os inglezes lhe crearam á pretensão do throno de Hespanha.

(7) José Machado Pinto, almoxarife na Bahia.

(8) D. Maria I (a piedosa), rainha de Portugal, pelo fallecimento de seu pai D. José I em 1777, foi a primeira mulher que nesse paiz teve o

Mona (9) conhecida por V. — Condessa do Real Agrado (10), a infanta doida (11) com outra que tal, a princeza viuva (12) com a bella dama filha do Lavradio, e a Carlota (13) com toda comitiva dos pequenos, e parece tudo anda em divorcio. Veja nos meus dias a confusão de Babel, aqui não ha ordem, tudo trabalha em contestações de autoridades; immensos almirantes, vice-almirantes, chefes de esquadra etc. Soldo está na tinta, e com razão, pois a esquadra portugueza deve chamar-se esquadra subtil.

O estado-maior é hoje estado infinito, tambem nada de soldo, só o cobram aquelles que estão em algum exercicio, mas a magistratura que tem sempre exercicio não vê real; aqui só em salitre para Carlota fazer agua fresca anda por quatro mil cruzados annuaes e o mais á proporção; bestas mil e tantas.

Vamos aos habitos, já se não querem no Rio, agora tudo é commendador, ha casaca e farda onde não cabe mais nada, são verdadeiramente taboletas de ourives, cheias de placas, finalmente é commendador um Manoel Luiz que no governo do Lavradio tocou fagote em um regimento e no theatro e foi alcoviteiro do mesmo Lavradio; e no governo do conde de Rozen era capitão de ordenanças, e o seu bobo na occasião de tomar o café depois de jantar, e além de commendador é brigadeiro e moço da camara e apesar de tudo ainda é emprezario e dono do theatro, e em dias de beneficio ainda quando ha motim por bilhete elle apparece a dar as providencias e ouve xufa tremendissima; deste lote ha muitos commendadores, que ainda vão á Alfandega ajudar os seus caixeiros a procurar fardos; tudo aquillo que se respeitava é com que se premiavam as pessoas de alta nobreza, e áquelles que se punham proximos a essas pessoas, pelos seus relevantes serviços, está muito ridiculizado; d'aqui vem apparecerem immensos pasquins como o da porta da casa do Sr. Manoel Luiz que vai transcripto :

Quem desejar
Ser commendador,
Toque fagote
Ou seja tambor.

Entram as baronias tambem a pôr-se no mesmo estado; quem me diria que eu havia ver o Targini (14) commendador, e conselheiro! Isto já era coisa milagrosa, ser então o Sr. barão, é para mim annuncio do fim do mundo, conhecendo eu em Lisboa em que estado! Não escapou o Sr. barão de Lourenço e teve mais de um; é um delle:

Por seres ladrão
Saiste barão,
Teu furto se esconde
Sairás conde;

Depois que a baronia entrou a rubricar certos papeis do erario com as duas letras B. L., sem por o Santos do S, teve mais um :

O bom ladrão no Calvario
Deu cabo de Jesus-Christo,
O bom ladrão no erario
Dá cabo de tudo isto.

---

sceptro real. Era casada com D. Pedro, seu tio, e em 1º de março de 1792 entregou a administração do reino a D. João, seu filho, por ter fallecido o primogenito D. José, em 1787, e pelo seu grave estado de alteração mental.

(9) Não podemos penetrar na accepção em que é empregado o termo porque usaram-no, tambem, para exprimir pessoa feia ou que andava sempre junta com outra.

(10) Não tivemos elementos para verificar a quem se refere.

(11) D. Mariana Victoria, filha da rainha, viuva do infante de Hespanha, D. Gabriel e mãi do infante D. Pedro Bourbon.

(12) D. Maria Francisca, viuva do principe do Brazil D. José, herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, que falleceu, aos 27 annos, em 24 de setembro de 1788, e irmã da rainha.

(13) D. Carlota Joaquina, infanta de Hespanha, filha de Carlos VI, foi rainha de Portugal, por ter-se casado com D. João VI, em 25 de abril de 1785 e viveu sempre em casa separada do seu marido, tendo em sua companhia alguns filhos e o infante D. Miguel.

(14) F. Targini, visconde de S. Lourenço, foi thesoureiro mór, director supremo da fazenda e do erario, que delapidou e por isso foi preso.

Não obstante emendar a mão accrescentando a letra S que lhe faltava, teve o Sr. barão outro presente :

O bem sabido Iadrão
Deu cabo de Jesus-Christo,
O bem sabido Iadrão
Dá cabo de tudo isto.

Um Sr. Azevedo (*) que tambem é commendador da Torre de Espada do rancho dos fieis vassallos, que por amisade ao principe o acompanhava e que é já conselheiro, e que tem o mais que tudo que é ser almoxarife do Paço, tambem mereceu a attenção do respeitavel publico, e como a materia pertencia ao verbo *surripio* não pôde deixar de entrar o Sr. barão de S. Lourenço :

O Azevedo rouba o Paço,
O Targini rouba o erario
E o principe bem satisfeito
Vai caminhando ao Calvario.

Morreu o Sr. conde de Linhares (15) e durou doente unicamente tres dias, e assim devia ser, morreu do mesmo modo com que criava juntas, foi o seu medico, aquelle Dr. Bernardo que casando com uma das senhoras da familla dos Velhos e tendo um dinheirão, ainda é medico, tudo por avareza e é verdadeiramente um *Monsieur Guilhotin* ; creio que se ha de lembrar deste doutor, que foi hospede de meu irmão e que estivemos na sua armação junto com o Matheus. No dia do enterro do Sr. Linhares, appareceu pregado na porta da rua um quarto de papel em ar de escripto para alugar a casa, e isto fazia com que acudisse a ver-se se era realmente signal de alugar a casa, e lia-se então :

« Amigo do principe e da Nação?... » Os filhos assentaram que era um elogio a seu pai e deixaram o bilhete alguns dias sem reflectirem nos pontinhos, appareceu por baixo esta interrogação.

De que Nação?

No mesmo dia do enterro do Sr. Linhares teve o Sr. conde de Aguiar (16) um mimoso convite e foi em meia folha de papel de Hollanda pregada na sua porta, com letras muito grandes :

Citado para morrer quando morreu o Sr. Linhares, estava S. A. na ilha chamada do Governador, teve grande sentimento e derramou suas lagrimas; nesse mesmo dia partiu logo para a ilha o lord Strangford (17) e eu estive com elle em um quarto no Paço, onde se acham os officiaes empregados nas ordens, em que elle veiu esperar o escaler e vi derramar immensas lagrimas e desde então não tem largado o principe um só dia; ainda estando S. A. na ilha mandou passar a pasta do Sr. Linhares ao Sr. conde Galvêas (18) e receioso que este se escusasse, escreveu-lhe um bilhete todo de sua letra, pedindo-lhe muito aquelle favor; a tanto tem chegado o principe pela sua nimia bondade! Fez lhe o obsequio de aceitar e, apesar de estar tambem doente, e talvez dure pouco, com molestia de nervos e

---

(*) Acreditamos tratar do fundador do Museu Nacional.

(15) D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, fez parte do primeiro ministerio organizado no Brazil e occupou a pasta da marinha e fazenda, onde sua acção foi decisiva e benefica. Devem-se--lhe em grande parte todos os melhoramentos iniciados no seu tempo. Falleceu no Rio de Janeiro e gozava de pouca sympathia de D. Carlota, que o tratava por *Torbelino*, Dr. *Trapalhada* e Dr. *Barafunda*.

O *Correio Braziliense* criticou muito o emprego da locução *poisque* que fazia esse ministro nos decretos e cartas regias, por ser do francez *puisque* e não ter sido usada por classico algum.

(16) D. Fernando José de Portugal, conde de Aguiar, gouvernou a Bahia como capitão general de 1788 até 1792 e como vice-rei o Rio de Janeiro de 1801 a 1806, foi o encarregado da pasta do reino no primeiro ministerio.

(17) Strangford, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Inglaterra, acompanhou as côrtes para o Brazil e exerceu ascendencia paternal em todos os seus negocios.

(18) D. João de Almeida, conde das Galvêas, substituiu em 1810 o conde de Anadia na pasta da marinha, e serviu na metropole no cargo de ministro e secretario de Estado. D. Carlota o appellidara *El Partorino*. Tinha habitos desregrados e muito apreciava a *inversão* das leis naturaes.

com continua febre, tudo causado pelos excessos de..... comtudo, torno a repetir, apesar da molestia tem feito muitos despachos que estayam na secretária do Sr. Linhares e pela primeira vez deu logo á luz setenta e cinco despachos e foram setenta e nove escusados, e um : « Espere pela informação do governador » e anda em contestações como o Sr. infante e almirante general da esquadra subtil, querendo que as nomeações dos intendentes de marinha pertençam á sua secretaria e não ao infante, e nem o infante tem energia para representar ao principe como deve, e nem este para resolver ; o mesmo despacho de José Machado Pinto para almoxarife da Bahia, cujo decreto está lavrado e muito interessado pelo Machado o infante, o Galvêas tem por muitas vezes empatado na assignatura; são muitas as promoções para ministerio de Estado; dizem que por vontade do Sr. conde de Aguiar passará o Galvêas para a secretaria do Linhares, e o cavalheiro Araujo (19) para a do Galvêas; dizem outros que o lord Strangford quer que seja o nosso ministro que está em Londres (20) e que este é rendido pelo Calhariz, o Sr. conde dos Arcos (21) e que este é rendido pelo conde de Palma, (22) que está no governo de Minas-Geraes; seja quem for o ministro que se nomear, ha de ser muito á vontade do Sr. Strangford, que não larga o principe, o que me não admira, pois é ministro de uma côrte que tem negocios a tratar, o que me espanta é ver o nuncio (23) todas as noites ferrado ao principe, só se pretende fazer alguma nova coisa sobre indulgencias; parece ter já escripto muito, do que fica escripto infira o mais. Se não morre D. Rodrigo, estava Pedro Alexandrino já despachado, e eu estou bem persuadido que até os decretos ficaram lavrados, e Pedro graduado em brigadeiro, o filho coronel de milicias, com o soldo por inteiro de capitão, e uma carta regia para se cespar e ficar sem minoria alguma um Aviso que está na secretaria desse governo; D. Rodrigo tratava-o muito bem, e o principe recebe-o com muita distincção entre todos os demais, e apesar da falta de D. Rodrigo, ha de conseguir tudo porque o principe mostra mesmo desejos de despachal-o; Luiz da Cunha Sandes, creio que brevemente irá com o seu despacho, elle consultou commigo logo que me entregou sua carta, e eu lhe dei o parecer de que procurasse o João Ferreira S. Paio, com quem elle havia servido na junta de fazenda e que por elle conseguia tudo, e creio que se não deu mal com o meu voto, aqui lhe fiz tambem um requerimento para o irmão major em que pede de passar no seu mesmo posto aggregado a um regimento de linha ou tenente-coronel do seu regimento com o soldo de trinta e seis mil réis, com o Linhares não duvido houvesse de conseguir, mas o Galvêas não haverá essas graças. Hoje o ultimo dia de entrudo, coisa furiosa neste paiz e amanhã principia o tempo santo, e que bastante incommodo me dá por causa dos jejuns, mas como não se ganha a bemaventurança sem mortificações, que remedio tenho sendo a coisa que todo verdadeiro christão aspira? Divirta-se, coma os bellos perás ao fresco da sua varanda, que espero

---

(19) Antonio de Araujo Azevedo, conde da Barca.

(20) D. Domingos de Souza Coutinho, que se acha em Hespanha, e outros que não é o Calhariz quem o rende, mas sim irmão do conde de Linhares.

(21) D. Marcos de Noronha Britto, 8º conde dos Arcos, que governou a Bahia de 1810 a 1818 e talvez que nenhum com mais direito ao agradecimento dos brazileiros pelos beneficios que prestou. Longo seria enumeral-os, mas basta citar a Bibliotheca Publica, Praça do Commercio, o apparecimento do jornal *A Idade de Ouro* e a introducção da primeira machina a vapor, para que se aquilate o valor intellectual desse grande espirito naquella época. Foi o successor do conde de Linhares.

(22) D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, governou a Bahia de 1818 a 1822 em substituição do conde dos Arcos e para esse governo foi transferido de Minas Geraes. Foi trabalhador e prestou alguns bons serviços.

(23) D. Lourenço Caleppi, arcebispo de Nizibi, nuncio apostolico da Santa Sé.

brevemente ter o gosto de lhe ajudar a comer um, pois se as esperanças bem fundadas valem de alguma coisa, e isto encaminhado por um amigo que apesar do seu Placa, se lembra do tempo de condiscipulo e que trata a gente com muita cordialidade, posso dizer que irei despachado : esse amigo é o Freitas (24), o carcunda que foi nosso condiscipulo e é official maior do Galvêas. Viva o senhor, a sua engeitadinha e os seus commodos. Amigo saudoso — *Francisco Joaquim*, (25) — Rio, 11 de fevereiro de 1812.

(24) José Joaquim da Silva Freitas.

(25) Francisco Joaquim Alves Branco Moniz Barreto, magistrado, sogro que foi do senador do imperio e poeta Octaviano de Almeida Rosa.

Epigrammas

I

« A propriedade é um roubo ! »
Sustentava o Joaquim Lobo,
Emquanto não tinha nada. .
Hoje, rico, diz o bobo :
« A propriedade é sagrada ! »

II

Se Amor, que nasceu rapaz,
E' de condição ferina,
E faz o estrago que faz,
Ninguem, por certo, imagina
Do que seria capaz
Tendo nascido menina !

III

Com o velho Zé Maria,
Casou a ladina Rosa,
A qual, ao seguinte dia,
Disse ás amigas : « Eu cria
Que um marido era outra cousa ! »

IV

Aqui jaz uma mulher,
Cujo officio era jazer.

V

Tenho, ha muito, um tio em Roma,
Frade de Santo Agostinho ;
E' perdido por mulheres,
Tal e qual como o sobrinho.

VI

Se a amigos me vou queixar
De quanto esteja a soffrer,
Não é por me lamentar ;
Mas sim por lhes dar prazer.

VII

Deu-nos Deus a paciencia
Em tão pouca quantidade,
Que mesmo empregando toda,
Sempre nos falta metade.

VIII

Aqui jaz André Clemente,
Em improvisos artista,
E que foi tão repentista,
Que até morreu de repente.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

Approvada pela Directoria Geral de Saude publica

TONICA, ANTI-FEBRIL E APERITIVA

Receitada pela maioria dos Snrs Medicos

GRANADO & Cia

Rua 1° de Março n° 12

RIO DE JANEIRO

SCENA DE UM DRAMA (1)

SILVEIRA e BARBARA.

BARBARA. — Não o esperava hoje, meu pae.

SILVEIRA, *dando a mão a Barbara, que a beija.* — Tinha um negocio por perto e aproveitei para dar por cá uma chegada. Os pequenos, a nossa *princeza?* O Alvarenga já vi antes de entrar.

BARBARA. — Todos bons. A *princeza* está na lição de musica. Mamãe? (*Senta-se*).

SILVEIRA. — Sem novidade. Apenas cuidadosa por causa de ti e de teu marido.

BARBARA. — Por nossa causa?

SILVEIRA. — Eu te conto. Chegaram aos nossos ouvidos certos rumores ácerca de um projectado movimento contra a actual ordem de coisas na capitania e ao qual nao é estranho o Alvarenga. Sabes a que estado chegou a excitação dos espiritos com o nefasto governo de Luiz da Cunha Menezes, contra quem não foram poucas as queixas.

BARBARA. — Nem as satyras.

SILVEIRA. — Dizes bem. Por ahi andam, em repetidas copias, as celebres cartas bem conhecidas de teu marido e de collegas seus...

BARBARA. — AS CARTAS CHILENAS, *em que o poeta Crituio conta a Dorotheu os factos de Fanfarrão Minezio, governador do Chile.*

SILVEIRA. — Isso mesmo. Em vez de *Chile*, diga-se Minas, em vez de *Minezio*, Menezes. Em seu governo, dizem que teve este uma denuncia de que se aprestava um levante na capitania, ao qual nao se dignou dar attenção, certamente por julgal-o chimerico. O Barbacena pode querer ir mais longe do que seu antecessor e avolumar o que talvez careça de importancia. Deves, pois, advertir o Alvarenga nesse sentido, para evitar qualquer compromettimento de consequencias graves para si.

BARBARA. — Confesso-lhe, meu pae, que elle se preoccupa devéras com a sorte desta terra, que é uma parte do Brasil, nossa patria. Que é Minas o assumpto constante de sua conversação com os amigos...

SILVEIRA, *atalhando.* — Deste numero é tambem esse Joaquim Silverio ou *Salterio*, como lhe chamam e que eu, ainda ha pouco, encontrei ahi?

BARBARA, *rapida.* — Não. Esse, não. Esse não é amigo. Esse, Alvarenga afastará quanto antes. (*Com a voz habitual*). Refiro-me a outros: o Dr. Claudio, o desembargador Gonzaga, o tenente-coronel Franscisco de Paula, o Dr. Alvares Maciel, o Dr. Domingos Vidal, o vigario Corrêa de Toledo, o conego Luiz Vieira...

SILVEIRA. — Todos os que se suspeita quererem o movimento a que me referi, sendo o mais empenhado nelle um alferes que tem alcunha e que anda sempre em viagens...

BARBARA. — O Tiradentes ou antes o alferes Joaquim José da Silva Xavier, apresentado a Alvarenga pelo tenente-coronel Francisco de Paula, a cujo regimento o mesmo alferes pertence. E' um caracter são e ardente amigo desta terra, pela qual não duvidará sacrificar-se.

---

(1) LIBERTAS QUÆ SERA TAMEN. — Drama em quatro quadros, baseado na conjuração mineira de 1789 (inédito).

SILVEIRA. — Já vejo que tudo sabes e deves comprehender que não são sem fundamento os nossos cuidados.

BARBARA. — Não se assuste, meu pae. As coisas seguirão a marcha que devem seguir. Tenho confiança na santidade da causa.

SILVEIRA. — E' preciso que a sensibilidade e a phantasia não supplantem a prudencia. Deves sabel-o e teu marido ainda mais. Deante delle, hei de tornar ao assumpto com mais insistencia. (*Levantando-se*). Vou arrancar Maria Ephigenia ás garras do mestre.

BARBARA. — A lição hade estar no fim.

SILVEIRA, *parando antes de entrar na porta, á esquerda.* — O baptisado de Tristão é sempre para o mez?

BARBARA. — Deve ser, porque o Gonzaga, que é o padrinho, pode resolver, de um dia para outro, ir tomar posse de seu logar na Bahia.

SILVEIRA. — Mesmo sem casar?

BARBARA. — Não lh'o sei dizer, meu pae.

SILVEIRA. — E'que *Murilia* não havia de gostar de que *Dirceu* partisse sem ella.

BARBARA. — De certo.

(*Sáe Silveira*). A. C. CHICHORRO DA GAMA.

Os nossos banqueiros

Qual será a fortuna dos Rothschilds?

Sabe-se que as diversas casas Rothschild e Irmãos são associadas entre si, havendo, na realidade, uma casa bancaria unica, com sédes ou successores em Pariz, Londres, Francfort e Vienna.

A casa franceza, fundada pelo Barão Jayme, foi por elle legada aos seus cincos filhos, a cada um dos quaes coube a somma de setecentos e quarenta e quatro milhões; sendo, portanto, o ramo francez representado por tres bilhões sete centos e vinte milhões. Não havendo differença na situação financeira dos quatro fundadores das differentes casas, segue-se que a fortuna global dos Rothschilds é, approximadamente, de dezeseis bilhões de francos.

Empregada a cinco por cento, que é uma taxa minima, essa fabulosa quantia produz uma renda annual de oitocentos milhões de francos. Os Rothschilds podem, portanto, despender setenta milhões por mez, dous milhões e duzentos mil francos por dia, noventa e dous mil francos por hora, cinco mil quinhentos e trinta francos por minuto, utilizando-se bem entendido, unicamente de suas rendas.

Londres

Num artigo intitulado *A quem pertence Londres?* conta a *Humanité* que a capital da Inglaterra é hoje propriedade quasi exclusiva de um quadrumvirato de grandes ricaços: Duque de Westminster, Duque de Portland, Duque de Bedford e Visconde Portman.

Lord Portman possue 2.000 casas, espalhadas sobre cerca de cem hectares da Westd End, um dos mais ricos bairros de Londres. Em 1888, tendo expirado os arrendamentos dessas 2.000 casas e, como o preço dos predios tivesse augmentado consideravelmente, poude elle *sextuplicar* o preço dos seus alugueis.

Quasi ao lado da propriedade de Lord Portman, encontra-se a do Duque de Portland. Os alugueis deste representam a ninharia de réis 7.200.000$ por anno.

Os dominios do Duque de Bedford comprehendem os bairros que cercam o British Museum: Covent Garden, Bloomsbury, etc. E' sobre a sua propriedade que se encontram tambem os mercados de Londres, os quaes constituem o maior rendimento do Duque. De cada cesto de cerejas que se vende

nos mercados, recebe o Duque um penny. Parece que não é nada; mas, applicado a todos os fructos, esse penny representa por anno a somma de 150.000$000.

O mais rico de todos é, porém, o Duque de Westminster. O seu ducado comprehende nada menos de 12.000 hectares e as suas propriedades londrinas representam 350 hectares. Assim, já se calculou que o filho recem-nascido do nobre Duque poderá um dia gastar 15$ por minuto.

E dizer que Londres é uma das terras onde morre mais gente de fome...

Salve, Regina!

Rainha dos apostolos, dos santos,
Dos martyres, das virgens, dos prophetas,
Teus predicados sem iguaes são tantos
Que listas mil ficáram incompletas!

Enxugadora dos afflictos prantos,
Confidente das magoas mais secretas,
No céo, aos anjos tu inspiras cantos;
Na terra, as ondas das paixões aquietas.

Sim! E's refugio maternal das dôres;
Mãe de Misericordia, os peccadores
Em ti a mãi das mãis sublime têm...

Recorro, pois, com fé, com ufania,
Ao teu carinho, ao teu perdão, Maria,
Que és mãi de Deus, e minha mãi tambem!

Affonso Celso.

A Camões

Mestre divino, humilde sou, pequeno
Sou para erguer meu verso a teus altares,
Tão altos como a gloria e singulares
E onde vives olympico e sereno.

Morra-me a voz, si ousar com rude aceno
Louvar todo o esplendor com que cantares,
Ora o fragor da guerra, a ira dos mares,
Ora a doçura languida de um threno.

Nem no Gama a sulcar o oceano extenso,
Nem na tua tristissima desgraça,
Lendo o excelso poema, altivo penso.

Penso na lingua eril que nos congraça,
No futuro da raça a que pertenço,
A tua, a minha, a lusitana raça.

Bruno Barbosa.

Os mythos solares dos Indios

MICHAUD E D'HUMIAC assevera em LES GRANDES LÉGENDES DE L'HUMANITÉ que se as creações poeticas de um povo são uteis ao historiador como affirmações de sua intellectualidade, não é menos valioso o estudo de seus Mythos como documentos psychologicos. A Illiada é a nota bellicosa da alma grega; Psyché é a sua nota emocional. Completam-se.

Antes de HUMIAC, as investigações da archeologia prehistorica tinham levado a attenção dos scientistas para o exame do homem primitivo, estudado através dos fosseis, de monumentos megalithicos e dos instrumentos de silex, bronze e ferro encontrados em escavações realizadas a principio, na França, depois na Inglaterra. E, como consequencia necessaria a essa ordem de estudos, a anthropologia occupara-se do selvagem, e sua organização social, familia, costumes, tendencias, paixões, lendas, praticas religiosas, tudo fôra examinado á luz de uma critica scientifica, imparcial e rigorosa.

Robustecida, então, com os elementos encontrados, pôde a anthropologia, pouco a pouco, determinar o papel do homem no mundo physico, estudar as reciprocas influencias do individuo e do meio, aproveitar mesmo os documentos psychologicos espalhados em toda parte nas lendas e mythos. E deste modo precisou-se o gráo de sua mentalidade e uma revolução se fez em sciencia.

Verificou-se, com effeito, a unidade dos mythos e lendas, todos os quaes divergem de um tronco commum, que parece ser o aryano, e esboçaram-se as phases da evolução do pensamento, precisadas por AUGUSTO COMTE na conhecida lei dos tres estados. Viu-se, ainda, que, acompanhando as manifestações do pensamento—gradativamente, theologico, metaphysico e positivo, as sociedades, organizando-se sob a influencia da guerra, partem da pesca para o pastorcio e para a agricultura, desde as idades paleolithica e neolithica, ás idades do bronze e do ferro. Aceitou-se isso, e facil foi reconstituir as impressões soffridas pelo homem nos primeiros dias de sua assistencia no planeta.

Lançado á face do mundo, no periodo quaternario de sua formação, testemunha passiva das supremas convulsões que devem ter agitado a crosta da terra, elle viu, certamente, sem poder explical-os, uma serie de phenomenos que a principio o admiraram e, depois, o aterrorisaram. Durante o dia, lembra OLIVEIRA MARTINS, o aspecto das mattas, durante a noite, o aspecto maravilhoso do céo, o somno e os sonhos, o impressionaram fundamente, pondo em conexão intima o mundo objectivo e o mundo subjectivo.

Apparecem, nesse momento, mythos religiosos. O temor do desconhecido prostra o selvagem e gera as primeiras idéas animistas. Deus surge, sem forma, do terror. Ainda não é zoonisapho, como entre os egypcios (por que não citarei tambem, entre nós, os orizes?) nem axthropomorpho como entre todos os povos que aceitaram a cosmogonia mosaica. E', lê-se nos MYTHÓS RELIGIOSOS « é uma interpretação animada de um astro distante de um phenomeno cuja theoria se desconhece. »

D'ahi, o caracter psychico e astral da mythologia na infancia dos povos: astral, sobretudo, porque as impressões do mundo externo primam sobre as do mundo interno. E é assim, dentro do concerto e das harmonias da natureza, que o homem experimenta pela primeira vez as distincções abstractas do bem e do mal—fundamentos futuros da moral.

Osiris, lembra DRAPER, é o deus bemfazejo. Typhon, é o perverso — no Egypto. Deus e o diabo, entre os latinos, são os dois termos oppostos. Tupan e Anhangá, o são, tambem, na maioria das tribus tupiguaranys. Um é o dominador das chuvas,

da colheita e da abundancia : o outro governa o soffrimento, a miseria e o lucto. Um symbolisa o sol, com as suas claridades e esplendores : o outro symbolisa a noite com os seus mysterios e perfidias.

E' interessante observar que, nesse periodo da evolução humana, o sol e a lua são deuses inimigos. Durante os degraos assignalados, isto é, emquanto o homem vive, apenas, da pesca, da caça ou do pastoreio, preferindo a noite ao dia, e as mattas sombrias ás campinas, a lua é o deus e o sol a deusa, aquelle benefico, esta maleflca. Praticada a agricultura tudo se transforma.

O habitante das montanhas e dos bosques desce para as planicies. Ja não é noctivago e nem teme a luz do sol. Este se torna o deus e a lua a deusa.

Grandes modificações se tem operado, então, em seu organismo, em suas tendencias e em seus costumes. De dolicocephalo, tornou-se brachicephalo. Abandonou a vida errante e saiu das cavernas. Aprendeu a construir cabanas. Serve-se de instrumentos de pedra polida. Lavra os campos. Manifestam-se-lhe os primeiros sentimentos estheticos, pelo gosto dos adornos, e inicia-se-lhe a religiosidade pelo culto dos astros e dos mortos.

Justamente este era o estado, affirma Couto de Magalhães, em que se encontravam os nossos selvagens por occasião da descoberta do Brazil. Praticavam a agricultura. Viviam em tabas. Enfeitavam-se de pennas em os dias de grande solemnidade. Respeitavam os mortos. Veneravam seus heróes.

Longe, porém, de predominar em seus mythos a feição eschatologica, seu caracter e não sómente delles, como de todas as lendas, é essencialmente astral. E nem se estranhe esse caracteristico astral, quando é tão vario e rico o aspecto de nosso céo, proprio a absorver toda a simples admiração do indio, admiração que foi aliás geralmente observada e constatada nos mais antigos documentos.

E' assim que Francisco Rodrigo do Prado, na Historia dos Indios Cavalleiros ou da Nação Guaycurú (1795), publicada na Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Brazil (tomo 1°, n. 1, 1839) nos diz que elles davam ao sol, á lua, a Venus, a Mercurio, emfim a todas as estrellas que, por sua grandeza ou figura, se fazem recommendaveis á vista, nomes differentes dos que davam a todas as estrellas juntas accrescentando « que festejavam o apparecimento das sete estrellas ».

A mesma revista (vol. 1°, 2° ed.) informa que os tupinambás tinham suas constellações protectoras e conheciam bastantemente os astros para se governar por elles « e irem parar a terra pretendida sem perder o passo. »

Magalhães por sua vez aceitando a observação accrescenta que a theogonia tupy se resume em tres entes superiores — o sol, a lua, e Perucá ou Ruda, além de outras divindades subalternas, opinião que se harmonisa com a de Oliveira Martins quando escreve :

« De rastos, com as mãos erguidas para o firmamento luminoso dos tropicos, no extase da abjecção mysteriosa, os tupis, em côro, clamam — Theh! Theh! á lua branca do céo. O crescente enigmatico, mais pessoal ainda de que o sol, porque se deixa fitar, porque se não dissolve nas ondas de luz diffusa, porque se destaca vivo num lençol alegre crivado de estrellas, o crescente é um pai. »

E nem se julgue que pudessem escapar á attenção dos indios os multiplos phenomenos da natureza. Uma lenda que se encontra na revista citada (julho de 1844 e tom. V, 2ª ed.) ensina, explicando os eclipses, que depois da desavença entre o sol e a lua lançaram esses deuses o exercito de seus espiritos numa guerra que ainda continua. Vencido um dos belligerantes, occulta a face envergonhado.

As montanhas e os precipicios appareceram em consequencia dessa lucta, porque, primitivamente, a terra era symetrica, e plana.

Não é, ainda, sufficiente para demonstrar a feição astral da mythologia entre os indigenas do Brasil? Basta, porém, semelhante feição para affirmar, ahi, a existencia dos mythos solares.

E nem se contestou ainda que o sol e a lua fossem o centro das idéas religiosas na quasi totalidade das nossas tribus.

Entre outras, para citar ainda uma opinião, escreve José Joaquim Machado de Oliveira na revista a que me venho referindo (1844), que, ao se penetrar pela primeira vez na região septentrional do Brazil, so observou em muitas das tribus que ali viviam uma especie de culto do sol.

E accrescenta que em « outras tríbus que viviam debaixo de uma temperatura menos intensa, era á lua a que se dirigiam adorações e offerendas, considerando a — como um nume tutelar e benigno que tinha sob seu desvello os fructos da terra e os espargia profusamente aos homens e irracionaes ».

Os selvagens chamavam á lua *Jaci*, de *Já* planta e *ci* mãi, ou *mãi dos vegetaes*, attribuindo—lhe, como vimos, uma acção propicia sobre as arvores, as roças e as demais plantações.

Quando era chegada a *lua nova*, ao apparecer o crescente no horizonte, elles se reuniam na ocara e despediam flechas implumadas para o alto, gritando: *Jaci*. Acompanhados depois pelo pagê, dirigiam-se para o bosque sagrado onde lhes era servido o licor da jurama.

Isto quanto ao culto da lua. Para maior desenvolvimento e estudo sobre o do sol, remetto o leitor aos excellentes trabalhos de Beauchamp, Martius e Spitz. Antes de terminar, porém, uma observação para explicar por que todos os mythos solares observados entre os nossos indigenas são femininos. Nossos selvagens foram encontrados pelos europeus na idade da pedra polida e ao ver de Couto de Magalhães nunca se pôde provar que tivessem atravessado a idade anterior da pedra lascada. Eram agricultores sem que tivessem sido pastores e sob o ponto de vista religioso não tinham passado do matriarchado. *Jaci*, a lua, era a mãi dos vegetaes; *coaraci*, o sol, era a mãi dos viventes, ou dos animaes. E' esse o motivo por que todos os seus mythos são femininos.

ABDIAS NEVES.

LIVRARIA GARNIER

Confissões do grande doutor da egreja SANTO AGOSTINHO, 1 vol. com 468 pags br. 3$000, enc. 4$000.

Meditações que compoz o grande doutor da egreja SANTO AGOSTINHO, 1 vol. br. 2$000, enc. 3$000.

Soliloquios e manual do grande doutor da egreja SANTO AGOSTINHO, 1 vol. br. 2$000, enc. 3$000.

Glorias de Maria Santissima, por SANTO AFFONSO DE LIGORIO, 2 vols.

Novena efficacissima a Nª Sª do Perpetuo Soccorro, pelo Revº SAINT-OMER, 1 vol.

Sermões do grande orador sagrado Pe ANTONIO VIEIRA, 2 vol.

Tratado da verdadeira devoção á Santissima Virgem, pelo Revº L. M. G. DE MONFORT, 1 vol.

TROVAS EM LINGUA TUPI

Nas excellentes e interessantes *Reminiscencias da Fronteira* escriptas pelo General Dionysio Cerqueira occorrem varias cantigas populares dos indios e entre ellas as que transcrevemos em seguida, com a traducção, e o commentario do auctor:

Itá camuty pupê
São João oceruca ana
Mitanga poranga etê.
Jesus, Maria e Josê.

Maria, cunhã poranga,
Imembira ahê iauê,
Oikô iuaka opê
Oçarú arama ianê anga.
Jesus, Maria e Josê.

Jesus, caturetê, reikô
Curuçá turuçú opê
Opâi mahã ayua çui
Repicirú, Jesus, ianê.
Jesus, Maria e Josê.

« A traducção desses pobres versos, compostos, sem duvida, pelos antigos missionarios, que enriqueceram de tão grande numero de vocabulos novos, compostos por agglutinação, a formosa *lingua bôa* (nheengatu), é a seguinte, ao pé da lettra:

Numa bacia de pedra
São João baptizou
Menino muito bonito.
Jesus, Maria e José.

Maria, mulher formosa,
Seu filho como ella é,
Estão no céo
Para esperar as nossas almas.
Jesus, Maria e José.

Muito bom Jesus estás
Na grande cruz,
De todos os males,
Livra, Jesus, a nós.
Jesus, Maria e José.

Em outro lugar consegue o auctor fixar outra cantiga, menos religiosa e mais original e creação propria de qualquer individuo da raça indigena:

« Ouvimos uma vóz de mulher cantando em lingua geral, numa toada melancolica. Não se distinguiam bem as palavras, e a musica era monotona, mas agradavel.

Levantámo-nos ambos e fômos ouvir de mais perto. A india estava dentro da malóca e nós do lado de fóra encostados á parede. Eu ia traduzindo as palavras do Jardim. Era um canto peculiar ás indias moças do Rio Negro — o canto da « *Yandú* » ou da « *Aranha* ». Nem os homens nem as velhas o entôam. Escrevi-o no meu diario e ouvi-o tantas vezes, que o aprendi. Ainda hoje, repito-o de cór lembrando-me da musica:

Yandú ce çuú, yandú ce çuú
Apecatú yandú ce çuú —
Ne capicháua rapé opê —
Yandú ce çuú —
Xanatá ramé curumy-uaçú xacaquera.
Yandú ce çuú —
Maháta ce puçanga, curumy-naçú?
Agáua pirêra, cunha-mocú —
Remehen ce puçanga curutén —
Cunemú xa manô ne çuú.
Yandú ce çuí. —

« A singela trova da rapariga india, si não tinha grandes bellezas, era em compensação, bastante realista; — e aquelles que não souberem o *nheengatú* poderão verificar da traducção:

« A aranha me mordeu, a aranha me mordeu.

Longe a aranha me mordeu.
No caminho de tua roça
A aranha me mordeu.
Eu andava atraz de um moço

A aranha me mordeu.
Qual é o meu remedio, oh moça?
Pelle de gente, rapariga :
Me dê já o meu remedio,
Sinão eu morro e me vou.
A aranha me mordeu... »

E a toada proseguia sempre a mesma, repetida e repetida muitas vezes.

Armámos as nossas maqueiras (diz em outro lugar o nosso auctor) nos esteios do avarandado do Palheta, o Manuel Pedro e eu. Um indio velho, com vóz meio rouca, acompanhava na vióla, em triste melodia, uns versos *nheengatús*, dos quaes conservei os seguintes :

« Uacuráu, jurúpary,
Ocutúca ce canêra
Andirá, mira catú
Omundéca ce candêa
Xauatá, uatá arama
Amú tetama rupi.

(O bacuráo, o demonio,
Feriu a minha canella
O morcego, bôa gente,
Accendeu minha candeia
Para eu andar andando
Atravéz de terra extranha.) »

THERESINHA

A'Doris

Assim que empurrei a porta de seu quarto, ouvi de dentro um grito pavoroso : Não senhora! Não pode entrar, que estou me vestindo!

Fiquei atordoada, perdi as côres, um relampago de raiva passou-me pela vista. Obedeci; porem, todo o resto do dia me perguntei : porque será?! Não comprehendi absolutamente esse procedimento. Toda vida nos vestimos juntas. Como ella carregava as sobrancelhas! Que expressão rancorosa!...

Nunca pensei que me acontecesse tamanha decepção!..... Fiquei sombria. O despeito amargurou-me a vida, quasi chorei; grandes scismas me apoquentaram o espirito excitado e nervoso, a revolver-se no anceio de uma grande curiosidade.

No dia seguinte, ainda muito desgostosa, arrastava sensaboronamente triste a minha carruagem de bonecas pelo corredor que se communicava com o jardim, e quasi ao enfrentar a porta, avistei-a na extremidade do *toilette*. A luz do gaz cahia em cheio sobre o seu rosto, fazendo-o resplandecer com uma bellesa mystica de rosa admiravelmente bella, exposta aos raios do sol, na hora do crepusculo, quando a naturesa começa a adormecer. Estava realmente linda : pareceu-me até mais airosa e mais crescida. Sinto que não poderei reproduzir mais nunca a impressão que recebi nesse momento. Durante um instante olhei-a muito commovida como se tivesse visto uma dessas miragens fluctuantes que nos apparecem nos sonhos. Impressionou-me essa imagem de cabellos loiros cahidos pelo rosto; porem, no mesmo instante lembrei-me do imperio com que ousára me reprehender na vespera e segui-a com o olhar prescutador; queria adivinhar o intimo de seus pensamentos. Meu despeito ainda estava muito vivo, precisava de uma desforra. Nunca me tinham falado com tanta rudesa como essa Theresinha que eu estava olhando ironicamente, essa prima querida, a minha predilecta! Sabia andar pelas solas, deslisando suavemente como se arrastasse olhares atraz

do seus encantos; recitava com intonações de tribuno, e até dançava valsas nos salões como se fosse uma moça!

Que aborrecimento! Bem me importava que o seu rosto fosse bonito, que soubesse ler e recitar... Tudo isso eu aprenderia; em breve tambem seria considerada moça; o principal era saber porque a vaidosa não me deixava entrar no toilette quando se vestia. Um desaforo! Tinha muita queixa, estava realmente zangada e enfurecida contra aquella mulher pequenina! Que distancia era essa que nos separava?! Como se os seus doze annos me fizessem medo...

Jurei vingar-me. Dexei-a distrahir-se e entrei um dia furtivamente no quarto prohibido, pisando leve, muito macia, escondi-me debaixo da cama, comprimindo a respiração, morrendo quasi asphyxiada, porem não perdendo um unico de seus movimentos. Era um desses aposentos preparados a capricho, o seu gabinete de vestir, elegante, perfumado, cheio de todas as ninharias de que se utilisam as moças bonitas. Um ninho amoroso mesmo. Antes de começar o seu galante preparo, fechou cuidadosamente a porta, trancou, aferrolhou, e para melhor segurança, encostou mais uma cadeira. Passou os olhos pelo quarto, revistou-o de lado a lado. Estava sosinha... Tirou os sapatos, e as meias. Começou a andar por todo o espaço do *toilette*. Ás vezes seus pés delicados, muito alvos, rosados nos dedos, bem cavados, salientando as dobras deixadas pelos sapatinhos velhos e acalcanhados, pisavam tão perto de mim que eu me encolhia com medo que elles me sentissem... Depois, collocada em frente do espelho, sorriu-se, esfregou a bocca na manga do vestido, examinou os dentes, perfumou o collo, os braços, todo o corpo. Sempre olhando para o espelho, pintou de carmim as faces e os labios, finalmente sedusida pelo seu proprio encanto beijou apaixonadamente o vidro que a reflectia com arrebatamento de belleza tão grande! — Sou muito formosa; muito linda mesmo!

Um barulho qualquer sobresaltou-a, revistou os recantos do quarto ainda mais sobresaltada, desconfiada e minuciosa.

O pente cahiu no assoalho, um passo mais e eu estava perdida.

Felizmente o seu olhar vagueiava muito aereo. Ensaiou uns passos de dança, garganteou uma canção e continuou a despir-se.

Em primeiro logar tirou o vestidinho branco, depois o corpinho, em seguida a anagua muito rendada com cercaduras de bordado. Ia tirar a camisa..... Ainda olhou desconfiada os arredores do aposento.

Quando eu vi o primeiro movimento, tive um fremito de alegria tão grande, que que não pude mais me conter.

Sahi do meu esconderijo, corri batendo palmas, doidamente feliz e ameacei-a de contar tudo, absolutamente tudo!

— Que apresentação! Disse-me ella muito corada com um sorriso pallido.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.

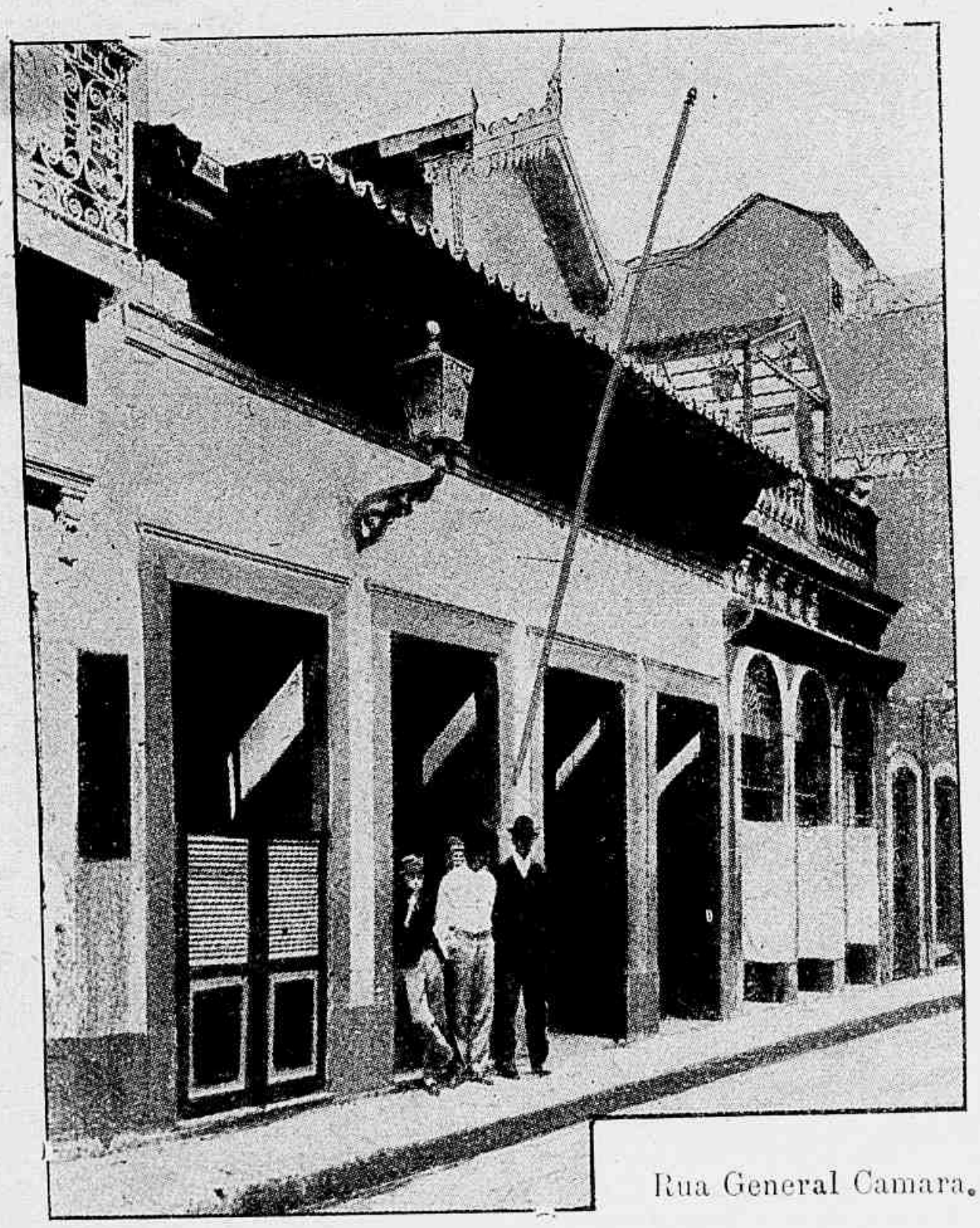
Para o sabio tudo é ordem, o nescio acha desordem em tudo.

M. DE MARICÁ.

As ruas do Rio de Janeiro

A municipalidade do Rio resolveu pôr um termo á intrincada confusão de nomes das ruas da cidade e foi a este proposito que Olavo Bilac escreveu a seguinte pagina :

« O nome é a segunda physionomia do individuo, e é de algum modo a sua personalidade moral. Fiquem os numeros para designar os sentenciados da Casa de Correcção... e os infelizes assignantes da Companhia Telephonica, que tambem são sentenciados de outra especie.



Rua General Camara.

As ruas tambem precisam de nomes. Rua sem nome é rua sem existencia. E se é verdade que tambem para ellas o uso do nome acarreta responsabilidades graves, não é menos verdade que, numeradas, como as casas, ellas perderiam a sua physionomia. Um nome póde ser feio ; mas um numero nunca é bonito nem feio : é inexpressivo.

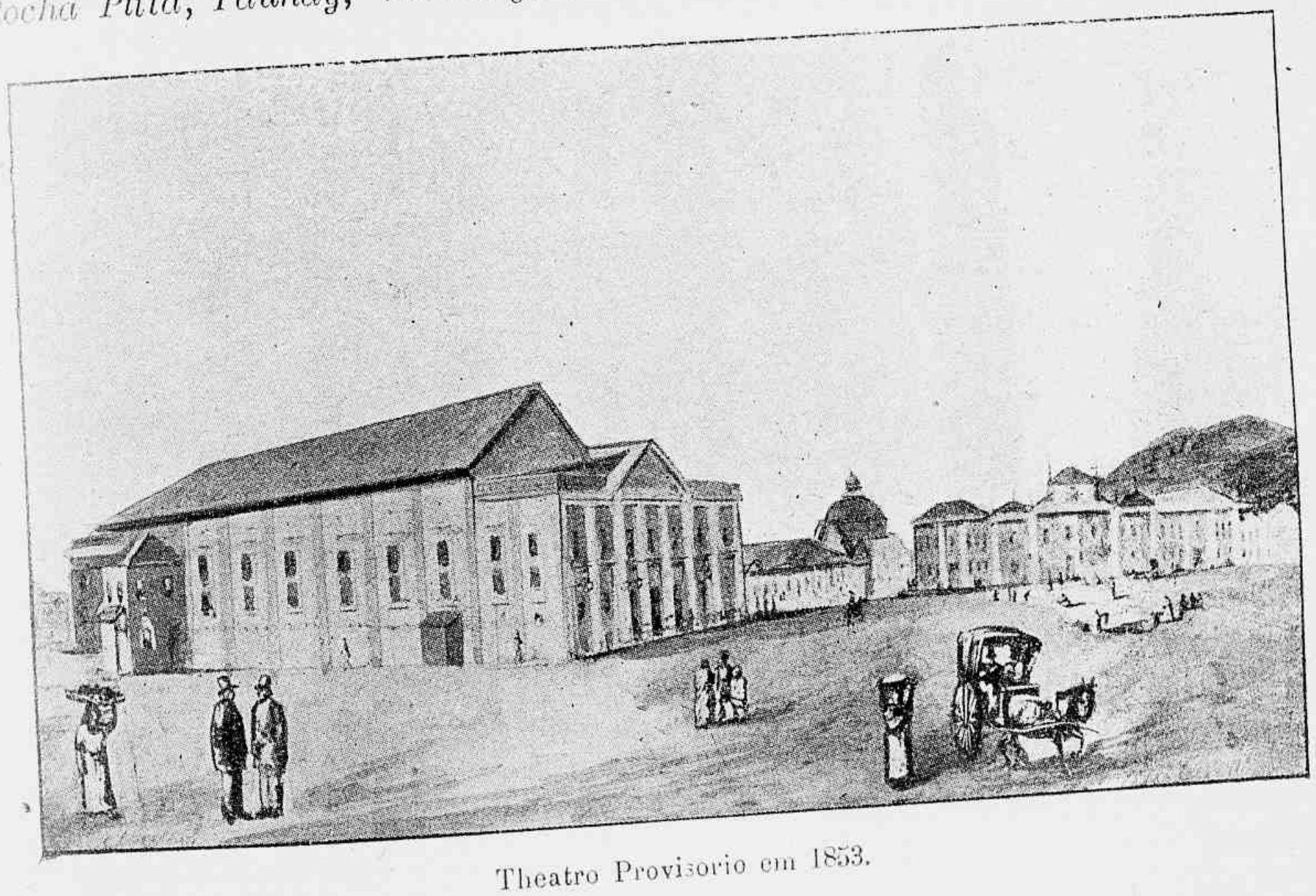
Devo dizer que, em suas linhas geraes, gostei da reforma agora feita pela directoria da Carta Cadastral.

Em primeiro logar, a reforma attendeu a uma necessidade de uniformisação. Tinhamos *praças* e *largos*, *beccos* e *travessas*. Por que? Com a reforma, todos os *largos* ficaram sendo *praças*, e todas as *travessas* ficaram sendo *beccos*.

Em segundo logar, a refórma attendeu á conveniencia da simplificação, abolindo os nomes muitos longos. Assim, para sómente citar um exemplo, a *rua Conselheiro Zacharias* ficou sendo *rua Zacharias*. E' mais curto, mais facil de decorar, — e exprime a mesma homenagem. Até agora, tinhamos a mania de dar ás ruas nomes compridissimos, nomes que não acabavam mais : até admira que a essa mencionada *rua Conselheiro Zacharias* não tivessem os apreciadores dos nomes longos dado o nome de *rua do Conselheiro de Estado Zacharias de Góes e Vasconcellos*... Era tão accentuada essa nossa mania, que o povo, com a sua graça espontanea, diz que a nossa velha rua do Senado era, a principio, simplesmente, *rua da Sé* : mas que, com a moda dos accrescimos, passou a ser succes-

sivamente *rua do Sena*, *rua do Senado*, *rua do Senador*, *rua do Senador Bernardo*, até chegar a *rua Senador Bernardo de Vasconcellos*...

Outra balda nossa sempre foi dar ás ruas nomes de cidadãos desconhecidos, que só tiveram em vida o merito de possuir algumas duzias de contos de réis ou alguma esteril influencia politica de freguezia — ao passo que desprezavamos nomes de brasileiros illustres, e de estrangeiros não menos illustres, que collaboraram brilhantemente na obra gloriosa da nossa formação de povo, como politicos, como scientistas e como artistas. Essa injustiça foi reparada. Temos agora as praças *Mouchez*, *Rebouças*, *Grandjean*, e as *ruas Nobrega*, *José Leandro*, *Debret*, *Antonio José*, *Basilio da Gama*, *Ayres do Casal*, *Gregorio de Mattos*, *Rocha Pitta*, *Taunay*, *Varnhagen*, etc. Uma denominação nova, que merece



Theatro Provisorio em 1853.

applauso especial : a de *Praça Pedro Segundo* dada ao *Largo da Quinta* ; se não podemos alterar a nossa historia, para que havemos de estar ineptamente calando o nome do ultimo Imperador, e negando-lhe a justiça e o respeito que merece?...

Além disso, a reforma adopta, na designação de algumas ruas, outros nomes celebres, de homens que não foram nossos e nunca aqui estiveram, mas que são patrimonio commum da humanidade.

Infelizmente, nessa homenagem prestada a celebridades estrangeiras, escaparam algumas lembranças mal cabidas. Não posso tolerar, por exemplo, a *praça Napoleão*, nem a *rua Moltke*, nem a *rua Nelson*, nem a *rua Turenne*, nem a *rua Lacordaire*. Que temos nós com essa gente, e que tem essa gente com os intuitos pacificos e com o caracter livre da nossa civilisação ? Outro reparo : que quer dizer aquella invenção de *rua Malibran* ? a Malibran foi uma celebridade local e passageira...

Em compensação, confesso que gósto muito de *rua Cervantes*, *rua Humboldt*,

rua Miguel-Angelo, *rua Galileu*, *rua Newton* : são nomes universaes e immortaes, que pertencem a todas as patrias e a todos os seculos, e só pódem honrar as ruas a que foram dados.

* * *

« Ha ainda outros elogios que merece a reforma.

« Não foram alterados certos nomes pittorescos, e restauraram-se outros, que têm um sabor antigo e delicado. Seria, por exemplo, um crime de lesapoesia abolir as denominações de *praia da Saudade*, *rua dos Felizes*, *rua da Musica*, *rua da Harmonia;* e seria um crime de lesa-tradição alterar os nomes da *rua do Jogo da Bola*, do *becco dos Barbeiros*, da *rua do Mosqueiro*, da *praça do Pasmado*, do *becco dos Velhacos*, da *rua da Pedra do Sal*, da *estrada do Dendê*, do *becco do Ramalho*, da *praia do Catimbau*, *da rua das Marrecas*, *dos beccos do Cleto* e *do Patriota*, e tantos outros nomes extravagantes, que vagamente nos fallavam do passado remoto e dos usos e costumes das gerações que se foram. Neste particular, a restauração do velho e venerando nome da *rua do Ouvidor* foi um grande serviço prestado ás tradições sagradas da cidade.

Entre as innovações, a que mais me agradou foi aquella que, conservando o nome da antiga *rua da Misericordia*, deu ao largo do mesmo nome a denominação de *praça da Sabina*.

Muita gente achará, talvez, ridicula esta designação... Eu acho-a admiravel. E' uma homenagem prestada a todos os humildes da cidade, na pessoa da humilde preta, que foi durante tantos annos a boa amiga dos estudantes, e cujo nome ficou perpetuado naquella praça.

Tem havido alli muitas Sabinas : a ultima, a que actualmente impera na praça, vendendo laranjas aos estudantes, é uma Sabina italiana, de pelle branca. Mas a velha Sabina, a legitima, a authentica, affavel e boa, a que eu alli fui encontrar em 1880, — a boa Sabina, de pelle de ebano e sorriso claro, a quem muito medico, hoje de nomeada, ficou devendo muitos tostões de fructas, — essa nunca teve substituta digna, e nunca a terá. Tão grande foi a sua popularidade, que as successoras lhe adoptaram o nome. E'assim que se fundam as tradições. A velha Sabina foi um tronco real, de onde brotou uma dynastia de Sabinas.

Haverá quem ache ridicula a denominação de *praça da Sabina*, dada ao velho largo da Misericordia? Mas os humildes tambem merecem glorificação. Quem sabe hoje quem foram aquelle *Cleto*, aquelle *Patriota*, aquelle *Pasmado*, que deram os seus nomes a ruas e beccos da Saúde? devem ter sido typos humildes e populares como a Sabina... »

Giuseppe Giacosa

Morreu em Setembro de 1906 o grande comediographo italiano Giacosa.

« A sua voz — escrevia ha pouco D'Annunzio — parecia nascer na propria séde da sua alma ardente. Resoava em toda a vastidão do thorax como entre paredes de metal, de modo tal que as palavras, se bem que definidas em contornos de extrema precisão, eram umas ás outras ligadas por um continuo

ribombo, fundiam-se num elemento musical constante, tinham ao mesmo tempo uma vida propria e uma vida commum.

A efficacia da sua pronuncia accrescia-se de uma não sei que moderada violencia com que sabia vencer a leve resistencia que uma determinada palavra lhe oppunha no discurso. Por isso muitas vezes o seu fallar me dava a imagem de um rio que limpasse, que aguçasse ou arredondasse os seixos adversos á corrente... Elle gostava de retezar de vez em quando o nervo da phrase como o athleta que cheio de orgulho mostra o relevo do seu biceps. Os rythmos energicos adquiriam na sua bocca uma galhardia inaudita. Nunca esquecerei o modo como elle, lendo Dante, depois de uma serie de tercetos melodiosos, sabia derramar sobre nós — como um fluxo portentoso — um grande endecassyllabo, cheio de eternidade. »

Na Serra

Meu prazer nisto se encerra :
Deixo o rumor da cidade,
E venho matar saudade,
Na solidão desta serra.

Aqui, depois da paizagem,
Causa a meus olhos espanto
A intensa vida selvagem
Que palpita em cada canto.

No seio, das virgens mattas,
Onde geme a alma do vento,
E' mais livre o pensamento,
As emoções são mais gratas.

N'uma linguagem sentida
Que o attento espirito embala,
Dessas bellezas da vida
Como que tudo me fala.

E' um consolo aos meus sentidos
Escutar esses rumores,
Beber o aroma das flores,
Por esses valles perdidos.

Fere o espaço intermittente,
Acordando as serranias,
O grito agudo, estridente,
Das arapongas bravias.

E que regiões salutares
Não ha, creio, outro remédio,
Para quem soffre de tédio
Que respirar estes ares:

Deixa-me ,aqui, Natureza,
Só, com meus antigos males,
Sentindo todo a grandesa
Da solidão desses valles.

ANNIBAL AMORIM.

Ulysses Sarmento

Não é bem um *velho*, nem bem um *novo*. Fica entre *novos* e *velhos*. A sua estréa, em volume, data de 1894. Foi justamente no periodo mais brilhante das lettras no Ceará.

Naquella epocha a mocidade da Fortaleza dava mostras de vitalidade e de bom gosto pelas cousas do Parnaso. Congraçavam-se os estudantes civis e militares. Havia um só pensamento e uma só vontade entre os moços.

E esse desejo de apparecer e de brilhar fez da poetica cidade brasileira, por assim dizer, o eixo de rotação em torno do qual gyrava a intelligencia do Norte.

O *Centro Litterario*, que então existia, contava no seu seio, entre as figuras de maior destaque, Ulysses Sarmento, Farias Britto, Juvenal Galeno, Themistocles Machado e Papi Junior, nomes nascidos na obscuridade de meios inferiores e mais tarde repercutidos nos grandes circulos litterarios do Rio de Janeiro.

Já dizia Alphonse Karr que os poetas francezes nascem nas provincias e morrem em Paris.

O que o escriptor observára, com relação á França, dá-se, embora em pequena escala, no Brasil. Os principaes representantes da intellectualidade neste paiz, e ora residentes na sua capital, vieram, em sua grande maioria, das provincias. Não é preciso citar nomes. São por demais conhecidos.

Ulysses Sarmento não podia fugir á regra geral. E para aqui se transportou com armas e bagagem.

E esta bem preciosa, pois era representada por seu primeiro livro *Clamydes*, recebido com as saudações que merece uma estréa mais que promettedora, — feliz.

Dominava-o naquella epocha a poesia de Olavo Bilac e Raymundo Corrêa, do primeiro principalmente.

Correm os annos, e do lyrico que era surgem, seis annos depois, inteiramente modificados, a alma e o pensamento.

A philosophia e o pantheismo vêm empolgal-o. E d'ahi o seu culto por Luiz Murat, Augusto de Lima e Alberto de Oliveira. As *Torturas do Idéal* vieram, pois, assignalar uma nova phase de seu espirito, phase de progresso não ha duvida, e já reveladora de sua futura independencia intellectual.

E esta não se fez tardar. O poeta da *Alma forte*, livro a surgir em pouco, já não é o poeta de 1894.

As suas cogitações artisticas são, na hora presente, inteiramente outras.

Basta que se veja a escolha dos assumptos : ora humanos, ora pantheisticos, ora philosophicos, mas não dessa philosophia banal e artificiosa. Arrastado por seu temperamente contemplativo e genuinamente melancolico, Ulysses Sarmento é conduzido a preferir os assumptos de ordem subjectiva aos phenomenos do mundo exterior. Tal preferencia resalta a cada instante. Isso não quer dizer, porem, que elle colloque num plano secundario a poesia objectiva.

Ninguem melhor do que elle escuta e comprehende as lamentações dos ventos e das arvores, que adora, ou o queixume das fontes solitarias...

Filho desta grande natureza tropical, o poeta é um pedaço d'ella. Vibra, quando ella vibra, sente, quando ella sente, e entristece, quando ella se embuça na tristeza suavissima dos seus invernos.

E vibrando e sentindo, e amando e soffrendo, elle segue comnosco pelo caminho tortuoso da vida : nós, arrastados nas paixões de todos os dias, nos odios de todos os instantes : elle, calmo, sereno imperturbavel, com os olhos fitos no idéal e a cabeça mergulhada no sonho...

E assim deve ser.

A.

O sello foi inventado em 1840 pelo subdito inglez Rowland Hill, que recebeu uma recompensa de quinhentos mil francos e uma pensão de 50.000 francos. As collecções de sellos começaram pouco depois de creado o seu uso. O primeiro catalogo de sellos tem a data de 1861 e foi organizado por Poliquet. Entre os sellos mais caros actualmente notam-se : um sello verde francez de 1850, 7,500 francos ; o sello côr de rosa da Guyana Ingleza, posto em circulação no mesmo anno, 12.000 francos; um de um penny, vermelho, alaranjado, da Ilha Mauricia, emittido em 1847, foi vendido ha pouco por 25.000 francos; um sello, tambem da mesma ilha, azul carregado, da mesma data, deu 36.250 francos.

Os colleccionadores, na ultima Exposição Philatelica de Londres, que ainda deve estar aberta, seguraram os seus sellos pela somma de 15 milhões de francos.

O Sr. G. Dupont Ferrier, que nos fornece esses dados, conta a seguinte anecdota: Um inglez original annunciou no *Times* que uma moça morena, que era sua filha, com 20 annos, e 800.000 francos de dote, com esperança de uma herança de dous milhões, aceitava propostas de casamento. As respostas que vieram ao original pai inglez, de toda a parte do mundo, foram bem umas 25.000. O inglez vendeu os 25.000 sellos e apurou um pequeno capital, pois que grande parte desses sellos provinha dos mais exoticos paizes do mundo...

O THESOURO

Um dia, no sitio em que nasci, um antigo logar tradicional, já por seus primeiros proprietarios, uns frades que o habitaram no seculo XVIII, e já por ter pertencido á heroica familia de revolucionarios da Independencia, em 1817 foram encontrados, á beira do brejo, uns enormes tijollos de alvenaria, tão grandes e tão pesados, que difficilmente, um homem os poderia suspender a poucas pollegadas do solo.

Era uma velha tradição que, no sitio, havia um grande thesouro, enterrado por hollandezes, ao tempo em que foram os mesmos expulsos do Brasil.

Ao serem descobertos os tijollos, é facil imaginar o alvoroço insopitavel despertado no seio da familia pelo inesperado acontecimento. A noticia espalhou-se rapidamente por toda a visinhança; foi desfolhada e commentada por todas as formas, houve sonhos, e, em pouco tempo, de informação por informação, trazidas gratuitamente, a tradição tinha crescido, avultado grandemente e se consubstanciado de forma que se achava completa nas suas origens: Aquillo era, não havia duvida, o grande thesouro dos hollandezes!

Entre todas as indicaçõees e vestigios havia um comprovado por um phenomeno de alta importancia — a *Cacimba do gado!* Alli, pela abundancia admiravel d'agua, jorrada á menor escavação, fôra uma fonte entupida pelos hollendezes, quando foram expulsos, não só por vingança — pagando mal com mal, como tambem, por servir de signal ao thesouro que fora enterrado nas proximidades da fonte.

Os tijollos formando rectangulos de grande extensão e largura estavam unidos e dispostos, como si tivessem servido de ladrilho á sala de uma casa cónstruida e habitada por gigantes.

Retirar o ladrilho, cavar, aprofundar a escavação e encontrar o thesouro, era, parecia, cousa de pouquissimo tempo.

E metteu-se mãos á obra, com ardor, com afinco, e com uma forte commoção, tão febril, tão intensa, que será facil imaginar e não descrever.

E os signaes — grandes signaes evidentes, com os quaes, segundo é da tradição, se assignalam subterraneamente os thesouros occultos — foram apparecendo. Encontrou-se, em primeiro logar, uma avultada quantidade de carvão, em tulha; houve um espasmo de surpresa: articulavam-se alguns commentarios:

— O carvão era o melhor signal! Não desapparecia na terra!

Mas, a commoção foi tão forte, tão empolgante, que suffocou os commentarios; e os braços se enrijaram mais e as enxadas, cavadores, e pás gritaram com mais força, com maior ancia na terra.

Adiante, um pouco, encontrou-se uma grande e grossa argola de ferro, já um tanto gasta pela ferrugem, mas ainda tao forte, que parecia ter pertencido a alguma corrente fabulosa ou mythologica em que fossem acorrentados dragões ou deuses rebeldes e castigados. Em seguida encontrou-se um fóssil: era um tóro de aroeira que se havia transformado em pedra. Para a frente, ainda, foi descoberto um nucle de pedras miudas e alvas — pedras dos taboleiros — e que, por natureza, não podiam existir alli.

E a excavação, ao principio circular foi tomando a forma de uma ellipse, e avançando, terra a fóra, com uma voracidade faminta. Adiante, á esquerda surgiu outro signal de extraordinario valor: era um vasto calçamento de lages, uniformes e embutidas ou encaixilhadas umas ás outras, como se fossem a obra de um habil marceneiro.

E a escavação teve de mudar de rumo para ser explorado o ladrilho de lages sob o qual, sem duvida, estaria o thesouro. Foi retirado o calçamento, ou antes, as primeiras pedras e seguiu-se uma continuação de pedras toscas, naturaes, de cu-

jos intersticios começava a jorrar agua com uma abundancia admiravel.

Desfeito o sonho, certo não estar alli a realidade, a escavação avançou ; mas ahi o alveo de pedras naturaes ia subindo e ganhando a superficie da terra, que formava a base de uma formosa collina. Appareceram, ainda, signaes de pouca importancia, mas que foram tomados na devida consideração: eram trechos de argilla ou barro especial de que se fabricavam louças e que só existia longe dalli, em determinados pontos do brejo. Mais algumas horas de trabalho, e veio a certeza de que não era para aquelle lado que estaria o thesouro. Mudou-se, então, de direcção voltando-se ao primitivo ponto de partida, e a valla foi sendo aberta em circumferencia, e a terra atirada para trás ia entupindo até á altura dos altos ribanceiros o espaço cavado anteriormente.

Mas a escavação aproximou-se muito do brejo e a agua apparecia em abundancia, difficultando e impossibilitando a pesquiza. Voltou-se ao lado opposto e já ahi foi maior o trabalho, precisando retirar do solo toda a primeira terra accumulada. Até então não esfriára o ardor, a ancia febril da esperança e do sonho, e a escavação avançou roendo a terra que caía, aos golpes certeiros dos alviões e enxadas vibrados por braços herculeos dos trabalhadores enfibrados e fortes.

Os signaes foram rareando, mas ainda eram encontrados vestigios que bem podiam ser considerados como marcos assignaladores e mudos nas entranhas do solo. Encontraram-se detritos mineraes e vegetaes, respeitados ainda, ou não assimilados pela chimica avassaladora da terra: eram pequenos seixos oxigenados quasi transformados em ferro, e outras vêzes, longas faixas ou listões de uma massa ou cinza esbrauquiçada e pontuada de carvões asperos e resistentes que faziam tinir o aço forte dos instrumentos. Foi, assim, vasculejada, uma grande area de terra que alli ficou, alta, desigual, impada, como si fosse um ventre monstruoso que tivesse desmesuradamente inchado e partido.

O desanimo foi gradativamente se apoderando de todos os animos, e, um dia, depois de muitos dias de trabalho e de ancia, foi abandonada a pesquiza, calaram-se os alviões, as enxadas, as pás, e todos, desapontados, tristes, desilludidos, volveram para casa.

E o thesouro, verdadeiro ou falso, lá ficara no mysterio insondavel da terra escura e avara.

* * *

Em Novembro, nesse anno, aos primeiros signaes prenunciadores do inverno, quando os horisontes se acastellavam com immensas torres de nuvens alvissimas, e já um e outro trovão se ouvia ao longe, num sussurro abafado, quasi imperceptivel, os roçados estavam todos preparados para o plantio; as terras, limpas, encoivaradas, desenhavam-se pelo vale e pelas collinas como grandes figuras geometricas, e os lavradores, anciosos, só esperavam que caisse a chuva.

A terra vermelho-escura da escavação do thesouro, resaltava ao longe, á vista, desigual na superficie e na área como si alli se houvesse dado uma erupção ou como si a terra houvesse fermentado.

Para logo, occorreu a idéa de aproveitar-se aquelle pedaço de terra no plantio de arroz; e mandou-se, então, aplainar a enesada a superficie eriçada da escavação mallograda. Concluido esse trabalho preliminar de facil execução, a terra ficou plana, serena, amplamente estendida, como si por ella houvesse passado um cepilho. E porque, tambem era minimo o trabalho, as suas immediações foram aproveitadas, limpas, destocadas, alargadas em differentes direcções, e, assim, o primitivo trecho de terra, relativamente pequeno, quintuplicou de extensão e transformou-se num amplo e largo trato de terreno apto para o plantio.

Ao cair a primeira chuva, como em toda a parte, como todos os outros lavradores, num açodamento alviçareiro e alegre, homens, crianças, mulheres, um a cavar a terra, outros a semear e a cobrir as cóvas, foi em longos *carreiros* paraléllos plantado de arroz o terreno, tão inesperadamente transformado.

Quatro mezes depois, tendo crescido com uma enseivação prodigiosa, o arrozal amarellicia. Era um grande lençol de ouro que se estendia, amplo, balouçando ao vento, num tom amarello de libra esterlina e pondo na paisagem um contraste bellissimo com o verde-escuro da folhagem circumferente. E quando quietava a viração, o arrosal dourado quietava, immovel, sereno, relusindo ao sol, como uma immensa placa de ouro que da terra tivesse emergido pelo magico poder de fadas encantadas.

E, quando, numa tarde de sol, eu extatico contemplava esse quadro, disse de mim para mim:

— Eis aqui o verdadeiro thesouro!

Nesse anno, a nossa safra foi grande e largamente compensadora; E foi com as sobras das indispensaveis despezas que podemos pagar o primeiro semestre do primeiro Collegio de curso secundario que frequentei na minha Aldeia, no interior do Ceará.

E desse facto aprendi que o verdadeiro THESOURO HOLLANDEZ não se consegue senão com o nosso proprio trabalho.

Janeiro 1905.

JOSÉ CARVALHO.

Trovas populares brazileiras

Senhora, minha senhora,
E' certo, não é mentira,
Mecê se anda regalando,
E eu aqui lambendo *embira*.

Ha tres dias que não como,
Ha quatro que não almoço;
Me lembro de teus carinhos,
Quero comer, e não posso.

Eu jurei, você jurou
Jurei, juraste, jurámos,
Eu quebrei, você quebrou,
Quebrei, quebraste, quebramos.

Abaixae-vos, Serra Negra,
Quero ver Mogy-Mirim,
Quero ver se aquella ingrata
Inda se lembra de mim.

Apertae a minha mão,
Não me aperteis o dedinho,
Não quero que ninguem saiba
D'este nosso brinquedinho.

Você me chama de feio,
De nariz *esparramado;*
Que fará se você visse
A cara de meu cunhado!

Camões e Petrarca

O verso italiano *Tra la spiga e la man qual muro è messo*, que é o unico em lingua estrangeira que occorre nos *Lusiadas* (Canto IX na descripção da *Ilha dos Amores*) foi tomado ao seguinte soneto de Petrarca.

« Se col cieco desir, ch'el cor distrugge,
« Contando l'hore non m'ingann'io stesso;
« Hora mentre ch'io parlo, il tempo fugge,
« Ch'à me fu insieme ed à mercè promesso.
« Qualombra è si crudel, ch'el semeadhugge,
« Ch'al desiato frutto era si presso?
« E dentro dal mio ovil qual fera rugge;
« *Tra la spiga e la man qual muro è messo?*

« Lasso nol só: ma si conosco io bene,
« Che per fare piú dogliosa la mia vita
« Amor m'addusse in si gioiosa spene:

« E hor di quel, ch'io hó letto, mi sovvene,
« Che' nanzi al dí de l'ultima partita
« Huom beato chiamar non si convene ».

Progresso material no Amazonas

Vae ser *Manáos*, capital do Amazonas, dotada de novas obras.

Cidade nova, sumptuariamente construida de largas avenidas bem calçadas e illuminadas a luz electrica e dotada de um magnifico serviço de viação, só lhe faltavam para se tornar digna do progresso que tem as obras imprescindiveis para o saneamento de um centro populoso: larga distribuição de agua e completo apparelho de esgotos.

O actual Governo do Amazonas confiou a execução dessas obras ao Sr. Dr. A. de Lavandeyra, constructor do porto de Manáos, e que organizou na Europa a empreza que vai explorar os serviços.

As plantas que se acham expostas foram confeccionadas pela casa Beesley, Son Nichols, de Londres.

O projecto de esgotos é baseado no *separate system* dos Inglezes, como o mais proprio ás condições topographicas de Manáos e tambem o mais economico, por já ter a cidade uma rêde de galerias pluviaes que apenas exige ampliação e rectificação de accôrdo com a drenagem actual.

Os conductores da rêde de esgotos serão de cimento armado reforçado, e os encanamentos de drenagem, na parte que passar sob os predios a esgotar, serão de ferro coalterizado.

Para o rapido escoamento do effluente foram estabelecidas inclinações em toda rêde, garantindo desse modo velocidades purificadoras. Assim, o collector principal, com 54 pollegadas de diametro, tem uma inclinação de 1 por 1.500 e uma velocidade de 194 pés por minuto. Essa velocidade cresce até attingir a de 217 pés, quando o diametro do collector attinge a 24 pollegadas na parte mais occidental da cidade.

Para a inspecção dos encanamentos serão estabelecidos em cada mudança de inclinação e em cada juncção Manholes de cimento armado, da mesma maneira que serão construidos Storm overflows, para funccionar nos periodos em que a chuva exceder ao volume calculado, que é de pollegadas por 24 horas.

Caixas de descarga (flushing tanks) em todas as extremidades dos encanamentos principaes garantem a lavagem continua da rêde.

O problema da ventilação, de importancia capital, não foi esquecido e, de accôrdo com a experiencia, serão os encanamentos arejados mecanicamente.

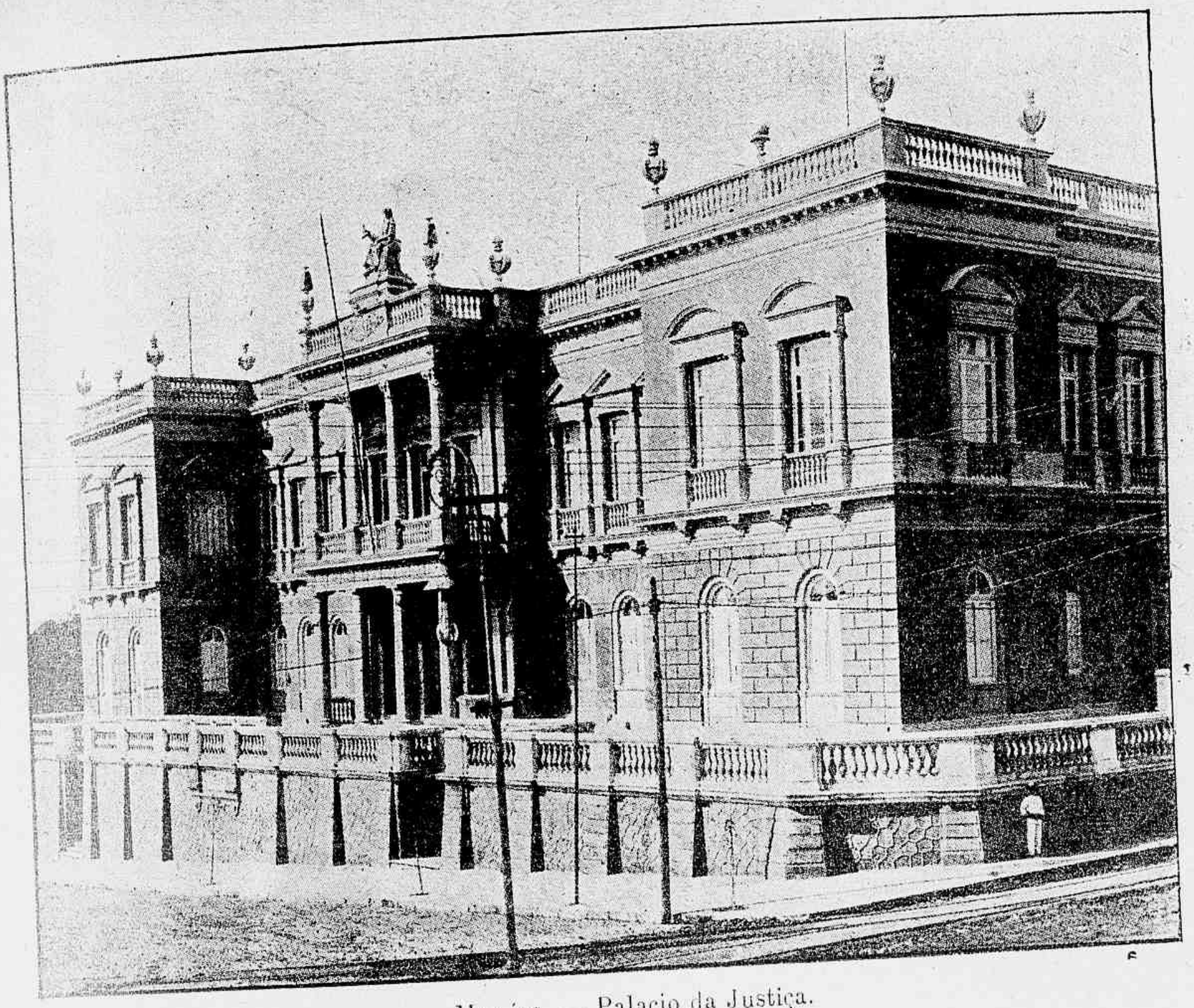
Para esse fim, ventiladores centrifugos, manobrando electricamente, serão installados na casa de machinas e ligados aos encanamentos por meio de grandes tubos de ferro fundido. As extremidades escoadoras de todos os encanamentos serão encerradas de tal modo que o ar não possa penetrar. Os ventiladores centrifugos expellirão ao mesmo tempo o ar puro e o impuro em toda extensão dos encanamentos, descarregando-os por um cano de ventilação especialmente feito e ligado á chaminé da casa de machinas.

Para ventilar os encanamentos efficazmente, o ar só poderá penetrar por aberturas especialmente designadas. Essas aberturas para sahida do ar serão fixadas em um interceptor, na galeria de escoamento. Cada abertura será munida de uma valvula de aluminio com um ligeiro movimento.

O ar será expellido dos tubos de materias poluidas e dos canos de drenagem para a camara de inspecção e dahi para o cano ventilador, atravez dos collectores. Deste modo todo systema é proveitosamente ventilado.

Se, por qualquer motivo, como por exemplo uma chuva brusca, o vacuo nos encanamentos se romper temporariamente e se o volume das materias poluidas e outras tiver plena acção nos mesmos, as valvulas de aluminio fecharão e prevenirão a sahida dos gazes dos collectores para os canos de drenagem das casas particulares.

A rêde de esgotos attende á parte mais importante e povoada da cidade de Manáos



Manáos. — Palacio da Justiça.

e foi calculada para nessa área servir a uma população de 60 mil habitantes.

Toda materia a esgotar é levada para uma casa de machinas, onde, depois de transformada, é lançada num encanamento de descarga, de ferro fundido, de 4 pés de



Manáos. — Avenida Eduardo Ribeiro.

diametro, que vai leval-a ao rio Amazonas, dous mil metros abaixo da cidade, mesmo no canal dessa immensa corrente e a 37 metros abaixo da maxima enchente e 23 da maxima vasante observada.

Attendendo-se ao colossal volume d'agua do rio e tambem á purificação por que passa todo effluente, é fóra de duvida que o seu lançamento em tal corrente nenhum mal poderá arrastar ás populações ribeirinhas.

O projecto de abastecimento de agua, feito com o fim de abandonar a actual distribuação que tem a cidade, já insufficiente ao seu desenvolvimento e população crescente, traz um melhoramento de capital importancia em região como a amazonica, onde a agua representa um serio perigo aos seus habitantes.

A tomada de agua será no Rio Negro, 2,000 metros acima de Manáos, e abaixo do nivel infimo da corrente.

Como, porém, esta agua não é sufficientemente potavel, como ficou provado pelos estudos da Commissão de Saneamento de Manáos, ella, antes de ser distribuida á população, é filtrada, sob pressão, em filtros de polarite.

O tratamento que recebe o liquido nos filtros póde-se dizer que o transforma, porque o ar atmospherico comprimido na agua torna-a altamente oxygenada, e desta fórma ella passa nas camadas filtrantes de polarite (oxydo magnetico de ferro), oxydando-se, dando sahida a um producto limpido e proprio ás necessidades da população.

O fornecimento diario está calculado em 200 litros por habitante, tendo os encanamentos secção sufficiente ao supprimento de uma população de 100:000 almas.

Cia de seguros maritimos e terrestres "PREVIDENTE"

Fundada em 1872

SÉDE NO RIO DE JANEIRO: Becco das Cancellas, nº 2 (1º Andar esquina da rua do Ouvidor)

Agencias em **S. PAULO** e **SANTOS**



Balanço de 31 de Dezembro de 1906:

Capital emittido	2.500.000$000
Capital realizado	1.000.000$000
Fundo de reserva, lucros ao semestre seguinte e fundos disponiveis	748.284$550
Apolices de sua propriedade, valor nominal	1.900.000$000
Deposito no Thesouro	200.000$000

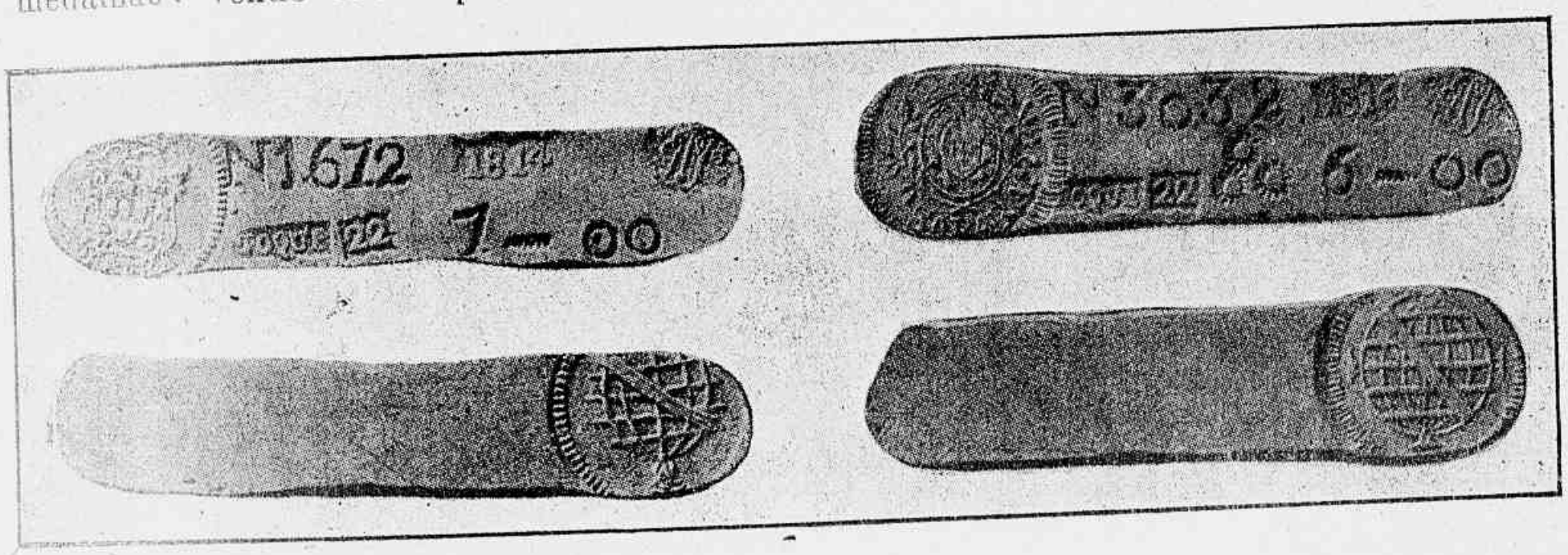
Directoria: Commendador **JOÃO ALVES AFFONSO**; Conselheiro **CAETANO PINHEIRO DA FONSECA**; **BERNARDO PIRES VELLOSO SOBRINHO.**

Numismatica Brasileira

Das Brasilianische Geldwesen von Julius Meili... II Theil. Die Munzen des unabhangigen Brasilien, 1822 bis, 1900. — Druck von Jean Frey, Zurich, 1905. — In fol. peq. XLIV, 374 pags, e LVIII fls. de estampas.

A maior autoridade sobre a numismatica brasileira é sem duvida o Sr. Julius Meili, outr'ora commerciante nesta Capital e socio da então mui conhecida firma Fry, Cramer C. O Sr. Meili começou como ardente colleccionador de nossas moedas e medalhas: vendo como quasi nada havia impresso sobre o assumpto, pôz hombro á tarefa de descrever tudo quanto tem sido cunhado nas nossas casas da moeda ou tem tido circulação no Brasil. Não contente com esta obra, já ingente, o Sr. Meili emprehendeu uma « Historia do Meio Circulante do Brasil» com avultado numero de reproducções das nossas innumeras notas até 1900, acompanhado tudo de um extracto da nossa legislação sobre o meio circulante e sua historia.

Com a recente publicação desta segunda



Barras de Ouro. Casa de fundição de Sabará.

parte, que agora recebemos da Suissa (Jean Frey, Zurich, 1905) completou o illustre autor este seu *magnum opus*. Esta segunda parte sahe posteriormente á primeira e terceira.

Em 1890 o Sr. Meili publicou *Die Manzen des Kaiserreichs Brasilien*, 1822 bis 1900, com 24 pag. de estampas das moedas do Brasil independente, e em 1895 publicou *Die Munzen der Colonie Brasilien*: 1645 bis 1822, com 59 paginas de reproducções.

Essas publicações foram, por assim dizer, precursoras dos volumes mais fartos e definitivos publicados em 1897, 1903 e 1905 e que devemos aqui assignalar, pois formam o conjuncto desta obra monumental. São elles:

I. *As Moedas do Brasil Colonia*, 1645-1822, com 81 estampas de cêrca de 500 moedas (Zurich, 1895-97) In-4;

II. *As Moedas do Brasil Independente*, 1822 a 1900, com 58 estampas (Zurich, Jean Frey, 1905);

III. *A Moeda Fiduciaria no Brasil*, 1771 a 1900, — com 274 pags. de texto e 192 estampas (Zurich, Jean Frey, 1903), In. fol. peq.

Do primeiro e terceiro volumes já se deu noticia circumstanciada quando appareceram. Resta-nos chamar agora a attenção dos amadores e dos que se interessam pelas nossas cousas para o magnifico segundo volume com que o autor completou a sua serie.

O Sr. Meili lembra no prefacio que este volume está consideravelmente augmentado sobre o de 1890, que só descrevia as moedas até 1889. Aqui estão incluidas as moedas da Republica cunhadas desde 1889 até 1900 e, num appendice, elle reunio as moedas emittidas por particulares que,

como *vales*, conseguiram introduzir-se illegalmente em alguns pontos do paiz.

Depois do indice geral, inclusive um esmerado indice das estampas, o autor fecha a sua parte introductoria com tabellas, primeiro dos pesos e valores das moedas dos tres diversos systemas monetarios que temos tido, a saber, de 1822-1834, 1833-1848, 1849-1900, e depois uma tabella das cotações do cambio nesse periodo. A' paginas XXXVII encontram os curiosos uma avaliação das moedas mais ou menos raras, o que occupa seis paginas. As « duas patacas » ou 640 réis de prata de 1832-1833, estão avaliadas em 300 francos, e a pataca de 320 réis, de 1833, de que ha sómente um exemplar conhecido, está sem avaliação; mas sabemos que a Bibliotheca Nacional adquirio ultimamente esse exemplar pela modica somma de 700$000.

Entra depois o Sr. Meili propriamente no assumpto do volume, dividindo o periodo do Brasil independente em tres partes, primeiro e segundo reinados e Republica. Na primeira secção traça uma rapida biographia de D. Pedro I e succulento retrospecto historico da moeda metallica e do papel-moeda no primeiro reinado. Pena é que esta obra não esteja escripta em lingua mais accessivel aos Latinos, pois o Sr. Meili, que mostra profundo conhecimento do assumpto, seria muito mais extensamente apreciado. Segue-se então a descripção das especies reproduzidas.

O autor, tratando das moedas do segundo reinado e da Republica, adhere ao mesmo methodo, subdividindo aquelle periodo em tres systemas, cada um precedido de suas observações especiaes sobre as duas moedas. Por fim elle dá breve noticia das falsificações das moedas de ouro, prata, cobre e nickel da Monarchia e da Republica. Remata a obra um *appendice* com « moedas particulares (illegaes), cuja circulação local era ás vezes tolerada e outras vezes severamente prohibida », de 1844 até 1900. Estes vales foram emittidos no Pará, Pernambuco, Alagôas, Bahia, Goyaz, Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Basta este simples enunciado do conteúdo desta obra para mostrar-lhe o valor, sobretudo tomada em conjunto com os outros dous volumes já anteriormente publicados. O Sr. Meili é um benemerito da nossa patria, pois esgotou o assumpto em que se empenhou e a que tantos haveres sacrificou com a producção deste monumento. Temos tido alguns catalogos de collecções numismaticas e alguns delles de certo merito, como os do Sr. Silva Ramos, de Manáos; a obra, porém, do Sr. Meili é unica e ha de ser sempre a grande autoridade sobre as moedas brasileiras.

FLAMBOYANTS...

Os flamboyants, os flammejantes flambloyants, que davam ao Rio de Janeiro neste ardente mez de Dezembro a pompa da sua purpura vibrante e a sombra das suas espalhadas frondes, onde estão? Que machado perverso e mil vezes maldito, decepou pelo tronco, ao rez do chão, essa arvore encantadora, maravilha dos nossos verões abrasados? Não sei; pois não havia canto de arrabalde em que, ainda ha pouco tempo, se não visse, desdobrada na sua belleza victoriosa, a cupola estrondosamente escarlate d'essa arvore de tão variada feição, e que parecia já fazer parte da physiognomia da nossa cidade.

Olhando da minha varanda para as manchas verde-negras dos jardins urbanos, e para além, para as mattas que circumdam a cidade, em vão procuro a copa incendiada da arvore dos ramalhões alegres, onde o canto da cigarra tão bem se harmonisava com a vibração estridula da côr das flores...

Passando ha dias, numa hora ardente, por uma velha rua onde morei, senti não vêr na esquina um bonito flamboyant, que era a unica nota pittoresca do logar. Esse tambem tinha cahido aos golpes de um braço inconsciente e rijo, deixando a calçada núa reverberando ao sol. Parei, sem poder reprimir um movimento piedoso, como se tivesse de improviso esbarrado numa sepultura...

Que mal teria feito essa pobre arvore, á sombra da qual a creançada pobre brincava de cabeça núa e a cujo tronco se recostava á noite o violeiro do bairro, acompanhando-se nas trovas da *Casa branca da serra?*

Ahorreceram-se d'ella porque, extenuada por uma producção violenta, a infeliz despiu-se nos mezes em que as suas folhas de um verde tão delicado, não fazem falta a ninguem. A terra no inverno gosta do sol. Chegado o inverno a arvore do flamboyant desnuda-se, para que o sol beije a terra de que ella tão triumphalmente irrompe. Então os seus galhos seccos descrevem no chão, em ervas delgadas, sombras fantasticas, dizeres que a gente pisa sem procurar entender, seria inutil o esforço, ou erguem-se para os astros, como braços em oração, accenando-lhes :

— Não nos interpomos entre a vossa luz benefica e a terra de que somos filhos.

Inundae-a de luz, penetrae-a de orvalho, enchei-a de caricias! —

Os astros entendem as arvores!

Chegado o tempo em que a sombra é doce e o céu é inclemente, a arvore desabotoa-se repentinamente, e, até onde pódem chegar os seus braços, chega a doçura, a paz, a fresquidão!

Nós é que não entendemos a linguagem das arvores, e essa, nascida para as glorias da cigarra, companheira e nuncia do calor, florindo quando ella canta, secando quando ella morre, ainda era para nós muito menos comprehensivel do que todas as outras, eternamente umbrosas, eternamente verdejantes.

Os nossos olhos egoistas, não se contentam com um espectaculo transitorio, mesmo que maravilhoso. Queixamo-nos de haver monotonia na nossa paizagem e estigmatisamos as arvores que mudam, só porque mudam; as arvores que não cantam sempre a mesma cantiga, que não abrigam o anno inteiro o viandante e os ninhos, arvores que dormem e cuja alma errante vôa, como vôam as andorinhas, a reflorir em outras paragens frondes de outras arvores desertadas...

Quem nos diz... sim, quem sabe? se essas finas e fugitivas nuvens rosadas, que vemos no outomno deslisarem no céu macio da tarde, não serão a magnifica essencia d'essas flores de luz, seguindo o destino de outros climas, para lá chegarem a hora quente em que a primeira cigarra inebriada cante o seu primeiro hymno ao sol?

Não sei; ninguem sabe. A poesia adivinha alguma cousa, mas não explica tudo; e ha um soffrimento e um deleite nesses mysterios apenas presentidos...

Só assim se explica a tristeza que anda no ar d'este Dezembro...

Quando a alma violenta da flor dos flamboyants voltou aos velhos ramos tão amados, já rarissimos encontrou de pé. Os machados assassinos tinham decepado quasi todos durante os seus dias de abandono e de inercia, cortando-os cerce pela raiz.

Pobres almas vagabundas, e agora? Voltae para d'onde viestes, voltae e ficae

ertas de que ha alguem que vos lamenta, alguem tão pequenina que o seu grito mais clamoroso se perderia a curta distancia, como um suspiro... alguem, que não tendo forças para nada, desejaria enraizar na terra da patria tudo o que inebria os seus olhos extaticos; alguem que, para conforto das cigarras e alegria das florestas, gostaria de plantar, aqui e além, cortando os tufos negros da vegetação dos morros, os maravilhosos flamboyants de umbellas luminosas, esplendendo ao sol!

Extr. JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Poços artesianos

Depois do primeiro poço já perfurado na capital de Rio Grande do Norte, continuou em 1906 a lucta contra a secca n'aquella região.

O segundo poço perfurado no bairro da cidade nova de Natal ficou terminado a 28 de Outubro e installado um moinho de vento para accionar a bomba.

As condições deste segundo poço são, mais ou menos, iguaes ás do primeiro. A distancia entre elles é de 968 metros; a altitude do segundo é de 30^{m}, 3; sendo a do primeiro 33^{m}, 8. A profundidade do segundo é de 48 metros, igual á do primeiro, estando o lençol d'agua abaixo do nivel do mar, como no primeiro. A agua elevou-se do fundo mais de 20 metros. O rendimento é de 30 a 40 mil litros por dia. A qualidade da agua é excellente, agradavel ao paladar; muito pouca cal e dissolvendo bem o sabão; clara e transparente. O poço é forrado com tubos de ferro de 8 pollegadas.

Na perfuração do segundo poço, a despeza com tres trabalhadores, carvão e agua constou de 230 $ 000.

Os tubos de ferro custaram em Nova York á razão de um dollar e 80 centavos por pé. O moinho de vento e bomba custaram 180 dollars em Nova York.

Ficou provado que a cidade de Natal póde ser abastecida abundantemente com excellente agua potavel. Havendo de perfurar-se mais poços, nesta cidade, devem ser empregadas machinas mais leves, podendo perfurar até 200 pés; do preço de 1.000 dollars. Isto facilitará extraordinariamente o trabalho, resultando grande economia e brevidade.

A natureza das camadas do terreno nos dous poços é, com pequenas differenças, a mesma. Não se encontrou pedra.

O serviço de perfuração de poços no Estado do Rio Grande do-Norte dispõe actualmente de duas machinas de capacidade a perfurar mil pés. A primeira foi adquirida em Agosto do anno passado. Com ella foram feitos os dous poços de Natal. A segunda chegou do Rio Grande do Norte em Julho deste anno. Com ella perfura-se actualmente um poço no valle do Rio Potengy. Attingio 9 metros a profundidade desta perfuração a 11 deste mez.

O trabalho a que se deve proceder actualmente, e que já está em via de execução, é fazer uma exploração em todo o Estado, perfurando um ou dous poços em diversas regiões, effectuando assim um estudo em todo o territorio do Estado. Para que este estudo seja realizado com a necessaria brevidade, é precizo dispôr de maior numero de machinas, para o que o Governo vai dar os meios de acquisição

Pharmacia LIMOUSIN, Paris

Inhalador d'oxygenio, Capsulas venifugas Limousin, Picho-lithinado Limousin, Ambulas hypodermicas Limousin, Vinho e Tintura de Condurango.

O Burro flautista

N'uma flauta, que topou,
Cheirando um burro tirou
Som mui terno e mavioso.

— « Sou flautista! »
Grita o burro,
Encantado
Com o achado:
« Deixo o zurro
Vergonhoso,
E vou ser um grande artista! »
Volta á flauta, mas em vão
Rojou com ella no chão;
Nunca mais se repetiu
Tal acaso, que o serviu
N'aquelle inesp'rado solo.

O dizer uma tolice
Não prova que seja tolo
Quem a disse,
Nem o dito mais correcto
Prova que um parvo é discreto.

VISCONDE DE SANTA MONICA.

CAMÕES E CAMINHA

(CAMILLO)

Pedro de Andrade Caminha, contemporaneo de Luiz de Camões, e bandeado na conjuração dos emulos do cantor dos Lusiadas, deixou, para seu opprobrio, a sobreviverem-lhe oito epigrammas desfechados contra o epico. Um d'elles prende com o verso da 5.ª estancia, canto 1.º:

Dae-me uma *furia* grande e sonorosa.

Sahiu Caminha com a seguinte satyra:

Dizes que o bom poeta hade ter *furia;*
Se não hade ter mais é bom poeta,
Mas se o poeta hade ter mais que *furia,*
Tu não tens mais que *furia* de poeta.

A insulsêz do epigramma está bem ajoujada á injustiça do mordaz cortezão e abjecto camareiro do infante D. Duarte.

A malquerença do delator de Damião de Goes, no tribunal da inquisição, não se contentou com menos de ferir oito vezes Camões, aquella mendiga magestade, a quem os seculos por vir erguiam immorredouro templo, emquanto o seu mordaz inimigo, cevado nos alcaidarios e commodos, lavrava n'essas vilissimas injurias o despreso que lhe mareia o tal ou qual talento com que se fizera estimado de Antonio Ferreira, Sá de Miranda, Antonio de Castro e Diogo Bernades, todos, por concomitancia, adversarios de Camões. E' de Caminha este outro epigramma assestado ao principe dos poetas:

Por poeta douto e mancebo és julgado,
E esta opinião de ti não é secreta,
Mas vejo-te de ti ser tão louvado
De mancebo, e de douto e de poeta,
Que de ti, se perdoas, não concebo
Que és poeta, nem douto, nem mancebo.

Camandulas e Camaldulas

Em todos os diccionarios da lingua portugueza se encontra o seguinte : *Camandulas — Rosario de grossas contas.*

Esta definição pede commentario.

O vocabulo *camandulas* é corrupção de *camaldulas*, e a origem d'este é o seguinte.

Existiu na Toscana, no sitio denominado *Camaldoli*, sobre um dos montes Appeninos, um mosteiro de benedictinos fundado por S. Romualdo no anno 1009. Os religiosos d'esse mosteiro chamaram-se por isso *camaldulenses*, ou simplesmente *camaldulos.*

Um d'elles, frei Miguel Florentino, instituiu uma devoção consistindo n'uma corôa de trinta e tres Padre-Nossos e cinco Ave-Marias, em memoria dos annos e das chagas de Christo.

Esta devoção foi aprovada pelo Papa Leão X, que concedeu indulgencias a quem a rezasse.

As contas que servem de guia para tal devoção chamaram-se *camaldulas*, e, por corrupção, *camandulas,* vocabulo que o uso vulgar ampliou a todos os rosarios de contas *grossas.*

Mas qual a razão porque só ás contas *grossas* se applica tal denominação?

E' porque, segundo a tradição, os monges, na sua modesta e rude simplicidade, e vivendo n'um sitio deserto e só povoado de pinheiros, serviam-se primitivamente para rezarem a corôa *camaldula*, de enfiadas de pequenas pinhas, mas que, apezar de pequenas, eram comtudo bastante grandes para serem usadas como contas.

HOTEL DOS ESTRANGEIROS

1, *Praça José de Alencar*, 1 — *Rio de Janeiro*

Proprietario : ALFREDO ELYSIARIO DA SILVA

Tramways da Companhia Jardim Botanico. Preço 300 reis. Ponto de carros e tilburys na Praça em frente ao Hotel.

Telephone nº 498 — *Endereço telegraphico :* **Hotel Estrangeiros-Rio**

Espaçosos salões. Salas de leitura, bilhares, salões para banquetes, etc. 120 aposentos de 2 e 3 peças cada um. Pensão a partir de 10$000 réis por dia segundo o numero de pessoas e tamanho dos aposentos. Banhos quentes e frios. O Hotel está proximo ao estabelecimento hydrotherapico do Dr Julio Brandão e do estabelecimento de banhos de mar. Um contracto com a Empreza de Carruagens S. Mendes e Cia, proporciona aos Sñrs hospedes e viajantes, todas as facilidades no transporte a qualquer hora do dia ou da noute. Lavanderia. Secção de engommadeiras. Officina de marcenaria para reparação de malas, cadeiras e outros objectos de viagem.

HYGIENE IRREPREHENSIVEL

Mosquiteiros nos aposentos. Conselho previdente da Directoria Geral de Saude Publica.

SUCCURSAES

HOTEL DO CORCOVADO EM PAINEIRAS

—:— *Telephone nº* 169 —:—

O mais bello panorama do mundo e o melhor clima da Capital

PENSÃO LARANGEIRAS

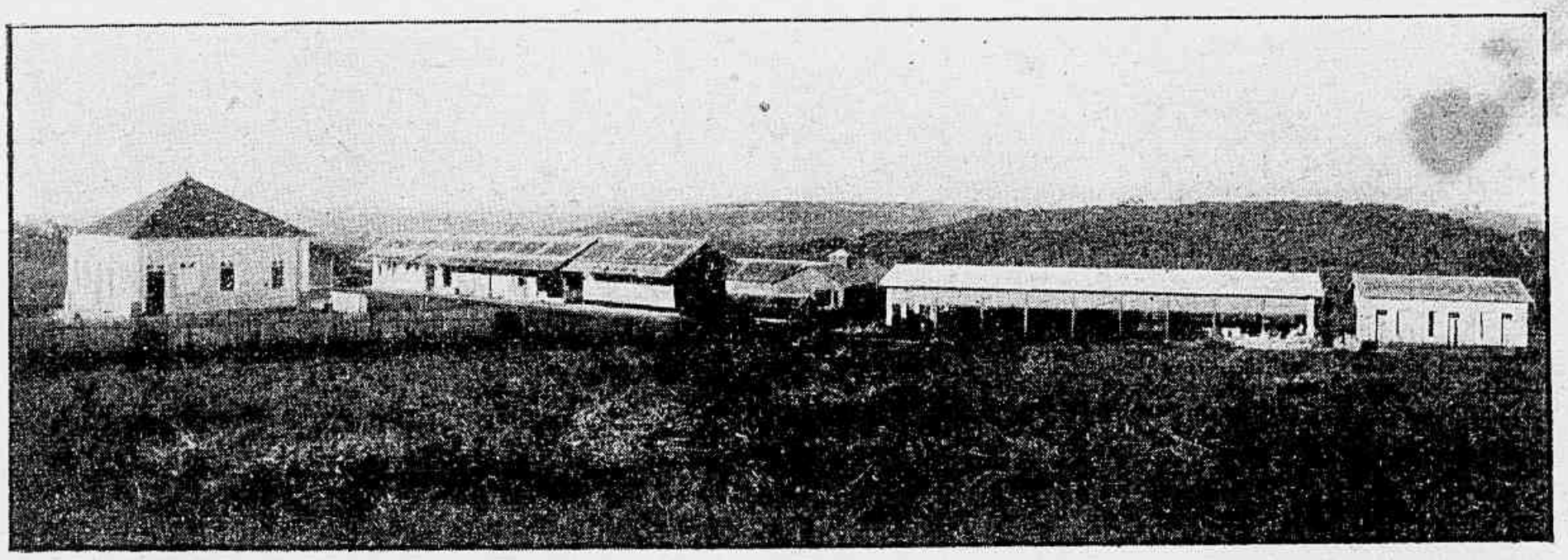
Telephone nº 1512 — *Rua das Larangeiras*, 192 — A Pensão mais chic do Rio de Janeiro.

ESCOLA DE AGRICULTURA DO ESTADO DE S. PAULO

(Escola Agricola Luiz de Queiroz)

Até 1891 a fazenda de S. João da Montanha, onde se ergue hoje a Escola Agricola « Luiz de Queiroz », pertencia aos herdeiros do finado Francisco Florencio da Rocha, sendo nesse anno levada á praça para pagamento de seu debito ao Banco do Brasil.

O Dr Luiz de Queiroz, retirando-se por essa occasião para a Europa, deixou em mãos do negociante de Piracicaba, Antonio Teixeira Mendes, o



São Paulo. — Escola de Agricultura.

capital preciso para effectuar a arrematação da fazenda, declarando na escriptura que ella era destinada a uma escola agronomica. Em seu regresso, tomou o Dr Luiz de Queiroz conta da fazenda, tratando immediatamente de fazer nella alguns trabalhos de adaptação e offerecendo-a em seguida ao Governo do Estado, que não lh'a acceitou de prompto, em vista do que continuou o Dr Queiroz preparando a propriedade com capital seu para o fim desejado, chegando a gastar com esses trabalhos, acquisição de machinas e plantas do edificio a construir para a escola, quantia superior a 100 contos de reis, o que elevou o custo da fazenda a cerca de 160 contos.

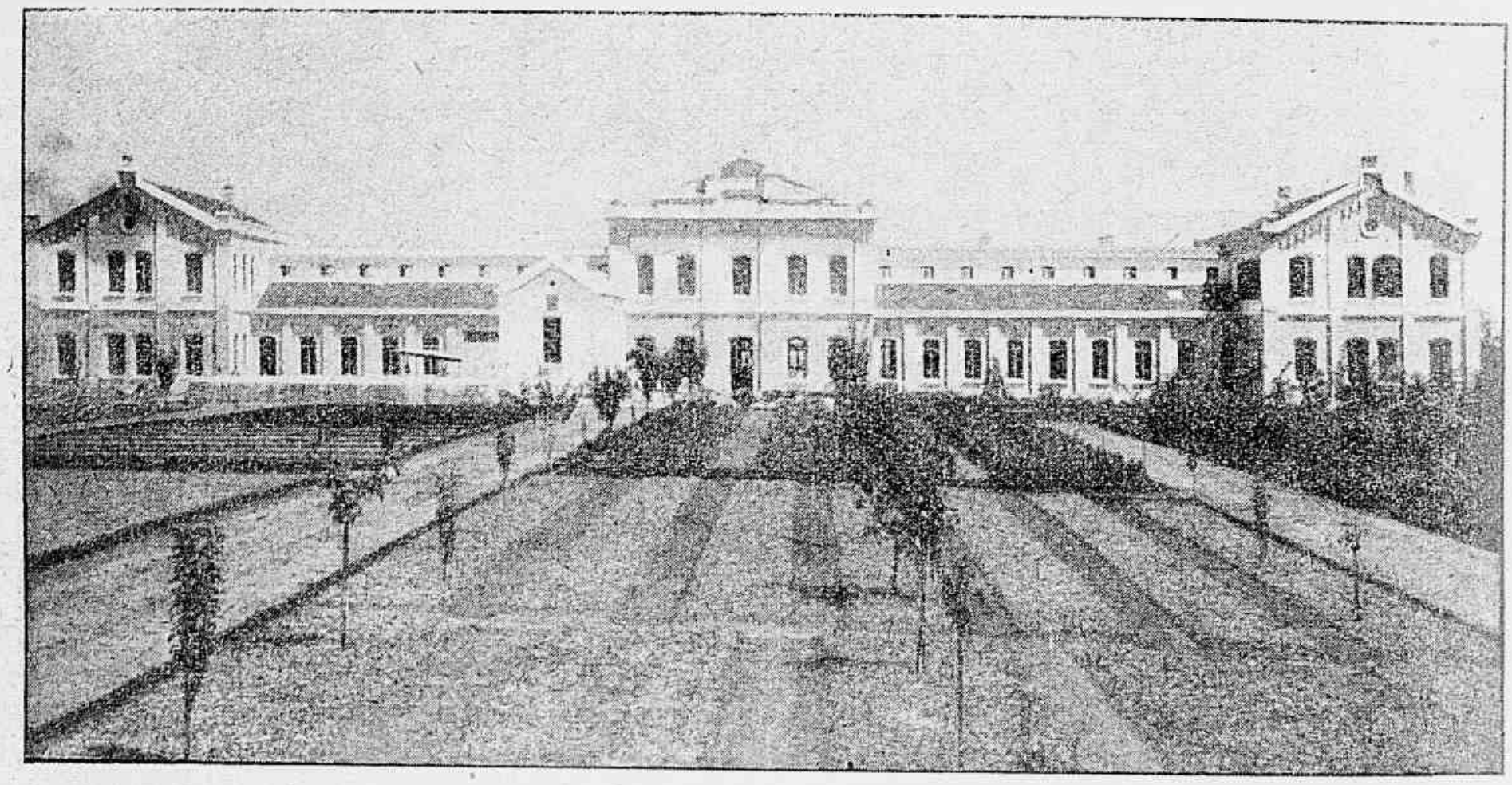
Entretanto resolvera o Governo acceitar o antigo offerecimento, fazendo o Dr Queiroz doação ao Estado de todo o immovel, com todas as bemfeitorias, e recebendo a importancia de 50 $ 774 $ 000, importancia em que foram avaliadas por uma commissão as despezas com bemfeitorias e custeio da fazenda feitas depois da arrematação.

Era presidente do Estado o Dr Bernadino de Campos, e secretario da agricultura o Dr Jorge Tibiriçá.

Para iniciar os trabalhos de adaptação foi nomeada em commissão por decreto de 17 de novembro de 1893, o engenheiro Leon Morimont, o qual foi

tambem encarregado de organisar um projecto completo parà uma escola pratica de agricultura.

Em Abril de 1895, ainda sob a administração do Dr Bernadino de Campos, foi lançada a primeira pedra do edificio escolar, sob a direcção e conforme o projecto do Dr Morimont, o qual ficou limitado aos alicerces até que em principios de 1905, graças á iniciativa do Dr Carlos Botelho, secretario da agricultura do governo do Dr Jorge Tibiriçá, foram essas obras continuadas activamente, ao mesmo tempo que novas construcções, como casa de residencia do administrador, celleiros, posto zootechnico, estrumeiras, casas de machinas, leiteria, etc., se erguiam em outros pontos. O edificio da Escola já se acha



São Paulo. — Escola de Agricultura.

concluido, e delle damos duas reproducções, uma representando-o pela frente e outra pelos fundos. Uma terceira photographia dá, em conjuncto, o posto zootechnico e as outras edificações a que acima nos referimos e todas ellas são reproducções de photographias que a nosso pedido nos farem remettidas pelo Dr Francisco Dias Martins, director da Escola Agricola.

Por ellas verá o leitor que, si outros não fossem os titulos de benemerencia dos drs. Jorge Tibiriçá e Carlos Botelho, só a conversão em brilhante realidade do sonho dourado de Luiz de Queiroz seria bastante para lhes grangear a eterna gratidão do Estado de S. Paulo, collocando-os em destaque na primeira linha de seus benemeritos.

O regimen actual da Escola é do externato e conta já não pequeno numero de alumnos.

O curso consta de trez annos e comprehende o ensino das seguintes disciplinas adaptadas ás necessidades das profissões agricolas :

Mathematicas elementares, Physica, Chimica, Botanica, Zoologia, Zoo-

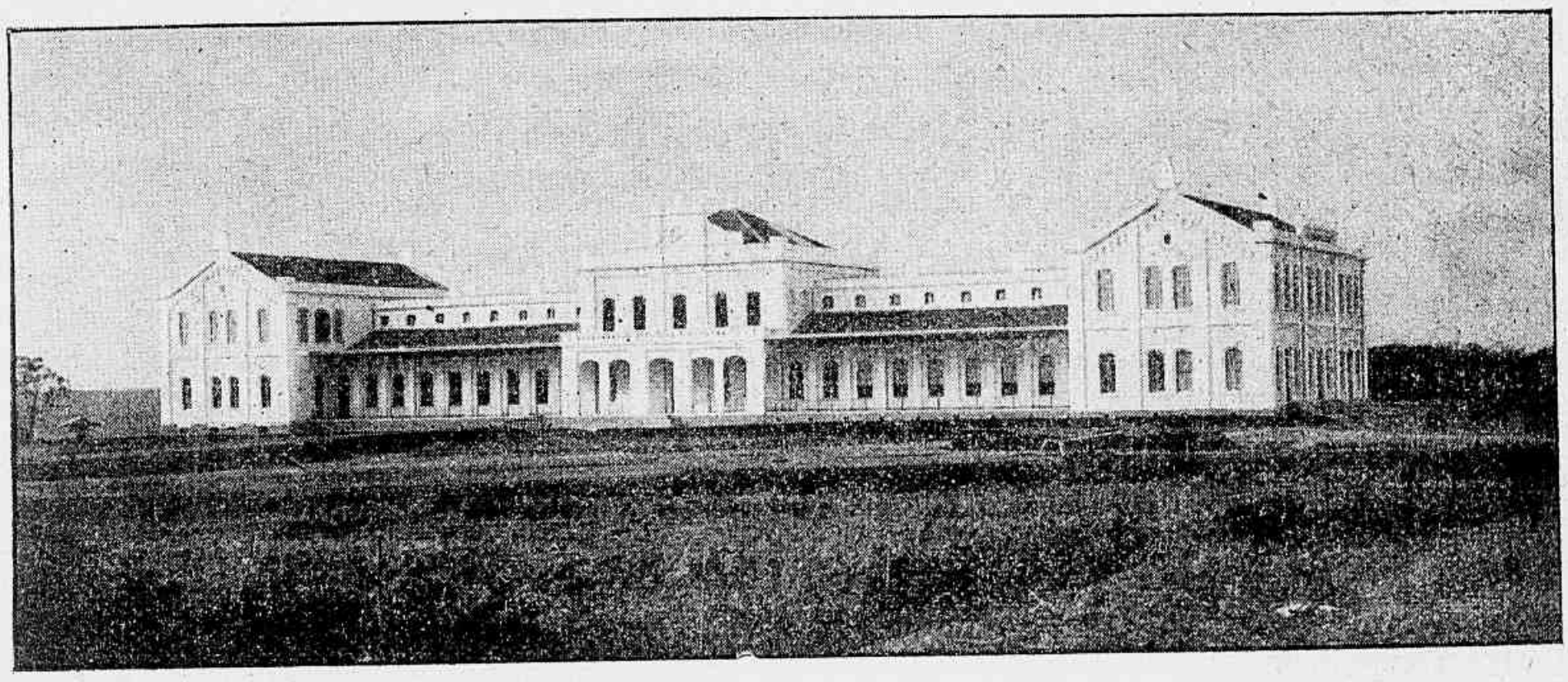
technia, Veterinaria, Agricultura geral e especial, Construcções ruraes, Escripturação agricola, Agrimensura, Hygiene rural e Medicina do Soccorrista.

O ensino deste curso é ministrado em lições theoricas e praticas.

O ensino pratico de agricultura é feito na Fazenda Modêlo, annexa á Escola, onde os alumnos praticam diariamente.

O actual corpo docente consta de nove professores, seis nacionaes e trez extrangeiros.

Para ser admittido no 1.º grau basta saber lêr, escrever e contar. O 2º grau exige como preparatorios mathematicas elementares, portuguez, fran ez, geographia do Brasil e historia do Brasil. Para a matricula no 3º grau



São Paulo. — Escola da Agricultura.

é preciso : mathematicas elementares, portuguez, francez, inglez, geographia geral e historia do Brasil. Para a admissão no 4º grau (curso de 6 mezes de especialisação no fim dos 3 annos) é exigido o diploma de agronomo, adquirido no curso do 3º grau.

Alem dos certificados de preparatorios, é exigido o attestado de ter sido vaccina lo e não soffrer molestia contagiosa, bem como certificado de edade não menor de 16 annos. A matricula custa 50$000.

Brevemente a Escola será ligada á cidade de Piracicaba, da qual dista apenas 10 minutos, por meio de uma pequena linha ferrea.

Os alumnos moram na cidade, uma das mais bellas do Estado, com 15 mil habitantes e offerecendo todo o conforto aos estudantes alem da vida barata.

Alumnos do Norte e do Sul do Brasil encontram-se na Escola.

Ha homens tão vaidosos da sua sciencia, que presumem que os outros não podem ignorar menos nem saber mais do que elles.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Satyra aos medicos

« Sómente por causa da medicina ouvi alguns livros de Aristoteles com a primeira e segunda parte do Avicena; e logo me dei á pratica, tomando primeiro esta : — Se me achava entre medicos de linguagem falava latim, e entre latinos em grego uns versos de Homero, que trazia decorados, com que não ousavam de me responder, cuidando serem auctoridades originaes de Galeno ou Dioscorides. E com esta sagacidade, quando nos ajuntavamos vinte e trinta em conselho de uma effimera de algum principe, todos a uma voz se iam com a minha, porque tambem andava eu para isso mui auctorisado com minha béca de velludo e par de aneis com suas torquezas para as quedas da mula : e a qualquer proposito allegava com os aphorismos de Hippocrates, e trezentos de João de Mena. Isto só bastava para ser medico de um rei, quanto mais de uma cidade populosa, onde se acham muitas vidas para fazer experiencias e ser bom pratico. E mais ás vezes deixava o pulso e tomava a mão á paciente e ensinava-lhe que lêra a linha da vida, e como estava ramificada em honra e outras graças e fabulas, que obram mais na saude que duas oitavas de escamonea. E já me aconteceu ter um enfermo á morte de colica passe, e lhe disse que lhe achava pela mão aquelle anno muita medrança com el-rei, e que havia de casar outra vez mais rico : empregou tanto a phantasia em perguntar se era essa cousa de seu proveito, e a segunda mulher se havia de viver muito, que lhe arrancou mais prestes a dor que uma untura de alacraus. »

(Seculo XVI) JOÃO DE BARROS.

Trovas desconsoladas

Andam uns atraz da sorte,
Sem a poder conseguir,
Desde o berço até á morte;
E a sorte sempre a fugir.

Outros, então, protegidos,
Persegue-os a sorte bella;
Mas são mal agradecidos:
São elles, que fogem d'ella.

Apesar do muito estudo,
Nunca cheguei a saber,
Quem nos mata mais depressa,
Se as penas ou se o prazer.

Junto á fonte, me chamaste :
« O sangue das tuas veias! »
Mas a fonte murmurava :
« Não a creias! não a creias! »

Tu és, sem tirar nem pôr,
O echo da encruzilhada;
Que a um « te quero » responde :
« Te quero »; mas não quer nada!

Nos teus olhos todo o aspecto
Do que eu sinto se resume :
Grandes, meigos : meu affecto;
Negros, negros; meu ciume.

Ha um consôlo, talvez,
A's penas que o mundo dá;
Vive-se só uma vez,
E não mais se volta cá.

Conta-se em duas palavras,
Do meu amor a aventura :
Meu coração foi-lhe berço
Foi-lhe o teu a sepultura.

POPULAÇÃO DA CAPITAL

No dia 20 de setembro de 1906 realisou-se o recenseamento da cidade do Rio de Janeiro, e por esta occasião tomaram-se todas as providencias para que não fosse nullo ou falho o resultado, como tem quasi sempre succedido. A apuração deu, despreza-la insignificante fracção, a respeitavel cifra de 812.000 habitantes, quasi o dobro do que se apurou a ultima vez não ha muitos annos. Comtudo a população deve ser maior ainda, sem embargo de ser este resultado já assaz acceitavel porque é natural que muitos ainda se esquivassem ao arrolamento, sobretudo nas classes inferiores dos negros e mestiços, já por inepcia, já pelo receio de que se tratava indirectamente de uma recensão da capacidade militar da população. Entretanto, e contra essa presumpção, o que mais espantou foi o verificar-se que a população masculina excede por muito mais de *cem mil* á população feminina. Este excesso está provando, de modo positivo, que ainda o algarismo 812 mil está longe de ser o verdadeiro e cremos não errar se calcular-mos que os dous sexos se contrabalançam e, pois, a população do Rio, no minimo, deve attingir 950 mil habitantes, isto é, d'aquelles que são *recenseaveis*, por que ainda por algum tempo haverá os sonegadores e medrosos que pelo *sim* ou pelo *não* desconfiarão da utilidade dos recenseamentos.

Se ainda ajuntarmos a boa porção de Niteroy e Petropolis que são genuinos cariocas de presença diaria na capital, cremos que o *milhão* tão desejado deixa de ser uma conjectura de optimistas.

Verdade provavel e ainda mais fagueira é que com a transformação do Rio de Janeiro que tornou a cidade uma das primeiras do mundo, e dentro em breve a primeira se continuarem as obras da sua transformação (porque nenhuma das grandes cidades das de *milhão* reune á cultura e importancia este soberbo panorama da Guanabara e das suas montanhas) a população em muito poucos annos, talvez seis ou sete, attingirá ao dobro do numero actual. E nem é de espantar esse crescimento quando se attende ao progresso prodigioso do Brasil n'estes ultimos annos.

O conhecimento do numero de habitantes do Rio de Janeiro jámais deixou de preoccupar a attenção dos poderes publicos e dos municipes. Não obstante isso, uns e outros têm descurado a materia, como é facil verificar fazendo o resumo historico retrospectivo dos diversos recenseamentos no Brasil.

No prefacio do volume que trata do recenseamento do Districto Federal executado em 1890, sob a direcção da Repartição Geral de Estatistica, encontram-se apontamentos historicos interessantes e de muita actualidade. Vamos reproduzir, mais ou menos pelas mesmas palavras, as diversas estimativas da população feitas em varias épocas e os resultados de arrollamentos realizados igualmente em épocas differentes. Os grandes intervallos entre as operações censitarias e em geral a sua deficiencia demonstram hoje não só o pouco habito do povo, como tambem certa incuria da administração publica no tocante á estatistica civil.

Em 1585, a população da capitania do porto do Rio de Janeiro foi calculada pelo Barão do Rio-Branco (*Esquisse de l'histoire du Brésil*) em 3.850 habitantes.

Em 1710, Joaquim Caetano da Silva orçou o numero de habitantes em 12.000.

Em 1750, Balthazar Lisboa (*Annaes do Rio de Janeiro*) fez a estimativa de 25.000.

Um decennio depois, o Barão do Rio Branco (ob. cit.) orçava a população em 30.000 almas.

Em 1799, por ordem do Vice-Rei Conde de Rezende, realizou-se o primeiro recenseamento no Brasil, o qual verificou para o Rio de Janeiro uma população de 43.376 habitantes.

Em 1808, segundo o calculo do Monsenhor Pizarro, o numero de habitantes se elevava a 50.144.

Em 1821, o recenseamento dirigido pelo Ouvidor da Camara Joaquim José de Queiroz obteve para o Rio de Janeiro 112.695 habitantes.

Em 1838, a mesma operação mandada executar polo Ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos apurou 137.038 habitantes.

Em 1849, o Conselheiro Euzebio de Queiroz, por intermedio do Dr. J. Haddock Lobo, recenseou 226.466 habitantes para o Rio de Janeiro.

Em 1856, o Senador Nabuco de Araujo, Ministro da Justiça, por intermedio do Chefe de Policia, Dr. Antonio Thomaz Godoy, obteve um resultado muito inferior : 188.158 habitantes.

Em 1870, o Ministro do Imperio, Paulino de Souza, nomeou uma commissão, composta dos Srs. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, Francisco de Faria Lemos, Izidro Borges Monteiro, Domingos de Andrade Figueira e José Vicente Jorge, para realizar uma nova operação censitaria.

Pelo seu relatorio, publicado, no *Diario Official*, de 22 de Julho de 1871, verifica-se que a população apurada foi de 235.381 habitantes.

« Quer pela largueza do plano da operação, quer pelo criterio e escrupulo com que foi levado a effeito, o censo de 1870 occupa um lugar proeminente entre os trabalhos estatisticos do Brasil effectuados até hoje. »

Em 1 de Agosto de 1872 procedeu-se a um recenseamento geral de toda a população do Brasil, sob a direcção da Repartição de Estatistica, organizada no anno anterior pelo Ministro do Imperio João Alfredo Corrêa de Oliveira. Por esse recenseamento encontrou-se um augmento de 39.591 habitantes no Rio de Janeiro, ou a população de 274.972 almas. O grande augmento da população nos dous annos seguintes ao de 1870 liga-se á cessação da guerra do Paraguay e á decretação da primeira lei emancipadora.

Em 1890, o recenseamento mandado executar em 31 de Dezembro pelo Ministro do Interior Cesario Alvim, sob as vistas da Repartição Geral de Estatistica, obteve a cifra de 522.651 habitantes como a da população do Districto Federal nesse mesmo anno.

Em 1900, a mesma Repartição Geral de Estatistica, sendo Ministro do Interior o Dr. Alfredo Maia, apurou apenas como população do Rio de Janeiro pouco mais de 431.000 almas. Provada a sua deficiencia, foi esse recenseamente cancelado por ordem do Governo.

Da data em que se fez o recenseamento de 1890 até hoje temos incontestavelmente progredido muito. Lugares que naquella época só os excursionistas mais curiosos conheciam, como por exemplo Copacabana, transformaram-se em pequenos centros já bastante populosos.

As companhias de carris levaram para mais longe o ponto dos seus trilhos e multiplicaram as suas linhas.

Na zona servida pela Estrada de Ferro Central surgiram estações novas, e nos terrenos á margem da linha, outr'ora baldios, levantaram-se milhares de edificações. O trafego de passageiros exigio um numero muito maior de trens para o serviço dos suburbios.

O consumo da carne tem augmentado sempre de uma maneira notavel e isto é um indicio certo de que a população tambem tem crescido consideravelmente.

F. Mangabeira

O infeliz poeta F. Mangabeira roubado ás letras era uma das melhores promessas da geração actual. O seu primeiro livro *Hostiario* foi uma revelação. Foi menos feliz o segundo — *Tragedia lyrica* — que tomou por assumpto um episodio da expedição de Canudos de triste e miseranda recordação.

« Basta pensar (escreveu lindamente Medeiros e Albuquerque ao tratar do ultimo volume do poeta) com um simples afastamento de dez annos, nesse episodio, para sentir que elle não póde ser elevado ás proporções de um grande feito épico. Só mesmo um espirito de moço, tendo ainda vivido pouco, podia commetter esse erro de perspectiva : vendo de perto os factos, daquella época, pareceram-lhe de proporções formidaveis.

« Mas durante esse tempo o poeta ia deixando amadurecer a sua bella inspiração. O livro posthumo que elle nos deixa é uma prova do que elle teria sido, si tivesse podido viver e produzir mais. Não é mesmo um simples livro de *promessas*; já é de realizações. Sem duvida, facilmente se assignalará em varias poesias a influencia de certos autores. Mas por essa phase passam todos os escriptores novos, mesmo os que depois levam a originalidade até o genio.

Mangabeira tinha todas as notas nas suas poesias. Sabia ser mimoso e simples :

Astros e flores são joias,
Que a estremecer de surpreza,
No collo da Natureza,
Deus engastou a cantar.
Tiveram a mesma origem.
Porém depois se apartaram :
Os astros aos céus voaram,
A flôr não poude voar.

« Ha poesias vibrantes de paixão e no emtanto delicadissimas de fórma. É talvez o caso da que se intitula *Na alcova* e começa assim :

Ventos, passai de leve!
Estrellas e luar, quebrai a luz medrosa
Na vidraça da alcova, onde ella agora deve
Sorrir ao adejar de uns sonhos côr de rosa,
Que a fazem suspirar entre os lençóes de neve.

« E toda a poesia que se segue é soberba de fórma e de idéa.

« Seria facil multiplicar as boas citações das *Ultimas Poesias*. Ha, por toda a parte, bons versos, idéas admiraveis expressas com a maxima propriedade. Parece que está incontestavelmente neste caso o final deste tercetto :

Passa de longe a rir e deixa-me deitado,
No chão, morto de fome, exangue, esfarrapado,
Mas a sonhar, que o Sonho é o ouro do mendigo...

« Para que insistir? Seria excessivo dizer que o livro é perfeito, que elle é grande, sublime, genial. Nem tanto! Mas é, não a simples esperança, mas a segura certeza de que esse moço de 25 annos seria um dos nossos poetas de primeira ordem. Tinha inspiração, espontaneidade, sciencia do verso. O livro delle não é dos que se elogiam pela simples complacencia de ser a obra posthuma de um rapaz. Esse facto serve apenas para entristecer quantos o percorrerem, porque terão a nitida consciencia de que foi um admiravel talento que se extinguio. »

Nas Minas de Courrières

Mil e duzentas victimas

A 12 de Março, numa das minas de Courrières, em França, produziu-se enorme catastrophe, em que foram victimadas cerca de 1.200 pessoas.

Das tres para as quatro horas da manhã desciam aos fossos, como de costume, 1.800 mineiros. A's sete horas ouve-se uma tremenda explosão. Eram os fossos nºs 2, 3 e 4, que rebentavam pela acção do grisú, que se inflammara. Daquelles infelizes que acabavam de descer para o trabalho a maior parte não voltaria mais á luz.

Havia dois ou tres dias que se pronunciara incendio num fosso, o nº 3; foi essa a causa, provavelmente, da explosão do grisú.

O heroismo desenvolvido pelos companheiros salvos em busca dos que pudessem estar ainda com vida foi verdadeiramente notavel, assim como a sympathia manifestada por todo o operariado europeu e da America.

Mas causou particular emoção o facto de serem encontrados no interior das minas ainda 13 homens com vida 20 dias depois da catastrophe.

A's 7 1/2 horas da manhã do dia 30 a turma de operarios empregados no serviço de pesquizas preparava-se para subir quando viu encaminhar-se em direcção a ella um grupo de homens, todos desfigurados, com os olhos sumidos, barba hirsuta, arrastando-se a custo. A' frente do grupo vinha um operario que, respondendo ás preguntas anciosas dos salvadores, contou que elle e seus companheiros vinham do fosso nº 3, onde haviam ficado desde a explosão.

Depois de soccorrido com os seus companheiros no hospital para que foram todos transportados com as cautelas necessarias ás condições de fraqueza em que se achavam, o mesmo operario disse que no dia da explosão procurara refugio perto do fosso nº 3.

— Tonto, á procura de uma sahida, sem luz, tropeçando nos cadaveres dos companheiros, consegui afinal, explicou elle, attingir a parte alta da galeria, onde me parecera ouvir vozes. Ahi encontrei os camaradas que se acham agora commigo na enfermaria. Estavam refugiados no canto da parede em exploração.

Nesse momento foi grande o meu desespero porque soube que não eram os salvadores que esperava, mas sim homens soterrados como eu.

Oito dias não nos arredámos de perto da parede. Mas logo nos faltaram as provisões. A's apalpadellas procuravamos no chão as escorias de madeira com que enganavamos a fome.

Explorando o terreno chegámos á cocheira e ahi então encontrámos a aveia dos cavallos, que nos sustentou durante dous dias. Depois disso encontrámos um cavallo morto já em estado de decomposição. A fome era tal que naquelle cadaver fétido tivemcs de cortar pedaços para comer com a aveia e cascas de arvore.

A sêde martirizava-nos mais do que tudo. Nos ultimos tres dias, separados em tres grupos, explorámos toda a galeria com o fim de descobrir uma sahida.

Hontem sentimos uma corrente de ar novo. Seguimos em direcção ao lugar de onde a corrente nos parecia vir e finalmente chegámos á porta da galeria que dá para a sahida commum do fosso. A entrada da galeria estava meio fechada pela terra de um desmoronamento.

Congresso Operario regional

Reuniu-se em 1906, no Rio de Janeiro, um Congresso Operario, o primeiro que até agora se conseguira no Brasil.

Installaram-se os trabalhos no dia 1º de Maio, no theatro do Centro Gallego, sob a presidencia do operario Fernando Fregeiro.

Compareceram cerca de 50 delegados, que foram reconhecidos.

Estudaram-se diversas questões nesse Congresso Operario, que depois de ter funccionado varios dias dissolveu-se na melhor ordem.

REPUBLICA FRANCEZA

O novo Presidente

Realisou-se a 17 de Janeiro a eleição do novo presidente da Republica franceza, com a presença de 850 congressistas.

Foi eleito o Snr. Armand Fallières por 439 votos. Recolheram-se 371 cedulas com o nome do Snr. Paul Doumer.

O Snr. Armand Fallières, que tem hoje 66 annos de edade, filiou-se ao grupo da esquerda republicana desde 1876, quando pela primeira vez se apresentou candidato a deputado, em concurrencia com um bonapartista.



Armand Fallières.

Em 1880 foi nomeado subsecretario do ministerio do Interior e dos Cultos, cuja pasta lhe coube em Agosto de 1882, no ministerio organisado pelo Snr. Duclerc.

Quando este se demittiu por motivo de saúde, o Snr. Fallières assumiu a presidencia do Conselho interinamente.

Fez parte ainda do ministerio Julio Ferry, organisado em Novembro de 1883 e do gabinete Rouvier, que subiu ao poder em 1887.

Elevado o Snr. Sadi Carnot á presidencia da Republica, o Snr. Fallières foi pela primeira vez encarregado de organisar ministerio. Mas suas negociações não surtindo resultado, entrou para o gabinete Tirard, cabendo-lhe a pasta da Justiça.

Foi de pouca duração esse ministerio, mas já em 1889 voltava o Snr. Fallières ao poder com o mesmo Snr. Tirard, mas já agora na pasta da Instrucção publica.

Era eleito senador a 8 de Julho desse mesmo anno, ainda como ministro desse gabinete.

Quando em Março de 1890 subiu ao poder o Snr. Freycinet como presidente do Conselho, manteve no ministerio o Snr. Fallières.

Reeleito senador a 3 de Janeiro de 1897, dahi a um anno era o Snr. Armand Fallières elevado á presidencia do Senado, para a qual successivamente foi reeleito em 1900, 1901, 1902, 1903, 1904 e 1905.

O Snr. Armand Fallières tem assim o seu nome ligado á historia da França por um passado cheio de nobres exemplos. Espirito claro, conhecendo perfeitamente todos os ramos do poder em consequencia de um longo tirocinio do Governo, elle desempenhará sem duvida as funcções da Presidencia com grande aproveitamento para o desenvolvimento do grande paiz que o elegeu. Na politica, a coberto de hostilidades capazes de oppôr-lhe por agora um sério estorvo, elle está em situação de proseguir na obra iniciada pelo seu antecessor e corresponder assim á confiança que nelle depositam os seus compatriotas.

A ortographia moderna

E' hoje um movimento universal o da reforma da ortographia no sentido da simplificação.

Na França e na Inglaterra, onde aliás é difficil por que a lingua escripta differe enormemente da prosodia ou lingua falada, cada vez mais se torna intensa a propaganda por um systema mais racional e mais simples.

Ainda ha pouco, nos Estados Unidos, o Presidente aconselhou officialmente a simplificação da escripta; mas o Presidente Roosevelt, vencedor em Cuba, foi derrotado na sua campanha pela reforma da orthographia.

O Sr. Ridgey, contador da moeda "comptroller" recusou consentir na modificação da graphia do titulo do seu emprego, que o Sr. Roosevelt quer que seja "controller". O Sr. Ridgey firmou a sua recusa no texto da lei que creou o seu emprego em que se escreveu "comptroller".

A Repartição do Thesouro consultada, opinou que o compositor não tem o direito de mudar a orthographia do texto das leis.

Contestação semelhante deu-se na marinha por motivo da palavra "passed" applicada á cathegoria dos officiaes. A reforma orthographica "quer que seja past" e não "passed".

Ha uma lei na União Americana que não foi revogada que manda adoptar o *Diccionnario* de Webster como o unico autorizado em materia orthographica.

O italiano e o hespanhol são dos idiomas cultos os que tem orthographia mais simples por que aboliram as suppostas letras gregas *th*, *pt*, etc., e quasi todas as letras dobradas, sem falar na restricção de uso dos *h h* e *y y*.

Em Portugal ha uma nova escola de orthographos que introduziu algumas reformas, segundo os estudos que do assumpto fizeram Gonçalves Viana (*orthographia nacional*) Candido de Figueiredo (nas suas obras e no *Novo dicionário*) A. A. Cortezão e outros, os quaes, no em tanto, divergem no que respeita a alguns pormenores.

As regras mais importantes da nova orthographia portugueza são :

1. A suppressão das letras dobradas. Excepto naturalmente *rr* e *ss* porque differem na pronuncia das letras simples.

2. A suppressão do *y* por inutil; substituido sempre pelo *i*.

3. A suppressão sempre possivel do *h* nos chamados grupos gregos *th*, *ch* (= c = qu) *ph* (= f) *pt* (= t) *pht* (= t) *rh* (= r).

4. A correcção de erros antigos perpetuados sem razão de ser : *posthumo* (postumo); *lettra* (letra) *exhuberante* (exuberante) *hontem* (ontem) *hombro* (ombro).

5. O uso e emprego methodico do *s* e do *z* quando tem valores quasi identicos, adoptando-se o *s* quando este fôr etymologico (português, revés : portuca*lensis*, re*versum*) e adoptando-se o *z* quando resultar do *c* brando ou *ti* latinos : *grandeza*, pe*quenez*, e nos patronymicos *Bernardez*, *Perez*.

6. O emprego preferido do *j* ao *g* nas ultimas syllabas : *orijem*: *imajem*, *etimolojia*.

7. O emprego de accento graphico ao menos nos exdruxulos (pálido, lépido, rispido, tópico), alem do emprego nos outros casos conhecidos.

A orthographia nova não resolve todas as difficuldades mas não ha systema algum que *in totum* as resolva.

Crimes no Rio-de-Janeiro

Durante o anno 1905 deram-se na Capital 74 homicidios e 106 casos de tentativa de morte.

Os suicidios foram em numero de 89, dos quaes 45 de homens e 4 de mulheres, sendo 50 brasileiros e 39 extrangeiros.

Os meios empregados foram : arma de fogo 25, arma branca 6, ingestão de acido phenico 16, ingestão de veneno 12, fogo ás vestes 11, asphyxia por submersão 5, atirando-se de janella 6, atirando-se sob o trem de ferro 3 e atirando-se sob bond 5.

Tentaram contra a propria existencia 121 individuos, sendo 55 do sexo masculino e 66 do feminino, sendo 68 brasileiros e 53 extrangeiros.

Occoreram 516 desastres que determinaram a morte de 501 pessoas, dos quaes 476 homens e 15 mulheres, 389 brasileiros e 103 extrangeiros.

As causas foram : apanhados por trem de ferro 133, por bond 76, por outros vehiculos 58, em officinas 37, quéda de navios 28, ao mar 36, de andaime 45, em poços 16 e de janellas 15, por desabamentos 17, por queimaduras 24 e por armas de fogo 16.

Alem desses desastres houve 416 que resultaram de offensas mais ou menos graves em 563 pessoas, sendo 389 homens e 174 mulheres.

Foram encontrados 39 cadaveres, sendo 18 na via publica, 15 a boiar e 6 arrojados pelo mar.

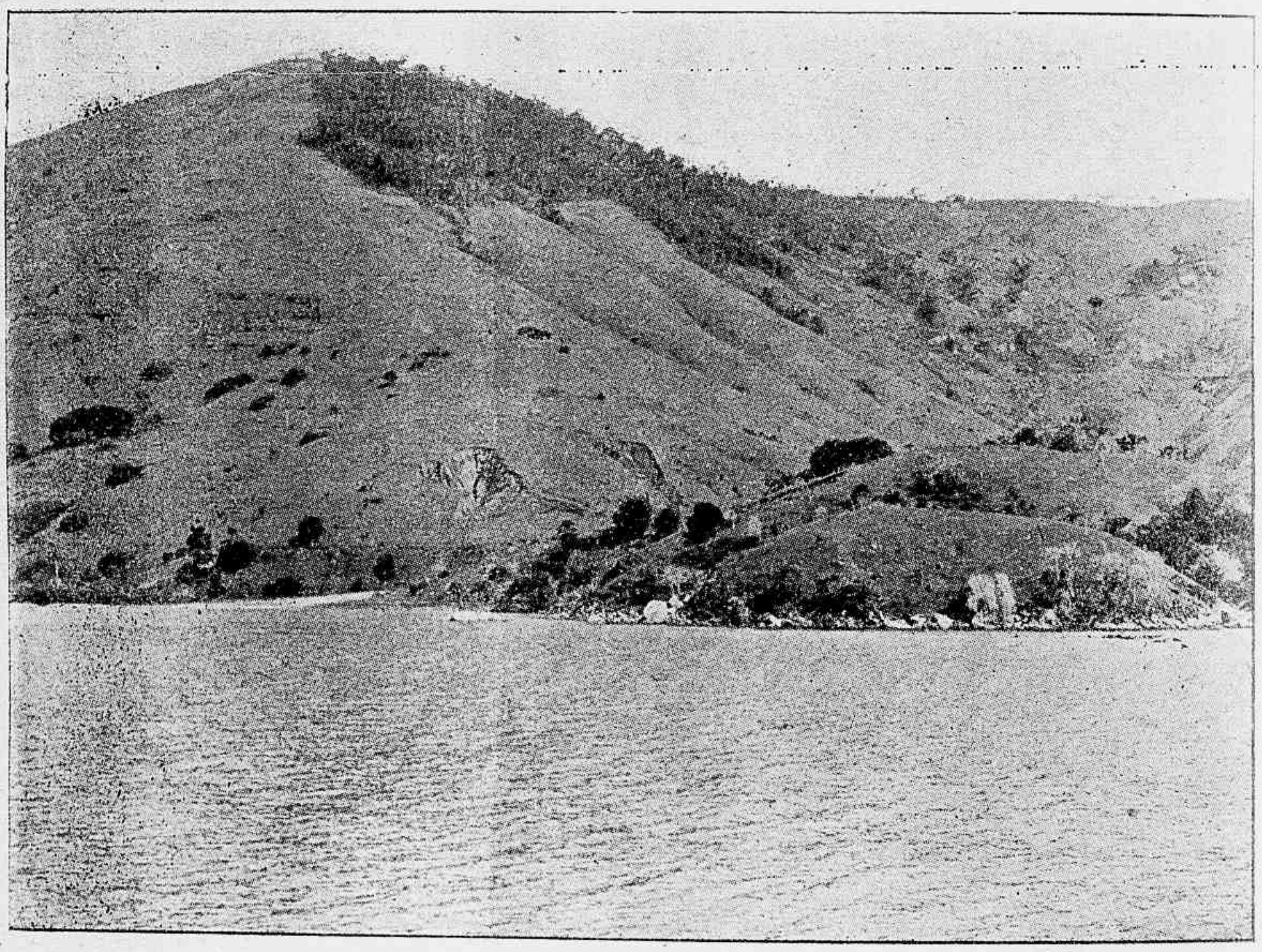
Na via publica foram encontrados 11 recem-nascidos, sendo 5 do sexo masculino e 6 do feminino, os quaes a policia mandou recolher á Casa de Expostos.

De toda esta rezenha o que horroriza e indigna ao mesmo tempo é o numero de mortes causados pela impericia e crime da administração publica : as das victimas dos trens, dos bonds e outros vehiculos...

A catastrophe do Aquidaban

O dia 21 de Janeiro de 1906 ficará assignalando a maior das catastrophes que enluta até hoje a historia da marinha nacional.

As dez horas e quarenta e cinco minutos da noite daquelle dia, submergiu-se o encouraçado *Aquidaban*, na bahia de Jacuacanga, onde se achavam varios navios de guerra em commissão de estudos para escolha do ponto em que devia ser construido o novo Arsenal de Marinha.

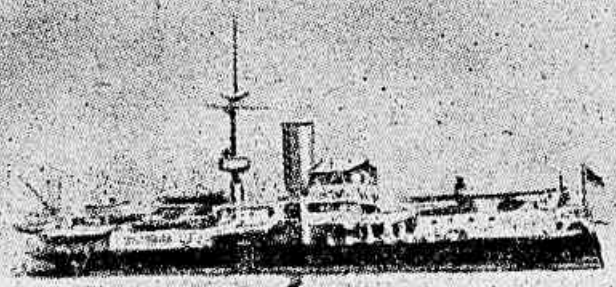


Trecho da Bahia de Jacuacanga.

A não ser a tragedia do *Solimões*, não havia ainda na nossa historia naval noticia de tão grande desastre. O do *Aquidaban*, porém, excedeu em muito a desgraça de 1892. Desta vez não succumbiu somente a officialidade e marinhagem de um pequeno navio, mas uma aggremiação de generaes e officiaes que se reuniam, no exercicio de importante commissão, ao estado-maior, e a tripolação de um encouraçado de 6.000 toneladas, em cujas dependencias estavam juntos cerca de 400 homens.

Ainda hoje se discute sobre a causa que poderia ter occasionado a extraordinaria catastrophe. O que se sabe ao certo é que, estando todos completamente despreoccupados, naquella hora da noite, cedo ainda para dormir, de modo que poucos eram os que se tinham ido deitar, ouviu-se em toda a esquadra um estrondo medonho e viu-se logo o *Aquidaban* ir lentamente mergulhando de popa, adernando para boreste, até virar totalmente. Cinco minutos durou essa opera-

COURAÇADO



AQUIDABAN



CONTRA-ALMIRANTE · RODRIGO · JOSÉ · DA · ROCHA
IMMEDIATO



CONTRA-ALMIRANTE · CANDIDO · BRAZIL
MEMBRO DO CONSELHO NAVAL



CONTRA-ALMIRANTE · CALHEIROS · DA · GRAÇA
COMMANDANTE



CAPITÃO TENENTE · LUIZ H. DE NORONHA
1º MACHINISTA



CAPITÃO DE MAR E GUERRA · ALVES DE BARROS
2º MACHINISTA



1º TENENTE · LUIZ J. DE SANT'ANNA



CAPITÃO DE FRAGATA · ARTHUR DE SERRA PINTO



2º TENENTE · ENEAS CADAVAL

ção sinistra. Depois o velho e famoso navio desapparecia de todo, só deixando á flôr d'agua, como um signal do que fôra, um escaler preso á extremidade de um turco, no passadiço de bombordo.

Succumbiram na catastrophe tres contra-almirantes, Francisco Calheiros da Graça, Rodrigo José da Rocha, João Candido Brasil; um capitão de mar e guerra, José Pedro Alves de Barros; um capitão de fragata, Arthur de Serra Pinto; dois capitães de corveta e grande numero de outros officiaes.

A noticia deste extraordinario desastre, não só enlutou todo o paiz como repercutiu pelo mundo inteiro, recebendo o Brasil demonstrações de viva condolencia de parte de todas as nações amigas.

O *Almanaque Brasileiro*, tendo occasião agora de registar o funebre acontecimento, fal-o ainda com o reflexo da dôr que por aquella occasião acabrunhou todos os corações patriotas entre nós.

Um cavaco linguistico

O suffixo "IA"

Tive a idéia de escrever um estudo mais ou menos desenvolvido sobre os nossos suffixos, coisa aliás interessante e que só se encontra em livros carissimos e raros como os de Diez e Meyer Lübke.

Mas, apenas pûs mãos á obra, percebi que o trabalho era mais amplo, mais curioso e mais difficil do que a principio me parecera.

Resolvi, pois, *destacar* (com licença dos puristas) apenas o suffixo *ia* — que por si só dá muito panno para manga — e deixar os demais para um trabalho posterior, uma monographia extensiva, que publicarei se o tempo e... os bolsos o permittirem.

Entremos em materia.

Propriamente falando, temos dois suffixos *ia*, um com *i* breve, átono, outro com *i* longo e tônico.

O primeiro (com *ĭ*) é genuinamente latino e não se tornou productivo no português; o segundo (com *ī*) é de origem duvidosa, como veremos d'aqui a pouco.

Em latim o suffixo *ĭa*, unido a radicaes adjectivos, servia para crear nomes abstractos, indicando-lhes *a qualidade*, ou *a maneira de ser*. Dos participios presentes em *ant*, *ent*, formavam-se palavras como *constant-ia*, *innocent-ia*. Do mesmo modo *fiduc-ia*, *audac-ia*.

São poucos os nomes abstractos que no português, como em todo o dominio romanico, trouxeram esse suffixo : *fallacia*, *astucia*, *inveja* (de *invidia*) e poucos outros.

Mas o espirito, constructor admiravel, não permittiu que se perdesse de todo o valor, a força do minusculo suffixo : — canalizou-lhe a pouca energia e foi aproveital-a em outra direcção, em os nomes geographicos, de nações e continentes, taes como *Allemanha*, *Hespanha*, *Prussia*, etc.

É de notar a estranha deslocação do accento em algumas dessas palavras de origem relativamente moderna.

Devido a isso, vemos a *Prússia* ao lado da *Turquia*, fazendo brigar não os seus subditos, mas os philologos impenitentes que sempre andam a querer analysar os ultimos e tenebrosos escaninhos do espirito, no que elle tem de mais vaporoso e espontaneo. O que succede é brigarem, porque o espirito vae-se recolhendo, vae-se recolhendo, mergulhando-se cada vez mais na sua crypta sombria onde só o vê e analysa. Aquelle que, no dizer de S. João, « tem olhos como chammas de fogo. » E lá, des-

sa crypta, o espirito ri sarcasticamente dos philólogos e psychólogos que lhe andam á pista, escorregando, tacteando com umas candêias de cera fumarentas, agarrando-se ás têias de aranha que pendem dos muros denegridos...

Voltemos ao ponto.

Se é exacto que os termos geographicos em *ía* tônico são de origem relativamente recente, não seria temerario suppôr uma sorrateira invasão de um novo suffixo *ĭa*, de que vamos tratar.

Mas, como é duvidoso que o *ía* accentuado seja um novo suffixo, deixamos o facto estranho no pé em que nol-o apresentaram os mestres.

Antes de encarar o suffixo *ía*, porém, acho que vem a pelo dizer alguma coisa ácerca das pronuncias.

Oceânia e *Oceanía*.

Eis aqui uma palavra em que não concordam, ao pronuncial-a, dois professores, do mesmo estabelecimento de ensino, vindo por vezes a uma querela fastidiosa, árida, chata, em que a razão maior é o *magister dixit*...

Ora, se o suffixo que serviu para formar palavras geographicas, de nações ou continentes, era *ĭa* e não *ĭa*, mais de acordo com a indole da lingua, com a historia e com a analogia andarão os que disserem *Oceânia* mais que os que disserem *Oceanía*. Sómente um uso universalmente admittido, como na palavra *Turquía*, poderá fazer-nos desviar da linha primitiva.

Entretanto, como isto não é dogma *definido* — para usar a technologia dos theologos catholicos — está ainda á vontade de cada um o pronunciar desta ou d'aquella maneira, até que o predominio de uma fórma se estabeleça definitivamente, ou appareça um decreto *ex-cathedra* (de alguma Academia *futura* que se preoccupe com as coisas praticas), acceitando uma e banindo a outra.

Agora, ao suffixo IA.

Este peregrino só nos appareceu para pôr em conflagração os senhores grammaticos.

Duas são as hypotheses aventadas para descobrir a patria ao forasteiro :

1ª É o mesmo suffixo latino *ĭa* com o accento deslocado. (Diez.)

2ª É de origem grega. (M. Lübke).

Diez, optando pela primeira hypothese, não procura explicar — se não me tráe a memoria — a razão do desvio do accento.

Eu creio — se é permittido a um neóphyto opinar por qualquer coisa — que a deslocação do accento se operou — se é que se operou — pelo facto de ser o suffixo *ĭa*, curto, átono, por natureza esteril, sem vida que pudesse communicar ás novas creações da lingua; um suffixo tendendo a sumir-se no organismo das palavras a que se prendia (como em *esperança*, de *sperant-ĭa*); ou a transformar-se em uma consoante, quando combinado com *d*, por exemplo (como em *inveja*, de *invid-ĭa*).

Ora o espirito, medico perito, creador pasmoso e fecundo, deu corpo, deu vida, deu alma ao coitadinho moribundo e, com simplesmente deslocar-lhe o accento, tornou-o viril e apto para procrear uma caterva de vocabulos vivos, alegres como a mesma *alegr-ĭa*, vocabulos que cantam no verso como uma *harmon-ĭa* ou que protestam na prosa contra qualquer *villan-ĭa*...

E não vae nisso nada de arbitrario : o espirito humano sempre recorreu a esses recursos, por vezes desesperados, para salvar, na economia das linguas, qualquer fêto atrophiado ou algum velhinho já trôpego. Aqui, põe uma *perna-de-pau;* acolá, corta e retalha. E para isso não pede licença a ninguem, nem tam pouco ouve conselhos que lhe dão.

Assim, o *mentum* latino deveria dar no francês *ment*, como *jumentum* deu *jument*. Mas, sendo uma coisa mui bem verificada a repugnancia que as linguas novi-latinas patenteiam para com as palavras curtas, sem corpo solido (razão por que o português abandou o *spes* e foi buscar o *sperantia*), o que fez o francês?

Botou-lhe ao *ment* uma *perna-de-pau;* pois, com a simples deslocação do accento na palavra latina, creou um como suffixo *on*, que nada tem que ver com o seu congenere diminutivo de *aigl-on*, por exemplo.

E eis o *menton*, garboso mas... de dentadura postiça!

O que levou Diez a preferir a primeira hypothese, foi o recusar-se a crer que as palavras em ia, de origem grega, fossem capazes de influir tão poderosamente na formação de outras, uma vez que não eram nem em grande numero, nem de uso tão intenso nas linguas filhas do latim.

Por outro lado, Meyer Lübke toma a segunda hypothese, vendo no suffixo uma importação da Grecia, por intermedio do Christianismo.

Seja lá como for, *īa* e não *ĭa* foi o suffixo productor que nos ficou.

Vem a calhar agora algumas observações quanto ás formas *artilheria* e *artilharia* discutidas, e tão habilmente, por duas competencias em philologia : Candido de Figueiredo e Heraclito Graça.

Parecerá mesmo que assumo uns ares de pretensão sem nome, pondo-me a discutir o que outros já esmiuçaram com habilidade rara. Mas, os mestres desbravavam as mattas, franqueavam a estrada, e ser-lhes-ia por demais odioso se quizessem vedar aos novatos o corte de uma taquarinha mais, o avançar de um passo além. Cabe ao justo reproduzir as palavras de Ascoli, que M. Lübke fez cabeçalho de sua grammatica :

— « Ogni nuovo avanzamento ridonda in nuovo onore dei maestri che ei hanno aperto e spianato la via ardua e buona. »

Candido escreveu que « o suffixo *eria* é do francês e d'outras linguas romanicas, não do português.... Só *modernamente* foi introduzido no português por influxo do francês em *artilheria*, e d'aí passou a *infanteria* e vai tocando outros vocabulos, *alfaiateria*, *marceneria*, *carpinteria*, *perfumeria*, etc...

..... Desde Camões e Vieira até Bento Pereira e Moraes sempre se escreveu e disse artilharia ou artelharia. »

A essas e outras razões do illustre philólogo português oppôs H. Graça toda uma *bat* (*eria* ou *aria?*) de argumentos a meu ver mui solidos, mas incompletos, como procurarei mostrar no correr destas linhas, com o devido respeito a tão conspicuo conterraneo.

Elle observou, com uma somma de exemplos acima de toda suspeita, que dois suffixos irmãos disputam a primazia na lingua portuguesa desde tempos immemoriaes : *aria* e *eria*. Confrontou a nossa fórma *eria* com a fórma hespanhola indentica, e unica. Admittiu que desta poderia ter vindo a nossa, não do francês. Acceitou, porém, como mais verosimil a hypothese de ser a nossa fórma *eria* uma variante phonetica popular de *aria*.

Isto me parece mui proximo da verdade, e só necessita de uma pequena explanação.

Concluiu elle todo o seu luminoso arrazoado com uma recapitulação em seis paragraphos, dos quaes destacarei alguns que nos levam a estas conclusões :

« 2 — Que juntamente com *aria* figura *eria* na lingua portuguêsa, não modernamente e por influxo do francês, mas desde o seculo XV até hoje.

4 — Que outros (vocabulos) que terminavam antigamente em *aria* variaram ha seculos a terminação para *eria*, e que assim são agora geralmente escriptos, como *galeria*, *poltroneria*, etc.

6 — Que *aria* e sua variante *eria* ás vezes nao são suffixos, são meias terminações; e outras vezes soam assim, mas realmente o suffixo é *ia*, sende frequente antes do suffixo *ia* a ingerencia de um *r*..... (Diez, Gram. 3e ed. p. 279.)

Quanto ao nº 2, observarei que, salvo engano meu, não apresentou Heraclito Graça exemplos do seculo XV, mas só do seculo XVI, pois deste seculo são os autores citados, e d'aí por diante.

Mas, isto é o menos, porquanto temos exemplos até do século XIV, e não sei mesmo até onde irá o desesperado esforço que empregam essas fórmas para vencer uma a outra.

O *Livro de Linhagem*, que na douta opinião de A. Coelho remonta á segunda metade do seculo XIV, traz :

— «... Pero os seus corações eram tão fortes e esforçados em fazer o que cada um podia, que bem é de entender os fez estremados em beldade de *cavalaria*. » Mas logo mais : « ... não percades a fama de bondade de *cavaleria*. »

E Viterbo, no artigo *Alcheria*, põe esta fórma ao lado da outra — *alquaria*, sendo que Moraes, o mesmo Moraes citado por Candido de Figueiredo, só nos dá a fórma *alqueria*, desprezando a outra.

Do nº 4 occupar-me-ei depois.

Do nº 6 tenho a dizer que, propriamente falando, não temos em caso algum o tal suffixo *aria* ou *eriá*, mas apenas o suffixo *ia*. Temos o suffixo *ário*, de *calendario*, *mortuario*; mas o pretenso *aria* é tão descabellado como o *eria*, que põe ogerviza no sr Candido de Figueiredo. E se não, digam-me os sabios na escriptura d'onde viria elle. Não são capazes de o fazer.

Mesmo no italiano, no francês, no hespanhol em que elle só apparece com uma fórma (*eria* ou *erie*), não passa de um suffixo bastardo, filho de uma falsa analogia.

A tal intercalação de um *r* de que fala Diez no exemplo italiano *diavoleria*, é uma burla que o proprio Diez desfaz a pags. 260 do 3º vol.

Eis as suas palavras :

— « Como é que o *r* se introduziu nessas e noutras formas? Em algumas dellas, evidentemente, por uma falsa analogia, ao menos no que diz respeito ás palavras em *ia* e *esco*. Fórmas organicas como a italiana *artiglieria, cavalleria*... deram origem ás inorganicas como *infanteria*, *diavoleria*. »

Portanto, no italiano *diavoleria* não ha só a intercalação de um *r* entre um radical *diavole* (?) e o suffixo *ia*: ha, porém, a adjuncção de todo um suffixo *eria* ao radical *diavol*.

Ouçamos agora M. Lübke :

— « Mas *ia* se une mui particularmente aos substantivos em *ariu*, e d'aí se fórma em seguida um novo suffixo *aria* (em italiano *eria*, em francês *erie*) que, juntando-se primeiramente a nomes de coisas, designa grande quantidade. »

E Darmesteter, tratando do *erie* francês : — « Assim tambem *chevalerie*, em vez de ser decomposto em *chevaler-ie*, foi decomposto em *cheval-erie*. »

Estamos aptos, creio, para encarar o problema no português.

Que as duas fórmas *aria* e *eria* tem brigado através dos seculos, é fóra de toda dúvida; mas que a fórma *aria* fornece muito maior numero de exemplos, e isto quanto mais retrocedemos ás nascentes da lingua, tambem não se poderá seriamente negar. D. Affonso II, rei que foi de 1211 a 1223, escreveu numa de suas cartas : — « Et Praetor perdet ibi meam *alcaidariam* » (Viterbo.)

E num documento ainda anterior, se lê : « *nec facias* CAVALLARIAM. » (Viterbo).

O facto explica-se, a meu ver, do seguinte modo. O suffixo *ia*, segundo M. Lübke, une-se de preferencia a nomes em *ariu*. Ora, a forma portuguêsa primitiva desse suffixo foi *airo*, com metathese do *i* : *vigairo*. De *cavallo*, pois, tirava-se *cavallairo*, e esta fórma, unida ao suffixo *ia*, daria necessariamente — *cavallair-ia*, ou, contraida — *cavallaria*.

Quando, porém, o suffixo passou a ser *eiro* em vez de *airo*, a fórma *cavall eiro* havia de dar, unida a *ia* — *cavalleir ia*, ou, contraida, *cavalleria*.

Tudo vem, portanto, dessa oscillação pouco marcada, para não dizer *nada* marcada, na historia dos suffixos *airo* e *eiro*; pois, pelos monumentos escriptos, quasi nada sabemos desse periodo de transição. (1)

Este meu supposto encontra prova cabal numa fina observação de H. Graça, isto é — que muitas palavras, primitivamente escriptas com o suffixo *aria*, tendem a modernizar-se, escrevendo-se com o suffixo *eria*.

---

(1) A forma *cavallaria*, contudo, persistiu, mesmo depois de se escrever — *cavalleiro* : « E se algum dos *cavalleiros* veer... e não possa servir em *cavallaria*. » (Viterbo). Mas isto nada prova contra a minha theoria, porque as fórmas *cavalleiro*, *cavallario* e até *cabalario* coexistiram por algum tempo.

Era mesmo de esperar que o povo, embora tendo as fórmas em *eiro* já fixadas nos adjectivos, tendesse a guardar a fórma substantiva em *aria*, fórma em que desapparecia o sufixo *airo* contraido em *ar*, surgindo então na alma popular um suffixo *aria*. Poderiamos mesmo suppôr que de adjectivos novos, que só receberam o suffixo evoluido *eiro*, tendo-se originado substantivos em *eria*, a luta entre as duas fórmas se travasse, para nos dar ainda hoje tanto que fazer.

Recapitulando:

1º. Temos duas fórmas: — *aria* e *eria*, sendo aquella proveniente das palavras em *ariu* que ainda conservaram a terminação *airo;* e a segunda proveniente da fórma evoluida *eiro*.

2º. Por analogia com estas fórmas em *ariu* crearam-se novas palavras com os pseudos suffixos *aria* ou *eria* : *ferraria*, por exemplo.

3º. Quando o radical contem um *a* ou um *e* finaes, os suffixos tomam a fórma mutilada *ria* : assim quando o povo nos fala de um campo que exhala o mau cheiro da *carniçaria*, a formação popular é *carniça+ria*; e quando elle increpar alguem de *pedanteria*, a palavra se decompõe em *pedante+ria*. O mesmo se dá em *loteria*.

E se é ou não é assim... *dicant paduani*.

OTHONIEL MOTTA.



Flexa Ribeiro.

Volupia postuma

Como duma floresta espessa e verdejante,
Em que o virgem perfume embriaga e entontece,
Aspiro de teu corpo o aroma entoxicante;
Todo o meu organismo em delirio estremece.

Carne nova e sadia, ó vergel loirejante,
Onde a vermelha Flôr victoriosa floresce!
Num estremecimento, um Desejo anhelante
Busca-te a soluçar, e a soluçar fallece.

Rosa-de-fogo aberta, intensamente rubra,
Queres, insaciada, o sol para queimar-te,
E após nelle morrer numa allucinação...

E quando a Terra fria o corpo frio cubra,
Ainda has de sentir, como que a despertar-te,
A volúpia final da Decomposição!

FLEXA RIBEIRO.

GRANDE LIVRARIA PAULISTA

Casa de Importação e Exportação

65, Rua de S. Bento, 65 — **SÃO PAULO**

Brasil

Nicolau FALCONE

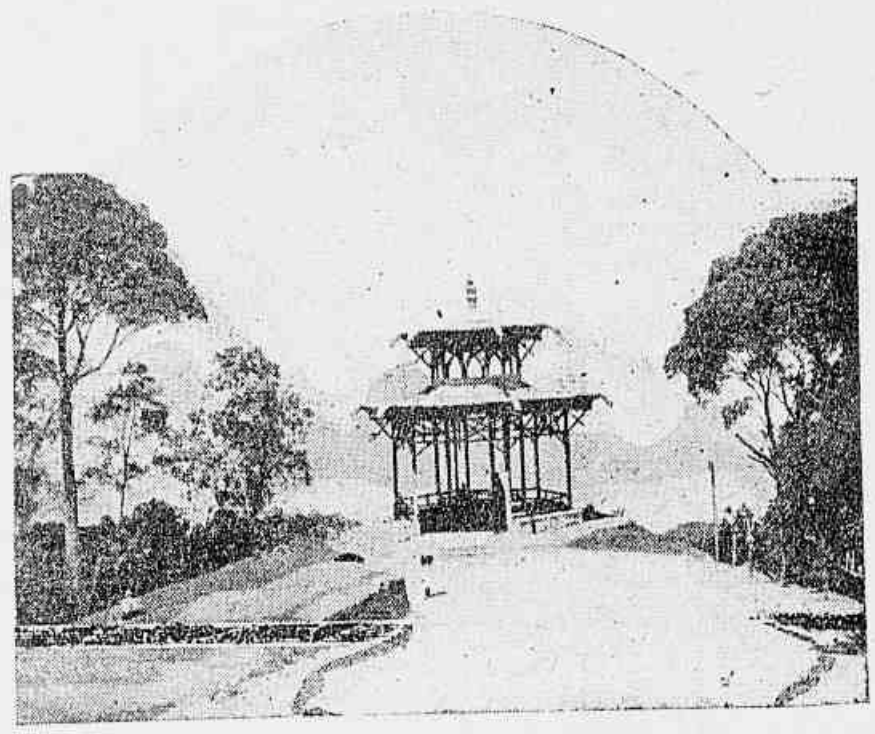
Livros de direito, sciencias, mechanica, artes, religiões, litteratura, didacticos, etc.

Papelaria, artigos de escriptorio e escolares.

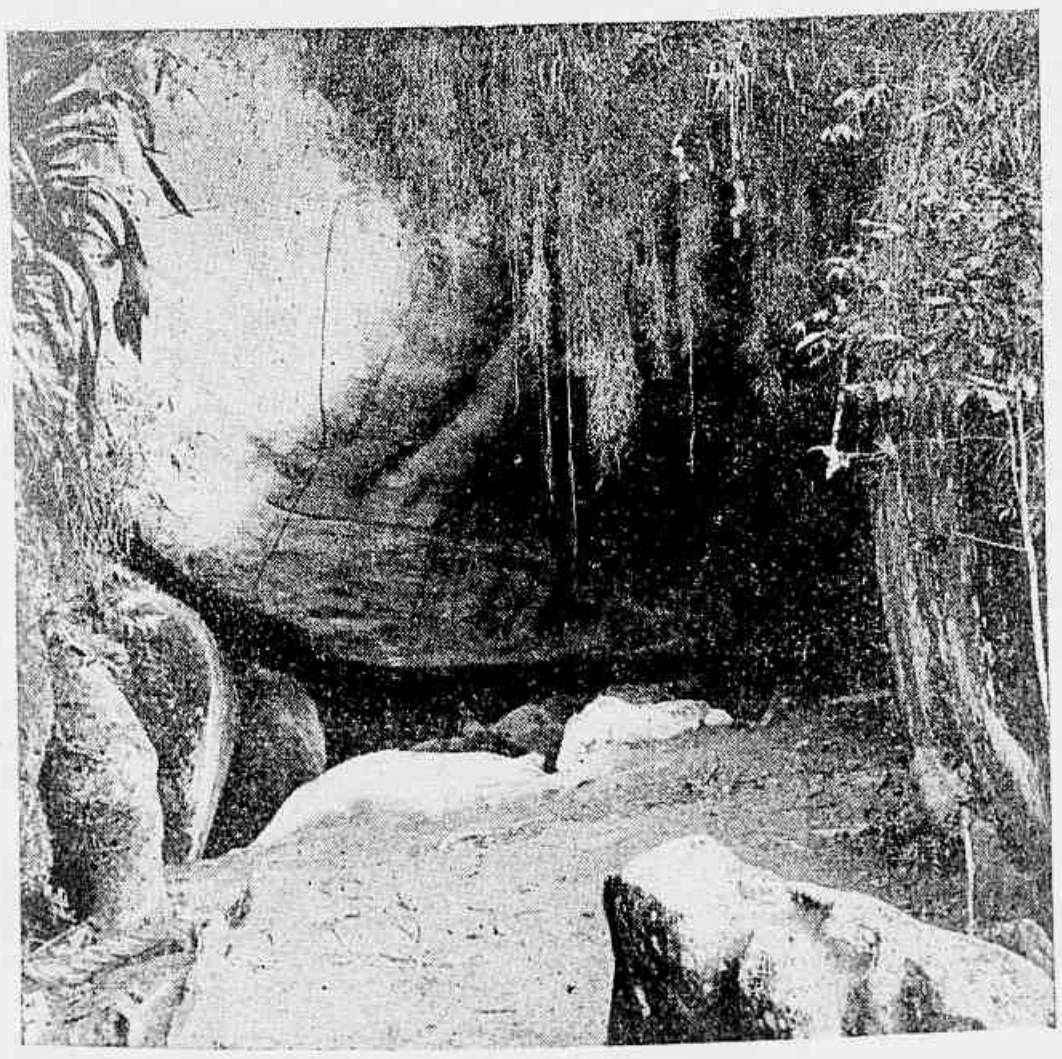
Assignaturas de quaesquer jornal extrangeiro ou nacional. Grande sortimento de romances francezes.

O NOVO RIO DE JANEIRO

Já, em outro lugar, falamos das transformações que vão fazendo do Rio de Janeiro uma das mais bellas capitaes do mundo. O primeiro impulso, e gigantesco, foi dado por um unico administrador, Pereira Passos, mas, não poderá mais cessar a carreira já começada. O novo Prefeito Souza Aguiar cuidará, ao que nos dizem, dos arrabaldes e arredores do Rio, encantadores e sem rivaes. A serra de Santa Tereza e da Tijuca já de ha muito fascinam a quantos as conhecem. Na Tijuca, a *Vista Chineza* com as suas perspectivas gigantescas, as *Furnas*, o *Excelsior* e o lindo Jardim da *Boa-vista* attrahem e reconfortam nos dias de repouso a população da cidade baixa.



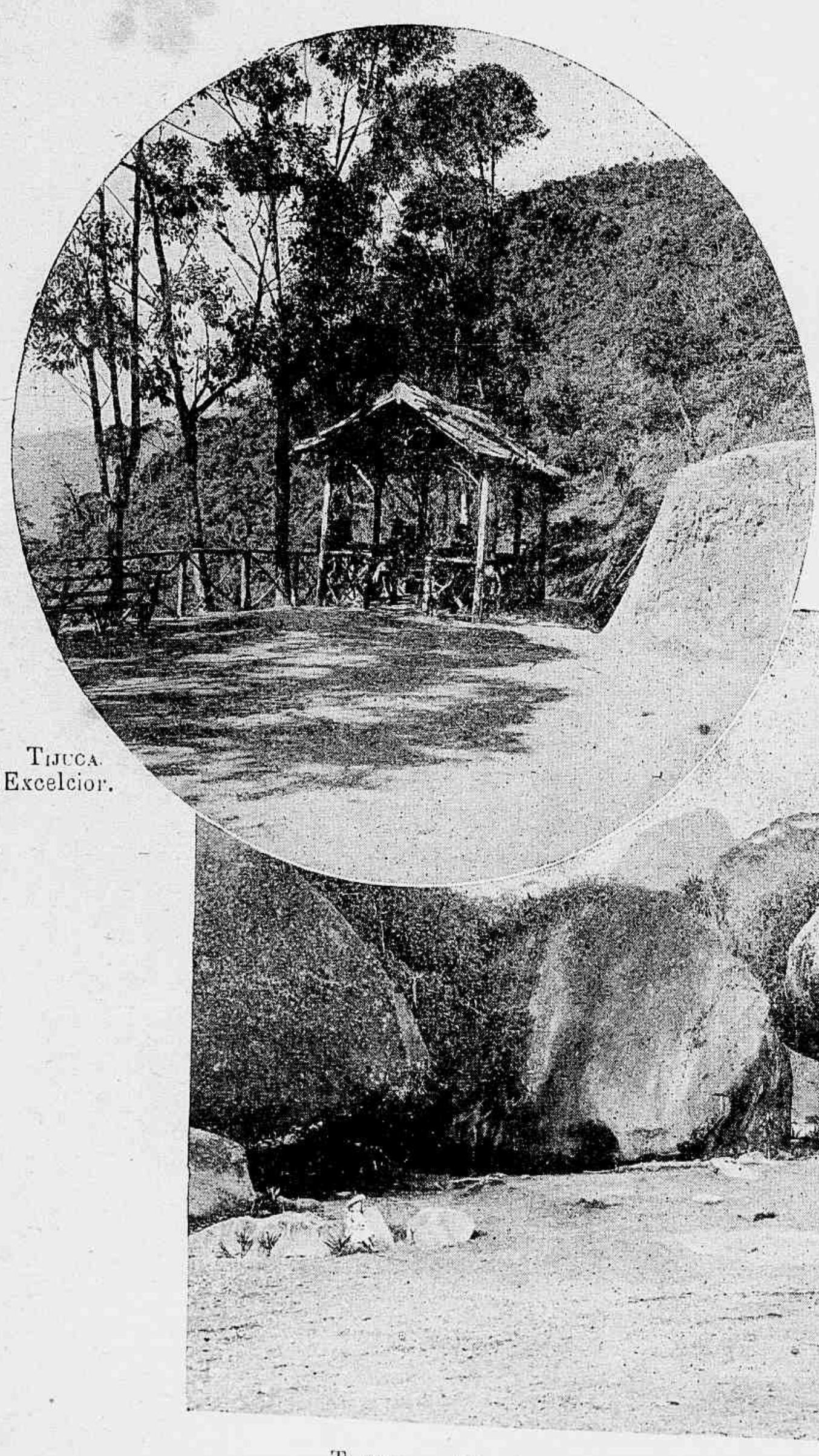
Tijuca. — Vista Chineza.



Tijuca. — Entrada á esquerda da entrada principal.

Ainda é recente a surpreza que a todos causou o panorama grandioso e estupendo do *Sumaré* na linha agora prolongada da Ferro Carril Carioca. E' talvez o mais bello ponto de vista que temos sobre o conjuncto da cidade, mormnte na esplanada que se encontra depois da em que está construido o *restaurant* campestre; o *Sumaré* será no estranjeiro ainda mais conhecido do que o é a Tijuca. E' impossivel descrever toda a grandesa da paisagem; as nitidas photographias de A. Malta, artista e photographo, podem dar a idea do scenario maravilhoso pelas illustrações que aqui reproduzimos d'esses dous

recantos admiraveis do Sumaré e Tijuca, dentro em pouco ligados pela tracção electrica e já a poucos minutos da cidade. Sem que lhes sejam comparaveis, nem mesmo remotamente, é com tudo muito de esperar que os dous trechos novos ou quasi novos, o do immenso atterro do Caes ao norte, e a *Copacabana* ao sul, venham a attrahir algumas sympathias. A *Copacabana* é uma bella praia, já um pouco estragada



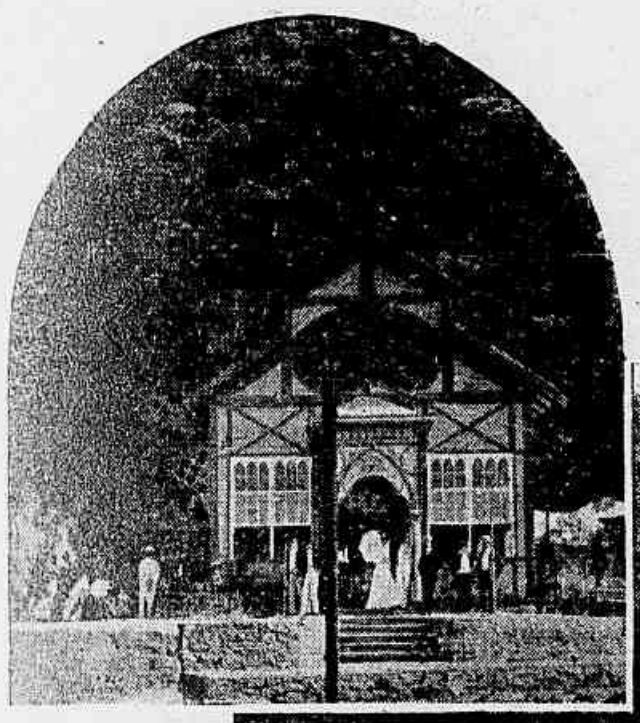
Tijuca. |Excelcior.



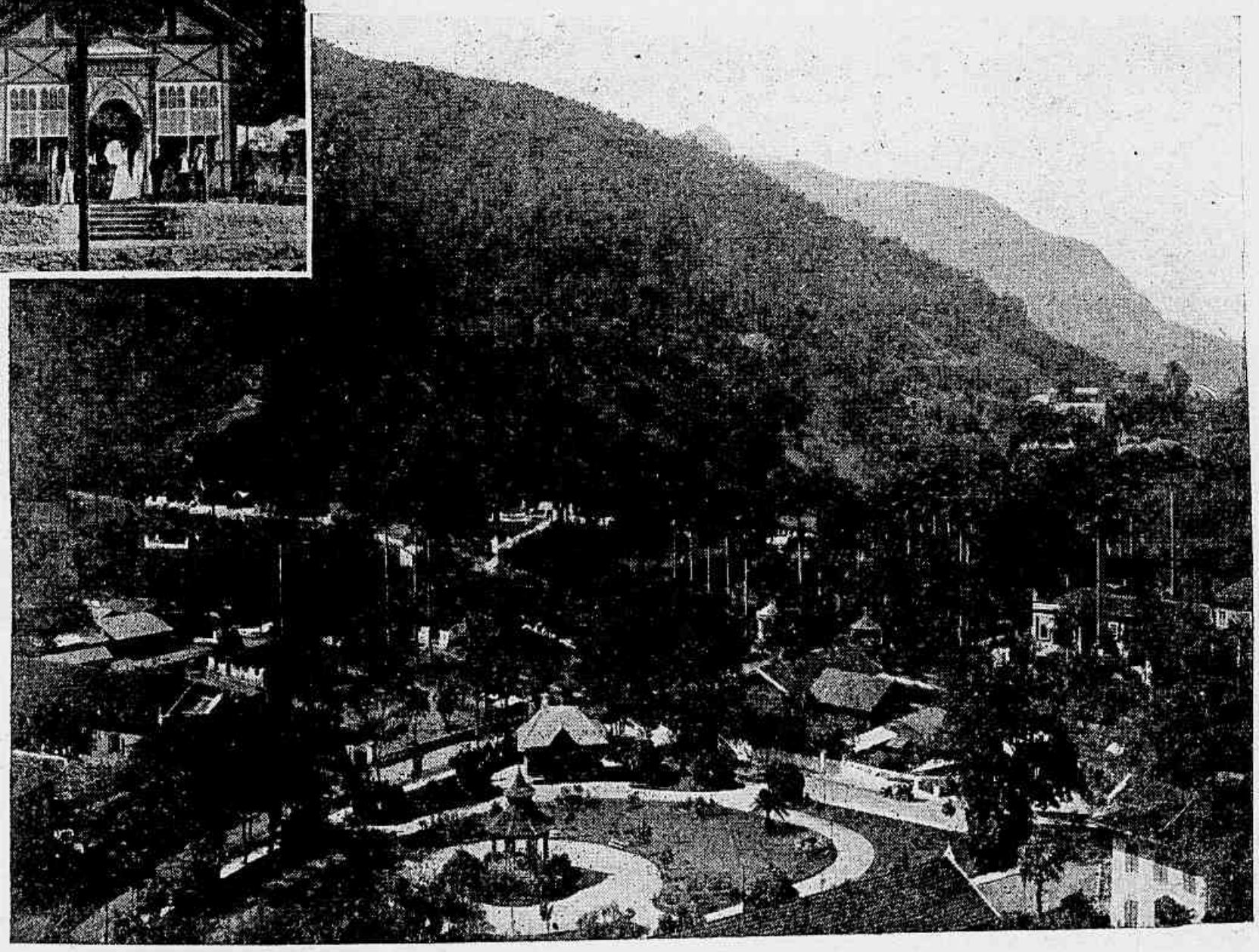
Tijuca. — Vistal geral da entrada principal das Furnas.

pelo defeito dos arruamentos que se estão corrigindo agora e que ainda podia ser melhorada ao menos com abundante arborisação que n'ella não existe e que se poderia crear transportando terra mais rica de *humus* para a formação de jardins. Ainda se vêem aqui e alli n'aquella villa balnearia de grandes terrenos ermos os celebres pas-

seiosinhos de 50 centimetros... e a rua do litoral dá fundos para o oceano! O Prefeito Passos pensou n'uma *Avenida Atlantica* por aquellas paragens! não havia mister tão soberba intenção, por emquanto descabida e prematura. Os defeitos da Copacabana, nascida no outro dia e sob as vistas de administrações ainda recentes, provam que nem tudo quanto é defeituoso, n'esta materia, tenha vindo dos tempos coloniaes. Pelo lado do norte da cidade o *Canal do Mangue* com a sua rua magnifica de palmeiras, não sabemos se conseguirá um dia ser bello ou sequer attrahente : isto dependerá sempre da architectura das suas casas quando não



SUMARÉ.

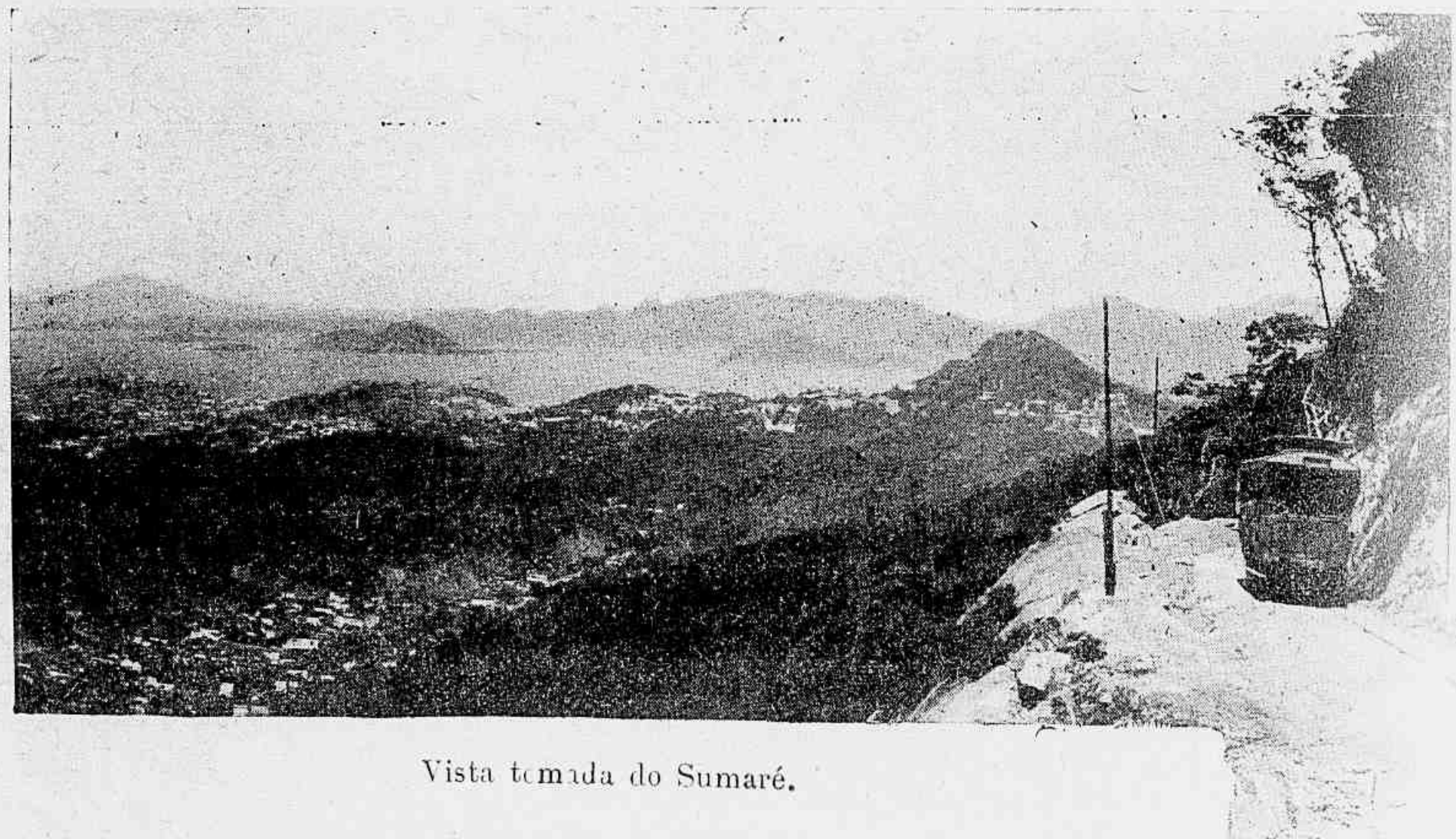


TIJUCA.

forem mais pardieiros, estalagens ou casinholas, e do nivelamento das ruas ou do regimen de escoamento das aguas que por emquanto fazem d'aquellas regiões uma lagoa intermittente, incommoda, insalubre e perigosa.

Correu, por vezes, a noticia de que a Avenida do Mangue havia de ser prolongada até á cidade commercial por uma linha que devia vir do Rocio pequeno ao Passeio Publico ou em linha recta até o canal das Cobras; nenhum d'esses projectos parece que mereça credito; muito mais provavel é que fique no que está e que seja melhorado progressivamente, ainda que sem a lentidão desesperadora do costume. De todas as obras federaes quanto ao embellezamento da cidade,

foi a do Canal do Mangue a mais dispendiosa pela insufficiencia actual do resultado; era todavia necessaria e de futuro compensará os sacrificios que se fizeram, quando se attende ao indispensavel da obra e a competencia, fora de toda a duvida, dos profissionaes que trabalham n'essa difficil empreza. Nem sempre são immediatamente visiveis nem são brilhantes os esforços que exigem grande continuidade e tempo bastante para que transpareçam em toda plenitude e valor. Desde já faz magico effeito a dupla avenida de palmeiras que orlam as duas

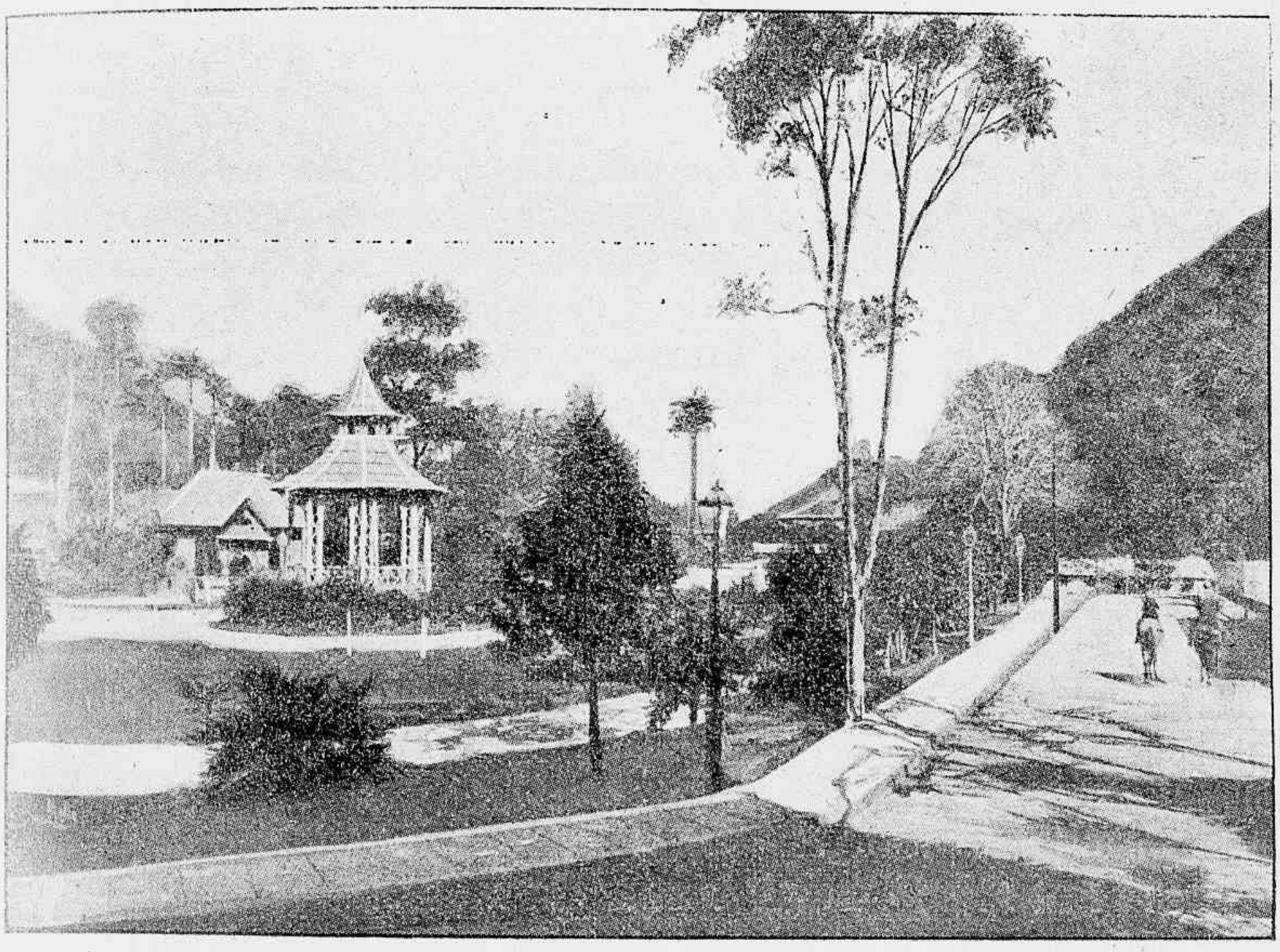


Vista tomada do Sumaré.

estradas de asphalto do antigo canal e a curva e maior largura do canal na parte inteiramente nova e onde a avenida primitiva com seus terraplenos ajardinados terá a largura de noventa metros; se bellas edificações se fizerem aos lados da avenida traçada, não resta a menor duvida que o resultado será grandioso e unico. As edificações não poderão ter menos de dous andares e assim deve ficar determinado ainda que se haja de esperar uns dous decennios pelo acabamento da grande via. E, cremos, nem se ha de esperar tanto, com o desenvolvimento que já começa depois do saneamento e transformação da cidade. Em outro lugar do *Almanaque*, e a proposito do novo Governo que tão auspiciosamente se estreou com o seu vasto programma de progresso moral e material, falamos da projectada *Avenida de Suburbios* que está sendo estudada e que ligará todos os suburbios da Quinta da Boa Vista a Pilares no Engenho de Dentro no entroncamento das estradas de Santa Cruz e daPavuna, grande melhoramento para todas as classes e grande arteria de commercio da pequena lavoura. A Avenida de Suburbios necessariamente será ligada á do Mangue, ao porto e á cidade com

mercial : de futuro será o caminho de exportação dos grandes pomares e das industrias dos bairros operarios do norte : com a só exportação de fructas para Montevideo e Buenos Aires poderia viver uma grande população de pomicultores nos arredores do Rio.

Em todo o caso trata-se ainda de um projecto que talvez não seja



Um trecho do Jardim da Tijuca.

realizado se os estudos que se estão fazendo na repartição da Carta Cadastral não reconhecerem a conveniencia practica do traçado.

Entendemos porem, que o centro da cidade é ainda a parte que por mais activa reclama ainda do novo Prefeito a criação de novas avenidas que embellezem, sanéiem toda a zona commercial e facilitem o transito cada vez mais intenso. Outras avenidas como as da Assembléa e Uruguaiana ou talvez preferentemente em rumo obliquo a estas se tornam indispensaveis.

O Novo Governo

A 15 de Novembro de 1906 os Drs. Affonso Augusto Moreira Penna e Nilo Peçanha, eleitos Presidente e Vice-Presidente da Republica, no novo quadriennio, tomaram posse dos seus altos cargos em sessão solemne do Congresso Nacional.



Dr. Augusto Tavares de Lyra.

O Dr. Affonso Penna, assumindo agora a suprema direcção dos negocios publicos, não fez mais do que apenas subir mais um gráo, pois que elle foi o Vice-Presidente da Republica no governo do Dr. Rodrigues Alves, a quem ora succede.

Antes disso já fôra na Republica senador estadoal em Minas, Presidente do mesmo Estado e finalmente Presidente do Banco da Republica. Não aceitou nem o cargo de Ministro plenipotenciario no Uruguay nem o de Ministro no Supremo Tribunal, que lhe foram offerecidos pelo governo da União.

Mas antes da Republica elle, que nasceu em 1847, já figurara em elevadas posições politicas, como deputado provincial, deputado geral e Ministro de Estado tres vezes.

O Dr. Nilo Peçanha, muito moço, pois é Vice-Presidente da Republica com 38 annos, para occupar este cargo deixou a presidencia do Estado do Rio, cuja brilhante administração, em momento excepcionalmente difficil, valeu-lhe o renome que justificou sua escolha para o cargo immediato ao do chefe da Nação.

Logo com o advento da Republica, de que elle foi ardoroso propagandista, sua terra elegeu-o deputado á Constituinte, sendo sempre reeleito para esse cargo depois até que passou, para uma cadeira senatorial.

Ao encetar as suas funcções demonstrou logo o Dr. Affonso Penna o seu alto criterio na escolha dos seus ministros e auxiliares de governo. Não ha um só dos nomes dos seus escolhidos que já não tenha revelado a capacidade do cargo, a intelligencia, a actividade, energia e os mais raros dotes de moderação como convem aos homens de governo.



Dr. David Moretzohn Campista.

O Dr. Augusto Tavares de Lyra, doutor em direito e tambem professor de rara competencia, foi chamado para o ministerio da Justiça e da Instrucção e esta é especialmente um dos ramos da administração que, segundo as palavras tantas vezes repetidas do Presidente, ha de ser com muito especial carinho tratado e estudado no periodo que se abriu agora.

O Dr. David Campista, notavel orador parlamentar, inexcedivel *causeur*, ho-

mem de illustração varia, viajado, ex-secretario das finanças do Estado de Minas, foi na presente legislatura o relator e o defensor da politica firmada no convenio de Taubaté.

O Dr. Miguel Calmon, Ministro da Viação, é uma das mais firmes esperanças da geração dos estadistas formados pela Republica. Depois de um curso brilhante na Escola polytechnica do Rio e do magisterio na Polytechnica da Bahia e dos seus trabalhos em commissão do Governo, o seu nome se tornou logo conhecido e estimado. E' ao demais um escriptor cuidadoso da forma, elegancia e correcção de linguagem, ainda quando trate os assumptos practicos.



Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Os dous Ministros militares Alexandrino de Alencar e Hermes da Fonseca são como o Barão do Rio Branco, que veio do governo anterior, tradicionalmente muito acclamados em todo o Brasil pelo brilho das familias cujos nomes illustres sempre honraram e mantiveram com dignidade.

A estes naturalmente se vem ajuntar o do Prefeito da capital, o general Francisco Marcellino de Sousa Aguiar, que recebeu a honrosa mas difficil tarefa de continuar a obra energicamente realisada pelo Prefeito Passos. Comtudo, Sousa Aguiar pela sua alta cultura esthetica, pelo seu temperamento de artista já revelado nos planos do palacio Monroe e da Bibliotheca Nacional, melhorando com o seu indiscutivel bom gosto muitas imperfeições, poderá fazer do Rio de Janeiro a mais linda cidade do mundo. E' o que d'elle todos esperam e não sem razão. Resolvida a questão das divididas municipaes que vão ser unificadas, o novo Prefeito iniciará outra nova era de melhoramentos que a importancia agora cada vez mais crescente da cidade está exigindo. Dos projectos que lhe attribuem e que não parece terem fundamento razoavel, um ha que é conhecido já e é o de uma extensissima avenida de nove a dez kilometros que ligará todos os suburbios servidos hoje pela E. de f. Central e que terá a largura de 30 metros com largos passeios arborisados ; essa grande arteria será percorrida por bondes electricos rapidos que facilitarão o enormissimo transito d'essa grande zona e certamente contribuirá para um extraordinario augmento da população da região toda : a avenida deve partir da Quinta da Boa Vista, hoje parque e Museu Nacional. E' possivel que mais tarde a ligação se faça entre a Quinta e a Avenida do Mangue,



Contra-almirante Alexandrino de Alencar.

distancia que em linha recta entre os pontos mas convisinhos de uma e outra, é realmente insignificante, e não envolve senão despeza muito pequena, por serem os terrenos, na maior parte, sem valor.



Marechal Hermes da Fonseca.

D'este modo virão ter os *suburbios* uma rua principal de muito superior ás de todos os outros antigos bairros elegantes de Botafogo a Tijuca e nos quaes as famosas ruas por onde se escôa o transito não excedem de 9 a 12 metros mesquinhos e sem outra arborisação que as dos jardins particulares : tal é o caso de *S. Clemente*, *Voluntarios*, *Haddoch Lobo*, etc., que já vão passando ao plano de viellas mais ou menos adornadas de palacetes. A nova Avenida de Suburbios dentro de poucos annos terá a mesma funcção que teve e ainda tem o *Cattete* que ligou os bairros do sul, salvo que será mais bella, alinhada e moderna. Este é até o momento em que escrevemos (janeiro de 1907) o unico projecto attribuido ao novo Prefeito Dr. S. Aguiar. A nova avenida terminará provavelmente no ponto de bifurcação da estrada de Santa Cruz e da Pavuna, á altura, portanto, das Officinas ou Engenho de Dentro.

Pensamos, comtudo, que essa *avenida* de suburbios e um *Bois* perto do Canal Mangue, nos quaes não acreditamos, são projectos um pouco exdruxulos; todas as cidades tem os seus bairros elegantes e é inutil querer espalhar distributivamente os centros de atração : os *passeios* e *jardins* do Rio, frequentados, são e serão os de beira mar do lado do sul, e o *Bois* se não fôr do lado de Botafozo será um terceiro deserto a ajuntar aos jardins do campo de Sant'Anna e de S. Christovão; não é provavel que, sob o nosso clima, se procure nas horas de diversão a zona da cidade menos ventilada e mais quente.



General Franciesco Marcellino de Souza Aguiar.

O novo Governo promette-nos uma reforma fundamental da Instrucção publica e o plano do povoamento do vastissimo territorio inaproveitado e deserto do Brasil e é sabido que o Ministro da Viação espera, até o fim d'este periodo que se inicia, deixar ligadas por estradas de ferro quasi todas as capitaes da Federação. Realisados sejam esses grandes designios!

A CASA DE DICKENS

(Trecho das *Memorias* inéditas de ALCINDO GUANABARA.)

O dever de averiguar por mim mesmo em que estado arribaram a Portsmouth as duas torpedeiras, levou-me hontem... á casa em que nasceu Dickens. Essa casa, sita na estrada principal que sae de Portsmouth, não se distingue em nada das que a cercam: uma grade de madeira protegendo um jardinzito exiguo, janellas communs superpostas duas a duas, a habitual agua furtada e a inevitavel chaminé de tijollo, dominando-a. Não fosse uma placa, avisando que alli nasceu, a 7 de Fevereiro de 1812, o maior escriptor que a Inglaterra produziu neste seculo, e ninguem lhe daria um olhar.



Alcindo Guanabara.

Essa placa deteve-me. Parei a considerar com attenção, quasi com affecto essa casa, em que, aliás, eu sabia que Dickens só havia passado poucos annos da infancia; mas quando se tem por um artista a veneração, o respeito, o amor que eu tenho por Dickens — certamente o escriptor cuja vida e cuja obra mais tem influido sobre mim — não é para admirar que o encontro inesperado da casa em que elle viu a luz nos deixe uma certa commoção. Era alli que nascera Charles John Huffham Dickens, segundo filho de John Dickens, empregado subalterno numa das repartições de marinha de Portsmouth; era alli que se tinha escoado a parte talvez mais feliz da sua existencia; era alli, pelo menos, que correram os unicos dias despreoccupados da sua vida. Poucos e breves foram esses dias. Carlos era ainda menino, quando John Dickens se mudou para Londres e depois para Chatham, onde elle começou a frequentar a escola. Um de seus biographos informa-nos que o futuro humorista, inimitavel e inexcedivel, era concentrado, quasi melancolico. Não brincava com os meninos de sua edade: passava os dias a ler os poucos livros que o pae possuia. A miseria veio cedo atiral-o á triste realidade da vida. A prisão por dividas da Marshallsea abriu-se para a reclusão de seu pae e de sua mãe: Carlos foi obrigado a procurar trabalho numa officina, onde ganhava os seis shillings por semana, com os quaes provia a propria subsistencia. Mais tarde, em *David Copperfield* e em *Little Dorrit*, elle pintou com verdade esses dias de tristeza e de magua. No seu primeiro livro, *Sketches by Boz*, conta-nos que não teve na sua mocidade uma vasta e solida cultura. Effectivamente, quando volveram para os paes dias melhores, Carlos voltou á escola, que frequentou durante tres annos, findos os quaes entrou para o escriptorio de um advogado. Não lhe agradaram as tricas forenses. Pouco depois, era chronista parlamentar do *Morning Chronicle*, onde adquiriu a fama de ser o melhor *reporter* de seu tempo, só vindo a renunciar a essa carreira, quando a sua obra immortal, *Pickwick Papers*, publicada em 1836, teve o largo

successo que lhe trouxe merecida fama. Foi exactamente essa a primeira obra de Dickens que me veio ás mãos, quando ainda adolescente. Li depois uma infinidade de obras inglezas deste seculo e li todos os demais livros do proprio Dickens e nenhum achei que lhe podesse ser comparavel. O typo de Pickwick é uma creação genial e eterna. A satyra, a ironia, a analyse humoristica dos costumes e dos vicios inglezes ahi são feitas com uma tal sensação de verdade e uma tamanha superioridade de espirito, que o leitor estrangeiro, alheio a esses logares e costumes, tem delles uma noção, por assim dizer, exacta. Mas é, sobretudo, quando aqui e se percorre os logares que a obra de Dickens nos tornou familiares — Marks, Clerkenwell, Gray's-inn-road, Inns of Court e a todo o momento, nos nas ruas, nas egrejas, nas salas dos tribunaes, nas escolas, se acotovelam que elle fixou com uma precisão de objectiva photographica, que se ad noção desta verdade: — de que muitos annos antes do famoso concilio de em que pontificava Zola, o papa do realismo, já nesta verde ilha, fundead verde mar do Norte, este grande escriptor entendia a arte como a exacta são da verdade, colhida na observação dos aspectos flagrantes da Vi importa que *Pickwick Papers* seja uma obra que se poderia dizer cari O *humour* é uma modalidade peculiar ao espirito inglez; mas não exclue a vação e o registro da verdade. Antes, é incomprehensivel fora dos limi ellas lhe traçam. Quando exorbite delles, já não é o *humour*: é a *blag* pilheria, é a chalaça, pura gymnastica do espirito e das palavras, algum como as contorsões funambulas de *clown*, que não deixam impressão, ou d bem no fundo, o residuo do tedio. Pickwick é a mais completa e a mais p condensação do *humour* inglez, que appareceu durante todo este longo e g reinado de Sua Magestade Graciosa; e, sem embargo disso, é uma photog admiravel da vida ingleza, da terra ingleza, da civilisação ingleza, dos co inglezes do tempo em que foi escripta, ainda relativamente tão proximo entretanto, já se me afigura a mim, que só agora vejo a Inglaterra, tão r como se medeasse um seculo.

Tambem nenhum outro moderno livro inglez penetrou tão intensam alma popular. Haveria todo um capitulo a escrever só sobre os artistas illustraram, desde a disputa para a successão de Seymour, que illustrou meiro volume e estava morto quando appareceu o segundo. Essa successão coube ao estimado artista H. R. Browne; e são conhecidas as suas luctas proprio Dickens, que não confiava ao criterio do artista a escolha dos tre illustrar e que, não raro, desenhava os esboços ou ia até a corrigir os de já feitos e assignados por esses grandes nomes. Haveria outro capitulo a es sobre a serie immensa de imitações espurias e de continuações dessas aven *The Penny Pickwick*, *Pickwich in America*, *Pickwick Abroad*, *The Pic Gazette* etc. E' inutil fazel-o aqui: tudo isso comprova, apenas, que, em ve esse livro singelo, por isso mesmo que era apenas a reproducção de sce vida realmente vivida, interessou e commoveu o publico inglez. Não foi o razão da força enorme de que gozou este grande escriptor sobre a opinão paiz. Não esqueçamos de que elle não cedia a nenhuma influencia estra domestica. No continente, o que dominava era o romantismo triumphante; que se ouvia era a grande voz de Hugo. Era o tempo das *Odes et Ballade*

Rayons et les Ombres, das *Voix Intérieures*; era o tempo da Musa formidavel, exercendo uma formidavel dictadura:

Et que tous ces pervers tremblent dès à présent
De voir auprès de lui, formidable et posant
Son ongle de lion sur ta lyre étoilée,
Ta colère superbe à tes pieds muselée!

A apostrophe ameaçadora desse propheta biblico não era ouvida do outro lado da Mancha. Dickens serenamente escrevia *Nicolas Nickleby*, o romance social, discutindo a grave questão da educação nacional, que se lhe afigurava por demais descurada pelo Estado; abandonava em *Oliver Twist* a *vis comica* e dava-nos um quadro pungentissimo dos aspectos tragicos da Vida; em *Great Espectations* e em *David Copperfield*, que são quasi auto-biographias, expunha a situação social da Inglaterra, assignalando vicios e reformas. O movimento litterario da França, que é o unico que conhecemos e admiramos no Brasil, só muito mais tarde se orientou neste sentido. Ainda a litteratura era, apenas, uma arte de prazer, um esforço de imaginação, alheio á vida, alheio aos interesses da humanidade e já Dickens não o concebia sem um fim pratico e sem um objectivo util. Não se veja nisso apenas uma feição do caracter saxonio. Para mim, a sua razão principal está no proprio temperamento pessoal do escriptor, que, muita vez, sentindo de certo que o romance era apenas uma arma de acção indirecta, rocorreu a esse instrumento magnifico de combate, que é o periodico. Escasseavam-lhe, porem, todas as qualidades de jornalista e esses diversos periodicos naufragaram: era a relação do jornalista aquelle temperamento de artista methodico, que não tinha nenhuma fé na inspiração de momento, que só confiava no trabalho regular e pontual, que não admittia o improviso, que não concebia a difficil tarefa de narrar senão absorto, por completo, no silencio monacal de sua casa de Gadshill, onde transcorreram pacificamente os seus ultimos annos de vida e onde escreveu ainda grande numero de obras, entre as quaes esse *Martin Chazzlewit*, que elle estimava como a sua obra prima e que, entretanto, nunca obumbrou a gloria de Pickwick.

Agora, alli, naquella estrada de Portsmouth, a placa assignalando a casa em que nasceu Dickens, evocava toda essa obra e ia reconstruindo em meu espirito a personalidade do grande romancista, que eu tanto estimei e que tamanha influencia exerceu sobre mim. Foi aos quinze annos que, tendo lido *Pickwick* e *David Copperfield*, accendeu-se em mim a curiosidade ardente de conhecer intimamente o creador dessas paginas e devorei a biographia que Foster lhe traçou. Comprehendi então a força do escriptor: o segredo della residia na sua capacidade de trabalho e no methodo que nelle punha. E desde então, a minha preoccupação de menino foi imitar Dickens; não, certamente, o glorioso Dickens romancista, mas o ignorado Dickens trabalhador...

Extr.

Despresos ha, e de pesssoas taes, que honram muito os despresados.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Cia VIDRARIA ✻ SANTA MARINA

Fundada em 1897

ESTAÇÃO D'AGUA BRANCA

S. PAULO

Fabricação Geral de Garrafas e Vidros

CAPACIDADES DOS FORNOS : 400,000 KILOGS

Fabricação especial e unica no Brasil de vidros para vidraças.

Fabricação especial e exclusiva de Garrafas de todos os generos para Cerveja, Pasteurisação, Vinhos, Aguas Mineraes, Gazozas.

Garrafas claras para Cognac, Alcool, Licores, etc.

TELEPHONE **117** ✻ ENDEREÇO TELEGRAPHICO : **VIDRARIA**

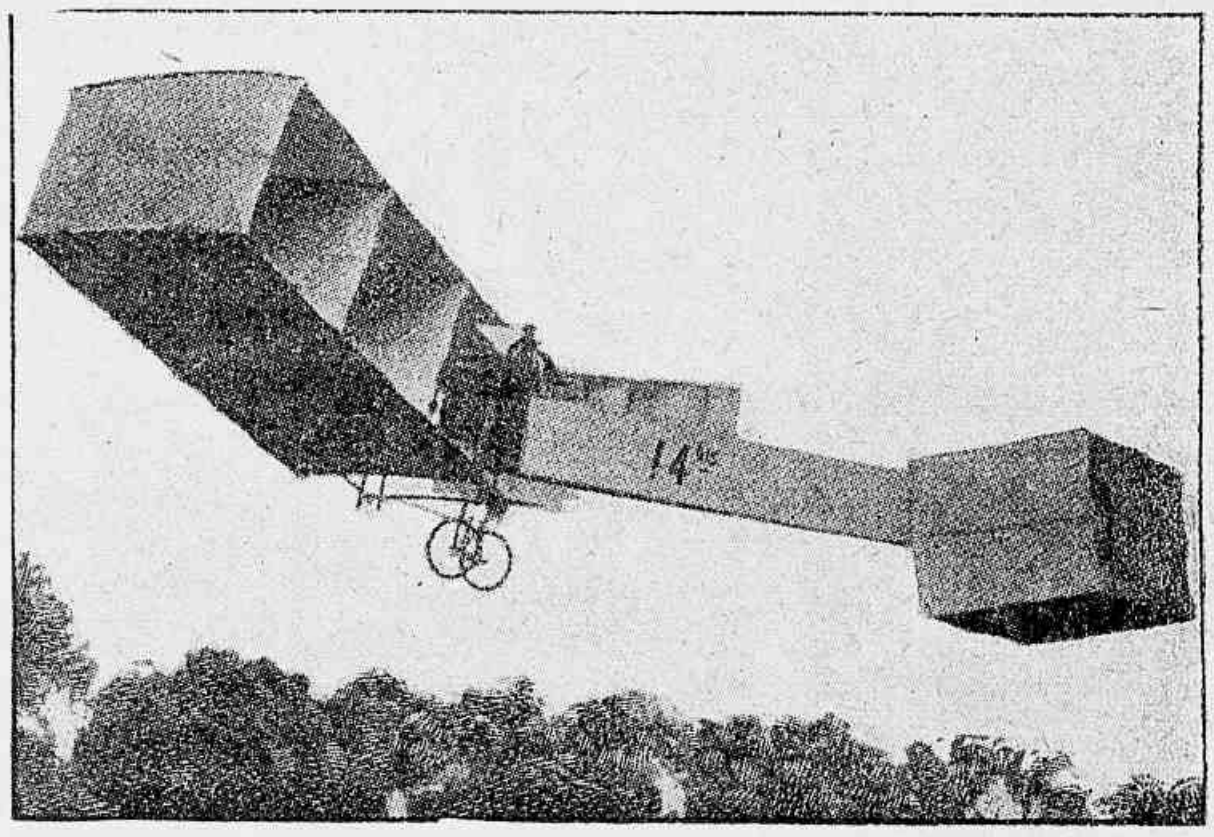
Estação de Agua Branca

S. PAULO

Santos Dumont e o aéroplano 14 bis

As experiencias de Santos Dumont nos ultimos mezes de 1906 deram ao mundo a demonstração de que dentro de pouco a questão da navegação aérea estará resolvida. A experiencia de 13 de setembro em que conseguiu com *o mais pesado do que o ar* elevar-se a um metro n'um percurso de oito e a de 23 de outubro em que o aéroplano installado na *pelouse* de Bagatelle, ao movimento do genial aéronauta, eleva-se tres metros e percorre sessenta, quando a taça Archdeacon era promettida como premio a úma marcha de 25 metros apenas.

Como com essas experiencias verifica-se ainda que é desejavel maior estabilidade, é natural que em breve prazo a questão esteja resolvida por completo.



O aéroplano Santos-Dumont.

Quando, ao disputar a taça Gordon Bennett, Santos Dumont viu-se obrigado a abandonar a partida, por ter maguado um braço no apparelho adaptado á barquinha do seu balão, um jornal francez escreveu o seguinte :

As pessoas supersticiosas — e não são poucas — pensam que a fortuna do aéronauta brazileiro começa a declinar.

Estavam, entretanto, completamente enganados, os supersticiosos : não levou muito tempo que Santos Dumont não alcançasse um novo triumpho scientifico, e desta vez de uma importancia capital para a solução do problema de navegação aérea por meio da aviação, isto é, segundo a theoria do mais pesado que o ar.

Eis como, a esse respeito, se exprime um dos jornaes que temos á vista. A noticia, tem por titulo " O homem conquistou o ar " :

" A lucta entre o mais leve e o mais pesado que o ar está prestes a terminar pela victoria do mais pesado que o ar. Durante alguns annos, toda a attenção dos inventores concentrou-se no balão cheio de hydrogeneo, e tornado dirigivel por meio de um apparelho motor. Santos Dumont foi um dos primeiros a occupar-se do mais leve que o ar, e o " Lebaudy " permanece até ao presente o dirigivel-typo.

A solução da navegação aérea, na opinião de outros, residia no mais pesado que o ar, aéroplano ou helicoptero. O aéroplano comprehende actualmente duas superficies, que se apoiam e deslizam no ar : é em summa um " papagaio " (" cerf-volant "), no qual a tracção pela corda foi substituida por um propulsor; o helicoptero, inteiramente mecanico, só consta de helices : helices para subir, helices para avançar.

Os primeiros ensaios de aéroplano foram feitos por Littenthal, em 1895, Chanute e Herring, em 1896, mas sem apparelho de propulsão. O Sr. Santos Dumont, abandonando o mais leve que o ar, escolheu o aéroplano, aproveitando as recentes experiencias do capitão Ferber, dos Srs. Archdeacon, Voisin, etc.

Foi assim que elle concebeu e fez executar um aéroplano composto de duas superficies ligeiramente convexas, de um leme á prôa, dando a direcção quer para a direita

ou para a esquerda, quer para cima ou para baixo, e de um corpo comprehendendo um motor de 50 cavallos e a barquinha. O apparelho descansa sobre duas rodas pneumaticas.

Temos acompanhado muito attentamente os ensaios do aviador, que, após as tentativas do mez passado, no decurso das quaes elevou-se e percorreu quatro a cinco metros, recomeçara a trabalhar. Faltava-lhe dar um equilibrio estavel ao apparelho, e diminuir o mais possivel o peso da parte mecanica. E, facto curioso : resultou que para dar ao aéroplano melhor estabilidade, a parte trazeira do corpo teve de ser diminuida. Assim ganharam-se 40 kílogrammas. Depois, addicionando um carburador, obteve-se do motor maior rendimento, 1.500 voltas em logar de 1.000. O dynamometro accusava 150 kilos.

Nestas condições, o Sr. Santos Dumont não duvidou mais do successo, e a sua confiança foi justificada.

Hontem de manhã, o apparelho foi transportado para a pista de Bagatelle. Ao fim de duas tentativas para pôr em marcha, o Sr. Santos Dumont parou. Segundo nos disse, saltaram alguns parafusos da chapa de uma engrenagem. A reparação exige algumas horas, e os ensaios são adiados para de tarde.

Pelas 4 horas da tarde, tudo estava terminado. Umas cem pessoas escoltam o aéroplano, que é rebocado do galpão do boulevard de la Seine para o campo de Bagatelle, proximo da pista dos trotadores. O Sr. Santos Dumont verifica cuidadosamente os fios de direcção, e muito desembaraçadamente entra para a barquinha, emquanto um dos seus ajudantes finca no chão um mastro tendo na extremidade uma bandeira, para indicar o ponto de onde o aéronauta deve elevar-se, afim de que o percurso no ar seja officialmente marcado, e que, se houverem sido transpostos pelo menos vinte e cinco metros, possa ser attribuida ao valente piloto a Taça Archdeacon.

Santos Dumont faz afastar o publico já numeroso, põe a helice em movimento e parte. Por espaço de duzentos metros, as duas rodas pneumaticas que supportam o apparelho deslizam sobre o solo; de repente, Santos Dumont, dirigindo a ponta do leme para o ar, as rodas deixam francamente, evidentemente, o chão : o aéroplano vôa. A emoção é geral. Santos Dumont parece transportado por um immenso passaro de conto de fadas. Assim transpõe cerca de cincoenta metros a uma altura de tres metros. Nessa altura, elle quer fixar-se, e dá menos inclinação á ponta do leme, mas demasiado bruscamente : o aéroplano desce. Santos Dumont, presentindo a quéda, apaga o motor : o apparelho cae no chão, deixando ouvir um estalido.

Somos dos primeiros a precipitarmo-nos para o aviador, que retiramos da barquinha são e salvo. Sorrindo, elle examina os estragos, que se resumem em uma roda torcida, dois balaustres quebrados, assim como um bambú, do leme.

— Não soffri nada, diz-nos elle vivamente. Heim ! a coisa caminhou ?

As nossas rapidas felicitações juntam-se ás do publico. " Santos " é rodeado, e acclamado. Um inglez enorme não acha difficuldade em carregal-o em triumpho. Elle escapole, esgueira-se, volta ao apparelho, em torno do qual reunem-se os seus machinistas. Conseguimos alcançal-o.

— Ainda não estou bem senhor da direcção : é o que falta estudar, mas depois que eu tiver accrescentado um pequeno leme ás duas azas, será perfeito.

Restava determinar a distancia percorrida, porque o aéroplano se tinha elevado muito antes do ponto fixado com antecedencia. Um cyclista se achava justamente defronte do apparelho quando as rodas deixaram o solo. A distancia é avaliada aproximadamente : setenta metros foram transpostos. Santos Dumont ganhou a Taça Archdeacon ao mesmo tempo conquistou um novo titulo de gloria, o de ser o primeiro a transpôr, em presença de testemunhas, uma tal distancia com um dirigivel " mais pesado que o ar. "

Outros dois jornaes fazem os seguintes commentarios :

" A admiravel demonstração feita hontem pelo Sr. Santos Dumont será um precioso documento para a historia da aéronautica. "

" O aéronauta brazileiro é da raça daquelles que mostram o caminho aos outros. "

Trunfo ás avessas

Para o Dr. Pedro Jatahy.

Jamais julguei que aquelle juramento
Que me fizeste, um dia, caprichosa,
Fosse o prenuncio de cruel tormento
Para tornar minh'alma angustiosa.

Entretanto, não chóro e nem lamento
A quadra que gozei feliz, ditosa,
Porque sei que o amor é como o vento,
E a mulher como a onda marulhosa.

Cançaste muito cedo... outro, senhora,
Virá, coitado! preencher a vaga
Deste amor que frui, contente, outr'ora!

Mas... desconfie do substituto...
Em vez de amor, póde bem ser que traga,
Para vingar-me—odio, rancor e luto!

XAVIER PINHEIRO.

A CAPITAL DO ALTO JURUÁ

A construcção da cidade do Cruzeiro do Sul é um emprehendimento assaz arrojado e digno da heroica actividade de um povo que permanecia abandonado no seio das florestas virgens, numa luta titanica contra a inclemencia da natureza.

Os estudos para a construcção da nova cidade estão concluidos e começou-se a execução das obras. Não obstante a situação excepcional de um Governo em organização, que não podia permittir um estudo profundo e acurado dos locaes mais apropriados á fundação de uma cidade, foram todavia explorados os dous pontos que se apresentavam em melhores condições nas margens do Juruá, recahindo a escolha naquelle que maior somma de vantagens offereceu—o Centro Brasileiro.

Em um vertice da terra firme, que de longe em longe apparece na margem esquerda do Juruá, dous kilometros a juzante da confluencia deste e do rio Môa, num sitio de onde se descortina um vasto horizonte, recebendo em cheio os raios salutares de um sol esplendido, debaixo de um céo purissimo, abundante de luz e de ar, foram lançados os fundamentos da nova cidade, criada pelo espirito eminen-

temente constructor do Dr. Thaumaturgo de Azevedo.

Está situada no parallelo 7°,24' sul, circumdada de uma vegetação secular, reflectindo-se nas aguas do Juruá sobre pinturescas ondulações recortada de riachos de agua crystalina e pura e gozando de um estado médio climatologico cujo juizo approximado nos permitte consideral-a salubre e agradavel. Segundo as observações de um anno, a temperatura, variavel meteorologica mais importante na classificação dos climas, apresenta uma média mensal de 25,5° e oscilla entre um maximum de 33° e um minimum de 19°, que attinge a 11,5° na estação do inverno; a curva barometrica é regular e não apresenta saltos senão muito raramente na época das *friagens*, denunciando a pouca frequencia dos abalos atmospphericos; a humidade relativa é consideravel, em vista da proximidade das mattas, mas manifesta-se sempre uma baixa pronunciada nas horas calidas do dia, attenuando o estado thermico do ar; as chuvas, pouco abundantes no verão, cahem torrencialmente no periodo de Novembro a Abril, produzindo *chasses* providenciaes na superficie do sólo, e o vento, que por vezes apresenta rajadas tempestuosas no inverno, sopra fresco e brando durante o verão, amenizando a temperatura.

Durante as horas do dia em que a marcha termometrica attinge o limite maximo, a calidez atmospherica torna-se francamente supportavel, em vista da ventilação constante que se accentúa nestas horas.

Cercado de tão favoraveis elementos climatologicos, sobre um sólo impermeavel e ondulado, por onde facilmente se escoam as aguas pluviaes, reflectindo em côres variegadas a luz de um sol ardente, mas afagada pela aragem que sopra das regiões andinas, a capital do Jurúá goza de um clima bastante ameno e salubre, embora as epidemias importadas com as immigrações, que já desappareceram por completo, tenham determinado lá fóra um juizo desfavoravel e injusto sobre as suas condições de salubridade. Estes elementos concorrem para tornar de futuro o Cruzeiro do Sul um centro saudavel e attrahente.

A execução do projecto de uma cidade moderna, cheia de jardins, parques e avenidas, que lhe dêm uns tons de belleza ideal, preenchendo todas as exigencias da hygiene e da esthetica, satisfará as condições necessarias para suavizar as asperidades do clima, de modo a tornar-se uma guarita confortavel e amena aos seus habitantes e áquelles que procuram o descanço material nos variados gozos do espirito.

Em Junho do anno passado dez barracas apenas velavam o lugar em que hoje se vê uma farta casaria, derramando-se em constellações pelo ondulado do terreno.

A situação actual da cidade, cujo surto devemos ao Dr. Thaumaturgo, veio-nos abrir um horizonte mais vasto e pleno de esperanças vivazes.

A iniciativa das construcções particulares é um facto que prende a attenção de quem ha oito mezes contemplou aquellas barraquinhas no meio de um matagal espesso. O energico impulso que tiveram as obras publicas com a chegada do Dr. Thaumaturgo patenteia aos olhos de todos a effectivação do seu grandioso emprehendimento. O serviço é guiadò pelo criterio e pela actividade invejaveis do eminente Prefeito do Juruá, que é o primeiro a apresentar-se nas obras todas as manhãs.

E' admiravel o progresso que diariamente se verifica em todos os trabálhos, num lugar desprovido de recursos para a execução de certas obras e sem pessoal sufficiente e com aptidões.

Apezar da deficiencia dos meios de acção e das chuvas torrenciaes que quotidianamente retardam a boa marcha do serviço, proseguem activamente os serviços de terraplenagem da Avenida do Commercio e da rua dos Nauas, onde se acham já construidos os pavilhões da Escola Rodrigues Alves, da Bibliothecae do Forum. O grande edificio em que estão installadas a Imprensa Official, a Usina da Electricidade e outras officinas concluir-se-ha nestes dias, assim como a casa para os funccionarios da Prefeitura e o chalet em que tem

de funccionar o gabinete especial de engenharia.

A par destes trabalhos proseguem outros de não menor importancia, como a abertura de avenidas e ruas, o preparo do terreno para a construcção do cemiterio e outros, que bem mostram no Prefeito o alto valor de uma rara energia civilisadora.

Da margem do Juruá parte, na direcção NNW, acompanhando o riacho Cruzeiro, o boulevard Thaumaturgo, que divide a cidade em dous grandes bairros quasi simetricos, terminando no Horto Botanico, em frente á cupola do Museu Acreano. Este vasto logradouro publico, depois de canalizado o riacho, adornado de jardins e ladeado de predios elegantes, vai ser o centro recreativo da cidade.

Cruzando-se orthogonalmente e com este boulevard, no parque Barão do Rio Branco, a Avenida Affonso Penna fórma os braços de um immenso cruzeiro, estendido sobre a cidade em feliz coincidencia entre o traçado desta, o seu nome e a configuração da medalha, que lembrará eternamente o facto da sua fundação.

A inauguração do Horto Botanico, do Boulevard Thaumaturgo, Parque Barão do Rio Branco e Avenidas Affonso Penna, Rodrigues Alves, Seabra, Lauro Müller, Bulhões, 15 de Novembro, 17 de Novembro, 3 de Maio, 13 de Maio e 28 de Setembro constitue o festejo commemorativo da data em que o arrojado navegante portuguez descobrio as terras de Santa Cruz. Inaugura-se tambem nesse dia a Praça da Gloria, locada em um cabeço, ponto de vista dominante, onde se edificaram o Observatorio e uma estação meteorologica (1].

---

(1) Fragmento de uma noticia escripta por José de Berredo.

COMPANHIA

Fabrica de Vidros e Crystaes do Brazil

Premiada com medalha de bronze na Exposição de Paris de 1889
Na Exposição de 1905 de São Luiz foi premiada com medalha de prata

1 e 6 Rua General Bruce 1 e 6, S. Christovão

Endereço Telegraphico TELEPHONE N. 619 Usa-se o Codigo

FAME **Vendas só por atacado** RIBEIRO

Nesta fabrica encontra-se sempre um grande sortimento de chaminés de todos os feitios, tulipas, de linha, belgas e electricas, globos para gaz, ditos tulipas, cylindricos para palmatoria, ditos lisos foscadas ou floristados, ditos de cor, azul, branco e verdes, frascos cylindricos para Confeitarias e de bocca larga, com rolha esmerilhada de 1 a 12 libras, copos de todos os tamanhos e feitios, garrafas para vinho, de todos os feitios, compoteiras modernas, apanha-moscas, calices de todos os feitios, pratos de vidro, bebedouro para passaros, saleiras, manteigueiras, telhas (feitio de Marselha para clara-boia), isoladores para piano, lampeões de todos os feitios, etc., etc., etc.

BOLAS PRATEADAS PARA JARDIM

(TEM SEMPRE EM GRANDE PORÇÃO)

Fabrica todas as qualidades e feitios e faz vasos de barro de suspensão para parasitas; moringas feitio melão e outros, quartinhas e copos de barro. Tendo uma secção especial para fabricação de vasilhame para pharmacia como seja : vidro para magnesias, agua ingleza, vinhos, oleo de ricino, perfumaria e vidro para doce com tampa de metal.

F. A. M. ESBERARD, Fundador e Director-Gerente. RIO DE JANEIRO

Ave Maria
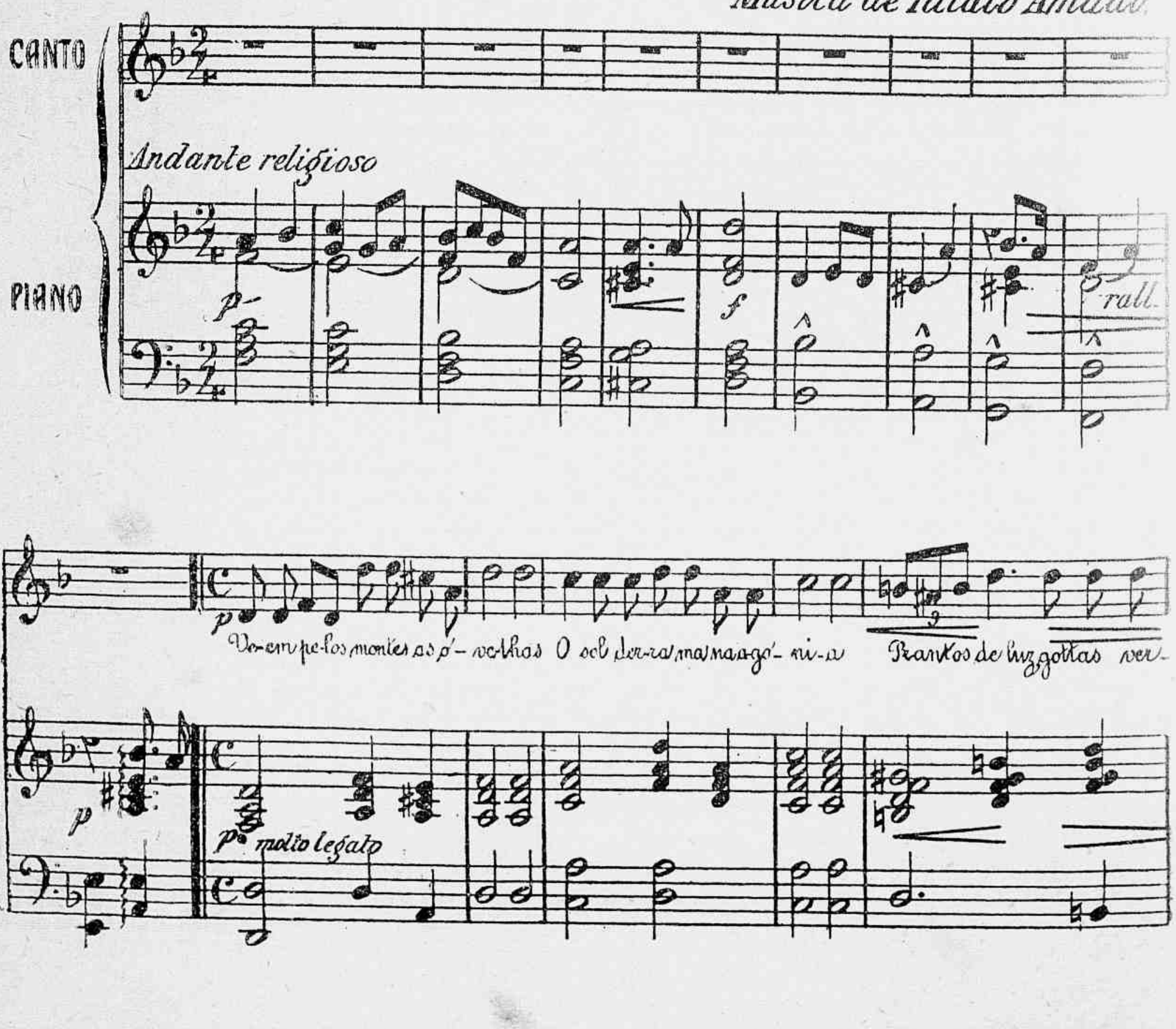
Vêm pelos montes as ovelhas,
O sol derrama na agonia
Prantos de luz, gotas vermelhas.
Ave. Maria!

O fumo sobe pelos ares
Parou a ceifa, morre o dia...
Canta o amor em nossos lares:
Ave, Maria!

Cheia de graça e doce luz,
Bemdita, o anjo te annuncia!
Roga, por nós juncto da cruz,
Ave, Maria!
Amen!

ACACIO DE PAIVA.

Musica de Illidio Amado.



pp 3 rit p

me-lhas Ave-Maria Ave-Ma-ri-a O fumo sobe pelos ares Para-ou p'ra ci-ma

pp rit p

p pp 3 rit f

Canta d'amor em nossos ta-res Ave-Maria Ave-Ma-ri-a Cheia de graça e doce luz

p pp rit f

Bemdita, q'unjo-te an-nun-ci-a Roga p'r nós junto da cruz Ave-Maria Ave-Ma-

ff Alargando ff allargando

ri — a Amen a — men

p f rall

OSCAR WILDE

Wilde — filho d'uma poetisa e d'um medico — nasceu em 1856.

Depois d'estudos sem echo na Portora Royal School d'Enneskillen, obteve aos dezoite annos — com um ensaio d'estudo inflammado e estranho sobre os poetas comicos da Grecia — a medalha d'oiro « Berkeley » do Trinity College de Dublin. A arte e a vida gregas fascinaram sempre ao maximo este intenso e atavico espirito d'artista.

Em 1877 visitou a Grecia e a Italia onde apanhou com amor essa luminosa e incuravel bebedeira d'arte e de estylo que poz denodadamente na vida e na litteratura.

No anno seguinte alcançava — com um poema sobre Ravenna — o famoso premio « Newdigate », e sahia do Magdalen College d'Oxford com o seu diploma classico e leve de Bacharel em Artes e com a fama perigosa e rutilante do mais extraordinario rapaz do Reino Unido.

Alto, forte, loiro, fronte grega, olhos infantis e azues, nariz romano-inglez, bocca sensual e ironica, calmamente bello como Appolo, supremamente elegante como Brummel, voz ingenua e musical que — como a de Cleopatra — fazia cantar as almas, escriptor surprehendente, conversador incomparavel, Oscar Wilde era aos trinta annos o arbitro das elegancias mundanas e artisticas de Londres. As duquezas consultavam-no commovidas e inquietas a respeito de vestidos, joias, moveis e amor; e mais d'um lord artista repetiu com veneração e vaidade as sentenças — diamantes lapidados a paradoxo e ironia — d'este Salomão do West-End. E ganhava a escrever duzentos mil shellings por anno.

Elevára o paradoxo — ou a verdade paradoxal ao culto antigo d'uma religião.

Exemplos (das *Intenções*) :

« Uma das causas principaes da banalidade de quasi toda a litteratura actual é certamente a decadencia da mentira — considerada como arte, como sciencia e como prazer social. Os historiadores antigos diziam-nos ficções deliciosas sob a forma de factos; o romancista moderno descreve-nos factos estupidos á maneira de ficções.

... O mal que este falso ideal faz á litteratura difficilmente se avaliaria!

Fala-se de cadeira no *mentiroso-nato* e no *poeta-nato*. É nos dois casos um erro. A mentira e a poesia constituem artes — que, como o viu Platão, não deixam de ter suas semelhanças, e que exigem o estudo mais cuidadoso, a mais aturada e fina cultura.

... Balzac foi uma notabilissima combinação do temperamento artistico e do espirito scientifico; mas legou só este aos seus discipulos. O *Assommoir* de Zola e as *Illusions perdues* de Balzac differem como o *realismo imaginativo* e a *realidade imaginada*.

Uma leitura assidua de Balzac transforma os nossos amigos (vivos) em sombras, e os nossos conhecidos em sombras de sombras. Os caracteres creados por elle vivem em chammas. Dominam-nos e desafiam a incredulidade. Uma das maiores infelicidades da minha vida é a morte de Lucien de Rubempré; nunca consegui livrar-me inteiramente da magua funda que ella me causou. Atormenta-

me até nos meus prazeres. Até quando eu rio me lembro d'ella... Todavia Balzac não é mais realista do que Holbein. Creava vida, não copiava a Vida.

... Raça degenerada, trocámos os nossos direitos de progenitura por um prato de factos.

... A Arte começa por decorações puramente abstractas, imaginativas e agradaveis que só se applicam ao irreal, ao não-existente. E' a primeira phase. Em seguida, a Vida, fascinada, sim, por esta maravilha, solicita entrada no circulo encantado. A Arte emprega a Vida como um dos seus materiaes brutos, cria-a de novo, forma-a de novo, e, de todo indifferente ao facto como facto, inventa, imagina, sonha, estylisa, conservando entre ella e a realidade uma barreira firme de bello estylo, de methodo ideal ou decorativo. A terceira phase vem quando a Vida toma a culminancia e afugenta a Arte para o deserto. Chega-se então a esta decadencia de que soffremos actualmente.

. . . . . .

Ora este escriptor extraordinario, de tão nobre e original maneira pessoal, era sobretudo um artista da palavra falada, musical, viva. Quem não o ouviu, dizem competentes, não o conheceu.

Em New-York, Boston e Chicago, onde fizera, aos vinte e seis annos, mais de duzentas conferencias sobre arte, parecera um Messias d'uma nova esthetica.

Mais tarde, em Paris, Bourget, Daudet, Barrès, Rollinat, Verlaine, Moréas, etc., deram-lhe um banquete. No fim, ao café, o grande litterato-dandy inglez, que conversára antes com pretenção e emphase, desafinando como de proposito as sensibilidades doentes dos francezes, commoveu-os tanto que alguns choraram... Como fôra aquillo?! (Arrancar lagrimas a homens de lettras!) Contando os amores de lady Blessington.

« Não se imaginava que a palavra humana pudesse revestir tal esplendor. » (J. Joseph Renaud).

« Quando elle fala », confessava, diz-se, uma grande dama, « vejo-o coroado por um nimbo d'oiro. »

Por direito legitimo de genio e dandysmo elle era o summo pontifice da alta roda artistica e excentrica de Londres, tocada mais ou menos n'esse tempo por affectações esotéricas d'esthetismo.

N'essa roda morbida e ephemera destacava-se um poeta da mais alta nobreza d'Inglaterra : o joven e bello lord Alfred Douglas, filho do marquez de Queensbery.

Ora este singular marquez e pae gravou um dia com o diamante d'um annel, n'um grande vidro do *Albermale Club*, uma phrase curiosa e ignobil que feria o filho e Oscar Wilde...

O escandalo foi epico e sujo, um genuino escandalo inglez.

Desconcertado, mal aconselhado, burguez uma vez em toda a sua vida, casado com uma mulher encantadora (que morreu de dôr), pae de duas creanças adoraveis (CYRIL e VIVIAN, hoje sacerdotes), o auctor d'*O retrato de Dorian Gray* processou o marquez por diffamação! Este, insistente, accusou o artista d'actos puniveis pelo Criminal Law Amendment Act... E viu-se então a grande Inglaterra — que é tambem a hypocrita e algumas vezes a mizeravel Inglaterra — condemnar a dois annos de trabalhos forçados na cadeia de Reading o auctor d'*O retrato de Dorian*

Gray! Vingava-se n'elle, que não era mais que um grande artista, dos sadismos brutos — brutos e impunes — (assoalhados em tempo na *Pall Mall Gazette*) de que homens não eram menos que lords...

Debalde alguns amigos corajosos tentaram defendel-o e salval-o. Elle proprio se oppunha doidamente a toda a defeza razoavel. Fôra atacado — bebedeira ultíma — pela esthesia hysterica do escandalo.

« Não posso resistir á tentação de vir a ser um forçado ».

Leu-se no tribunal uma carta intima d'elle a lord Douglas em que se tratava da « musica dos beijos » e d'outros requintes ultra-litterarios :

— E' d'esta maneira que o réu escreve habitualmente a lord Alfred Douglas?

— Habitualmente!... Ninguem é capaz — ninguem, nem eu proprio — d'escrever cartas d'essas todos os dias.

— Emfim... esta carta é bem extraordinaria...

— Tudo quanto escrevo é extraordinario.

. . . . . .

— Que coisas tem dito a respeito de Deus? (!)

— Eu disse que os mundos iam acabar porque uma metade da humanidade não cria já n'elle e porque a outra metade não cria ainda em mim.

. . . . . .

Grande indignação na velha Inglaterra! Além de perverso, troçar dos juizes e brincar com Deus!

Queimaram-lhe os livros. Uma populaça bestial e bebeda quiz queimar-lhe a casa. Pronunciar-lhe o nome era uma vergonha : chamavam-lhe « He », « elle ». E tudo córou quando lord Douglàs, que esmurrara o pae (auctor celebrado d'um codigo de *box*), atirou ao mesmo a *Balata do Odio*, que começa assim :

« A MEU PAE »

Curta seja a vida do homem que odeio (que elle nunca tenha mortalha nem tumba!) Esperae e olhae, olhae e esperae, elle pagará a metade e o todo, já ou em breve, cedo ou tarde (o aço, o chumbo ou a corda de canhamo, e que o diabo lhe leve a alma!).

Negras são as noites, escuras as estradas (que elle nunca tenha mortalha nem tumba! », etc.

Na cadeia de Reading o poeta chorava. Chorou, durante um anno, todos os dias. Caracter fraco, d'exhibição, exageradamente artificial, passára de chofre da maior petulancia ao maior quebramento.

De profundis, que escreveu na prisão, é uma epopéa de psychologia :

« Tres mezes passaram. O kalendario do meu comportamento e do meu trabalho de todos os dias, que tem o meu nome e a minha sentença, e está suspenso ao lado exterior da pequena porta da minha cella, diz-me que é maio...

... Tenho passado por todos os modos possiveis da Dôr. Melhor que Words-worth, sei o que Words-worth quiz exprimir com estes seus versos :

Suffering is permanent, obscure and dark,
And has the nature of infinity.

... As unicas pessoas em cuja companhia me seria agradavel encontrar-me agora são os artistas e todos aquelles que teem soffrido : aquelles que sabem que é a belleza, e aquelles que sabem que é a dôr.

... O logar de Christo é certamente entre os poetas.

... Shelley e Sophocles estão com elle. Mas a vida d'elle é o poema mais maravilhoso. Na « piedade » e no « terror » nada ha semelhante na tragedia grega.

... Antes do seu tempo, havia deuses e havia homens, mas, porque sentiu, pelo mysticismo e pela sympathia, que uns e os outros incarnavam n'elle, denominou-se, segundo os casos, o Filho de Deus ou o Filho do Homem... Seguramente, o encanto de Christo, quando tudo está dito, consiste em que elle é semelhante em tudo a uma obra d'arte... Uma vez ao menos na sua vida todo o homem vae com Nosso Senhor até Emmaüs.

... Estou cançado das formulas vans, articuladas, de homens e coisas. O Mystico na Arte, o Mystico na Vida, o Mystico em Tudo, eis o que procuro. E'-me necessario, absolutamente, encontrar isto em qualquer parte. »

Mas deixou a prisão — envelhecido e sem talento. A celebre *Balata da Cadeia de Reading*, que escreveu em França e assignou : C. 3. 3. (que fôra o seu *numero-nome* de forçado), é um grito d'ave ferida de morte :

« Com a meia noite sempre na alma, e o crepusculo sempre na cella, damos e damos á manivella, e desfiamos o trapo e a corda, cada um isolado no seu inferno, e este silencio é mais pavoroso do que o som dos sinos. »

E morreu em Paris, d'uma meningite, em 1900; e foi enterrado sob o pseudonymo de Sebastian Melmoth, que elle escolhera.

Na phrase vingadora, shakspeareana, de Harborough Sherard, que o defendeu n'um livro soberbo : « só restam d'elle alguns dentes furados, tapados a oiro, e as obras primas. »

Que foi, no dominio da psychiatria, este estranho artista? Um aberrado no senso genesico, e por consequencia, um degenerado? Parece que não.

Parece sómente que foi um artista descommunal e mais ou menos hysterisado, que padecia principalmente d'um anachronismo : era um grego antigo que reduzia tudo, na arte e na vida, a maneiras d'arte...

O *crime* d'este homem foi um caso d'esthetica.

Tinha a psychose do estylo em tudo.

D'ahi o peccado.

Mas o que era um requinte para um grande artista na Athenas artista do tempo de Pericles, foi uma torpeza para um gentleman na Londres hypocrita da rainha Victoria.

D'ahi a cadeia.

Mas que tivesse sido um degenerado! A sua bella obra seria por isso menos preciosa?

O facto de Ribera ter sido um bandido empana a grandeza dos seus Prometheus?

Quer a Inglaterra que Pindaro, Sapho, Cicero, Miguel Angelo, Shakspeare, Byron, etc., etc., apresentem attestado de « bom comportamento moral, civil e religioso? »

JOSÉ DE LACERDA.

La Tombe et la Rose

(*Victor Hugo*)

O Sepulchro e a Rosa

O sepulchro diz á rosa :
Que fazes tu flor mimosa,
Do orvalho da alva manhã ?
Diz a rosa á sepultura :
Que fazes, feia negrura,
De tanta fórma louçã?

Negra tumba, segue a rosa,
Eu, dessa agua preciosa,
Faço aroma, que é só meu.
Diz-lhe a tumba com afago
De cada corpo que trago
Resurge um anjo do céo.

F. X. Oliveira de Menezes.

La Feuille

(*Arnault*)

A folha

De teu ramo desprendida,
Pobre folha ressequida,
Onde vais?... Eu não o sei.
Levou o raio offuscante
O carvalho em que brotei,
E o zéphyro inconstante,
Sópre do norte ou do sul,
Projecta-me em cada instante,
Do valle ao monte gigante
E desse monte ao paúl.
Vou no vento confiante,
Nada, nada me detem.
Rólo na estrada cheirosa
Com a folhina de rosa
E a de louro tambem.

F. X. Oliveira de Menezes.

Dr Candido de Figueirêdo

O Dr. Candido de Figueirêdo é com certeza, no Brasil, o mais familiar e conhecido dos philologos portuguezes. E' collaborador assiduo do *Jornal do Commercio* do Rio e de outra folha de S. Paulo, e os seus livros *Falar e Escrever*, em tres volumes, as *Lições praticas da lingua portugueza*, em outros tres, o seu *Novo Diccionario da lingua portugueza*, riquissimo de vocabulos, são aqui muito lidos, consultados e estimados. Com tudo, a lista de suas obras é enormissima e toca a todos os generos, a poesia, o theatro, o romance, a critica e a educação e politica.

A sua popularidade, explicavel por todos os motivos, pois que lhe sobram meritos, é principalmente devida ao bom sentimento e esforço com que hoje por todo o Brasil as classes letradas procuram manter na America o culto da lingua portuguesa, como genuinamente a falaram e escreveram os fundadores d'esta civilisação. E' esta face literaria da philologia, isto é, a do *bem falar* e *bem escrever*, a que mais attrae a attenção dos brasileiros. E' pois o Dr. C. de Figueirêdo, alem de tudo, um socio dos nossos ideaes e um benemerito da nossa vida intellectual.



Dr. Candido de Figueirêdo.

Os criticos brasileiros, os tres de maior autoridade pelo menos, são a favor do linguajar a que chamam *brasileirismo* : Talvez estejam com a boa razão, mas tambem é certo que n'este ponto nem são escutados nem ainda formara discipulos.

O mal da differenciação da linguagem no Brasil é que esta não é tão distincta que se possa constituir em dialecto, e de certo degenerará em deploravel gerigonça se senão aproximar da fonte genuina e portuguesa.

O Dr. Candido de Figueirêdo responde pachorrentamente a quantas perguntas, consultas e duvidas se lhe propôem, algumas exdruxulas, ineptas outras e quasi incrediveis. Vae a todas respondendo com animo egual e sereno.

Os novos poetas

Novos na edade e não na accepção que foi dada aos que se reputavam arautos de modernos processos literarios; novos ainda por terem ha pouco surgido, notam-se alguns poetas de valor em nosso meio. Revelam elles coragem e persistencia, visto que nenhum estimulo lhes é fornecido, já pelos editores, já sobretudo pelos gravebundos pseudo-directores da opinião artistica em nosso paiz.

Não obstante não lhes ser facilmente aberto caminho em meio á vida publica, trabalham, e trabalham com ardor, com intelligencia, com fé, conseguindo dest'arte, os que têm merito, triumphar. E' verdade que a pouca experiencia que

a edade explica não lhes faz ver as agruras que a vida apresenta, maxime a vida literaria, em um paiz como o nosso em que a funcção artistica é mal vista, em que um poeta, sobretudo, é olhado como tipo de desregramento, de bohemia.

Mais forte todavia do que esses entraves que lhes são expontaneamente postos, mais forte mesmo do que o silencio desdenhoso dos consagrados, é a ancia de produzir, é o ardor de cantar, vasando talento e sentimento em estrophes muita vez fracas, mas reveladoras assáz do espirito de quem as produziu.

Semelhantes escriptores deviam ser acarinhados, encorajados, afim de que pudessem socegadamente, sem medo de criticas odientas, produzir, e produzir com methodo, com estudo, elemento, cumpre que se o diga francamente, raramente tomado em conta pelos noveis escriptores.

Em meio, entretanto, a toda sorte de correntes contrarias, os poetas surgem, e muitos com capacidade, com força, significando claramente que hão de ficar donos do terreno.

A geração que se vae vê precisamente successores que lhe não desmercerão, que elevarão bem alto seus creditos, que continuarão com galhardia seus triumphos.

Ao grande Luiz Delfino, que a varias gerações tem pertencido; ao impeccavel pantheista Alberto de Oliveira; ao elegante parnasiano Olavo Bilac; ao forte e impetuoso Luiz Murat; ao correcto manuseador do verso Raymundo Correia; ao brilhante esthela Emilio de Menezes, primazes da poesia brasileira, succederão seguros talentos artisticos. Nem todos ainda são conhecidos do publico, por isso que uma ou outra vez conseguem abrir brecha nas columnas dos jornaes, sempre hermeticamente fechadas aos que não têm um nome já popularisado pelos ascendentes ou aos que não dispõem de *bom padrinho*. Livros, poucos têm, mas a despeito disto para quem como nós já tenha tido occasião de ler trabalhos seus, é facil julgar dos meritos respectivos. Sem parcialidade, sem paixão, pode-se affirmar que certos delles *ficarão*, serão alguma coisa de recommendavel. Nestas condições se acham José Maria Goulart de Andrade, Theodorico de Brito, Hermes Fontes, Martins Fontes, Oscar Lopes.

E' o primeiro um bello talento, muito trabalhador, dispondo de nitida visão, apanhando o mundo com clareza, descrevendo-o com fulgor. E' um forte poeta objectivo, um fino cultor da forma, não conhecendo difficuldades, tendo, o primeiro na lingua portugueza, confeccionado o canto real, forma difficil, mas que em suas mãos se tornou de facil manejo. De Goulart de Andrade breve se terá um livro, entregue á confecção da Casa Garnier.

Theodorico de Brito, de feitio diverso de Goulart, é como este um forte poeta. Tendo accentuado subjectivismo, que ao primeiro não é caracteristico, muita leitura, rico vocabulario, ás vezes algo rebuscado, claro talento, não é tão espontaneo como Goulart, máo grado todo o apuro de factura que neste faz parecer demorada sua producção. Theodorico de Brito, pouco conhecido, porque um tanto esquivo, é entretanto um escriptor de 20 annos já alguem, e de cujo talento cultivado se pode assegurar futuro destaque nas letras nacionaes.

Estes dois poetas tão oppostos, tão antagonicos na maneira de poetar, são todavia a estréa mais valorosa dos tempos andantes.

De Oscar Lopes, já ha trabalho feito, já ha livro publicado, onde seu talento se

evidencia claramente, onde se vê que um escriptor seguro de sua funcção se apresenta.

Hermes Fontes e Martins Fontes não têm ainda o acervo de trabalhos que os seus supracitados contemporaneos têm, mas são incontestavelmente talentos brilhantes e ardorosos.

Hermes é um joven, arrebatado, ardente, poeta por nascimento, isto é, intrinsecamente poeta. Não se lhe pode notar esta ou aquella falta, não se lhe pode mesmo salientar esta ou aquella qualidade; sente-se em suas producções que alguma coisa de valor, de pessoal nellas existe. De Hermes, ainda tão joven, pois conta 18 annos, pode-se esperar um poeta philosophico, um poeta levando mais longe do que commummente os ideaes poeticos. Já hoje elle comprehende, um tanto nebulosamente, é verdade, a funcção social da arte; é pois de prever que de futuro taes tendencias se accentuem definitivamente.

Martins Fontes nos é conhecido por sua palestra viva, luminosa, inquieta, onde o talento esplende em phrases artisticas e elegantes. Não tem ainda um livro, mas já é autor de versos bellos, movimentados como sua palestra. Quem de mais perto o conhecer, e de cujo juizo honesto se pode fiar, apresenta Martins Fontes em um plano muitissimo elevado. De bom grado podemos perfilhar semelhante opinião, mas é da mais rudimentar sinceridade fazer juizo de accordo com os elementos em evidencia. Martins Fontes se nos revela um brilhante talento, atravez mesmo as poucas producções que delle temos lido, bastantes aliás para o considerarmos um dos mais fortes dos novos intellectuaes. Julgamento mais detalhado, que não comportam estas rapidas e ephemeras linhas, faremos a seu respeito quando tivermos de emittir a proposito de seu livro.

PEDRO DO COUTTO.

ESTRADAS ESTRATEGICAS

Como toda a gente, sabia eu que ha no exercito nacional engenheiros notaveis, que tomam parte brilhante no movimento progressivo do paiz, exercendo uma actividade diversa das preoccupações technicas de sua profissão. Como toda a gente, conhecia eu ao menos de nome esse eminente general Souza Aguiar, que poz em tão alta evidencia o nome do Brazil na Exposição de S. Luiz, e cuja formosa obra vai resuscitando na Avenida, aos nossos olhos deslumbrados.

Sabia eu que, além desse, se devem encontrar alguns outros, como o joven engenheiro militar Arthur Moreira que, fazendo parte da commissão constructora de uma estrada de ferro no Rio Grande do Sul, achava tempo para estudar carinhosamente a industria pecuaria e escrever nas revistas agricolas sobre os mais serios interesses da lavoura nacional.

Tudo isso é bem natural. E' apenas um documento da importancia crescente das questões economicas e sociaes nos tempos modernos. Todos os espiritos bem formados, qualquer que seja a classe a que pertençam, volvem para ellas as suas vistas aguçadas, reconhecendo que ahi, no terreno desses problemas tão palpi-

tantes, devem exercitar, se não toda, ao menos uma parte da actividade civica de que são capazes.

Nada disso, pois, é uma novidade. O que, porém, me chama agora a attenção, é um outro facto, em que ainda não tinha bem reparado, que me parece mesmo em passado um pouco despercebido. O facto é este que a propria administração militar se empenha numa obra meritoria de auxiliar a expansão de nossa actividade economica.

Bem sei que esse não é o seu objectivo capital. Pouco importa.

Pouco importa, no trabalho que vou assignalar, que o fim do exercito seja fazer as suas estradas estrategicas, das quaes tem elle necessidade particular e incontestavel para o facil transporte das tropas, nas emergencias sempre possiveis de uma guerra internacional, ou mesmo para o movimento de forças, provocado ás vezes tambem pelos conflictos internos.

O que sobretudo me interessa, agora, é que essas estradas se cobrem de novas povoações e que a industria pastoril e agricola vai surgindo pelo interior dos Estados, onde os nossos soldados passam, trazendo picaretas industriosas, em vez dos fuzis devastadores. Bemdigo então estes dias pacificos, em que se pode vêr um tal espectaculo e em que as guerras são felizmente cada vez mais raras, permittindo á classe essencialmente bellicosa uma funcção pacifica e industrial, que a não desdoura e certamente a não enfraquecerá no momento preciso da lucta.

Demorada palestra com o illustre tenente de engenheiros Eugenio Richard, recentemente chegado de uma longa estadia na opulenta região que faz o objecto de litigio entre o Paraná e Santa Catharina, poz-me no encalço do andamento progressivo das obras da estrada estrategica de Palmas, cuja actual commissão constructora, de que fez parte, começou os seus trabalhos em 1903.

Partindo da União da Victoria, que fica no Estado do Paraná, que é uma estação da Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande e é tambem o ponto final da navegação do rio Iguassú, a estrada estrategica de Palmas prosegue em demanda da nossa fronteira com a Republica Argentina, atravessando todo o territorio brazileiro das Missões.

O objectivo primeiro dessa estrada era a cidade de Palmas, mas o governo actual mudou-lhe o traçado, ampliando-a e ligando-a á rêde estrategica, para a defesa do nosso territorio. Depois de prompta, ficará uma estrada de mais de 50 leguas, construida de accordo com as mais modernas condições technicas. Tem seis metros de largura, rampa maxima de 8 % e raio de curva minimo de 25 metros. Todas as obras de arte são de caracter definitivo e executadas com a maior segurança. A estrada atravessa a principio o sertão do rio Jangada, num percurso de 13 leguas, seguindo em largo trecho o valle desse bello affluente do poderoso Iguassú.

Era uma zona até então desconhecida, infestada pelos indios Botucudos. Presentemente, porém, a passagem da estrada communica-lhe uma vida nova.

Surgem povoados e nucleos coloniaes, que iniciam a pequena lavoura dos cereaes e a industria pastoril. As colonias são constituidas de polacos ruthenos e catholicos, que se entregam de braços abertos ao Brazil, como a uma nova e boa patria, que lhes concede todas as liberdades extorquidas na Russia despotica.

Aprendem com rapidez admiravel a nossa lingua; são intelligentes e extremamente serviçaes, prestando um auxilio valiosissimo á commissão militar.

Parece-me ser isso de alta importancia, quando se conhece o caracter individualista das colonias allemãs, que ficam não muito longe, em Blumenau ou Joinville, mantendo a lingua e os costumes estrangeiros, colonias essas de que se tem falado tanto nos ultimos tempos.

Convém ainda assignalar a propriedade da estrada de rodagem para as povoações do interior. Não têm tarifas, nem horarios. A pé, a cavallo, em todas as especies de conducção, o homem pobre se serve della livremente e descuidoso, transportando alegremente as mercadorias e os fructos variados de sua lavoura. Em qualquer tempo, aliás, quando as necessidades da industria e do commercio o exigirem, estará prompta para receber os trilhos e as locomotivas.

A parte da estrada correspondente ao sertão Jangada está quasi toda construida, faltando apenas ligarem-se alguns trechos.

Depois dessa zona, entra ella nos ricos e formosos campos de Palmas, excellentes para o desenvolvimento da industria pastoril, que ahi já foi feita, antes da revolta de 1893, a qual destruiu todos os trabalhos e inutilisou os productos e haveres da Companhia Frigorifica. Fazendeiros paranaenses ahi se instalaram novamente, retomando a exploração das riquezas naturaes, que caracterizam essa região. A estrada atravessa esses campos, em uma extensão de nove leguas, até á cidade de Palmas.

Ahi terminam os estudos feitos pela commissão estrategica, que actualmente se occupa da construcção, para depois proseguir de Palmas em diante, demandando a fronteira argentina.

Existe ainda, já construida pela mesma commissão, uma estrada provisoria de rodagem, ligando a cidade de Palmas á estrada de ferro S. Paulo — Rio Grande.

Todos os serviços têm sido executados por essa massa estranha de novos operarios, os soldados nacionaes, sob a direcção de officiaes de engenheiros que, algumas vezes apenas, recorrem aos bons auxilios dos colonos polacos.

O actual ministro da guerra, marechal Hermes, demonstra interessar-se particularmente por essa obra, duplamente importante no ponto de vista estrategico e economico, que aliás tem custado, pela verba especial, a partir de 1903 até 1905, a quantia relativamente diminuta de duzentos e poucos contos de réis.

O primeiro chefe da commissão foi o coronel Feliciano Mendes de Moraes, que encaminhou todos os serviços, dando-lhes uma orientação pouco dispendiosa e intelligente, que ainda hoje perdura.

O segundo director foi o engenheiro militar coronel Lino Ramos. Foi elle quem teve a idéa da estrada provisoria e quem a construiu, prestando um inolvidavel serviço á lavoura e á incipiente industria local. A herva-matte de Palmas, considerada uma das primeiras do Brazil pela sua excellente qualidade, não podia até então ser exportada por falta de transporte, essa necessidade urgente de nossa situação economica. A exportação faz-se agora, entretanto, facilmente, adquirindo as proporções de um vasto commercio, a que não ficou indifferente o Estado do Paraná, vindo a secundar os esforços da commissão militar.

Os trabalhos de engenharia, por sua vez, se tornam immensamente mais suaves pela convivencia com a população industrial e agricola.

Essas condições favoraveis, a belleza natural e o clima excellente desses logares facilitam a vinda das familias dos officiaes e dos soldados, estabelecendo-se assim, em meio das barracas e das povoações nascentes, a vida social activa de que tanto precisa o interior do Brazil.

E' por esse aspecto justamente que um tal serviço não me deixa insensivel. A expansão economica do Brazil lucraria muito, se trabalhos identicos fossem tentados a respeito de outras regiões desconhecidas. E oxalá o novo governo assim o entenda.

Conhece-se agora um pouco mais o valle do Iguassú com os seus numerosos affluentes, a sua riquissima hydrographia, os seus bellissimos saltos, as suas madeiras de lei e as suas enormes florestas de pinho; o afamado pinho vermelho do Paraná, que se diz igual ou superior ao de Riga.

E tudo isso se fez, ou ao menos se facilitou grandemente, pela idéa feliz de uma estrada estrategica. Lembra-me o caso daquelle patriarcha que delimitou uma grande area de terreno, em que os filhos, cavando, deveriam encontrar um grande thesouro.

O thesouro não foi encontrado, mas a terra, revolvida, começou a produzir riquezas immensas e menos illusorias.

Tambem eu direi agora que a guerra talvez não venha; mas, em todo o caso as estradas ficarão como um vehiculo para os fructos do trabalho. Por ellas já passam, e passarão sempre mais numerosos, os conductores das nossas olvidadas riquezas interiores. Nascem as villas e as cidades novas pelos sertões a dentro, afim de que o Brazil não seja eternamente um paiz de civilisação restricta ao littoral, desafiando a cubiça das nações industriosas.

CURVÊLLO DE MENDONÇA.

EDUCAÇAO FEMININA NO RIO
(1852)

(Do *Opusculo humanitario publicado* em 1853 por Nisia Floresta e offerecido pelo Snr Miguel de Lemos á Bibliotheca Nacional, onde se encontram diversas obras da notavel escriptora Brasileira).

Do *Quadro demonstrativo do estado da instrucção primaria e secundaria das provincias do Imperio e do municipio da Côrte,* no anno de 1852, vê-se que a estatistica dos alumnos que frequentaram as aulas publicas monta a 55,500, numero tão limitado para a nossa população; e que n'este numero apenas 8,443 alumnas se compreendem!

Bastará reflectir n'esta desproporção para julgar-se do atraso em que se acha a instrucção do sexo feminino, tão mal aquinhoado na partilha do ensino pago pelo governo. Nenhuma proporção ha, como vamos vêr, entre as escolas primarias de um e de outro sexo.

Na provincia de Minas, onde a instrucção se acha mais geralmente diffundida,

entre 209 escolas de primeiras lettras, só 24 pertencem ao sexo feminino! Considerando-se esta tão desproporcional differença, o sexo parece permanecer ali debaixo da influencia do anathema que fulminára sobre elle um dos mais notaveis presidentes d'aquella provincia.

Tratando das cadeiras publicas de ensino primario dizia elle que : *Deve-se ensinar ás meninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem de ser criada de si e de seu marido*. Este severo administrador abstrahiu por sem duvida do seculo em que fallava, ou confundiu um povo livre, o digno povo mineiro, com a malfadada população de escravos, que infelizmente o Brasil contem em seu seio!

Na Bahia, de 184 escolas primarias 26 somente são de meninas. Menos egoista para com o sexo a sua rival na gloria, o heroico Pernambuco, fiel ás suas tradicções, lhe sobresae em equidade, pois que de 82 escolas, 16 pertencem ao sexo feminino. A provincia do Rio de Janeiro, com 116 escolas, dá ao sexo 36. No municipio da Côrte, a sede do governo imperial, onde devia-se mais facilitar a instrucção do povo, acham-se apenas creadas 9 aulas de meninas !

As demais provincias apresentam proporcionalmente a mesma escassez de recursos para o cultivo da intelligencia da mulher, e algumas ha cujo estado de instrucção publica não chegou ainda ao conhecimento do governo geral !

Accrescentemos agora ao mediocre numero d'essas escolas a confusão dos methodos, dos doutrinas seguidas pelas professoras, quasi sempre discordes em seus systhemas, e, como já observamos, em grande parte sem as necessarias habilitações e teremos reduzido á expressão mais simples o numero da nossa população feminina que participa do ensino publico, e o grau de instrucção que recebe.

. . . . . .

NISIA FLORESTA.

1853.



Nisia Floresta.

O que vestimos

E' curioso conhecer as qualidades de tecido que mais consummimos no Brasil.

A producção brasileira de tecidos de algodão augmenta cada vez mais e luta vantajosamente com os artigos de procedencia extrangeira que supportam direitos de entrada.

Explica isso a sensivel diminuição que se deu em 1905 na importação das fazendas de algodão.

Nesse anno a importação foi de 450:234$ contra 522:817$ em 1904; a de tecidos de lã foi de 116:789$ e a de seda de 36:135$ contra 140:333$ em 1904 (Esses algarismos são de uma folha austriaca.)

Quanto aos tecidos de algodão sómente a Allemanha pôde augmentar as suas vendas; as remessas da Inglaterra e as da França baixaram muito no anno de 1905.

Os algodões estampados de boa quali-

dade procedentes da Allemanha (Alsacia e Baviera) e da Inglaterra encontram no Brasil boa sahida; largura de 70 a 80 centimetros, preço de 50, 80 e 90 pfennigs o metro.

Os estofos lisos de varias côres de procedencia allemã e ingleza para tapeçaria são pouco procurados; o artigo commum estampado é fornecido pela industria nacional. Os tecidos ordinarios unidos, crús, brancos ou tintos procedem da Allemanha e da Austria.

As gazes Marli são importadas da Inglaterra pelo preço de 4 dinheiros a 1 shilling por jarda.

As fazendas de fôrro, imitação de seda, procedem em grande parte da Inglaterra; largura de 64 a 90 centimetros, preço de 1 1/2 a 6 dinheiros.

A cassa é quasi toda de procedencia britannica; largura de 34 a 39 pollegadas, preço de 12 jardas de 3 a 12 shillings, côr branca.

A musselina procede geralmente da Allemanha e tambem da França e foi bem vendida em 1905.

Ha procura para os padrões modernos, 80 centimetros de largura (Alsacia), do custo dc 70 a 90 pfennigs.

Os zephyrs são importados da Inglaterra e da Austria, sendo para camisas procurados os padrões raiados de 70 a 90 centimetros de largura e do preço de 60 a 90 pfennigs.

Os morins são geralmente fornecidos pela Allemanha. As toalhas de mesa e as colchas de cama procedem tambem da Allemanha e em menor quantidade da Austria.

As toalhas de mão, guardanapos e lenços são de procedencia allemã e austro-hungara. A importação da Inglaterra é muito menos importante.

Os cobertores imitando pellegos, de venda corrente, são fornecidos pela Grã-Bretanha.

O velludo de algodão de uma só côr ou multicolor é da mesma origem; largura de 90 pollegadas; preço 7 1/2 d. a jarda.

O cretonne para estofador é procurado e de fabrico allemão. Os padrões modernos bem coloridos são preferidos.

A linha de costura é fornecida pela Inglaterra e pela Allemanha. A linha allemã é quasi sempre vendida como linha ingleza.

As rendas de algodão allemãs e francezas acham bom mercado. A Austria-Hungria forneceu tambem este artigo em 1905.

A gaze de algodão, para mosquiteiro, é de venda corrente e de fabrico inglez ou allemão; largura de 1 metro a 1m,50; preço de 45 a 50 pfennigs o metro.

As cortinas tém pouca importação e quasi sempre de encommenda.

Os tapetes de corredor procedem da Inglaterra e da Allemanha, sendo a largura preferida de 60 centimetros, mas tambem são procurados os tapetes de 50 a 70 centimetros.

As fitas e os cintos de algodão são de procedencia allemã.

Os lenços de cabeça estampados de algodão, com ou sem franjas, são sempre muito procurados e especialmente comprados pelos colonos austriacos e italianos. A importação é quasi toda feita da Allemanha e da Ingleterra; todavia a Austria-Hungria expedio directamente e vendeu 100 duzias em 1905. A Inglaterra forneceu esse artigo baratissimo e tambem de imitação seda, genero japonez.

A flanella de algodão de uma só côr ou multicolôr procede da Allemanha e da Inglaterra; largura 70 centimetros.

Os tecidos para aventaes claros, azues estampados, são importados da Allemanha, da França, da Inglaterra, da Belgica e da Austria-Hungria.

A Austria exporta especialmente os tecidos alizados que acham apreciavel mercado no Brasil.

São esses tecidos tambem fornecidos pela Allemanha, pela França e pela Ingleterra, mas o artigo inglez é preferido.

A alpaca ingleza vendeu-se melhor em 1905 do que no anno anterior. A procura foi da alpaca preta ou levemente riscada e assim tambem os padrões fantasia de côres escuras, largura de 90 a 100 centimetros.

Os cheviots allemães para roupa de se-

nhora, de côres da moda e de boa qualidade e de preço modico, deram bons negocios; largura 110 contimetros.

A flanellas leves, de lã e algodão, brancas e de côres procedem da Allemanha, da Austria-Hungria e parte da Inglaterra; largura de 60 a 70 centimetros.

As lãs de reflexos de seda são importadas em pequena quantidade, para vestidos de baile. E' mais importante o mercado para fazendas que sirvam a vestidos de noiva.

Os cobertores de lã para cama, brancos ou de côr e « pellego de camello » procedem da Allemanha; preço: de 14 a 20 marcos o cobertor.

Os artigos mesclados de lã pagando os mesmos direitos que os de lã, não são de facil importação.

Os lenços de seda procedem da Allemanha e da França, as fitas de enfeite da França, as mais estreitas da Austria e a pellucia de seda, que se vende bem, da Allemanha.

O panno de linho, cuja importação diminuio tambem, é mui pouco procurado. Esse artigo só é usado em pequenas partidas, para toalhas de altares, sobrepelizes, toalhas de mesa e lençóes.

Os lenços de linho para senhora são pouco usados.

(Do *Handels-Museum*).



Emilianio Pernetta.

A bruxa

Veiu uma bruxa um dia, e eu
Que nesse tempo era menino,
Mostrei-lhe a mão; a bruxa leu,
Linha por linha, o meu destino...

Leu tudo, leu, e após, os olhos
Cerrando, exclama : « E' singular!
Que destino cheio de escolhos...
Altos e baixos como o mar!...

E' singular, a bruxa diz,
E' singular! mas, ó criança,
Espera e crê. Serás feliz,
Muito feliz! Tem esperança! »

Olhei a terra, o abysmo, a estrella,
A noite immensa, infindos ceus :
« Será mais bella, inda mais bella
Tua sorte, crê! Serás um deus! »

Os annos têm-se succedido
Numerosissimos, porém,
Cada vez mais sorprehendido,
Espero o bem e é o mal que vem.

Annos têm vindo de permeio,
Quem fui, de certo, já não sou;
A's vezes quasi que não creio
No que essa bruxa me contou...

Tudo uma triste mascarada,
Tudo illusão, tudo chimera,
E pois que eu já não creio em nada,
Meu coração por que é que espera?

Que mais espera esse infeliz
Que inda lhe possa dar prazer,
Si tudo, tudo quanto quiz,
Completamente, hoje não quer?

Não sei. Porém, basta lá fóra
Vibrar um hymno, que sei eu!
Para que logo exclame: é a hora,
E' a hora ideal que floresceu!

E doido, atraz dessa esperança,
Eil-o a correr; pois, apesar
De conhecer que não na alcança,
Quer ver si a pode inda alcançar!...

EMILIANO PERNETTA.

GIL VICENTE

(A descoberta de um *Auto* do poeta)

Uma nova publicação relativa a Gil Vicente veiu chamar a attenção para esse insigne troveiro, que um recente movimento lusophilo, de eruditos escriptores portuguezes e estrangeiros, tão estimado e conhecido teve o condão de tornar, em geral nos paizes cultos e em especial no mundo intellectual brazileiro. Deu esse movimento logar á celebração do 4º centenario do poeta, a proposito do qual a Academia de Sciencias de Lisboa realizou algumas das suas sessões, em meiados de 1902. A memoria apresentada á academia pelo distincto escriptor e dramaturgo Eduardo Schwalbach, em nome do fallecido Urbano de Castro, que sabia de cór e constantemente o citava nos seus artigos mordazes, provocou pela parte do Sr. José de Souza Monteiro interessantissimas citações, que revelaram este insigne academico como um dos mais profundos conhecedores da obra e da vida do fundador do theatro portuguez.

A nova publicação é devida á penna illustre do conde de Sabugosa, cujas aptidões literarias deram ultimamente em se mostrar em uma feição de homem de estudo, que a sua firmada reputação de poeta poderia não deixar transparecer. O conde de Sabugosa deu recentemente á estampa um trabalho primoroso, já revelador de profunda erudição e de radicado amor pelos padrões nacionaes. Foi o "Paço de Cintra", que a rainha illustrou com alguns dos seus mais perfeitos e graciosos desenhos. Agora veiu tornar conhecida uma obra de Gil Vicente, de todo ignorada, o que corresponde a enriquecer a literatura portugueza com uma joia de altissimo preço.

A obra ignorada de Gil Vicente é o "Auto da festa", que o conde de Sabugosa

descobriu em uma preciosa miscellanea da riquissima bibliotheca de sua casa. Desencantado aquelle esquecido primor, que durante seculos dormiu repousado, tratou o illustre homem de letras de o entregar ao conhecimento do publico, em uma ampla edição, contendo o "fac-simile", a reproducção e uma memoria explicativa, do valor das quaes falcom eloquencia a seguinte carta de Theophilo Braga, publicada no "Diario de Noticias" de Portugail :

"Lisboã, 27 de novembro de 1906.

Meu presadissimo amigo conde de Sabugosa — Domingo passado foi para mim dia grande : recebi a opulenta offerta da obra desconhecida de Gil Vicente, "Auto da festa". Larguei todo o trabalho em que estava envolvido, como quem sae fóra a acudir ou ver um grande acontecimento, e absorvi-me no primoroso livro. Dotar a literatura portugueza com uma obra desconhecida de Gil Vicente é para todos quantos estudam o nosso genio nacional um verdadeiro grande acontecimento, sem lisonja, mas simples facto concreto. No meu empenho de conhecer mais esta manifestação do grande representante da tradição popular, que elle tão admiravelmente soube relacionar com as fórmas literarias, procedi com rigor ; primeiramente li a transcripção literaria de V. Ex para mais facilmente perceber a fabulação do "Auto da festa"; depois li a reproducção photo-zincographica, que acho preciosa e superior a todas as transcripções graphicas; e só ao fim, jà bem possuido do assumpto, é que vim a ler o prologo verdadeiramente magistral de V. Ex. Por tudo tenho obrigação de felicitar V. Ex, pela generosidade com que dotou a literatura portugueza com um documento excepcional que tanto honra a sua casa, onde se guarda uma tal joia; pela clara e justa transcripção critica do texto, e reproducção authentica do "fac-simile".

O prologo merece uma referencia especial : é uma projecção luminosa que nos faz melhor comprehender e admirar a obra de Gil Vicente. E' muito bem fixada a data da composição do "Auto" em 1535, e melhor aproveitada toda a referencia de "já passar dos sessenta", validando assim a realidade da outra referencia "já fiz sessenta e seis", que de ora em diante é uma bem provada referencia pessoal.

A hypothese de ter sido o "Auto" escripto para ser representado em uma noite de Natal em casa do conde de Vimioso está bem fundamentada e é tão plausivel, que quasi que juramos nas "suas" palavras. E' uma valiosa hypothese que assenta sobre realidades similares. O achado dos logares communs das scenas das ciganas, como o do "Templo de Apollo" é muito importante, porque authenticando-nos de uma fórma absoluta a peça de Gil Vicente, revela-nos tambem o seu processo de trabalho. O aproveitamento de uma scena de uma tragicomedia sua, que estava inedita, mostra-nos que escreveu o "Auto" á pressa, para satisfazer um pedido de occasião.

Foi tambem uma excellente idéa o dar a descripção completa da "Miscelanea" em que se encontra o "Auto", porque releva a consciencia do compilador. A fórma que V. Ex. deu á sua introducção ou "Explicação prévia" é encantadora, tanto no começo como no fecho, apresentando em toda a sua exposição critica um conhecimento completo de todos os estudos vicentinos com um grande espirito de justiça.

A V. Ex. se póde applicar a phrase do Evangelho : "Os ultimos serão os primeiros". V. Ex. trouxe a ultima pedra para o monumento de Gil Vicente, mas pedra que pertence á categoria das joias.

Seu velho amigo e admirador — THEOPHILO BRAGA."

Onde Theophilo Braga falou, não póde um leigo accrescentar senão banalidades. Mas até as banalidades se tornam legitimas, quando o objectivo dellas é chamar a attenção para uma obra de valor. O "Auto" não só por não ser conhecido deve considerar-se como preciosidade literaria. Tem valor intrinseco, mesmo na presença da restante obra do poeta. Por não ter sido escripto para representação no paço, conforme a atilada presumpção do conde de Sabugosa, não é o "Auto da festa" menos valioso que os directamente encommen-

dados pelos monarchas, para quem Gil Vicente habitualmente trabalhava. Ora, na publicação do conde de Sabugosa, junta-se a essa preciosa perola a de um prologo que é um encanto, pelo saber que denota e pelo deleite com que se faz lido.

Em 90 paginas de texto, faz o conde de Sabugosa um estudo completo sobre o maravilhoso troveiro de el-rei D. Manoel. E' habitual pensar-se que quem tem a bossa de erudito, tem obrigação, ou pelo menos tem o direito, de ser pesado como um predio. Ora, o conde de Sabugosa abre-nos patentes as estantes da sua opulenta e antiquissima livraria, falando uma linguagem que não deixa o interlocutor abor-recer-se nem bocejar. Lê-se de um folego o criterioso prologo, e sae-se delle com um só desejo, que é de ir ver a livraria.

Na bibliotheca do conde de Sabugosa, a par de manuscriptos de inestimavel valor para a historia dos governos do Brazil e da India, no tempo das descobertas, a par de centenas de volumes de philosophia, religião, arte, politica, existem collecções, coordenadas segundo especiaes criterios, em uma das quaes o illustre titular encontrou o " Auto da festa". As outras obras importantes dessa collecção são o "Auto do nascimento de S. João" de Fernão Mendes; o "Auto da natural invenção", de Ribeiro Chiado; e os "Autos de Sanctiago", de Affonso Alvares. O criterio que presidiu a este conjunto parece ter sido o da raridade. Já eram raras aquellas obras no tempo em que foi feita a collecção, e a tal ponto o "Auto da festa", que veiu ignorado até agora!

O estudo do illustre titular inclue a demonstração lucidissima da authenticidade do "Auto", a fixação da época em que foi escripto, e da em que foi editado no unico exemplar existente; a conjectura judiciosa do local em que foi representado, que é uma esplendida revivescencia do tempo e das pessoas a que diz respeito, e por ultimo a analyse do vocabulario, tudo levado a cabo com uma leveza e uma elegancia de estylo, que tornam apaixonado pela obra vicentina o menos versado na sua leitura.

PENSAMENTOS POLITICOS

O que é regra no homem individual o é no homem collectivo.

Dizer que, á falta de juiz, é licito fazer justiça a si proprio, é como dizer que, á falta de juiz, cada um tem o direito de ser injusto.

A perseverança é o segredo dos triumphos, a razão da gloria, a alma do progresso.

A guerra aberta não é tão contrária á paz como uma transacção concebida debaixo de condições impossiveis. Os ensaios de paz mal concebidos e mallogrados acabam por desacreditar a paz é fazê-la crêr impossivel ou paradoxal.

A arte de ceder é a arte de governar.

A geographia não é um simples facto de ordem physica; por sua influencia sôbre o homem, é tambem um facto de ordem historica e moral.

Não ha sinão um solo para todos que queiram fazer-se ouvir na America : é a liberdade, como thema de dissertação. Como tal e sempre que não se tracte da sua execução e prática, todo mundo é fanatico pela liberdade ideal e platonica; por essa liberdade que nãe se vê nem se apalpa, que não se usa nem practica. Quanto menos real, tanto mais illusoria. Como á mulher, para amar a liberdada com fanatismo, é preciso não possui-la.

A liberdade entendida á ingleza, isto é, como carga, como trabalho público, como contribuição de dinheiro, de sangue, de cuidados, de tempo, de labor, é a prosa mais detestavel nesta America de poetas e de cantores.

O libertador que a désse ao seus compatriotas seria assassinado por elles em reivindicação de suas illusões de escravos, que vivem cantando a sua adorada liberdade, eternamente ausente ou captiva.

Juan Baptista Alberdi.

Recuerdo!

Das cochilhas extende-se o horizonte.
Nos céos do Sul os ultimos pharóes,
De pallor matinal no banho insonte,
Esmaécem á luz dos arrebóes,

Passa a brisa vestida de perfumes.
Borboletas azues desatam azas...
Nuvens brancas, ao longe, em mil cardumes,
Atufando-se vão n'um mar de brasas.



Julietta Maisonnette. Horacina Maisonnette.

Natureza gaúcha, que cantares
Exprimir poderão o teu valor?
O bello, a luz, o prisma multicor,

Tudo alli se engrandece nos scismares,
Desde a pugna feróz, que causa horror,
Aos infindos encantos d'uma flôr!

JULIETA MAISONNETTE.

Rio.

EPIGRAMMA

Foi a Paris o Vaz ha cincoenta annos.
Poucas horas esteve. E ainda hoje vive
A repetir em prosa e em versos llanos
« Em Paris, onde estive »... XIX.

H. TUROT E O BRASIL

Precisamos de propaganda como essa que officiosamente nos está fazendo o Sr. Henri Turot, homem que se deve transformar, de ora avante, em um quasi idolo para os brazileiros, tão precioso e espontaneo é o serviço que nos vai prestando com os bellissimos artigos publicados no " Le Journal ", artigos que depois de concluidos deveriam ser reunidos em folhetos e espalhados pelo mundo inteiro, como documento da nossa civilização, progresso e futuro grandioso.

No primeiro dos artigos o Sr. H. Turot refere-se a Pernambuco e Bahia e, sempre sincero, aponta o aspecto antiquario e desgracioso da parte baixa desta capital, para logo tecer encomios ao planalto, onde está construida a verdadeira cidade, com tendencias a francos progressos.

Sobre Pernambuco, foi mais optimista, apenas lamentando as difficuldades de aportar-se, obrigando os paquetès estrangeires de grande calado a largar ferro longe da cidade. Esta observação é geralmente feita por todos os passageiros que se arriscam a uma penosa viagem de bote para gozar alguns instantes da formosa Veneza do Brazil. Esperemos; o Rio Grande do Sul já teve o seu lado favoravel... ha de chegar a vez de Pernambuco, Ceará, Parahyba e outros Estados de relativa importancia.

O segundo artigo de Turot começa por um hymno á entrada da barra de Guanabara, cujas bellezas não tenta descrever desde que o fizeram Bougainville, Cook, Dumont D'Urville, celebres viajores, e sabios escriptores como Arago, Saint-Hilaire, Laplace, Darwin e Agassiz.

Limita-se a declarar que o mais viajado " touriste " estacará diante, contemplando o esplendor daquella natureza prodigiosa ; nem a bahia de Along, o mar interior do Japão, o encanto profundo das arvores de Kandy, em Ceylão, a frescura estranha das encostas do Fujihama, nada é comparavel a essa orgia de luz, em que o azul domina, aos blocos verdes da cadeia dos Orgãos, aos contornos harmoniosos da Guanabara, á ponta aguda do Pão de Assucar, á elegante silhueta das nossas palmeiras... E' uma maravilha de aspectos!

Fala do nosso clima adoravel nos mezes de Julho, Agosto e Setembro, e annuncia a extincção da febre amarela, com palavras de louvor para a Municipalidade e o prefeito (onde se lê : Municipalidade, deve-se ler : Oswaldo Cruz. A Cesar o que é de Cesar...). Neste ponto, Henri Turot envia o primeiro convite aos " touristes " da França, que em quinze dias de viagem apenas podem fazer do Rio " le quartier général d'où chaque jour, pendant deux mois, on pourrait organiser d'exquises excursions... "

Diz que as ruas estreitas, obscuras e malsãs de ha dois annos atrás, transformam-se hoje em bellas avenidas, como a Central, mais larga que a da Opera e mais extensa que a dos Campos Elysios, rasgada e prompta em vinte e dois mezes, — friza elle bem.

Segue-se o elogio de Pereira Passos, ao esforço intelligente, decisivo, energico e fecundo do nosso benemerito prefeito, e um ataque violento á lentidão administrativa (!) dos francezes, á pusilanimidade dos capitalistas em face das empre-

zas ousadas, quando o Brazil offerece campo vasto e illimitado para commerciantes, engenheiros e architectos armarem a tenda do trabalho e encherem a bolsa de dinheiro.

Conta, a proposito, a transacção dos automoveis de aluguel do Rio, comprados por dois jovens espertos e logo resgatados pela concurrencia do publico, apesar da exorbitancia dos preços cobrados.

Fecha o artigo uma catilinaria ao serviço aduaneiro do Rio, difficultando o desembarque das bagagens, estragando objectos contidos nas malas, extorquindo, ás vezes, dinheiro dos viajantes, obrigados a esperar dois ou tres dias para retirar as suas bagagens. Commenta com graça a continuidade dos feriados, quando a Alfandega é um estabelecimento que nunca deve fechar, e chama a attenção das competentes autoridades do Brazil para o caso, que impressiona mal logo á chegada do estrangeiro, em desaccordo com a hospitalidade caracteristica dos brazileiros. Termina mostrando que as taxas excessivas cobradas pela Alfandega sobre todos os productos necessarios ao homem tornam a vida carissima no Brazil, que por este processo estorva o seu desenvolvimento e prejudica a população.

Vejam os leitores quanta verdade e que fina observação vai este homem revelando nos seus escriptos.

O ultimos destes, até hoje publicados, intitula-se a " Influencia franceza no Brazil " e começa por uma transcripção das linhas que a " Noticia " escreveu a proposito da recepção do Sr. Turot, pela Municipalidade do Rio. Conta em seguida a surpresa que, no dia da sua chegada, teve ao assistir o espectaculo de despedida de Suzanne Després: o publico numeroso ouvia attentamente os versos de Racine na " Phèdre " e sublinhava com sorrisos de fina observação as passagens mais delicadas do " Poil de Carlotte ", de Jules Renard, como se ali estivesse uma platéa franceza de espiritos cultivados. Depois, a manifestação dos estudantes!

" A cultura intellectual dos brazileiros é quasi toda franceza e falam a nossa lingua com extrema facilidade ", diz Turot.

Conta as gentilezas de que foi alvo no Rio e em Santos e lastima o decrescimento das casas commerciaes francezas no Brazil. Ha vinte annos, era de 12 a 15 mil o numero de francezes habitantes do Rio, e hoje? 1.800, apenas!... Apresenta uma estatistica do valor das importações do Brazil e deplora ver a França em 5º logar. Renova os conselhos aos capitalistas de seu paiz para aventurarem-se em negocios com o Brazil e termina referindo-se á falta de bons hoteis no Rio, quando o governo facilita terrenos na Avenida Central, para a construcção de um grande hotel, que daria lucros incalculaveis.

V. Sobrinho.

O Porto do Pará

No dia 20 de Novembro de 1906 abrio-se em Londres a subscripção publica para £ 350.000 em debentures hypothecarios, parte da somma total de £ 1.250.000, das quaes £ 900.000 serão emittidas depois em Paris e Bruxellas. As £ 350.000 foram annunciadas a £ 92 1/2 por £ 100, o juro sendo de 5 % e a amortização de meio por cento annual, a começar em 1912.

O capital da Companhia *Porto of Pará* incorporada no Estado do Maine, Estados Unidos, é de 17.500.000 dollars, sendo 7 1/2 milhões em acções preferidas de 6 % e dez milhões em acções ordinarias.

Os directores da Companhia são os Srs. Percival Farquhar (presidente), director da « Rio de Janeiro Tramway, Light Power Company » ; Von Horne, director da mesma e presidente da « Canadian Pacific Railway » ; William Bull, director da « Metropolitan Trust », da « Western Union » e do « National Bank », todos de Nova-York ; Dr. Pearson, vice-presidente da « Light » do Rio e da de S. Paulo, e mais tres cavalheiros.

O prospecto diz que a população do Pará é de cêrca de 150.000. Dá a seguinte estatistica do commercio daquella chave do Amazonas neste ultimo quatriennio:

ANNO	IMPORTAÇÃO do EXTRANGEIRO	EXPORTAÇÃO para o EXTRANGEIRO	RECEITA aduaneira federal derivada da IMPORTAÇÃO	CAMBIO medio no ANNO	TONELAGEM TOTAL nacional e extrangeiro	
					Navegação	Mercadorias
1902	£ 1,848,985	£ 3,126,539	£ 707,989	11 7/8 d.	995,000	—
1903	£ 2,001,740	£ 4,069,038	£ 840,150	11 15/16 d.	1,136,000	—
1904	£ 3,021,870	£ 4,164,561	£ 1,013,139	12 3/16 d.	1,385,089	526,726
1905	£ 4,164,370	£ 7,514,511	£ 1,722,291	15 59/64 d.	1,893,984	586,302

E este grande commercio se tem effectuado sem facilidades de docas e com grandes despezas e difficuldades, contra correntes de quatro a seis milhas por hora.

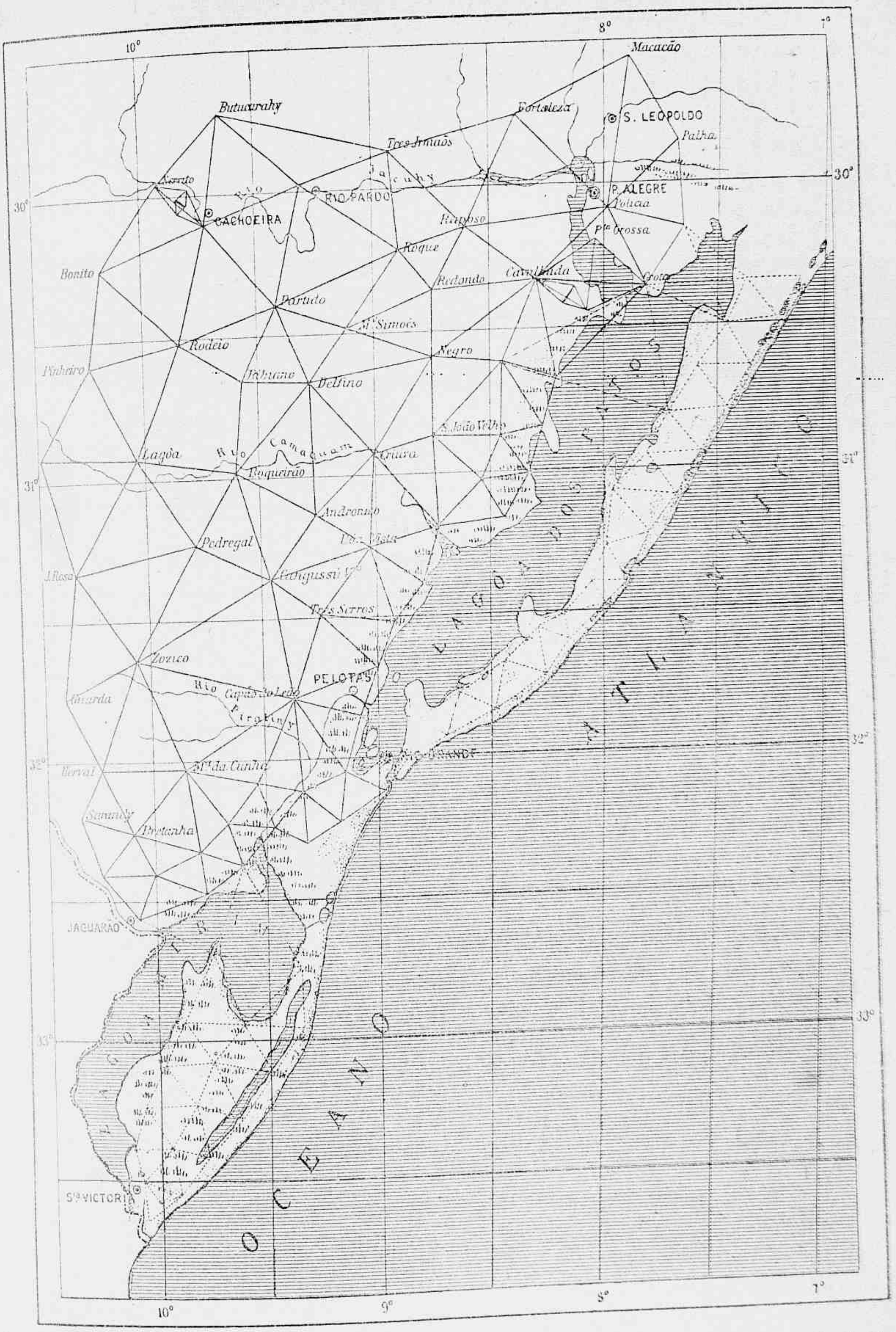
A primeira secção do caes deve estar prompta em seis annos, mas a companhia espera entregal-a em quatro e meio annos.

Essa primeira secção dará vasão ao commercio actual e a bastante augmento delle. Os trabalhos serão iguaes aos melhores existentes, — como os cáes de Hamburgo, Antuerpia e Liverpool.

O Sr. Elmer L. Corthell será o engenheiro-chefe da companhia.

Rio Grande do Sul

No mappa do Rio Grande do Sul que reproduzimos e saiu no *Annuario* de Graciano Azambuja, vê-se traçado o projecto de triangulação no quadrante de sudeste pela commissão da *Carta Geral do Brasil* n'aquelle estado sendo o Coronel F. Moraes o chefe dos trabalhos, e o desenho feito pelo 2º tenente Eduardo Pfeil ; n'esta secção estiveram em 1906 e estão concentrados os trabalhos e os serviços da commissão. E' grato saber que essa obra de tão relevante valor é devida ao Estado Maior do nosso exercito que n'estes trabalhos da paz tanto se illustra e se recommenda á nação.



Projecto de triangulação de 1ª ordem no quadrante de sudoeste no Estado do Rio Grande do Sul.

Almas gemeas

Almas gemeas as nossas, irmanadas
Na dôr, nó soffrimento e na ventura;
Almas, que um mesmo sonho transfigura,
Almas feitas do albôr das madrugadas.

A' noite, quando as lampadas doiradas
Accendem-se dos céos na curva escura,
Vão-se as duas caminho da loucura,
Subindo escadarias constelladas.

Vão-se cantando, vão-se, a minha e a tua,
Fundir-se á luz meiguissima da lua,
Como si todo teu Tú me fizesses.

E nesse eterno e louco desvario,
De tudo quanto ris, eu tambem rio
E padeço de tudo o que padeces.

FLORIANNO BRITTO

INEDITOS GREGOS

Os Srs. Grinfeld e Hart, dous sablos inglezes, fizeram recentemente uma importante descoberta, que é preciosissima para a historia da litteratura grega.

Em excavações por elles emprehendidas, no Egypto, descobriram, a seis pés da superficie do sólo, 131 caixas cylindricas, contendo papirus escriptos entre o seculo anterior á éra christã e o sexto seculo depois de Christo, encerrando odes ineditas de Pindaro, uma tragedia de Euripedes, « Hipsipiles », certos fragmentos conhecidos, como o banquete de Platão e as fabulas de Demosthenes, e o panegyrico de Isocrates, uma historia da Grecia no seculo II, antes de Christo, por Teopompo, poemas de Sapho, e algumas obras latinas, naturalmente de Salustio e de Cicero.

Inutil se torna encarecer o valor desta importantissima descoberta.

EPIGRAMMA

Não tens a chispa divina
Que sae d'alma e que arrebata,
Humor gentil, *verve* fina...
Mas que bom *nó* de gravata!

ONDINA (Condessa de Maurienne).

BILHETE A XAVIER DE CARVALHO

A propósito do monumento a Hugo e Camões para cuja Comissão foi nomeado vogal.

Meu caro Xavier — prézo muito o talento
Do Hugo e do Camões, manos ambos do Dante.
Mas lá da Comissão do egrégio monumento
Regeito ser vogal. — Teimo em ser consoante.

Lisboa, 28-10-906. GOMES LEAL,

DE UMA SEGUIDILHA

O' mimosa lavadeira,
Que vaes de trouxa na mão,
Leva tambem á ribeira
Meu pequeno coração
Para laval-o, ligeira,
Das penas desta paixão!

ALF. CASTRO.

Para o teu nome escrever
Letras d'ouro fui roubar;
Se roubei, foi sem querer,
Fiz-me ladrão por te amar.
E eu rogo sempre ao Senhor
Que me prenda por ladrão,
— Mas n'um carcere de amor
Feito no teu coração.

OLYMPIO RAPOSO.

FRAGMENTO

D' « O hymno da Purpura »

I.

Deu lustre um dia a Púrpura ao duro Fenicio tiranno.
Símbolo de cruenta senhoria implacavel

foi em Tiro, e espantalho nos ares flammante, que a plebe
trémula, prosternada no pó, mirava apenas.

Teve-a em seus hombros fortes o archonte nas átticas festas,
e Péricles honrou-a no século sublime.

Mas Roma foi-lhe a patria dilecta. Nos montes da Urbe
ella brilhou suprema, como eviterna aurora.

E como o sol, na aurora, do ceu avermelha a paizagem,
ella accendeu em rubra claridade o universo.

Vêde-a na Sacra Via, que o préstito immenso percorre,
ufana envolve o dorso do triunfador, que rege

a chriselefantina quadriga; de louros se enrama
a fronte augusta, e o braço do escravo ergue-lhe em cima

a aurea corôa. Cantos, applausos resôam-lhe em tôrno:
mil palmas se protendem saudando o heroe que passa.

Vêde-a na Curia Hostilia! digníssima fulge, colendo
sinal da magestade senatoria, nas vestes

laticlavias... E como, na bella tribuna rostrada,
esvoaça, e á luz responde, victoriosa e ardente,

acompanhando o gesto de um Graccho, de um Cícero! E como
corusca em seu supremo prestígio, imperial manto

áspero de ouro e gemmas, nos pórticos do Palatino,
entre os mirtos e as fontes no mármore sonoras,

ou no Campo de Marte, serena as legiões dominando
— um mar de elmos, escudos, aguias, pendões ao vento!

(Nas provincias remotas, emtanto, na Gallia, na Libia,
e na Judéa, a impunham os procónsules graves,

rubra imagem do espírito e da omnipresença de Roma!)
Oh! nobre foi a Púrpura, e cara aos povos, na era

republicana, ou quando palladio commum a sagraram
Octaviano e Antonino, Trajano e Marco Aurelio!

Vestiram-na Tiberio, Calígula, ai! Nero vestiu-a!
Vitellio, o glotão sórdido, o chacal Domiciano,

o histrião Caracalla, brutal fratricida sinistro,
e Heliogabalo em sua portentosa loucura

pelo pó das arenas rojaram-na, e pelo fermento
dos lupanares. Toda manchas de vinho e lôdo,

rôta por mercenarias espadas, por bárbaras gentes
calcada aos pés, no Castro Pretorio, em mil casernas

de estrangeiras milicias vendida, quem mais a divina
Púrpura reconhece no triste, immundo trapo,

que o corpo effeminado de Rómulo Augústulo cobre?
Despe-a, pállido efebo, simulacro de um sonho!...

(1906) C. Magalhães de Azeredo.

Ultima prece!

A Jesus.

Ouve, creatura ideal das mãos de lyrio e de jasmim, para quem accendi n'alma enamorada a lampada mysteriosa do derradeiro amor!

Ouve, Senhor de saudoso olhar da côr do espaço, onde rolam vaporosas nuvens e scintillam astros maviosos, a préce de quem constantemente invoca o teu amor n'um psalmo lacrimoso, cantando a óde dos corações doridos...

Tu, que trazes nas consoladoras chagas o tom tristonho das violetas roxas...

Na brancura alvinitente do semblante, a neve dos sepulchros onde os impios não derramam lagrimas de préce...

Na fronte a corôa dolorosa do martyrio, gotejando sangue dos cardos penetrantes...

Ouve-me, Senhor!

Tu, que lês nas almas como n'um grande livro de marmore, onde estão gravadas as phrases que nunca mais se apagam...

Contempla, Senhor, esta alma que é tua e que te invoca!

Levanta-a do chão para as regiões felizes, onde não ha lagrimas de dôr nem soluços d'agonia! Leva-a comtigo para o Além, que é o Chanaan promettido dos justos...

Tu, Senhor da alma de astro que baixou a illuminar a terra ingrata e deicida, tem pena dos que sonham no paiz ignoto da luz e acordam ao lugubre negror das tempestades mundanas...

Tem compaixão, oh! Piedoso!

Pelo sagrado bater do teu santo coração, que é o compasso mais suave e dulçuroso da musica ideal, eu te rogo, oh! coração das harmonias, que ouças a préce dos infelizes, dos que têm fome, dos que têm sede, dos que sentem o frio enregelar-lhes os membros cançados de soffrer!...

Pela voz das monjas solitarias, que elevam celestiaes psalmos aos anjos e embebem os seus canticos no teu sangue derramado, eu te rogo, oh! Bondoso, pelos miseraveis deste mundo aváro!

Tu bem sabes quanto é triste do moribundo a préce derradeira...

O quebrar das ondas nos rochedos desolados que choram eternamente em lagrimas de espuma, a nostalgia das vagas que morrem ao longo das praias brancas de luares...

As pancadas mysticas da Ave-Maria, derramando ondas de som pelos espaços tranquillos e penetrando nas almas dos que amam a Virgem Formosissima do Céo.

Pelas pancadas funereas com que os infieis pregaram-te ao madeiro santificado pela dôr, eu te rogo, oh! Justo, que tenhas misericordia dos tristes...

Por teu coração traspassado com a lança do soldado, eu te imploro, oh! Piedoso, que tenhas compaixão dos feridos pelas armas assassinas das batalhas...

Pelo manto, triste como o gelo das mortalhas, em que envolveu-te a Santa Virgem da Piedade após a tua morte dolorósa, eu te supplico, oh! Salvador, pelos que não têm com que cobrir-se nos rigidos invernos...

Por tua oração e por aquellas lagrimas de sangue quente com que santificaste o Hôrto, eu te rogo, oh! Forte, que tenhas misericordia dos que lavram e semeiam em terras anniquilladas de fadiga...

Tu, fortuna dos pobres, limpeza dos leprosos, consolo dos afflictos, esperança dos naufragos...

Tu, alma de crystal purissimo, onde se reflectem as bondades de Maria Immaculada...

Tu, brisa que passa e nos acaricia com a voz amada, sol fulgurante do amor puro, enluarada hostia da amisade verdadeira...

Ouve-me, oh! Senhor!...

HORACINA V. KERSTING MAISONNETTE.

Paginas de retratos

Nas nossas paginas de retratos encontram-se alguns da *Academia de Letras Pernambucana*, com a falta de outros e do nosso prezado collaborador ARTHUR ORLANDO.

O retrato do prof. Alfredo Bevilacqua, cuja reputação artistica todos reconhecem, devemol-o ao seu illustre filho, o dr. Silvio Bevilacqua um dos collaboradores do *Almanaque*.

Em outras paginas ha os retratos de dous jovens poetas cuja nomeada já chegou ao Rio de Janeiro CORRÊA DE ARAUJO o auctor do *Evangelho de Moço*, e BELMIRO BRAGA o poeta das *Montezinas*.

Ha os retratos de dous illustres estudiosos das nossas cousas, Sebastião Paraná e Ottoniel Motta.

Mencionamos ainda as escriptoras A. de Alencar, Alexina de Magalhães e Eduviges Pereira. D'entres estas, Alexina de Magalhães com grande relevo dedicou-se á literatura didactica que segundo o seu modo de vêr deve ser inteiramente popular e baseada no *folk lore*, na alma do povo, mãe de toda a literatura e de toda a educação literaria.

Não devemos esquecer tambem o de Emiliano Pernetta, o consagrado poeta brasileiro.

LOGOGRIPHO

Ao dr. Domingos Carneiro

Chove, O sol mal apparece
Das nuvens no rendilhado;
O vento entoa uma prece — 1,4,7,5,8
Divina, n'um tom maguado — 9,2,7,5,4

Um meigo cantor alado — 9,6,5,5,2
Pelos ares vem, e desce
Ao ninho, todo molhado
Da chuva que *lavra* e cresce. — 1,8,3,4

Ergue a arvore frondente — 4,1,8,1,6,2
A cóma junto á corrente
De suaves iriações; — 5,6,7,5,2,9

e os camponios nas estradas,
serenos, cantam balladas,
entoam doces canções.

Manuel Henrique (Natal = R: G. do Norte).

PAGINAS

DE

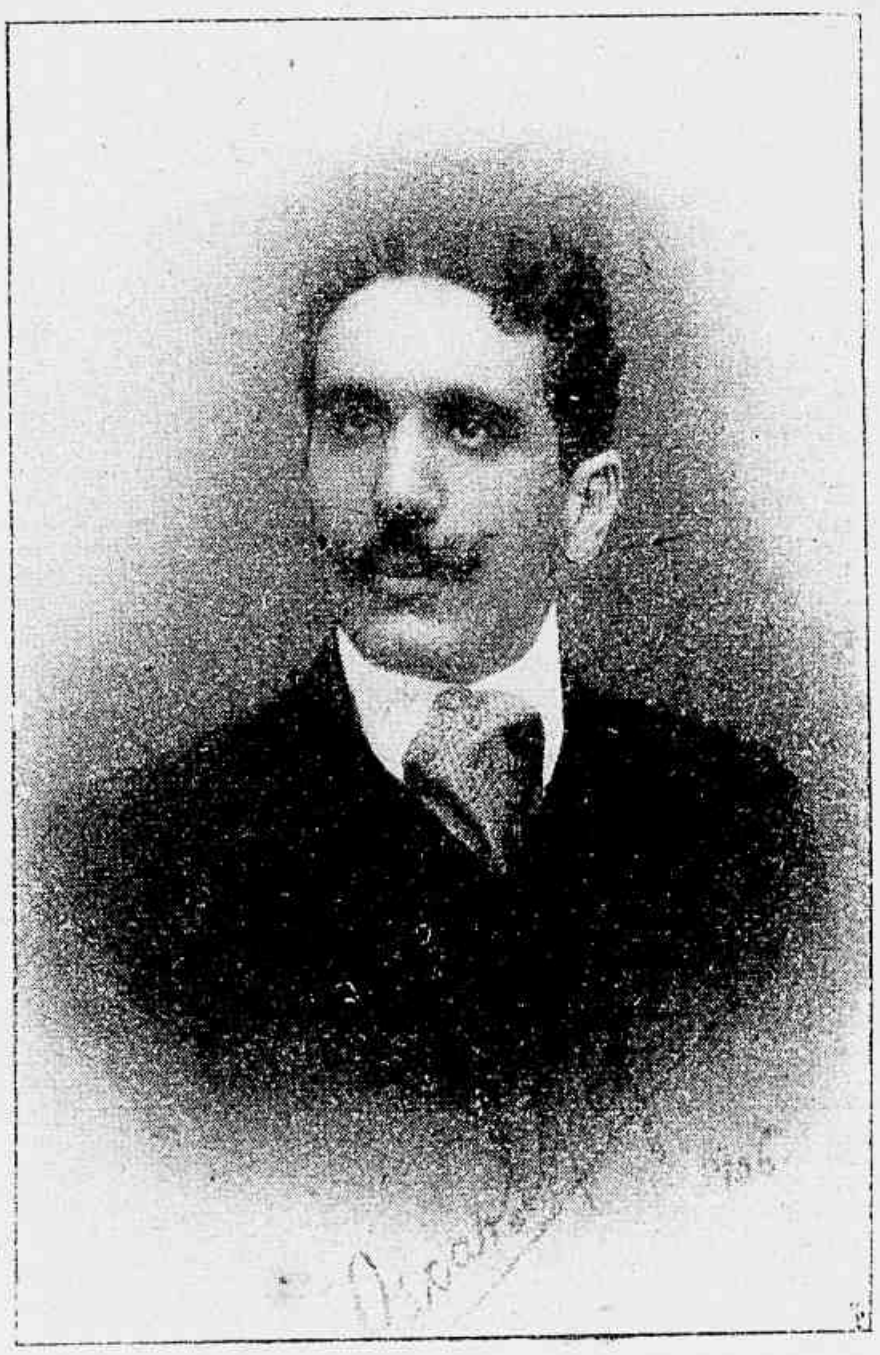
RETRATOS



Julio Pires.



Viriato Corrêa.



Oscar Lopes.



Alfredo de Carvalho.



Phaelante da Camara.



Eduviges de Sá Pereira.



Dr. Carlos Porto Carreiro.



Silvio Romero.



Oliveira Lima.



Belmiro Braga.



Pereira da Costa.



Dr. Clovis Bevilaqua.



Sebastião Paraná.



Ottoniel Motta.



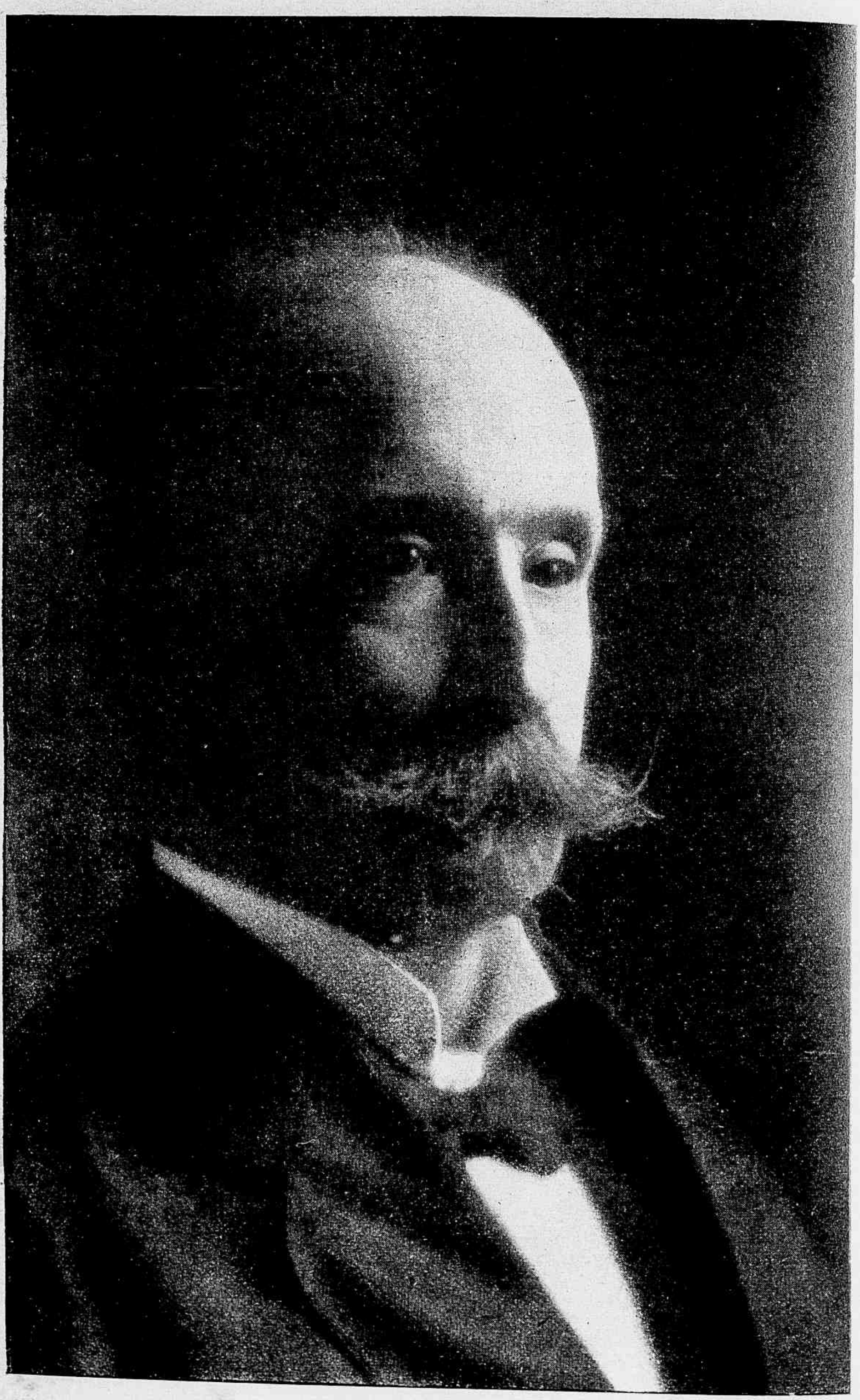
Corrêa de Araujo.



Alexina de Magalhães.



A. de Alencar.



Professor Alfredo Bevilaqua.

AO APPROXIMAR-SE DA PARAHYBA DO NORTE

(Fragmento)

. . . . . .

Aquelles coqueirosinhos tão enfolhados e verdes, a multiplicarem-se; aquellas choupanazinhas de pindoba, a distribuirem-se risonhas e em symetria; aquellas ruasinhas tão alvas de areia fina do mar... tudo como concorre para a impressão recebida, a tonalizal-a, a completal-a. Occorre-nos logo o episodio lamartineano de Graziella; acóde-nos logo á mente o pastor Gallus a queixar-se de demoras da sua Lycoris. Affigura-se-nos dever, lá mais para dentro, lá mais para o recesso, dever andar Teocrito a compôr os seus « idyllios »; parece-nos que, com pouco, assim que estivermos á porta de alguma das choupanas, passaros nos saltarão aos hombros, em festivas saudações, o papeio da sua alegria a trazerem nos solicitos. Encanta, delicia, emociona! E pensar que em épocas idas alli se travaram bathalhas renhidissimas, alli tiveram as suas alternativas de victoria e derrota a audacia e o valor de hollandezes, portuguezes, indios, mamelucos e mulatos! E, em scisma, a summariar intimamente os successos da historia local, lá nos deixamos ir, no trem da « Great Western », caminho da capital. O percurso é de 18 kilometros, feitos em 35 minutos, em bitola estreita, por areaes, bosques e varzeas. Na estação aguarda a chegada do trem toda uma multidão de typos e trajes diversos, descalços uns, com elegantes botas modernas outros, mendigos e empregados do commercio, carregadores e *reporters*. Fica a mesma estação em vasta praça arborizada, e onde se notam o palacete da Alfandega, o escriptorio da companhia de bondes e armazens.



PARAHYBA. — Antigo convento de S. Francisco.

A cidade situa-se á margem direita do rio Sanhauá, na confluencia com o Parahyba, em terreno montanhoso de paizagem verde e luxuriosa, e divide-se em alta e baixa, ou varadouro. A sua fundação data de 5 de Agosto de 1585, dia de N. S. das Neves, quando o capitão João Tavares, representando os portuguezes, e o chefe indigena Piragibe, representando os *tabayares*, assentaram em pazes — a denominal-a « Villa de N. S. das Neves », em honra á santa. Por 1549, sob o dominio da Hespanha, recebeu o nome de « Felippéa », em homenagem ao rei hespanhol Felippe II. Por 1634, occupando-a os hollandezes, chamou-se « Frede-

rickstads », denominação substituida pela que conserva logo que cessou o jugo estrangeiro. Segundo Elias Herckmann, que em 1636 era o director da cidade e escreveu em 1639 uma « Descripção geral da Capitania da Parahyba », publicada na Chronica do Instituto de Utrecht e transcripta na « Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco », *Parahyba* é uma palavra barbara, significando um *mar corrompido*, uma *agua má*, ou *um porto sinuoso, cuja entrada é má*, pois *Pará* quer dizer *rio* ou *porto com uma curva*, e *yba* significa *mau* », e o nome vem do rio que banha a região.

No tempo do dominio hespanhol as casas, feitas de madeira e barro e caiadas por fóra e por dentro, como o refere Southey, eram cobertas de folhas de palmeiras. « Compunham-se de dous andares; o debaixo servia para lojas. » Hoje naturalmente a cousa é outra, e, si a illuminação publica ainda se resente de algo primitivo, ainda é por meio de lampeões de kerosene, sendo supprimida nas noites de luar, si ainda não existe o serviço de esgotos, e a agua ainda não está canalisada, utilizando-se a maioria da população da agua de cacimbas, já a garantia existe de uma policia regular, já o beneficio se aponta de uma prefeitura.

Correm a curta distancia diversas fontes, as quaes ensejam aos que já alguma vez erradiamos por terras portuguezas o encontro de dous velhos conhecidos : o jumento e o aguadeiro. São dois seres distinctos, á parte, e que, no emtanto, não se comprehendem separados. O primeiro, lanzudo e tropego, com as suas bastas orelhas a abanarem, com os seus grandes olhos de velludo a lacrimejarem eternamente o prurido de revolta, que lhe róe o intimo, como nasceu para carregar ao dorso os barris que se lhe dependuram á albarda. Dir-se-ia não lhe haver cabido em sorte outro destino, e o grito significativo do conductor — « eh! burro »! — á marcha, ou em aviso de parada ou partida, clama-o bem alto. O segundo, atrevidaço e malandro, com o comprido relho a estalar volta e meia, com o cigarro sempre ao canto da bocca, sempre com a praga prompta a irromper incisiva e tremenda, como nenhum outro fim tem na vida sinão andar encarapitado ao companheiro. A' primeira vista parecem inimigos irreconciliaveis, pela fatalidade das contingencias sociaes unidos, para o acto caridoso de « dar de beber a quem tem sêde ». O irrevogavel das circumstancias civilisadoras é que assim os ligou; certo, para o preenchimento de uma lacuna. Si os considerarmos, porém, com attenção devida, no flagrante da psycologia que o seu estado offerece, logo veremos tal não succeder. A subalternidade da condição, a desventura do posto, que cada qual occupa na hierarchia social, é que influe na união, ao ponto de os tornar verdadeiros e leaes amigos. São dois typos expressivos, e que, uma vez observados, nunca mais nos esquecem.

No Varadouro concentra-se o commercio; é onde pulsa o coração da *urbs*, casas importadoras alli se fixando, e lojas, e armarinhos, hoteis, alfaiates, cigarreiros, chapelarias, livrarias, etc.

Na cidade alta, mais extensa, com ruas amplas e claras, calçadas, batidas de constante aragem, tem residencia a vida elegante. Nessa parte é que tém séde : o *Club Astréa*, sociedade diversiva, dando partidas nos seus salões mensalmente; o *Club Benjamin Constant*, aggremiação de moços patriotas, com accentuado re'evo no meio parahybano; o *Café Chic*, onde se reunem as rodas litterarias; e

o *jardim*, como syntheticamente o tratam. « Modesto, — descreve-o a penna pujante de Benjamin Lins — não tem familia de estatuas, que velem suas sombras, nem satyros libidinosos olhando o fugidio de uma tunica dentre moitas de loureiro, relembrando civilisações mortas e affirmando a superiodidade de engenhos artisticos, impressos pelo cinzel no marmore ou no bronze: — palmeiras, um pouco de flores, pequenos lagos, alguns passaros livres nas palmas — eis toda a sua poesia, todo o seu encanto. »

E' nelle que, ás quintas e domingos, á tarde, se dá *rendez-vous* a *haute gomme*. Então, formosissimas senhoritas se exhibem, adoraveis, fascinando, enfeitiçando, com o brilho velludoso dos seus olhos humidos, com o esplendor immortal das suas graças e sorrisos, com a victoria inconteste dos seus portes olympicos. E' onde e quando os poetas se inspiram; e o Neves Filho, um dos maiores, si não o maior, canta

Illusão morta

A illusão que morreu é como o raio
De sol poente que se foi embora...
Como a flor que se esvae, a flor de Maio,
E não a beija mais a luz da aurora...

Antes, côr de risonho verde-gaio,
De alegria jovial, madrugadora,
Pára e emmudece, e mais não volta o raio
Que nos deixa a tristeza de quem chora

E em torno nada mais acha que encante,
Que a alma em risos para os céos levante,
Enlevada na musica dos ninhos...

Sente o peso da noite inesperada.
Que a aperta e sangra, pobre desolada,
Como uma ilha encravada nos espinhos.

e o Americo Falcão

Illusões mortas

A' aquella que partio...

Depois de percorrer todos os cantos,
Onde vaguei nas epocas passadas,
Foram-se as minhas illusões levadas
Pela caudal das maguas e dos prantos!

Tantos prazeres guardei n'alma! tantos!...
Ao pé de ti, nestas solidões amadas,
E ao sombreiro das arvores copadas,
Quantos beijos de amor trocamos! Quantos!

Tinhas na fronte a flor dos quinze annos,
Eu tinha mais, porém não tinha o peso
Destes martyrios... destes desenganos...

Choro, ao ver estas varzeas resequidas
E mais me dilacera o atroz desprezo
Destas gigantes arvores despidas!...

e o Augusto dos Anjos

Senectude precoce

Envelheci. A calida sepultura
Cahiu por sobre a minha mocidade...
E eu que julgava em minha idealidade
Vêr inda toda a geração futura!

Eu que julgava! Pois não é verdade?!
Hoje estou velho. Olha essa neve pura!
— Foi saudade? Foi dôr? — Foi tanta agrura,
Que eu nem sei se foi dôr ou foi saudade!

Sei que durante toda a travessia
De minha infancia tragica, vivia,
Assim como uma casa abandonada

Vinte e quatro annos em vinte e quatro horas...
Sei que na infancia nunca tive auroras,
E afóra disto, eu já nem sei mais nada!

Poderia referir-me aos arrabaldes Tambiá e Trincheiras, constituindo invejaveis retiros de paz e ventura, e ás praias Ponta de Matto, Poço, Penha, Tambaú e Bessa, que durante os mezes de dezembro e janeiro se povoam das principaes familias parahybanas e se convertem em centros de alegria e vida. Poderia dizer do cunho inconfundivel das festas populares, do encanto que possuem as « lapinhas » pelo Natal, Anno Bom e Reis, da pompa com que é celebrado o novenario de N. S. das Neves, do inedito e do *clic* do carnaval. Poderia fallar da industria do vinho de cajú, da da manteiga de côco, da lama existente na ilha Tiriry, na foz do Parahyba, e que produz magnifico cimento. Poderia alludir á politiquice local, ferrenha, impiedosa, não dando treguas ao caracter e ao talento, fechando-se grotesca no circulo das ambições e caprichos de meia duzia, em simiesca indifferença pela Constituição e pelos direitos humanos, a assaltar e incendiar typographias de jornaes, esbordoar e assassinar os opposicionistas. Poderia ainda, em surto ás regiões constelladas do Verso e da Prosa, no alto sentido dos termos, enunciar-vos, além dos nomes dos poetas citados, os de Arthur Achilles, o mais fulgurante dos jornalistas do norte, Castro Pinto, Esperidião de Medeiros, fino *conteur* moderno, Santos Netto, poeta lyrico de merecimento, Francisco Barroso, comediographo distincto, Coriolano Medeiros, Oscar Soares...

E' tempo, porém, de relacionar tudo em uma frase unica, comprehensiva dos meios physico e moral, tanto da Parahyba, como das outras cidades vistas; e direi, como no principio : « O norte é um encanto! Terra para sonhos, como alli se vivificou a Lenda, a enramar-se opulenta na paizagem, a entroncar-se victoriosa na origem brazileira. »

(*Extr.* de uma *Conferencia* na Soc. de Geogr.)

GUSTAVO SANTIAGO.

O Conego Dr. João E. Braga

Prestamos devida homenagem ao illustrado Snr. Conego João Evangelista Braga, estampando-lhe aqui o retrato como prova de apreço a um dos mais conspicuos membros do clero brazileiro.

Nasceu o Conego Braga aos 17 de Fevereiro de 1850 no Estado de São Paulo.

Foram seus progenitores João Antonio da Silva Braga e D. Zulmira Braga.

Pertencente a uma familia distincta nas letras, destinou-se o Conego Dr E. Braga ao Lyceu de Curityba, na então provincia do Paraná de onde, depois de haver com brilho e distincção, estudado o curso de humanidades, se passou para o seminario de S. Paulo de que sahiu ordenado presbytero em 1875, recebendo as ordens sacras na Cathedral do Bispado. D'ali até attingir as honras de Conego, tem sido a sua vida a mais completa dedicação ás letras sacras e profanas, havendo neste periodo enriquecido a nossa literatura com publicações de alto valor em que excelle a sua personalidade, como eximio publicista.



Conego Dr. João, évangelista Braga.

A sua palavra, eloquente e captivante por vezes se tem ouvido na tribuna sagrada aqui no Districto Federal, nos Estados do Paraná e Sta Catharina, havendo adquirido a celebridade de um dos nossos melhores prégadores.

Como sacerdote, tem sido escolhido para o desempenho de numerosos encargos ecclesiasticos em cuja missão se destaca o seu fulgurante talento ao serviço da sacrosanta causa dos negocios da Egreja.

Nos estreitos limites destes traços relativos á individualidade de Conego Dr J.E. Braga, ser-nos-ia impossivel seguir a sua vida publica, dando-lhe todos os deli-neamentos bibliographicos, como seria necessario.

Alem de notavel pregador e publicista, o Conego Braga se deleita no cultivo das musas, inspirando-se nos assumptos relijiosos como se vê do seu Poemêto Sacro *Ecce-Homo*, de que traladamos o trecho :

Ó seculo que immenso em luz expiras
Por brilhantes conquistas aureolado,
E na nevrose ardente em que deliras
Negaste o Eterno Deus e o revelado,
Tendo a Jesus coberto de mentiras
E do seu santo nome blasphemado
Olha em cada peito ha um' alma afflicta,
E em cada craneo a Dôr somente habita.

. . . . . .

Ao lado, de producções analogas a esta, tem o Conego Braga, como cultor eximio de nosso idioma, resolvido diversas questões controvertidas da nossa lingua recorrendo para isso á sua alta erudição de todo a nossa literatura classica e da lingua latina cujos segredos conhece a fundo.

Actualmente, mediante brilhante concurso, conquistou a cadeira de Francez do Gymnasio e Escola Normal de Corityba, no Estado do Paraná, pondo o seu talento e erudição ao serviço da causa da instrucção publica que na sua personalidade encontra um dos mais denodados e competentes sustentaculos.

A par de todos esses predicados destacam-se na sua individualidade, a lhaneza e a fidalguia do trato caracterizando o typo do verdadeiro sacerdote, sob cujo peito palpita a fibra do patriotismo, alliado ao seu caracter adamantino e immaculado sempre prompto a tomar a defeza para combater os adversarios da Religião de que se fez um dos mais acrisolados sacerdotes.

M. M.

O trovador do Sertão (1)

(Mello Moraes Filho)

Tu vens, ó minha amante,
Por noites sem neblina,
Ao lume das estrellas
Na branca musselina,

Descendo da montanha
Com a perna e braços núa,
Por entre as verdes cannas
E as plumas dos bambús...

Mais bella do que os cantos
Das aves na espessura,
Que o ninho d'alva espuma,
Que a fonte que murmura.

O' minha amante, és bella
Qual harmonia eolia!
— Flecha de luz a prumo
Na flor da magnolia!

Seus labios rubros, rubros,
Gardenias são do pejo:
Seus seios — pombas mansas.
Seu sonho — o meu desejo.

A vida eu déra inteira
Por vel-a na cabana,
Ao fogo da fogueira,
Ao cheiro da coirana,

Carpindo a trova meiga
Que o peito meu consola,
Aos quêbros do fandango,
Aos sons d'esta viola.

O' minha amante, és bella
Qual harmonia eolia!
— Flecha de luz a prumo
Na flor da magnolia!

(1) Vidé a musica.

O TROVADOR DO SERTÃO

SERENATA

Poesia de
MELLO MORAES FILHO

Musica de
ROSITA FERNANDES

Moderato.

Tu - vens, ó minh' a-man - te, Por

noi - tes sem ne-bli - na, Ao lu - me das es-

ad lib. - - - - -

f

-trel-las Na bran - ça musse - li - - na, De-

-scen - do da mon - ta - nha Com a per - na e braços

nús Por entre as ver - des can - nas E as

plumas dos bam - bús Por en - tre as verdes

rall.

can - nas E as plumas dos bam - bus. Mais no - lia.

Só para acabar

ff

O Anno de 1906

O Caso da "Panther"

Só veiu a terminar em Janeiro de 1906 a questão sobre os factos que se deram em Itajahy na noite de 26 para 27 de Novembro do anno anterior, factos a que já nos referimos no *Almanaque* do anno passado.

Como se sabe, as primeiras versões que correram relativamente a este caso referiam que alguns officiaes e marinheiros da canhoneira allemã « Panther », alta noite, haviam invadido en Itajahy mais de uma casa de particulares, com apparato militar, e por fim levado preso para bordo um individuo de nome Steinhoff, de nacionalidade allemã.

O que por fim ficou averiguado é que officiaes e marinheiros haviam desembarcado cedo e á paisana, mas na verdade á procura de um tripolante retardatario, que nessa noite não puderam achar.

O facto dessa indevida deligencia policial tornou-se muito mais grave pela forma por que ella foi feita, com offensa aos direitos de cidadãos protegidos pelas leis brasileiras, que foram incommodados assim a deshoras, abrindo a porta por ameaça da parte dos ditos officiaes e marinheiros da canhoneira allemã.

Steinhoff, porém, não fora conduzido para bordo, desapparecera apenas de Itajahy atemorisado pelas ameaças da gente da « Panther ».

Encaminhada a questão por via diplomatica, a Allemanha deu as satisfações devidas ao Brasil, exprimindo-lhe seu vivo pezar pelo incidente e promettendo punir os culpados.

Decorridos alguns dias, após estas satisfações, com que o governo do Brasil deu por terminada a questão, a 22 de Janeiro foi posto em disponibilidade o Conde de Saurma-Seltsch, commandante da canhoneira « Panther ».

Ficou deste modo provado mais uma vez o espirito de boa vontade que o governo allemão alimenta para com o Brasil.

A revolução em Matto Grosso

Desde o mez de Maio assumiu caracter francamente revolucionario a luta politica travada no Estado de Matto-Grosso contra o seu presidente, coronel Antonio Paes de Barros, que solicitou o auxilio do governo federal.

O Presidente da Republica fez expedir instrucções á guarnição e ás autoridades dependentes do ministerio da Marinha no sentido de auxiliarem o presidente e ao mesmo tempo mandou seguir o general Dantas Barreto com uma brigada do exercito.

Estas deliberações communicou-as o Sr. Presidente da Republica ao Congresso Nacional em sua mensagem de 16 de Junho.

Antes, porém, de taes forças chegarem ao seu destino, os revolucionarios, sob o commando do coronel Ponce, conseguiram apoderar-se da capital a 2 de Julho, assumindo o governo do Estado o Sr. Pedro Leite Ozorio, 1º vice-presidente.

Dias depois, na noite de 5 para 6, nas proximidades da fabrica de polvora de Caxipó, fôi morto o presidente legal coronel Antonio Paes de Barros, quando fugia acompanhado de alguns adeptos.

O Presidente da Republica, em nova mensagem, de 16 de Julho, communicou esses graves factos ao Congresso Nacional.

O Senado, de accordo com o parecer da

Commissão de Constituição e Diplomacia, mandou archivar a mensagem, e a Camara foi de parecer que ao poder judiciario federal cabia dar solução ao caso de Matto-Grosso.

O terramoto de Valparaiso

A's 7 horas e 50 minutos da noite de 16 de Julho é que se sentiram os primeiros abalos com que se annunciou a grande catastrophe do Chile, que succedeu á que se dera havia pouco em S. Francisco da California.

Antes de se produzir o terramoto, o céu apresentou-se vermelho e cortado de scentelhas de espaço a espaço.

De todos os abalos, que se succederam uns aos outros, o primeiro foi o mais violento. A maior parte dos edificios que ruiram vieram abaixo desde logo com essa fortissima commoção terrestre. Os que resistiram foram presas do fogo, que se declarou simultaneamente em varios pontos destruindo ruas inteiras.

O panico foi enorme; de todos os lados elevavam-se gritos enternecedores. Algumas pessoas enlouqueceram subitamente. Muitas se atiraram ás ruas dos andares superiores dos predios.

Entre estas conta-se a esposa do almirante Montt, a qual foi encontrada entre os escombros ainda com vida.

Os bandidos, que se aproveitaram do momento para o saque, lhe haviam cortado as orelhas com o fim de se apoderarem dos brincos que ella trazia.

Para oppôr um paradeiro immediato á acção deshumana desses inimigos da sociedade, o governo chileno decretou o estado de sitio, determinando o fuzilamento de todos os individuos presos em flagrante de saque. Num só dia foram passados pelas armas 50 desses criminosos.

Calcula-se em 4.000 o numero das victimas produzidas pela enorme catastrophe e em 200 milhões de pesos os prejuizos materiaes soffridos.

Entre as nações que deram prova de solidariedade com o Chile nesse momento afflictivo, o Brasil não se fez esperar. O Congresso Nacional votou uma verba de 2.000 contos de reis destinados ao soccorro das victimas de Valparaizo; o Conselho da Intendencia Municipal do Rio de Janeiro consagrou tambem uma verba para o mesmo fim.

O attentado da "Calle Mayor"

No dia 3 de Maio, em Madrid, o joven rei Affonso XIII, acompanhado de grande e solemne cortejo, voltava da igreja dos Jeronymos, onde recebera em casamento a princeza de Battenberg, que vinha a seu lado, quando na «Calle Mayor» produziu-se o odioso e absurdo attentado cuja noticia repercutiu no mundo inteiro.

Um individuo, occulto num segundo andar que se julgava fechado, arremessou sobre a carruagem de D. Affonso uma bomba de dynamite cuidadosamente escondida num *bouquet* de flores. O projectil explodiu junto das rodas da frente da carruagem real.

Viu-se desde logo que matara dois cavallos e quatro soldados que guardavam a portinhola do coche.

A explosão da bomba causou entre a multidão indescriptivel panico.

Tendo a carruagem real feito uma pequena parada, o rei Affonso XIII, com sangue frio admiravel, levou a mão ao chapéu e gritou: « Viva a Hespanha! » E dirigindo-se á princeza Beatriz, mãi de sua esposa, disse: « Estamos illesos, minha mãi! »

Alguns populares invadiram a casa de onde tinha sido arremessado o projectil, encontrando ali escondidos uns individuos que tentaram lynchar, ao que obstou a policia.

O verdadeiro autor do attentado, de nome Mateo Moral, só foi encontrado no dia 3 de Junho, em Torrejon, a 20 kilometros de Madrid; mas quando a policia estava em acção de prendel-o o criminoso suicidou-se para escapar ás consequencias do seu crime hediondo e estupido.

A lista official das victimas do attentado da Calle Mayor deu 15 mortos e 69 feridos.

As tempestades

O anno já entrara fatidico para o Brasil com a grande catastrophe do *Aquidaban*, quando ainda no mez de Janeiro começam os grandes temporaes que hão de marcar epoca na historia meteorologica de nossas regiões.

Foram innumeros os factos occorridos nos tres mezes que tiveram de duração essas grandes chuvas, com pequenos intervallos, e grandes prejuizos causados.

Mas no dia 26 de Janeiro é que se deram os primeiros accidentes graves, que começaram a impressionar fortemente a nossa população, tanto mais que occorreram dentro da propria Capital da Republica.

Foram os dous desabamentos que houve nesse dia, um á rua dos Andradas, o outro á rua do Riachuelo. O desta rua só matou um homem, mas o outro fez nove victimas. Ambos tiveram por causa acharem-se construidos os predios sob a eminencia de morros, de que se desprenderam grandes massas de barro com as chuvas, cahindo a enxurrada sobre essas casas visinhas, que não puderam resistir de pé.

Nesse mesmo dia deu-se um grave accidente na linha da Estrada de Ferro Central, entre as estações Engenheiro Passos e Queluz. Passava um nocturno de S. Paulo quando, estando a linha invadida pelas aguas do Parahyba, correu o aterro depois da passagem da locomotiva e parte do tender, desprendendo-se violentamente dois carros, o do expediente e a bagagem, causando mortes e ferimentos diversos.

Com a continuação das chuvas foram-se accumulando de cada vez mais as aguas dos rios, transpondo os leitos e inundando cidades e villas ribeirinhas, principalmente nos Estados de Minas e do Rio.

Entre todas as localidades dessa zona, porém, foi a cidade de Campos que maiores damnos soffreu.

As aguas do Parahyba inundaram-na quasi que por completo nos dias 7 e 8 de Fevereiro. Desabou uma grande quantidade de predios, não podendo os habitantes quasi que cuidar de outra coisa sinão da salvação da propria vida. O espectaculo era verdadeiramente aterrorisador.

Já ia acalmando o espirito publico com as noticias mais tranquillisadoras que chegavam dessas zonas assim devastadas, quando, no Rio, a 16 de Fevereiro desaba um fortissimo temporal, vindo dos suburbios para os arrabaldes e a cidade.

Os rios que margeam o leito da Central augmentaram consideravelmente de volume, adquirindo uma corrente extraordinaria. Houve diversas victimas, arrastadas pela força das aguas, innumeras casas inundadas, principalmente nos suburbios e diversos desabamentos.

O bairro de S. Christhovão tambem soffreu bastante com a enchente que ali se produziu. Não foram pouco experimentados os de Catumby e Rio Comprido. Cresceu tambem grande massa dagua desde o largo do Machado até Copacabana.

As aguas do Canal do Mangue subiram extraordinariamente, elevando-se acima do paredão e transbordando para as ruas lateraes.

Mas peior do que esse foi o tremendo temporal do dia 16 de Março, que tambem fez victimas e causou extraordinarios prejuizos. Houve pontos em que a agua subiu a mais de dois metros.

Em todo o percurso do Canal do Mangue e em boa parte do bairro de S. Christhovão botes e canôas navegavam livremente, salvando familias inteiras, que clamavam por soccorro nas trevas da noite.

Houve bondes cujos passageiros passaram a noite inteira numa dolorosa espectativa, retidos nos pontos onde as aguas, de tão volumosas, impuzeram a suspensão do trafego.

Ainda no dia seguinte, por muitas horas em certas zonas, as aguas cobriam as ruas em toda a sua extensão, como si fossem rios.

Não ha memoria no Rio de Janeiro de temporal tamanho.

As erupções do Vesuvio

Como si não bastassem as desgraças que se deram na Italia em Setembro de 1905, com os terramotos da Calabria, de que o *Almanaque* do anno passado offereceu

longa noticia aos seus leitores, em Abril de 1906, principalmente nos dias 9, 10 e 11, produziram-se extraordinarias erupções no Vesuvio, que occasionaram a abertura de mais uma cratera.

Foram de vulto os prejuizios materiaes e de vidas causados por esses phenomenos vulcanicos.

A villa de Ottajano ficou inteiramente sepultada pelas cinzas e areias expellidas do Vesuvio, como aconteceu em Pompeia. Calculou-se terem succumbido ali 200 pessoas.

Em San Giuseppe, tambem invadida pela corrente, houve 79 mortes. Na occasião em que desabou o telhado de uma igreja nessa localidade, estavam dentro do templo innumeras pessoas, entre as quaes houve muitas victimas.

O mercado de Monte Olivetto, que, em consequencia do amontoamento de cinzas sobre o telhado, veiu repentinamente abaixo, ficou reduzido a um montão de ruinas.

San Giorgio e Torre Annunziata foram invadidas pelas areias e cinzas. A athmosphera ficou saturada de gazes mephiticos, de modo que se respirava com difficuldade. Nesta ultima localidade choveu agua quente e pedras do tamanho de um ovo. Em alguns pontos das estradas provinciaes e municipaes que circumdam o Vesuvio, a areia e as cinzas alcançaram a altura de dois metros.

Mesmo em Napoles, a população, que chegou a ficar sériamente alarmada, andava de guarda-sól aberto para se preservar da chuva de cinzas. Houve tremores de terra e assustadores ruidos subterraneos naquella cidade.

Felizmente do dia 12 em diante foi se acalmando essa terrivel tempestade vulcanica e os animos tranquillisaram-se aos poucos, cessando por fim o exodo das populações que habitam a região circumvisinha.

O terremoto da California

Foi esta a maior catastrophe occorrida em 1906, anno, aliás, muito fertil em desastres e calamidades.

Deu-se o primeiro abalo ao romper do dia 18 de Abril. Durou tres minutos, e foi tão forte, que devastou mais ou menos toda a cidade.

Os habitantes precipitavam-se para a rua em trajes menores. Por toda parte ruiam edificios com fragor horrivel.

Devido a terem-se rompido os canos de abastecimento dagua, ficou-se na impossibilidade de combater o fogo, que, por outro lado, era alimentado pelo gaz que se escapava dos conductores abertos.

Uma parte da cidade perto da bahia em pouco tempo transformou-se em vasto brazeiro, que o vento foi propagando para os outros quarteirões.

A's 8 e 15 da manhã houve novo estremecimento do solo, que por felicidade foi breve.

O quarteirão rico foi o que soffreu relativamente pouco.

Foram organisadas patrulhas de policia, que tiveram ordem de fuzilar os gatunos encontrados em flagrante de roubo.

Todo o bairro commercial e metade do que serve de habitação á população desappareceram finalmente.

Houve quantidade enorme de mortos e feridos. Notou-se que se salvaram em maior numero aquelles que, no momento do terramoto, não sahiram de casa. Contam-se por centenas aquelles que ficaram sob os escombros das paredes, quando corriam pelas ruas.

A falta de viveres e de agua foi causa de miseria nos primeiros dias. Milhares de pessoas formavam fila aguardando que os soldados lhes distribuissem agua.

Mas dentro em pouco foi se regularisando o serviço de soccorros e se alguma coisa poude mitigar a angustiosa situação das pessoas attingidas pela catastrophe, foi a espontaneidade com que affluiram esses soccorros. Não tem conta as contribuições grandes e pequenas reunidas para aquelle fim.

Calcula-se em 230 milhões de dollars a quantia que as Companhias tiveram de pagar aos segurados de S. Francisco.

Mimetismo nos homens

A imitação é um facto natural no homem e na animalidade. A faculdade de imitar é tão inherente á natureza humana que se torna difficil ás vezes dizermos o que é imitação e o que é hereditariedade. E' uma faculdade de defeza e Tarde demonstrou que o progresso das sociedades vem da imitação. Na luta pela vida os animaes usam de uma feição á parte, para imitar o *mimetismo*. Todos os processos de defeza na serie zoologica resumem-se a 3 categorias : 1.º o animal procura evitar o ataque e passar despercebido-*homocromismo*, isto é, toma a mesma côr do objecto ou de outra especie para se defender ; e *mimetismo*, imitação do gesto, da attitude, da forma; 2.º o animal não teme ser visto e defendese por meio de couraças, picadas, venenos, odores, causticos, descargas electricas ; 3.º o animal não sabe defender-se e reune-se a outro provido de melhores meios, chamando-se o facto symbiose e commensalismo. No meio social vemos exactamente, e de maneira pinturesca, estes elementos de defeza, por isso ao envez da palavra imitação, uso a expressão *mimetismo*. Mimetismo, pois, tem a significação neste artigo de tendencia imitatoria dos homens para os seres similhantes, ou para outros animaes, porque ha muita gente que tem prazer em se parecer com um macaco, toma a attitude dos cavallos ardegos e diz-se gallo, e muitos typos são denominados pelo vulgo, pavões, perús. Não sei se nestas alcunhas ha qualquer coisa de imitação inconsciente.



Dr. A. Austregesilo.

Imitar é entretanto, um prazer e um meio de defeza. A simulação da loucura apresenta-se-nos como um caso de mimetismo, com proveito para o imitador. Um individuo que se faz de louco perde a responsabilidade ; vive de qualquer maneira no mundo, sem trabalho, sem esforço. E', pois, um caso de mimetismo em que um individuo são, (ou mais ou menos são) imita o louco para livrar-se das responsabilidades, perante a lei e perante outros esforços exigidos pela sociedade. Incidem na mesma rubrica os individuos pilhericos, engraçados, macios, insinuantes, vagabundos, desfarçados, em que as graçolas, as imitações, trazem para elles a complacencia do meio em que vivem, usufruindo assim as vantagens do menor esforço, gosando das prerogativas dos palhaços. Sei entretanto, que mimetismo não é synonima de imitação; mas esta palavra tem muitas accepções, e mimetismo aqui encerra a analogia nos meios de defeza social.

A tendencia imitatoria é muito aperfeiçoada nos animaes proximos do homem ; o macaco é por natureza comico, devido a sua capacidade imitatoria inexcedivel. Imitar, como vimos é uma lei superior : traz progressos para a especie,

mas o homem que imita sempre, muito, é degenerado, é inferior, é quasi macaco. Ha typos que imitam por simples prazer, outros inconscientemente, automaticamente como os hystericos, os tiquistas, os nevropathas em fim, e nestes casos a imitação é o resultado da grande suggestionabilidade dos mesmos.

O mimetista é sempre um fraco e sua personalidade mutavel. Precisa, pois, do auxilio de formas e actos exteriores para viver. E' sempre por um processo de defeza na luta pela vida que o mimetista vae procurar no meio, formas e gestos que lhe saibam bem. Qual o valor psychologico do mimetismo, no homem? Parece-me um augmento morbido do instincto da conservação. Analysando bem os factos vemos que o mimetista tem uma lesão parcial da vontade; esta fracção é vencida pelas impressões exteriores, e o imitador não sabe querer, não sabe quasi pensar por si; é quasi uma machina esteriotypica, repetidora de formas e ademanes de outrem. Em tudo ha um limite logico, porque, como já vimos, o processo da imitação, quanto não exagerado, é na vida um elemento de victoria. Conhecemos a tyrania da moda, que é suggestiva e empolgante. Quem anda na moda, procura assimilar suas vestes, suas maneiras ao grupo dominante, procura imitar para parecer bem, para tornar-se mais bello, para vencer na luta pela vida, pela selecção natural. Quem não anda de accordo com a moda, isto é, quem não imita, é um extravagante, um solitario, um *original* pictorescamente fallando.

A imitação sendo um processo natural e rudimentar é compativel com os typos inferiores, com os imbecis, com os degenerados em geral, com os selvagens, com os macacos. A creança na primeira e segunda infancia só sabe imitar e as suas fnncções psychicas quasi que a isso se resumem. Estas faculdades imitatorias da creança desapparecem com o crescimento até a puberdade, quando começam a surgir as tendencias originaes dos adolescentes. Ha verdadeiros talentos de imitação, genios parciaes, habilidades compativeis, ás vezes, com o imbecil e com o debil mental.

A originalidade é uma nota difficil na vida. Ha muito poeta, muito escriptor cuja obra é a repetição ou a reproducção de outros escriptores.

No começo da vida litteraria isso é flagrante. Os grandes homens exercem sobre os outros influencia tyranica para a imitação. Houve um tempo na França que todos as creanças, nos collegios, procuravam tomar a attitude de Napoleão. Os mestres imprimem aos seus discipulos a maneira de agir, os gestos, as faltas e, algumas vezes, as virtudes.

E' por uma questão de mimetismo que os musicos em regra usam longas cabelleiras, tomam, nas photographias, attitudes estudadas e sonhadoras, porque os compositores de genio assim fizeram; imitavam talvez de um primeiro. A nota de espantalho que usam na vida os jovens-litteratos incide na mesma razão. O mimetismo ás vezes ridiculariza um homem, a familia ou a sociedade. Dizem que o ultimo botão do collete que ás vezes, se deixa por abotoar, é imitação de um descuido de Eduardo VII, tornando-se a coisa moda. Consta tambem que essa maneira actual e chique de se apertar a mão, que habitualmente se usa, é a consequencia imitatoria da attitude de uma distincta rainha que estava com o braço um pouco adoentado. *Si non é vero.* O pé pequeno e deformado, expoente de belleza e fidalguia chinezas, é o producto, dizem, de imitação do pé de uma

soberana do celeste imperio que nascera com o que se chama em medicina *pied-bot* (pé torto). Logo após o casamento de Affonso XIII vi muito rapaz usar pulseira; o jovem rei usa-a no braço. Os factos aqui referidos podem ser anedoctas, mas têm um traço de muita probabilidade.

O assumpto é longo e podia ser muito mais extenso; o logar, porém, em que é tractado tem exiguos limites. Devemos, entretanto, repetir: imitar é para muita gente uma delicia espiritual; no sexo feminino é um habito victorioso, quasi uma virtude; na creança qualidade inherente; no moço tendencia natural; mas nos homens maduros, quando existe a imitação constante, é resultado de sua personalidade doente.

A imitação, ás vezes, é leve e suave; empolga e vence á maneira de uma bala que se desmancha na bocca e que a gente não tem coragem de atiral-a fora.

O mimetista é um fraco, mas a sua vida é macia, porque a imitação é como a lisonja—suavisa e anima.

ANTONIO AUSTREGESILO.

O centenario de Manoel de Araujo Porto Alegre

Passou despercebido o centenario do nascimento desse illustre brasileiro de quem offerecemos hoje aos leitores um bello retrato, tirado em Lisboa quando o grande artista estava em pleno fulgor da sua nobre maturidade.

Com effeito, Manoel de Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo, nasceu na cidade do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, a 20 de novembro de 1806.

« Aos cinco annos de edade perdeu seu pae, e tendo sua mãe passado a segundas nupcias, foi seu padrasto quem o mandou educar.

« Aprendeu as primeiras letras em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, onde estivera por algum tempo, em 1816. Já era o primeiro e o mais instruido na escola, quando pela primeira vez gazeou para ir ver pintar a illuminação que a camara de Porto Alegre mandara fazer pelo nascimento do principe da Beira. Nas aulas, que então havia nesta cidade, de latim, francez, philosophia, geographia, algebra e geometria, fez os estudos classicos com o maior aproveitamento. Desde a infancia mostrou sempre muita inclinação para o desenho e as sciencias naturaes, pois passava as horas vagas a pintar e colher productos da natureza, dos quaes tinha no seu quarto um museuzinho preparado por elle.

« Aos dezeseis annos, querendo ter uma profissão, escolheu a de relojoeiro. Já ajudava seu mestre J. Jacques Rousseau, e trabalhava na confecção de rodas e carreteis, quando chegou a Porto Alegre um joven francez, Francisco Ther, que havia estudado alguma coisa de dezenho. M. de Araujo ligou-se de amizade com elle, que era hospede de seu mestre, e começou a pintar; mas em pouco tempo o excedeu, porque Ther era apenas um curioso. O seu mestre de relojoaria, vendo aquella vocação tão pronunciada, aconselhou-o a seguir a pintura, avivando-lhe o espirito

com a narração que lhe fazia das maravilhas de Paris e da Hespanha, onde tinha servido e batalhado no tempo de Napoleão I. Havia então em Porto Alegre um retratista de nome Manoel José Gentil e um pintor de decorações chamado João de Deus; o primeiro não queria ensinar a ninguem, e o segundo era apenas um bom



Manoel de Araujo Porto Alegre.

incarnador de imagens' Pelo que observava nas poucas vezes que era admittido a ver trabalhar estes homens, aprendeu o manejo das tintas a oleo e começou por si mesmo a fazer alguns paineis. »

. . . . . .

« Seduzido por José Simeão para ajudal-o nas pinturas que estava fazendo em uma casa, tomou gosto por esse genere de trabalho e começou a trabalhar por conta propria; taes progressos fez, que o orgulhoso João de Deus não duvidou convidal-o para o ajudar nas pinturas que estava fazendo em outra casa.

Vendo nesta a gravura de C. S. Pradier, segundo João Baptista Dèbret, representando o desembarque de s. alteza real a archiduqueza d. Corolina Leopoldina, e sabendo que o pintor estava no Rio de Janeiro, concebeu então a idéa de vir para a côrte aprender a pintura com J. B. Débret, mas não pôde realizar o seu desejo, não só por não ter animo de deixar sua mãe sósinha, mas ainda porque ésta se não resignava a separar-se do filho. » (Extr. do esboço biographico publicado nos *Annaes da B. N.* vol. XI, pag. 892.)

O recrutamento que fez em 1826 o presidente Salvador Maciel, na provincia, decidiu a mãe a separar-se do extremado filho.

« No dia 27 de janeiro de 1827 entrou para a aula de J. B. Dèbret: logo depois frequentou os cursos de architectura e de esculptura da mesma Academia, e com tanto aproveitamento se dedicou a todas estas disciplinas que na Exposição de 1830 obteve tres premios, um de pintura, um de architectura e outro de esculptura. Frequentou os primeiros annos da Escola Militar: a aula de philosophia do benedictino padre mestre Francisco José Polycarpo de S. Gertrudes Maia; estudou anatomia e physiologia com o dr. Claudio Luiz da Costa, a quem deve o gosto que adquiriu pela leitura: a perspectiva estudou-a com o mestre J. B. Dèbret e comsigo mesmo. Dissecou por dois annos no Hospital da Santa Casa de Misericordia e assistiu ás lições do professor de anatomia dr. Domingos José Marques, e ás do dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, depois barão de Iguarassú » (*obr. cit.*)

Tendo-lhe d. Pedro encommendado um retrato seu, para o qual prestou-se a dar uma sessão na Quinta da Bôa Vista, disse-lhe ao ver terminada a obra: « A imperatriz quer este retrato, porque o acha o mais parecido de todos, e logo que o acabares lhe virás entregal-o; depois me has de fazer outro, e o della e de meus filhos, os quaes irás tu mesmo levar á minha sogra em Munich, e de lá partirás para a Italia, ou onde melhor te convier estudar, e pelo tempo que quizeres, com tanto que lá não fiques. »

A promessa não foi realizada por ter Porto-Alegre adoecido, e logo depois o imperador abdicado. « Pretendia fazer a viagem á sua custa, pois tinha recente-

mente recebido cinco mil cruzados, parte da herança paterna; ainda desta feita ficou burlado o seu intento á falta de dinheiro, por ter emprestado por dias a um parente e amigo de infancia os seus cinco mil cruzados, que nunca mais lhe foram restituidos.

« Mediante a benevola protecção de Evaristo Ferreira da Veiga, que lhe entregou 400$000, producto de uma subscripção por elle agenciada, de monsenhor A. V. da Soledade, que lhe deu uma ordem para receber em França a mezada de 20$000 fortes, a de José Bonifacio, que do almirante Grivel lhe obtivera passagem gratuita no navio de guerra francez *Durance*, poude emfim partir para a França, em companhia de seu mestre Dèbret, a 25 de julho de 1831, chegando a Brest em setembro e a Paris no dia 4 de outubro do mesmo anno. » (*obr. cit.*) Matriculou-se na aula do barão Gros, e encetou estudos anatomicos com o professor Emery.

Um dia Emery foi obrigado a suspender a lição por falta de preparador. Porto-Alegre offereceu-se para substituil-o e com tanta maestria e destreza preparou os musculos da coxa, que mereceu publico elogio do professor e applausos de todos os estudantes. Uma infelicidade veiu interromper a serena e progressiva marcha de sua existencia. Soledade e Ferreira da Veiga morreram, ficou elle desamparado e reduzido á miseria; porém o ministro do Brasil em França José Joaquim da Rocha soccorreu-o, e Luiz de Menezes Vasconcellos Drumond, que chegava a Paris por esse tempo, offereceu-lhe vinte mil francos para ir á Italia terminar os seus estudos. Do generoso e não vulgar offerecimento o artista só se utilizou de quatro mil francos. Em 32 a Assembléa geral lhe tinha concedido uma subvenção annual de 600$000 durante tres annos.

Visitou Londres, e viajou pela Belgica e Hollanda. Em 37 voltou para o Brasil.

Logo depois foi nomeado professor de pintura historica da Academia: em 40, pintor da Imperial Camara. Em 48 foi nomeado substituto de desenho da Escola Militar; em 54 director da Academia de Bellas-Artes, donde retirou-se em 57. Em 59 partiu para a Prussia na qualidade de Consul geral do Brasil, em 67 foi transferido para Portugal, paiz em que falleceu em 29 de dezembro de 1879. Foi agraciado pelo sr. D. Pedro II com diversas condecorações e em 74 com o titulo de barão de Santo Angelo.

Porto-Alegre tinha um physionomia sympathica : fronte larga, porém pouco longa, cabello aspero e negro, olhos oblongos, cheios de vivacidade e de audacia, a bocca grande, incisivamente recortada, barba cerrada e curta contornando o queixo. Era de estatura alta, hombros largos, mãos e pés grandes.

O seu caracter está perfeitamente photographado nos seguintes topicos do testamento que deixou :

« Nunca provoquei lutas; porém a amisade me levou ao campo muitas vezes, e o direito sempre.

« Nunca amei os homens pela sua posição, nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobremente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem mancha.

« Soffri pela amizade e pela justiça, porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo.

« E de meus paes, de meu soberano, e dos homens honestos, fui sempre respeitoso e dedicado amigo. »

Ninguem como elle dedicou-se aos amigos e ninguem teve tanta altivez de caracter. Protegido por D. Pedro I, protegido por Soledade, pelo conde de S. Salvador e por D. Pedro II, pôz a sua gratidão acima de todos os escrupulos. Teve a fibra da dedicação, e, para que fosse um homem extraordinario, um verdadeiro symbolo de virtudes, illuminado pela admiração dos posteros atravez da historia, bastaria ter tido uma mais nitida comprehensão da independencia, uma mais firme idéa do destino da humanidade. Foi apenas um homem do seu tempo. Dois poderosos elementos collaboraram juntos para fazel-o assim. Faltou-lhe ao temperamento imaginoso, porém calmo e operoso, a inflammabilidade dos rebeldes : a protecção

immediata que recebeu dos palacianos, a convivencia com os homems, cujas aspirações politicas eram limitadas pelas opportunidades, mataram-lhe o interesse pelas lutas partidarias. Viu-se impellido a ser discreto entre a amizade de d. Pedro, um principe portuguez, e a de Evaristo da Veiga, um monarchista extremamente patríota; e viveu em companhia de ambos, e de ambos foi amigo respeitoso e beneficiado. De mais — elle, que se nos afigura methodico e sensato pela progressão gradual de complexos estudos realizados, traçára, talvez, um itinerario a seguir. Não quiz, por consequencia, proceder levianamente em questões das quaes insignificantes resultados poderia fruir. Como artista, um idéal maior antojava-se-lhe á imaginação. O velho mundo, com suas maravilhas d'arte, despertava-lhe a fantasia, falava-lhe no coração dessas estranhas creações da Renascença, e desses monumentos grandiosos em que se sente palpitar a alma de um povo na producção artistica de um genio. Era esse o seu idéal, o seu unico interesse, a sua preoccupação constante. Absteve-se da politica, com verdadeira sobranceria de animo, e, em 35, escrevia de Napoles a Evaristo da Veiga uma carta em que se destaca o topico seguinte : « Aborreço a politica, por que ella é a causa da minha desgraça : por ella perdi a pensão que me prometteu o sr. Martim Francisco pedia ás Camaras por mim. » A confissão é irrefragavel prova do que deixei dito. Elle cortava os embaraços que antevia no caminho escolhido.

Por esse methodo seguro de proceder, chegou a sobresair em todas as posições em que esteve. Como estudante da Academia de Bellas Artes, occupou sempre um logar distincto entre os contemporaneos como estudante de humanidades, completou de uma maneira honrosa, um curso que, por si, valia um bacharelado; como funccionario publico, que foi, desempenhou perfeitamente no cargo de director da secção de archeologia e numismatica do Museu Nacional, e o de director da Academia da qual fôra alumno. Neste ultimo cargo, de onde se demittiu por causa da nomeação de Lopes Cabral Teive, para professor de pintura historica, nomeação imposta pelo Marquez de Olinda, desenvolveu uma actividade digna de todos os elogios.

Reformou o curso da Academia, criando aulas de mathematicas applicadas, anatomia artistica, archeologia, esthetica e historia das bellas-artes, e fundou uma pinacothéca, concorrendo ao mesmo tempo para a fundação do Conservatorio Dramatico e da Opera Nacional.

E fez mais, com verdadeiro amor á carreira abraçada, foi o primeiro que arrancou do esquecimento os unicos documentos existentes sobre a historia da pintura brasileira, o primeiro que, em uma iconographia, falou da maior gloria musical da America do Sul, — o padre José Mauricio e ainda o primeiro a se occupar da critica de bellas-artes.

Além de muitos artigos publicados em revistas e jornaes, e algumas *memorias* na « Revista do Instituto Historico » publicou « Colombo », « Brasilianas », e « Os Voluntarios da Patria » (drama).

Ineditas deixou algumas comedias, uma memoria sobre a « Extincção progressiva da escravatura », e uma trilogia em verso « Os Toltécas ».

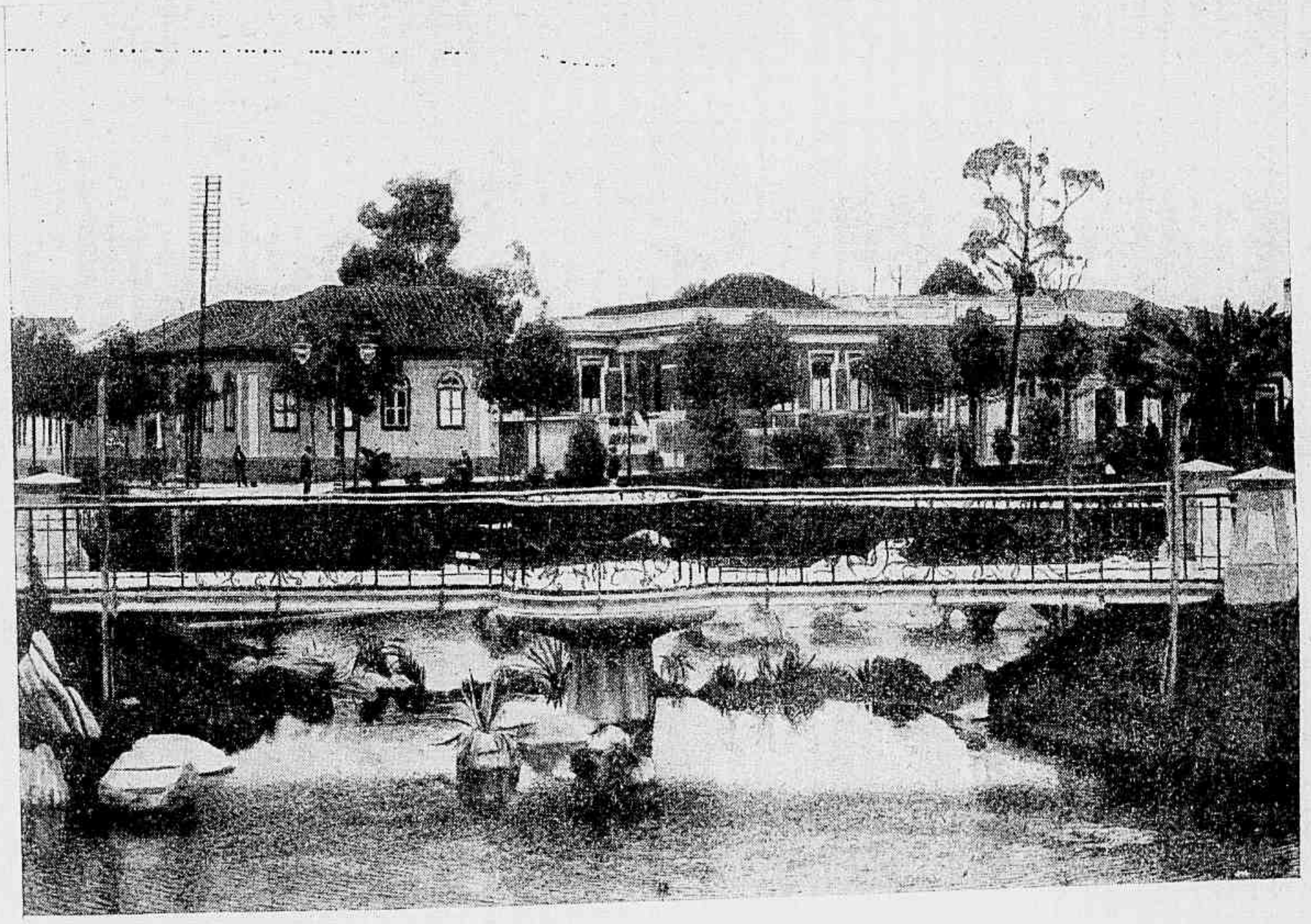
Socio fundador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (que nem siquer se lembrou da data do centenario), da Real Academia de Sciencias de Lisboa, socio correspondente do Instituto de França e da Academia Hespanhola de Letras etc., o nosso illustre patricio foi por toda a parte objecto de culto e de respeito pelo seu talento, a sua cultura e as suas bellas virtudes.

Para quem estuda o desenvolvimento da arte no Brasil, Manoel de Araujo Porto Alegre é o nome mais sympathico e mais importante que se lhe apresenta.

Embellezamento de S. Paulo

Ja ha alguns annos que com successivas transformações se tornou São Paulo uma cidade das mais bellas pelas suas avenidas arborisadas, jardins, praças e monumentos.

A cidade de S. Paulo, capital do Estado, está situada na encosta da Serra do Mar, que dá para o lado de terra, a uma altura



Um trecho do Jardim da Praça da Republica.

de 2.500 pés acima do nivel do mar e a 308 milhas do Río de Janeiro. E' uma das mais lindas cidades do hemispherio occidental, obedece a um traçado admiravel e contém muitos edificios publicos excellentes. Tem ruas bem calçadas de muitas milhas de extensão, bons exgotos e possue uma das mais extensas redes do mundo para bonds, luz e força, installada — convém dizel-o — por uma companhia do Canadá com o capital de 13 milhões de dol'ars A força é obtida no río Tieté num ponto que dista da cidade vinte milhas e ahi foi construida uma represa de 800 pés de comprimento e 43 pés de altura. A usina geradora está situada a cerca de meia milha da represa, sendo a agua conduzida ao reservatorio por dous enormes tubos parallelos, cada um delles com doze pés de diametro. A installação electrica é inteiramente americana, tendo sido construidas as turbinas em Dayton, Ohio, e os machinismos electricos em Schenectady, Nova-York. Os bonds que fazem o serviço da cidade são fabricados em Philadelphia e São Luiz, e é de cem milhas o total das linhas de bonds electricos. O total da energia electrica fornecida por esta magnifica usina attinge a 10.000 cavallos vapor, total esse que será elevado a 15.000 com as novas machinas que estão sendo installadas. O facto de existirem jazidas de ferro em Ipanema, a pouca distancia de S. Paulo, induz aos proprietarios da Companhia de Luz e Força a terem esperanças de que em breve a capital de S. Paulo se possa tornar o principal centro industrial do

Brasil. Os estabelecimentos fabris do Estado a que alludimos, em sua maioria, estão situados em S. Paulo e nos arredores de S. Paulo. A população actual de S. Paulo é calculada em cerca de 300.000 almas e o seu povo é considerado um dos mais viris e progressistas de todo o Brasil.

Uma das obras mais importantes, emprehendidas ultimamente, é o lago artificial que a Light and Power está construindo em Santo Amaro, nos arredores daquella capital. O lago é destinado technicamente a garantir uma poderosa reserva de agua necessaria ás usinas electricas da Light no Parnahyba; mas foi construido de modo a tornar-se um embellezamento do bonito arrabalde que é Santo Amaro, um dos mais agradaveis pontos de recreio de S. Paulo.

As obras em execução consistem actualmente na construcção do dique que tem de constituir uma das margens do grande lago, e das galerias que terão de reconduzir ao rio represado as aguas do lago, não só para manterem estas em nivel conveniente, como, quando fôr necessario, fornecer ás usinas de Parnahyba.

O dique terá uma extensão de 1.600 metros, dos quaes se acha prompta uma extensão de 600 metros, appoximadamente.

E' feito de um mixto de terra, areia, saibro de pedra, que com a agua se conduz de uma collina, por encanamento, até se ir depositar no local em que o encanamento termina.

Para estaquear o terreno em que se está construindo o dique foram fincadas 7.000 estacas, que penetraram o solo poroso numa profundidade de seis metros, por meio de um bate-stacas aperfeiçoado, que dá de 45 a 50 pancadas por minuto.

O cano conductor da terra se apoia sobre uma armação, que tem na sua maior altura 20 metros e apresenta de longe a configuração de uma grande ponte metallica.

O colossal dique terá na maior largura de sua base cento e tantos metros e 18 na sua maior altura.

Os tuneis, formados de tres galerias, são construidos com cimento armado e têm uma altura interna de tres metros.

A agua, solta em Santo Amaro, gastará um dia a chegar a Parnahyba.

Fechado o lago, terá um perimetro de 161 kilometros; uma extensão de 15 e uma largura média de tres, havendo logares em que se encontrarão até 10 kilometros, com um volume approximado de 200.000.000 de metros cubicos de agua.

Nas obras trabalharam 700 operarios, achando-se actualmente em trabalho 200.

Eis em ligeiros traços a descripção do que vai ser essa obra monumental com que o engenho humano procura refazer o que de certo, a natureza havia feito; porque, realmente, a topographia e a natureza de terreno indicam, segundo a opinião de doutos especialistas, que ali, em éras remotas, devia ter existido um grande lago, do qual os trabalhos actuaes vão reconstituir uma pequena parte.

As obras estão sendo feitas sob a direcção dos engenheiros americanos Mark Murtangh, chefe, Walter Channley e Joseph B. Murtangh.

A satyra em Minas

Em tempos que já se vão floresceram alguns poetas satyricos em Minas, e tres d'elles, padres. O ultimo que desappareceu foi o Padre J. J. Corrêa de Almeida que teve, como se sabe, muitos admiradores.

Houve tambem o Padre Silverio Ribeiro de Carvalho, poeta jocoso, que morreu cego pelos meiados do seculo XIX em avançada edade e cujas producções datam do tempo da independencia e da Regencia; foram editadas em volume sob o titulo de *Trovas mineiras* (1863), pelo Dr. J. M. Vaz Pinto Coelho. Figura tambem no *Florilegio* de Varnhagen.

Outro satyrico e Padre é MANOEL XAVIER, de Tamanduá (veja-se a noticia publicada na *Revista do Arch. mineiro*, I, fasc. 3º). No genero de maximas e parabolas é superior aos outros dous. São do Padre Manoel Xavier estas

PERGUNTAS

I

« Borboleta, porque pousas
Aqui, alli, acolá?
— Para mostrar que, no mundo,
Em nada constancia ha. »

II

« — Mariposa, por que causa
Te queimas na luz, em vão?
— Para mostrar quanto é forte
A cegueira da paixão. »

Registramos essa noticia como documento para a historia literaria. O *Almanaque Garnier* de bom grado publicará documentos congeneres ou simples noticias, como esta, acerca de escriptores e poetas que desappareceram sem que os seus nomes transcendessem os limites da vida provinciana.

Deve-se, todavia, confessar que esses tres satyricos não valem, bem sommados, um só.

H. IBSEN

(Araripe Junior)

. . . . . .

« Na Scandinavia, entre 1688 e 1772, floresceu um homem, cuja influencia, directa ou indirecta, não evitaram os espiritos que se lhe seguiram na trilha philosophica. Refiro-me a Swedenborg. O seu ensino tomou fórmas mysticas, e, em muitas cousas, repetio Platão, Plotino, Bœhm, desde que aos methodos puramente scientificos o sabio substituio para o descobrimento da verdade o processo do extase, e a interpretação transcendental dos textos reputados sagrados. Não foram, porém, os seus colloquios com os anjos que impressionaram as almas platonicas do seculo XIX; nem as visões grammaticaes produzidas pela meditação sobre o Apocalypse tiveram exito, salvo no rebanho dos espiritos. O que, de certo, abalou o genio philosophico de Kierkegaard e repercutio na Scandinavia e na propria Allemanha foi a sua theoria da vontade, theoria essa que, na minha opinião, suggerio incontestavelmente o fundamento da de Schopenhauer, constituindo o protoplasma dessa litteratura de obstinados, que tem avassallado os escriptores originaes do norte.

Ibsen não devia escapar a essa corrente calida, sahida das regiões hyperboraes, e que, como o *gulf-stream*, estabeleceu a mais curiosa das linhas isothermicas, abrangendo numa só temperatura o mundo do pensamento.

A *bête noire* do poeta norueguez foi, portanto, durante todo o resto de sua obra esse poder da vontade, sem o qual elle não comprehendia a vida humana. Nos seus dramas o nervo do estylo não devia ter outra caracteristica. A obstinação fará na tragedia, como elle a concebe, o papel

do destino ; as paixões, resultantes do meio social, serão supplantadas por esse deus *absconditus*, existente em nós mesmos, ou então o homem não viverá como homem. mas como animal irracional.

Tal obsessão philosophica attenua-se posteriormente sob a influencia da atmosphera scientifica, quando Ibsen poude entregar-se com decisão á composição das suas peças realistas. Mas nem por isso o proposito de ser completamente moderno supprimio dos seus trabalhos o *punctum saliens*, isto é, o interesse que desperta ver o homem, convencido da sua personalidade, insurrecto contra tudo e contra todos. E todos os personagens marcantes desse theatro assumiram o feitio de Prometheus quotidianos, acorrentados ao Caucaso do Seculo corrupto, em que vivemos, paralyzados, na acção, muita vez, mas sempre imprecando contra Jupiter.

Quem era esse Jupiter, esse deus decrepito, burguez, e cheio de vicios, a que o seu espirito tragico vaticinava uma proxima e horrorosa subversão?

Ibsen o diz claramente em mais de uma confidencia aos amigos com quem trocava idéas. Em 17 de Fevereiro de 1871 escrevia elle a Brandés estas memoraveis palavras :

« Não consentirei jámais que se confunda a liberdade com liberdades politicas. No que vocês philosophos chamam liberdade eu não vejo senão liberdades. E o que eu baptiso com o nome de luta pela liberdade é apenas a incessante e renhida conquista da idéa de liberdade. Aquelle que a possue sómente como um patrimonio ardentemente cobiçado, possue uma coisa sem vida e sem alma; porquanto a noção de liberdade alarga-se, augmenta constantemente, nunca deixa de crescer. Se, portanto, alguem durante a luta detem-se e exclama : « Emfim possuo-a! » com isto terá provado precizamente que já a perdeu. »

São engenhosas as conclusões que Ibsen tira desse principio. Na sua opinião, os Estados caracterizam-se pela posse esteril de certa dóse de liberdades; e não ha quem veja a sua utilidade.

A quem elles prestam serviços? ao cidadão? Mas que valem o suffragio e a isenção de impostos? O individuo nada lucra em ser cidadão. Pelo contrario, para este o Estado é uma maldição. E para chegar a essa conclusão não é precizo mais do que comparar a Prussia com os Israelitas. Ao passo que a organização prussiana reduz o individuo a um escravo da ordem geographica e politica, a fina flor da raça humana — a nação judaica, isolando-se da barbaria externa, conserva a sua nobreza, simplesmente porque não quiz mais se constituir em Estado.

O edificio social esmaga os povos ; é precizo, pois, abolil-o.

Sem isso, pensa Ibsen, sem attender a que a condição essencial de toda a associação consiste na liberdade individual, em tudo quanto se relaciona com a ordem psychica, qualquer revolução será inicua. Mudanças de formas de governo nada adiantam ; um pouco mais, um pouco menos, no fim tudo é a mesma cousa.

Como todos os que tem cogitado em reformar o homem, Ibsen apresenta uma critica brilhante e suggestiva da organização do poder. E a sua obra inteira não é outra cousa senão um magnifico capitulo de critica social. A eloquencia dessa critica não obsta a que as soluções que os seus grandes personagens propõem faça voejar um sorriso de incredulidade em nossos labios :

E' elle mesmo quem affirma : « O Estado tem profundas raizes no tempo e a sua vida precaria encontra limitações nas contingencias da terra. Construcções muito maiores cahirão ; a propria religião será varrida do mundo. Nem as noções de moral, nem as formas da arte tem diante de si a eternidade. Quem nos affirma que no Planeta Jupiter dous e dous não sejam cinco? »

O exaggero de tal relativismo prova bem que o poeta de *Hedda Gabler* não andava tão longe de Stuart Mill, como depois, em 1873, lhe quiz parecer escrevendo a Brandès. E' que Ibsen supportava mal a engrenagem da propria escola philosophica que o seduzira. Os fiords da Noruega reflectiam-se em sua alma de vez em quando ; e o reformador, ou antes o revoltado, aca-

bava presuppondo o homem de daqui a dous ou tres mil annos, ou ainda o homem da época em que os theoremas de Euclides serão alterados em razão do apparecimento de alguma nova circumvolução cerebral.

O sonho da humanidade pensante, não resta duvida, tende constantemente a realizar-se. O sonho, porém, tambem evolue.

A conquista do pão de Kropotkine pertence a este numero. Não conheço livro de sociologia que mais me impressionasse do que este. A primeira parte, effectivamente, é de uma eloquencia empolgante. A clareza não é das que cegam; as verdades enunciadas dominam toda a região do pensamento. Os factos são de uma riqueza extraordinaria, e concatenam-se, de modo a não deixar espaço a uma duvida. Logo, porém, que se passa á ultima parte, isto é, á applicação, aos meios, ao *modus faciendi*, é como se se sahisse, pela mão de Virgilio, do Inferno vivo e candente de Dante para entrar-se de subito na desmaiada luz do Paraizo.

A theologia de Kropotkine é uma decepção. Parece tão certo que por ella enverede a sociedade como pelo carreiro de S. Thiago. O céo do anarchismo acha-se tão longe de nós como « os dous e dous são cinco » do planeta Marte, segundo a conjectura de Ibsen.

O mundo actualmente anda muito depressa e quer soluções immediatas. Realizadas estas, virão depois as proximas. E ninguem sabe que direcção darão ao espirito dos povos as soluções que estamos preparando para amanhã. »

(Do ensaio *Ibsen e o Mysticismo*.)

NECROLOGIOS DO ANNO DE 1906

DR. FRANCISCO FAJARDO

A sociedade carioca foi, a 6 de Novembro, dolorosamente surprehendida com o fallecimento quasi, repentino, do Dr. Francisco Fajardo, um dos mais bellos ornamentos da medicina brasileira.

Moço ainda, pois contava apenas 42 annos de edade, gozava da justissima fama de clinico estudioso e investigador, que por sua intelligencia e saber conseguira collocar-se no primeiro plano das summidades da sciencia que tanto honrara.



Dr. Francisco Fajardo.

Tinha uma bondade natural e uma lhaneza de trato, com que captava promptamente a sympathia de quem com elle tratasse.

Deixou na Faculdade de Medicina um nome brilhante, uma invejavel reputação de mestre competente.

Com o maior interesse tratou do impaludismo, do beriberi, do cholera e da febre amarella, sendo seus escriptos reproduzidos por varias revistas medicas estrangeiras que lhe fizeram as mais elogiosas referencias.

Ninguem se preoccupou mais com as molestias tropicaes do que elle, a ponto de em uma reforma do ensino, cogitar o Poder Legislativo de crear essa cadeira nova em todas as Faculdades de medicina do Brasil.

Na Universidade Popular, as suas prelecções eram ouvidas sempre com attenção e por uma assistencia selecta, alli attrahida sempre pela competencia do professor, além da facilidade com que abordava as questões, sabendo encaminhal-as sem cançar o espirito dos que o ouviam.

A sua morte foi um verdadeiro desastre e essa impressão teve a sociedade inteira, logo que a notícia foi divulgada.

O Brasil muito devia esperar ainda do seu talento de eleição, da sua força de vontade, amor ao trabalho e á sciencia.

BARÃO DE LORETO

A 28 de Outubro de 1906 falleceu depois de pertinaz molestia o Barão de Loreto (Franklin Doria). Era um homem de valôr e de caracter, e singularmente estimado pelas suas qualidades de coração.



Barão de Loreto.
(Franklin Doria.)

Formou-se pela faculdade do Recife de onde datam as suas primeiras producções literarias, nomeadamente os seus versos lyricos, editados em 1859, que foram sempre lidos com grande estima. Nos dous primeiros decennios da monarchia foi deputado, occupou brilhantes posições, foi duas vezes ministro e amigo da familia imperial, cujo destino acompanhou na hora da adversidade, exilando-se do Brasil. Na Republica não quiz nunca aceitar emprego, a que tinha direito, aliás, pois nelle sempre foi considerado lente do Gymnasio Nacional onde exercera o magisterio e d'elle fora arredado pelas contingencias da politica. Recolheu-se á vida privada, ao circulo dos seus amigos, e á litteratura que sempre amou.

Além das suas obras originaes em verso e prosa, o Barão de Loreto fez uma excellente traducção da *Evangelina* de Longfellow.

Nasceu na ilha dos Frades (Bahia) a 12 de Julho de 1838. Suas obras principaes são: *Enlevos*, versos, 1859; *Estudo sobre Joaquim Freire*, Paris, 1868; a *Evangelina*, traducção, Rio, 1874; *Questões judiciarias*, 1881 e muitos *Discursos* proferidos no Parlamento, *allocuções* de advocacia, *these de concurso* e *poesias* em avulso.

GENERAL JOCA TAVARES

Era esse o nome popular e muito amado do General João Nunes da Silva Tavares, fallecido em Bagé, a 9 de Janeiro de 1906.

A vida do General Silva Tavares foi lendaria entre o povo rio-grandense, de que era idolo sem macula. Prendeu-se na sua infancia e na sua mocidade á das gerações guerreiras que guardaram vigilantes e heroicas as nossas fronteiras meridionaes, e que foram nas guerras do ultimo seculo a vanguarda do Brasil.

Viveu vida de soldado, sendo official daquella Guarda Nacional que fazia a força dos nossos exercitos nas campanhas platinas, e terçando as suas primeiras armas na memoravel guerra dos Farrapos, a que Caxias pôz termo com patriotismo e clemencia.

Então era o Rio Grande do Sul o campo de constantes batalhas.

Dedicando-se depois á industria que opulenta o seu Estado, o General Silva Tavares deixou, annos depois, a estancia do criador para seguir com a Guarda Nacional Rio-grandense campanha do Paraguay. Fez toda a campanha, como attestava o passador da sua medalha, ás ordens do General Osorio, depois Marquez do Herval e do Conde de Porto Alegre.

O estancieiro e soldado fez-se politico conservador.

A revolução do 15 de Novembro, porém, desfez os partidos com as promessas de agrupamentos e idéas novas em novo regimen.

O General Silva Tavares combateu o golpe de Estado de 3 de Novembro e o Governador que sustentára. Quando este cahio com a reacção que se seguio á revolta de 23 de Novembro, não quiz juntar-se aos que o restauraram pela força no poder.

Organizou-se então o partido federalista na convenção de Bagé e o General Silva Tavares foi seu chefe militante e Silveira Martins o seu cerebro.

Pouco tempo depois rebentava a guerra civil, que quasi meio seculo depois da pacificação da provincia por Caxias talou durante tres annos aquelles campos.

Finalmente, o Presidente Prudente de Moraes mandou para o Rio Grande do Sul o General Innocencio Galvão, que fez um accôrdo honroso com o General Silva Tavares e restaurou a paz no Rio Grande do Sul.

O velho general voltou para a estancia despovoada pelas depredações da guerra civil e alli vivia querido dos seus, respeitado pelos adversarios politicos.

No Rio Grande era o General Silva Tavares uma lenda, tradição viva dos valentes gaúchos que tanta fama e tanta gloria deram á provincia brasileira.

Na idade avançada em que se finou, não mostrava enfraquecimento e antes a sua robusta velhice era admirada.

Pouco antes de fallecer, fazia ouvir a sua palavra em comicios politicos.

DR. JOÃO JOAQUIM PIZARRO

Falleceu no dia 23 de Fevereiro o Dr. João Joaquim Pizarro, conhecido e reputado lente cathedratico da Faculdade de Medicina do Rio Janeiro.

Natural desta Capital, depois de cursar humanidades, matriculou-se no antigo Collegio Pedro II, onde se bacharelou em bellas letras, cursando depois a Faculdade de Medicina, onde se formou.

Em 1872 foi nomeado oppositor da secção de sciencias accessorias naquella Faculdade e em 1882 foi nomeado lente cathedratico de botanica e biologia.

Em 1891 foi escolhido para o cargo de Vice-Director da Faculdade.

Era lente da Faculdade Livre de Direito desta Capital, Director da secção de antropologia, zoologia e paleontologia do Musêo Nacional, tendo exercido varias commissões importantes e entre estas a de Director interino do Jardim Botanico.

O Dr. Pizarro deixa publicadas varias obras de grande valor scientifico e como professor fez de cada discipulo um amigo e um admirador.

Um dos seus discipulos, o Dr. Felix Armando de M. Frazão, pronunciou bellissimo discurso á memoria do mestre em solemne homenagem postuma realizada na Faculdade de Medicina, em 1º de Outubro de 1906.

VISCONDE DE SINIMBÚ

Aos 27 de Dezembro de 1906 falleceu o Visconde de Sinimbú (João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú).

Com a sua vida apagou-se o mais velho dos grandes politicos que nos vieram do regimen extincto.

Foi na antiga provincia de Alagôas, no engenho de Sinimbú, a pequena distancia da então villa e hoje cidade de S. Miguel dos Campos que, a 20 de Novembro de 1810, nasceu o eminente brasileiro.

Era filho do capitão de ordenanças Manoel Vieira Dantas e D. Anna Maria José Lins, que tomaram parte activa nas revoluções democraticas de 1817 e 1825.

Condemnado á morte, Manoel Vieira Dantas logrou escapar-se, sendo, entretanto, conservada presa, em Alagoas do Sul, D. Anna Lins, que tinha por companheiro de detenção seu filho João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú.

Decretada a amnistia, recomeçou Sinimbú os seus estudos, bacharelando-se em direito, em 1835, na Faculdade de Olinda.

Partiu então em viagem pela Europa, doutorando-se na Universidade de Iena (Allemanha).

Na França, como na Austria, Allemanha e Inglaterra, principalmente nesta ultima, logrou conhecer e ter intimidade com os mais notaveis estadistas, politicos e parlamentares da época. Depois fixou-se por algum tempo em Dresde, capital do reino da Saxonia, relacionando-se intimamente com a distincta e opulenta familia Tourner, de origem anglo-germana, que tinha uma filha unica, nascida em Londres, D. Valeria, attrahente pelo seu talento, virtudes e formosura, de quem ficou noivo e com quem veiu a casar-se em 1846, em Maceió, capital das Alagôas. Esta senhora, que foi a sua mais digna e dedicada companheira durante quarenta e tres annos, pois falleceu em 1889, deu-lhe quatro filhos — Ignacio (que morreu em menino), João (que se formou em direito no Brasil e vive desde muitos annos na Inglaterra, onde constituiu familia), Clelia e Maria Valeria, as duas sympathicas e adoraveis creaturas que o acompanharam durante toda a longa existencia e que elle teve a ventura de ver, ladeando o seu leito, nos ultimos instantes da vida.

Ainda na Europa foi surprehendel-o em 1839 a eleição de deputado á assemblea provincial de Alagôas, iniciando-se então a sua brilhante carreira publica que alcança a data da proclamação da Republica.

Foi presidente de varias provincias, deputado em muitas legislaturas, ministro varias vezes e de 1878 a 1880 presidente de conselho e em todas estas funcções foi homem superior e eminente estadista.

Como ministro plenipotenciario do Brasil no Prata, traçou talvez a pagina mais gloriosa da nossa historia diplomatica em todos os tempos, salvando com um só dos seus actos a Republica Oriental do Uruguay de ser esmagada na sua structura de nação independente e annexada á Republica Argentina pelo governo poderoso e dictatorial de D. João Manoel Rosas. Como simples ministro e presidente de gabinete fez o ajuste internacional de Stade, a convenção consular com a França e a Hespanha, mandou a embaixada Ladario á China, etc., etc. Na celebre questão Christie, coube-lhe o principal papel depois do de Abrantes, ministro dos estrangeiros.

Sobrevindo a Republica, o visconde de Sinimbú, fiel aos dogmas de seu credo politico, recolheu-se á vida privada.

O visconde de Sinimbú era cavalleiro da Ordem de Christo, official da Ordem da Rosa, official do Cruzeiro, grande official da Legião de Honra, grã-cruz da corôa de ferro, da Austria; grã-cruz da Ordem dos Guelphos; grã-cruz de Carlos III, e tinha o duplo dragão do imperio da China.

SILVA ARAUJO

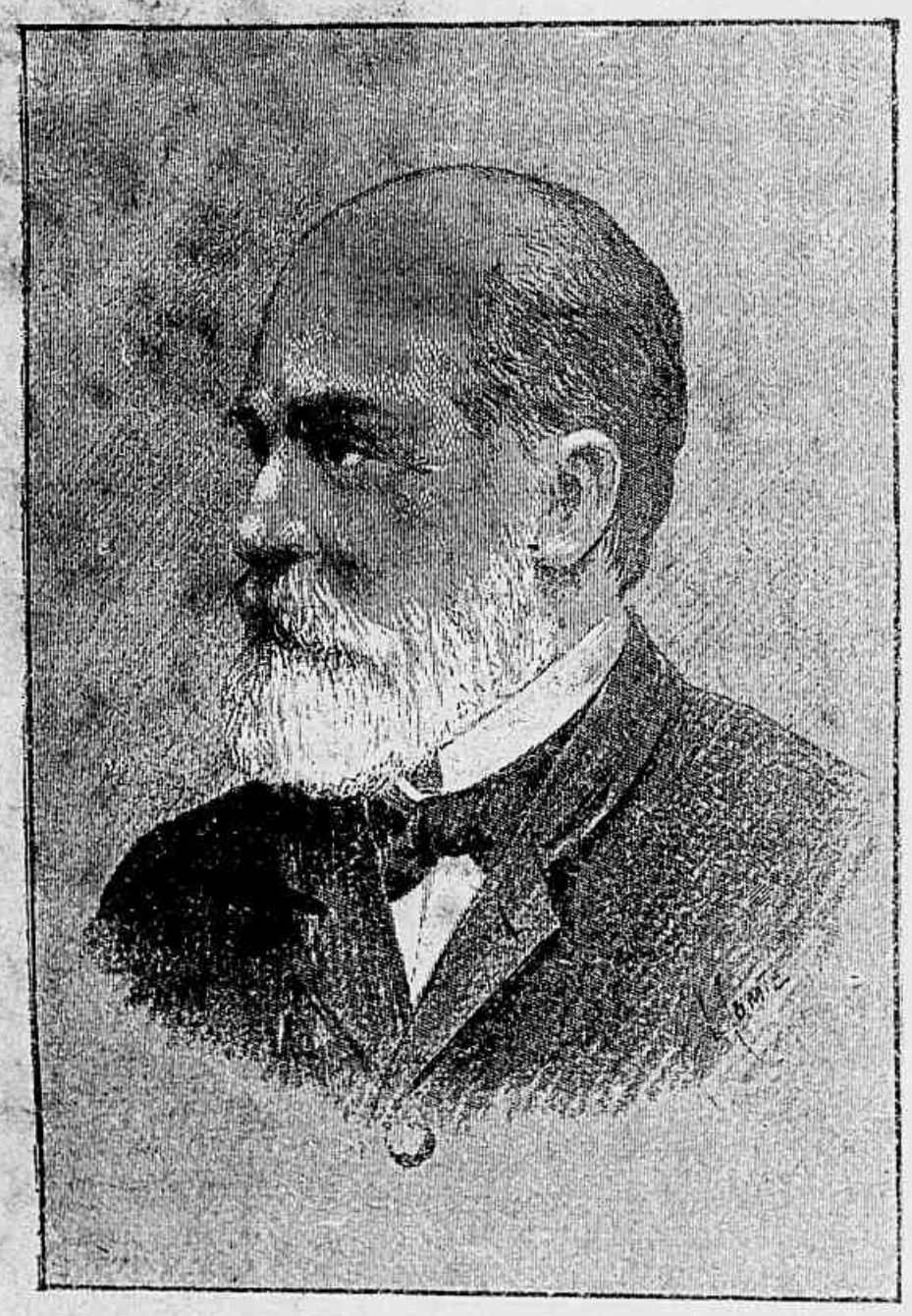
Em um dos primeiros dias do mez de Dezembro falleceu em Friburgo para onde tinha ido como de costume passar a quadra do verão.

O pharmaceutico Silva Araujo tinha pouco mais de 60 annos de idade; diplomado em 1861, depois de brilhante curso, foi exercer a sua profissão na Barra do Pirahy, de onde voltou a esta capital em 1873, associando-se a seu irmão Luiz Eduardo, na pharmacia cuja propriedade veiu caber-lhe mais tarde.

Intelligente e operoso, o pharmaceutico Silva Araujo enriqueceu a nossa pharmacopéa com avultado numero de excellentes preparados medicinaes, sendo notaveis principalmente os destinados ao tratamento da syphilis.

O seu estabelecimento distribuia periodicamente boletins e catalogos a que dava o fallecido Silva Araujo todo o seu cuidado de scientista, tornando-os publicações valiosas, quer por suas uteis indicações, quer pela criteriosa catalogação de exemplares da Flora Brasileira.

Como homem de sociedade, o pharmaceutico Silva Araujo era um cavalheiro estimabilissimo: — bom, affavel, quanto serio e respeitavel, em torno de si abria-se um largo circulo de sympathias as mais justas e merecidas.



Dr. Antonio de Paula Freitas.

Dr. Antonio de Paula Freitas

Falleceu no dia 18 de março o distincto professor Dr. Antonio de Paula Freitas.

Nasceu no Rio de Janeiro, onde fez seus estudos, doutorando-se em sciencias phisicas e mathematicas pela antiga Escola Central.

Contava 63 annos de edade, tinha-se formado em 1864 e havia 40 annos que sem interrupção de exercicio occupava o cargo de lente cathedratico da Escola Polytechnica, de que foi nomeado director em 1854. Deixou grande numero de trabalhos impressos.

O Dr. Paula Freitas foi o constructor do bello edificio da Imprensa Nacional. Foi engenheiro das obras da Candelaria durante 20 annos; deve-se-lhe uma boa parte da construção daquelle importante templo. Construiu tambem o Correio geral, a Escola Senador Correia e o Lazareto da Ilha grande.

Foi na verdade um brasileiro trabalhador e de merito que nelle se perdeu.

Barão de Penedo

Falleceu no dia 1º de abril, nesta capital, o notavel brasileiro Dr. Francisco Ignacio de Carvalho Moreira, Barão de Penedo, na avançada edade de 80 annos.

Dos homens de hoje poucos seriam os que fizessem uma idéa mais exacta do valor que representava a individualidade daquelle ancião e da importancia do papel que elle exerceu em seu tempo.

Carvalho Moreira começou a ser conhecido ha muito mais de cincoenta annos pelos seus escriptos juridicos, quando se fundou o Instituto da Ordem dos Advogados, de que foi elle desde logo um dos membros mais activos.

Pouco depois entrava na carreira politica eleito deputado por Alagôas.

Foi brilhante, porem rapida, sua passagem pelo parlamento.

Elle iniciava a vida diplomatica em 1851, seguindo como ministro plenipotenciario do Brasil em Washington.

Nessa carreira é que ganhou os seus mais altos titulos; não houve em seu tempo outro diplomata brasileiro que o excedesse, nem mesmo talvez que o egualasse em valor.

De Washington foi depois em 1855 transferido para Londres, a mais importante e trabalhosa das nossas legações por aquelle tempo. Sustentou com o governo britannico a reclamação sobre a questão Christie. Seus serviços foram tão enthusiastiamente apreciados no Brasil que em mais de uma provincia sea ventou a idéa de elegel-o senador.

Em 1872-73, quando surgiu aqui a chamada a questão religiosa, foi o nosso eminente diplomata mandado em missão especial junto ao papa Pio IX, conseguindo que este escrevesse ao bispo de Olinda a celebre carta que começava com a frase, hoje historica, *gesta tua... non laudantur*, em que o chefe da Igreja fazia censuras e admonições ao ardente prelado de Pernambuco.

Devem-se muitos outros serviços á actividade e grande competencia do nosso illustre compatriota nos cargos diplomaticos que exerceu durante 37 annos.

Vindo a Republica em 1887, o Barão de Penedo, que então era ministro do Brazil em Pariz, foi demittido, sendo depois reintegrado, posto em disponibilidade e aposentado afinal.

Desembargador Viveiros de Castro

Falleceu a 6 de agosto nesta Capital o Sr. Desembargador Francisco José Viveiros de Castro, membro da Côrte de Appellação e um dos espiritos mais cultivados da magistratura brasileira.

Essa morte constitue uma perda bastante sensivel, e não haverá de certo quem não lamente o prematuro passamento de um Juiz ainda moço e estudioso, muito austero no cumprimento de seus deveres e sempre empenhado em adaptar á nossa jurisprudencia as ideas modernas e os novos principios scientificos que de algum tempo a esta parte vêm revolucionando o Direito.

O Dr. Viveiros de Castro nasceu no Maranhão e era filho do Senador Gomes de Castro.

Formou-se em direito na Faculdade do Recife em 1883 e poucos annos depois foi nomeado Presidente da Provincia do Piauhy, onde deixou as melhores recordações.

Vindo para o Rio, começou aqui a sua carreira judiciaria como promotor publico, tornando-se logo conhecido pelo seu merecimento e valor. Percorreu todos os postos até chegar ao mais alto de magistratura local.

Foi o vulgarizador da nova escola penal no Brasil, tendo publicado um livro que condensa bem as idéas propagadas pelo grande criminalista e psychiatra de Turim.

Publicou varios trabalhos litterarios, entre os quaes *Chiquinha Mascotte*, volume de contos, e *Diario de Um Solteirão*.

Usava então o pseudonymo litterario de *Ignotus*.

O valioso, porém, na sua bagagem de escriptor, são os trabalhos juridicos e estes de certo perdurarão entre os melhores documentos da nossa cultura.

A morte tragica do Bispo de S. Paulo

Recebia-se no dia 5 de agosto uma triste noticia, transmittida de Madrid: o paquete « Sirio », da Companhia Navigazione generale, naufragara ao largo do Cabo de Palos, nas costas da Hespanha, proximo a Cartagena, perecendo no sinistro grande numero de pessoas, entre as quaes D. José, o estimado bispo de S. Paulo.

Infelizmente os desmentidos que a essa noticia se seguiram tiveram de ceder á confirmação da primeira nova, que era a verdadeira.

O bispo de S. Paulo, fôra a Roma em visita *ad sacra limina apostolorum* e no dia 16 de julho partia de lá com destino a Milão, Turim, Alexandria e Genova, onde embarcou para a Hespanha. Voltando em seguida a Genova, ali tomou o vapor « Sirio », com destino ao Brasil, em companhia do seu secretario, padre Manoel Vinheta. Vinha tambem a bordo o arcebispo do Pará D. José Marcondes Homem de Mello, que ja fôra seu companheiro de viagem na ida e que elle ajudara a sagrar em Roma algum tempo depois de chegados.

O naufragio deu-se quando menos se esperava, de dia e com um tempo admiravel. Mal puderam, no entanto, alguns passageiros munir-se de salva-vidas. O navio, que batera numa rocha, sossobrava dentro de poucos instantes. O bispo de S. Paulo estava no numero dos que se viram sem meio algum de salvação. Conta o arcebispo do Pará que os dois se achavam juntos ainda a bordo, quando veiu uma onda que os levou para o fundo do mar a ambos, não voltando mais á tona o seu companheiro de infelicidade.



D. José de Camargo Barros, Bispo de S. Paulo.

D. José de Camargo Barros contava quarenta e oito annos de edade.

Foi verdadeiramente estimado como simples sacerdote e depois como prelado, tendo sido bispo do Paraná antes de vir para a diocese de S. Paulo. Era de um grande zelo pelas coisas da igreja e tinha excellentes qualidades de coração.

Conselheiro Olegario

Falleceu a 10 de Agosto na idade de setenta e oito annos o Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Presidente do Supremo Tribunal Federal, um dos luminares da magistratura e das letras

juridicas de Brasil. Promotor Publico em 1849, aos 21 annos, percorreu todos os estadios de sua nobre carreira. Foi Juiz da 2ª Vara do Commercio nesta Capital, Desembargador de Relação de S. Paulo e depois da Relação da Côrte, de que foi presidente. Em 1886 foi elevado ao Supremo Tribunal de Justiça, cargo em que se aposentou por ter sido mais tarde nomeado Conselheiro de Estado.

Na situação liberal inaugurada em 1878 o Conselheiro Olegario foi Deputado Geral em duas legislaturas e Presidente da provincia de Minas Geraes.

O Imperador tinha em grande conta o seu saber juridico e era corrente que ouvia sempre a sua opinão sobre os assumptos desta natureza. Talvez por isso o Conselheiro Olegario vivia muito junto do Paço, sendo gentil-homem da Imperial Camara, Veador da Imperatriz e grã-cruz da Ordem de Christo do Brasil e da de N. S. da Conceição da Villa Viçosa de Portugal.

Quando no novo regimen se organizou o Supremo Tribunal Federal, o Conselheiro Olegario foi de novo chamado ao serviço publico, sendo nomeado para um dos cargos de Ministro dessa alta corporação, que o elegeu vice-presidente e depois presidente, ha cerca de qualorze annos.

Além de toda essa vida votada á magistratura, o Conselheiro Olegario muito se dedicou ao Instituto Historico e Geographico, que tambem presidio.

São numerosos os trabalhos que elle deixa impressos, muitos dos quaes espalhados nas paginas do *Direito*, *Gazeta Juridica*, e na *Revista*, do Instituto Historico.

Dr. Fausto Cardoso

Foi morto a 28 de Agosto em Aracajú, capital do Estado de Sergipe, de que era filho e representante na Camara dos Deputados, o Dr. Fausto de Aguiar Cardoso.

Tendo sido deposto do cargo de presidente daquelle Estado o Snr. Guilherme Campos, o Congresso Nacional, consultado pelo Presidente da Republica, votou pela reposição da dita autoridade.

O governo federal determinou então ao general Firmino Rego, commandante do 3º districto militar, que procedesse a essa reposição.

No momento em que o general dava execução ás ordens do governo, apresentou-se no palacio da presidencia o Dr. Fausto Car-

doso, alma do partido que promovera a deposição do Snr. Guilherme Campos, e quando elle ja se retirava veiu uma bala que o feriu de frente, sendo o ferimento mortal.

A explicação que as autoridades déram do facto é que este se produzira por simples casualidade, na occasião em que uma praça inexperiente levava a arma ao hombro. Essa explição, porem, não pareceu satisfatoria á opinão publica.

O Dr. Fausto Cardoso grangeara fama em todo o paiz com o seu ardoroso temperamento de polemista e os brilhantes recursos oratorios que possuia, de modo que a morte delle causou uma consternação geral.



Dr. Fausto Cardoso.

Alem de seus discursos parlamentares, deixa o Dr. Fausto Cardoso alguns livros e escriptos, na sua maior parte philosophicos, que confirmam no terreno das idéas a fama de talento que elle grangeara como homem politico.

Dr. João Martins Teixeira

Com 58 annos de edade falleceu em Nitheroy a 18 de setembro o Dr. João Martins Teixeira, lente da cadeira de phisica medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Natural de Cabo Frio, tendo feito nesta Capital os seus estudos secundarios, formou-se em medicina em 1871 e desempenhou depois varias commissões. Com tal distincção nellas se houve, que grangeou desde logo reputação pouco commum, ainda melhor confirmada depois com a publicação que fez de varias obras, muito bem recebidas no nosso meio scientifico.

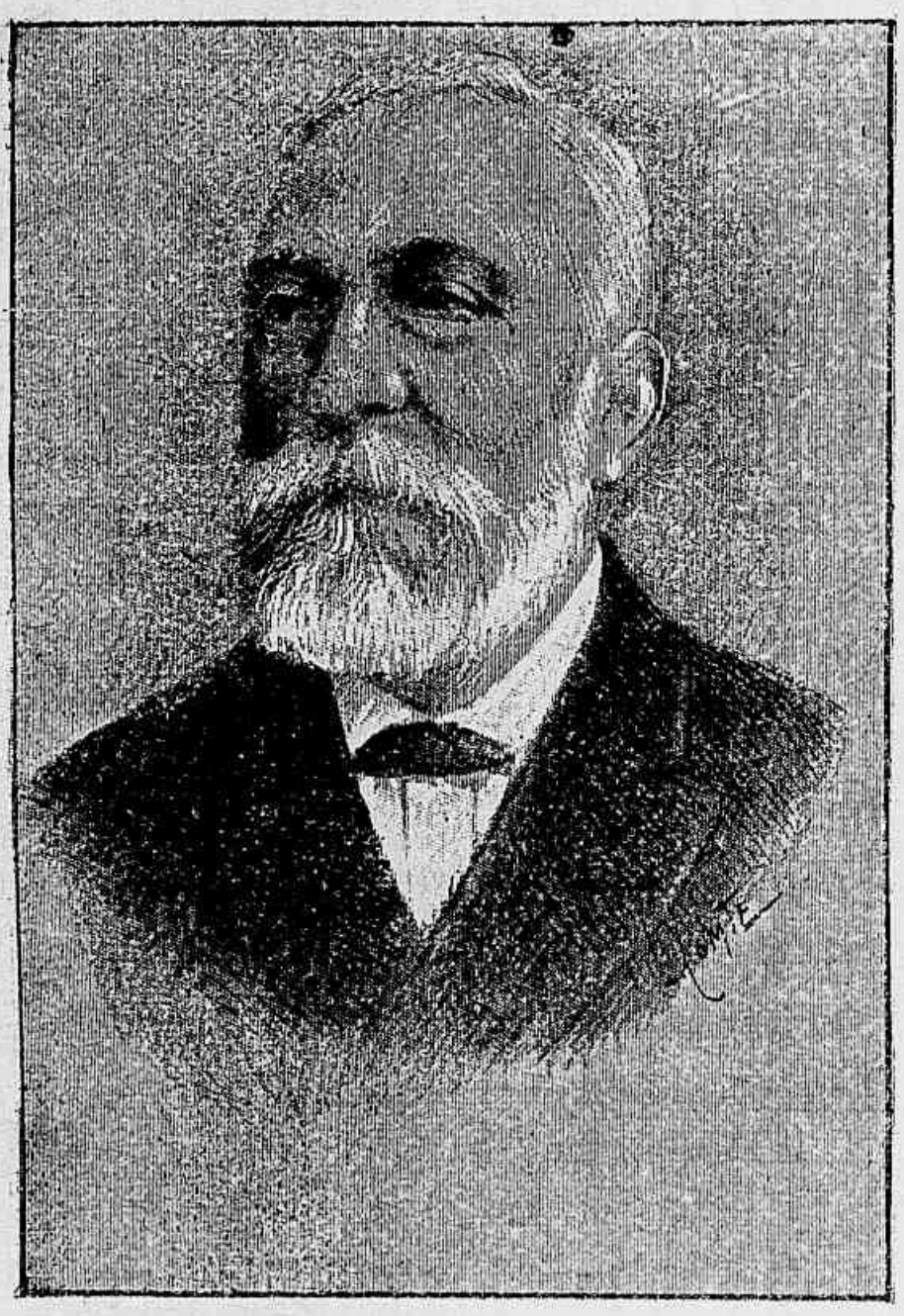
Tendo a palavra fluente, professava suas lições sempre ouvido com vivo interesse. Supprimida a cadeira que lhe cabia na Faculdade de Medicina, fundou um curso particular para o ensino da sciencia, curso que funccionou sempre com grande numero de alumnos.

O Dr. João Martins Teixeira foi eleito deputado federal e serviu na legislatura passada.

Dr. Benicio de Abreu

Era um nome abençoado por muitos e bem quisto por todos o do Dr. José Benicio de Abreu, fallecido no Rio de Janeiro a 1° de Outubro.

Tenaz e atroz enfermidade minara de ha muito o seu organismo, envelhecendo-o prematuramente e quebrando-lhe a energia de que fôra vivo exemplo.



Dr. Benicio de Abreu.

Formou-se em 1874 e contava actualmente cincoenta e seis annos de edade.

Desde o anno seguinte ao de sua formatura era admittido como adjunto no Hospital da Misericordia. Nesse vasto campo de ensinamento clinico completou e aperfeiçoou elle seus estudos academicos.

Conquistava em 1878, por brilhante concurso, um dos lugares de substituto da Faculdade de Medicina e poucos annos depois era nomeado lente cathedratico de pathologia, cadeira que trocou pela de clinica medica.

Os numerosos discipulos que fez, alguns dos quaes vieram a ser verdadeiras illustrações medicas, testemunham a sciencia e o zelo com que Benicio de Abreu professou.

Sua carreira de clinico foi das mais gloriosas que tenha havido entre nós. Pelo seu admiravel tino medico e o seu saber solido, tournou-se autoridade incontestavel na corporação medica brasileira.

Era de um desinteresse, dedicação e caridade pouco communs. Ao seu consultorio concorriam enfermos de todas as condições, que eram attendidos egualmente.

Benicio de Abreu deixa, por isso, de si, a mais saudosa e mais bella memoria.

O tempo vôa para quem goza, e se arrasta para quem padece.

M. DE MARICÁ.

Domingos Olympio

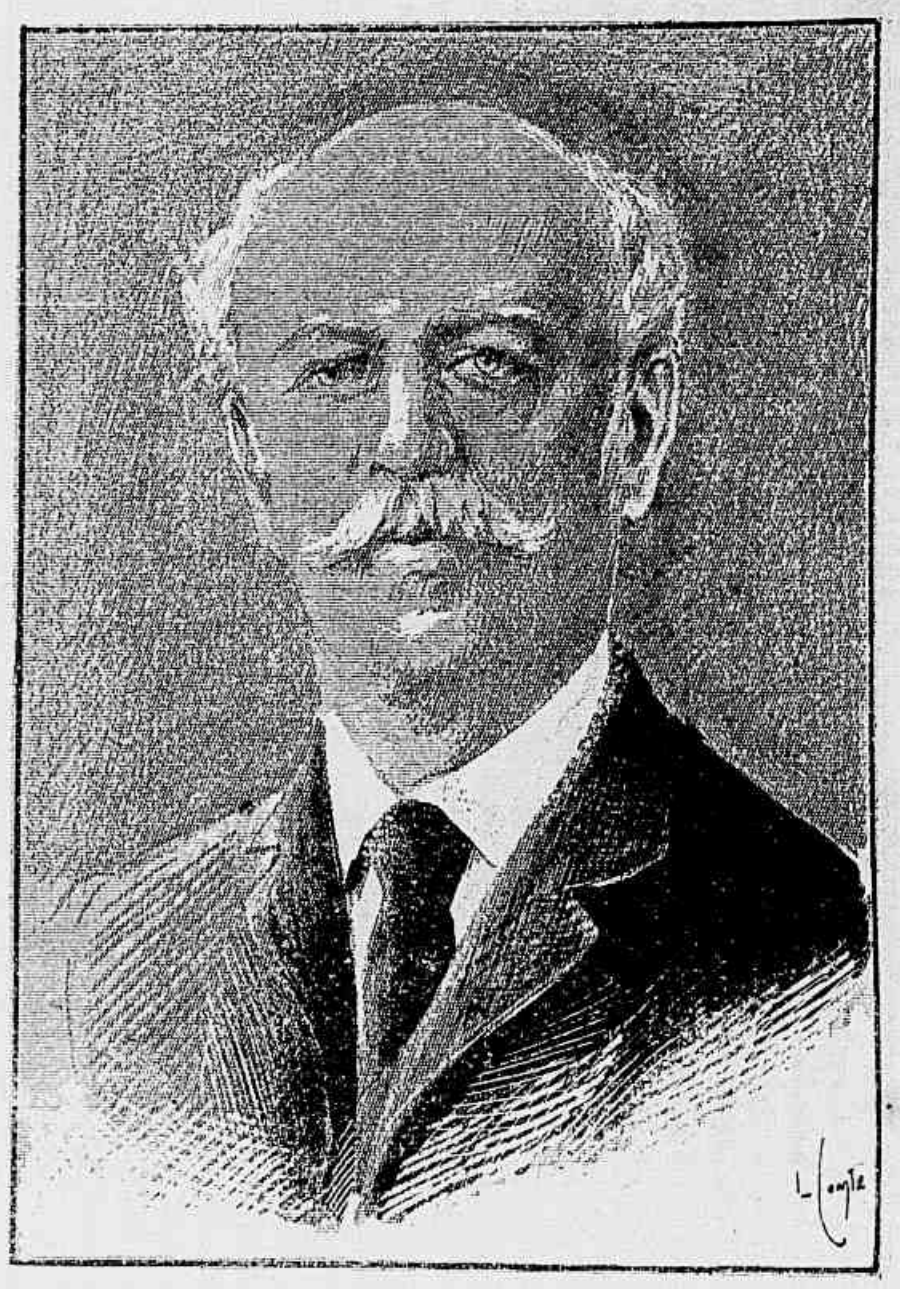
Falleceu a 6 de Outubro no Rio de Janeiro o Dr. Domingos Olympio Braga Cavalcanti, uma das individualidades intellectuaes que neste momento mais se achavam em evidencia entre nós. Sua morte, que se deu subitamente, causou consternação geral.

O Dr. Domingos Olympio nasceu em Sobral, Estado do Ceará, a 18 de Setembro de 1850.

Formou-se em direito, no Recife, em 1873.

Viveu em provincia, em seu Estado natal até 1879 e depois no Pará até 1891, seguindo a profissão de advogado e sendo ao mesmo tempo jornalista.

Nesse ultimo anno veiu de mudança para o Rio, onde montou banca de advogado e continuou na carreira jornalistica escrevendo para differentes jornaes.



Domingos Olympio.

Em 1904 fundou uma revista semanal, *Os Annaes*, revista de feição mais predominantemente literaria, que se sustentou com verdadeiro realce até ao dia de sua morte. O Dr. Domingos Olympio foi tambem diplomata, tendo feito parte da missão encarregada de defender os interesses do Brasil na nossa questão de limites com a Republica Argentina, questão que se decidiu em Washington.

Alem de advogado de merito e de jornalista particularmente brilhante e corajoso, o Dr. Domingos Olympio foi um fino literato. O seu romance *Luzia-Homem* consagrou-lhe definitivamente o nome. Elle publicou n'*Os Annaes* outro romance *O Almirante*, que, segundo dizem, é a confirmação das qualidades de escriptor que se encontram naquella sua outra obra, tão francamente sanccionada.

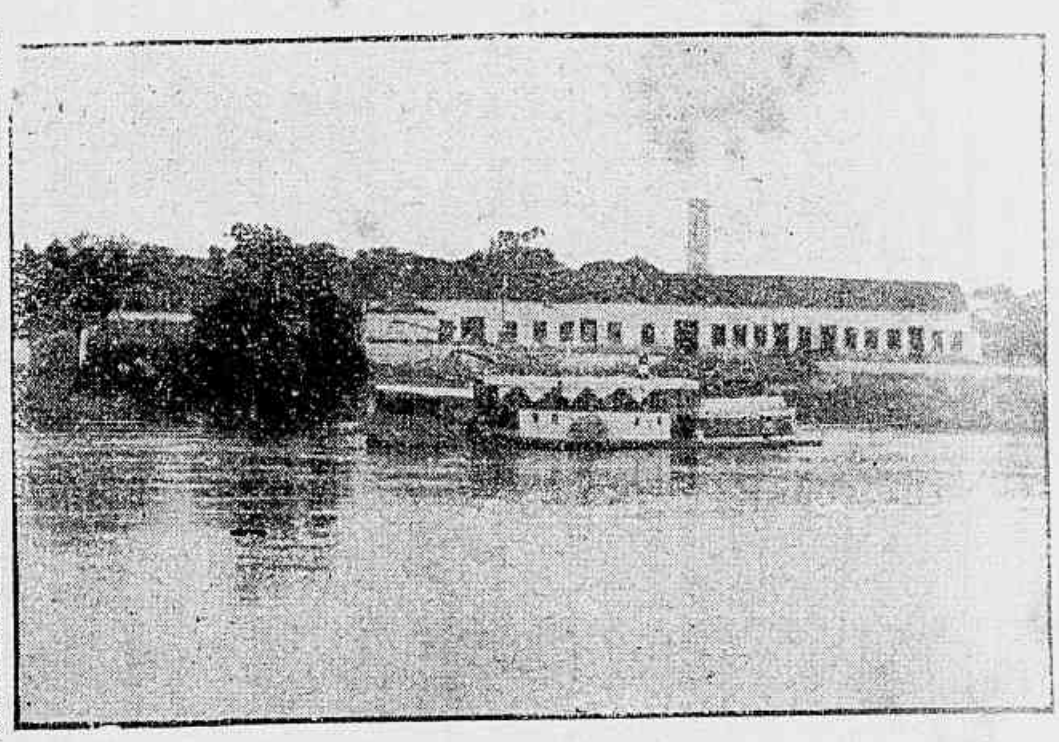
Estava publicando agora *O Mirapurá*, uma novella. Deixou ineditos *O Negro*, romance de costumes cariocas, e um outro de costumes pernambucanos. Tinha quasi concluida a *Historia da missão de Washington*. A estas bellas qualidades, o Dr. Domingos Olympio alliava a de uma verdadeira bondade, que o tornava querido de toda sociedade em que podia ter occasião de se revelar mais intimamente.

Matto Grosso

As gravuras aqui juntas representam dous dos aspectos da longinqua região do Matto Grosso, tão interessantes pelo pittoresco d'aquellas paragens. Uma é a escola de Aprendizes marinheiros, debruçada sobre o formoso rio que banha



Matto Grosso
Cuyabá: Igreja do Rosario.

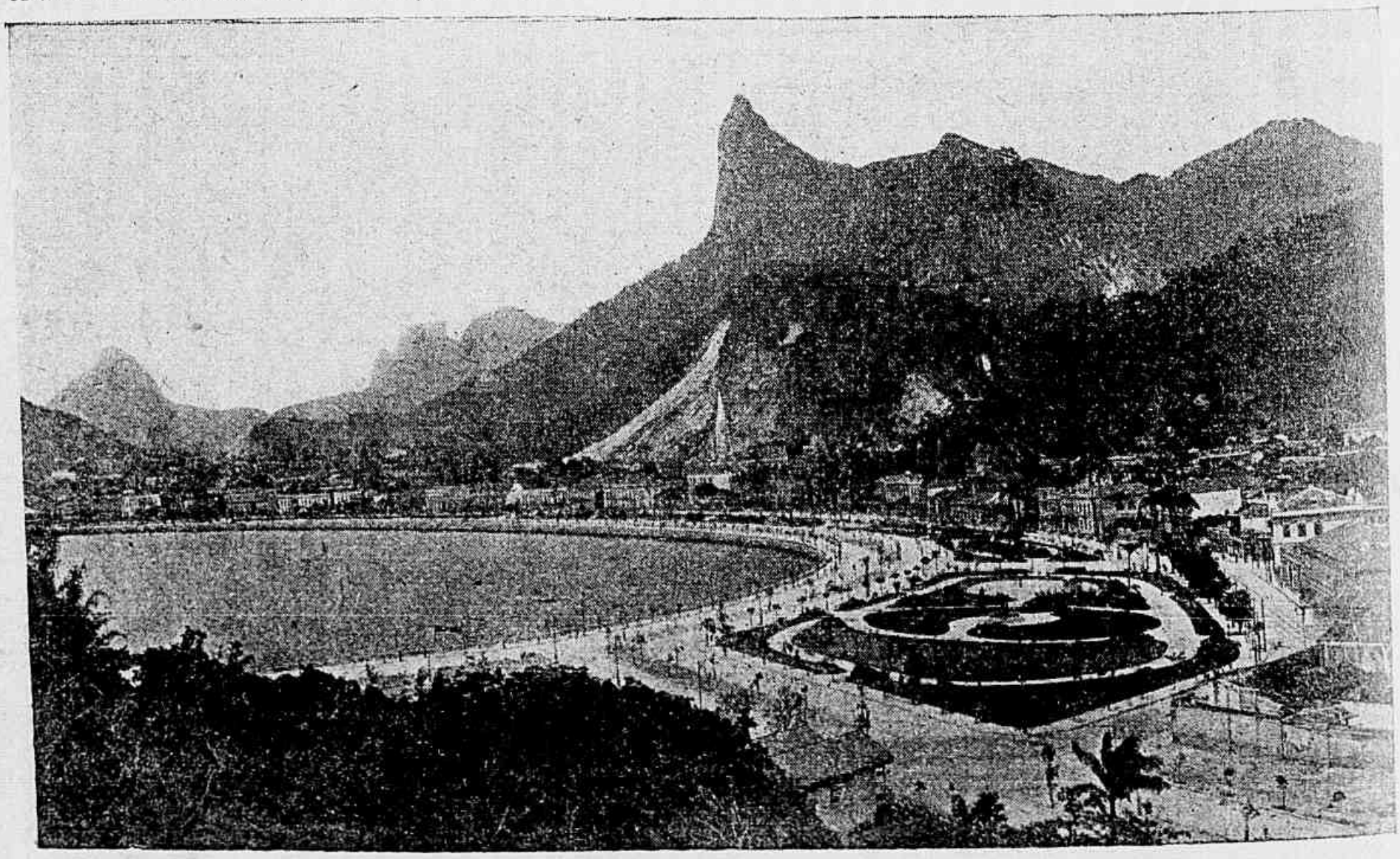


Matto Grosso
Cuyabá: Escola de aprendizes marinheiros.

Cuyabá; para Matto Grosso ainda ha pouco foi mandada parte da flotilha do Uruguay e ahi talvez é que deverá ficar permanentemente, se fôr reorganizada. A outra estampa é uma curiosa rua do interior, a rua de 15 de novembro da Villa do Rosario: o velho casario rustico sobre terreno sem nivelamento é uma imagem que se repete em todos as cidades e aldeias do Brasil sertanejo.

A Avenida Beira-mar

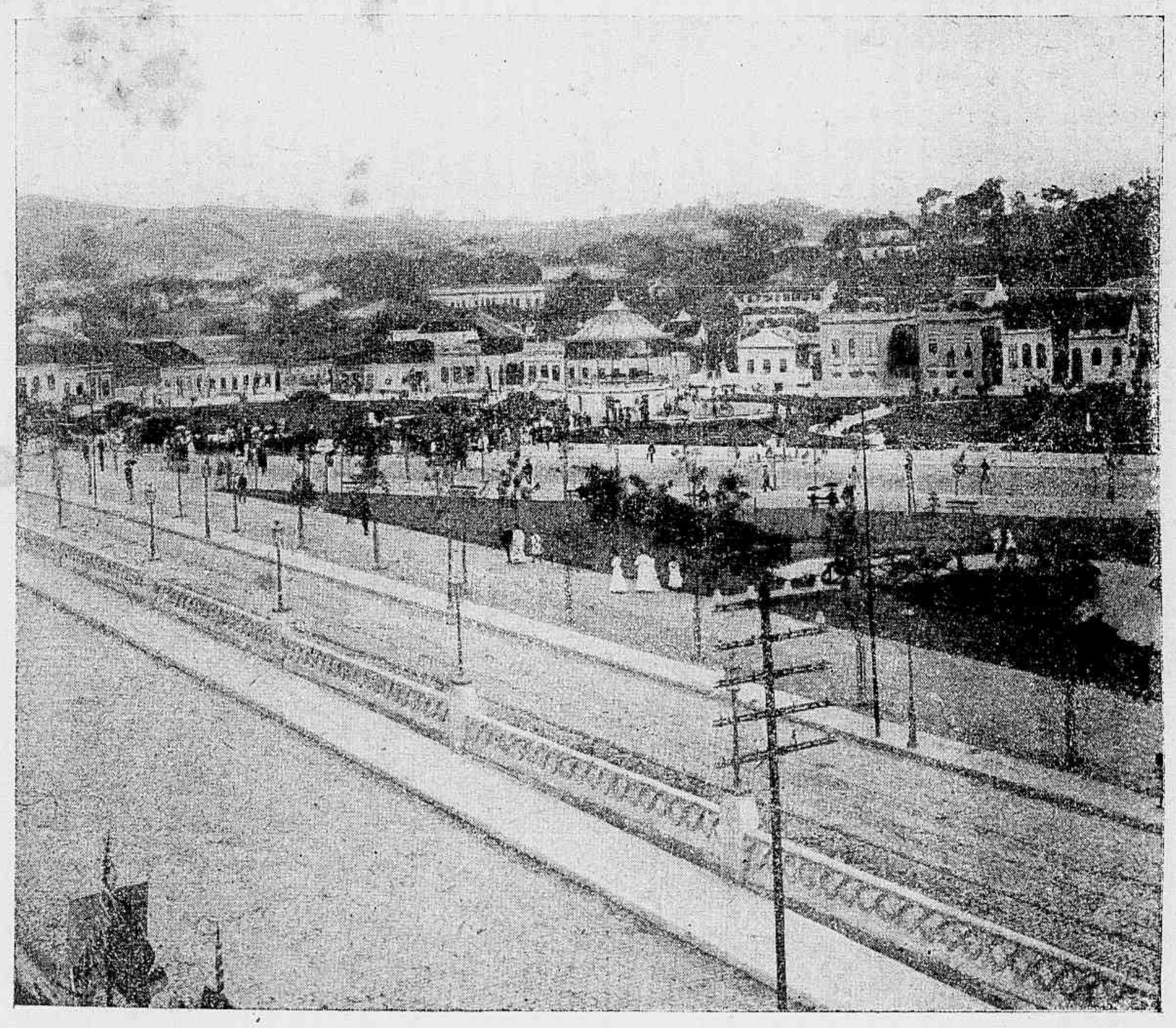
A Avenida Beira-mar, em toda a sua extensão, vem da praia de Botafogo até a Avenida Central, acompanhando o litoral daquella mesma bahia, entrando por



Avenida beira mar.

traz do morro da Viuva, e estendendo-se de novo ao correr das praias do Flamengo e Lapa. E' uma das obras mais importantes que se tem realizado no Rio de Janeiro ultimamente e o director de sua Empreza Constructora, o dr. Mario Rôxo, terá, para sempre, o seu nome ligado á historia dessa cidade.

A Avenida Beira-mar vae da rua Chile, ponto extremo da Avenida Central, ao



Avenida Beira mar.

fim da praia de Botafogo, acompanhando sempre o litoral, excepto um espaço de 500 metros que corre por traz do morro da Viuva. A sua largura é de 33 metros, e a sua extensão total, de 5.200 metros.

E' talvez o mais bello passeio do mundo, pois que é difficil suppôr que de outro qualquer se possam gozar tão surprehendentes perspectivas como as que nos offerecem o golfo de Guanabara cercado de seus accidentados picos de granito e montes de vegetação verdejante, sob céo tão luminoso e bello. Mais tarde é provavel que se ligue a Avenida Sul com a do Norte que está sendo construida com o novo porto o que duplicará os cinco kilometros já ajardinados.

Em policia correccional :

— Accusado, vosso domicilio?

— Posta restante, sñr juiz!

O PORTO DA BAHIA

Entre o governo de D. João VI e a época actual — de renascimento commercial e economico do Brazil — houve na nossa evolução a descontinuidade esteril que o espasmo da monarchia infecunda preencheu durante um semi-seculo.

A actividade dos primeiros governos da Republica reduziu-se ao estabelecimento definitivo dos problemas politicos que a nova ordem de coisas determinou.

Mas, considerando o regimen, applacadas as divergencias e terminados os conflictos civis, cumpria aos homens dirigentes encarar de frente a solução dos problemas materiaes e economicos deste rico paiz.

Ao Sr. Campos Salles coube a tarefa difficil do restabelecimento do credito, que em dez annos de perturbações internas ficara deploravelmente abalado. O estadista que o succedeu na gestação do governo, soube, gloriosamente, transfundir os resultados assombrosos de uma sabia administração financeira em melhoramentos e obras decisivas para o nosso progresso moral e material.

O decreto de 1808, com que o monarcha portuguez, ao chegar á bahia de S. Salvador, abriu os nossos portos ao intercambio commercial, foi só no quatriennio do Sr. Rodrigues Alves que assumiu as proporções de um acontecimento definitivo. O inicio das obras do porto do Rio de Janeiro e os contratos assignados para execução de obras identicas em varias cidades da carta maritima da Republica, assignalam uma época em que as nossas energias adormecidas começam a reviver para commettimentos incalculaveis. A circulação dos nossos productos nos mercados estrangeiros, a attracção da corrente emigratoria para as nossas terras fecundas, representam mais do que um simples beneficio parcial, um bem de que a humanidade inteira vai usufruir.



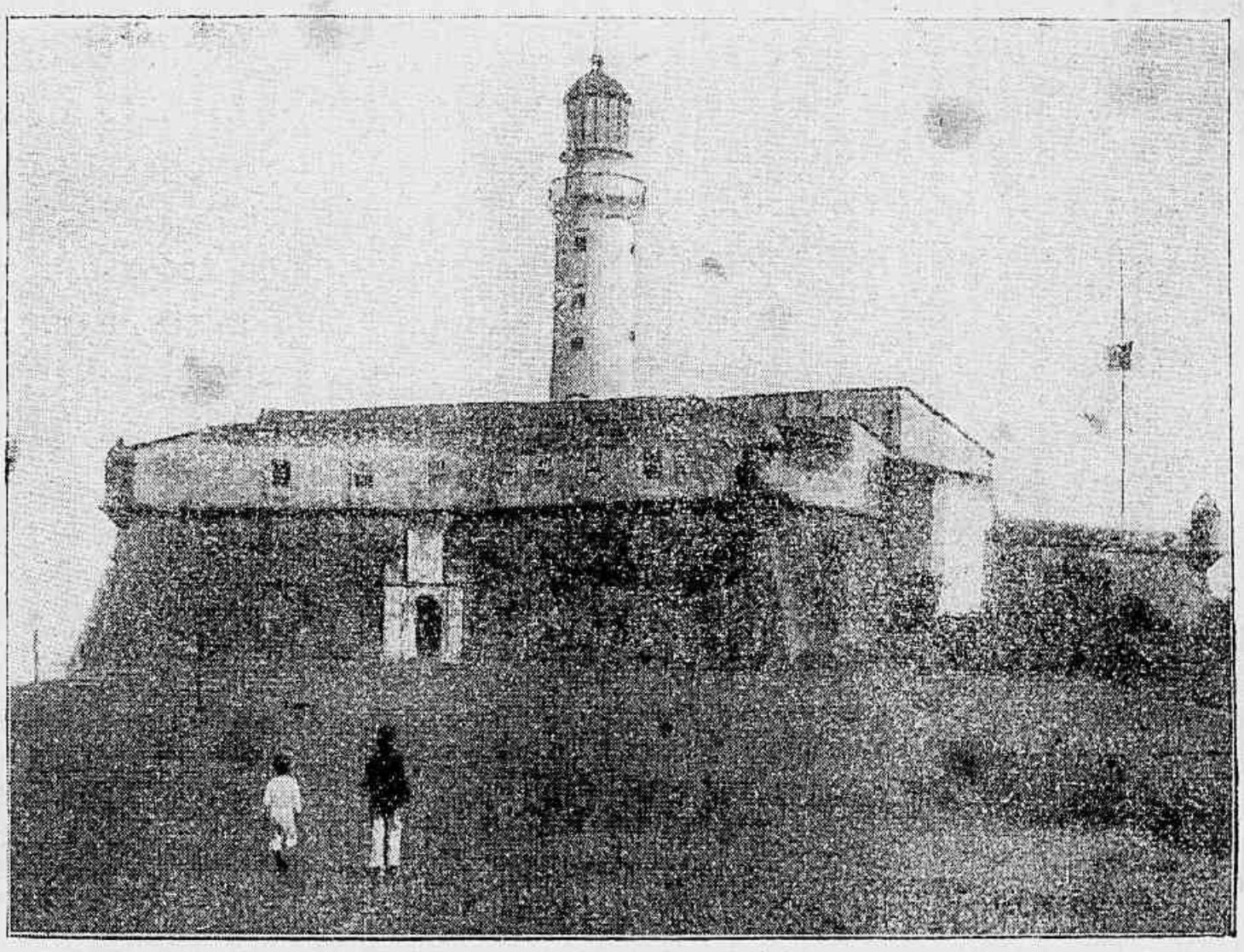
Bahia. — Vista de Barra.

E' essa, pois, a maior gloria do quatriennio fecundo, que findou entre os applausos da opinião agradecida do paiz, e alargou fóra de nós o circulo das sympathias internacionaes.

Dentre todos os melhoramentos desse genero, devidos á iniciativa do governo passado, occupa logar proeminente a inauguração das obras do porto da Bahia.

Terceiro emporio commercial da Republica, centro politico da mais culminante importancia, escrinio de gloriosas tradições nacionaes, terra de futuro animador pela sua fertilidade e pela esthesia dos seus panoramas empolgantes, a Bahia é um dos Estados mais primorosos do Brazil, e a sua capital tem direito a aspirar uma das primeiras classificações entre as mais

seductoras cidades da America do Sul. A construcção do seu porto está ligada, porêm, á realização desses vaticinios animadores. O saneamento e o embellezamento da cidade, concorrendo para attrair e fixar o estrangeiro, serão consequencias immediatas dessa obra portentosa, que em poucos mezes estará iniciada e, dentro de alguns annos, mais, definitivamente concluida. Então, á cidade de hoje, primitiva ainda, substituirá uma famosa metropole, animada pela circulação commercial, re-



O Pharol da Barra.

commendavel pela sua salubridade, e offerecendo aos que lhe dedicarem as suas actividades fecundas a compensação das suas encantadoras paizagens, a hospitalidade dos seus naturaes e as doçuras do seu clima.

*

Datam de mais de trinta e sete annos os esforços para a construcção do porto da Bahia.

A' companhia dos diques mecanicos, cujo contrato caducou em fevereiro de 1871, succedeu a empreza de Francisco Ignacio Ferreira e Manoel Ignacio Ferreira, que, munida de privilegio para a carga e descarga das docas e armazens, que construissem no porto da Bahia, tentou levan-

para esse fim os capitaes necessarios na praça de Londres. Mas esse tentamen por sua vez naufragou. Pouco tempo depois apparecia nova proposta para execução dessas obras, e nao foi levada a effeito, porque proprietarios de edificios que orlavam o caes na cidade da Bahia, reclamaram contra a desapropriação dos seus immoveis.

A actual companhia cessionaria das docas do porto da Bahia obteve, por decreto de 21 de agosto do corrente anno, a innovação do contracto celebrado em 1891.

Por effeito dos seus compromissos a companhia cessionnaria obriga-se a construir a obra do porto da Bahia em seis annos (prazo minimo), isto é, os trabalhos devem estar concluidos em 31 de dezembro de 1912.

A companhia terá o uso e gozo das obras pelo prazo de sessenta annos, até 31 de dezembro de 1972, revertendo as obras, no dia 1 de janeiro de 1973, para o dominio da União, conjuntamente com terrenos, bemfeitorias, material rodante e fluctuante, sem indemnização alguma.

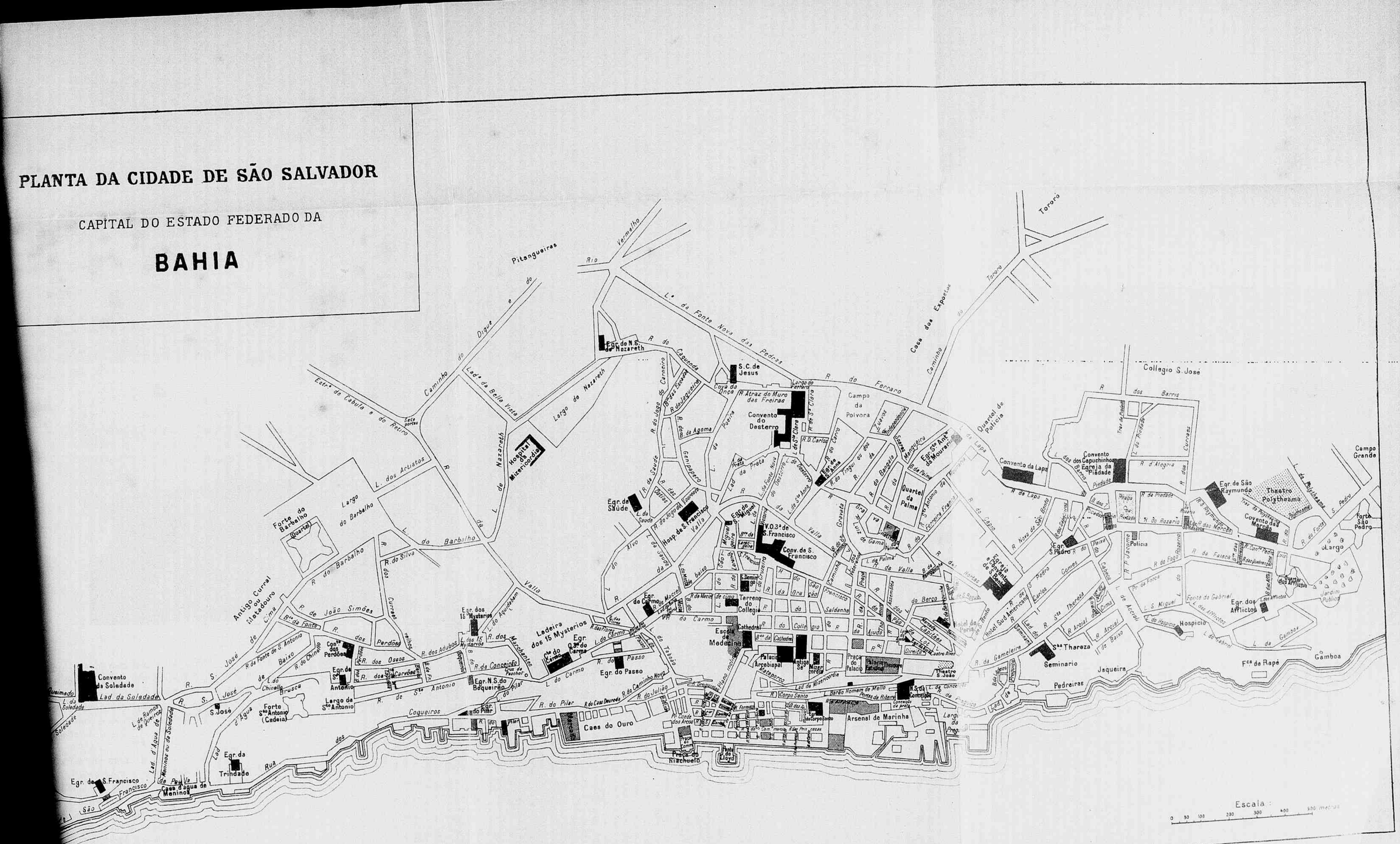
Para dar execução ao seu contrato, partiu ha um anno para Europa o Dr. Magalhães Castro, que foi levantar os capitaes necessarios á empreza.

Graças aos esforços intelligentes que

PLANTA DA CIDADE DE SÃO SALVADOR

CAPITAL DO ESTADO FEDERADO DA

BAHIA



empregou, constituiu o emprestimo de 75.000.000 francos com a Banque Etienne Müller, do qual já a primeira emissao está combinada no valor de £ 1.200.000.

O illustre presidente da Companhia Cessionaria das Docas da Bahia contratou tambem em Paris a construcção de docas com a Compagnie des Travaux Publics.

Os trabalhos technicos estão confiados aos engenheiros francezes Mrs. Quellenec (chefe de commissão), nome reputado e firmado nas obras de alargamento do canal de Suez, nas quaes serviu como consultor technico, e Pierre Renard e René Chauvin.

A comitiva que partiu do Rio de Janeiro para assistir á solemnidade da inauguração das obras do porto, trouxe as melhores impressões da recepçao que teve na capital do glorioso Estado, e da hospedagem captivante que lhe offereceu naquella cidade a directoria da companhia cessionaria, representada pelo Dr. Magalhães Castro (presidente) e commendador Augusto Ferreira (thesoureiro).

O Dr. Magalhães Castro, cuja estada na Europa foi toda consagrada ao exito da empreza, contratou o material necessario aos primeiros trabalhos do porto, constante de duas dragas de succão, quatro grandes batelões e os rebocadores para acilitar o serviço.

*

Quaes são as linhas geraes do projecto do porto da Bahia?

Eis o que tem todo o interesse para o publico, que se deve ufanar sempre da realização desses emprehendimentos entre nós, e para os profissionaes, a quem cumpre aquilatar do valor dessa obra.

Por decreto de 6 de junho de 1905 foram approvados todos os projectos e estudos da construcção do porto.

A companhia das docas vai executar na Bahia dois generos de obras: a de defesa do porto e o cáes propriamente dito, com seus armazens, depositos e outros accessorios.

As obras de defesa constam: 1·, quebra-mar — 1· trecho, obra de alvenaria, assentando sobre um alicerce de enrocamento, com uma extensão de 325 metros, estendendo-se em direcção rectilinea a partir da extremidade sul do Arsenal de Marinha. Esta obra fica enraizada á terra e tem uma direcção mais ou menos normal ao cáes do Arsenal.

2º trecho, construcção identica, porém não enraizada á terra. Tem um comprimento de 915 metros e dista de 170 metros do extremo sul do cáes. Sua extremidade sul fica no alinhamento da face meridional do edificio da Alfandega.

Esse quebra-mar constitue a obra de defesa externa do porto. O outro quebra-mar é interior, tem 1.295 metros de comprimento, afasta-se do primeiro, ficando entre os dois uma entrada minima de 350 metros, que dá accesso aos navios procurando atracar ao cáes, e que ao largarem do porto demandarão a barra, não mais por aquella passagem, mas pelo lado norte do segundo quebra-mar.

No primeiro trecho do quebra-mar situado ao S. proximo do Arsenal de Marinha, será montado um pharol giratorio.

As obras do cáes propriamente dito constam:

1· trecho — Cáes acostavel, que parte da extremidade sul do edificio da Alfandega com uma extensão de 658 m., cujas fundações assentam a 6 m. 50, em relação á baixamar. Esse cáes destina-se a navios de cabotagem com esse calado.

2· trecho — Cáes tambem acostavel, com um desenvolvimento de 1.342 metros, cujas fundações assentam a 9 m. 50 do mesmo plano de referencia. Destina-se aos navios transatlanticos.

A esse segundo trecho do cáes segue-se um cáes provisorio de saneamento, de 1.480 metros, para o lado norte da Bahia, e destinado a proteger o aterro do litoral por onde se estenderão as linhas de communicação do cáes com a Estrada de Ferro Bahia ao S. Francisco.

O 1· e 2· trechos do cáes serão construidos sobre fundações de enrocamento, e a muralha será feita de blocos de concreto e de alvenaria. O cáes de saneamento será todo de enrocamento.

As obras accessorias comprehendem :

a) Um dique de 150 por 20 metros para reparação dos navios.

b) Uma doca para embarcações pequenas.

c) Quinze armazens com uma superficie util de 100 metros por 20, para mercadorias, apparelhos com guindastes e linhas ferreas ligadas á Estrada de Ferro Bahia ao S. Francisco, locados no primeiro e segundo trechos do cáes descripto.

d) Dois depositos de carvão de 100 metros por 50 de capacidade e dois depositos das mesmas dimensões para inflammaveis, locados no cáes de saneamento.

A area de terrenos accrescidos é de 125 a 150 metros, sendo a maior parte na faixa fronteira ao edificio da Alfandega.

Pelos estudos procedidos, chegou-se ao resultado satisfatorio que a cubação das dragas excede a dos aterros a executar; decerto não será necessario fazer movimentos de terra fóra da zona das obras.

Eis aqui tão completa quanto nos foi possivel obter, uma descripção satisfatoria das obras a que vai proceder no porto da Bahia, com seguro exito, a Companhia Cessionaria das Docas.

A Caixa de Amortização

O edificio da *Caixa de Amortização* é um dos mais soberbos e ricos da Avenida Central e o unico talvez em que com escrupuloso rigor se observaram as linhas do puro estylo classico. A sua impressão é magnifica e tanto o exterior como o interior revelam o alto gosto e competencia dos seus constructores. Projecto e pormenores

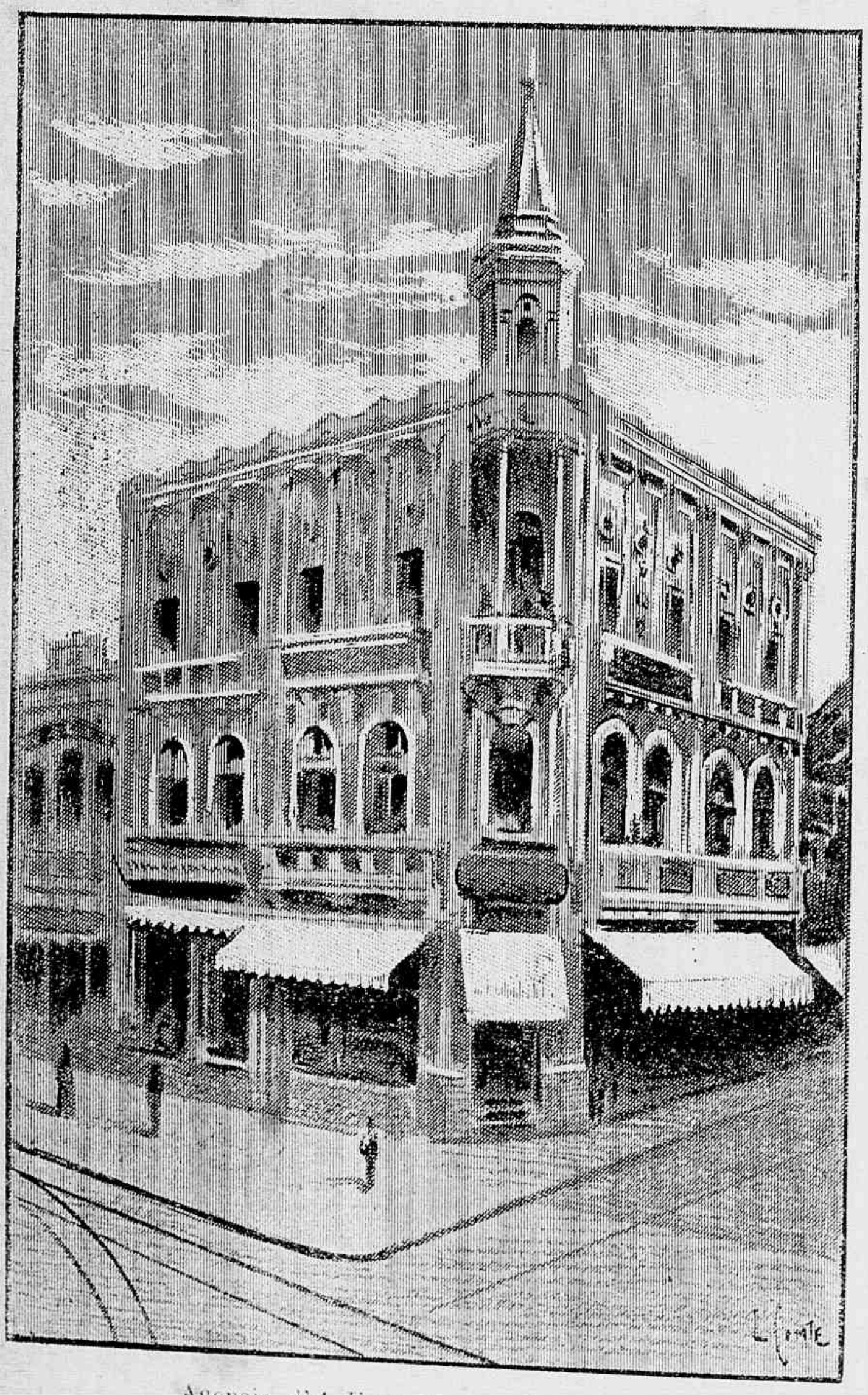
Caixa de Amortização.

foram ideados pela Commissão da Avenida Central, sob a inspiração do Dr Paulo de Frontin, o vulto mais notavel da engenharia brasileira; foram seus auxiliares Dr Gabriel Junqueira, Dr José Dunbam, sendo o director das obras o Dr Henrique Couto Fernandes.

Companhias de seguros

Segundo o *Relatorio* apresentado pelo Sr. Dr. Pedro Vergne de Abreu ao Sr. Ministra da Fazenda, sabemos o seguinte.

A 31 de Dezembro desse anno funccionavam no Brasil 36 companhias nacionaes de seguros maritimos e terrestres e 13 extrangeiras. As nacionaes representavam o capital realizado de 20.331:455$ com as reservas de 9.178:755$934 e as extrangeiras tinham o capital realizado no Brasil de 200:000$, não consignando os quadros quaes as suas reservas no Brasil.



Agencia d'*A Equitativa* em S. Paulo.

Os depositos feitos por essas companhias no Thesouro Federal são de 5.603:335$, sendo das nacionaes 4.950:000$ e das extrangeiras 653:335$000.

Tem séde no Rio de Janeiro 16 companhias, no Pará 7, no Maranhão 2, em Pernambuco 4, na Bahia 2, no Rio Grande do Sul 5, na Inglaterra 7, na França 1 e na Allemanha 5.

O total dos valores segurados era de 2.738.633:960$ e dos premios recebidos de 14.359:566$672.

Os valores segurados decompõem-se em 2.252.354.527$ nas companhias nacionaes e 476.279:433$ nas companhias extrangeiras; e os premios recebidos em 12.274:889$ pelas companhias nacionaes e em 2.084:664$ pelas companhias extrangeiras.

A importancia dos sinistros pagos em 1905 foi de 7.344:056$, sendo 6.286:251$ pelas companhias nacionaes e 1.057:804$ pelas companhias extrangeiras.

Todas as companhias, menos duas, deram dividendos no exercicio na importancia total de 1.733:288$, sendo 799:634$ das companhias com séde no Rio de Janeiro.

As companhias de seguros de vida que funccionavam a 31 de Dezembro de 1905, data do fecho do *Relatorio*, foram em numero de cinco, sendo quatro nacionaes e uma extrangeira. Quatro dessas companhias, inclusive a extrangeira, operam pelo systema de mutualidade e uma tem o capital realizado de 500:000$000.

As reservas technicas das companhias nacionaes eram de 23.721:322$ e as da companhia extrangeira 663:842$000.

Nesse anno de 1905 as quatro companhias nacionaes effectuaram seguros de vida na importancia de 43.131:504$ e a companhia extrangeira na de 7.804:689$. Os seguros em vigor tomados pelas companhias nacionaes representam a importancia de 152.154:536$ e os tomados pela companhia extrangeira a importancia de 12.959:046$000.

Os sinistros pagos importaram em 2.873:542$, sendo pelas companhias nacionaes 2.787:838$ e pela companhia extrangeira 85:704$000.

Balanceada a receita a despeza da Inspectoria de Seguros em 1905, ficou no Thesouro Federal o saldo de 29:820$831.

Novos edificios do Rio

Nos ultimos annos muitos são os edificios do Rio do Janeiro, construidos por emprezas particulares que aos palacios do serviço publico mais recentes podem oppor as suas fachadas architectonicas, bellas ou ricas e sumptuosas. N'este numero se conta o novo edificio do *Jornal do Commercio*, em construcção, que será o mais imponente de todos se algo não vier depois d'elle. O edificio do *Paiz*, com a sua cupola de linha graciosa e não sem imponencia. Elegante e bello é o palacio do Lloyd brasileiro na Avenida Central. Digno de ver-se é um *Magasin* de roupas da rua do Ouvidor, onde, entretanto, pela estreiteza da rua não ha perspectiva para ser devidamente contemplado. Bella fachada é a do novo edificio da *Associação de Empregados no Commercio* na parte que dá para a Avenida Central, muito elegante pelas suas linhas.

Carvão de pedra do Brasil

A commissão de estudos do carvão nacional esteve no Estado de S. Paulo, onde depois de percorrer a região em torno de Pyramboia e visitar o morro do Bofete, em que existem camadas de grez impregnadas de asphalto, irá a Ribeirão Preto e Taubaté, devendo estar de volta ao Rio.

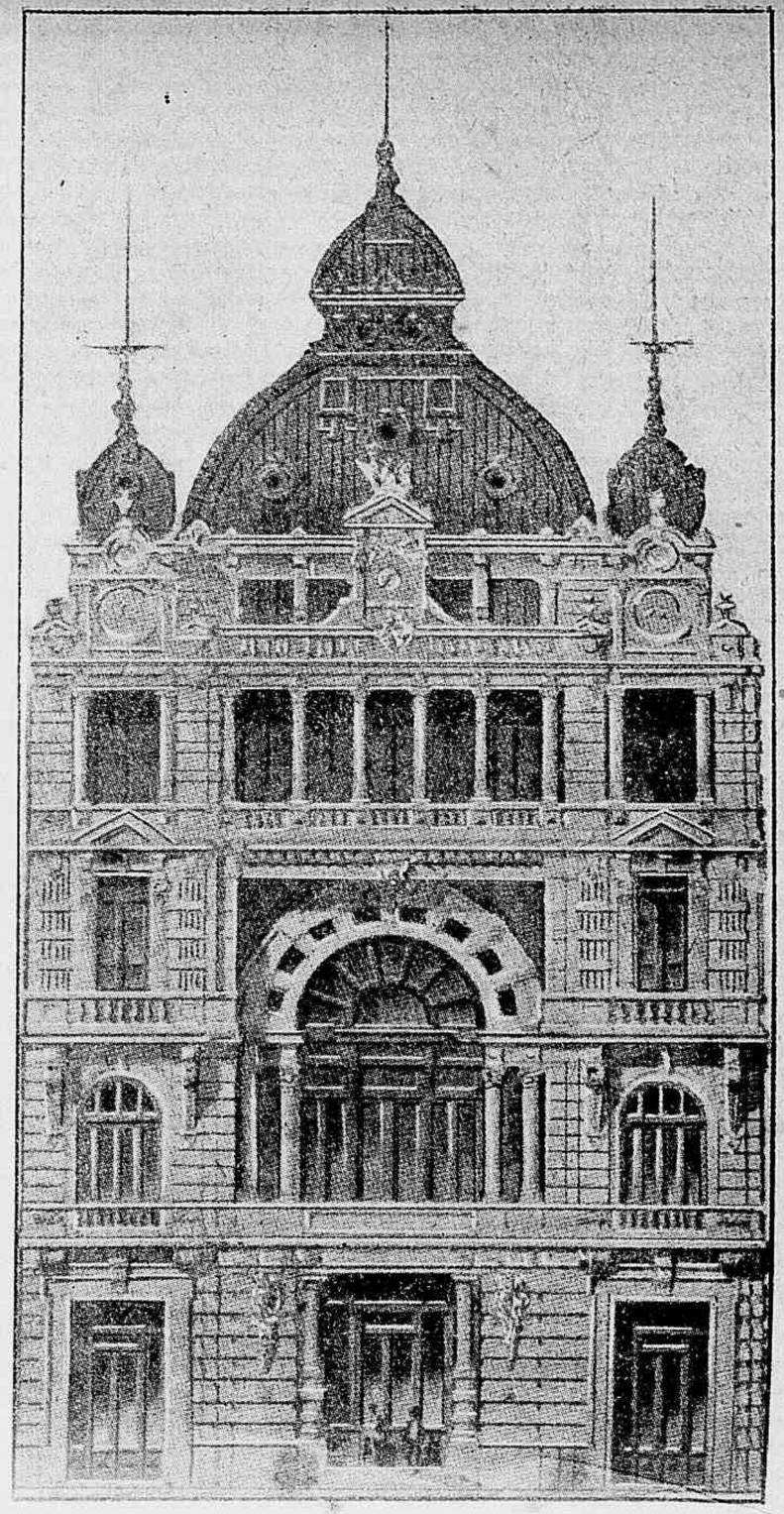
Do relatorio de Dezembro passado, apresentado pelo professor White ao ministro Lauro Müller em 1906, extrahimos os seguintes dados relativos ao Estado do Paraná :

« Foi verificada a existencia de rochas antigas pre-carboniferas ao norte do rio Negro até á região da Lapa. Ao sul dessa e a léste da estrada de ferro apparecem conglomeratos da base do terreno carbonifero, formando extensos alcantis que se superpõem em discordancia aos schistos molles de formação mais antiga.

A descoberta mais importante do mez foi a de conchas fosseis marinhas, caracteristicas do terreno devoniano, que me habilitaram a referir a este terreno (visto como os fosseis se encontram nos schistos do tope desta série) o grez massiço, côr de creme claro e os schistos pardo-escuros, que contém grandes blocos de granito rolado, vistos em Santa Catharina e que se interpõem ao granito da Serra do Mar e ás camadas carboniferas. Colhemos exemplares destas conchas fosseis em Ponta Grossa, Jaguariahyva e Tibagy.



Edificio do *Paiz*. Avenida Central.



Novo edificio da Associação dos Empregados no Commercio. Avenida Central.



Edificio do *Jornal do Commercio.*



Edificio do Lloyd. Avenida Central.

E' possivel que se encontrem camadas mais antigas que a Devoniana no Paraná, mas nada vimos neste sentido.

Examinámos os afloramentos de carvão que ha perto de Teixeira Soares e verificámos serem de poucos centimetros de espessura e, portanto, sem valor commercial, por estarem no extremo léste da borda da bacia, mas é muito provavel que a camada se apresente mais espessa para o oeste, para o centro da bacia.

Fizemos uma excursão ao Porto da União no Iguassú e verificámos que as camadas da formação carbonifera mergulham para baixo do nivel das aguas, entre esta localidade e a cidade do Rio Negro, provalmente perto da embocadura do rio Negro. Constatámos tambem que o conglomerato massiço do tope da serie carbonifiera (Permiana) fórma os picos elevados da Serra da Esperança e a cadêa de altas montanhas ao sul do rio Iguassú. Estas montanhas se elevam de 1.200 a 1.300 metros sobre o nivel do mar, parecendo tão altas como as da região das minas em Santa Catharina.

Affirmam que existem altas montanhas para oeste ao longo do rio Iguassú até sua embocadura, sendo provavel que as camadas carboniferas superiores se estendam até á fronteira oeste do Paraná.

Voltamos a Iraty para colligir mais material do interessante reptil fossil que alli se encontra, e para escolher o local para a sondagem em procura de carvão e petroleo. Fizemos uma boa collecção destes fosseis, conseguindo alguns esqueletos quasi perfeitos.

Esta localidade está bastante distante da borda da bacia, de modo que a sondagem dará solução á questão: se as camadas encontradas na margem leste em Imbituva (Cedro) e Teixeira Soares engrossam para oeste.

Creio que realmente isto se dá, pois que o engenheiro, Cicero de Campos que mandei examinar o carvão ao norte de Tibagy, me communicou que o encontrou alli com 40 a 49 centimetros de espessura, que é o dobro do da região de Imbituva.

Deve se encontrar o carvão em Iraty, entre 100 e 150 metros abaixo da superficie e o mesmo furo póde ser continuado para verificar se ha petroleo nas rochas subjacentes.

A descoberta do grez Devoniano (em que se encontra petroleo na Pensylvania e West Virginia) em grandes areas do Paraná e a profundidade sufficiente para conter petroleo, nos induz a admittir a possibilidade da existencia de petroleo, em quantidade commercial, em alguma área não alterada deste Estado, e Iraty está situado em condições favoraveis para estas investigações.

A sonda Davis Calyx, que é esperada todos os dias dos Estados Unidos, póde sondar até 500 ou 600 metros e com esta profundidade póde se verificar o petroleo em Iraty.

Esperamos que o trabalho de sondagem possa ser iniciado brevemente, pois que o perito americano e seu auxiliar já se acham nesta cidade.

Emfim recebi do Sr. Esser de Kalk, perto de Cologne, na Allemanha, o orçamento e projecto para uma installação de beneficiar 300 toneladas de carvão diariamente, que apresentarei mais tarde a V. Ex.

O manganez como adubo

Os physiologistas admittem, hoje, que o manganez, cuja presença entre vegetaes e animaes era considerada simplesmente como fortuita ou accessoria, é, ao contrario, um elemento indispensavel ao funccionamento da cellula vital. M. Roux, partindo deste ponto, no Congresso Internacional de Chimica Applicada reunido em Berlim em 1903, assignalou o emprego do manganez como fertilisante do solo.

Proseguindo em suas experiencias neste sentido e em trabalhos de laboratorios de outros sabios, entre os quaes japonezes, como Aro Sama e Nagaska, elle verificou que não sómente todas as terras araveis encerram, segundo as analyses de Leclerc, uma proporção natural de manganez, como tambem que si a ellas se ajuntasse uma quantidade desse metal, aliás importando em custo pequeno, poder-se-ia conseguir consideravel augmento da colheita.

Em uma cultura de aveia fez-se a experencia em fevereiro ultimo. O terreno, de uma grande profundidade, era formado de terra argillosa, ligeiramente calcarea. Fez-se a experiencia em duas superficies quadradas, iguaes perfeitamente e medindo vinte ares cada uma. Ambas receberam os adubos habituaes nas mesmas proporções, mas em

uma dellas accrescentou-se uma quantidade de sulfato de manganez secco, correspondente a cincoenta kilogrammas por hectare. Esse sulfato perfeitamente limpo encerrava 31, 18 por 100 de manganez. Cada metro quadrado de terra recebeu 1,6 grammas de metal. A colheita effectuou-se em principio de agosto. Era sensivelmente o mesmo o aspecto das duas superficies, mas as pesadas accusaram notaveis differenças, dando em favor do manganez 22,5 % para o todo da colheita, seja 17,4 para o grão e 26% para a palha.

Segundo M. Roux, ha um caminho novo a seguir no estudo das causas ás quaes se attribue a fertilidade do solo e experimentar, a exemplo do manganez, todos o elementos raros — zinco, iodo, etc.

O ENVOXAL

(Excerpto)

VI

Hás de fasel-o original, e nelle
Porás com'smero todo amor e brílho,
Que em tudo emfim tua alma se revele ;

Faze-o de modo tal que o nosso filho,
Mesmo vestido, se pareça apenas
Velado á luz de lucido polvilho ;

De peças impalpaveis e pequenas,
Do cristalino astral de limphas claras,
Da lactescencia ideal das niveas pennas ;

Com o ondular subtil das fulvas searas,
O póllen de oiro que do sol promana,
C' o sonho branco e virginal das áras :

Com a aurea trama irial de filigrana,
O sedoso aromal de teu cabello.
E os tons violaceos dos pendões de cana ;

Em miniatura, diaphano e singelo,
Hás de fasel-o, com tal mimo e graça
Que se ha de encher de inveja o setestrello ;

Será de tudo o que fluctua e esvoáça,
De imponderavel tulle e gazes finas,
Com transparencias limpidas de taça ;

E tal como a peneira das neblinas,
Será da amena e matinal frescura
Da nevoa alvinitente das collinas ;

Peça por peça, ca[illegible]al mais pura,
De caprichosos [illegible]cados,
De tenuissima e[illegible]ra ;

Dos mais gentis, bizarros rendilhados,
Do vitreo opalescente das escamas,
Fulgindo á luz de espaços constellados ;

Do fugidio rútilo das tramas
Tremeluzindo em laminas de salvas,
Claras e debeis como esguias flammas ;

Umas assim, translucidas e alvas,
Outras do loiro dos trigaes e algumas
Da velludoza fibração das malvas ;

Todas emfim tão leves como plumas,
De tecidos e cores differentes,
Com flocaduras limpidas de espumas ;

Minusculas, e frigidas e quentes,
Tepidas e glaciaes, e em todas ellas
Um relêvo subtil que acaso inventes :

Trechos do céo em pequeninas télas,
Bordado a seda e filamentos de oiro,
Em miniatura, um séquito de estrellas ;

Uma nesga de campo, ondeante e loiro,
Florindo, alácre, em lyrios e violetas ;
Microscopico, ao centro, um nedio toiro ;

Orlas de praia, e, céleres, inquiétas,
Aladas, reflectindo em ondas cérulas
Em movediço enxame as borboletas ;

Entre fragas e escarpas, limphas quérulas,
Se despenhando em liquida cascata,
Núma chuva estellár de madrepérolas ;

Uma fimbria insular de umbrosa matta
A' beira mar ; brancas areias onde
Reflicta o sol scintillação de prata ;

E pela densa e viridente fronde,
Se espiralando em candida grinalda,
A nevoa, como um veó que a cópa esconde ;

Depois um monte sobre cuja falda,
Um rebanho de alvissimas ovelhas,
Pontilha o azul longinquo de esmerálda ;

Cáchos de fructos em sazão, e abelhas,
Fulvas, em torno, tréfegas, pairando,
Num palpitar de vividas scintelhas ;

E, pelo espaço, um branco e alado bando
De garças, demandando os mansos lagos,
Num vóo ligeiro o immenso azul cortando...

Em fim porás em todas mil affágos,
Caricias infantis, caprichos, zêlos,
Que julguem, os demais, pueris e vagos ;

E só nós saberemos entendel-os,
Esses pequenos mimos, onde, em tudo,
Aade tu'a lma em mat-rnaes desvelos ;

Indifferentes para os mais, comtudo
Elles nos falam já e disem tanto
Que tanto já de ouvil-os fico mudo !

E sinto aos olhos borbulhar-me o pranto
De emoção, de alegria e doce enleio
Como se os visse já ; com tal encanto

Que até me vem ás vezes o receio
De amal-os mais do que, se ser podesse,
A esse filho de amor que tens no seio ;

Sê pois, a ave feliz que o ninho téce...
Faze com alma esse enxoval, á filha,
Cantando alegremente a tua préce ;

E essa ventura que em teus olhos brilha,
Será pequena ante a ventura minha,
Vendo feita por ti tal maravilha.

Ja regressam as aves, a andorinha
Para o seu ninho começar te espera,
Disendo : « Vamos, Candida visinha,

Comecemos que chega a primavera ! »

SOARES BULCÃO.

(Do poemeto « Meu filho », inedito).

SONETOS LATINOS DE MENDES DE AGUIAR

Poscimur. A insistencia lisonjeira do auctor de sonetos latinos coage-nos a escrever algumas linhas a respeito do seu trabalho e o fazemos com tanto mais prazer, quanto o assumpto é digno do interesse, embora receemos não lhe poder dar o desenvolvimento devido *ingenii culpa*.

Castilho chamou de chimera sem o minimo vislumbre de possibilidade a introducção da metrica latina em portuguez, mais tarde, porem, reflectindo melhor achou que não era de todo desarrazoada a tentativa, julgando mesmo de vantagem a transplantação dos hexametros e pentametros latinos para a nossa lingua (bem entendido sem os pes e quantidades, mas sim medidos por syllabas com accentos predominantes). — Pensa o mesmo Castilho que ao passo que todos as nossos outros metros são obrigados a um certo numero de syllabas, estes *novos* pela liberdade de entremear *ad libitum* arre-

medos de dactylos e spondêos são susceptiveis de muito maior folego, podendo conter o hexametro treze, quatorze, quinze, dezaseis ou dezasete syllabas, isto é, quatro syllabas mais que o opulento alexandrino ; e o pentametro de doze até treze ou quatorze syllabas.

Esses metros denominados *metros barbaros* são na Italia cultivados pelos mais illustres poetas entre os quaes poderiamos citar Tommaseo, Carducci, Gabriel d'Annunzio. — O nosso já notavel literato, conhecedor insigne das duas linguas latina e portugueza, Magalhães de Azeredo, no seu novo livro « Odes e Elegias » consagrou magistalmente a forma; — apenas para dar um specimen de livro, onde tudo é bello, transladaremos para aqui os tres (1) disticos de sua dispedida :

Não me corôes, Alma querida, de rosas : O encanto
Da Juventude é (2) efémero ; e a minha é quasi extinta.

Tambem não me corôes de louros ; a gloria não fala
Ao coração, nem o ouve ; passa longiqua e fria.

Coróa-me das heras, que abraçam as graves ruinas.
São da humildade simbolo e da tristeza eterna.

O tentamen porem do Sr Mendes do Aguiar é inverso, pretende elle transplantar para a poesia latina a metrica moderna, sonetos em latim rimados com todas as regras da nossa metrificação, e se aquella primeira tentativa teve muitos precursores já na Italia, já em Portugal, a do Sr. Mendes de Aguiar, cremos nós, é a primeira neste genero; pelo menos não conhecemos nenhum outro exforço a respeito. — Ousada embora, é original e se o conseguio vem isto provar mais a affinidade entre as duas linguas.

Como os decassyllabos o soneto nos veio da Italia, cremos ter sido Petrarcha o seu inventor; domiciliado em Portugal, Bocage e Camões chegou elle ao auge de sua prosperidade, o que fez dizer Castilho que o soneto nasceu com Bocage e com Bocage morreu.

Infelismente morreu Castilho sem poder ver que aqui no Brasil, nesta nossa formosissima lingua que herdamos da Metropole, sonetistas ha que em nada ficam devendo a Camões e a Bocage ; Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, Raymundo Corrêa e sobretudo o nosso sonorissimo Bilac e tantos outros.

Das varias composições de sonetos o Sr Mendes de Aguiar escolheu de preferencia quanto as rimas dos tercetos 9ª e 10ª, 11ª e 14ª, 12ª e 13ª, parecendo-nos mais sonora a forma que chamava-mos Bocagiana, das rimas, dos tercitos, 9ª, 11ª e 13ª, e finalmente 10,ª 12ª e 14ª.

Mas sendo nós sobre esse assumpto quasi leigos, passaremos a tractar do latim de Sr Aguiar de alguns trabalhos originaes, e de outros, traducção de sonetos de poetas brasileiros.

Exceptuadas algumas licenças e construcção perfeitamente admittidas na poesia não encontramos desvio das regras latinas ; os versos são, de mais, sonoros e agradão aos que os leem conscientemente. A versão é quanto possivel fiel, tendo sido o Sr Aguiar muitas vezes bem feliz na phrase correspondente á portugueza. Conhecemos quanta difficuldade ha no tocante a esta questão : O eximio e pranteado latinista Dr Castro Lopes vertendo para o latim algumas das poesias de Gonzaga traduzio o conhecido estribilho.

Graças Marilia bella, graças á minha estrella,
Me fortunatum, tribuunt cui talia divi !

---

(1) Um hexametro e um pentametro.
(2) Conservamos a graphia phonetica do auctor.

Veja agora o leitor a versão de soneto de Joaquim Nabuco « *Nada* » e concordará commigo quanto é fiel o Sr Mendes de Aguiar.

A innovação do Sr Aguiar é original e pela primeira vez tentada; todos quantos até hoje teem traduzido em verso latino composicões em outras linguas tem o feito nos metros usados pelos romanos; a auctor, sahindo bem da empresa, contribue ainda para demonstrar mais uma vez a aproximação das duas linguas.

Dezembro de 1905.

FORTUNATO DUARTE.

POESIAS VARIAS

I

A Morte da Arvore

No meio da floresta agonisava
Uma arvore. Tão velha e tão querida!
Talvez por ser tão velha e a preferida
Do raio que entre as nuvens a espreitava.....

— Irmans! eu vou morrer — assim fallava —
Sinto fugir-me pouco a pouco a vida,
Adeus! Adeus, oh! terra estremecida
Que eu, dia a dia, mais e mais amava. —

Profundo choro em torno então se ouviu
Tombou, a noite; e a arvore sem vida
Tombou, e a queda o echo repetiu.....

Quando se fez a luz pelos espaços,
A arvore, sobre as outras estendida,
Como que repousava sobre braços.

Setembro 1906.

PEDRO WERNECK.

II

A Segunda Eloah

E' o teu o nome da primeira
(Da sorte d'ella o Céo te guarde)
Ella se foi n'uma sombria tarde
Em que eu perdí chorando a Terra inteira.

E, vês? aquella tarde extranha
Até parece que ainda existe:
Eu não pensava (como a vida é triste)
Que tanto amor mudasse em dôr tamanha.

Antes d'ella, se tu soubesses...
Houve tambem outra criança
De quem me dás, por vezes, a lembrança,
E um nome tinha que recorda preces;

O excelso amor lhe dedicava
Com que minha alma te reveste;
Maria: éra esse o nome azul-celeste,
E ella a unica irmã que me restava.

De ambas: aquella alegre e linda,
Est'outra assim da tua edade,
Ficou-me n'alma um veio de saudade
Que nunca pára e que soluça ainda.

Mas na longa saudade dolorosa,
Travez da qual o meu passado eu via,
Como a Terra se vê, dormente e fria,
Nas somnolentas noites de luar,

Tu me vieste como a Estrella Vesper:
Illuminando o angelus, olhai-a!
Nesse pudor da luz em que se esmaia
A hora da extrema-uncção crepuscular.

Nascída que éras, como a Estrella immacula
E que por solitaria mais rebrilha,
A galaxia de um novo amor de filha
Estrellejou-se pela minha dôr.

E A'quella a quem o Ser deves, e tudo
O que ha nos filhos de sagrado, nova
Alma acordaste, apoz a rude prova,
Qual vem depois da noite a aurora em flor.

E feliz eu serei; velando berços
Um pae é como um germinal de mundos.
E a alegria hade vir desses profundos
Auras de amor que o teu olhar prediz;

Pois, como a planta ao vir da Primavera;
Labios ao vir do beijo; a alma, da prece;
O Coração nos filhos refloresce
E é um peccado ser pae sem ser feliz.

1905.

SILVEIRA NETTO.

Alonso na vespera de se bater em duelo manifesta algum receio.

— Coragem! diz-lhe a testemunha; as sortes são eguaes.

— Não, não, ellas não são eguaes, replica-lhe Alonso: tenho muito mais medo que meu adversario.

III

Devaneio

Não me fascinam só as peregrinas
Fórmas que ostentas com meiguice tanta,
Vem dos teus labios, castos as divinas
Phrases que dizes n'uma voz que canta.

Não me fascinam só esses olhares
Com que arrebatas os corações de gêlo,
E em cujo fogo a morte dos pezares
Da vida levas com secreto zelo.

Tudo isto é bello, encantador, sublime,
Arrasta e prende as almas poderosas,
Não é, porém, só n'isto que se exprime
O valor das mulheres preciosas.

Vem o tempo implacavel e a belleza
Das tuas carnes para sempre arrasta,
Põe em teus mornos labios a tristeza
E dos teus olhos esse ardor afasta.

Mas, a grandeza de tu'a lma, ó pura!
Grandeza d' alma que me faz amar-te,
Como então foi nesse teu ser perdura,
Jámais o tempo poderá roubar-te.

Dos « Primeiras Rimas. »
(Inedito) PEREIRA DE CARVALHO.

Installação hydro-electrica em Petropolis

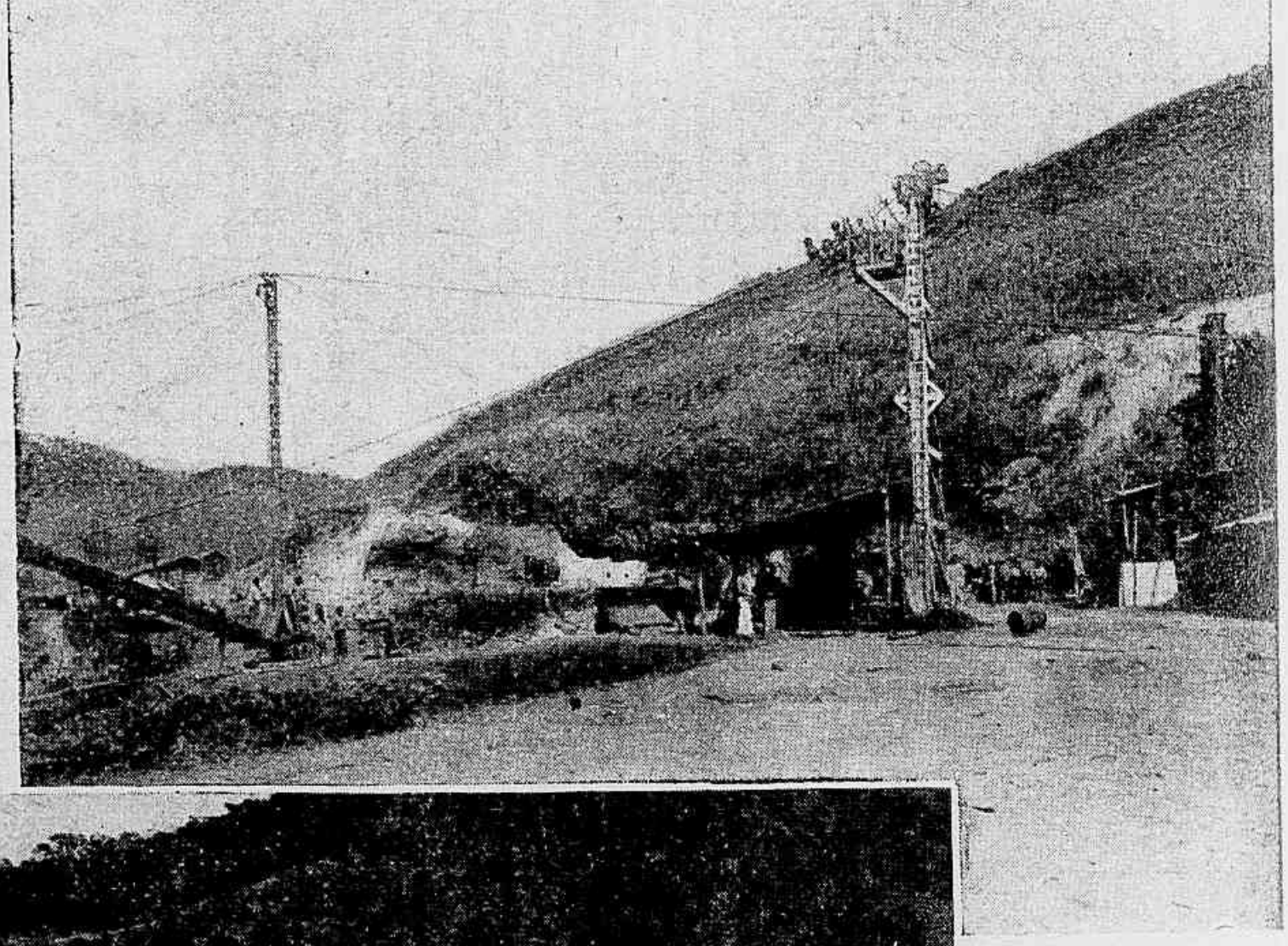
Está entre nós tomando agora grande desenvolvimento a utilisação das quédas d'agua tão abundantes em todos os Estados do Brasil. E' um inestimavel serviço que se presta ás industrias ora lutando com a escassez e alto preço do combustivel.

No Brasil, onde ainda é problematico se obter a hulha preta, deve-se desenvolver o mais depressa o aproveitamento da *hulha branca*, para nos tornarmos independentes do combustivel estrangeiro.

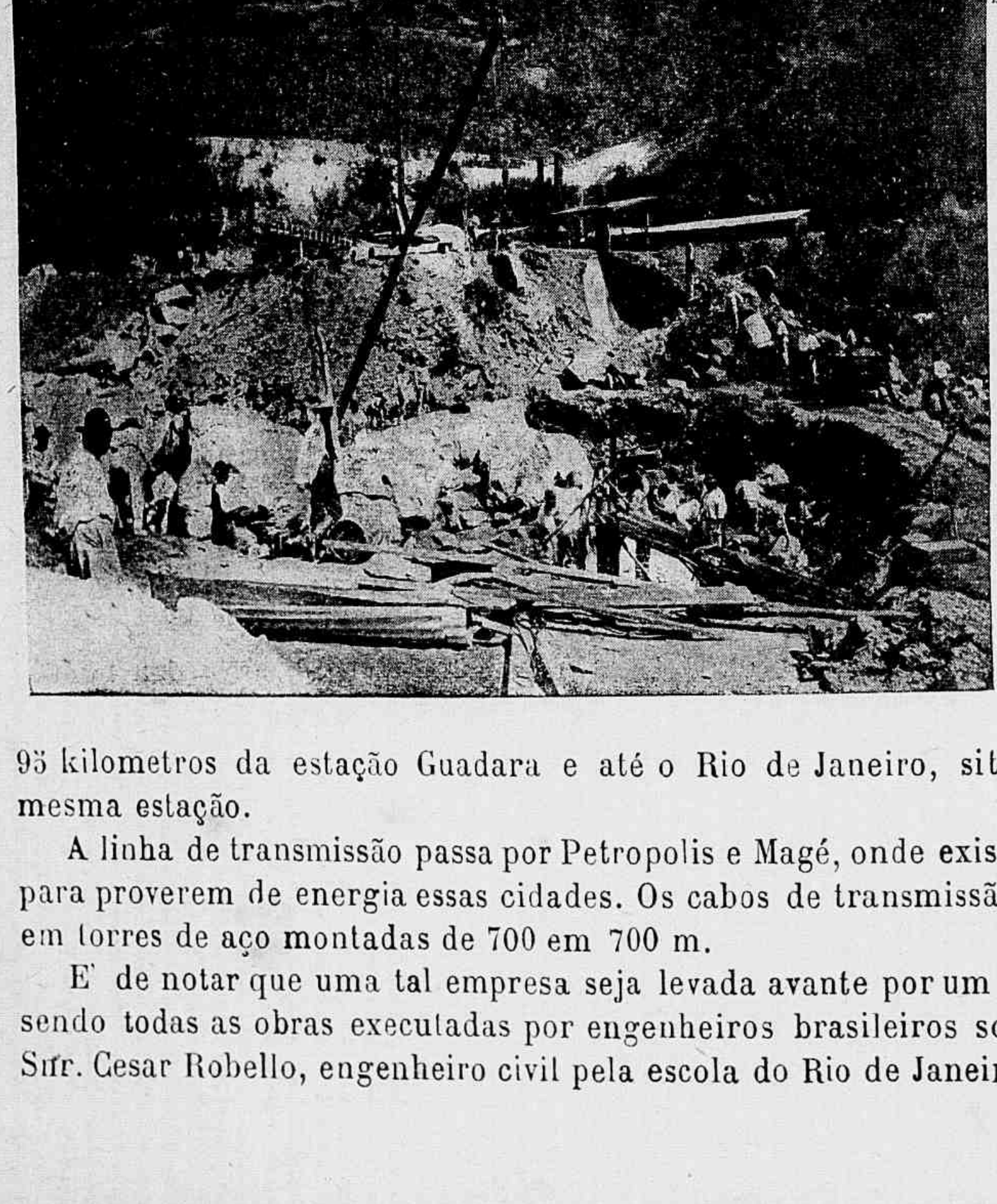
O Estado do Rio de Janeiro já legislou a respeito da utilisação das quédas d'agua, situadas no mesmo Estado e graças a isso os Snrs Guiule e Cia, tendo obtido o contracto para a illuminação de Nictheroy, estão construindo uma das maiores installações hydro-electricas da America. Possuem diversas quedas dos rios Piabanha e Fagundes, nos proximidades de Areal, nas quaes poderão utilisar 50.000 cavallos de força. Fazem primeiramente o aproveitamento de uma das quedas do Piabanha com 15.000 cavallos, tendo 50 metros de queda. A agua é captada por meio de uma represa de 120 m. de compr. e 7 m. de altura e por 4 linhas de tubos de 1.80 m. de diam., levadas até o reservatario de compensação de onde partem os tubos que se ligão directamente ás turbinas.

As turbinas são de 5.000 cavallos, do fabricante Voith e de conne xão directa com alternadores da General Electric. Co.

A energia electrica é transmittida com 44 000 volts até Nictheroy, situado a



Conjuncto de machinas.



Reservatorio tomado d'agua.

93 kilometros da estação Guadara e até o Rio de Janeiro, situado a 80 kil. da mesma estação.

A linha de transmissão passa por Petropolis e Magé, onde existem sub-estações para proverem de energia essas cidades. Os cabos de transmissão são assentados em torres de aço montadas de 700 em 700 m.

E' de notar que uma tal empresa seja levada avante por um grupo de moços, sendo todas as obras executadas por engenheiros brasileiros sob a direcção do Snr. Cesar Robello, engenheiro civil pela escola do Rio de Janeiro.

Quem contou da vacca

(Conto popular. Ceará.)

Éra uma vez um rico papagaio. Chamavam-no Louro, mas elle éra verde, muito bonito e fallante.

Ora um dia o dono do Louro que era fazendeiro, foi para uma viagem. O vaqueiro ficou em casa, e assim que o amo deu as costas, laçou a vacca mais gorda, matou-a, tirou-lhe a carne, que poz a seccar nos estaleiros, e enterrou o couro no cercado.

O papagaio, que não era *arara,* trepado na cerca do curral, viu tudo e quando o dono chegou, d'ahi a uns tempos, contou-lhe a historia toda.

O vaqueiro, obrigado pelo amo, confessou a verdade e pagou a rez furtada, fazendo solemne promessa de vingar-se do maldicto fallador.

D'outra vez quando o fazendeiro ausentou-se caiu uma chuva fortissima com ventos e trovoadas. Então o vaqueiro agarrou o papagaio, depennou-o cruelmente e atirou ao aguaceiro o pobre do Louro.

Louro, muito triste e ensopado, foi-se encolhendo até encontrar uma arvore a que se abrigou. D'ahi a momentos appareceu-lhe um pinto pellado, tiritando de frio, que ia acolher-se á mesma arvore. E o Louro, vendo chegar aquelle companheiro de infortunio, inteiramente alagado, chegou-se para elle, compassivo, e perguntou-lhe á meia voz :

— Camarada, Você tambem contou da vacca?

Ceará.

RAYMUNDO MAGALHÃES.

Dôr suprema

A minha mãe.

Tento exprimir, ó mãe, debalde tento
Contar a dôr nas sylabas de um verso,
O amor materno, em lágrimas, dispérso
Pelo intermino mar do soffrimento.

Procuro o pranto, o lúgubre lamento,
Tudo o que geme no martyrio immerso,
E essa agonia eterna do universo
Não diz o teu soffrer de um só momento!

Sondo da noite os tétricos gemidos;
Occultos áis dos corações feridos,
A angústia, a pena, o dó que me insinúas...

E esse concerto de ancias e queixumes,
Capaz de encher milhares de volúmes,
Mãe! não vale uma lagrima das tuas!

SOARES BULCÃO.

(Dos « Helianthus » inedito.)

LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA DE

PEDRO DE S. MAGALHÃES

27, *Rua do Commercio*, 27

Caixa Postal, 103

S. PAULO-BRASIL

Variado sortimento de livros Collegiaes, Academicos—Medicina, Jurisprudencia, Romances, Dramas, etc.

EM PAPELARIA possue este estabelecimento um variado sortimento de papeis **commerciaes**, Diplomatas e Almassos, cujos preços têm feito admirar muitos compradores que acham os preços insignificantes. Tintas para copiar e escrever, Pennas, Lapis, Canetas possue egualmente escolhido sortimento.

Livros para Crianças. Enorme variedade entre os quaes se destacam o « João e a Joanna Patusca » que andam sempre a cantar — triolé — triolá; interessantissimos livros cheios de gravuras escolhidas por Dona *Miloca* — Bibliophila das *crianças*.

Livros para a Dona de Casa possue este estabelecimento variado sortimento onde se *destaca* o **Thezouro das Familias** ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. *Manual do Jardineiro*, interessante livro de noções praticas do cultivo das flores. Manual de criação de coelhos, gallinhas, etc.

EM JURISPRUDENCIA encontrarão os snrs. Jurisconsultos os livros mais modernos e de maior valor Juridico, assim como as obras mais recentes em **Medicina, Mathematica, Litteratura,** etc.

Variada collecção de **Livros Religiosos** e Escolares.

CARTOES POSTAES grande manufactura; Importação e exportação para todos os Estados do Brasil.

Uma ligeira visita á

LIVRARIA MAGALHÃES

dar-lhe-ia magnifica impressão do variado conjuncto dos artigos ali expostos e vendidos a preços da **Epocha** (isto é baratissimo).

Este estabelecimento possue o maior deposito das edições da **Livraria H. GARNIER,** remette **catalogos** e informações a quem lh'as solicitar; os pedidos devem ser derigidos á Livraria de Pedro de S. Magalhães.

NOTAS ESPARSAS

POPULAÇÃO. — Si o indice de mortalidade pode ter significação a mais do que mera conjectura, a população da cidade de S. Paulo deverá approximar-se de 400 mil habitantes, o que na verdade é excessivo. Effectivamente na primeira semana de dezembro lá morreram 121 pessoas, o que dá a media diaria de 17 pessoas por dia ou, cremos, a metade dos obitos que na media se registram no Rio-de-Janeiro.

VINHOS. — Ha muita gente que aprecia o vinho de pura uva, o nacional, de Minas, São Paulo e do Rio Grande. A producção do *vinho nacional* não é somenos ou ao menos não é o mytho que a todos parecia ser. Ha já um começo que indica talvez proximo desenvolvimento, se n'estes cinco ou dez annos continuar com a vitalidade de que já dá mostras. Temos infelizmente, ácerca do *vinho nacional*, poucos dados estatisticos. Os seguintes referem-se á producção e respectivo valor do *vinho* do Rio Grande de 1901 a 1905.

	Litros	*Valor*
1901.....	200.926	110:670$000
1902.....	288.265	85:791$000
1903.....	494.295	149:982$000
1904.....	875.382	266:465$000
1905.....	2.092.417	482:068$000

Se o preço do litro em 1905, que regula 240 réis ao litro, não é muito baixo tratando-se de vinho ainda não aperfeiçoado, é já um seguro indicio em que se deve confiar no exito d'esta industria.

FINANÇAS NOS ESTADOS. — A receita de *S. Paulo* no exercicio de 1905 foi orçada em 53:901;000$. A receita do Rio Grande do Sul em 1905 foi de 9.813:000$000.

ESCOLAS PROFISSINAES. — No Estado do Rio existem tres, distribuidas pelas cidades de Niteroy, Campos e Petropolis. O programma d'estas escolas é simples e practico. N'ellas se devem ensinar as materias especiaes :

I. Carpinteiro-marcineiro.
II. Sapateiro.
III. Corrieiro-selleiro.
IV. Alfaiate.
V. Funileiro-bombeiro.
VI. Sericultor-apicultor.
VII. Jardineiro.

A ellas se acha reunida sempre uma *aula nocturna*. E a despeza de cada escola, incluindo directores, professores, material e casa acreditamos que não excede de 25 contos annuaes. Este typo de escola, variando as materias conforme as necessidades regionaes, prouvera a Deus fosse generalisado por todo o paiz, onde a instrucção technica e profissional é absolutamente nulla e onde os chamados *Lyceus de Artes e officios* nem ensinam artes nem officios nenhuns, mas ao contrario chimica, historia de bichos, francez (!), analyse logica (!!) e alguma vez desenho geometrico.

ACADEMIA BRASILEIRA. — No anno de 1906 foi eleito academico Heraclito Graça na vaga de Pedro Rabello. Foram recebidos os academicos Mario de Alencar por Coelho Netto e Euclides da Cunha por S. Romero. Ainda no mesmo anno concorreu, na vaga aberta pela morte de Franklin Doria, o homem de letras Arthur Orlando.

As festas literarias da Academia brasileira como nas recepções de Mario de Alencar e Euclides da Cunha tem sido de grande fulgôr pela belleza das peças literarias lidas n'aquelles occasiões.

CONTRA OS RATOS E CONTRA A PESTE. — O sr. C. Drieberg, superintendente dos Jardins-Escolas, em Colombo, escreve ao *Tropical Agriculturist*:

Geralmente se ignora a facilidade com que se podem apanhar ratos por meio de um visco. Si se quer que uma colonia delles abandone seus buracos basta untar com um pouco de visco as respectivas entradas. Si se quer pegal-os, o melhor meio é untar com visco bastante palha e espalhar esta em uma boa camada sobre o solo ao redor dos buracos. No meio da palha bota-se alguma apetitosa isca.

Quando se vai ao lugar na manhã seguinte, ver-se-ha que a palha está reunida em monticulos, e no centro de cada um delles se achará um rato morto ou ainda vivo, conforme está mais ou menos enredado. Si o visco deve ser uzado dentro de casa, toma-se um pedaço de papel pardo bem forte. e colloca-se o visco no meio delle. O visco contra os ratos pode-se fazer facilmente concentrando ou reduzindo vagarosamente ao fogo oleo de linhaça, a banho maria, até ficar com a consistencia conveniente.

PORTO-ALEGRE E SUA POPULAÇÃO. — O recenseamento de 1883 deu á capital do Rio Grande 42.115 habitantes; o de 1890, dois annos depois, 52.186; por ultimo, o de dezembro de 1900 consigna 74.315. Hoje a populacão deve approximar-se de 90.000 habitantes. Pena é que a esse crescimento não corresponda a remodelação da cidade, ainda de aspecto antiquado. Os exemplos do Rio, S. Paulo, Pará e Manaos não serão inuteis e Porto-Alegre, é de esperar, será transformada e embellezada como o merece.

CONGRESSO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA. — Sob a presidencia do Dr Felix Gaspar, ministro dos Negocios Interiores, foi inaugurado no dia 11 de Agosto de 1906 o Congresso de Instrucção que a Faculdade Livre de Direito, por proposta do lente Conselheiro Leoncio de Carvalho, organisou, com o fim de estudar e discutir as bases da reforma do ensino nacional.

O Congresso de Instrucção funccionou operósamente mais de tres mezes, encerrando-se solemnemente no dia 14 de Novembro.

Falla-se d'um recente e retumbante processo.

— Sim, diz alguem, é precizo desprezar as cartas anonymas.

Calino, sentenciosamente :

— Depende de quem ellas vêm. |

O ANNO LITERARIO

Machado de Assis. — « Reliquias de Casa Velha ».

Octavio Teffé. — « Para ler na cama », livro de contos.

Alphonse Baé. — « Magnetismo curador », traducção autorisada, 2º tomo.

Epes Sargent. — « Bases scientificas do Espiritismo ».

Benjamin Rabier. — « Escutem! » album para creanças.

D. Amelia de Freitas Bevilaqua. — « Através da Vida », romance.

Mario de Alencar. — « Diccionario de rimas portuguezas ».

C. Dickens. — « Aventuras do Snr. Pickwick », traduzido por K. d'Avellar.

« Soliloquios e Manual de Santo Agostinho », edição em portuguez.

Alexandre Herculano. — « Lendas e Narrativas », edição brasileira.

—. Eurico, o Presbytero ».

—. « O Monge de Cister ».

« Almanaque Brasileiro Garnier ».

« Primeiras linhas sobre o processo civil », nova edição.

W. Scott. — « Quintino Durward », romance historico, traducção de K. d'Avellar.

Ferdinand Denis. — « Brazil », traducção portugueza.

Coelho Netto. — « Romanceiro », edição definitiva.

Padre Antonio Vieira. — « Sermões », edição brasileira, 2 vols.

W. Scott. — « Waverley », romance, traducção portugueza.

J. Guibert. — « O Caracter », traducção portugueza.

—. « A Bondade ».

J. A. Francon. — « Tarifa de Cubagem », traducção de Renato da Silveira.

Telles de Souza. — « Amaryllis », livro de versos.

Bruno Barbosa. — « Mocidade », livro de versos.

Coelho Netto. — « Treva », livro de contos.

Alfredo de Sarandy. — « Malsinado », novella.

Coelho Netto. — « A Agua », conferencia.

—. « O Fogo ».

Belmiro Braga. — « Cantos e Contos ».

Sylvio Romero. — « O Allemanismo no Brasil ».

D. Julia Lopes de Almeida. — « Livro das Donas e Donzellas ».

W. Scott. — « O Talisman », traducção portugueza.

Um ex-monarchista. — « O Brazil e o Pan-Americanismo ».

Augusto Franco. — « Estudos e Escriptos ».

Fabio Luz. — « Os Emancipados », romance.

João Ribeiro. — « Diccionario grammatical », compilado; 3ª edição.

Mario Pederneiras. — « Historias de meu Casal », livro de versos.

Alcides Cruz. — « Vida de Raphael Pinto Bandeira ».

Saturnino Meirelles. — « Intuições ».

Almachio Diniz. — « Ensaios Philosophicos sobre o mechanicismo do Direito ».

Arthur Orlando. — « Pan-Americanismo ».

Corrêa de Araujo. — « Evangelho de Moço », livro de versos.

Mucio Teixeira. — « Leviandades de Clymene », poemeto.

G. Fogliani. — « L'Anima », livro de versos.

Carvalho de Abreu. — « Nuntius », livro de versos.

Alvarez Coutinho. — « Dulce », comedia.

J. F. da Rocha Pombo. — « Historia do Brazil », 1º vol.

Capitão Liberato Bittencourt. — « Arithmetica Theorica e Pratica ».

Pothier. — « Tratado das Obrigações Pessoaes e Reciprocas », traducção de Corrêa Telles.

Francisco Mangabeira. — « Ultimas Poesias ».

Oscar Lopes. — « Medalhas e Legendas », livro de versos.

Mario Cattaruzza. — « Buenos-Aires »

Dr. Samuel Martins. — « Execuções da sentenças estrangeiras no Brasil ».

Capitão-tenente Armando Burlamaqui. — « Pela Marinha ».

Aurelio Domingues. — « Halos », poesias.

Sylvio Romero e João Ribeiro. — « Compendio de historia da litteratura brasileira ».

Dr. Oscar de Macedo Soares. — « Manual do Curador geral dos Orphaõs ».

Dr. Joaquim Lisbôa. — « Regoas de calculo ».

H. Erving Hancock. — « Jiu-Jit-sú », educação phisica japoneza, traducção de Santos Porto e Radler Aquino.

Dr. R. Corrêa da Silva. — « Conferencia sobre o Jury ».

Ant. Alexandre Borges dos Reis. — « Historia do Brasil », 1º volume.

Dr. Sylla M. Borralho. — Energia mathematica ».

Silva Leme. — « Genealogia paulista », 3º volume.

Felisbello Freire. — « Historia Territorial do Brasil », 1º volume.

Dr. Fernandez Figueira. — « Bases scientificas da alimentação da creança ».

Raul Pompeia. — « Atheneu », romance, 2ª edição.

Hemeterio dos Santos. — « Carta aos Maranhenses ».

J. Ribeiro do Amaral. — « Apontamentos para a historia da revolução da Bailada na provincia do Maranhão ».

Carlos de Laet. — « Minha historia sagrada », para o ensino da infancia.

Dominguez Alvez. — « As Cooperativas ».

Raphael Pinheiro. — « Sequito do amor », conferencia.

F. N. de Lacerda. — « A Decada Republicana em Sergipe ».

Chateaubriand. — Atala, Renato, O Derradeiro Abencerrage. Traduccção de K. d'Avellar.

João do Rio (Paulo Barreto). — « As religiões no Rio », 2ª edição.

Augusto Soucasaux. — « Album de Minas ».

Coelho Netto. — « Turbilhão », romance.

Brugada Filho. — « Politica paraguaya ».

Olegario Mariano. — « Visões de moço », poesias.

Fonseca Moreira. — « Titeres do diabo », peça phantastica.

Dr. Theophilo de Almeida. — « Exposição de Florianopolis », conferencia.

Americo Peixoto. — « Noções de pathologia e therapeutica dentarias ».

Dr. Placido Barbosa. — « Notas sobre a terminologia medica portugueza ».

« Meditações de Santo Agostinho », traducção portugueza.

Chichorro da Gama. — « Libertas que sera tamen », drama.

Dr. Elysio de Araujo. — « Geographia elementar », 3ª edição.

Arthur Barbosa. — « A Maçonaria brasileira », projecto de constituição.

« Lyra popular », collectanea de poetas brasileiros.

Alfredo de Carvalho. — « Phrases e palavras ».

Dr. Gonzaga de Campos. — « Reconhecimento da zona comprehendida entre Baurú e Itapura ».

J. C. — « Projecto do Codigo civil brasileiro em 1885 ».

Antonio Trajano. — « Arithmetica progressiva », 30ª edição.

Teixeira Mendes. — « O Positivismo e o recurso ás insurreições ».

Dr. Mello Barreto. — « Sobre o trachoma ».

Januario Leite. — « O Filho prodigo », traducção do romance de Hall Cáine.

Engenheiro Celedonio Rodrigarez. — « Pastos arboreos », traducção de Pacheco de Novaes ».

Dr. E. Darbory. — « Creação de Gado », tratado.

Salles Papo. — « Plano da valorisação do café.

Dr. José Lino da Justa. — « D. Pedro II e o Ceará ».

Affonso Celso. — « Da Imitação de Christo », traducção em verso.

Sylvio Romero. — « Outros estudos de litteratura contemporanea ».

R. de Sá Valle. — « Les agents diplomatiques ».

Alvares Penteado. — « Fixação do cambio ».

« O general Conto de Magalhães e a proclamação da Republica ».

Alexandrino do Amaral e *Ernesto Silva.* — « Consolidação das leis e posturas municipaes ».

Dr. Niepce da Silva. — « As Aves », conferencia.

Alberto Löfgren. — « Notas sobre as plantas exocticas introduzidas no Estado de S. Paulo ».

Mesmo autor. — « Contribuições para a algologia paulista ».

Dr. Symphoroso Lara Fernandes. — « Syndicatos Agricolas ».

Manoel de Figueiredo. — « A Nova pyramide Christã ».

« Resoluções do 1.º Congresso Operario ».

Arthur Lobo. — « Serões e Lazeres ».

Dr. Raul Azevedo. — « Aguas potaveis e encanamentos de Chumbo ».

Hermeto Lima. — « Iris », livro de versos.

Amorim Dimiz. — « O Indicador Pratico do Rio de Janeiro ».

Bernardo Amandier. — « A Boneca de Fanny », comedia.

Edgard Costa e *Jorge Fontenelle.* — « Noções de direito constitucional ».

Dr. P. Luiz Soares de Souza. — « Competencia federal no tocante á instrucção ».

Julio Bierrenbach Lima. — « Solução pratica para a valorisação do café ».

A. J. Fernandes d'Oliveira. — « Diccionario juridico ».

Hemeterio dos Santos. — « A pretidão do amor », conferencia.

Barão de Jaceguay. — « De Aspirante a Almirante », 1º tomo.

José Verissimo. — « A Educação », 2ª edição.

Elysio de Carvalho. — « Ruben Dario », ensaio critico.

Joaquim Nabuco. — « Pensées détachées ».

Pedro do Couto. — « Paginas de critica ».

Pereira da Costa. — « Noticia biographica do Dr. A. Moraes Silva (o lexicographo).

A. As. Fernandes Vieira e *L. G. Pereira da Fonseca.* — « Grammatica do Esperanto ».

Custodio Quaresma. — « Lyra popular ».

Dr. Pedro de Queiroz. — « Cifras criminaes do Ceará ».

Dr. Romuario Martins. — « Curitiba », historico da sua fundação.

General Dantas Barreto. — « Accidentes da guerra ».

Barão de Studart. — « O jornalismo catholico e sua necssidade nos tempos presentes ».

Francisco Ferreira da Rosa. — « Rio de Janeiro », edição official.

Albino Costa. — « A industria do xarque e a creação do gadomemoria ».

Hermann von Ihering. — « The Anthropology of the State of Sao Paulo ».

Pe. R. Galanti. — « Historia do Brasil », 4º volume.

Dr. Alcides de Freitas Cruz. — « Vida de Raphael Pinto de Bandeira ».

Dr. João Nepomuceno Nogueira da Motta (*um folheto*). — « O portuguez fallado no Brasil ».

Rodrigo Junior. — « Estrella d'alva », versos.

Dr. Theophilo Ribeiro. — « Agricultura no estrangeiro ».

Phaleleonte da Camara. — « Maciel Monteiro ».

Arthur Moniz. — « Martins Junior », elogio.

Dr. Ernesto Carneiro. — « A redacção do Codigo Civil », e a replica do Dr. Ruy Barbosa.

Damasceno Vieira. — « Memorias historicas (1500-1837), 2 vols.

Alfr. de Carvalho. — « Tollenare-Notas dominicaes », edição e traducção.

Alferes José Vieira da Rosa. — « Corographia da Sta Catharina ».

Dr. Antonio de Godoy. — « Poesias de mallo grado ».

Dr. M. A. S. Sá Viana. — « Aug. Teixera de Freitas », biographia.

Adolpho Santos. — « Caricias e mimos », versos.

Clovis Bevilacqua. — « Silvio Romero », ensaio.

Octavio de Freitas. — « O clima e a mortalidade no Recife ».

Dr. Netto Campelo. — « Perfil militar e politico do Coronel Appolinario Maranhão ».

Osvaldo Machado. — « Na imprensa e na tribuna », artigos e discursos.

Job Sá. — « Musa e Troça », versos facetos.

Clovis Bevilacqua. — « Unidade do direito processual ».

Zefermo Galvão. — « O Inconfidente », 2ª edição.

Amelia Bevilacqua. — « Instrucção e educação da infancia », memoria.

Arthur Viana. — « A villa do Pinheiro (Pará) ».

—. « As festas de Nazareth ».

Phaelante da Camara. — « Orações civicas e literarias ».

R. Leal Franco (Minas). — « Flores muchas », versos.

Virgilo Brandão. — « Lyricos », versos.

Armando Bello, da Academia Fagundes Varella (Pará). — « Balbucios », versos.

Gustavo Santiago. — « Pelo Norte », conferencia.

Baptista Cepellos. — « Os bandeirantes », poemas.

Federação espirita brasileira. — « O Livro de centenario de Allan Kardec ».

C. Bevilaqua. — « Em defeza do projecto do Codigo civil ».

Arthur R. Cardoso. — « Resumo de chimica geral organica e inorganica ».

Elysio de Araujo. — « Geographia », 3ª edição.

Julia Lopes d'Almeida. — « O livro das noivas », 2ª edição.

Dr. Curvello de Mendonça. — « A Crise do assucar ».

G. de Monfort. — « Tatado da verdadeira devoção a Nª Sª. » Traducção brasileira.

P. Gibier. — « O Espiritismo », traducção brasileira.

« Academia brasileira, Paginas escolhidas ».

Dr. A. R. d'Oliveira Motta. — « Esterilisação da mulher » (These recusada).

Alcindo Guanabara. — « Caixa de Conversão ».

« Organisação do centro republicano conservador » (Manifesto).

Sauzat. — « Manual do sapaleiro ». Traducção do Dr Pires d'Almeida.

P. Barreto. — « A abolição e a federação no Brasil (Paris).

Olavo Bilac. — « Conferencias » (*Kosmos*), 1906.

Dr. José Mendes. — « Ensaio de philosophia do direito ».

Abelardo Roças. — A psychologia da *toilette* », conferencia.

Lobo Viana. — « Elementos de tactica militar ».

Ondina. — « Pombas feridas », poesias, 1906.

Raul de Azevedo. — « No Amazonas », Viagem do Dr. A. Penna.

Ararigboia. — « Martins Affonso de Souza, 1573-1906 ».

Alfredo de Carvalho. — « Estudos pernambucanos, 1906 ».

Couto de Magalhães. — « Carteira d'um jornalista, 1906 ».

A. Guarinello. — « Tenente Evaristo », romance, 1906.

Franco-Lagreca. — « Em defesa do Mestre » (E. de Quieroz), 1906.

J. Serpa Pinto.— « Cinzas », versos, 1906.

Abilio S. Pinheiro. — « Os estranguladores do Rio ou o Crime da rua da Caribca », romance, 1906.

Magalhães Azeredo. — « Hymno da purpura », poemeto, 1906.

T. Lopes. — « Historias da vida e da morte », poesias.

João Pinheiro. — « Solar dos sonhos », versos, 1906.

Ignacio Landell de Moura. — « Methodo de lingua ingleza », 1906.

« Annuario do Estado do R. G. do Sul de Graciano Azambuja ».

« Almanak illustrado das familias catholicas, Typ. Salesiana, 1906 ».

Alexandre Ferreira da Costa. — « O agente postal », ensaio. S. Paulo.

Dr. Manoel Marcellino de Souza Franco. — « O carvão do Avaré e Breves », estudos e considerações. S. Paulo.

Nogueira Itagyba. — « Os estudantes », Juiz de Fora, 1906.

J. Alencar. — « Guarani », edição illustrada, S. Paulo.

Dr. Bento de Faria. — « Marcas da fabrica ».

Makeldey. — « Elementos do direito romano », traducção do Dr. Bento de Faria.

G. Tojeiro e *Victorino de Oliveira.* — « Obras do Porto », comedia.

Manoel M. Rodrigues. — « Rosa do Adro », edição brasileira.

Eduardo de Lima. — « Desvio de banda ».

Visc. de Taunay. — « Innocencia », edição illustrada.

Guia Levi. — « Varios volumes correspondentes aos mezes do anno ».

Pereira da Costa. — « Noticia biographica de A. de Moraes e Silva (lexicographo) », Recife.

Antonio Zilo. — « Velho thema », romance ».

Maurice d'Ariéville. — « Rayons épars », contes.

Dr. Manoel Bomfim. — « Respeito ás creanças », discurso.

Pedro Luiz. — « Versos sinceros ». S. Paulo.

Dr. A. Fernandes Figueiras. — « Semeiologia infantil ».

Cenceri. — « Notabilitá italiane in Brasil. »

João do Rio e *J. Brito.* — « Chic-chic », comedia-revista.

Gonçalves Maia. — « Notas de viagem. Brasil e Europa, 1901-1905 ».

Felix Armando de M. Frazão. — « Discurso homenagem ao Dr. J. J. Pizarro ».

Rodolfo Theophilo. — « Brilhante » romance, Ceará.

Franklin Magalhães. — « Plenilunio », versos, Rio.

Dr. Cunha Cruz. — « O problema do alcoolismo », Rio.

Emiliano Frade. — « Ponderações », ensaio, Pará.

O Abbade de São Bento

D. Gerardo de Caloen, é o vigario da Ordem Benedictina no Brasil e é bispo de Phocéa e abbade do Mosteiro de São Bento. E'um dos grandes servidores da religião no nosso paiz, a quem devemos extraordinarios serviços pela energia e carinho com que institiuiu a instrucção e educação espiritual da mocidade no Rio de Janeiro. Contam-se já por milhares os moços que tem recebido gratuitamente a instrucção no Lyceu que ha muito o mosteiro de São Bento mantem com escolhidos mestres e que foi no anno de 1906 equiparado ao Gymnasio Nacional. Este instituto vae ser transferido para a *Avenida Central* em palacio construido para esse fim ao pé da collina onde está o mosteiro e onde será de mais facil acesso para os meninos que, vindos de todos os pontos da cidade e dos suburbios, diaria-

mente o frequentam. É este agora um dos mais bellos e caracteristicos edificios da Avenida, em estylo manuelino e de aspecto gracioso.



D. Gerardo Caloen, abbade de S. Bento.

D. Gerardo de Caloen, estimado pelas suas raras virtudes e pela vasta illustração do seu espirito, é uma personalidade a quem mais devem o presente e o futuro do Brasil. Aqui damos o seu retrato, com receio de offender a sua modestia e humildade christã, mas apenas para significar imperfeitamente a gratidão que devemos, nós brasileiros, a um dos benemeritos collaboradores da nossa civilisação.

Os que o conhecem intimamente, bem avaliam o quanto as nossas palavras são apagadas e pallidas e quam longe estão de exprimir o fulgôr da sua angelica bondade, a grandeza do seu coração caritativo a que se acolhem todos os que necessitam de allivio ou de conselho.

Dom Gerardo pertence a uma das mais antiguas fidalguias da Belgica.

A RITA DO VIGARIO

I

João da Barra, em pé sobre a pilha de cabos na vasta popa do bote, agasalhado no largo palletot grosso de riscado escuro e o amplo chapéo de carnauba esparramado na cabeça, gritou ordenativo para o caboclo da prôa :

— Salta!

O embarcadiço, prendendo a mão direito ao cabo, arregaçou ligeiro as calças e atirou-se n'agua, remoendo uma praga. E impulsionado pelos vareiros o barco foi se abeirando vagarosamente da margem no pesado deslisar dos barcos achatados.

— Amarra! bradou de novo com a voz perrenha.

Era de noite. Noite esguedelhada de dezembro de um enfarruscamente invernal e rispido.

Na galhada revolta das ingaranas e faveiras esfusiava o vento, e a chuva cerrada e fina esbatia pelas folhas sussurrando e para cima do barreirado lamacento as jussareiras, esguiamente crescidas para o céo, entortavam e rangiam cabe-

ceando ao sopro da rajada tonta. Uma voz rouquenha dè trovão ao longe rolava gaguejando. E o aguaceiro vinha descendo precipitado esterreando e lambendo o barro pardacento das ribanceiras e o rio arrepiado aos pingos d'agua fugia largamente para baixo no tremulamento ondejante da correnteza.

Haviam chegado ao Rosario : o Itapecurú por ahi deslisa opulentamente numa faustuosidade socegada e grave, entre a vastidão das margens espalmado sumptuosamente na preguiça aparatosa de um potentado indolente. E vae cada vez mais amplo, cada vez mais calmo por ali a fora, estendendo-se pelo mangue da beirada, pantanisando as baixas de tujuco, desmedido e solemne no tom de côr fonnento da maré que suga as suas aguas, até se perder alem numa amplitude amasonica de ribas infindaveis.

João da Barra mandara amarrar a embarcação pouco acima da villa para ao amanhecer do outro dia ancorar com segurança lá na rampa de baixo para faser a descarga de couros, de milho que trasia para o coronel Felicio, o negociante ricaço mais « dinheirudo » d'aquellas beiras.

Aquella viagem não tinha sido das melhores. Ao sahir do Codó viera atacado de sezões e, quasi ao chegar ao remanso da Marianna a embarcação batera num toco de páo de uma coivara e fisera agua, avariando a carga do porão. No Coroatá teve que levar oitó dias e alugar trabalhadores para estender o milho ao sol e assim livral-o de apodrecer no bote. Em Cantanhede fisera o barco agua de novo e só lhe podera tapar o rombo quando aportara em Itapecuru, onde o Marcelino, filho da Benta, fasedor de igaritês e cascos, levara um dinheirão pelo serviço.

Ahi mesmo não lhe correra bem a vida. A Romana, caseira do Zé Garrote, vindo vender um paneiro de farinha, elle embora andasse de ponta com o homem da cabocla, palpou-lhe as ancas, fasendo-lhe pedidos desregrados. Ella, ou para se ter bem aos olhos do amasio ou porque mesmo não gostasse da chalaça, subiu azafamada a ladeira do porto. Meia hora depois lá veiu o Zé Garrote, de facão na bainha, para beira do rio desafial-o. Teve vontade de desculpar-se, mas como o rival estivesse « brotando » valentia, não querendo desmentir tambem a sua fama de valente, afivelou o facão á cinta e botou-se para o mulato. E ficariam os dois crivados de facadas, se o Chico Mano, vareiro do bote, não se mettesse a desapartal-os.

A chuva cahia agora mais lenta a arfalhando mais brandamente pela folhada e da ribanceira chegavam confusos uns zunidos funebres como se o jussaral chorasse ao espancamento açodado da ventania glacida. A's vezes pelos galhos dos joaseiros uma ou outra « cigana » occulta grasnava tristonha e feia—e, pelo meio do rio, vindos de cima, troncos d'arvores passavam espaçadamente no molle deslisar da correnteza.

E a negrura da noite accentuava-se sempre : não havia um ponto bonito pelo céo, era tudo o espanejamento revolto de nuvens tenebrosas. Somente lá para o porto da villa, de raro, em raro tremelusia o pharolim de algum barco ancorado á beira d'agua, e, quando o vento soprava sem furias e sem força, chegava quasi apagado o descante saudoso de algum remeiro á viola.

João da Barra na tolda do bote, enfesado, pensativo e mudo, pitava sombriamente o caximbo, em quanto o Chico Mano, trepado sobre um montão de couros seccos, encordoava a viola, mastigando o cigarro. Levantou-se depois vindo espiar

por fora da coberta de palha, a farrusca do infinito. Saltou-lhe da bocca uma palavra porca. E veiu-se sentar-se austero na rede acanhadamente armada nos caibros do tecto, meditando silencioso.

Precisava aquella noite saltar em terra para ir a casa da Rità do Vigario. Ha quatro dias atraz, num accesso de sezão, sonhara delirando que a amasia tinha o queixo amarrado, as mãos crusadas sobre o peito, os olhos frios como defunto : vira-a caminhar phantasticamente a passos largos em direcção ao cemiterio e, entre as cruzes negras das sepulturas, cantar bailando um padre-nosso canalha : e ao sapateado ia-se afundando a terra e a Rita se sumira para baixo entre uma nuvem de poeira luminosamente erguida para o asul.

Embora esquerdo á abusões e agoiros, incredulo até quanto pode ser um sertanejo, aquelle sonho aberto no escaldamento do delirio da febre, passava-lhe agora claramente pelo espirito como o preludio agoireiro de uma desgraça. Tinha pressa em ir a terra, mas aquella « chuva de borra » empedia-lhe por causa da sezão caminhar pelo molhado.

Chico Mano, ja de instrumento encordoado, zumbia baixinho, indolentemente, a estancia maguada de uma valsa matuta.

Elle escutava-o de mão no queixo e cabeça baixa, fumando o caximbo, immobilisado na sua tristeza sisuda. Depois virou-se para o vareiro, com a voz pausada e grave :

— Toca mais alto e canta. O cabrocha emmudecera a viola, afinou-a em seguida, corda a corda e rompeu, cantando :

— *O « reis » mandou me chamar*
P'r'eu casar com sua « fia »,
Os dotes que elle me dava :
« Oropa », França e Bahia.

E a voz foi baixando jocosa e quente :

— Eu então lhe « arrespondi »
Que era pouco e eu não queria,
Que eu me chamo Chico Mano
Da fala branda e macia,
Tenho dinheiro na caixa,
« Biête » na lotaria,
De dia bebo cachaça,
De noite faço arrelia...

Rebentara-se a prima. O vareiro parou os dedos, metteu a corda na cravelha, afinando de novo a viola.

— Lá vae a *Morena*, patrão !

Approvou meneiando taciturnamente as sobrancelhas, e o cabrocha, concertando a garganta trinulou :

— *Ai... ai... ai...*
Lá vae meu bote á vela
Ai... ai... ai...
Morena na janella

E mais alto, a gemer languidamente :

— *Lá vae meu bote á vela*
Pelo rio sereno...
Morena tu és minha,
Eu sou o teu moreno.

— *La vae meu bote á vela*
Pelo meio do rio...
Embora a « chuva chova »
Teu seio não faz frio...

João da Barra chupou mais grossa a fumaça do cachimbo. Passara-lhe veladamente pelo espirito o contorno harmonico da exuberancia turgida de uns quadris redondos, a linha entalhada e rija de umas pernas macias, a tepida maciez de um seio atrigueirado... Viera-lhe a brancura de uma rede, onde o corpo roliço de uma mestiça dormia indolentemente : a cabeça afogada na crespa cabelleira, o braço estirado pelos punhos no abandono langoroso do somno das mulatas. E veiu, sensualmente macambusio, espiar o céo.

Estiava. A chuva pingava em fios finos numa lentidão enfadonha e molle, mas o firmamento ebanisado e turvo, se esfarrapava mais. Já não gemia o trovão. Voltou decidido a saltar. Aquella ligação com a Rita do Vigario começara ha muitos annos quando ella era ainda amasia do parocho da villa. Nesse tempo elle era apenas vareiro do bote do capitão Silveira, negociante no Urubú e, quando vinha ao Rosario ia arrastando o seu pé de alferes a Rita que por essa feita era o rosto mais lindo da villa. E a mulata—só promessas.

Mas um dia, poude-lhe falar abertamente na pagodeira de S. Gonçalo, no sitio da Zépa Pica-páo. Proposera-lhe sustento e casa, — era ja mestre do bote e da inteira confiança do patrão. Alem disso, ella ficaria livre da lingua dos maldisentes. Na villa era voz geral que a rapariga em noites de sexta-feira, por ser caseira do reverendo, vinha para a porta da egreja virar « cavalla canga », dando esturros infernaes. Havia quem affirmasse ; a Janoca Lavadeira e a Germana do Felix, juravam que certa vez a viram transmudada em « mula sem cabeça », espinoteando, aos coices no pateo da matriz.

Na manhã seguinte a mulata recebeu-o em casa.

Um dia, estando inesperadamente o padre pela meia noite, encontrou-o esparramado na rede. O vigario foi ás nuvens e, vermelho e grave, traçou nos ares com a mão direita uma cruz, esconjurando-os.

E depois affirmara ao Luiz Maninho ter feito resas para que a alma da Rita nunca tivesse descanço e andasse penando pelo mundo.

A voz do Chico Mano subia e descia, repetindo o estribilho.

— Ai... ai... ai...
La vae meu bote á vela...
Ai... ai... ai...
Morena na janella...

João de Barra chamou o violeiro, mandando-o estender a prancha.

.....

— Vae á terra, patrão?
Um movimento de cabeça respondera.
— Olhe a febre.
Encolheu os hombros, desdenhoso:
— Ha trez dias não dá.
E sumiu-se pelo caminho do porto.

II

Havia pela villa a pacatez soturna do inverno em meio. Choviscava pouco. Ja todo mundo dormia. A's vezes, do interior dos casebres a claridade anemica da candeias mortiças espiava pelos rombos das paredes; cabras sem poiso, encolhidas pelas portas, acoitavam-se da chuva, tremendo friorentas; nos quintaes, um ou outro cão gemebundo uivava; nos vasios alagados os cururús coaxavam, e para longe, na lagôa, os sapos-bois berravam tristemente numa cantoria funerea.

João de Barra, atravessando o largo da matriz, metteu-se pelo arruado longo.

A casa da Rita ficava la para baixo, nas proximidades da fonte.

Chegando, espiou pele frincha da janella. La de dentro vinha tremula a luz escassa do candieiro.

Respirou folgado: o sonho ficara mesmo em sonho, — havia gente em casa — a mulata estava viva.

E bateu com o bengalão na porta. Ninguem respondera.

Bateu de novo. Nada.

Tornou a bater. E, sem que se ouvissem passos, a porta escancarou-se de repente.

Tremeu, recuando subitamente. E, em seguida, perfilou-se. Naturalmente aquillo não era mais do que brincadeiras da Rita.

Esperou alguns instantes e avançou depois, intrepido, de bengalão erguido.

Não havia ninguem na sala.

Temorisou-se. Que historia era aquella?!

Empinaram-se-lhe os cabellos. Mas seguiu em direcção do quarto.

Inesperadamente o corpo da amasia surgiu erecto, tezo, em roupas brancas.

— Olé! Quando chegou?

— Ind' agora, com aquelle pé d'agua, respondeu sentando-se, ja calmo e mettendo no gancho da parede o chapeo de palha.

Ella seguira para o outro lado indo buscar o banquinho de madeira.

Estranhou-lhe os passos: eram de uma largueza exquisita, muito longos, phantasticos, sem ruido, lentos.

— Estás doente, rapariga?

— Eu não. O dente é que me dóe, fez sentando-se.

— Outro dia tive um sonho besta...

— Qual foi?

— Sonhei...

Baixou a cabeça para cuspir.

— ... que tinhas morrido.

E levantou em seguida a fronte para fital-a; ella havia desapparecido.

— Rita! ó Rita! chamou intrigado, chegando á porta.

La para os fundos, na cosinha, uma voz respondera :

— Eu vim passar café.

Elle tirou do bolço o caximbo, accendendo-o ao candieiro, despiu o paletot e as calças, vindo estirar-se na rede.

Tempos depois a luz tremeu.

De subito um braço hirto e tezo estendeu-se-lhe em frente.

Saltou como uma cobra, em pé. O candieiro apagou-se. Riscou rapidamente um phosphoro, accendendo-o.

— Que pulo foi esse? disse por traz a Rita. Foi medo?

— Medo lá nada. Foi a luz que se apagou.

— Tome o café.

Sentaram-se juntos á mesa baixa de pinho.

— Você toma amargoso?

— Não.

A mestiça abriu a gaveta da mesinha tirando a rapadura embrulhada em folhas de bananeira e levantou-se trasendo a garrafa de aguardente.

— Esquenta o corpo, lembrou sentando-se.

O embarcadiço fez-lhe mudamente a vontade e, erguendo os olhos para a parede, destinguiu no reboco uma caveira humana, branquejando.

Fransiu de repente os olhos, interrogando bruto :

— Que historia é essa?

Ao mesmo tempo apagou-se o candieiro. Lesto, tocara-lhe o phosphoro. A Rita, a dois passos, tremia lividamente, queixo amarrado e as mãos cor de cera crusadas sobre o peito.

— Que caveira é essa?

Ella, macilenta, fria, muito fria, explicou misteriosa. Disseram-lhe que o vigario fisera certa oração para que a sua alma andasse vagabunda, penando pela terra. A Martha Benzedeira então estava a lhe faser uma oração em cima d'aquella caveira para tirar a maldição do padre.

— Bobagem, rugiu o barqueiro, incredulo.

— Bobagem o que! E' certo. E se você tem dinheiro me deixe ahi nove patacas para eu pagar a Martha.

Elle sacou do bolço as moedas, entregando-lh'as.

A Rita abriu a gavetinha da meza e guardou-as num cantinho. Foi até a outra banda, trasendo um vidrinho de remedio.

— Este dente não me deixa.

Molhou o algodão no liquido e, com o palito, á luz da candeia, fez o curativo.

E quedou a cabeça nas coxas do amante. Elle achatou-lhe um beijo na bocca. Ella pulou em pé. Luziram-lhe os olhos lubricamente, os seios entesaram e a cabelleira ficou arripiada, tremulando.

João da Barra cingiu-lhe a cinta e ella, espectral e doida, bailou cantando, acanalhada :

— Padre nosso, que estás no céo, santificado...

O vento esfusiou nas frinchas, apagando a luz.

O trovão estrondejou la fora.

III

A manhã nascera macerada e feia, de uma languidez chlorotica e enjoada. O céo enxovalhado, no esgarçamento plumbeo das nuvens sujas, estendia macilentamente a cupola fouveira e o sol, encapotado la por dentro, deixava no nascente um emplastro redondo de claridade embotada.

Eram sete horas da manhã. Rosario acordava tristemente como acordam as villas pelo inverno. Não choviscava quasi. Nos quintaes inclinados para o rio, mulheres, de saia arregaçada, deitavam milho ás gallinhas; na praia, os pescadores, a bordo das canôas, arrumavam o espinhel e as linhas das pescarias.

Cascos, de tempo em tempo, cortavam de banda a banda o rio. A maré enchia. Na matriz, dolentemente pelos ares, dobravam os sinos.

João da Barra mandou amarrar o bote junto á rampa e subiu á terra para avisar a sua chegada ao coronel Felicio.

O negociante, á porta da loja, recebeu-o alegre. Esperava-o ha dias.

Elle explicava : atrasos pelo caminho, duas avarias no bote e as enchentes do rio : muitas vezes em noites de trovoada, tinha que ancorar num porto por não poder viajar com a força da correnteza e os montões de troncos vogando rio abaixo.

Sentaram-se nos mochos de madeira, frente a frente.

— Muito negocio ? perguntou o coronel, repuchando as meias.

O embarcadiço foi lentamente contando. La em riba era tudo uma pasmaceira. A colheita muito fraca : roças alagadas pela chuva, o algodão perdido, a mandioca apodrecida e o arroz sem esperanças de fartura. O milho uma « desorbitancia » : subia cada vez mais de preço e assim mesmo raramente se encontrava.

— Muita doença por lá?

— Um desproposito. E' febre ahi por essa beirada que faz dó. E a bicha tem me posto bambo. Ha trez dias que não me dava, mas parece que hoje é certa, já estou sentindo a cabeça tonta.

— E' verdade, disse o negociante, você por lá e a pobre Rita foi-se...

— Qual Rita?

— A Rita do Vigario.

— Foi-se p'ra onde?

— Morreu.

João da Barra levantou-se bruscamente, estacando livido. Aterrou-se-lhe de repente o rosto, sumiu-se-lhe da cara o sangue, o olhar relampejou violento e com a voz estrangulada, interrogou tonteado :

— Morreu?

— Pois inda não sabe? Estava engommando no quarto e sem esfriar o corpo foi tomar banho na chuva. Morreu estuporada.

O barqueiro avançou brutal, de veias dilatadas, narinas offegando e a lingua secca á amostra.

— Quando?

— Faz hoje uma semana.

Elle recuou de chofre, o olhar accezo e duro, a testa ardendo em fogo, a bocca

rija e quente e envestiu depois tragicamente em contracções na face, tiritando os dentes num rugido perro :

— Pois é mentira ! Hontem estive lá! Ella estava viva, estava viva...

E rangiu furioso lusindo redondamente os olhos vitreos o pulso titilando ás pressas :

— Estava viva, estava viva, estava, estava, estava...

E tombou de encontro á porta, encolheu-se timidamente como se passasse alguma visão pelos olhos e com a voz rotunda e cava gemeu, cantou e riu numa tremura electrica de queixos :

— Padre nosso, que estás no céo, santificado...

VIRIATO CORRÊA.

No escriptorio de um advogado :

— O motivo do divorcio, disse, é sua mulher tel-o engando ?

— Sim, senhor... ella confessou-me que amava um outro, e eu verifiquei que era verdade.

— Mas então se ella lhe disse a verdade não o enganou !

***

Entre amigos :

— É verdade, meu caro, três vezes estive namorado e todas as três vezes fui infeliz.

— Como assim ?

— A primeira não me quiz, a segunda morreu quando estava tudo prompto para o casamento, e a terceira... é minha mulher.

***

Na escola.

A mestra mostrando o dedo minimo :

— Como se chama este dedo ?

Silencio do alumno.

— Auricular, díz a professôra, Chama-se assim por que se mette ás vezes nos ouvidos

Depois continuando e mostrando o index :

— E este ?

O narizcular, responde o menino, por que se mette ás vezes no nariz.

***

Calino escreve a um amigo :

— Sendo esta carta já volumosa, escreve elle no *post-scriptum*, mandar-te-hei o resto amanhã, para não pagar duas estampilhas.

***

Calino viaja n'um wagon de 3.ª classe com seu filho, e vê que este brinca com os bilhetes.

— Esconde isso, diz-lhe elle a meia voz, ninguem precisa saber que viajamos ém terceira !

***

— Para que é que v. lê os annuncios dos casamentos ?

Calino : Para saber se se casam mais homens que mulheres.

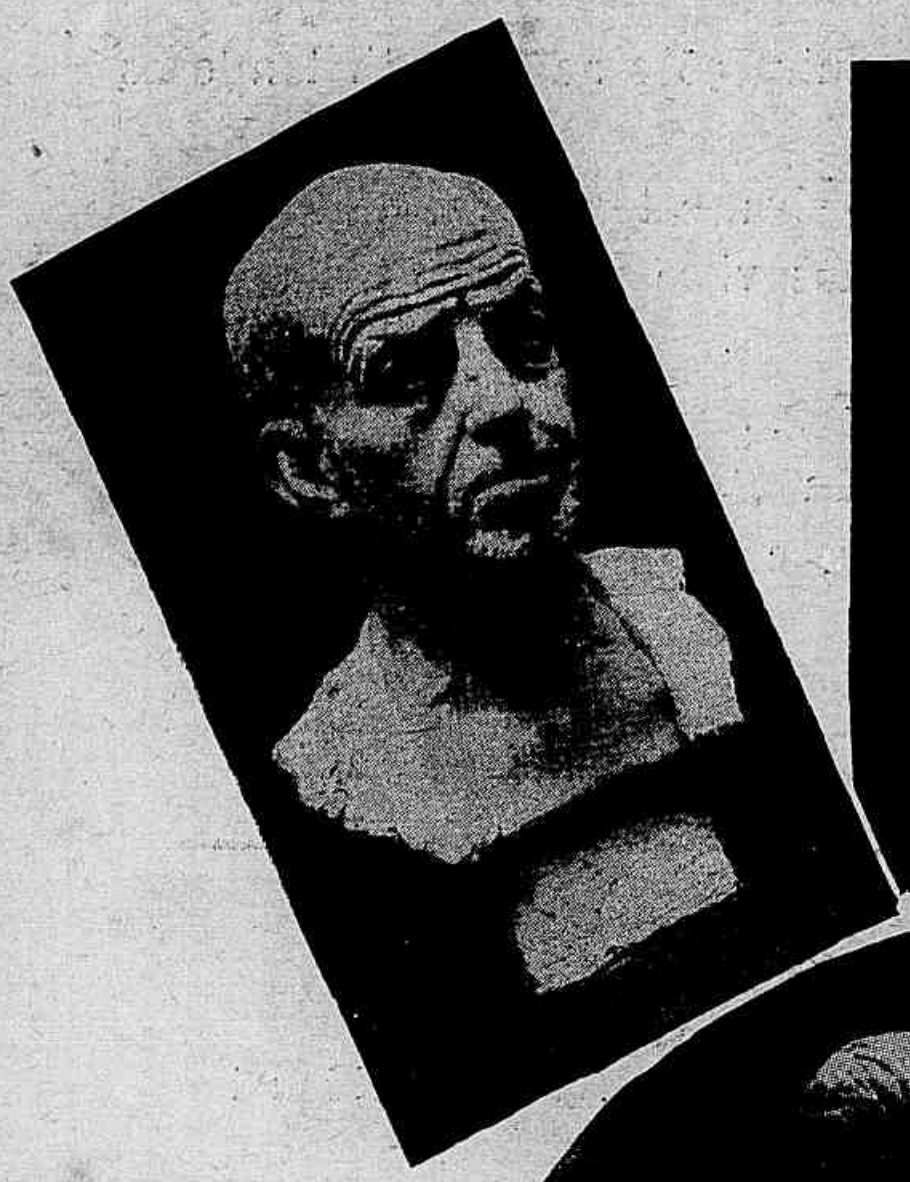
***

— Menino não metta os dedos no nariz !

— Então para que foram feitos os buracos ?

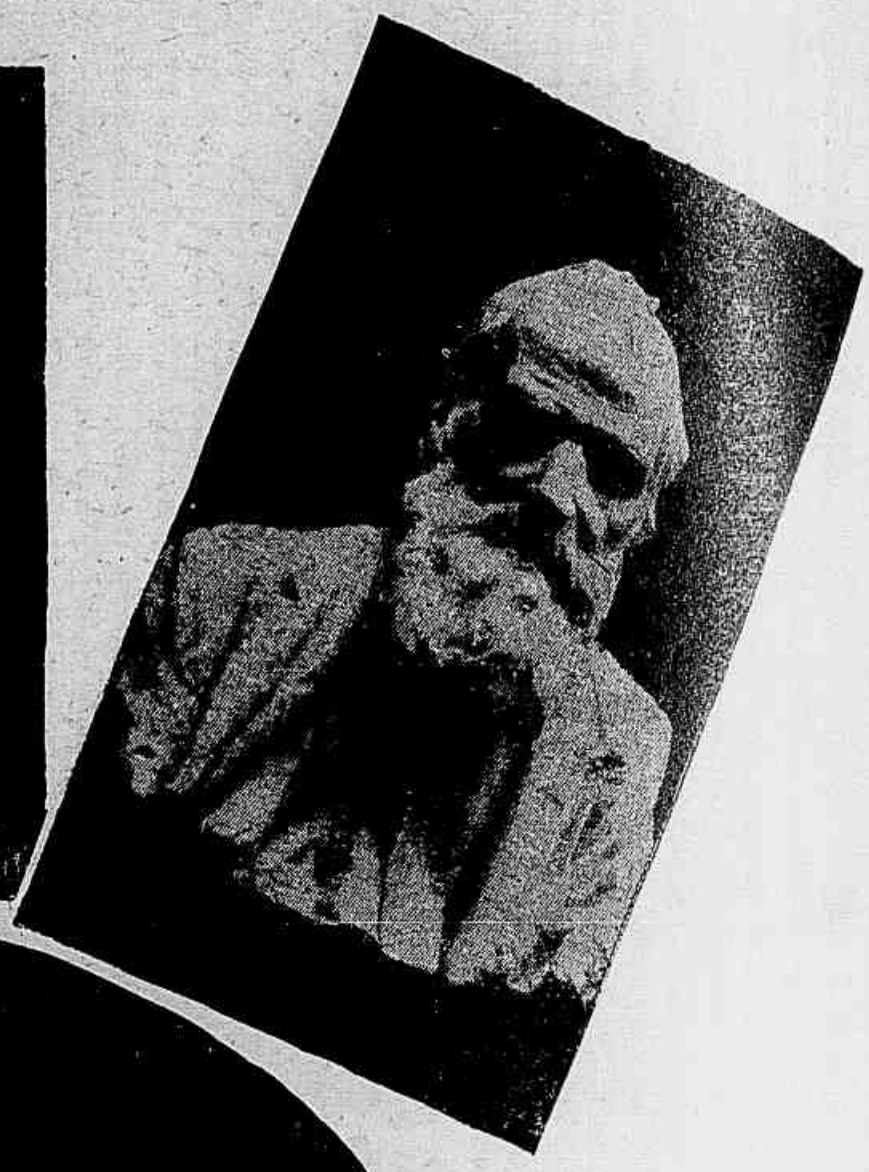
BELLAS ARTES

MOREIRA JUNIOR. — *Estúdo.*



H. DA CUNHA MELLO.
Estudo.

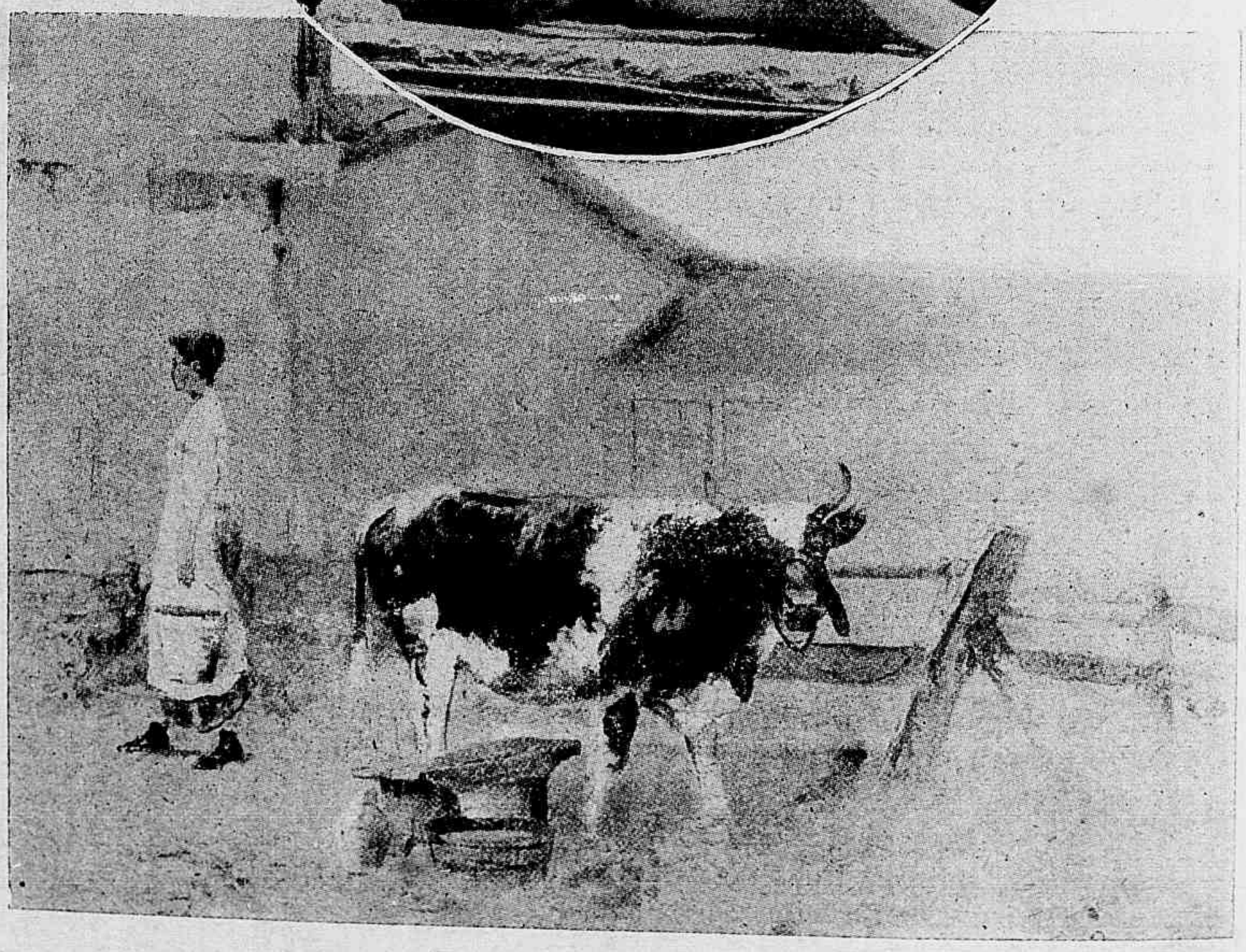




H. DA CUNHA MELLO.
Estudo.



MOREIRA JUNIOR. — *Estúdo de fim de anno.*



ANTONIO PARREIRAS. — *Manhã de roça.*



Desenho
de R. Amoedo.



Confidence.
Grupo de
Julieta de França.
(Rio, Exposição 1906.)



P. Peres. —

Pequena jardineira.

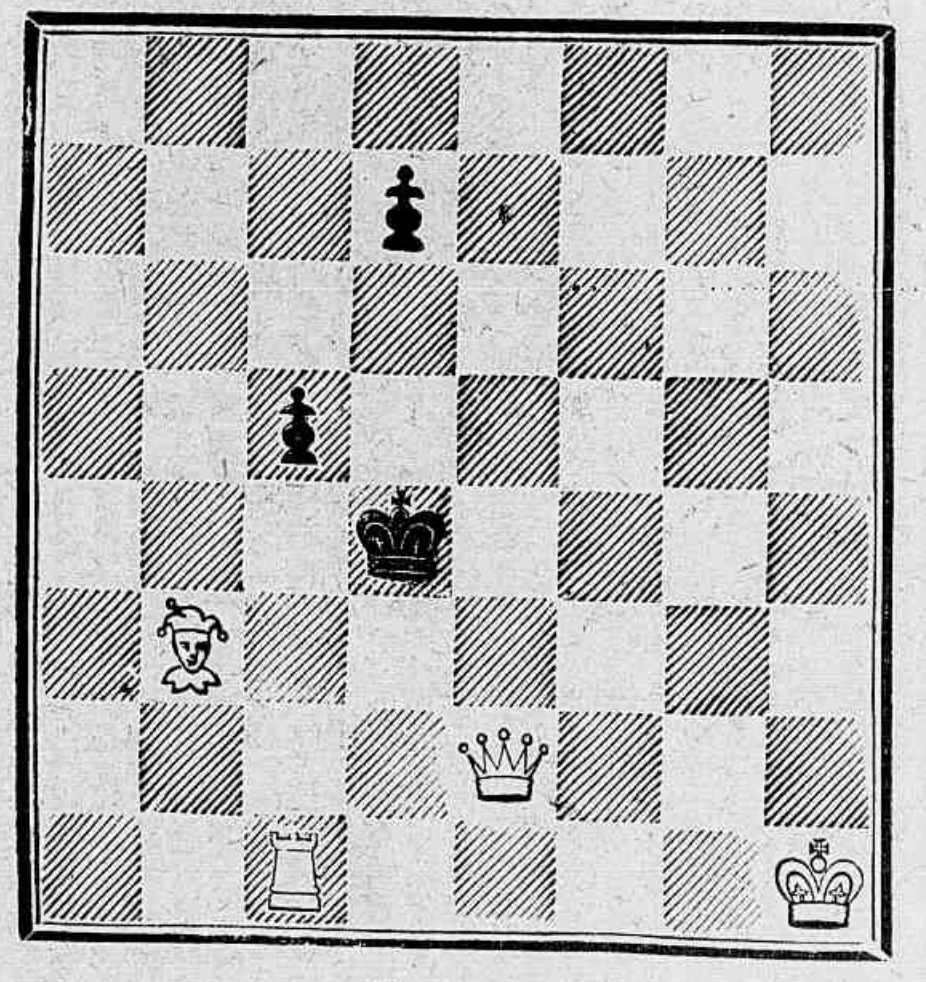


Paizagem, de França Junior.

XADREZ

PROBLEMA N.º 1

Pretas



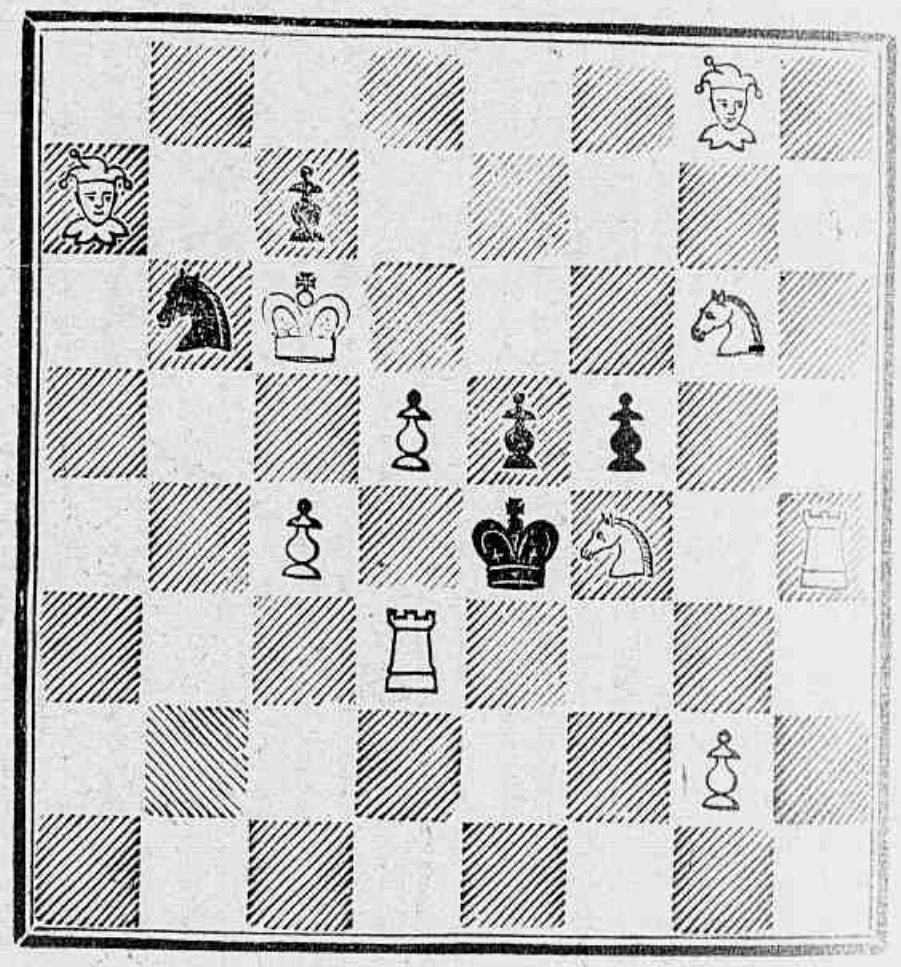
Brancas

Jogam as brancas. Mate em 3 lances.

PROBLEMA N.º 2

F. MENDES DE MORAES FILHO (Rio).

Pretas (5)



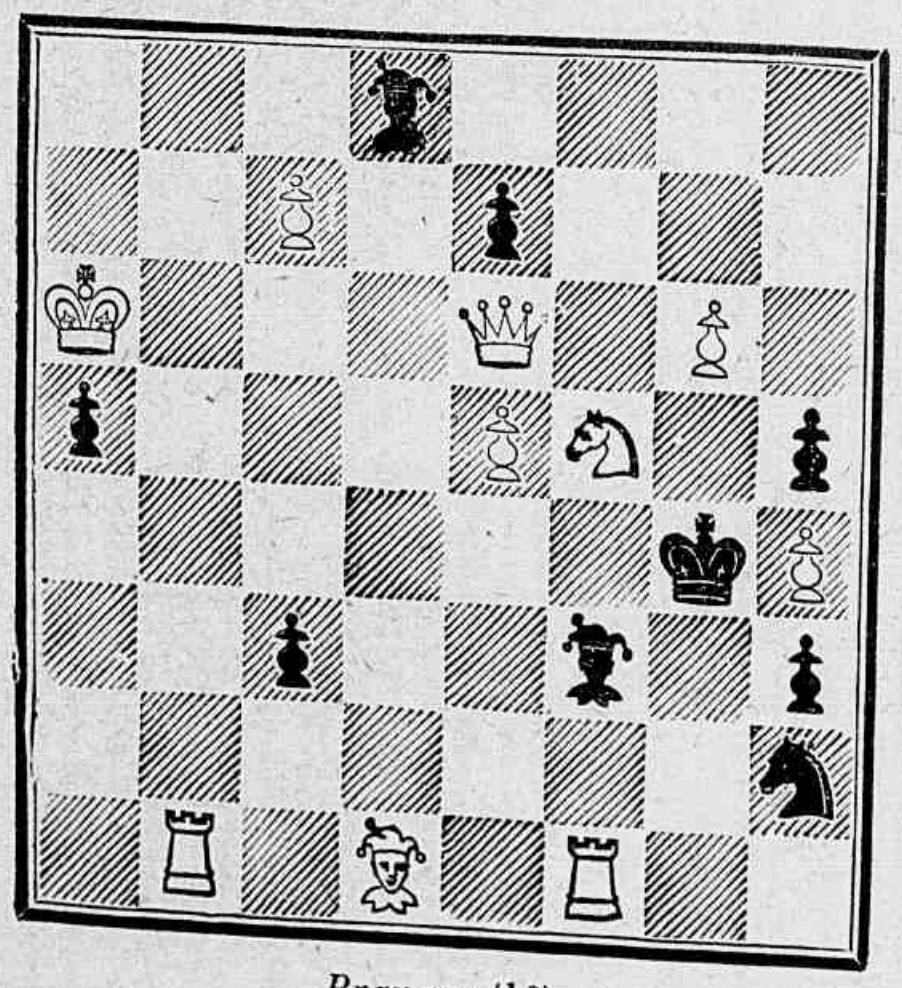
Brancas (10)

Mate em 2 lances.

PROBLEMA N.º 3

TACITO ET LIPMAN (S. Paulo).

Pretas (9)

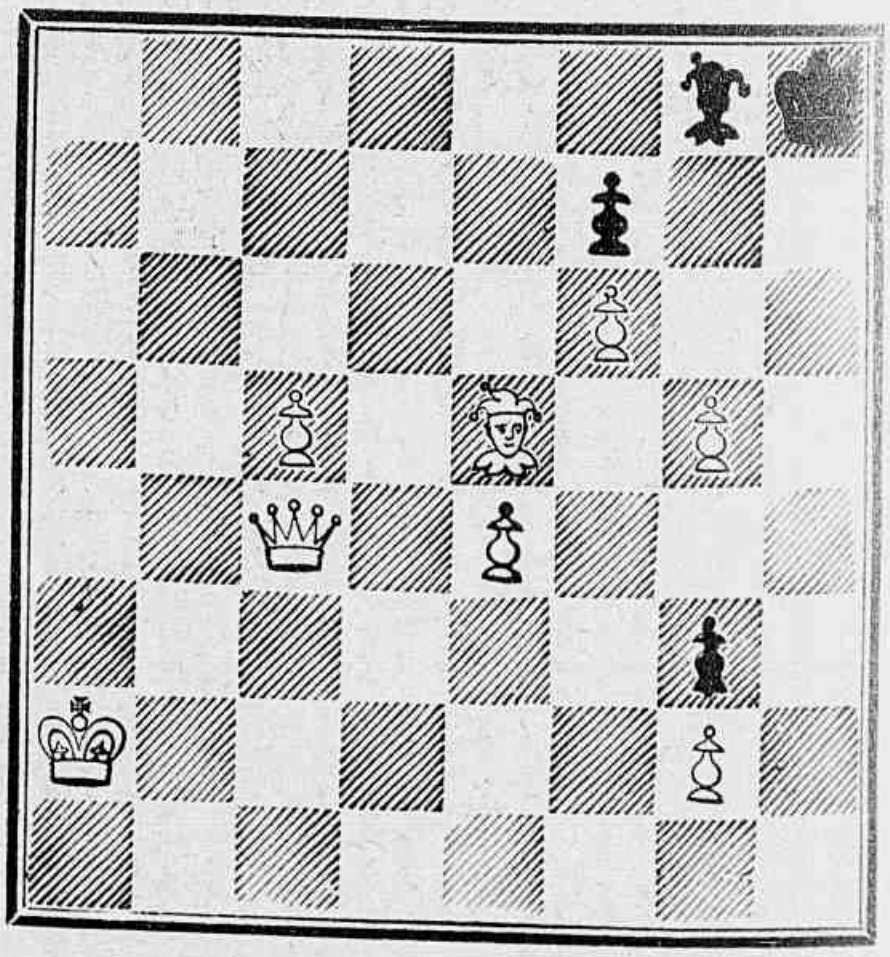


Brancas (10)

Mate em 2 lances.

PROBLEMA N.º 4

Pretas

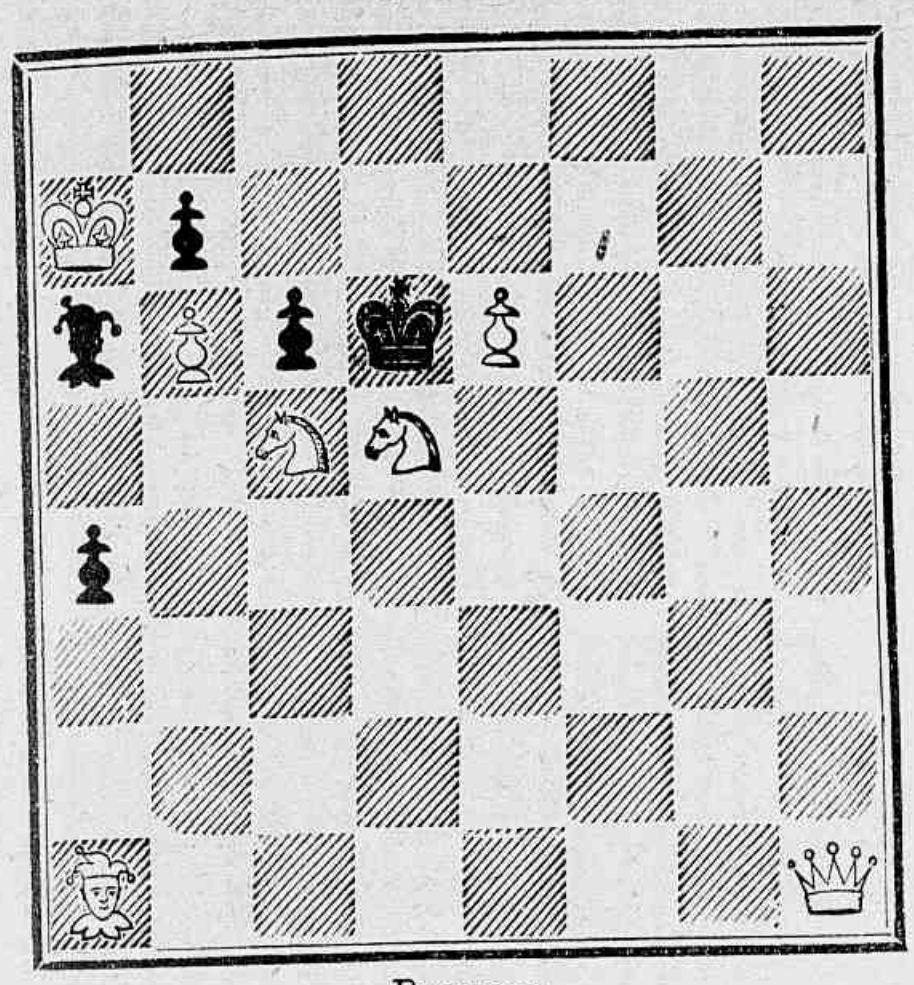


Brancas

Jogam as brancas. Mate em 3 lances.

PROBLEMA N.º 5

Pretas

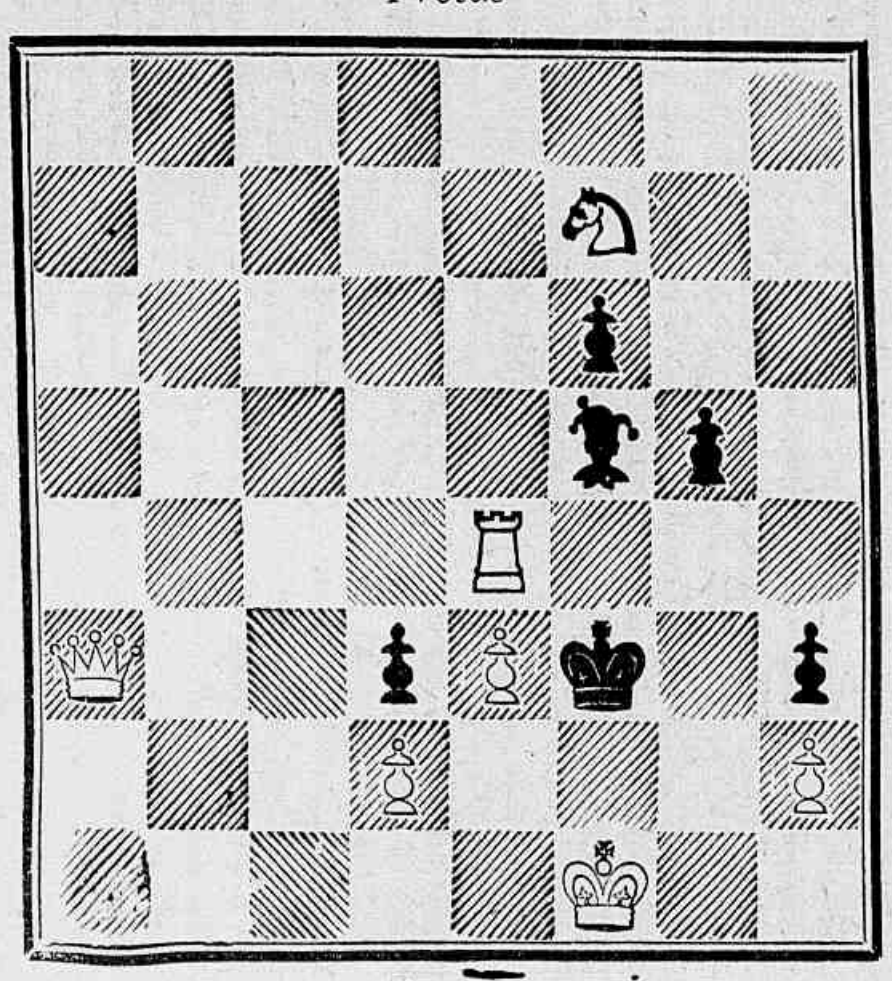


Brancas

Jogam as brancas. Mate em 3 lances.

PROBLEMA N.º 6

Pretas

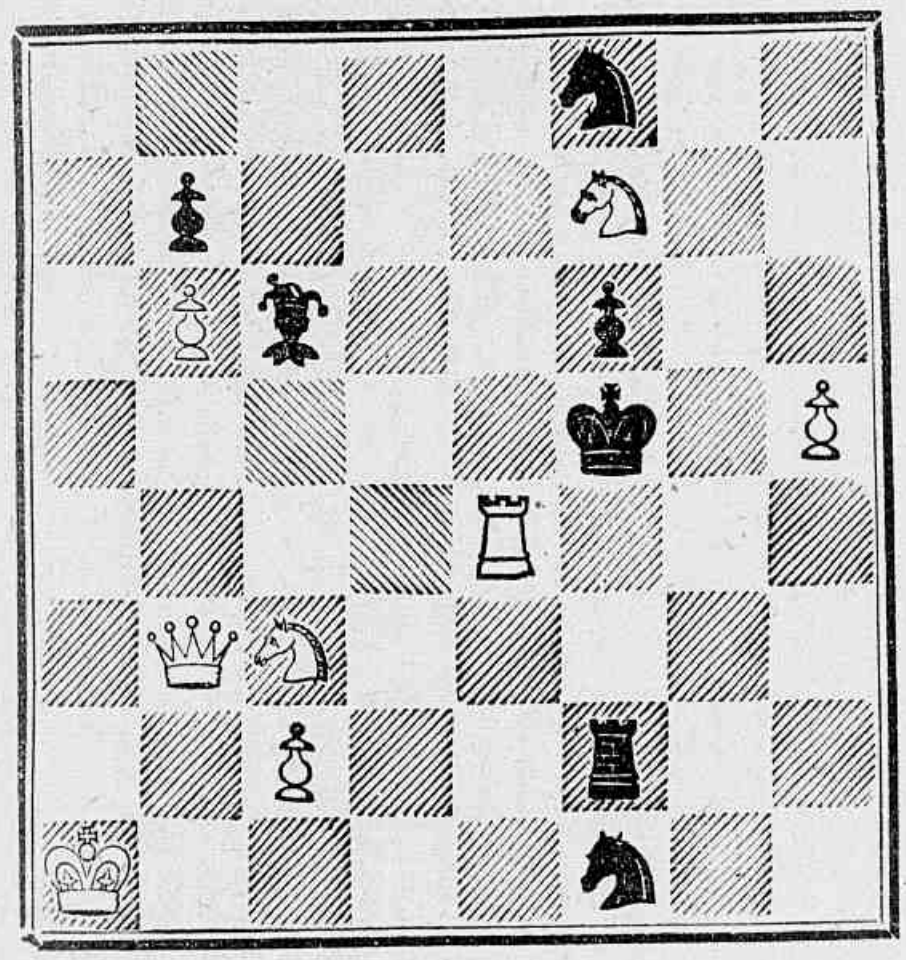


Brancas

Jogam as brancas. Mate em 12 lances.

PROBLEMA N.º 7

Pretas

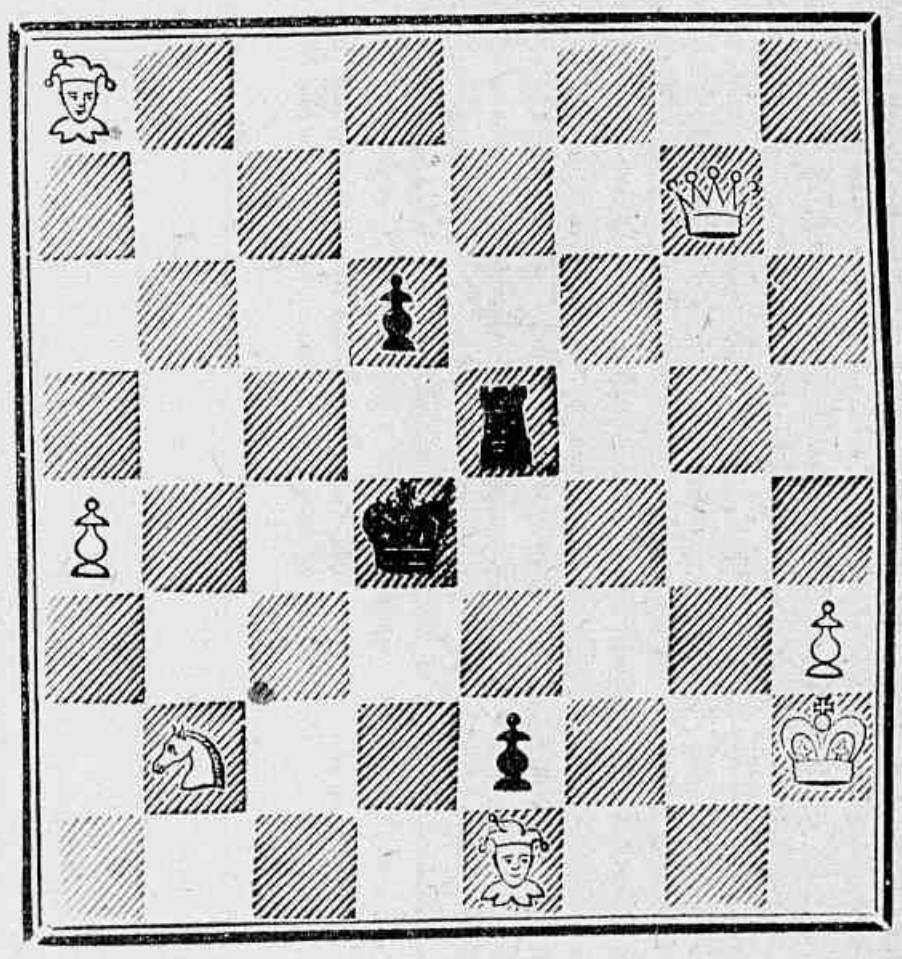


Brancas

Mate em 2 lances.

PROBLEMA N.º 8

Pretas

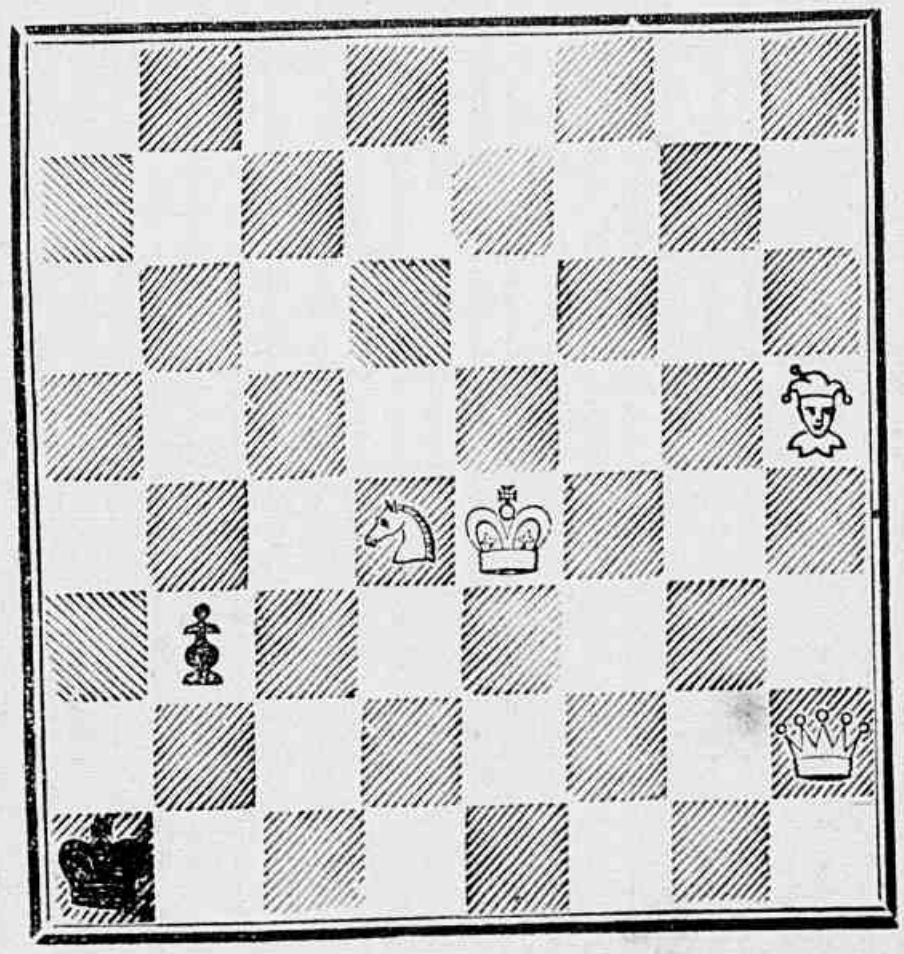


Brancas

Mate em 2 lances.

PROBLEMA N.º 9

Pretas



Brancas

Mate em 3 lances.

SOCIÉTÉ FINANCIÈRE ET COMMERCIALE

FRANCO-BRÉSILIENNE

(EX NATHAN & Cie)

ESPECIALIDADES:

Materiaes para Estradas de Ferro, Lavoura
e Machinismo Industrial

Ferragens em geral. Canos e apparelhos
para gaz e agua

Ferro, Aço, Cobre, Latas, Chumbo e Outros Metaes
Cimento, Tintas, Carbureto de cal

Unicos representantes no Estado de São Paulo

DO

THE STANDARD OIL Cº

DE NOVA YORK

(Departamento Thompson & Bedford)

ENVIAM-SE CATALOGOS

SÃO PAULO

43, Rua de São Bento, Caixa do Correio K

Endereço telegraphico : "LUPTON"

SANTOS

5, Onze de Junho, Caixa do Correio, 147

Endereço telegraphico : WYSARD

TABELLAS — NOTAS — INFORMAÇÕES

GOVERNO DA REPUBLICA

(Até 15 de novembro de 1910.)

Presidente. — Dr. Affonso Augusto Moreira Penna.

Casa civil do presidente. — Secretario Dr. Edmundo Veiga; officiaes de gabinete, Dr. Alvaro Penna e tenente-coronel Francisco José Alvaro da Fonseca.

Casa militar. — Chefe coronel Feliciano Mendes de Moraes; sub-chefe capitão de corveta Pedro Velloso Rebello; ajudantes de ordens capitães-tenentes Galvão Bueno e José Maria Penido e capitães do exercito João Baptista Neiva de Figueredo e Affonso Monteiro.

Vice-presidente. — Dr. Nilo Peçanha.

Ministros de Estado:

Do Interior e Justiça, Dr. Augusto Tavares de Lyra.
Da Fazenda, Dr. David Campista.
Da Industria e Viação, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.
Do Exterior, barão do Rio Branco.
Da Guerra, Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.
Da Marinha, Contra Almirante Alexandrino de Faria Alencar.

GOVERNADORES DOS ESTADOS

AMAZONAS (1904-1908)
Major dr. Antonio Constantino Nery.

PARÁ (1905-1909)
Dr. Augusto Montenegro.

MARANHÃO (1906-1910)
Dr. Benedicto Pereira Leite.

PIAUHY (1904-1908)
Dr. Alvaro Osorio de Assis Mendes.

CEARÁ (1904-1908)
Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.

RIO-GRANDE DO NORTE (1904-1908)
Dr. Antonio de Souza.

PARAHIBA (1904-1908)
Major dr. Alvaro Lopes Machado.

PERNAMBUCO (1904-1908)
Dr. Segismundo Antonio Gonçalves.

ALAGÔAS (1906-1909)
Dr. Euclides Malta.

SERGIPE (1906-1909)
Dr. Guilherme Campos.

BAHIA (1904-1908)
Dr. José Marcellino de Souza.

ESPIRITO-SANTO (1904-1908)
Coronel Henrique da Silva Coutinho.

RIO DE JANEIRO (1907-1910)
Dr. Alfredo Backer.

S. PAULO (1904-1908)
Dr. Jorge Tybiriçá.

PARANÁ (1904-1908)
Dr. Vicente Machado da Silva Lima.

SANTA CATHARINA (1906-1910)
Dr. Ricardo Richard.

RIO-GRANDE DO SUL (1903-1908)
Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros.

MINAS-GERAES (1906-1910)
Dr. João Pinheiro.

GOYAZ (1905-1909)
Coronel Rocha Lima.

MATTO-GROSSO (1903-1907)

SENADO FEDERAL

SENADORES

Alagôas. — Manoel de Araujo Goes e Manoel José Duarte.

Amazonas. — Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto e Silverio José Nery.

Bahia. — Ruy Barbosa, Virgilio Climaco Damasio e Severino Vieira.

Ceará. — Francisco Sá, Pedro Augusto Borges e Joakim de Oliveira Catunda.

Capital Federal. — Augusto de Vasconcellos, Lauro Sodré e Candido Barata Ribeiro.

Espirito Santo. — José de Mello Carvalho Muniz Freire, Cleto Nunes Pereira e Luiz Siqueira da Silva Lima.

Goyaz. — Braz Abrantes, Urbano Coelho de Gouveia e José Joaquim de Souza.

Maranhão. — Urbano Santos da Costa Araujo, Augusto Olympio Gomes de Castro e Manoel Ignacio Belfort Vieira.

Matto Grosso. — Antonio Francisco de Azevedo e José Maria Metello.

Minas-Geraes. — Feliciano Augusto de Oliveira Penna e Julio Bueno Brandão.

Pará. — Arthur Indio do Brazil, José Paes de Carvalho e Justo Leite Chermont.

Parahyba. — Alvaro Lopes Machado, Antonio Alfredo da Gama e Mello e João Gonçalvez Coelho Lisboa.

Paraná. — Candido Ferreira de Abreu, Francisco Xavier da Silva e Brazilio Ferreira da Luz.

Pernambuco. — Antonio Gonçalves Ferreira, Francisco de Assis Rosa e Silva e Herculano Bandeira de Mello.

Piauhy. — Anizio Auto de Abreu, Firmino Pires Ferreira e Raymundo Arthur de Vasconcellos.

Rio-Grande-do-Norte. — Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, Joaquim Ferreira Chaves e José Bernardo de Medeiros.

Rio-Grande-do-Sul. — José Gomes Pinheiro Machado e Julio Anacleto Falcão da Frota.

Rio de Janeiro. — Lourenço Maria de Almeida Baptista, Carlos Augusto de Oliveira Figueredo e Eurico Marinho da Gama Coelho.

Santa Catharina. — Hercilio Pedro da Luz, Gustavo Richard e Felippe Schmidt.

São Paulo. — Francisco Glycerio, Joaquim Lopes Chaves e Alfredo Ellis.

Sergipe. — José Luiz Coelho e Campos e Martinho Cesar da Silveira Garcez.

SECRETARIAS DE ESTADO

SECRETARIA

DA JUSTIÇA E DOS NEGOCIOS INTERIORES

Director geral da justiça, dr. Pelino da Costa Guedes.
Director geral do interior, Candido Augusto Coelho da Rosa.
Director geral da contabilidade, João Carlos de Sousa Bordini.
Funcciona na Praça Tiradentes, n. 65.

DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Director geral, Joaquim Thomaz do Amaral(visconde de Cabo-Frio).
Funcciona na rua Marechal Floriano Peixoto n. 150.

DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

Director do Expediente, dr. Pedro Teixeira Soares.
Director de Contabilidade, Francisco Ferreira da Costa junior.
Director do Contencioso, dr. Carlos Augusto Naylor.
Director de Rendas publicas, Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque.
Funcciona na rua do Sacramento n. 17.

DOS NEGOCIOS DA GUERRA

Director geral, dr. Francisco Manuel das Chagas.
Funcciona no quartel-general á praça da Republica, n. 56.

DOS NEGOCIOS DA INDUSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS

Director geral da industria, dr. José Francisco Soares Fº.
Director geral de obras e viação, dr. José Freire Parreiras Horta.
Director geral de contabilidade, Francisco Maria Machado de Assis.
Funcciona na praça Quinze de Novembro.

DOS NEGOCIOS DA MARINHA

Director geral, Henrique Rodrigues Nobrega, cap. de mar e guerra.
Funcciona na rua Visconde de Inhaúma, praia dos Mineiros.

TRIBUNAL DE CONTAS

(R. do Sacramento, 17.)

Presidente. — Dr. Didimo Agapito da Veiga.
Directores. — Alvaro Arthur Ewerton, Drs. Thomaz Wallace da Gama Cochrane, Augusto Olympio Viveiros de Castro.

CORPO DIPLOMATICO BRASILEIRO

AMERICA :

Na *Republica Argentina.* — Enviado extr. e min. plen., dr. Joaquim F. de Assis Brasil.

Na *Bolivia.* — Enc. de negocios, Antonio Feitosa.

Na *Venezuela.* — Env. extr., dr. Manuel de Oliveira Lima.

No *Chile.* — Env. extr. e min. plen., Henrique Carlos Ribeiro Lisboa.

Nos *Estados-Unidos.* — Embaixador, dr. Joaquim Nabuco.

No *Mexico.* — Env. Ext. e min. plen., dr. Alfredo de Moraes Gomes Ferreira.

Em *Nicaragua, Honduras, etc.* — Min. resid., Antonio da Fontoura Xavier.

No *Paraguai.* — Env. extr. e min. plen., dr. Brasilio Itiberê da Cunha.

No *Perú.* — Env. extr. e min. plen., Domicio de Gama.

No *Uruguai.* — Env. extr. e min. plen., Francisco Xavier da Cunha.

Na *Colombia.* — Ministro em missão especial, dr. Enéas Martins.

EUROPA :

Na *Allemanha.* — Env. extr. e min. plen., dr. José Pereira da Costa Motta.

Na *Austria-Hungria.* — Env. extr. e min. plen., dr. Cyro de Azevedo.

Na *Belgica.* — Env. extr. e min. plen., dr. José Cordeiro do Rego Barros.

Na *França.* — Env. extr. e min. plen., dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida.

Na *Gran-Bretanha.* — Env. extr. e min. plen., dr. Francisco Regis de Oliveira.

Na *Hespanha.* — Env. extr. e min. plen., dr. Pedro de Araujo Beltrão.

Na *Italia.* — Env. extr. e min. plen., dr. Julio Henrique de Mello e Alvim.

Nos *Paizes-Baixos.* — Env. extr. e min. plen., dr. Eduardo Felix dos Santos Lisbôa.

Em *Portugal.* — Env. extr. e min. plen., dr. Alberto Fialho.

Na *Russia.* — Env. extr. e min. plen., dr. José Augusto Ferreira da Costa.

Na *Sancta-Sé.* — Env. extr. e min. plen., dr. Bruno Gonçalves Chaves.

Na *Suissa.* — Env. extr. e min. plen., dr. Olyntho Maximo de Magalhães.

ASIA :

No *Japão.* — Min. resid., dr. Manuel Carlos Gonçalves Pereira.

CONSULADOS NO RIO

AMERICA :

Argentina, Alfandega 1.
Colombia, Alfandega 107.
Mexico, Carmo 53, sobrado.
Paraguai, Alfandega 29.
Perú, Rua do Ouvidor, 130.
Republica Dominicana, Hospicio 106, sobrº.
Venezuela, Rua Theophilo Ottoni, 12.
Costa-Rica, Rua D. Anna nº 12. (Botafogo).
Equador, Rua Primeiro de Março, 39.

Estados Unidos da America, Rua 1º de Março, 99.
Guatemala, Praia do Flamengo, 32.
Honduras, Praia do Flamengo, 32.
Nicaragua, Praia do Flamengo, 32.
Uruguai, Rua do Ouvidor, 42.
Bolivia, Rua do Ouvidor, 54.
Chile, Rua de S. Pedro, 2.

EUROPA :

Allemanha, Avenida Central, 146.
Austria-Hungria, Rua Primeiro de Março, 27.
Belgica, Theophilo Ottoni, 4.
Dinamarca, General Camara, nº 88.
França, Alfandega, 83.
Grecia, Ouvidor, 130.
Hespanha, Rua Primeiro de Março, 39.
Hollanda, General Camara, 88, 2º andar.
Italia, Caes Pharoux, 7.
Suecia e Noruega, Rua S. Pedro, 15.
Turquia, Ouvidor, 130.
Grã-Bretanha, General Camara, 2.
Luxemburgo, Grão Ducado (Servem os consules dos Paizes Baixos.) General Camara, 88, sobrado.
Portugal, General Gamara, 1.
Russia, Primeiro de Março, 71.
Suissa, Quitanda, 19.

DIAS DE SESSÕES E AUDIENCIAS E SÉDE DOS TRIBUNAES

Supremo Tribunal Federal, r. 1º de Março, nº 26, ás quartas-feiras e sabbados, ao meio-dia, e, sendo impedidos, nos dias anteriores.

Secretaria do mesmo tribunal, das 9 da manhã ás 2 da tarde.

Supremo Tribunal Militar, rua Marechal Floriano 152, ás segundas, quartas-feiras e sabbados ás 10 horas da manhã.

Conselho Naval, r. Conselheiro Saraiva 8, ás terças e sextas-feiras.

Côrte de Appellação, rua do Lavradio, ás segundas, terças, quintas, e sextas-feiras, ao meio-dia.

Procurador Seccional do Districto Federal, r. 1.º de Março, 26, sobrado.

Tribunaes correccionaes, funccionam nas pretorias sob a presidencia dos pretores nos dias annunciados.

Tribunal do Thesouro, r. Sacramento 17, ás quintas-feiras, ás 11 horas da manhã.

Tribunal de Contas, no Thesouro, r. Sacramento 17, todos os dias, ás 10 horas da manhã.

Juncta Commercial, r. Visconde do Rio Branco, 52, ás segundas e quintas-feiras, ás 10 horas da manhã.

Auditoria de Guerra, r. Marechal Floriano 154, ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 10 horas da manhã, juiz dr. Enéas de Arroxelas Galvão.

Auditoria de Marinha, r. Conselheiro Saraiva, 8, ás quartas-feiras e sabbados, ás 10 horas da manhã, juiz dr. Vicente Saraiva de Carvalho Neiva.

Juizo dos Feitos da Fazenda Municipal, r. Invalidos 108, 2º andar, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, juiz dr. Pedro Augusto de Moura Carijó.

Juizo Seccional, r. 1º de Março, 26, ás quartas a sabbados, ás 12 horas do dia, juiz dr. Godofredo Xavier da Cunha.

Juizo Substituto Seccional, r. 1º de Março, 26, ás terças-feiras e sabbados, juiz dr. Henrique Vaz Pinto Coelho da Cunha.

Chefe de Policia e seus Delegados, r. Lavradio 88 e 90, todos os dias das 10 ás 3 horas da tarde.

Vigararia Geral do Arcebispado, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã.

Juizo Ecclesiastico, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, á 1 hora da tarde.

Pretorias (Juizes):

Primeira— Candelaria e ilha de Paquetá — Pretor, dr. João Coelho Rego Barros.
Segunda — Sancta Rita e ilha do Governador — Pretor, dr. Raimundo Corrêa.
Terceira — Sacramento — Pretor, dr. João Baptista de Campos Tourinho.
Quarta — S. José — Pretor, dr. Auto Barboza Fortes.
Quinta — Sancto Antonio — Pretor, dr. Alfredo de Almeida Russell.
Sexta — Gloria — Pretor, dr. Edmundo do Almeida Rego.
Septima — Lagôa e Gavea — Pretor, dr. João Buarque de Lima.
Oitava — Sanct'Anna — Pretor, dr. Luiz Augusto Carvalho e Mello.
Nona — Espirito-Sancto — Pretor, dr. J. Jaime de Miranda.
Decima — S. Christovão — Pretor, dr. Elviro Carrilho da Fonseca e Silva.
Decima primeira — Engenho-Velho — Pretor, dr. Enéas Carvalho de Vasconcellos.
Decima segunda — Engenho Novo — Pretor, dr. J. Ovidio Marcondes Romeiro.
Decima terceira — Inhaúma e Irajá — Pretor, dr. Luiz Sampaio Vianna.
Decima quarta — Jacarépaguá e Guaratiba — Pretor, Joaquim Alberto Cardoso de Mello.
Decima quinta — Campo-Grande, e Sancta-Cruz — Pretor, dr. Luiz Augusto Sampaio Vianna.

Pagamento de impostos

Janeiro. — Fóros vencidos, federaes e municipaes. Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença até Fevereiro, sem multa; e na Recebedoria Federal tiram-se neste mez e no seguinte os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo; na falta, a multa de 300$000.

Fevereiro. — Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença, sem multa, até o fim de mez. — Na Recebedoria Federal tiram-se os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo e paga-se a 2ª prestação do imposto do consumo de agua, do exercicio anterior, por hydrometro, e a 1ª do imposto de industrias e profissões, sendo essa cobrança feita de uma só vez, se o imposto computado annualmente não exceder de 200$ e se exceder será metade cobrado nesta época e a outra em Agosto.

Março. — Na Prefeitura Municipal a 1ª prestação do imposto predial e da taxa sanitaria.

Abril. — Na Recebedoria Federal paga-se o imposto sobre vehiculos (bondes); e na Prefeitura faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accordo com o disposto no Dec. 432; pena: multa correspondente a um anno do imposto.

Maio. — Na Recebedoria Federal, a 1ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça. Na Prefeitura Municipal o imposto sobre animaes de sella, particulares e de aluguel; e faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accôrdo com o disposto no Decr. 432; pena: multa correspondente a um anno de imposto.

Junho. — Na Recebedoria Federal o imposto sobre pennas de agua.

Julho. — Neste mez, e durante todo o anno pagam-se, na Recebedoria Federal, os impostos de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc.; e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As licenças tiradas depois de Fevereiro, pagam multa.

Agosto. — Na Recebedoria Federal, 1ª prestação do imposto de consumo de agua, por hydrometro e a 2ª prestação do imposto de industrias dos estabelecimentos que pagam mais de 200$ por anno.

Setembro. — Na Prefeitura Municipal, a 2ª prestação do imposto predial e a da taxa sanitaria.

Outubro. — Na Prefeitura Municipal o imposto territorial.

Novembro. — Na Recebedoria Federal, a 2ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma e local, devem requerer, communicando esta occurencia no prazo de 8 dias, seb pena de multa de 50$ a 200$000.

Na falta do pagamento á bocca do cofre dos impostos federaes supra, é o contribuinte obrigado á multa de 10 °/₀ sôbre o valor devido nas precisas epochas e a 15 °/₀ o que realizar o dicto pagamento depois do dia 20 de Março do trimestre addicional de cada exercicio, e não realizando o pagamento dos impostos municipaes tambem á bocca do cofre incorre o contribuinte na multa de 25 °/₀ dentro de seis mezes e d'ahi por deante na de 50 °/₀ além da pena que lhe possa caber.

Os impostos sobre industrias e profissões e de transmissão de propriedade não se pagam mais na Recebedoria Federal, porém na Prefeitura Municipal; mas continuam ainda a servir para indemnizar, por intermedio do Thesouro Federal, as despezas feitas pela União com o Corpo de Bombeiros, Gaz e Esgotos da Capital Federal.

OBSERVAÇÃO

Pagam-se durante todo o anno, na Recebedoria Federal, os impostos não especificados acima, como os de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc., e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As renovações de licenças, tiradas depois de Fevereiro, pagam multa, como está determinado.

As companhias (sociedades anonymas) são obrigadas ao imposto de 2 ½ 0/0 sobre o total dos dividendos a distribuir semestralmente, o que deve ser effectuado na Recebedoria Federal, *dentro de 3 dias*, *depois da primeira publicação pela imprensa do annuncio para pagamento*, e na falta a multa de 20 a 50 0/0.

Não confundir este imposto com o do sello, que pagam as acções e obrigações (*debentures*), na razão da taxa fixada na tabella A § 7 (300 réis), imposto que deve ser pago dentro de 30 dias contados da primeira publicação de annuncio.

E' ainda muito conveniente ter em vista :

Que os adquerentes de predios estão obrigados a transferir para si as pennas de agua que os mesmos tiverem, no prazo de 30 dias, a contar da data da escriptura, sob pena de multa de 20$ a 50$000.

IMPOSTO DO SELLO

Resumo do regulamento approvado em 22 de Janeiro de 1900

TABELLA A

Papeis sujeitos ao sello proporcional

§ 1º DIVERSOS

Sello de estampilhas

Letras de terra; e as de cambio, mesmo quando estas forem sacadas em paiz estrangeiro, desde que sejam aceitas, protestadas ou exequiveis no paiz; bilhetes á ordem, pagaveis em mercadorias (Decretos n. 165 A, de 17 de Janeiro e n. 370 de 2 de Maio de 1890); cartas de ordens e escriptos á ordem; facturas ou contas assignadas (art. 219 do Codigo Commercial); contas correntes de commerciante a commerciante e de commissario a committente, assignadas ou reconhecidas pelo devedor do saldo, quando tenham de ser demandadas; creditos ou titulos de emprestimo de dinheiro; escripturas de hypothecas; contractos de sociedade, não comprehendida a anonyma, e os actos de sua dissolução ou liquidação; contractos de aforamento ou emphyteuse, arrendamento ou locação, sub-emphyteuse, arrendamento ou locação, sub-emphyteuse ou sub-lecação e outros não designados especialmente, em que se transmittam o uso e gozo de bens immoveis, moveis e semoventes, titulos de emphyteuse e sub-emphyteuse de terrenos nacionaes; transferencia de titulos da divida publica interna da União, excepto por transmissão *causa motis* ou doação *inter vivos* (Reg. art. 12 n. 1); transferencias de acções de sociedades anonymas e em commandita, nacionaes e estrangeiras; actos translatives de embarcações, excepto por doação *inter-vivos*, por compra e venda, dação *in solutum* e actos equivalentes (Reg. art. 12 n. 1), actos translatives embarcações estrangeiras, quando adquiridas por nacionaes (Lei n 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 35); contractos de fiança por escriptura publica ou particular: contractos de fiança e outros quaes-

quer por termos lavrados do juizo federal ou estadoal ou nas repartições publicas federaes; cartas de credito e abono; bilhetes definitivos de deposito de metaes preciosos, emittidos pela Casa da Moeda (Reg. n. 5,536 de 31 de Janeiro de 1874, art. 45, § 2º); titulos de garantia de mercadoria (*warrant*) emittidos pelas Alfandegas, por companhias de docas, pelos armazens geraes, armazens ou trapiches alfandegados e pelos armazens das estradas de ferro (Decr. n. 2.502 de 24 de Abril de 1897, art. 16 e Lei n. 559 de 31 de Dezembro de 1898, art. 3º, IX, § 6º); recibos de generos recolhidos a armazens de deposito, com valor declarado; (Cod. Comm., art. 88 III); endosso dos titulos sem prazo, o dos que o tiverem, quando elle se verificar depois do vencimento, o dos que forem sacados á vista, desde o momento de sua apresentação ao pagamento (Reg. art. 13); titulos de deposito extra judicial; recibos que declarem valor recebido por conta de pessoa differente da que ordena o pagamento, excepto os que forem *duplicata* dos passados no documento, em que o pagamento é ordenado: termos de responsabilidade, assignados nas Alfandegas, para despachos de reexportação (Lei n. 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 30, paragrapho unico); contas de venda de leiloeiro (Lei n. 559 de 31 de Dezembro de 1808, art. 8º); papeis em que houver promessa ou obrigação de pagamento ou traspasso, ainda que tenham a fórma de recibo, carta ou qualquer outra; os que contiverem distracto, exoneração, subrogação ou garantia e liquidação de sommas ou valores :

Até o valor de 200$000.....	$300
De mais de 200$000 até 400$.....	$440
» » » 400$000 » 600$.....	$660
» » » 600$000 » 800$.....	$880
» » » 800$000 » 1.000$.....	1$000

E assim por diante, cobrando-se sempre mais 1$100 por conta ou fracção desta quantia.

Dias em que não se vencem letras e obrigações Commerciaes

JAN.	FEV.	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUN	JULHO	AGOS.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.
1	3	3	7	3	2	7	4	1	6	2	1
6	10	10	14	5	9	14	11	7	12	3	8
13	17	17	21	12	16	21	18	8	13	10	15
20	24	24	28	13	23	28	25	15	20	15	22
27		31		19	30			22	27	17	29
				26				29		24	

Quando o vencimento cahir em algum destes dias a obrigação vence no dia util antecedente.

TABELLIÃES

1º Cartorio. — Dario Teixeira da Cunha. Rua do Rosario n. 111.
2º Cartorio. — Dr. Emygdio Adolfo Victorio da Costa, rua do Rosario n. 64.
3º Cartorio. — Evaristo Valle de Barros, rua do Rosario, n. 56.
4º Cartorio. — Antonio Joaquim de Catanheda Junior, rua do Rosario n. 70.
5º Cartorio. — Dr. Ibrahim Carneiro da Cruz Machado, rua do Rosario 23.
6º Cartorio. — Gabriel Ferreira da Cruz, rua do Rosario 69.
7º Cartorio. — Belmiro Corrêa de Moraes, rua do Rosario 36.
8º Cartorio. — José Affonso de Paula e Costa, Hospicio 134.
9º Cartorio. — Dr. Fonseca Hermes, rua do Rosario, 105.
10º Cartorio. — Dr. João Roquette Carneiro de Mendonça, Guitanda 81.

TABELLIÃES DE PROTESTOS DE LETRAS

Coronel Aristides Arminio Guaraná, rua do Rosario, 20.
Nestor Rangel Pestana, Guitanda, 9.

Official do Registro Especial:

Registro especial de titulos e documentos. — Official Dr. José Mariano, rua do Rosario n. 36.

Registro Geral de Hypothecas:

1º Districto. — Dr. João Kopke. rua Marechal Floriano Peixoto n. 142.
2º Districto. — Major Quintino Bocayuva Junior, rua da Uruguyana n. 74, sobrado.
3º Districto. — Dr. Lopes Trovão, rua do Carmo n. 36, sobrado.

CURADORES

Curador Geral de Ausentes. — Dr. Eugenio de Barros Falcão de Lacerda, Rua do Rosario, 31.

Curador Geral de Orphãos. — Dr. José Pinto de Souza Dantas, Rua do Rosario, 74.

Curador de Residuos. — Dr. João Maximiano de Figueiredo, Rua do Rosario, 98.

Curador de Massas Fallidas. — Dr. Luis Teixeira de Barros Junior, Rua General Camara n. 32.

BANCOS E ESTABELECIMENTOS DE CREDITO

Banco da Republica do Brazil. — Rua da Alfandega, esquina da rua da Candelaria.

Banco Alliança do Porto. — Rua do Rosario n. 104.

Banco Belge de Prêts Fonciers. — Alfandega, 42.

Banco Commercial do Porto. — Agencia, rua S. Pedro n. 52.

Banco Commercial do Rio-de-Janeiro. — Rua Primeiro de Março n. 57.

Banco do Commercio. — Rua Primeiro de Março, esquina da General Camara.

Banco de Credito Rural e Internacional. — Rua da Alfandega n. 3.

Banco de Credito Real de Minas-Geraes. — Rua Primeiro de Março n. 97.

Banco de Credito Real de S. Paulo, agencia rua Primeiro de Março n. 57.

Banco dos Funccionarios Publicos. — Rua da Constituição n. 51.

Banco Hypothecario do Brasil. — Rua Primeiro de Março n. 35.

Banco Nacional Brasileiro. — Rua da Alfandega n. 20.

Banco do Minho, rua da Quitanda n. 123 A.

Banco di Napoli. — Rua Primeiro de Março, 23.

Banco União do Commercio. — Rua Primeiro de Março n. 41.

Brasilianische Bank für Deutschland. — Rua da Quitanda n. 109.

British Bank of South America. — Rua Primeiro de Março n. 31 A.

London Brazilian Bank. — Rua da Alfandega, esquina da rua da Candelaria.

Agencia Financial de Portugal. — Rua General Camara, sobreloja do edificio da Associação Commercial do Rio de Janeiro.

TAXAS DO CORREIO

Cartas ordinarias. — 100 rs. para a capital 200 rs. para o interior e 300 rs. para o exterior por 15 grammas ou fracção de 15 grammas.

Cartas-bilhete. — 200 rs. por cada uma com circulação geral dentro do paiz. Para o extrangeiro 300 rs.

Bilhetes-postaes. — 50 rs. os bilhetes simples, 80 rs. os bilhetes duplos (circulação em todo o paiz). Para o extrangeiro 100 rs. os simples, e 200 rs. os com resposta paga.

Manuscriptos, autos, cópias, desenhos, partituras de musicas, guias, etc. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder ao peso de 2 kilogr. cada maço, nem apresentar dimensões maiores de 45 centimetros; em rôlo, porém, podem ter o comprimento de 75 centimetros sôbre 10 de diametro. Os autos judiciaes são recebidos sem limitação alguma. Para o extrangeiro pagam 100 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso (porte minimo 250 rs.)

Impressos, preços correntes, livros, brochuras, felicitações, participações de casamento, photographias, gravuras, etc. — 20 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro pagam 50 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso.

Jornaes e revistas (publicações diarias ou periodicas, não excedendo o periodo de um trimestre) 10 rs. por 100 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 50 rs. por 50 gramma ou fracção d'este peso.

Amostras de mercadorias. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 100 rs. por 50 grammas ou fracção de 50 grammas (porte minimo para o extrangeiro 150 rs.). Não devem exceder as dimensões de $0,^{m}30 \times 0,^{m}20 \times 0,^{m}10$, nem passar do peso de 250 grammas.

Encommendas (com registo obrigatorio). — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder o peso de 3 kilogr. nem ter dimensões superiores a $0,^{m}40 \times 0,^{m}22 \times 0,^{m}16$. Para o extrangeiro não são expedidas encommendas.

Encommendas com valor declarado (além da taxa relativa ao peso). — Até 10$000 rs. pagam 500 rs. De 10$ a 15$000 pagam 750 rs. De 15$ a 20$000 pagam 1$000 rs., e assim por deante na razão de mais 250 rs. por cada 5$000 rs. ou fracção d'esta quantia.

Avisos de entrega. — Nacional 100 rs., extrangeiro 200 rs.

Registo de correspondencia. — A taxa do registo é de 200 rs. além do porte respectivo. Para o extrangeiro 400 rs.

Registo com valor declarado. — Pela remessa de um valor declarado dentro de uma carta paga-se, além da taxa do porte da carta, o premio de 2 % sôbre o valor do seguinte modo : até 10$ rs. 300 rs.; de 10$ a 15$ — 450 rs.; de 15$ a 20$ — 600 rs. e assim por deante até o maximo de 300$000 rs., crescendo sempre 150 rs. por 5$000 rs. ou fracção de 5$000 rs. As cartas com valor devem ser registadas e pagar taxa de registo.

Vales postaes. — Estes vales podem ser nominaes ou ao portador á vontade dos tomadores. Pagam o premio de : 400 rs. até 25$ rs., 700 rs. até 50$ rs.; 1$200 até 100$ rs., 1$750 rs. até 150$ rs. e assim por deante mais 500 rs. por 50$000 rs. ou fracção de 50$000 rs. até o maximo de 1:000$000 rs.

Os vales postaes ao portador não podem exceder a 200$ rs. quando tiverem de ser pagos no Rio-de-Janeiro ou nas administrações de 1.ª classe; de 100$000 rs. nas outras administrações, e de 50$000 rs. nas agencias de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe.

Os vales nominaes poderão ir até 1:000$000 rs., quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações; até 200$000 rs. para as agencias de 2. e 3.ª classe para isso auctorizadas.

Os vales postaes devem ser remettidos em cartas registadas.

Expedem-se vales postaes para Portugal até o maximo de 180$000 rs. não se acceitando fracções de 1$000 rs. Taxa de 2 %.

Correspondencia official. — Expedida por auctoridades e repartições estaduaes e municipaes, officios até 25 grammas ou fracção 100 rs.; maços e manuscriptos até 50 grammas ou fracção de 50 grammas 50 rs.; impressos até 100 grammas ou fracção de 100 grammas 20 rs.

Exempções. — São exemptas de taxa as correspondencias dirigidas ás auctoridades federaes, serviço eleitoral, judicial, saúde pública, hygiene, estatistica e impressos relativos á Instrucção Pública.

Sómente as correspondencias trocadas entre as autoridades e repartições federaes ou dirigidas por estas ás autoridades e repartições estadoaes ou municipaes e vice-versa ficam isentas da franquia postal.

A correspondencia relativa ao serviço postal é a unica isenta de taxa para o exterior da Republica.

Toda e qualquer outra correspondencia, embora emanada de autoridades ou repartições federaes e representantes seus, fica sujeita ás taxas communs.

Saques e encommendas para Portugal. — O Correio se incumbe de enviar encommendas até 5 kilos e de remetter qualquer quantia, desde 1$000 até 180$000.

Vales postaes nacionaes. — Os tomadores de vales postaes nacionaes pagarão, além da taxa e registro : até 25$, 400 rs.; até 50$, 700 rs.; até 100$, 1$200; até 150$, 1$750; até 200$, 2$250; e 500 rs. por 100$ ou fracção excedente de 200$.

E' obrigatorio o registro de cartas remettendo vales.

Assignatura de caixas. — Preços por semestres adiantados : na Capital Federal : 25$; nas administrações e agencias de 1ª classe, 20$; nas outras administrações e nas sub-administrações, 16$; nas demais agencias, 10$000.

Encommendas postaes com Portugal. — O Correio executa o serviço de permutação de encommendas postaes, sem valor declarado, com Portugal. As encommendas são recebidas nos dias uteis das 8 horas da manhã ás 5 da tarde, e pagam :

Portugal (continente).	4.25	francos
Ilha da Madeira.....	4.75	»
Ilha dos Açores.....	5.25	»

por volume até 3 kilos.

O pagamento é feito em moeda brazileira, sendo a respectiva reducção feita pela cotação official da vespera do registro, affixada na Camara Syndical dos Corretores.

A entrega das encommendas vindas de Portugal effectua-se nos dias uteis, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Nesta capital a entrega é feita em um dos armazens da Alfandega, em frente ao Correio.

Permutação de fundos com Portugal. — O Correio desta Capital, Campos e Petropolis e de outros estados do Brazil incumbe-se de remetter qualquer quantia para Portugal, desde 1$000 até 180$000, cobrando o premio de 2 %. Esse serviço é executado todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, na Thesouraria dos Correios.

Vales postaes internacionaes. — Executa ainda o Correio o serviço de permutação de fundos por meio de vales postaes que firmaram o accôrdo de Washington relativo a esse serviço.

O valor maximo de cada vale é de 500 francos ou seu equivalente.

As importancias entregues para conversão em vale postal internacional serão sempre em moeda brazileira, e essa conversão será effectuada ao cambio official do ultimo dia util anterior á operação.

Esses vales pagam os premios de 25 centimos por 25 francos ou fracção até 100 francos e para o que exceder de 100 francos 25 centimos por 50 francos ou fracção até 100 francos.

A emissão de vales é effectuada nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

TARIFAS TELEGRAPHICAS

TARIFA, POR PALAVRA, DOS TELEGRAMMAS NACIONAES

ESTADO DE PROCEDENCIA	ESTADO DE DESTINO																		
	Pará	Maranhão	Piauhi	Ceará	Rio Grande do Norte	Parahiba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Bahia	Espirito-Sancto	Rio de Janeiro	Minas-Geraes	S. Paulo	Goiaz	Matto-Grosso	Paraná	Sancta-Catharina	Rio Grande do Sul
Pará	120	240	3405	450	540	620	690	750	800	850	890	930	970	970	1$040	1$070	1$010	1$040	1$070
Maranhão	240	120	2000	350	450	540	620	690	750	800	850	890	930	930	1$010	1$040	970	1$010	1$040
Piauhi	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	800	850	890	890	970	1$010	930	970	1$010
Ceará	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	800	850	850	930	970	890	930	970
Rio Grande do Norte	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	800	800	890	930	850	890	930
Parahiba	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	750	850	890	800	850	890
Pernambuco	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	690	800	850	750	800	850
Alagôas	750	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	620	750	800	690	750	800
Sergipe	800	750	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	540	690	750	620	690	750
Bahia	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	450	620	690	540	620	690
Espirito-Sancto	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	240	350	350	540	620	450	540	620
Rio-de-Janeiro	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	240	240	450	540	350	450	540
Minas-Geraes	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	350	450	540	450	540	620
S. Paulo	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	350	120	350	450	240	350	450
Goiaz	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	450	350	120	240	450	540	620
Matto-Grosso	1$070	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	540	450	240	120	540	620	690
Paraná	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	450	240	450	540	120	240	350
Sancta-Catharina	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	540	350	540	620	240	120	250
Rio Grande do Sul	1$070	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	620	450	620	690	350	240	120

Cada telegramma paga, além da taxa acima, uma addicional fixa de 600 réis. Os que contiverem mais de 100 palavras pagam nova taxa fixa por grupo de 100 palavras.

O telegramma urgente paga o triplo da taxa variavel.

O telegramma cotejado paga mais 25 % sôbre a taxa variavel.

O telegramma de imprensa, em linguagem clara, paga 50 % da taxa variavel.

O telegramma urbano paga a taxa de 500 réis até 20 palavras e mais 200 réis por cada 10 ou fracção de 10 palavras.

Contagem das palavras. — Tudo quanto escreve o expeditor na minuta do telegramma entra no cálculo da taxa, inclusive qualquer caracter isolado, lettra, algarismos, aspas, parentheses ou alineas.

Exceptuam-se os signaes de ponctuação, traços de união e apostrophos.

O logar do destino conta-se sempre por uma palavra, embora se componha de duas ou mais palavras, por exemplo : *Rosario-Norte*, *Rosario-Sul*.

O maximo limite de uma palavra é fixado em quinze caracteres; os excedentes de quinze caracteres são contados como mais uma palavra.

Nos numeros escriptos em algarismos conta-se cada grupo de 5 por uma palavra, os excedentes até cinco são contados como mais uma palavra.

O maximo da extensão de um telegramma é de 200 palavras.

Os telegrammas com resposta paga estão sujeitos a duas taxas fixas.

Os de mais de 100 palavras pagam egualmente duas taxas fixas.

Os despachos escriptos em cifra são contados em grupo de cinco lettras por uma palavra, do mesmo modo que os escriptos em algarismos.

Os vales de resposta prescrevem dentro de seis semanas da data de sua expedição, não cabendo nenhum direito ao reembôlso.

Os telegrammas devem ser escriptos de modo bastante claro, para evitar dúvidas na transmissão, correndo por conta do expeditor os erros originados por calligraphia illegivel.

TARIFA PARA O TRAFEGO COM A "WESTERN"

Preço por palavra do Rio-de-Janeiro para :

BRASIL (*)

Pará	1$000
Maranhão	1$000
Ceará e Piauhy R. G. Norte	$850
Parahyba	$600
Recife e Alagoas	$600
Bahia, Sergipe, E. Santo	$400
Santos, S. Paulo	$200
Desterro	$500
R. Grande	$600
Paraná	$400
Goyaz	$500
M. Grosso	$600

(*) Mais a taxa fixa de 600 rs. por telegramma.

ASYLOS

Asylo do Bom Pastor, rua do Bom Pastor, na Fabrica das Chitas.
Asylo dos Invalidos da Patria, na Ilha do Bom Jesus.
Asylo Isabel, rua Mariz e Barros, 32.
Asylo de Mendicidade, rua Visconde de Itaúna, 299.
Asylo das Orphãs da Sociedade Amante da Instrucção, rua Ipiranga, n. 20.
Asylo das Orphãs de S. Francisco de Paula, collegio dos Sanctos Anjos, á rua Barão de Mesquita.
Asylo de S. Luiz, ponta do Cajú.
Asylo de S. Cornelio, rua do Cattete n. 2.
Asylo da Sancta Casa da Misericordia, rua de S. Clemente, 166.
Asylo de Sancta Maria, rua da Passagem, 107.
Asylo Gonçalves de Araujo, campo de S. Christovão, 102.
Eschola Correccional Quinze de Novembro, rua de S. Christovão n. 168.
Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora, rua Humaitá, 56.
Casa dos Expostos, rua Evaristo da Veiga 60 e 62.
Recolhimento de Sancta Theresa, rua General Severiano.
Asylo Sancta Leopoldina, Icarahy (Nitheroy).
Casa de S. José, rua General Canabarro, 50.
Instituto Profissional do Sexo Masculino, Boulevard 28 de Setembro, em Villa Izabel.
Instituto Profissional Feminino, rua S. Francisco Xavier, 15.
Recolhimento das Velhas da Immaculada Conceição, rua General Camara, 182.
Recolhimento das Orphãs da Sancta Casa de Misericordia.

HOSPITAES PARTICULARES

Hospital da Sancta Casa da Misericordia, praia de Stª. Luzia.
Hospicio de S. João Baptista, rua da Passagem, esquina da de Copacabana.
Hospicio de N. S. do Soccorro, praia de S. Christovão, 165.
Hospicio de N. S. da Saúde, rua da Gamboa, 215.
Hospicio de N. Sª das Dôres, Cascadura.
Hospital da Beneficencia Portugueza, rua de Sancto Amaro, 24.
Hospital da O. S. Francisco de Paula, rua Duque de Saxe, 33.
Hospital dos Lazaros, praia dos Lazaros, em S. Christovão.
Hospital da Ordem 3º do Carmo, rua do Riachuelo.
Hospital da Ordem 3º da Penitencia, Largo da Carioca.
Casa de Saúde S. Sebastião, dr. Simões Corrêa, rua Bento Lisboa, 104.
Casa de Saúde do dr. Eiras, fim da rua Marquez de Olinda, Botafogo.
Casa de Saúde do dr. Catta Preta, rua Fresca, 3.
Hospital Evangelico, rua do Bom Pastor.

JARDINS E PASSEIOS

Jardim Botanico, na estrada da Gavea, aberto das 7 horas da manhã ás 6 da tarde.

Passeio Publico, rua do Passeio em frente á das Marrecas; está aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça da Republica (antigo Campo de Sanct'Anna), aberto das 7 horas da manhã ás 9 da noite.

Praça Tiradentes (antigo largo do Rocio), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça Quinze de Novembro (antigo largo do Paço).

Praça Duque de Caxias (antigo largo do Machado), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Parque da Bôa Vista, na Quinta da Bôa Vista, em São Christovão, onde se acha o Museu Nacional.

Pedregulho, no alto do Pedregulho, onde existe a Caixa d'Agua.

Praça Onze de Junho (antigo Rocio Pequeno.)

Praça da Penha, na freguezia de Irajá.

Jardim Zoologico, em Villa-Isabel, para onde ha bondes a todas as horas do dia.

Floresta da Tijuca, servida pelos carros da Estrada de Ferro Electrica.

Morro do Corcovado. Tem um bom restaurante, nas Paineiras.

Silvestre, morro de Sancta Thereza.

Sumaré pelomosso de Sancta Thereza.

Praça Septe de Março, no fim do Boulevard Villa-Isabel.

Praça da Gloria, Avenida Beira Mar.

Jardim da Praiã de Botafogo, Avenida Beira Mar.

Jardim da Praia do Russell. Avenida Beira Mar.

Jardim da Praia de Flammengo. Avenida Beira Mar.

Jardim do Vallongo, na rua Camerino.

Avenida Central.

Avenida do Mangue.

Jardim do Campo de S. Christovão.

Leme e Ipanema, na Praia de Capacabana.

Um pedreiro é accusado de ter atirado um companheiro do andaime abaixo.

— Como se passou isso? pergunta-lhe o juiz.

— Eu lhe explico, sñr juiz: travamo-nos de razões, e eu agarrei o meu camarada levantando-o no ar... « Larga-me que me magôas, gritava elle!

Eu larguei-o...

*
* *

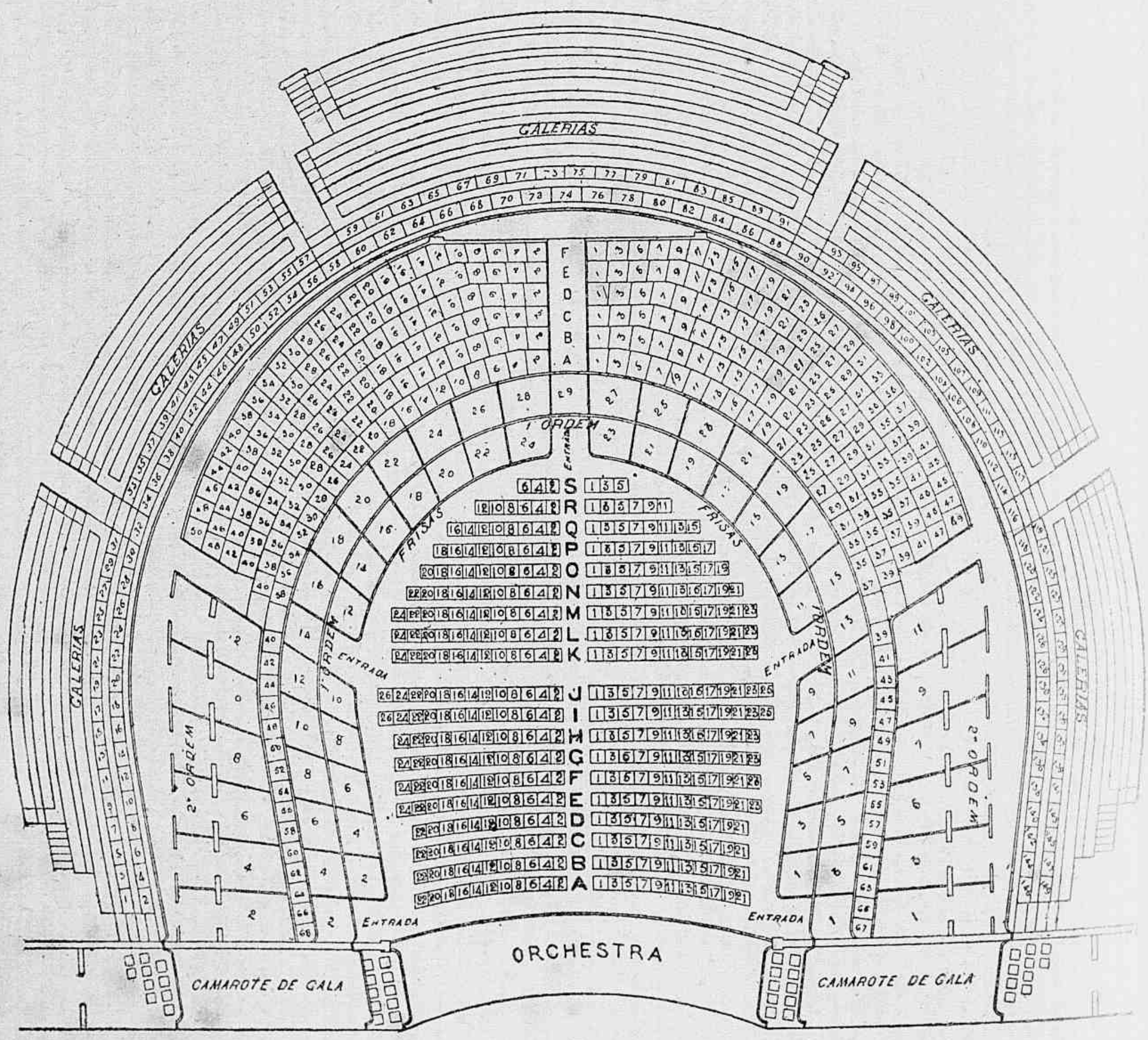
— Accusado, como conseguiu levar um cofre-forte que pesava 300 kilos?

— E' ínutil explicar-vos, sñr juiz, V. Exª. não poderia fazel-o.

THEATROS

Theatro Municipal (Avenida Central); *Eden Theatro* e *Theatro Appollo*, rua do Lavradio; S. *Pedro de Alcantara* e *S. José*, Praça Tiradentes; *Lyrico*, na rua 13 de Maio; *Carlos Gomes*, *Lucinda*, *Recreio dramatico*, *Moulin Rouge* e *Maison Moderne*, na rua do Espirito Santo; *Parque Fluminense*, na Praça Duque de Caxias; *Palace Theatre*, na rua Joaquim Nabuco (ex do Passeio).

THEATRO MUNICIPAL

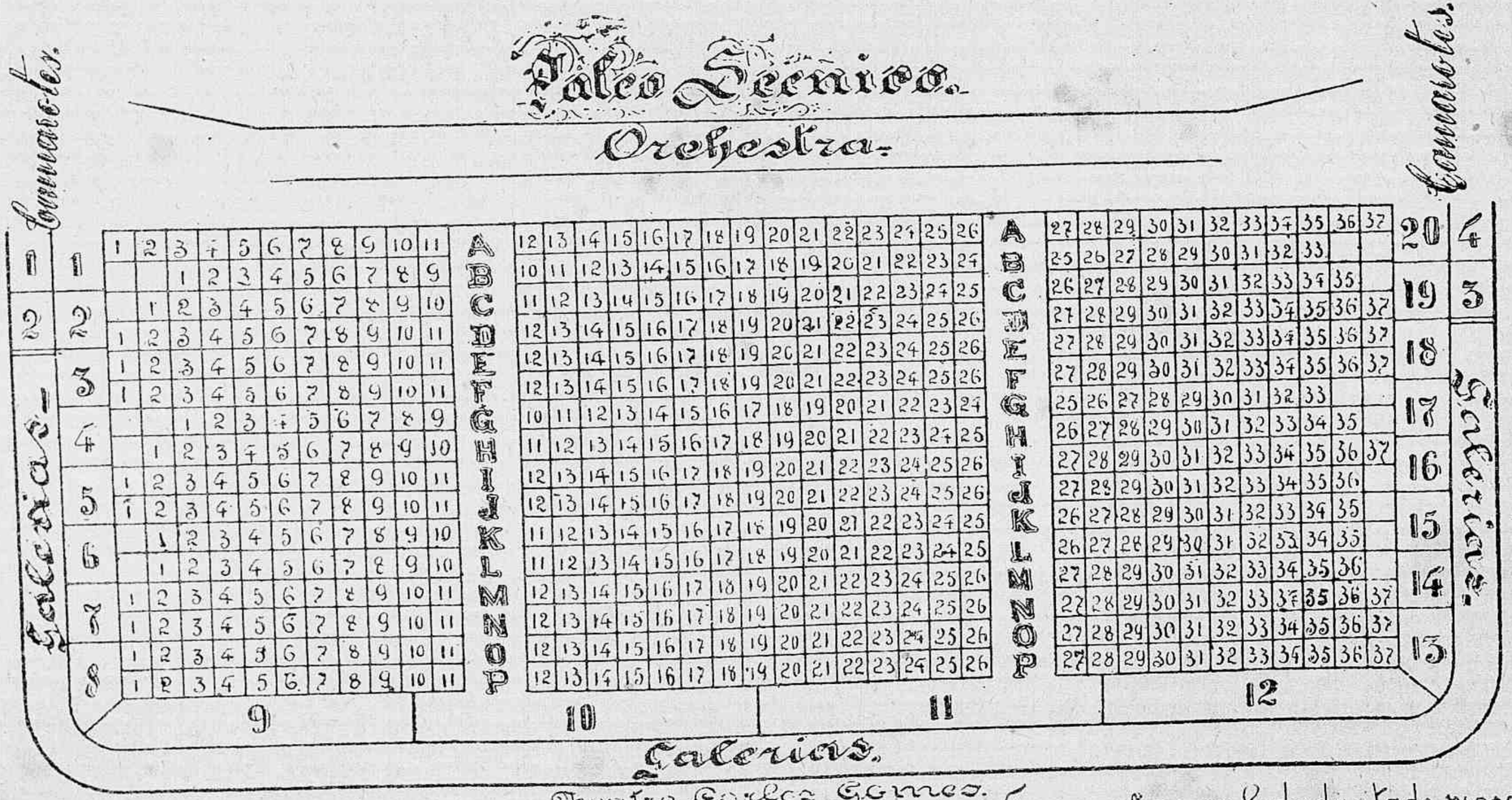


PLATEA

Construcção do Dr. Francisco de Oliveira Passos

THEATRO CARLOS GOMES

Rua do Espirito Santo



CB. A galeria que tem 2 camarotes por cada lado corre por cima dos camarotes. - Tem uma fuza ao lado direito do proscenio que não figura nesta planta.

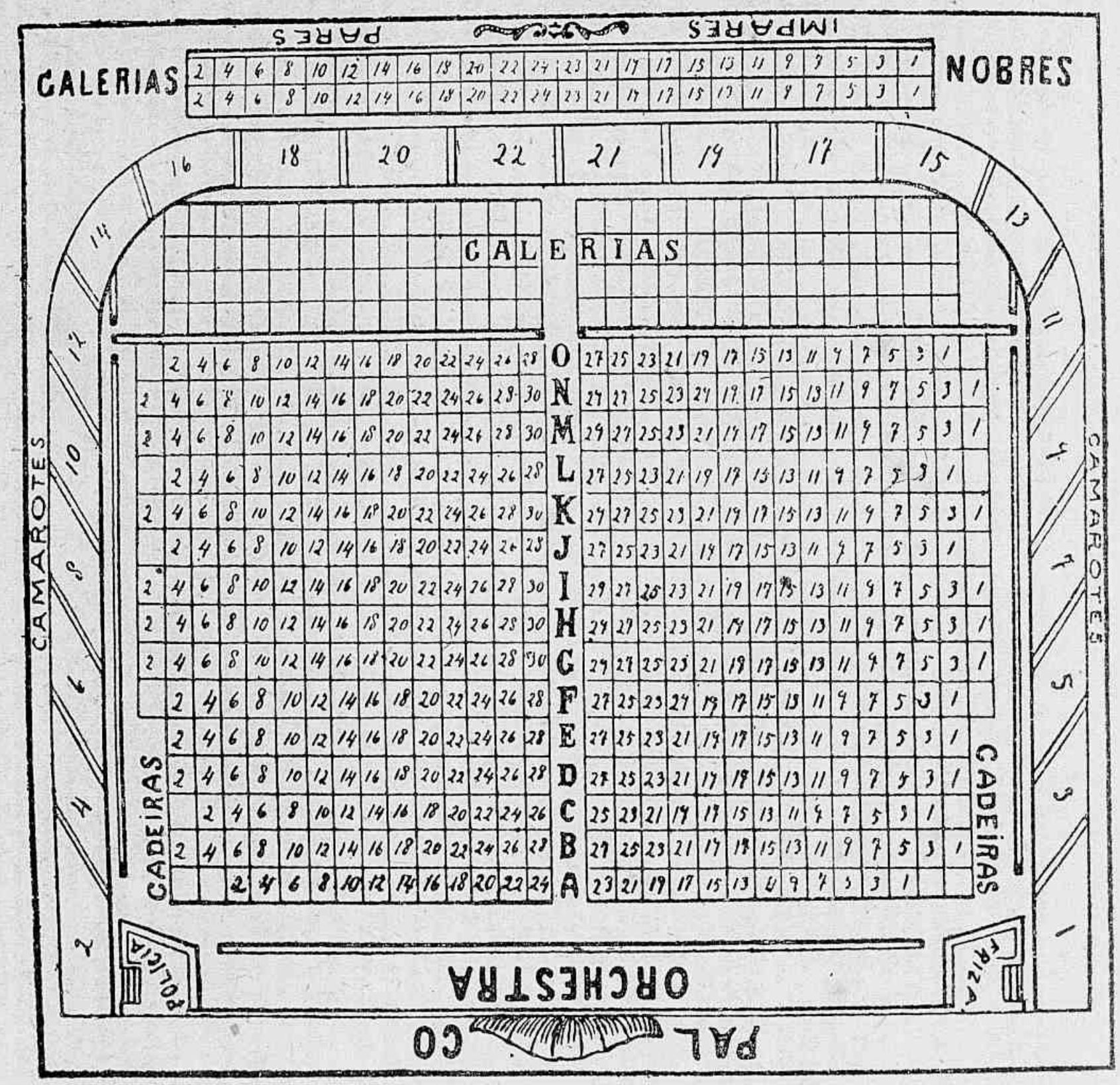
Dimensões: Comprimento da Platéa. 14,90 = Largura - 17,00 - Altura do tecto - 9,20 - Largura da bocca de scena - 10,50 = Altura - 8,00. Comprimento do Palco scenico - 10,30 - Largura - 22,00.

Lotação: Cruzes. 1. Camarotes de 1ª 20 de 2ª 4. - Cadeiras. 537 - Galerias. 250 = Entradas Geraes - 500. -

Theatro Carlos Gomes.

THEATRO LUCINDA

Rua do Espirito-Santo, 45



PLANTA DAS LOCALIDADES

***

(V. Hugo)

Se o meu verso azas tivesse,
Como azas possúe o amor,
Em torno a ti voejaria
Desde a manhã ao sol pôr...

***

(Traduzido do hespanhol)

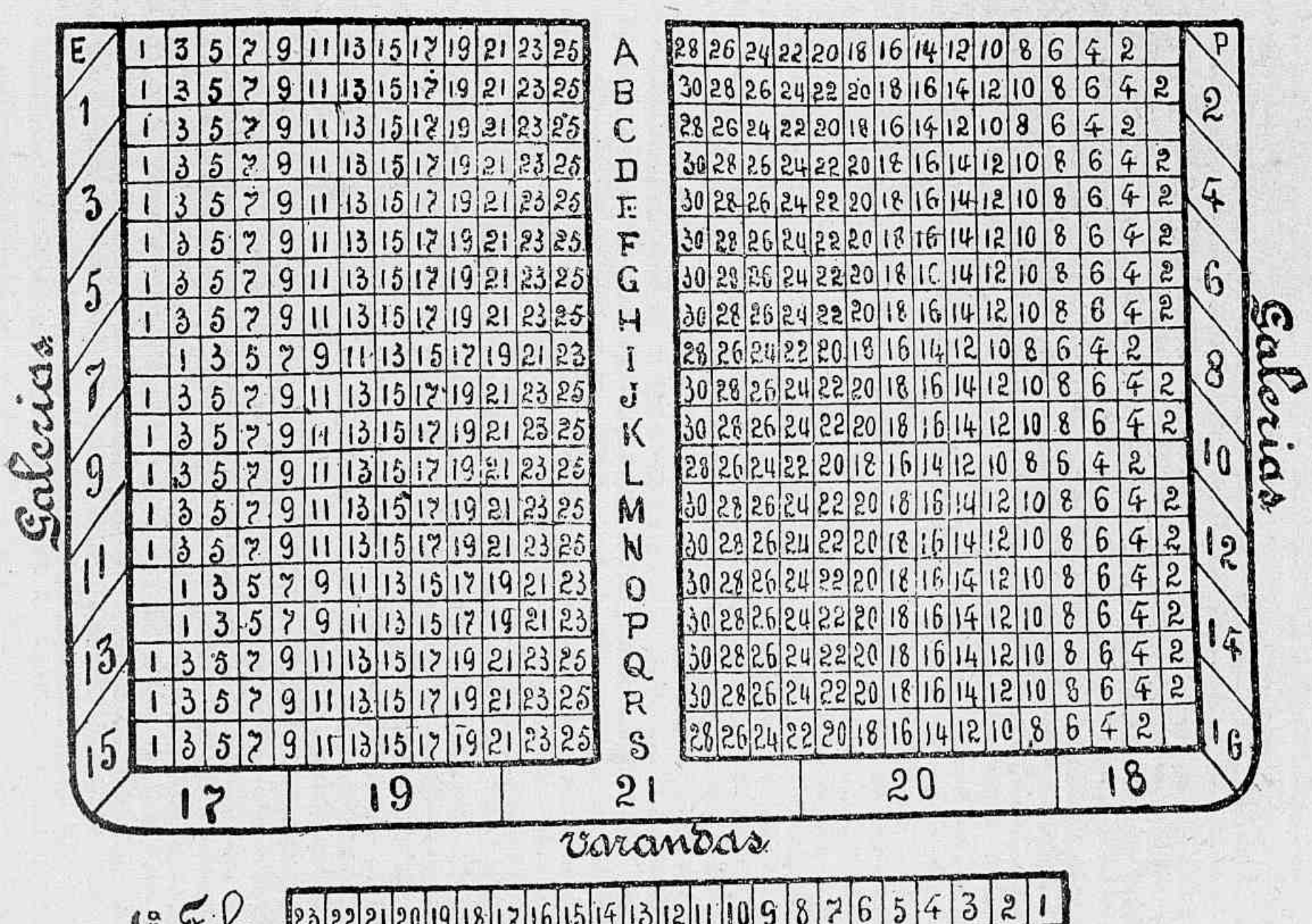
Quando soube a morte della,
De chorar cégo fiquei :
De que me servem os olhos,
Se nunca mais a verei? !...

C. Tavares Bastos.

THEATRO S. JOSÉ

Palco.

Orchestra.



1º Fila.	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
2º Fila.	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1		
3º Fila.	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1

Dimensões do Theatro S. José = Comprimento da Platéa 19,10. Largura 14,30. Altura do tecto 9,50
Largura da bocca de scena 7,90. Altura = 7,10 = Comprimento do Palco
Scenico 14,90 = Largura 13,00.

Lotação: Frizas 2 - Camarotes 21 - Cadeiras 324 - Varandas 67 - Galerias 250 - E. Geraes 500

VEHICULOS PUBLICOS

TABELLA DOS PREÇOS DOS TILBURIS E AUTOMOVEIS, CARROS DE PRAÇA

A Capital Federal para o serviço de vehiculos é assim dividida:

Secção central — Comprehende todo o centro da cidade, tendo por limites os seguintes ponctos:

Largo da Lapa, Plano inclinado, Estrada de Ferro Central, largo da Prainha, Barcas Ferry e Sancta Casa de Misericordia.

Cattete—Secção unica. Comprehende largo da Lapa, ruas transversaes e parallelas, praia do Flamengo até á praça José de Alencar.

Laranjeiras—1ª secção. Comprehende praça Duque de Caxias até ao fim da rua das Laranjeiras e ruas transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende do comêço da rua Senador Octaviano até Aguas Ferreas.

Botafogo—1ª secção. Comprehende a praça José de Alencar, ruas transversaes e parallelas, praia do Flamengo, além da rua do Pinheiro, praia de Botafogo, até ao fim e rua do Commandante Tamborim, transversaes e parallelas até ao canto da de S. Clemente.

2ª secção—Comprehende as ruas de S. Clemente, Voluntarios da Patria, General Polydoro e transversaes e parallelas até ao largo dos Leões.

3ª secção—Comprehende as ruas de Humaitá, lagôa de Rodrigo de Freitas, e ruas transversaes e parallelas até ao principio da do Jardim Botanico.

4ª secção — Comprehende a rua do Jardim Botanico até ás Trez Vendas, ruas transversaes e parallelas e rua D. Castorina até á villa Arthur Sauer.

5ª secção—Comprehende toda a rua Marquez de S. Vicente até ao poncto terminal dos bondes, ruas transversaes e parallelas.

6ª secção— Comprehende toda a praia da Saudade até á Eschola Militar, ruas transversaes e parallelas inclusive a da Passagem.

Cidade Nova—1ª secção. Comprehende as ruas do Riachuelo desde o Plano Inclinado, rua Frei Caneca desde o seu comêço até á Caixa d'Agua do Estacio, Barão de Paranapiacaba, Sanct'Anna até Visconde de Itaúna, S. Leopoldo até Visconde de Duprat.

2ª secção—Comprehende as ruas Senador Eusebio desde o seu comêço até ao largo do Matadouro, S. Diogo, Visconde de Itaúna, Miguel de Frias até á rua de S. Christovão.

3ª secção—Comprehende as ruas Camerino e do Costa, começando da do Marechal Floriano até á praça Municipal, ruas Visconde da Gavea e Dr. João Ricardo desde a praça da Republica, rua da Saúde desde o largo da Prainha, a da America, Gamboa e transversaes e parallelas até á Estação Maritima da Estrada de Ferro Central.

4ª secção—Comprehende a praia Formosa desde a Estação Maritima da Gamboa até á ponte dos Marinheiros.

5ª secção—Comprehende as ruas Machado Coelho, Pereira Franco, Estacio de Sá, Haddock Lobo até ao canto da do Bispo, ruas do Mattoso, de S. Christovão até ao largo do Matadouro e transversaes e parallelas.

Rio Comprido—1ª secção. Comprehende as ruas Malvino Reis, desde o canto da de Haddock Lobo até ao largo do Rio Comprido, Barão de Itapagipe até ao canto da do Bispo, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende as ruas Sancta Alexandrina, Estrella, Barão de Petropolis e do Bispo até ao canto da de Haddock Lobo.

S. Christovão—1ª secção. Comprehende as ruas de São Christovão, o largo do Matadouro até ao fim, Coronel Figueira de Mello até ao campo de S. Christovão, transversaes e parallelas á direita.

2ª secção—Comprehende as ruas Coronel Figueira de Mello, desde o canto da de S. Christovão, rua Escobar, praia de S. Christovão até á rua General Bruce, por esta até á de S. Januario e por esta e pela de S. Luiz Gonzaga até ao largo

da Cancella, transversaes e parallelas, inclusive o parque da Bôa Vista, a saïr na rua de S. Christovão.

3ª secção—Comprehende as praias de S. Christovão, desde o canto da rua General Bruce, e do Cajú, ruas de S. Januario, Bella de S. João até ao fim, praia do Retiro Saudoso e ruas transversaes e parallelas.

Pedregulho—Secção unica. Comprehende a rua S. Luiz Gonzaga, desde o largo da Cancella, rua Dona Anna Nery até ao canto da do Jockey-Club e por esta até ao largo de Bemfica, ruas Coronel Silva Veiga, da Alegria até ao canto da rua Bella de S. João, transversaes e parallelas.

Engenho Novo—1ª secção. Comprehende a rua Mariz e Barros em toda a sua extensão, rua S. Francisco Xavier, desde o canto da de Mariz e Barros até ao Collegio Militar, rua Duque de Saxe, transversaes á direita.

2ª secção—Comprehende a rua de S. Francisco Xavier desde o Collegio Militar até á estação do mesmo nome, ruas Jorge Rudge e Oito de Dezembro.

3ª secção—Comprehende as ruas Vinte e Quatro de Maio e Dona Anna Nery até á estação do Riachuelo, transversaes e parallelas.

4ª secção—Comprehende as ruas Vinte e Quatro de Maio e Dona Anna Nery até á estação do Engenho Novo, transversaes e parallelas.

Villa Isabel—1ª secção. Comprehende a rua Boulevard 28 de Septembro, desde o canto da de Jorge Rudge até á praça Septe de Março, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende as ruas Visconde de Sancta Isabel e Barão do Bom Retiro até o canto da Vinte e Quatro de Maio, transversaes e parallelas.

Andarahi—1ª secção. Comprehende as ruas Barão de Mesquita desde o Collegio Militar até o canto da de D. Affonso, Maxwell, Visconde de Itamarati até á de S. Francisco Xavier, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende a rua Barão de Mesquita, desde o canto da de D. Affonso até á de Paula Brito, avenida S. Salvador de Mattosinhos até á de Maxwell e por esta á villa Senador Soares, transversaes e parallelas.

Fabrica das Chitas—1ª secção. Comprehende as ruas Haddock Lobo, desde o canto da do Bispo, Conde de Bomfim até á esquina da do Desembargador Isidro, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende a rua Desembargador Isidro desde o comêço até ao fim, transversaes e parallelas.

Tijuca—1ª secção. Comprehende a rua Conde de Bomfim desde o canto da do Desembargador Isidro até o da do Uruguai e transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende a rua Conde do Bomfim desde o canto da rua do Uruguai até ao ponto terminal dos bondes, transversaes e parallelas.

TILBURIS

Cada corrida dentro da secção.	1$500
Cada hora dentro da secção.	3$000

CARROS

Cada corrida dentro da secção	3$000
Cada hora dentro da secção	5$000

OBSERVAÇÕES

N. 1.—O vehiculo tomado em uma secção, passando a outras, vencerá tantas corridas quantas secções atravessar.

Caso pare em qualquer das secções, vencerá o preço da hora, continuando a viagem.

N. 2.—Quando o vehiculo, tomado á hora, atravessar mais de uma secção será contado, além do preço da hora, mais o da corrida por cada secção que percorrer.

N. 3.—A hora começada é contada por inteiro.

N. 4.—Os preços d'esta tabella soffrem o augmento de 500 réis para os tilburis e 1$ para os carros no serviço das 10 horas da noite ás 6 horas da manhã.

N. 5.—Para os pontos não designados nesta tabella ou não incluidos nas zonas supra indicadas, bem como para os morros, o preço será previamente ajustado.

Os pontos de estação são os seguintes :

1º — *Para tilburis.* — Largo de S. Francisco de Paula — em frente á Eschola Polytechnica, rua Treze de Maio, rua Primeiro de Março, da esquina do Ouvidor á da Alfandega, praça da Republica — lado da estação Central da Estrada de Ferro, praça Duque de Caxias, praia de Botafogo, praça José de Alencar, praça Municipal, largo da Lapa, largo Estacio de Sá, lado da rua de Haddock Lobo, largo da Segunda Feira lado da rua S. Francisco Xavier, largo da Fabrica das Chitas, largo do Rio Comprido, largo de Catumbi, Boulevard Villa Isabel e Praça Tiradentes.

2º — *Para carros* — Praça Tiradentes, praça da Republica em frente ao Quartel General até á Estrada de Ferro, praça Municipal, largo do Moura, rua D. Manuel, largo da Lapa, praça Duque de Caxias e becco do Theatro.

O Snr. Dr. chefe de policia da Capital da Republica mandou vigorar provisoriamente nos automoveis os seguintes preços :

Uma volta na Avenida Central, 5$; corridas, 6$000.

Limites das corridas : Largo do Matadouro, largo do Estacio, rua das Laranjeiras, esquina da rua Guanabara, avenida Beira Mar até a esquina da rua Senador Vergueiro.

Viagens. Primeira hora 10$000. As demais que se seguirem 6$000. Limite das viagens : Largo da Segunda-Feira, Ponte de Maracanã, Campo de S. Christovão, Leme e Egrejinha.

Viagens para Santa Thereza, Alto da Boa Vista, Gavea e Ipanema : primeira hora, 20$000 ; as demais que se seguirem, 10$000.

Observações. — A primeira hora será sempre co tada por inteiro, do ponto de partida ao de chegada ; e as demais, por fracção de meia hora. Quando a lotação do automovel fôr maior de quatro pessoas, será cobrada mais a quantia de 5$000 por hora ou fracção de meia hora.

ENTERROS

O serviço de enterros é feito por intermedio da Empresa Funeraria (commettida á Sancta Casa da Misericordia) e estabelecida em um dos salões do edificio da mesma Sancta Casa, na praia de Sancta Luzia.

O expediente principia ás 9 horas da manhã e termina ás 5 horas da tarde de todos os dias.

A pessoa que tiver de tractar de um entêrro deve munir-se do attestado de obito passado pelo medico e dirigir-se á pretoria respectiva, onde obterá a certidão necessaria para ir então ao escriptorio da Empresa. Ahi, mediante prévio pagamento (ou fiança de pessoa conhecida), se encarregam do fornecimento de tudo pelos preços estabelecidos nas tabellas seguintes.

Si a pessoa fallecida pertencer a alguma das corporações religiosas que têm cemiterio privativo, deverá o encarregado do entêrro dirigir-se (munido do diploma ou outro documento comprobatorio) á secretaria da respectiva ordem, onde lhe darão a guia para o cemeterio.

TABELLA PARA FUNERAES DE ADULTOS E DONZELLAS

Classes	Caixão	Vehiculo	Sepultura rasa	Carneiro	Certidão de obito	Vestimenta	Altar	Eça	TOTAL
1ª	360$000	180$000	28$	250$	1$	200$	36$	40$	1:095$000
2ª	200$000	94$000	28$	250$	1$	70$	28$	20$	691$000
3ª	117$000	82$000	28$	250$	1$	36$	20$	20$	554$000
4ª	75$400	58$000	14$	250$	1$	26$	16$	16$	456$400
5ª	41$600	47$000	14$	250$	1$	14$	...	...	367$600
6ª	22$100	16$000	6$	250$	1$	13$	...	...	308$100
7ª	14$000	8$200	6$	250$	1$	8$	...	...	287$200
8ª	12$000	8$200	5$	250$	1$	6$	...	...	282$200

TABELLA PARA FUNERAES DE ANJOS

Classes	Caixão	Vehicule	Sepultura rasa	Carneiro	Certidão de obito	Vestimenta	Altar	Eça	TOTAL
1ª	160$000	100$000	20$	160$	1$	....	36$	40$	517$000
2ª	108$000	71$000	20$	160$	1$	....	28$	28$	416$000
3ª	62$400	58$000	20$	160$	1$	....	20$	20$	341$400
4ª	40$800	42$000	10$	160$	1$	....	16$	16$	295$800
5ª	28$800	24$000	10$	160$	1$	....	...	...	233$800
6ª	16$000	14$000	4$	160$	1$	....	...	...	195$000
7ª	10$000	8$200	4$	160$	1$	....	...	...	183$200
8ª	8$000	8$200	4$	160$	1$	....	...	...	181$200

As armações estão na unidade de cada vão por 8$, 4$, 3$, e 2$000.
As vestimentas só são referentes a donzellas.

APPLICAÇÃO DAS TABELLAS

As pessoas que não quizerem muito luxo podem obter um entêrro simples e decente pelos seguintes preços :

PARA ADULTOS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2. Carneiro. Certidão.....	462$000
2.ª Combinação : — Caixão n. 4. Carro n. 3. Sepultura rasa. Certidão.	186$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 5. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	103$600
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	37$000

PARA DONZELLAS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2, Carneiro. Certidão.....	462$000
2.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 3. Sepultura rasa. Certidão.	180$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 5. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	103$600
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	37$000

PARA ANJOS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2. Carneiro. Certidão.....	294$400
2.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	97$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 6. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	51$800
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	29$800

OBSERVAÇÕES

Os caixões para adultos e donzellas de ns. 1 e 2 que tenham mais de 60 pollegadas pagarão por pollegada de excesso : o n. 1 mais 6$000 e o n. 2 mais 3$000.

Os de ns. 1 e 2 para anjos maiores de 30 pollegadas pagarão : os de n. 1 mais 5$ e os de n. 2 mais 2$500 por pollegada.

Os preços fixados nas tabellas acima são para os enterros dos fallecidos dentro dos limites da cidade. Os fallecidos fóra dos limites, ainda que dentro das freguezias de S. João Baptista, da Lagôa, S. Francisco Xavier e S. Christovão, pagarão mais :

Os caixões de ns. 1 a 5.	5 %
Os vehiculos de conducção	20 %

CONSUMO D'AGUA

(Em vigor até 1907)

REGULAMENTO

E' do teôr seguinte o regulamento para a arrecadação das taxas de consumo de agua no Districto Federal, a que se refere o decreto n. 5.141, de 27 de Fevereiro de 1904 :

CAPITULO I — *Das taxas de consumo* — Art. 1.º A contribuição da pena de agua a que se referem o art. 1º § 4º do decreto legislativo n. 2.639, de 22 de

Septembro de 1875, e art. 11 do decreto n. 8.775, de 25 de Novembro de 1882, constará de duas taxas : uma de 54$ annuaes para os predios de 1ª classe e outra de 36$ para os de 2ª e para as penas voluntarias , a que se refere o art. 8º do citado decreto n. 8.775.

Paragrapho unico. São de 1ª classe os predios de aluguel superior a 2.400$ annuaes e de 2ª os de aluguel não excedente áquella importancia. (Lei n. 489, de 15 de Dezembro de 1897, art. 7º).

Art. 2.º Os estabelecimentos de educação, os de beneficencia e respectivos hospitaes, as congregações civis ou religiosas e casas de saúde, que actualmente não gosam de exempção das taxas acima, e bem assim as estalagens, pagarão, segundo o consumo verificado por hydrometro, á razão de 100 réis por metro cubico; as casas de banho, as cocheiras e quaesquer estabelecimentos em que o consumo seja proveniente de uso industrial, pagarão, pelo mesmo modo, á razão de 150 réis por metro cubico. (Lei n. 489 cit., art. 7º § 1º).

Capitulo II — *Das exempções*. — Art. 3º. Gosam de exempção :

1º, as concessões especiaes por donativos feitos ao Estado, nos termos do art. 17 do regulamento annexo ao decreto n. 2.898, de 12 de Março de 1862, limitadamente aos respectivos concessionarios, quando não contiver a condição de perpetuidade sem restricção alguma;

2º, as casas de caridade, não comprehendidos os hospitaes das ordens terceiras;

3º, o Asylo do Bom Pastor e o Dispensario de S. Vicente de Paulo. (Ords. ns. 23, de 24 de Outubro de 1898 e 48, de 4 de Septembro de 1903.)

Capitulo III — *Do lançamento*. — Art. 4.º O lançamento para a arrecadação das taxas de penna de agua será organizado pela Recebedoria com os elementos de que dispuzer e com os que lhe forem mensalmente remettidos pela Inspectoria Geral de Obras Públicas e servirá por dous annos, findos os quaes será revisto por empregados da Recebedoria , designados pelo respectivo director e, em seguida, trasladado para novos livros.

§ 1.º As inscripções dos contribuintes comprehendidos na disposição do art. 2º se farão em virtude de communicações da Inspectoria Geral de Obras Públicas, das quaes deverá constar o consumo de agua nos semestres findos a 30 de Junho e 31 de Dezembro, o nome da rua e o numero do predio em que se der o consumo.

§ 2.º A revisão do lançamento deverá achar-se concluida até o dia 31 de Outubro do último anno do biennio, para servir de base á cobrança do primeiro anno do biennio seguinte e poderá ser commettida aos mesmos empregados que forem designados para o lançamento do imposto de industrias e profissões.

§ 3.º Logo que terminar o trabalho da revisão, o director da Recebedoria fará publicar, por editaes, no *Diario Official*, quaesquer alterações que tenha havido, em relação ao lançamento anterior, afim de que os interessados apresentem suas reclamações dentro do prazo de 30 dias, da data da publicação.

Art. 5.º Os predios que se acharem comprehendidos dentro da área de fornecimento obrigatorio serão lançados para o pagamento da contribuição da penna de agua, ainda que seus donos não tenham entrado no goso d'ella.

Art. 6.º As propriedades que se compuzerem de quartos ou pequenas accom-

modações com entradas independentes por um pateo ou corredor que communique com a rua por uma entrada commum, vulgarmente denominadas cortiços, e as avenidas serão lançadas na proporção de uma pena de agua para cada grupo de seis ou fracção de seis quartos ou accommodações de entradas independentes; mas, si estes forem exgottados separadamente, serão lançados um a um, para o pagamento da contribuição, conforme o respectivo valor locativo.

Art. 7.º As modificações que soffrerem os predios e as construcções novas que occorrerem no decurso do exercicio serão communicadas á Recebedoria pelos proprietarios ou seus representantes, arrendatarios, tutores, curadores e outros, mediante declaração escripta e sellada, dentro do prazo de 30 dias, a contar d'aquelle em que se tiverem concluido as obras.

Art. 8.º O augmento ou diminuição do aluguel no correr do exercicio não dá direito a ser elevada, nem reduzida, a contribuição.

Art. 9.º A' medida que a Inspectoria Geral das Obras Públicas remetter os elementos de que tractam o art. 4º e seu § 1º, a Recebedoria irá procedendo ás necessarias averbações, de modo que o lançamento se ache sempre em dia.

Art. 10. Os collectados poderão requerer dispensa da contribuição relativa ao tempo em que o predio estiver desoccupado, nos seguintes casos:

1º, de vacancia, por trez ou mais mezes consecutivos e completos, ainda que em dous exercicios, contanto que o predio não se ache vasio por conta do inquilino;

2º, de fechamento por ordem de auctoridade;

3º, de demolição, incendio ou ruinas.

§ 1.º As petições baseadas nos ns. 1 e 2 d'este artigo serão apresentadas no prazo de 30 dias, contados da desoccupação.

§ 2.º As referentes ao n. 3 poderão ser apresentadas até o dia 31 de Dezembro do respectivo exercicio.

§ 3.º As petições apresentadas fóra dos prazos dos dous paragraphos antecedentes não serão attendidas em relação ao tempo decorrido anteriormente.

Art. 11. No fim de cada exercicio serão, mediante despacho do director da Recebedoria, escripturados em ról, annexo ao lançamento, os predios que continuarem desoccupados, demolidos ou em ruinas, devendo para este fim a Sub-Directoria informar as petições existentes, seja qual fôr o estado dos predios, até 31 de Janeiro do anno subsequente.

Art 12. No caso de transferencia de dominio de predios, o novo proprietario é responsavel pelo pagamento das contribuições correntes ou que estiverem em debito, visto constituirem *onus real*.

Paragrapho unico. Estas transferencias serão communicadas á Recebedoria, para as competentes averbações, acompanhadas de documentos comprobatorios, dentro do prazo de 30 dias, contados da data das escripturas, do — cumpra-se — dos juizes nos acórdãos que homologarem sentenças de partilhas e do último acto, nas arrematações, salvo quando tractar-se de hasta publica federal ou municipal, em que o prazo se contará da data da assignatura da respectiva carta.

Art. 13. A falta de lançamento não exime o contribuinte de pagar as taxas e multas a que estiver sujeito.

Art. 14. Os livros de lançamento serão constituidos por folhas impressas, distribuidas pela Recebedoria aos encarregados da revisão, as quaes serão enca-

dernadas depois de numeradas e rubricadas pelo sub-director, inclusive as que se addicionarem em branco para notas, additamentos e ról de vacancia.

Capitulo IV — *Da arrecadação* — Art. 15. A arrecadação das taxas será feita á bocca do cofre pela Recebedoria, precedendo editaes publicados pela imprensa :

1.º As do art. 1º no mez de Junho de cada anno;

2.º As do art. 2º no mez de Agosto e em Fevereiro do anno subsequente.

Art. 16. As certidões de divida serão preparadas até a vespera do dia em que tiver de começar a cobrança, ficando sómente em branco o logar para a data do recibo e assignatura do empregado.

Art. 17. Não será admittido o pagamento da contribuição relativa ao 2º semestre do consumo de agua por hydrometro , ficando em divida a do primeiro.

Art. 18. A cobrança não realizada á bocca do cofre será promovida pelos cobradores da Recebedoria antes de recorrer-se ao meio executivo.

Capitulo V — *Da fiscalização* — Art. 19. Compete a fiscalização do pagamento das contribuições :

1.º Ao director da Recebedoria, que a exercerá por si e seus empregados;

2.º Aos juizes, que nenhum andamento darão ás causas que tiverem de julgar, sem o prévio pagamento da taxa devida.

3.º Aos tabelliães ou outros serventuarios publicos, os quaes não lavrarão escriptura de transferencia ou qualquer documento de alienação, sem a transcripção dos certificados expedidos pela Recebedoria e Contencioso do Thesouro Federal, de se achar o predio quite até o exercicio em que o acto tiver logar.

Capitulo VI — *Dos recursos* — Art. 20. Das decisões do director da Recebedoria haverá recurso para o ministro da Fazenda.

§ 1.º Os recursos serão interpostos dentro do prazo de 30 dias, contados da publicação no *Diario Official*.

§ 2.º Nenhum recurso sôbre multa será acceito sem prévio depósito da respectiva importancia.

Capitulo VII — *Disposições penaes* — Art. 21. Os infractores dos artigos 7 e 12 paragrapho unico, incorrerão na multa de 20$ a 50$000.

Art. 22. Os que não pagarem a contribuição nos prazos do art. 15, incorrerão na multa de 10 %, que será elevada a 15 %, si o devedor não realizar o pagamento até 20 de Março do trimestre addicional do respectivo exercicio.

Art. 23. Fica responsavel pela importancia da contribuição que deixar de arrecadar o empregado que infringir o disposto no art. 17.

Art. 24. Os que infringirem o art. 19, ns. 2 e 3, ficam sujeitos á multa de 50$ a 100$000.

Art. 25. Os encarregados da revisão responderão pela impontualidade na entrega das folhas do livro do lançamento e pelos prejuizos que causarem á Fazenda por dólo, negligencia ou falta de exacção no cumprimento de seus deveres.

Art. 26. A multa em que incorrerem os infractores do art. 19, n. 2, será imposta pelo ministro da Fazenda, cabendo ao director da Recebedoria impôr todas as mais comminadas neste capitulo.

Paragrapho unico. As multas serão pagas dentro do prazo de 30 dias da data

na publicação no *Diario Official*, findo o qual promover-se ha a cobrança amigavel e, em seguida, a executiva, salvo o recurso permittido no art. 20.

Capitulo VIII — *Disposições geraes* — Art. 27. A Recebedoria enviará annualmente á Directoria de rendas Publicas do Thesouro Federal a estatistica dos predios abastecidos por penas e por hydrometros, comprehendidos os que gosarem de exempção.

Art. 28. A cobrança da contribuição no exercicio de 1904 será feita pelo lançamento existente.

Art. 29. A disposição do art. 24 fica dependente de approvação do Congresso.

Art. 30. Revogam-se as disposições em contrario.

CHARADAS

Esta é feita p'ra moer — 1
Ainda que longe está — 2
E o terror dos maridos
Sempre ella foi e será.

Enio Lima.

***

Eu de fraca tenho um pouco — 1
Sou meiga de coração — 2
Por taes defeitos me deram
Ligeira reprehensão.

" LE MESSAGER DE S. PAULO "

8e ANNÉE

Organe défenseur des Intérêts Français dans l'Amérique du Sud

Directeur-propriétaire

E. HOLLENDER

Rua Senador Feijó, 27

S. PAULO-BRASIL

Prix de l'abonnement : **12$000 rs.**

Étranger : **24$000 rs.**

CAIXA DA CONVERSÃO

Quadro demonstrativo dos equivalentes das notas conversiveis em moedas estrangeiras e as fracções destas pagaveis em prata

Libra—16$000
Menor moeda ouro—10 shillings

Nota conversivel	Shillings	Fracção menor de 10 shillings.	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	12,6	2,6	2$000
20$000..	25,0	5,0	4$000
50$000..	62,6	2,6	2$000
100$000..	125,0	5,0	4$000
200$000..	250,0	—	—
500$000..	625,0	5,0	4$000

Réis fortes—3$560,90814
Menor moeda ouro — 5$000

Nota conversivel	Réis fortes	Fracção menor de 5$000	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	2$308,273	2$808,273	10$000
20$000..	5$616,546	$616,546	2$195
50$000..	14$041,355	4$041,355	14$391
100$000..	28$082,710	3$082,710	10$977
200$000..	56$165,420	1$165,420	4$150
500.000..	140$413,550	$413,550	1$473

Marco—$785,11850
Menor moeda ouro — 10 marcos

Nota conversivel	Marcos	Fracção menor de 10 marcos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	12,73706	2,73706	2$149
20$000..	25,47412	5,47412	4$298
50$000..	63,68530	3,68530	2$893
100$000..	127,37060	7,37060	5$787
200$000..	214,74120	4,74120	3$722
500$000..	636,85300	6,85300	5$380

Francos—$635,94270
Menor moeda ouro 10 francos (*)

Nota conversivel	Francos	Fracção menor de 10 francos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	15,72469	5,72469	3$641
20$000..	31,44938	1,44938	$922
50$000..	78,62345	8,62345	5$484
100$000..	157,24690	7,24690	4$609
200$000..	314,49380	4,49380	2$858
500$000..	786,23450	6,23450	3$965

Peso argentino — 3$179,71332
Menor moeda ouro—5 pesos

Nota conversivel	Pesos argentinos	Fracção menor de 5 pesos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	3,144938	3,144938	10$000
20$000..	6,289876	1,289876	4$101
50$000..	15,724690	0,724690	2$304
100$000.	31,449380	1,449380	4$609
200$000..	62,898760	2,898760	9$217
500$000..	157,246900	2,246900	7$144

Corôa austriaca—$666,66666
Menor moeda ouro — 10 corôas

Nota conversivel	Corôas	Fracção menor de 10 corôas	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	15,00	5,00	3$333
20$000..	30,00	—	—
50$000..	75,00	5,00	3$333
100$000..	150,00	—	—
200$000..	300,00	—	—
500$000..	1,500,00	—	—

Dollars — 3$295,80306
Menor moeda ouro — 5 dollars

Nota conversivel	Dollars	Fracção menor de 5 dollars	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	3,034162	3,034162	10$000
20$000..	6,068324	1,068324	3$521
50$000..	15,170810	0,170810	$563
100$000..	30,341620	0,341620	1$126
200$000..	60,683240	0,683240	2$252
500$000..	15,1708100	1,708100	5$629

Mil réis ouro (ao cambio de 27 d.)—1$800,000
Menor moedo ouro — 5$000

Nota conversivel	Mil réis ouro	Fracção menor de 5$000	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	5$555,555	$555,555	1$000
20$000..	11$111,111	1$111,111	2$000
50$000..	25,777,777	2$777,777	5$000
100$000..	55$555,555	$555,555	1$000
200$000..	111$111,111	1$111,111	2$000
500$000..	277$777,777	2$777,777	5$000

(*) O franco belga, suisso, a lira italiana e a peseta hespanhola são iguaes ao franco francez.

PESOS E MEDIDAS

Synopse do Systema metrico decimal

UNIDADES LINEARES

ITINERARIAS

Myriametro	Mm	10000m	= 10km
Kilometro	km	1000	= 1
Hectometro	hm	100	= 0.1
Decametro	Dm	10	= 0,01

GEOMETRICAS

Metro (1)	m	1m	= 0km001
Decimetro	dm	0.1	
Centimetro	cm	0,01	
Millimetro	mm	0.001	

UNIDADES DE SUPERFICIE

AGRARIAS.

Myriametro quadrado	Mm²	100000000 M²	= 100km²
Kilometro »	km²	1000000	= 1
Hectaro (hectom. quad.). . . .	ha (hm²)	10000	= 0.01
Aro (decam. »). . . .	a (Dm²)	100	
Centiaro (metro »). . . .	ca (m)	1	

GEOMETRICAS

Metro quadrado.	m²	1m²
Decimetro quadrado.	dm²	0.01
Centimetro »	cm²	0.0001
Millimetro »	mm²	0.000001

UNIDADES DE VOLUME OU CAPACIDADE

Metro cubico	m³	1m³
Decimetro cubico.	dm³	0.001
Centimetro »	cm³	0.000001
Millimetro »	mm³	0.000000001

PARA LIQUIDOS E SECCOS

Hectolitro.	hl	100 l
Decalitro	Dl	10
Litro.	l	1
Decilitro	dl	0.1
Centilitro.	cl	0.01

PARA LENHA

Decastereo	Ds	10s
Stereo	s	1m3
Decistero.	ds	0.1

UNIDADES DE PESO

MÉDIO OU GRANDE

Tonelada.	t	1000kg	
Quintal.	q	100	
Myriagramma.	Mg	10	= 10000g
Kilogramma	Kg	1	= 1000
Hectogramma.	Hg	0.1	= 100
Decagramma	Dg	0.01	= 10

PEQUENO

Gramma (1).	g	0kg001	= 1g
Decigramma	dg		= 0.1
Centigramma	cg		= 0.01
Milligramma	mg		= 0.001

Medidas itinerarias e topographicas independentes do systema metrico

MILHA NAUTICA

O comprimento da milha nautica sendo definido como a sexagesima parte de um grau, tomado em um círculo maximo da esphera póde assumir diversos valores, conforme o círculo maximo fôr um meridiano ou o equador. A repartição hidrographica americana *Coast and Geodetic Survey*, com o fim de impedir inevitaveis confusões, adoptou officialmente para a *milha nautica* o valor de *uma sexagesima parte do comprimento de 1º do circulo maximo de uma esphera, cuja superficie fosse egual á da terra.*

Este valor calculado com os elementos de Clarke para o espheroide terrestre dá para *uma milha : 1853 m. 248.*

Eis como comparação, differentes valores da milha deduzidos de outras definições :

Comprimento de 1' de longit. no Equador.	1855m34
Comprimento de 1' de latitude no Equador	1842.79
Comprimento de 1' de latitude a 45º. . . .	1852.18
Comprimento de 1' de latitude no pólo . .	1861.65

(1) Theoricamente deveria ser o *metro* $\frac{1}{1.000,000}$ da quarta parte do meridiano terrestre, practicamente adoptou-se como valor fundamental do metro o comprimento da regua denominada *mètre des archives*, medido na temperatura de 0ºC.

(1) Peso *normal* (isto é, no vacuo e na temperatura de 4 graus centigrados) de 1 cms d'agua distillada.

Medidas itinerarias independentes do systema métrico

Milha geographica de 15 ao grau equatorial.	7422m
Legua de 18 ao grau meridiano médio . . .	6174
Legua de 25 ao grau meridiano médio . . .	4145
Milha maritima de 60 ao grau (M)	1852
Legua marit. de 20 ao grau merid. m. (3M).	5557
Milha maritima quadrada (M²).	3km².4366
Legua maritima quadrada (9M²).	30km².8776

MEDIDAS BRASILEIRAS ANTIGAS

Por lei de 26 de Junho 1862, o systema metrico foi tornado obrigatorio a contar de 1 de Janeiro de 1874 ; entretanto tem-se conservado no interior o uso de muitas das medidas antigas, que por essa razão é ainda util conhecer.

Tonelada (54 a)	13 1/2 (1)	793kg.2384
Quintal	4	58 . 7584
Arroba a	32	14 . 6896
Arroba metrica em uso no commercio .		15 kg.
Libra (lb)	2	458 g. 050
Marco.	8	229 g. 825
Onça (on)	8	23 g. 691
Oitava.	3	3 g. 586
Escropulo	24	1 g. 195
Grão.		0 g. 04981

MEDIDAS

DE COMPRIMENTO

Braça (b)		2m. 20
Vara (5 pm)		1m. 10
Pé (12 pl)	1 1/2	0m. 33
Palmo (pm)	8	0m. 22
Pollegada (pl)	12	0m. 0275
Linha (ln)	12	0m. 00228
Ponto		0m. 000191
Covado		0m. 68
Passo geometrico		1m. 65

ITINERARIAS

Legua.	3	6km.600
Milha		2km.200
Legua geometrica		6 km
Milha geometrica		2 km

(1) Relação entre cada unidade e a seguinte, a não ser esta irregular.

DE SUPERFICIE AGRARIA

Legua quadrada	9	$43^{km2}.56$
Milha quadrada		$4^{km2},84$
Alqueire de Minas Geraes e do Rio de Janeiro (10.000 b^2)		$4^{ha}.84$
Alqueire de S. Paulo (5.000 b^2)	25	$2^{ha}.42$
Geira (400 b^2)		$19^{a}.36$
Tarefa (na Bahia, 900 b^2)		$43^{a}.56$

DE SUPERFICIE

Braça quadrada (100 pm^2)		$4^{m2}.84$
Pé quadrado (1.44 pm^2)		$0^{m2}.1089$
Palmo quadrado		$0^{m2}.0484$
Pollegada quadrada	65	$7^{cm2}.5625$
Linha quadrada	144	$5\ ^{2}.2533$
Ponto quadrado	144	$0\ ^{2}.0365$

DE VOLUME

Braça cubica (100 pm^3)		$10^{m3}.648$
Pé cubico (1 pm^3. 728)		$35^{dm3}.957$
Palmo cubico		$10^{dm3}.648$
Pollegada cubica	512	$20^{cm3}.796875$
Linha cubica	1728	$12^{mm3}.040481$
Ponto cubico	1727	$0^{mm3}.006968$

DE CAPACIDADE PARA SECCOS

Moio	15	$21_{hl}.762$
Fanga	4	$145^{l}.08$
Alqueire	8	$36^{l}.27$
Quarta	8	$9^{l}.0675$
Selamim		$1^{l}.1334$

DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS

Tonel	2	$840.^{l}$
Pipa		$420.^{l}$
Almude	12	$31^{l}.944$
Canada	4	$2^{l}.662$
Quartilho		$0^{l}.6655$

Quilate para peso dos diamantes : $0^{dg}.1922$

E' preciso dizer que para os desgostos mais acerbos, para as aventuras mais vergonhosas, para os incidentes que todo o homem desejaria arrancar do seu passado, ha um remedio soberano: o trabalho.

Soffres? Trabalha! Deves? Trabalha! Faltaste ao teu dever? Trabalha! Perdeste uma por uma todas as illusões, todas as esperanças? Trabalha! Pensas na morte? Trabalha, trabalha sempre, porque o trabalho te absolverá, te consolará, te rehabilitará.

Arthur Azevedo.

MEDIDAS INGLEZAS E SUA CONVERSÃO

TABELLAS PARA A CONVERSÃO DAS MEDIDAS INGLEZAS EM MEDIDAS METRICAS, VICE-VERSA (COAST Y GEODETIC SURVEY, 1893 REPORT)

Medidas lineares

INCHS	MILLIMETROS	FEET	METROS	YARDS	METROS	MILES (.)	KILOMETROS
1	25.4051	1	0.304 801	1	0.914 402	1	1.609 35
2	50.8001	2	0.609 601	2	1.828 804	2	3.218 69
3	76.2002	3	0.914 402	3	2.743 205	3	4.828 04
4	101.6002	4	1.219.202	4	3.657 607	4	6.437 39
5	127.0003	5	1.524 003	5	4 572 009	5	8.046 74
6	152.4003	6	1.828 804	6	5.486 411	6	9.656 08
7	177.8004	7	2.133 604	7	6.400 813	7	11.265 43
8	203.2004	8	2.438 405	8	7.315 215	8	12.874 78
9	228.6005	9	2.743 205	9	8.229 616	9	14.884 12

Medidas de superficie

SQ. INCHS	CENT. QUADR.	SQ. FEET	DEC. QUADR.	SQ. YARDS	MET. QUADR.	ACRES	HECTARES
1	6.452	1	9.290	1	0.836	1	0.4047
2	12.903	2	18.581	2	1.672	2	0.8094
3	19.355	3	27.871	3	2.508	3	1.2141
4	25.807	4	37.161	4	3.344	4	1.6187
5	32.258	5	46.452	5	4.181	5	2.0234
6	38.710	6	55.742	6	5.017	6	2.4281
7	45.161	7	65.032	7	5.853	7	2.8328
8	51.613	8	74.323	8	6.689	8	3.2375
9	58.065	9	83.613	9	7.725	9	3.6322

(*) Para transformar rapidamente qualquer numero de milhas inglezas *Statute miles* em seu valor equivalente em kilometros e subdivisões lança-se mão da *seguinte regra práctica* muito approximada :

Addiciona-se ao numero dado de milhas, sua metade, mais a decima parte e mais a centesima parte; a somma é em kilometros o equivalente do numero de milhas :

Exemplo : sejam 9 milhas a transformar em kilometros.

1/2 de 9 = 4.50 ; 1/10 = 0.9 : 1/100 = 0.09.

Somma 9.0 + 4.5 + 0.9 + 0.09 = 14 k. 490 em logar de 44 k. 484, valor rigorosamente exacto,

Medidas de volume

CUBIC. INCHS.	CENT CUBCS.	CUBIC. FECT.	METS. CUBCS.	CUBIC. YARDS.	METS. CUBCS.	BUSH	HECTOLITROS
1	15.387	1	0.02832	1	0.765	1	0.35239
2	32.774	2	0.05663	2	1.529	2	0.70479
3	49.161	3	0.08495	3	2.294	3	1.05718
4	65.549	4	0.11327	4	3.058	4	1.40957
5	81.936	5	8.14158	5	3.823	5	1.76196
6	98.323	6	0.16990	6	4.587	6	2.11436
7	114.710	7	0.19822	7	5.352	7	2.46675
8	131.097	8	0.22654	8	6.116	8	2.81914
9	147.484	9	0.25485	9	6.881	9	3.17154

Medidas de capacidade para liquidos

FLUID. DRACHMS	CENTS. CUBCS.	FLUID. OUNC.	CENTS. CUBCS.	QUARTS.	LITROS	GALLONS AMER.	LITROS
1	3.70	1	29.57	1	0.94636	1	3.78543
2	7.39	2	59.15	2	1.89272	2	7.57087
3	11.09	3	88.72	3	2.83908	3	11.35630
4	14.79	4	118.29	4	3.38543	4	15.14174
5	18.48	5	147.87	5	4.73179	5	18.92717
6	22.18	6	177.44	6	5.67815	6	22.71261
7	25.88	7	207.02	7	6.62451	7	26.49804
8	29.57	8	286.59	8	7.57087	8	30.28348
9	33.27	9	266.16	9	9.51723	9	34.06891

Medidas de peso

GRAINS	MILLIGRAMMAS	AVOIR DU POIDS OUNCES	GRAMMAS	AVOIR DU POIDS POUNDS	KILOGRAMMAS	TROY OUNCES	GRAMMAS
1	64.7989	1	28.3499	1	0.45359	1	31.10348
2	129.5978	2	56.6991	2	0.90719	2	62.20696
3	194.3998	3	85.0486	3	1.36078	3	93.31044
4	259.1957	4	113.3981	4	1.81437	4	124.41392
5	323.9946	5	141.7476	5	2.26796	5	155.51740
6	388.7635	6	170.0972	6	2.72156	6	186.62088
7	453.5924	7	198.4467	7	3.17515	7	217.72437
8	518.3914	8	226.7962	8	3.62874	8	248.82785
9	583.1903	9	255.1457	9	4.08233	9	279.93133

Medidas lineares

METROS	INCHS	METROS	FEET	METROS	YARDS	KILOM.	MILES
1	39.37	1	3.28083	1	1.093611	1	0.62137
2	78.74	2	6.56167	2	2.187222	2	1.24274
3	118.11	3	9.84250	3	3.280833	3	1.86411
4	157.48	4	13.12333	4	4.374444	4	2.48548
5	197.85	5	16.40417	5	5.468056	5	3.10685
6	236.22	6	18.68500	6	6.561667	6	3.72822
7	275.59	7	22.96583	7	7.655278	7	4.34959
8	314.96	8	26.24667	8	8.748889	8	4.97096
9	354.32	9	29.52750	9	9.842500	9	5.59233

Medidas de superficie

CENT. QUADR.	SQ. INCHS	MET. QUADR.	SQUARE FEET	MET. QUADR.	SQUARE FEET	HECT.	ACRES
1	0.1550	1	10.764	1	1.196	1	2.471
2	0.3100	2	21.528	2	2.392	2	4.942
3	0.4650	3	32.292	3	3.588	3	7.413
4	0.6200	4	43.055	4	4.784	4	9.884
5	0.7750	5	53 819	5	5.980	5	12.355
6	0.9300	6	64.583	6	7.176	6	14.826
7	1.0850	7	75.347	7	8.372	7	17.297
8	1.2400	8	86.111	8	9.568	8	19.768
9	1.3950	9	96.875	9	10.764	9	22.239

Medidas de volume

CENT. CUB.	CUB. INCHS	LITROS	CUB. INCHS	METROS CUB.	CUB. FEET	METROS CUB.	CUB. YARDS
1	0.0610	1	61.023	1	35.314	1	1.308
2	0.1220	2	122.047	2	70.629	2	2.616
3	0.1831	3	183.070	3	105.943	3	3.924
4	0.2441	4	244.094	4	141.258	4	5.232
5	0.3051	5	305.117	5	176.572	5	6.540
6	0.3661	6	366.140	6	211.887	6	7.848
7	0.4272	7	427.164	7	247.201	7	9.156
8	0.4882	8	488.187	8	282.516	8	10.464
9	0.5492	9	549.210	9	317.830	9	11.771

Medidas de capacidade

CENT. CUBICOS	FLUID DRACHMS	CENTILITROS	FLUID OUNCES	LITROS	QUARTS	DECALITROS	GALLOUS (AMERIC)	HECTOLITROS	BUSHELS
1	0.27	1	0.338	1	1.0567	1	2.6417	1	2.8377
2	0.54	2	0.676	2	2.1134	2	5.2834	2	5.6755
3	0.81	3	1.014	3	3.1700	3	7.9251	3	8.5132
4	1.08	4	1.353	4	4.2267	4	10.5668	4	11.3510
5	1.35	5	1.691	5	5.2834	5	13.2085	5	14.1887
6	1.62	6	2.029	6	6.3401	6	15.8502	6	17.0265
7	1.89	7	2.367	7	7.3968	7	18.4919	7	19.8642
8	2.16	8	2.705	8	8.4535	8	21.1336	8	22.7019
9	2.43	9	3.043	9	9.5101	9	24.7753	9	25.5397

Medidas de peso

MILLIGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	OUNCES AVOIR DU POIDS	KILOGRAMMAS	POUNDS AVOIR DU POIDS
1	0.01543	1	15432.36	1	0.35274	1	2.20462
2	0.03086	2	30864.71	2	0.70548	2	4.40924
3	0.04630	3	46297.07	3	1.05822	3	6.61387
4	0.06173	4	61729.43	4	1.41096	4	8.81849
5	0.07716	5	77161.78	5	1.76370	5	11.02311
6	0.09259	6	92594.14	6	2.11644	6	13.22773
7	0.10803	7	108026.49	7	2.46918	7	15.43236
8	0.12346	8	123458.85	8	2.82192	8	17.63698
9	0.13889	9	138891.21	9	3.17466	9	19.84160

1 kilogramma = 32.1507 Ounces troy.
1 tonelada metrica = 2204.6 Pounds avoir du poids.
1 tonelada ingleza (20 cwts) = 1016.0 kilogrammas.
1 quintal (cwt), 112 lbs. = 50.8024 kilogrammas.
1 braça ingleza (fathom) = 1.829 metros.
1 milha nautica 1853.25 metros.
1 imperial gallon (inglez) = 4.5435 litros.
1 imperial bushell (inglez) = 36.3477 litros.

A casa mais curiosa do mundo é talvez a que habita, em S. Luiz, nos Estados Unidos, um fabricante de cerveja, chamado Fritz Schenner. Essa casa é inteiramente construida com toneis de cerveja, empilhados uns sobre os outros da maneira mais symetrica e até mais artistica. Duas linhas superpostas de toneis de trinta litros formam os alicerces ; dezoito filas de toneis de dezoito litros formam o corpo do edificio até a linha de separação do primeiro e segundo andar.

A partir dahi, os toneis diminuem de capacidade á medida que se sóbe. A madeira escura dos toneis é ornada de curiosas esculpturas allemães.

Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e vice versa

POR

C. W. Hunt, M. Am. Soc. M. E., e completada por H. M.

PARA PASSAR DAS UNIDADES METRICAS PARA AS INGLEZAS

Millimetros × 0.039937 = polleg. inglez.
Centimetros × 0.3737 = idem idem
Metros × 35.37 = idem idem
Metros × 3.281 = pés inglezes
Metros × 1.094 = jardas
Kilometros × 0.621 = milhas terrestr.
Kilometros × 3280,7 = pés
Millimet. quad. × 0.0155 = polleg. quad.
Centimet. quad. × 0.155 = polleg. quad.
Metros quadr. × 10.764 = pés quadrad.
Kilometros quadrados × 247.1 = acres
Hectaros × 247.1 = acres
Centimetr. cub. × 0.0610 = polleg. cubic.
Cent. cub. × 0.271 = fluid drachms U.S.P.
Cent. cub. × 0.0338 = fluid ounces U.S.P.
Metros cubicos × 35.315 = pés cubicos
Metros cubicos × 1.308 = jardas cubicas
Metr. cub. × 264.2 = gallões (de 231 inchs^3)
Litros × 61.022 = pollegadas cubicas
Litros × 34.84 = fluid ounces
Litros × 0.2642 = gallões (de 231 inchs^3)
Grammas × 15.432 = grãos
Gramma × 981 = dynes (C. G. S.)
Joule × 07.373 = pés-libra
Kilos × 2.2046 = libras
Kilos × 35.3 = ounces avoir du poids
Kilogrammetros × 7.223 = pés libra
Kilos por cent. quad. × 14.223 = libras por poll. quadrada
Kilos por metro × quadrado × 0.672 = libras por pé quadrado.
Kilowatts × 1.34 cavallos vapor inglezes
Cavallos vapor francezes × 0.986 = cavallos vapor inglezes.

PARA PASSAR DAS UNIDADES INGLEZAS PARA AS METRICAS

Pollegadas inglezas × 25.4 millimetros
Pollegadas × 0.0254 = metros
Pés × 0.30479 = metros
Jardas × 0.91438 = metros
Milhas × 1.609 = kilometros
Pés × 0.000305 = kilometros
Pollegadas quadradas × 645.1 = millimetros quadrados
Pollegadas quadradas × 6.451 = centimetros quadrados
Pés quadr. × 0.0927 = metros quadr.
Acres × 0.004047 = kilometros quadr.
Acres × 0.40479 = Hectaros.
Pollegadas cubicas × 16.387 = cent cubic.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid ounces × 29.57 = idem idem
Pés cubicos × 0.02832 = metros cubicos
Pés cubicos × 28.316 = litros.
Galões americanos × 3.785 = litros
Bushells (americanos) (210.4 inchs ^{3},) × 0.3521 = Hectolitros.
Bushells inglezes × 0.3635 = Hectolitr.
Ounces (avoir du poids) × 28.35 = gram.
Libras × 0.4536 = kilos.
Toneladas × 1016.05 = kilos
Quintaes × 50.80 = kilos
Pés-Libra × 0.13826 = kilogrametros
Libras por pollegada quadrada × 0.0703 = kilospor centimetro quadrado
Libras por pé quadrado × 1.488 = kilos por metro quadrado
Cavallos vapor inglezes × 1.01386 = cavallos vapor francezes
Kilowatts × 1.3596 = caval. vapor franc.

TABELLAS DE JUROS

I

Juros simples

NUMEROS	3 °/o	3 1/2 °/o	4 °/o	4 1/2 °/o	5 °/o	5 1/2 °/o	6 °/o
1	0.008	0.009	0.011	0.012	0.014	0.015	0.016
2	0.016	0.019	0.022	0.025	0.027	0.030	0.033
3	0.025	0.029	0.033	0.037	0.041	0.045	0.049
4	0.033	0.038	0.044	0.049	0.055	0.060	0.066
5	0.041	0.048	0.055	0.062	0.068	0.075	0.082
6	0.049	0.057	0.066	0.074	0.082	0.090	0.099
7	0.057	0.067	0.077	0.086	0.096	0.106	0.115
8	0.066	0.077	0.088	0.099	0.110	0.121	0.132
9	0.074	0.086	0.098	0.111	0.123	0.136	0.148
10	0.082	0.096	1.110	0.123	0.137	0.151	0.164
20	0.164	0.192	0.219	0.247	0.274	0.301	0.329
30	0.247	0.288	0.329	0.370	0.411	0.452	0.493
40	0.329	0.384	0.438	0.493	0.548	0.603	0.658
50	0.411	0.479	0.548	0.616	0.685	0.753	0.822
60	0.493	0.575	0.658	0.740	0.822	0.904	0.986
70	0.575	0.671	0.767	0.863	0.959	1.055	1.151
80	0.657	0.767	0.877	0.986	1.096	1.206	1.315
90	0.740	0.863	0.986	1.110	1.233	1.356	1.480
100	0.822	0.959	1.096	1.233	1.370	1.507	1.644
200	1.644	1.918	2.192	2.466	2.740	3.014	3.288
300	2.466	2.877	3.288	3.699	4.110	4.521	4.932
400	3.288	3.835	4.383	4.931	5.479	6.027	6.575
500	4.110	4.794	5.479	6.164	6.849	7.534	8.219
600	4.931	5.753	6.575	7.397	8.219	9.041	9.863
700	5.753	6.712	7.671	8.630	9.589	10.548	11.507
800	6.575	7.671	8.767	9.863	10.959	12.055	13.151
900	7.397	8.630	9.863	11.096	12.329	13.562	14.795
1.000	8.219	9.589	10.959	12.329	13.699	15.068	16.438
2.000	16.438	19.178	21.918	24.657	27.397	30.137	32.877
3.000	24.657	28.767	32.877	36.986	41.096	45.205	49.315
4.000	32.877	38.356	43.835	49.315	54.794	60.274	65.753
5.000	41.096	47.945	54.794	61.644	68.493	75.342	82.192
6.000	49.315	57.534	65.753	73.973	82.192	90.411	98.630
7.000	57.534	67.123	76.712	86.301	95.890	105.120	115.068
8.000	65.753	76.712	86.671	98.630	109.589	120.548	131.507
9.000	73.973	86.301	98.630	110.959	123.288	135.616	147.945
10.000	82.192	95.890	109.589	123.288	136.986	150.685	163.383

Modo de usar. — Multiplica-se o capital pelo numero de dias durante os quaes venceu juros. Tira-se ao producto a fracção (si elle a tem) e mais dous algarismos. O numero que resta divide-se em milhares, centenas, dezenas e unidades. Procuram-se na tabella os juros d'estas partes (conforme a columna da taxa) e sommando-se estes juros parciaes, tem-se o juro total procurado. Exemplo : Qual o juro de 6:252$000 rs. em 125 dias a 5 1/2 °/o ? O producto do capital pelo n.º de dias é 781.500. Tirando-se dous algarismos, resta 7.815. Procurando-se na tabella o juro de 7.000, de 800, de 10 e de 5, acha-se 115.068; 13.151; 0.164 e 0.082. Sommando estas parcellas, tem-se 128$465, o juro desejado.

Para os multiplos de 10.000, para 70 ou 80 mil (por exemplo) toma-se o juro de 7.000 ou 8.000 e multiplica-se por 10. Para várias quantias durante numeros de dias differentes com a mesma taxa de juro, obtem-se primeiro os *numeros* (producto das quantias pelos numeros de dias). Sommam-se os varios numeros e com a sua totalidade vai-se á tabella em busca dos juros.

Juros compostos

II

Mostra o valor do capital 1$000 réis collocado a juro composto capitalizado annualmente, a diversas taxas, no fim de annos.

ANNO	a 1 %	a 1 ½ %	a 2 %	a 2 ½ %	a 3 %	a 3 ½ %
10	1,105	1,161	1,219	1,280	1,343	1,411
20	1,220	1,347	1,486	1,638	1,806	1,990
30	1,348	1,563	1,811	2,098	2,427	2,807
40	1,489	1,814	2,208	2,564	3,262	3,960
50	1,644	2,105	2,692	3,437	4,384	5,586
60	1,817	2,443	3,281	4,400	5,891	7,879
70	2,007	2,835	4,010	5,632	7,918	11,122
80	2,217	3,291	4,875	7,210	10,640	15,677
90	2,449	3,819	5,943	9,229	14,300	22,112
100	2,705	4,432	7,245	11,814	19,220	31,190
110	2,990	5,144	8,831	15,122	25,829	44,016
120	3,305	5,971	10,765	19,356	34,714	62,106

ANNO	a 4 %	a 4 ½ %	a 5 %	a 5 ½ %	a 6 %	a 6 ½ %
10	1,480	1,553	1,629	1,708	1,790	1,877
20	2,191	2,412	2,653	2,918	3,207	3,524
30	3,243	3,745	4,322	4,984	5,743	6,614
40	4,801	5,716	7,040	8,513	10,286	12,416
50	7,107	9,033	11,467	14,542	18,420	23,307
60	10,520	14,027	18,679	24,840	32,988	43,750
70	15,571	21,784	30,426	42,430	59,077	82,124
80	23,050	33,830	49,561	72,476	105,780	154,159
90	34,120	52,537	80,730	123,800	189,470	289,377
100	50,505	81,589	131,499	211,469	339,312	543,200
110	74,760	126,709	214,202	361,218	607,638	1:019,662
120	110,662	196,780	348,912	617,007	1:088,188	1:914,048

ANNO	a 7 %	a 8 %	a 9 %	a 10 %	a 11 %	a 12 %
10	1,967	2,159	2,367	2,593	2,839	3,105
20	3,870	4,661	5,604	6,728	8,062	9,646
30	7,612	10,063	13,267	17,450	22,892	29,960
40	14,974	21,724	31,410	45,260	65,001	93,050
50	29,357	46,902	74,360	117,391	184,565	289,002
60	57,946	101,257	176,030	304,482	524,058	897,596
70	113,989	218,606	416,730	789,744	1:488,017	2:787,795
80	224,234	471,954	986,552	2:048,401	4:225,108	8:658,430
90	441,103	1:018,914	2:335,526	5:313,024	11:996,879	26:891,925
100	866,716	2:199,757	5:529,038	13:780,603	34:064,173	83:522,308
110	1:706,925	4:749,120	13:089,247	35:743,306	96:722,590	259:407,485
120	3:357,784	10:522,980	30:987,730	92:708,936	274:635,720	805:680,963

DIVISORES FIXOS

Para calcular juros a diversas taxas

TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS	TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS
		36000	9½	—	3789
1	—	32000	9¾	—	3692
1⅛	—	28800	10	5/6	3600
1¼	—	24000	10¼	—	3512
1½	⅛	20571	10½	7/8	3428
1¾	—	18000	10¾	—	3349
2	1/6	16000	11	—	3273
2¼	—	14400	11¼	—	3200
2½	—	13091	11½	—	3130
2¾	—	12000	11¾	—	3064
3	¼	11077	12	1	3000
3¼	—	10285	12½	—	2880
3½	—	9600	13	—	2769
3¾	—	9000	13½	1⅛	2667
4	1/3	8471	14	1⅙	2571
4¼	—	8000	14½	—	2483
4½	3/8	7579	15	1¼	2400
4¾	—	7200	15½	—	2323
5	—	6857	16	1⅓	2250
5¼	—	6545	16½	1⅜	2182
5½	—	6261	17	—	2118
5¾	—	6000	17½	—	2057
6	½	5760	18	1½	2000
6¼	—	5538	18½	—	1946
6½	—	5333	19	—	1895
6¾	—	5143	19½	1⅝	1846
7	—	4965	20	1⅙	1800
7¼	—	4800	20½	—	1756
7½	5/8	4645	21	1¾	1714
7¾	—	4500	21½	—	1674
8	4/6	4364	22	1⅚	1636
8¼	—	4235	22½	1⅞	1600
8½	—	4114	23	—	1565
8¾	—	4000	23½	—	1532
9	¾	3892	24	2	1500
9¼	—				

Explicação. — Torna-se facil por meio d'esta tabella calcular os juros de uma quantia durante qualquer numero de dias. Basta muliplicar o capital ou a quantia pelo numero de dias e dividir o producto pelo divisor fixo correspondente á taxa. O quociente da divisão é o juro procurado. Convém não confundir as taxas annuaes com as taxas mensaes, que são dadas em columnas separadas.

Num consultorio médico:

— O sr. já consultou alguem acerca de sua doença ?

— Sim, senhor: um pharmaceutico.

— E com certeza elle lhe aconselhou alguma barbaridade, não ?

— Sim, senhor: aconselhou-me que consultasse a v. s.

MOEDAS

I

Moedas brasileiras : especies, valores, pesos, titulos e modulos

ESPECIE	VALOR em reis	PESOS em grammas	TITULO em millesimos	METAL puro em grammas	MODULO em millim.as	DECRETOS
Ouro..	20$000	17,930	917	16,441	30	Decreto n.º 6143 de 10 de Março 1876.
	10$000	8,965	917	8,220	22,5	
	5$000	4,482	917	4,110	—	Está desmonetizada.
Prata.	2$000	25,500	917	23,383	37	Decreto n.º 4822 de 18 de Novembro 1871.
	1$000	12,750	917	11,691	30	
	500	6,375	917	5,845	25	
Nickel	400	12,000	25 °/o de nickel e 5 °/o de cobre com a tolerancia de 1 °/o para mais ou para menos.		—	Estão desmonetizadas as antigas moedas de nickel.
	200	8,000			—	
	100	5,000			—	
Cobre.	40	12,000	95 partes de cobre		30	Decreto n.º 5469 de 19 de Novembro 1873.
	20	7,000	5 partes de estanho		25	Decreto n.º 4019 de 20 de Novembro 1867.
	10	3,500	1 parte de zinco		20	

NOTA. A *tolerancia* no peso das *moedas de ouro* é : de 5 centig. para mais ou para menos nas de 20$; e de 25 *millig.* nas de 10$; — no peso *das moedas de prata* é : de 10 centig. para mais ou para menos nas de 2$; de 5 centig. nas de 1$ e de 25 millig. nas de 500 reis ; — no peso *das moedas de nickel* é de 2 °/o para mais ou para menos. — A *tolerancia no titulo* tanto das moedas de ouro como das de prata é de dous millesimos. — As moedas de prata são acceitas em pagamento nas estações públicas sem limitação alguma ; os particulares não são obrigados a receber em pagamento mais de 20$. As moedas de nickel são dadas e recebidas em pagamento até 1$; as de cobre até a a quantia de 200 reis. A relação legal entre o ouro e a prata é de 1 : 14,22. — As moedas de prata cunhadas no periodo de 30 de Sept. 1867 a 3 de Sept. 1870 têm o peso : de 25 gram. as de 2$; de 12.5 gr. as de 1$; de 6,25 gr. as de 500 reis e de 2,5 gr. as de 200 reis; as duas primeiras, do titulo de 900, as duas últimas, do título de 835 ; as do titulo de 900 têm menos 4 °/o de valor entrinseco, e as do titulo de 835 menos 10,5 °/o do que as actuaes. — A lei de 3 Sept. 1870 mandou desmonetizar todas as moedas de prata do titulo de 900 e as de valor de 200 reis do mesmo metal.

II

Principaes moedas extrangeiras

ALLEMANHA

Leis monetarias de 4 de Dezembro de 1871 e 9 de Julho de 1873.

Relação de ouro á prata 1 : 13.95.

Unidade : Reichsmark de ouro — 1fr.23457.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos	Reis
Ouro a 900 .	20 marcos ou dupla corôa.	7.965	24.69	8,719
	10 marcos ou corôa	3.982	12.35	4,359
	5 marcos.	1.991	6.17	2,179
Prata a 900 .	5 marcos.	27.777	5.555	1,972
	2 marcos.	11.111	2.222	786
	Marco, dividido em 100 pfennig	5.555	1.111	393
	1/2 marco, ou 50 pfennig	2.777	0.555	197
	1/5 de marco, ou 29 pfennig.	1.111	0.222	78

Nickel	10 pfennig	0.111	93
	5 pfennig	0.055	19
Cobre	2 pfennig	0.022	7
	1 pfennig	0.011	4

Por decisão de Junho de 1888, a circulação das moedas extrangeiras, no Imperio Allemão, ficou prohibida a contar de 1 de Junho do mesmo anno.

A circulação fiduciaria da Allemanha é regulada pela lei de 30 de Janeiro de 1875. . . . . .

ARGENTINA (REP.)

Lei de 5 de Novembro de 1881.

Unidade : Peso de prata = 5 fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro 900	Argentino	8.064	25.00	8.829
	Médio Argentino	4.032	12.50	4.414
Prata a 900	Peso dividido em 100 centavos	25.000	5.00	1.765
	50 centavos	12.000	2.50	882
	20 centavos	5.000	1.00	353
	10 centavos	2.500	0.50	176
	5 centavos	1.250	0.25	88
Cobre	2 centavos		0.10	35
	1 centavo		0.05	17

Quasi toda a circulação metalica compõe-se de soberanos inglezes, de moedas de 20 francos de França, de Hespanha e dos Estados hispano-americanos.

Na provincia de Buenos-Aires conta-se em *peso-papel*. Este peso, na época da sua creação representava uma piastra forte : hoje não vale sinão 72 reis (ouro) do Brasil, valor determinado por um decreto do govêrno da provincia em 1866. Divide-se o papel em 8 reaes.

Nas outras provincias conta-se por piastras fortes, de 1.910 reis (ouro) do Brasil.

Em Buenos-Aires, as mercadorias e os titulos são pagos em peso-papel. No commercio por atacado não é raro servirem-se de barras de ouro ou de prata para os pagamentos.

FRANÇA

Lei monetaria de 7 de Abril e 15 de Agosto de 1795, 28 de Março de 1803, 25 de Maio de 1864, 27 de Junho de 1866, 2 de Agosto de 1872, 31 de Julho e 31 de Outubro de 1879.

Unidade : Franco 1 = fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro a 900	100 francos	32,258	100.00	35.316
	50 francos	16,129	50.00	17.658
	20 francos	6,452	20.00	7.063
	10 francos	3,226	10.00	3.352
	5 francos	1,613	5.00	1.766

Prata a 900	5 francos	25,000	5.00	1.
Prata a 835	2 francos	10,000	1.86	
	Franco, dividido em 100 centesimos.	5,000	0.93	
	50 centesimos.	2,500	0.46	
	20 centesimos.	1,000	0.19	
Bronze	10 centesimos.	10,000		
	5 centesimos.	5,000		
	2 centesimos.	2,500		
	1 centesimo	1,000		

ESTADOS-UNIDOS

Leis monetarias de 12 de Fevereiro de 1873 e 28 de Fevereiro de 1878.

Relação de ouro a prata, 1 : 15.98.

Unidade : Dollar de ouro = 5 fr. 1825.

Ouro a 900	Fifty Dol (California)	80,718	259.130
	Aguia dupla, 20 dollars	33,436	103.655
	Aguia, 10 dollars	16,718	51.827
	Meia aguia, 5 dollars	8,359	25.913
	3 dollars	5,015	15.548
	Quarto d'aguia 2 1/2 dollars	4,179	12.956
	Dollar (Lei de 12 de Abril de 1873)	1,672	5.182
Prata a 900	Dollar de 100 cent. (Lei de 28 de Fev. 1878)	26,729	5.345
	1/2 dollar, 50 cents.	12,500	2.50
	3/4 de dollar, 25 cents	6,250	1.25
	2/5 de dollar, 20 cents.	5,000	1.00
	Dime. 10 cents.	2,500	0.50

INGLATERRA

Leis monetarias de 1816, 4 de Abril de 1870 e 17 de Maio de 1887.

Unidade : Libra esterlina, soberano ou pound = 25 fr. 22128.

A libra esterlina divide-se em 20 chélins, cada chélim em 12 pence e cada penny em 4 farthings.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos
Ouro a 916.66	5 soberanos.	39,940	126.107
	2 soberanos.	15,976	50.442
	Soberano (sovereign).	7,988	25.221
	Meio soberano.	3,994	12.610

Prata	Corôa, 5 chilins	28,276	5.811	2.052
	Meia corôa	14,138	2.905	1.006
	Duplo florim, 4 chilins	22,620	4.648	1.640
	Florim, 2 chilins	11,300	2.325	820
	Chilim	5,655	1.161	410
	6 pence	2,828	0.580	205
926	4 pence (groat) (*)	1,885	0.387	137
	3 pence	1,414	0.291	101
	2 pence	0,942	0.195	21
	Penny	0,471	0.097	25
Prata	Escudo de banco ou dollar de Jorge III	28,717	5.22	1.860
	5 chilins	13,030	3.19	1.127
393	1 chilim	8,015	1.59	562

(*) Essas moedas são cunhadas exclusivamente para a distribuição da *caridade real*, no dia da quinta-feira sancta de cada anno. O lord grão esmoler e a deão de Windsor, seguidos de numeroso pessoal da aristocracia e do alto clero, distribuem, em nome do soberano, vestuarios e dinheiro a tantos pobres de ambos sexos quantos são os annos do monarcha; o numero de peças de moeda em cada bolsa, é tambem egual ao dos dictos annos. Cunham-se cada anno 198 libras d'essas moedinhas; as sobras, depois da distribuição, são remettidas á rainha, Este uso remonta a Carlos II, 1660.

FABRICA DE VINHOS BRASILEIROS GENUINOS

de uva, abacaxi, de laranja e puro succo de uvas

Industria Mineira

Quinta "PEDRA BRANCA"

DE

FRANCISCO DE OLIVEIRA

nthiana, grande vinho de pasto, fortemente colorido, tonico e reconstituinte.
vorito, o melhor vinho de pasto nacional.
dra Branca, branco e rosado. Sam vinhos de sobremesa, superiores pelo sabor e genuinidade ás melhores marcas extrangeiras que abarrotam os nossos mercados.
acaxi, delicioso vinho pela sua puresa, sabor agradavel e perfume.
ranja, generoso e delicadissimo vinho destinado á mais larga accitação.
neirina, puro succo de uvas esterilisado e concentrado.

Premiados com os dous primeiros grandes premios no primeiro Concurso Industrial do Estado de Minas Geraes em 1895.

CIDADE DE CALDAS (Sul de Minas)

Estrada de Ferro Mogyana

CAMBIO

Valor dos metaes e das moedas dos principaes paizes que têm relações commerciaes com o Brasil segundo o estado do cambio entre o Brasil e a Inglaterra.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Repub. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
6—	40$000	2$000	1$589	8$899	1$962	8$235	8$510	7$945	350,00	77,78
1/16	39$587	1$979	1$572	8$807	1$941	8$151	8$422	7$863	345,36	77,55
1/8	39$183	1$959	1$556	8$717	1$921	8$067	8$335	7$770	340,82	77,31
3/16	38$787	1$939	1$541	8$629	1$902	7$986	8$252	7$704	336,36	77,08
1/4	38$400	1$920	1$525	8$543	1$883	7$906	8$170	7$627	332,00	76,85
5/16	38$019	1$900	1$510	8$458	1$864	7$828	8$089	7$552	327,72	76,62
3/8	37$647	1$882	1$495	8$375	1$846	7$751	8$010	7$478	323,53	76,39
7/16	37$281	1$864	1$481	8$294	1$828	7$676	7$932	7$405	319,42	76,16
1/2	36$923	1$846	1$466	8$214	1$811	7$602	7$855	7$334	315,38	75,93
9/16	36$571	1$828	1$452	8$136	1$793	7$530	7$781	7$264	311,43	75,69
5/8	36$226	1$811	1$439	8$059	1$776	7$458	7$707	7$195	307,55	75,46
11/16	35$887	1$794	1$425	7$984	1$760	7$389	7$635	7$128	303,74	75,23
3/4	35$555	1$777	1$412	7$910	1$744	7$320	7$565	7$062	300,00	75,00
13/16	35$229	1$761	1$399	7$837	1$728	7$253	7$495	6$997	296,33	74,77
7/8	34$909	1$745	1$386	7$766	1$712	7$187	7$423	6$934	292,73	74,54
15/16	34$594	1$729	1$374	7$696	1$696	7$122	7$360	6$871	289,19	74,31
7—	34$285	1$714	1$362	7$627	1$681	7$059	7$292	6$810	285,71	74,07
1/16	33$982	1$699	1$350	7$560	1$666	6$996	7$230	6$750	282,30	73,84
1/8	33$684	1$684	1$338	7$493	1$652	6$935	7$166	6$690	278;95	73,61
3/16	33$391	1$669	1$326	7$428	1$637	6$875	7$104	6$632	275,65	73,38
1/4	33$103	1$655	1$315	7$364	1$623	6$815	7$043	6$575	272,41	73,15
5/16	32$820	1$641	1$303	7$301	1$609	6$757	6$983	6$519	269,23	72,92
3/8	32$542	1$627	1$292	7$239	1$596	6$700	6$923	6$464	266,10	72,68
7/16	32$268	1$613	1$282	7$179	1$582	6$644	6$865	6$409	263,02	72,45
1/2	32$000	1$600	1$271	7$119	1$569	6$588	6$808	6$356	260,00	72,22
9/16	31$735	1$586	1$260	7$060	1$556	6$534	6$752	6$303	257,02	71,99
5/8	31$475	1$573	1$250	7$002	1$543	6$480	6$696	6$252	254,10	71,76
11/16	31$219	1$560	1$240	6$945	1$531	6$428	6$642	6$201	251,22	71,53
3/4	30$967	1$548	1$230	6$889	1$518	6$376	6$588	6$151	248,39	71,30
13/16	30$720	1$536	1$220	6$834	1$506	6$325	6$536	6$102	245,60	71,06
7/8	30$476	1$523	1$210	6$780	1$494	6$275	6$484	6$053	242,86	70,83
15/16	30$236	1$511	1$201	6$726	1$483	6$225	6$433	6$006	240,16	70,60
8—	30$000	1$500	1$191	6$674	1$471	6$176	6$382	5$959	237,50	70,37
1/16	29$767	1$488	1$182	6$622	1$460	6$129	6$333	5$912	234,88	70,14
1/8	29$538	1$476	$173	6$571	1$448	6$081	6$284	5$867	232,31	69,91
3/16	29$312	1$465	1$164	6$521	1$437	6$035	6$236	5$822	229,77	69,68
1/4	29$090	1$454	1$155	6$472	1$426	5$989	6$189	5$778	227,27	69,45
5/16	28$872	1$443	1$147	6$423	1$416	5$944	6$143	5$734	224,81	69,22
3/8	28$656	1$432	1$138	6$375	1$405	5$900	6$097	5$692	222,39	68,98
7/16	28$444	1$422	1$130	6$328	1$395	5$856	6$052	5$650	220,00	68,75
1/2	28$235	1$411	1$121	6$281	1$384	5$813	6$007	5$608	217,65	68,52
9/16	28$029	1$401	1$113	6$235	1$374	5$771	5$963	5$567	215,33	68,29

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reisch-mark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
8 5/8	27$826	1$391	1$105	6$190	1$364	5$729	5$920	5$527	213,04	68,06
11/16	27$625	1$381	1$097	6$146	1$355	5$688	5$877	5$487	210,79	67,83
3/4	27$428	1$371	1$089	6$102	1$345	5$647	5$835	5$448	208,57	67,59
13/16	27$234	1$361	1$082	6$058	1$335	5$607	5$794	5$409	206,38	67,36
7/8	27$042	1$352	1$074	6$016	1$326	5$567	5$753	5$371	204,22	67,13
15/16	26$853	1$342	1$066	5$974	1$317	5$529	5$713	5$334	202,10	66,90
9—	26$666	1$333	1$059	5$932	1$308	5$490	5$673	5$296	200,00	66,67
1/16	26$482	1$324	1$052	5$891	1$298	5$452	5$634	5$260	197,93	66,44
1/8	26$301	1$315	1$044	5$851	1$290	5$415	5$596	5$224	195,89	66,21
3/16	26$122	1$306	1$037	5$811	1$281	5$378	5$557	5$188	193,88	65,97
1/4	25$945	1$297	1$030	5$772	1$272	5$342	5$520	5$153	191,89	65,74
5/16	25$771	1$288	1$023	5$733	1$264	5$306	5$483	5$119	189,93	65,51
3/8	25$600	1$280	1$017	5$695	1$255	5$271	5$446	5$085	188,00	65,28
7/16	25$430	1$271	1$010	5$657	1$247	5$236	5$410	5$051	186,09	65,05
1/2	25$263	1$263	1$003	5$620	1$239	5$201	5$375	5$018	184,21	64,82
9/16	25$098	1$254	$997	5$583	1$231	5$167	5$340	4$985	182,35	64,59
5/8	24$935	1$246	$990	5$547	1$223	5$134	5$305	4$952	180,52	64,35
11/16	24$774	1$238	$984	5$511	1$215	5$100	5$271	4$921	178,71	64,12
3/4	24$615	1$230	$977	5$476	1$207	5$068	5$237	4$889	176,92	63,89
13/16	24$458	1$222	$971	5$441	1$199	5$036	5$203	4$858	175,16	63,66
7/8	24$303	1$215	$965	5$407	1$192	5$004	5$171	4$827	173,42	63,43
15/16	24$150	1$207	$959	5$373	1$184	4$972	5$138	4$797	171,70	63,20
10—	24$000	1$200	$953	5$339	1$177	4$941	5$104	4$767	170,00	62,96
1/16	23$850	1$192	$947	5$306	1$169	4$910	5$074	4$737	168,32	62,73
1/8	23$703	1$185	$941	5$273	1$162	4$880	5$043	4$708	166,67	62,50
3/16	23$558	1$177	$935	5$241	1$155	4$850	5$012	4$679	165,03	62,27
1/4	23$414	1$170	$930	5$209	1$148	4$821	4$981	4$650	163,41	62,04
5/16	23$272	1$163	$924	5$177	1$141	4$791	4$951	4$622	161,82	61,81
3/8	23$132	1$156	$919	5$146	1$134	4$762	4$921	4$594	160,24	61,58
7/16	22$994	1$149	$913	5$115	1$127	4$734	4$892	4$567	158,68	61,34
1/2	22$857	1$142	$908	5$085	1$121	4$706	4$863	4$540	157,14	61,11
9/16	22$721	1$136	$902	5$055	1$114	4$678	4$834	4$513	155,62	60,88
5/8	22$588	1$129	$897	5$025	1$107	4$650	4$806	4$486	154,12	60,65
11/16	22$456	1$122	$892	4$995	1$101	4$623	4$777	4$460	152,63	60,42
3/4	22$325	1$116	$886	4$966	1$095	4$596	4$750	4$434	151,16	60,19
13/16	22$196	1$109	$881	4$938	1$088	4$570	4$722	4$408	149,71	59,95
7/8	22$068	1$103	$876	4$909	1$082	4$543	4$695	4$383	148,27	59,72
15/16	21$942	1$097	$871	4$881	1$076	4$518	4$668	4$358	146,86	59,49
11—	21$818	1$090	$866	4$854	1$070	4$492	4$642	4$333	145,45	59,26
1/16	21$694	1$084	$861	4$826	1$064	4$466	4$615	4$309	144,07	59,03
1/8	21$573	1$078	$857	4$799	1$058	4$441	4$590	4$285	142,70	58,90
3/16	21$452	1$072	$852	4$772	1$052	4$417	4$564	4$261	141,34	58,57
1/4	21$333	1$066	$847	4$746	1$046	4$392	4$539	4$237	140,00	58,33
5/16	21$215	1$060	$842	4$719	1$040	4$368	4$513	4$214	138,67	58,10
3/8	21$098	1$054	$838	4$693	1$034	4$344	4$489	4$190	137,36	57,87
7/16	20$983	1$049	$833	4$668	1$029	4$320	4$464	4$168	136,07	57,64

1) A columna relativa ao valor do franco de França, serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
11 1/2	20$869	1$043	$829	4$642	1$023	4$297	4$440	4$145	134,78	57,41
9/16	20$756	1$037	$824	4$617	1$018	4$273	4$416	4$122	133,51	57,18
5/8	20$645	1$032	$820	4$593	1$012	4$250	4$392	4$100	132,26	56,95
11/16	20$534	1$026	$815	4$568	1$007	4$228	4$369	4$078	131,02	56,71
3/4	20$425	1$021	$811	4$544	1$001	4$205	4$345	4$057	129,79	56,48
13/16	20$317	1$015	$807	4$520	$996	4$183	4$322	4$035	128,57	56,25
7/8	20$210	1$010	$802	4$496	$991	4$161	4$300	4$014	127,37	56,02
15/16	20$104	1$005	$798	4$472	$986	4$139	4$277	3$993	126,18	55,79
12—	20$000	1$000	$794	4$449	$981	4$117	4$248	3$972	125,00	55,56
1/16	19$896	$994	$790	4$426	$975	4$096	4$233	3$952	123,83	55,33
1/8	19$793	$989	$786	4$403	$970	4$075	4$211	3$931	122,68	55,10
3/16	19$692	$984	$782	4$381	$965	4$054	4$189	3$911	121,54	54,86
1/4	19$591	$979	$778	4$358	$960	4$033	4$168	3$891	120,41	54,63
5/16	19$492	$974	$774	4$336	$956	4$013	4$147	3$871	119,29	54,40
3/8	19$393	$969	$770	4$314	$951	3$993	4$126	3$852	118,18	54,17
7/16	19$296	$964	$766	5$293	$946	3$973	4$105	3$833	117,09	53,94
1/2	19$200	$960	$762	4$271	$941	3$953	4$085	3$813	116,00	53,71
9/16	19$104	$955	$759	4$250	$937	3$933	4$064	3$794	114,93	53,47
5/8	19$009	$950	$755	4$229	$932	3$914	4$044	3$776	113,86	53,24
11/16	18$916	$945	$751	4$208	$927	3$894	4$024	3$757	112,80	53,01
3/4	18$823	$941	$747	4$187	$923	3$875	4$005	3$739	111,76	52,78
13/16	18$731	$936	$744	4$167	$918	3$856	3$985	3$721	110,73	52,55
7/8	18$640	$932	$740	4$147	$914	3$838	3$966	3$702	109,70	52,32
15/16	18$550	$927	$737	4$127	$909	3$819	3$946	3$685	108,69	52,09
13—	18$461	$923	$733	4$107	$905	3$801	3$927	3$667	107,69	51,85
1/16	18$373	$918	$729	4$087	$901	3$783	3$909	3$649	106,69	51,62
1/8	18$285	$914	$726	4$068	$896	3$765	3$890	3$632	105,70	51,38
3/16	18$199	$909	$723	4$048	$892	3$747	3$872	3$615	104,73	51,15
1/4	18$113	$905	$719	4$029	$888	3$729	3$853	3$598	103,77	50,92
5/16	18$028	$901	$716	4$010	$884	3$711	3$835	3$581	102,81	50,69
3/8	17$943	$897	$712	3$992	$880	3$694	3$817	3$564	101,86	50,46
7/16	17$860	$893	$709	3$973	$876	3$677	3$800	3$547	100,93	50,23
1/2	17$777	$888	$706	3$955	$872	3$660	3$782	3$531	100,00	50,00
9/16	17$695	$884	$703	3$936	$867	3$643	3$765	3$515	99,07	49,76
5/8	17$614	$880	$699	3$918	$864	3$626	3$747	3$499	98,16	49,54
11/16	17$534	$876	$696	3$900	$860	3$610	3$730	3$483	97,26	49,30
3/4	17$454	$872	$693	3$883	$856	3$593	3$713	3$467	96,36	49,07
13/16	17$375	$868	$690	3$865	$852	3$577	3$696	3$451	95,47	48,84
7/8	17$297	$864	$687	3$848	$848	3$561	3$680	3$436	94,59	48,61
15/16	17$219	$860	$684	3$830	$844	3$545	3$663	3$420	93,71	48,38
14—	17$142	$857	$681	3$813	$840	3$529	3$647	3$405	92,85	48,14
1/16	17$066	$853	$678	3$796	$837	3$514	3$631	3$390	91,90	47,91
1/8	16$991	$849	$675	3$780	$833	3$498	3$615	3$375	91,15	47,68
3/16	16$916	$845	$672	3$763	$829	3$483	3$599	3$360	90,30	47,45
1/4	16$842	$842	$669	3$746	$826	3$467	3$583	3$345	89,47	47,22
5/16	16$768	$838	$666	3$730	$822	3$452	3$565	3$331	88,64	46,99

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas*, *francos saissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguay	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
14 3/8	16$695	$834	$663	3$714	$818	3$437	3$552	3$316	87,82	46,75
7/16	16$623	$831	$660	3$698	$815	3$422	3$536	3$302	87,01	46,52
1/2	16$551	$827	$657	3$682	$811	3$407	3$521	3$287	86,20	46,29
9/16	16$480	$824	$654	3$666	$808	3$393	3$506	3$273	85,40	46,06
5/8	16$410	$820	$651	3$650	$804	3$378	3$491	3$259	84,61	45,83
11/16	16$340	$817	$649	3$635	$801	3$364	3$476	3$246	83,82	45,60
3/4	16$271	$813	$646	3$619	$798	3$350	3$461	3$232	83,05	45,37
13/16	16$202	$810	$643	3$604	$794	3$336	3$447	3$218	82,27	45,13
7/8	16$134	$806	$641	3$589	$791	3$322	3$432	3$205	81,51	44,90
15/16	16$066	$803	$638	3$574	$788	3$308	3$418	3$191	80,75	44,67
15—	16$000	$800	$635	3$559	$784	3$294	3$404	3$178	80,00	44,44
1/16	15$933	$796	$633	3$544	$781	3$280	3$390	3$165	79,25	44,21
1/8	15$867	$793	$630	3$530	$778	3$267	3$376	3$152	78,51	43,98
3/16	15$802	$790	$627	3$515	$775	3$253	3$362	3$139	77,77	43,75
1/4	15$737	$786	$625	3$501	$771	3$240	3$348	3$126	77,04	43,51
5/16	15$673	$783	$622	3$486	$768	3$227	3$334	3$113	76,32	43,28
3/8	15$609	$780	$620	3$472	$765	3$214	3$321	3$100	75,60	43,03
7/16	15$546	$777	$617	3$458	$762	3$201	3$307	3$088	74,89	42,82
1/2	15$483	$774	$615	3$444	$759	3$188	3$294	3$075	74,18	42,59
9/16	15$421	$771	$612	3$430	$756	3$175	3$281	3$063	73,49	42,36
5/8	15$360	$768	$610	3$417	$753	3$162	3$268	3$051	72,80	42,13
11/16	15$298	$764	$607	3$403	$750	3$150	3$255	3$039	72,11	41,89
3/4	15$238	$761	$605	3$390	$747	3$137	3$242	3$027	71,42	41,66
13/16	15$177	$758	$603	3$376	$744	3$125	3$229	3$015	70,75	41,43
7/8	15$118	$755	$600	3$363	$741	3$112	3$216	3$003	70,07	41,20
15/16	15$058	$752	$598	3$350	$738	3$100	3$204	2$991	69,41	40,97
16—	15$000	$750	$595	3$337	$735	3$088	3$191	2$979	68,75	40,74
1/16	14$941	$747	$593	3$324	$732	3$076	3$179	2$968	68,09	40,50
1/8	14$883	$744	$591	3$311	$730	3$064	3$166	2$956	67,44	40,27
3/16	14$826	$741	$589	3$298	$727	3$052	3$154	2$945	66,79	40,04
1/4	14$769	$738	$586	3$285	$724	3$040	3$142	2$933	66,15	39,81
5/16	14$712	$735	$584	3$273	$721	3$029	3$130	2$922	65,51	39,58
3/8	14$656	$732	$582	3$260	$718	3$017	3$118	2$911	64,88	39,35
7/16	14$600	$730	$580	3$248	$716	3$006	3$106	2$900	64,25	39,12
1/2	14$545	$727	$577	3$236	$713	2$994	3$094	2$889	63,63	38,88
9/16	14$490	$724	$575	3$223	$710	2$983	3$083	2$878	63,01	38,65
5/8	14$436	$721	$573	3$211	$708	2$972	3$071	2$867	62,40	38,42
11/16	14$382	$719	$571	3$199	$705	2$961	3$060	2$856	61,79	38,19
3/4	14$328	$716	$569	3$187	$702	2$950	3$048	2$846	61,19	37,96
13/16	14$275	$713	$567	3$175	$700	2$939	3$037	2$835	60,59	37,73
7/8	14$222	$711	$565	3$164	$697	2$928	3$026	2$825	60,00	37,50
15/16	14$169	$708	$562	3$152	$695	2$917	3$014	2$814	59,40	37,26
17—	14$117	$705	$560	3$140	$692	2$906	3$003	2$804	58,82	37,03

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
17	705,882	14$117,647	561,125	692,744	2$908,061	31$764,705	314$197,923	2$805,629	58,82	37,03
1/32	704,587	14$091,743	560,096	691,473	2$902,725	31$706,422	313$621,413	2$800,481	58,53	36,92
1/16	703,296	14$065,934	559,070	690,207	2$897,409	31$648,351	313$047,015	2$795,352	58,24	36,80
3/32	702,010	14$040,219	558,048	688,945	2$892,112	31$590,493	312$474,721	2$790,242	57,95	36,68
1/8	700,729	14$014,598	557,030	687,688	2$886,834	31$532,846	311$904,508	2$785,150	57,67	36,57
5/32	699,453	13$989,071	556,015	686,435	2$881,576	31$475,409	311$336,375	2$780,077	57,38	36,45
3/16	698,181	13$963,636	555,004	685,187	2$876,337	31$418,181	310$770,309	2$775,022	57,09	36,34
7/32	696,914	13$938,294	553,996	683,943	2$870,935	31$361,141	310$206,100	2$769,984	56,80	36,22
1/4	695,652	13$913,043	552,993	682,704	2$865,917	31$304,347	309$644,330	2$764,968	56,52	36,11
9/32	694,394	13$887,884	551,993	681,470	2$860,733	31$247,739	309$084,394	2$759,968	56,23	35,99
5/16	693,140	13$862,815	550,997	680,240	2$855,569	31$191,335	308$526,480	2$754,986	55,95	35,87
11/32	691,891	13$837,837	550,004	679,014	2$850,424	31$135,135	307$970,577	2$750,022	55,67	35,76
3/8	690,647	13$812,949	549,015	677,793	2$845,297	31$079,136	307$416,673	2$745,076	55,39	35,64
13/32	689,407	13$788,150	548,029	676,576	2$840,189	31$023,339	306$864,758	2$740,148	55,12	35,53
7/16	688,172	13$763,440	547,047	675,364	2$835,099	30$967,741	306$314,821	2$735,237	54,84	35,41
15/32	686,940	13$738,819	546,068	674,155	2$830,027	30$912,343	305$766,852	2$730,344	54,56	35,30
1/2	685,714	13$714,285	545,093	672,952	2$824,974	30$857,142	305$220,840	2$725,468	54,29	35,18
17/32	684,491	13$689,839	544,122	671,752	2$819,938	30$802,133	304$676,774	2$720,610	54,01	35,06
9/16	683,274	13$665,480	543,153	670,557	2$814,920	30$747,330	304$134,644	2$715,769	53,73	34,95
19/32	682,060	13$641,207	542,189	669,366	2$809,920	30$692,717	303$594,441	2$710,945	53,46	34,83
5/8	680,851	13$617,021	541,227	668,179	2$804,938	30$638,297	303$056,153	2$706,139	53,19	34,72
21/32	679,646	13$592,920	540,269	666,996	2$799,974	30$584,070	302$519,770	2$701,349	52,92	34,60
11/16	678,445	13$568,904	539,315	665,818	2$795,027	30$530,035	301$985,283	2$696,576	52,65	34,49
23/32	677,248	13$544,973	538,364	664,643	2$790,097	30$476,190	301$452,681	2$691,820	52,39	34,37
3/4	676,056	13$521,126	537,416	663,473	2$785,185	30$422,535	300$921,955	2$687,081	52,11	34,25
25/32	674,868	13$497,363	536,471	662,307	2$780,290	30$369,068	300$393,093	2$682,359	51,84	34,14
13/16	673,684	13$473,684	535,530	661,145	2$775,413	30$315,789	299$866,088	2$677,653	51,57	34,02
27/32	672,504	13$450,087	534,592	659,987	2$770,552	30$262,697	299$340,928	2$672,964	51,31	33,91
7/8	671,328	13$426,573	533,658	658,834	2$765,708	30$209,790	298$817,605	2$668,291	51,04	33,79
29/32	670,157	13$403,141	532,726	657,684	2$760,882	30$157,068	298$296,109	2$663,634	50,78	33,68
15/16	668,989	13$379,790	531,798	656,538	2$756,072	30$104,529	297$776,429	2$658,993	50,52	33,56
31/32	667,826	13$356,521	530,873	655,396	2$751,279	30$052,173	297$258,557	2$654,369	50,26	33,44
18	666,666	13$333,333	529,952	654,258	2$746,502	30$000,000	296$742,483	2$649,761	50,00	33,33
1/32	665,511	13$310,225	529,033	653,124	2$741,742	29$948,006	296$228,197	2$645,168	49,74	33,21
1/16	664,359	13$287,197	528,118	651,995	2$736,999	29$896,193	295$715,692	2$640,592	39,48	33,10
3/32	663,212	13$264,248	527,206	650,868	2$732,271	29$844,559	295$204,957	2$636,031	49,22	32,98
1/8	662,068	13$241,379	526,297	649,746	2$727,561	29$793,103	294$695,933	2$631,487	48,96	32,87
5/32	660,929	13$218,588	525,391	648,628	2$722,866	29$741,824	294$188,761	2$626,957	48,70	32,75
3/16	659,793	13$195,876	524,488	647,513	2$718,188	29$690,721	293$683,292	2$622,444	48,45	32,63
7/32	658,662	13$173,241	523,589	646,403	2$713,525	29$639,794	293$179,537	2$617,945	48,19	32,52
1/4	657,534	13$150,684	522,699	645,296	2$708,879	29$589,041	292$677,516	2$613,463	47,94	32,40
9/32	656,410	13$128,205	521,799	644,115	2$704,249	29$538,461	292$177,214	2$608,995	47,69	32,29
5/16	655,290	13$105,802	520,908	643,094	2$699,633	29$488,054	291$678,616	2$604,543	47,44	32,17
11/32	654,173	13$083,475	520,021	641,998	2$695,034	29$437,819	291$181,721	2$600,106	47,18	32,06
3/8	653,061	13$061,224	519,136	640,906	2$690,451	29$387,755	290$686,514	2$595,684	46,93	31,94
13/32	651,952	13$039,049	518,255	639,818	2$685,883	29$337,860	290$192,988	2$591,277	46,68	31,83
7/16	650,847	13$016,949	517,377	638,734	2$681,331	29$288,135	299$701,136	2$586,885	46,44	31,71
15/32	649,746	12$994,923	516,501	637,653	2$676,794	29$238,578	289$210,948	2$582,508	46,19	31,60
1/2	648,648	12$972,972	515,629	636,576	2$672,272	29$189,189	288$722,416	2$573,146	45,94	31,48
17/32	647,554	12$951,096	514,759	635,502	2$667,766	29$139,966	288$235,531	2$573,709	45,70	31,36
9/16	646,464	12$929,292	513,893	634,432	2$663,275	29$090,909	287$750,287	2$569,465	45,45	31,25
19/32	645,378	12$907,563	513,029	633,366	2$658,799	29$042,017	287$266,682	2$565,147	45,21	31,13
5/8	644,295	12$885,906	512,168	632,303	2$654,338	27$993,288	286$784,682	2$560,843	44,96	31,01
21/32	643,216	12$864,321	511,310	031,244	2$649,891	28$944,723	286$304,305	2$556,551	44,72	30,90
11/16	642,140	12$842,809	510,455	630,189	2$645,460	28$896,321	285$825,535	2$552,278	44,48	30,78

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
18 23/32	641,068	12$821,368	509,603	629,137	2$641,044	28$848,080	285$348,364	2$548,017	44,24	30,67
3/4	640,000	12$800,000	508,754	628,088	2$636,642	28$800,000	284$872,784	2$543,770	44,00	30,55
25/32	638,935	12$778,702	507,907	627,043	2$632,255	28$752,079	284$398,786	2$539,538	43,76	30,43
13/16	637,873	12$757,475	507,063	626,001	2$627,882	28$704,318	283$926,362	2$535,319	43,52	30,32
27/32	636,815	12$736,318	506,223	624,963	2$623,524	28$656,716	283$455,506	2$531,115	43,28	30,20
7/8	635,761	12$715,231	505,384	623,929	2$619,181	28$609,271	282$986,229	2$526,924	43,04	30,09
29/32	634,710	12$694,214	504,549	622,897	2$614,852	28$561,983	282$518,463	2$522,747	42,80	29,97
15/16	633,663	12$673,267	503,716	621,869	2$610,537	28$514,851	282$052,261	2$518,584	42,56	29,86
31/32	632,619	12$652,388	502,887	620,845	2$606,235	28$467,874	281$587,595	2$514,435	42,33	29,74
19	631,578	12$631,578	502,060	619,824	2$601,949	28$421,052	281$124,458	2$510,300	42,10	29,62
1/32	630,541	12$610,837	501,235	618,806	2$597,677	28$374,384	280$662,841	2$506,178	41,87	29,51
1/16	629,508	12$590,163	500,414	617,792	2$593,420	28$327,868	280$202,738	2$502,071	41,63	29,39
3/32	628,477	12$569,558	499,594	616,780	2$589,174	28$281,505	279$744,141	2$497,974	41,40	29,28
1/8	627,450	12$549,019	498,778	615,773	2$584,943	28$235,294	279$287,043	2$493,892	41,17	29,16
5/32	626,427	12$528,548	497,984	614,768	2$580,726	28$189,233	278$831,436	2$489,824	40,94	29,05
3/16	625,407	12$508,143	497,153	613,767	2$576,523	28$143,322	278$377,313	2$485,769	40,71	28,93
7/32	624,390	12$487,804	496,345	612,769	2$572,334	28$097,589	277$924,667	2$481,727	40,48	28,81
1/4	623,376	12$467,532	495,539	611,774	2$568,158	28$051,948	277$473,491	2$477,698	40,25	28,70
9/32	622,366	12$447,325	494,736	610,783	2$563,995	28$006,482	277$023,776	2$473,683	40,02	28,58
5/16	621,359	12$427,184	493,936	609,794	2$559,847	27$961,165	276$575,518	2$469,680	39,79	28,47
11/32	620,355	12$407,108	493,138	608,809	2$555,711	27$915,993	276$128,708	2$465,690	39,57	28,35
3/8	619,354	12$387,096	492,342	607,827	2$551,589	27$870,967	275$683,394	2$461,713	39,35	28,24
13/32	618,357	12$367,149	491,549	606,848	2$547,480	27$826,086	275$239,404	2$457,749	39,13	28,12
7/16	617,363	12$347,266	490,759	605,873	2$543,381	27$781,350	274$796,897	2$453,798	38,90	28,00
15/32	616,372	12$327,447	489,971	604,900	2$539,302	27$736,757	274$355,821	2$449,851	30,68	27,88
1/2	615,384	12$307,692	489,186	603,931	2$535,233	27$692,307	273$916,138	2$445,933	38,47	27,77
17/32	614,400	12$288,000	488,403	602,965	2$531,176	27$648,000	273$477,872	2$442,019	38,24	27,66
9/16	613,418	12$268,370	487,623	602,001	2$527,133	27$603,833	273$041,007	2$438,118	38,01	27,54
19/32	612,440	12$248,803	486,846	601,041	2$523,102	27$559,808	272$605,534	2$434,230	37,80	27,43
5/8	611,464	12$229,299	486,070	600,084	2$519,085	27$515,923	272$171,449	2$430,354	37,58	27,31
21/32	610,492	12$209,856	485,298	599,130	2$515,080	27$472,178	271$738,744	2$426,490	37,35	27,19
11/16	609,523	12$190,476	484,527	598,179	2$511,088	27$428,571	271$307,413	2$422,638	37,14	27,08
23/32	608,557	12$171,156	483,759	597,231	2$507,111	27$385,103	270$877,427	2$418,799	36,92	26,96
3/4	607,594	12$151,898	482,994	596,286	2$503,141	27$341,772	270$447,345	2$414,972	36,70	26,85
25/32	606,635	12$132,701	482,231	595,344	2$499,187	27$298,578	270$021,596	2$411,157	36,49	26,73
13/16	605,678	12$113,564	481,470	594,405	2$495,245	27$255,520	269$592,572	2$407,354	36,27	26,62
27/32	604,724	12$094,488	480,712	593,469	2$491,315	27$212,598	269$171,134	2$403,562	36,06	26,50
7/8	603,773	12$075,471	479,956	592,536	2$487,398	27$169,811	268$742,909	2$399,783	35,84	26,38
29/32	602,825	12$056,514	479,203	591,606	2$483,493	27$127,158	268$359,013	2$396,016	35,63	26,27
15/16	601,880	12$037,617	478,452	590,678	2$479,601	27$084,639	267$955,439	2$392,260	35,42	26,15
31/32	600,938	12$018,779	477,703	589,754	2$475,720	27$042,253	267$486,181	2$388,517	35,21	26,04
20	600,000	12$000,000	476,957	588,833	2$471,852	27$000,000	267$068,235	2$384,785	35,00	25,92
1/32	599,063	11$981,279	476,212	587,914	2$467,996	26$957,878	266$651,592	2$381,064	34,78	25,81
1/16	598,130	11$962,616	475,471	586,998	2$464,151	26$915,887	266$236,246	2$377,355	34,57	25,69
3/32	597,200	11$944,012	474,731	586,085	2$460,319	26$874,027	265$823,043	2$373,658	34,37	25,57
1/8	596,273	11$925,465	473,994	585,175	2$456,499	26$832,298	265$409,426	2$369,972	34,16	25,46
5/32	595,348	11$906,976	473,259	584,268	2$452,690	26$790,697	264$997,938	2$366,298	33,95	25,34
3/16	594,427	11$888,544	472,527	583,363	2$448,893	26$749,226	264$587,725	2$362,635	33,74	25,23
7/32	593,508	11$870,170	471,796	582,462	2$445,108	26$707,882	264$178,779	2$358,983	33,54	25,11
1/4	592,592	11$851,851	471,068	581,563	2$841,335	26$666,666	263$771,096	2$355,343	33,33	25,00
9/32	591,679	11$833,590	470,342	580,667	2$437,573	26$625,577	263$364,669	2$351,714	33,12	24,88
5/16	590,769	11$815,384	469,619	579,794	2$435,640	26$584,615	262$959,492	2$348,096	32,92	24,76
11/32	589,861	11$797,235	468,897	578,883	2$430,085	26$543,778	262$555,561	2$344,489	32,71	24,65
3/8	588,957	11$779,141	468,178	577,995	2$426,358	26$503,067	262$152,868	2$340,893	32,51	24,53
13/32	588,055	11$761,102	467,461	577,110	2$422,642	26$462,480	261$750,409	2$337,308	32,31	24,42

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valordas diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichemark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
20 7/16	587,155	11$743,119	466,746	576,228	2$418,938	26$422,018	261$351,177	2$333,734	32,10	24,30
15/32	586,259	11$725,190	466,034	575,348	2$415,244	26$381,679	260$952,168	2$330,171	31,90	24,18
1/2	585,365	11$707,317	465,323	574,471	2$411,563	26$341,463	260$554,385	2$326,619	31,70	24,07
17/32	584,474	11$689,497	464,615	573,596	$407,892	26$301,369	260$157,793	2$323,078	31,50	23,95
9/16	583,586	11$671,732	463,909	572,725	2$404,233	26$261,398	259$762,417	2$319,547	31,30	23,84
19/32	582,701	11$654,021	463,205	571,856	2$400,584	26$221,547	259$368,240	2$316,028	31,10	23,72
5/8	581,818	11$636,363	462,503	570,989	2$996,947	26$181,818	258$975,258	2$312,518	30,90	23,61
21/32	580,937	11$618,758	461,804	570,125	2$393,321	26$142,208	258$583,428	2$309,020	30,71	23,49
11/16	580,060	11$601,208	461,106	569,264	2$389,706	26$102,719	258$192,855	2$305,532	30,41	23,37
23/32	579,185	11$583,710	460,411	568,405	2$385,918	26$063,348	257$803,424	2$302,055	30,32	23,26
3/4	578,313	11$566,265	459,717	567,549	2$382,508	26$024,096	257$415,166	2$298,588	30,12	23,14
25/32	577,443	11$548,872	459,026	566,696	2$378,925	25$984,962	257$028,077	2$295,131	29,92	23,03
13/16	576,576	11$531,531	458,337	565,845	2$375,353	25$945,945	256$642,147	2$291,685	29,73	22,91
27/32	575,712	11$514,242	457,649	564,997	2$371,792	25$907,046	256$257,376	2$288,246	29,53	22,80
7/8	574,850	11$497,005	456,964	564,151	2$368,241	25$868,263	255$873,758	2$284,834	29,34	22,68
29/32	573,991	11$479,820	456,281	563,308	2$364,711	25$829,596	255$491,246	2$281,408	29,14	22,56
15/16	573,134	11$462,686	455,600	562,467	2$361,172	25$791,044	255$109,955	2$278,003	28,95	22,45
31/32	572,280	11$445,603	454,921	561,629	2$357,634	25$752,608	254$729,762	2$274,608	28,76	22,33
21	571,428	11$428,571	454,244	560,793	2$354,145	25$714,285	254$332,023	2$271,223	28,57	22,22
1/32	570,579	11$411,589	453,569	559,960	2$350,647	25$676,077	253$972,764	2$267,849	28,38	22,10
1/16	569,732	11$394,658	452,896	559,129	2$347,159	25$637,982	253$596,106	2$264,484	28,19	21,99
3/32	568,888	11$377,777	452,225	558,300	2$343,682	25$600,000	253$220,252	2$ 61,129	28,00	21,87
1/8	568,047	11$360,946	451,556	557,475	2$340,215	25$562,130	252$845,666	2$257,784	27,81	21,75
5/32	567,208	11$344,165	450,889	556,651	2$336,758	25$524,372	252$472,186	2$254,449	27,62	21,64
3/16	566,371	11$327,433	450,224	555,830	2$333,311	25$486,725	252$099,808	2$251,124	27,43	21,52
7/32	565,537	11$310,751	449,561	555,011	2$329,875	25$449,189	251$728,527	2$247,809	27,24	21,40
1/4	564,705	11$294,117	448,900	554,195	2$326,449	25$411,764	251$358,338	2$244,503	27,05	21,29
9/32	563,876	11$277,533	448,241	553,381	2$323,032	25$374,449	250$989,236	2$241,207	26,87	21,18
5/16	563,049	11$260,997	447,584	552,570	2$319,626	25$337,243	250$621,217	2$237,921	26,68	21,06
11/32	562,225	11$244,509	446,928	551,761	2$316,230	25$300,146	250$254,275	2$234,644	26,50	20,94
3/8	561,403	11$228,070	446,275	550,954	2$312,844	25$263,157	249$888,407	2$231,377	26,31	20,83
13/32	560,583	11$211,678	445,624	550,150	2$309,467	25$226,277	249$523,606	2$228,120	26,13	20,71
7/16	559,766	11$195,335	444,974	549,348	2$306,101	25$189,504	249$159,869	2$224,872	25,94	20,60
15/32	558,951	11$179,039	444,326	548,548	2$302,744	25$152,838	248$797,191	2$221,633	25,76	20,48
1/2	558,139	11$162,790	443,680	547,751	2$299,397	25$116,279	248$435,567	2$218,404	25,58	20,37
17/32	557,329	11$146,589	443,037	546,956	2$296,060	25$079,825	248$074,993	2$215,185	25,39	20,25
9/16	556,521	11$130,434	442,394	546,163	2$292,732	25$043,478	247$715,464	2$211,974	25,21	20,13
19/32	555,716	11$114,327	441,754	545,373	2$289,414	25$007,235	247$356,976	2$208,773	25,03	20,02
5/8	554,913	11$098,265	441,116	544,585	2$286,106	24$971,098	246$999,523	2$205,581	24,85	19,90
21/32	554,112	11$082,251	440,479	543,799	2$282,807	24$935,064	246$643,103	2$202,398	24,67	19,79
11/16	553,314	11$066,282	439,845	543,016	2$279,517	24$899,135	246$287,709	2$199,225	24,49	19,67
23/32	552,517	11$050,359	439,212	542,234	2$276,238	24$863,309	245$933,338	2$196,061	24,31	19,56
3/4	551,724	11$034,482	438,581	541,455	2$272,967	24$827,586	245$579,986	2$192,905	24,13	19,45
25/32	550,932	11$018,651	437,951	540,678	2$269,706	24$791,965	245$227,647	2$189,764	23,96	19,32
13/16	550,143	11$002,865	437,325	539,904	2$266,454	24$756,446	244$876,316	2$186,622	23,78	19,21
27/32	549,356	10$987,124	436,698	539,131	2$263,212	24$721,030	244$525,994	2$183,494	23,60	19,09
7/8	548,571	10$971,428	436,074	538,361	2$259,979	24$685,714	244$176,672	2$180,374	23,43	18,98
29/32	547,788	10$955,777	435,452	537,593	2$256,755	24$650,499	243$828,345	2$177,264	23,25	18,86
15/16	557,008	10$940,170	434,832	536,827	2$253,540	24$615,384	243$481,012	2$174,163	23,08	18,74
31/32	54 ,230	10$924,608	434,214	536,061	2$250,334	24$580,369	243$134,666	2$171,070	22,90	18,63
22	545,454	10$909,090	433,597	535,302	2$247,138	24$545,454	242$789,304	2$167,986	22,72	18,51
1/32	544,680	10$893,617	432,982	534,543	2$243,951	24$510,638	242$444,922	2$164,911	22,54	18,40
1/16	543,909	10$878,186	432,368	533,786	2$240,772	24$475,920	242$101,516	2$161,844	22,37	18,28
3/32	543,140	10$862,800	431,757	533,031	2$237,603	24$441,301	241$759,081	2$158,787	22,20	18,17
1/8	542,372	10$847,457	431,147	532,278	2$234,442	24$406,779	241$417,504	2$155,737	22,03	18,05

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Es ados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
22 5/32	541,607	10$832,157	430,539	531,527	2$231,293	24$372,355	241$077,109	2$152,697	21,86	17,93
3/16	540,845	10$816,901	429,933	530,779	2$228,149	24$338,028	240$737,662	2$149,666	21,69	17,82
7/32	540,084	10$801,687	429,328	530,032	2$225,014	24$303,797	240$398,973	2$146,642	21,51	17,70
1/4	539,325	10$786,516	428,725	529,288	2$221,889	24$269,662	240$061,334	2$143,627	21,34	17,59
9/32	538,569	10$771,388	428,124	528,545	2$218,773	24$235,624	239$724,642	2$140,620	21,17	17,47
5/16	537,815	10$756,302	427,524	527,805	2$215,665	24$201,680	239$388,894	2$137,622	21,00	17,36
11/32	537,062	10$741,258	426,926	527,067	2$212,567	24$167,832	239$054,084	2$134,632	20,83	17,24
3/8	536,312	10$726,256	426,330	526,331	2$209,476	24$134,078	238$720,210	2$131,651	20,67	17,12
13/32	535,564	10$711,297	425,735	525,597	2$206,395	24$100,418	238$387,267	2$128,678	20,50	17,01
7/16	534,818	10$696,378	425,142	524,865	2$203,322	24$066,852	238$055,251	2$125,713	20,33	16,89
15/32	534,075	10$691,502	424,551	524,135	2$200,245	24$033,380	237$723,851	2$122,757	20,17	16,78
1/2	533,333	10$666,666	423,961	523,407	2$197,202	24$000,000	237$393,986	2$119,809	20,00	16,66
17/32	532,593	10$651,872	423,373	522,681	2$194,154	23$966,712	237$064,730	2$116,868	19,83	16,55
9/16	531,855	10$637,119	422,787	521,957	2$191,115	23$933,518	236$736,385	2$113,936	19,66	16,43
19/32	531,120	10$622,406	422,202	521,235	2$188,085	23$900,414	236$408,949	2$111,013	19,50	16,31
5/8	530,386	10$607,734	421,619	520,515	2$185,062	23$867,403	236$082,417	2$108,097	19,33	16,20
21/32	529,655	10$593,103	421,037	519,797	2$182,048	23$834,482	235$756,786	2$105,189	19,17	16,08
11/16	528,925	10$578,512	420,457	519,081	2$179,043	23$801,652	235$432,052	2$102,289	19,00	15,97
23/32	528,198	10$563,961	419,879	518,367	2$176,046	23$768,913	235$108,212	2$099,398	18,84	15,85
3/4	527,472	10$549,450	419,302	517,655	2$173,056	23$736,263	234$785,261	2$096,514	18,68	15,74
25/32	526,748	10$534,979	418,727	516,945	2$170,076	23$703,703	234$463,525	2$093,638	18,51	15,62
13/16	526,027	10$520,547	418,154	516,237	2$167,103	23$671,232	233$142,014	2$090,770	18,35	15,50
27/32	525,307	10$506,155	417,582	515,530	2$164,138	23$638,850	233$821,789	2$087,910	18,19	15,39
7/8	524,590	10$491,803	417,011	514,826	2$161,182	23$606,557	233$502,281	2$085,058	18,03	15,27
29/32	523,874	10$447,489	416,442	514,124	2$158,233	23$574,351	233$183,924	2$082,213	17,87	15,16
15/16	523,160	10$463,215	415,875	513,423	2$155,293	23$542,234	232$866,035	2$079,376	17,71	15,04
31/32	522,448	10$448,979	415,309	512,725	2$152,361	23$510,204	232$549,211	2$076,547	17,55	14,93
23	521,739	10$434,782	414,745	512,028	2$149,436	23$478,260	232$233,247	2$073,726	17,39	14,81
1/32	521,031	10$420,624	414,181	511,333	2$146,520	23$446,404	231$918,141	2$070,912	17,23	14,69
1/16	520,325	10$406,504	413,621	510,641	2$143,611	23$414,634	231$603,889	2$068,106	17,07	14,58
3/32	519,621	10$392,422	413,061	509,950	2$140,711	23$382,949	231$290,497	2$065,407	16,91	14,46
1/8	518,918	10$378,378	412,503	509,260	2$137,818	23$351,351	230$977,932	2$062,516	16,75	14,35
5/32	518,218	10$364,372	411,946	508,573	2$134,933	23$319,838	230$656,221	2$059,733	16,59	14,23
3/16	517,520	10$350,404	411,391	507,888	2$132,055	23$288,409	230$355,355	2$056,957	16,44	14,12
7/32	516,823	10$336,473	410,837	507,204	2$129,186	23$257,065	230$045,316	2$054,189	16,28	14,00
1/4	516,129	10$322,580	410,285	506,523	2$126,324	23$225,806	229$736,116	2$051,428	16,12	13,88
9/32	515,436	10$308,724	409,734	505,843	2$123,470	23$194,630	229$427,745	2$048,674	15,96	13,77
5/16	514,745	10$294,906	409,185	505,165	2$120,623	23$163,538	229$120,201	2$045,928	15,80	13,65
11/32	514,056	10$281,124	408,637	504,488	2$117,785	23$132,530	228$813,481	2$043,189	15,65	13,54
3/8	513,368	10$267,379	408,091	503,814	2$114,953	23$101,604	228$507,580	2$040,457	15,50	13,42
13/32	512,683	10$253,671	407,546	503,141	2$112,130	23$070,761	228$202,586	2$037,733	15,35	13,31
7/16	512,000	10$240,000	407,003	502,470	2$109,313	23$040,000	227$898,227	2$035,016	15,20	13,19
15/32	511,318	10$226,364	406,461	501,801	2$106,505	23$009,320	227$594,767	2$032,306	15,05	13,07
1/2	510,638	10$212,765	405,920	501,134	2$103,704	22$978,723	227$292,114	2$029,604	14,89	12,96
17/32	509,960	10$199,203	405,381	500,468	2$100,910	22$948,207	226$990,262	2$026,909	14,74	12,84
9/16	509,283	10$185,676	404,844	499,805	2$098,123	22$917,771	226$689,217	2$024,220	14,59	12,73
19/32	508,609	10$172,185	404,307	499,143	2$095,344	22$887,417	226$388,967	2$021,539	14,44	12,61
5/8	507,936	10$158,730	403,773	498,482	2$092,573	22$857,142	226$089,511	2$018,865	14,28	12,50
21/32	507,265	10$145,310	403,239	497,824	2$089,809	22$826,948	225$790,845	2$016,198	14,13	12,38
11/16	506,596	10$131,926	402,707	497,167	2$087,052	22$796,833	225$492,968	2$013,538	13,98	12,26
23/32	505,928	10$118,577	402,177	496,512	2$084,302	22$766,798	225$195,870	2$010,886	13,83	12,15
3/4	505,263	10$105,263	401,648	495,859	2$081,559	22$736,842	224$899,566	2$008,240	13,68	12,03
25/32	504,599	10$091,984	401,120	495,207	2$078,824	22$706,964	224$604,034	2$005,601	13,53	11,92
13/16	503,937	10$078,740	400,593	494,557	2$076,096	22$677,165	224$309,278	2$002,969	13,38	11,80
27/32	503,276	10$065,530	400,068	493,909	2$073,375	22$647,444	224$015,295	2$000,344	13,23	11,68

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Peso especifico de algumas substancias

(O peso da agua distillada na temperatura de + 4° C. é tomado como unidade)

Acido carbonico	0,00152	Ferro fundido	7,207
Aço	7,820	Ferro forjado	7,788
Agua distillada	1,000	Flint glass	3.329
Agua do mar	1,026	Gallio	5,950
Aguardente 18°	0,947	Gêlo	0,930
Aguardente 22°	0,923	Graxa de vacca	0,923
Aguardente, 36°	0,848	Hydrogenio (gaz)	0,00089
Alcool absoluto	0,715	Iridio	22,400
Aluminio	2,560	Latão	8,395
Ammoniaco	0,897	Leite de vacca	1,032
Antimonio	6,712	Leite de cabra	1,034
Ar atmospherico	0,00129	Manteiga	0,942
Arêa de rio	1,880	Magnesio	1,740
Argilla	1,930	Marfim	1,917
Arsenico	5,670	Marmore de Carrara	2,716
Assucar	1,606	Mercurio	13 598
Azeite de oliveira	0,915	Mel	1,450
Azoto (gaz)	0,00125	Nickel	8.279
Batata	0,940	Oxygenio (gaz)	0,00143
Banha de porco	0,936	Ouro puro	19,258
Bismutho	9,822	Oleo de amendoas	0,917
Borracha	0,973	Oleo de linhaça	0,940
Calcio	1,570	Osmio	22,470
Cal viva	0,840	Palladio	12.050
Canfora	0,996	Pedra pomes	0,914
Carvão vegetal	0,250	Phosphoro	1,770
Carvão de pedra	1,329	Platina laminada	21,450
Cêra branca	0,968	Platina batida	23,000
Cêra amarella	0,974	Porcellana	2,150
Centeio	0,740	Prata pura	10,475
Cerveja	1,024	Rhodio	12,410
Cevada	0,633	Sebo	0,942
Chloreto de sodio	2,260	Selenio	4,320
Chumbo	11,352	Tellurio	6,115
Coke	0,340	Terra argillosa	1,240
Clara d'ovo	1,041	Tungstenio	17,600
Cobre fundido	8.788	Uranio	18,350
Diamantes leves	3,501	Vapor d'agua	0.00080
Diamantes pesados	3,531	Vidro de garrafa	2,732
Espirito de vinho 33°	0,863	Vidro de vidraça	2,527
Espirito de vinho 36°	0,848	Vinagre	1,019
Estanho	7,292	Vinho de Bordeus	0,993
Enxofre	2,033	Vinho de Malaga	1,030
Ether sulfurico	0,712	Vinho do Porto	0,997
Farinha de trigo	1,035	Zinco	7,100

Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas

POLLEG. DECIMOS	MILLIMETROS	POLLEG. DECIMOS	MILLIMETROS	POLLEG. DECIMOS	MILLIMETROS
26,0	660,39	27,7	703,57	29,4	746,75
1	662,93	8	706,11	5	749,29
2	665,47	9	708,65	6	751,83
3	668,01	28,0	711,19	7	754,37.
4	670,55	1	713,73	8	756,91
5	673,09	2	716,27	9	759,45
6	675,63	3	718,81	30,0	761,99
7	678,17	4	721,35	1	764,53
8	680,71	5	723,89	2	767,07
9	683,25	6	726,43	3	769,61
27,0	685,79	7	728,97	4	772,15
1	688,33	8	731,51	5	774,69
2	690,87	9	734,05	6	777,23
3	693,41	29,0	736,59	7	779,77
4	695,95	1	738,13	8	782,31
5	698,49	2	741,67	9	784,85
6	701,03	3	744,21	31,0	787,39

CONVERSÃO DE CENTESIMOS DE POLLEG. INGL. EM MILLIMETROS	
CENTES.os DE POLLEGADA	MILLIMETROS
1	0,254
2	0,508
3	0,762
4	1,016
5	1,270
6	1,524
7	1,778
8	2,032
9	2,286
10	2,540

Relação entre as unidades de pressão

ATMOSPHERAS	KILOG. POR CENTIM.²	LIBRAS INGL. POR POLLEG.²	LIBRAS INGL. POR POLLEG.²	KILOG. POR CENTIM.²	ATMOSPHERAS
1	1,033	14,697	1	0,070	0,068
2	2,066	29,394	2	0,141	0,136
3	3,100	44,091	3	0,211	0,204
4	4,133	58,788	4	0,281	0,272
5	5,166	73,485	5	0,352	0,340
6	6,200	88,182	6	0,422	0,409
7	7,233	102,879	7	0,493	0,477
8	8,267	117,576	8	0.563	0,545
9	9,300	132,283	9	0,633	0,613
10	10,333	146,970	10	0,704	0,681
20	20,667	293,940	20	1,408	1,363
30	31,000	449,910	30	2,112	2,044
40	41,333	587,880	40	2,816	2,726
50	51,667	734,850	50	3,520	3,408
60	62,000	881,820	60	4,224	4,089
70	72,333	1.028,790	70	4,928	4,769
80	82,667	1.175,760	80	5,632	5,452
90	93,000	1.322,830	90	6,336	6,133
100	103,333	1.469,700	100	7,039	6,815

Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur

FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR
5	—15,00	—12,00	50	+10,00	+8,00	95	+35,00	+28,00
6	14,44	11,56	51	10,56	8,44	96	35,66	28,24
7	13,89	11,11	52	11,11	8,89	97	36,11	28,89
8	13,33	10,67	53	11,67	9,33	98	36,67	29,33
9	12,78	10,22	54	12,22	9,78	99	37,22	29,78
10	22,22	9,78	55	12,78	10,22	100	37,78	30,22
11	11,67	9,33	56	13,33	10,67	101	38,33	30,67
12	11,11	8,89	57	13,89	11,11	102	38,89	31,11
13	10,56	8,44	58	14,44	11,56	103	39,44	31,56
14	10,00	8,00	59	15,00	12,00	104	40,00	32,00
15	9,44	7,56	60	15,56	12,44	105	40,56	32,44
16	8,89	7,11	61	16,11	12,89	106	41,11	32,89
17	8,33	6,67	62	16,67	13,33	107	41,67	33,33
18	7,78	6,22	63	17,22	13,78	108	42,22	33,78
19	7,22	5,78	64	17,78	14,22	109	42,78	34,22
20	6,67	5,33	65	18,33	14,67	110	43,33	34,67
21	6,11	4,89	66	18,89	15,11	111	43,89	35,11
22	5,56	4,44	67	19,44	15,56	112	44,44	35,56
23	5,00	4,00	68	20,00	16,00	113	45,00	36,00
24	4,44	3,56	69	20,56	16,44	114	45,56	36,44
25	3,89	3,11	70	21,11	16,89	115	46,11	36,89
26	3,33	2,67	71	21,67	17,33	116	46,67	37,33
27	2,78	2,22	72	22,22	17,78	117	47,22	37,78
28	2,22	1,78	73	22,78	18,22	118	47,78	38,22
29	1,67	1,33	74	23,33	18,67	119	48,33	38,67
30	1,11	0,89	75	23,89	19,11	120	48,89	39,11
31	—0,56	—0,44	76	24,44	19,56	121	49,44	39,56
32	0,00	0,00	77	25,00	20,00	122	50,00	40,00
33	+0,56	+0,44	78	25,56	20,44	123	50,56	40,44
34	1,11	0,89	79	26,11	20,89	124	51,11	40,89
35	1,67	1,33	80	26,67	21,33	125	51,67	41,33
36	2,22	1,78	81	27,22	21,78	126	52,22	41,78
37	2,78	2,22	82	27,78	22,22	127	52,78	42,22
38	3,33	2,67	83	28,33	22,67	128	53,33	42,67
39	3,89	3,11	84	28,89	23,11	129	53,89	43,11
40	4,44	3,56	85	29,44	23,56	130	54,44	43,56
41	5,00	4,00	86	30,00	24,00	131	55,00	44,00
42	5,56	4,44	87	30,56	24,44	132	55,56	44,44
43	6,11	4,89	88	31,11	24,89	133	56,11	44,89
44	6,67	5,33	89	31,67	25,33	134	56,67	45,33
45	7,22	5,78	90	32,22	25,78	135	57,22	45,78
46	7,78	6,22	91	32,78	26,22	136	57,78	46,22
47	8,33	6,67	92	33,33	26,57	137	58,33	46,67
48	8,89	7,11	93	33,89	27,11	138	58,89	47,11
49	9,44	7,56	94	34,44	27,56	139	59,44	47,56

EXPEDIENTE

Aos nossos Collaboradores

Toda a correspondencia relativa ao Almanaque, á sua redacção e administração, deve ser dirijida ao Almanaque Brasileiro Garnier. — Rio de Janeiro, rua do Ouvidor 71. *Para ahi devem ser encaminhados os impressos e manuscriptos dos nossos collaboradores e assim tambem as illustrações, photographias e outros documentos de interesse geral que solicitamos. A collaboração deve-nos ser remettida até 1º de dezembro de cada anno, sendo que qualquer antecedencia, quanto a aquelle prazo, é sempre desejavel e conveniente.*

D'esta edição de 1908 em diante a feição do Almanaque *é totalmente outra e tem agora certo caracter mais geral e popular, encyclopedico e ao mesmo tempo facil, variado, mais leve pela substancia, mas sempre util pela importancia de muitos dos assumptas tratados.*

O novo programma é vasto e mira agradar a quasi todos que se utilizam d'esse genero de publicações. Alem das secções proprias e caracteristicas do Calendario, *das noticias astronomicas e dados estatisticos geraes e da parte final de* Informações, *instituimos perfeita variedade de materias que podemos, para sciencia dos nossos estimaveis collaboradores, distribuir mais ou menos nos seguintes grupos :*

I. — Recreações. — Jogos. — Diversões. — Problemas, enigmas. — Anecdotas.

II. — Musicas populares. — Cantigas.

III. — Dados estastiticos da vida material ou moral do Brasil. — Noticias e carta topographicas dos lugares e dos estados. Assumptos geographicos.

IV. — Anno biographico, e bibliographico. — Necrologia.

V. — Critica e literatura. — Prosadores e poetas. — Paginas inéditas ou raras. — Escolas e academias.

VI. — Interesses da vida nacional. — Melhoramentos e progresso das cidades. — Embellezamento e hygiene. — Construcções novas. — Obras publicas. — Portos e estradas.

VII. — Curiosidades varias. — Linguistica. — *Folklore*; literatura popular.

A arte nacional: a pintura, a esculptura, a architectura, a photographia.

Com esse programma realisado apenas em suas primeiras linhas é intento nosso tornar o Almanaque *cada vez mais popular e augmentar o circulo dos seus leitores pela profusão e variedade dos assumptos que devem ser tratados sempre como convem á natureza e genero d'esta publicação.*

Alguns pontos do nosso programma deverão ser desenvolvidos á medida do auxilio e favor sempre crescente com que nos honram os amigos do Almanaque Garnier.

CORRESPONDENCIA

A. M. P. — Os erros evidentes da carta topographica da sua cidade natal impedem-nos por em quanto, de a inserir n'este livro. O *Almanaque* muito desejaria reproduz r as cartas topographicas das cidades do Brasil e isto seria de interesse consideravel para a geographia patria.

Dr M. N. — Não podemos dar o retrato da notabilidade a que se refere, pois que a não conhecemos nem mesmo remotamente.

Publicações periodicas. — São muitas as que nos honram e que nos chegam de todos os pontos do paiz : *A Revista Amazonense*, *Archivo de Mato Grosso*, *Ad Lucem*, *Album de Minas*, *Annuario Mineiro*, a *Revista do Instituto* do Ceará, a *Revista do I. archeologico de Pernambuco*, *A Nova Cruz* de S. Paulo, o *São Paulo Magazine*, *Centro de Letras e Artes de Campinas*, *Imprensa Academica* de S. Paulo, a *Via Lactea* do Pará, o *Boletim mensal* do nosso Observatorio. Agradecemos a todos a gentileza da offerta.

A. M. e S. B. — As excellentes photographias que nos têm mandado V. Sas representam para o *Almanaque* um serviço de tal ordem que não temos palavras sufficientes para agradecer. Muitas d'ellas serão inseridas n'esta edição.

*** (S. Catharina). — Não tem lugar.

Dona P. S. — Alguns dos artigos enviados para o *Almanaque* (que se imprime em Paris) tem sido supprimidos. A suppressão, todavia, não significa que deixem de ter valor, e apenas que chegaram demasiado tarde ou houve excesso de materia. E' verdade que supprimimos o que nos parece inconveniente ou insignificante, mas d'isso daremos aviso, com toda a discreção, sem indicar o nome, n'esta correspondencia.

J. E. — O soneto que tão mal a proposito intitulou *Beijos* e subscreveu como proprio, é o XXX da *Via Lactea* de Olavo Bilac, com algumas variantes... para peior.

Livros e opusculos. — Com verdadeiro prazer é que agradecemos a gentileza de alguns dos nossos editores que reservam sempre para o *Almanaque* um exemplar das obras que publicam. Não é aqui de certo, n'este recanto de um modesto annuario, o lugar de fazer critica ou opinar sobre o merito já assentado de scientistas ou escriptores e poetas como Arthur Orlando, Phaelante da Camara, A. Carvalho, Antunes de Moura, Studart, B. Braga, P. Motta, Julio Pires, Conego Braga, Sebastião Paraná, Mendes Costa, e tantos outros que nos honram, enviando-nos as suas producções, que vem formar um nucleo de subsidios e informações na organização d'este livro. Esperamos merecer sempre essa gentileza que sobre maneira nos desvanece.

A utilidade, porem, no nosso modo de vêr, está em que poderemos com esses favores organizar o *Registro bibliographico annual* das publicações brasileiras, como já o fazemos, mas ainda deficientemente quanto ás publicações, que não são poucas, do interior do paiz. O nosso *Registro* é composto segundo as noticias da imprensa ou por outras referencias que nos merecem fé.

Será talvez um recurso de seguro exito inaugurarmos uma secção de critica das publicações recebidas, o que ainda não quizemos fazer, mas no *Almanaque* vindouro esperamos dar ainda que summariamente breve noticia critica dos livros que nos enviarem.

INDICE

	Paginas
Chronologia — Calendario	7
Calendario gregoriano	9
Calendario ecclesiastico	10
Eclipses de 1908	17
O anno de 1908	18
Festas nacionaes brasileiras	19
Festas estaduaes	19
Festas nacionaes dos principaes paizes estrangeiros	21
Festas officiaes observadas nas legações e nos consulados estrangeiros.	24
Calendario perpetuo	25
Aspecto do Céu	26
Geographia. — Estatistica	63
Altitude das principaes montanhas do Brasil	66
Rios principaes com a sua extensão approximada	67
Distancia em milhas do Rio de Janeiro a Manaus e Porto Alegre	68
Nascimento e accaso do sol	69
As estações	70
A hora no Brasil	70
Navegação	70
Commercio e finanças	72
Exportação	77
O novo Rio de Janeiro	81
Notas sobre o Acre	94
Caso raro	104
Harpa do Céu	105
O flautista do sertão	105
A igreja de S. Francisco de Assis, em Ouro Preto	106
Belmiro de Almeida	109
Girasol	110
Recreações mathematicas	110

	Paginas
O nome de Deus em 36 linguas differentes	111
Redondilhas de José d'Abreu Albar o.	111
Nª Sª da Luz	113
Jesus sobre as ondas	117
Decadencia do mar	118
Nisia Floresta	118
Uma carta de Fialho d'Almeida	120
Pensamentos de Alex. Dumas, filho.	123
Monologo de um velho	124
A eterna pergunta	125
Visconde de Barbacena	125
Voz clamante	128
Recreação	129
Oliveira Martins	130
Um « love-feasts » intellectual	135
Quem sabe ?	136
Campoamor	136
O humorista Artemus Ward	137
As tuas meias	138
Collaboradores do almanque	139
Dr. Lucio de Mendonça	139
Ursula Garcia	140
Epochas d'uma existencia	142
A'Anna Nogueira e A'Amelia F. Bevilaqua	144
Linguas indigenas do Brasil	145
Illusões	149
Vana	149
Anthologia — Augusto Gil	150
A nobreza no Brasil	151
Batalha naval do Riachuelo	151
Triste philosophia	154
Epigramma a José Agostinho de Macedo	154
A critica e os criticos	155

	Paginas
O rapaz dos burros	156
As lebres e as rãs	157
O linho brasileiro	157
Os recifes do Brasil	158
A lenda do rei « Lear »	161
Pereira da Silva	162
Academia em Minas	168
Modos de dizer, brasileiros	169
Uma pagina de João Luso	170
Jornal do Commercio	171
Notas estatisticas sobre a instrucção publica	173
Annibal Theophilo	176
Um novo livro de Sylvio Romero	179
A tristeza da lua	182
Philemon e Baucis rediviros	184
Adivinhas populares andaluzas	185
Leão XIII e Pio X	186
Lavras diamantinas da Bahia	188
Historia do Brasil	192
Goulart de Andrade	203
Morro do Castello	208
Ballada do Beijo	211
Conferencia internacional americana.	213
A recepção do Dr. Joaquim Nabuco	215
O Sñr Elihu Root	217
Da vida de um poeta	218
Receita para fazer versos	218
Lacrima rerum	219
No Campo	221
Lar destruido	222
A seda no Brasil	223
Lopes Trovão	223
Metros barbaros	227
O Dr. Affonso Penna e a graphologia.	227
O Lyceu Maranhense	229
D. João VI	230
Epigrammas	234
Scena de um drama	235
Os nossos banqueiros	236
Londres	236
Salve Regina !	237
A Camões	237
Os mythos solares dos indios	238

	Pagina
Trovas em lingua tupí	241
Theresinha	242
As ruas do Rio de Janeiro	244
Guiseppe Giacosa	246
Na serra	247
Ulisses Sarmento	247
O Thesouro	249
Trovas populares brasileiras	251
Camões e Petrarca	251
Progresso material no Amazonas	252
Numismatica brasileira	253
Flamboyants	256
Poços artesianos	258
O burro flautista	259
Camões e Caminha	259
Camandulas e Camaldulas	260
Escola de agricultura no estado de S. Paulo	261
Satyra aos medicos	264
Trovas desconsoladas	264
População da Capital	265
F. Mangabeira	266
Nas minas de Courrières	268
Congresso operario regional	269
Republica Franceza	269
A ortographia moderna	270
Crimes no Rio de Janeiro	271
A catastrophe de Aquidaban	272
Um cavaco linguistico	274
Volumia postuma	278
O novo Rio de Janeiro	278
O novo governo	284
A casa de Dickens	287
Santos Dumont e o aéroplano *14 bis*.	291
Trunfo ás avessas	293
A capital do alto juruá.	293
Ave Maria	296
Oscar Wilde	298
La tombe et la rose	302
La feuille	302
Dr. Candido de Figueiredo	303
Os novos poetas	303
Estradas estrategicas	305
Educação feminina no Rio	308

	Paginas
O que vestimos	309
A brucha	311
Gil Vincente	312
Pensamentos politicos	314
Recuerdo	315
H. Turot e o Brasil	316
O porto do Pará	317
Rio Grande do Sul	318
Almas gemeas	320
Ineditos gregos	320
Bilhete a Xavier de Carvalho	321
De uma seguidilha	321
Fragmento	321
Ultima prece	323
Paginas de retratos	324
Ao approximar-se da Parahyba do Norte	329
O conego Dr. João E. Braga	333
O trovador do sertão	334
O anno de 1906	337
Mimetismo nos homens	341
O centenario de Manoel de Araujo Porto Alegre	343
Embellezamento de S. Paulo	347
A satyra em Minas	348
H. Ibsen	349
Necrologios do anno de 1906	351
Matto Grosso	362
Avenida Beira-mar	362
O porto da Bahia	364
A Caixa de Amortizaçao	367
Companhias de seguros	368
Novos edificias do Rio	369
Carvão de pedra do Brasil	369
O manganez como adubo	372
O enxoval	373
Sonetos latinos de Mendes de Aguiar	375
Poesias varias	377
Installação hydro-electrica em Petropolis	379
Quem contou da vacca	381
Dôr suprema	381
Notas esparsas	383
O anno literario	385
O abbade de São Bento	389
A Rita do Vigario	390
Bellas artes	398
Xadrez	400
TABELLAS. — NOTAS. — INFORMAÇÕES.	
Governo da Republica	403
Governadores dos Estados	403
Senado Federal	404
Secretarias de Estado	405
Tribunal de Contas	405
Corpo Diplomatico Brasileiro	406
Consulados no Rio	406
Dias de sessões e audiencias, e séde dos tribunaes	407
Pretorias (juizes)	408
Pajamento de impostos	408
Imposto do sello	410
Dias em que não se vencem letras e obrigações commerciaes	411
Tabelliães	412
Tabelliães de protestos de letras	412
Curadores	412
Bancos e estabelecimentos de credito	413
Taxas do correio	413
Tarifas telegraphicas	416
Tarifa para o trafego com a « Western »	417
Asylos	418
Hospitaes particulares	418
Jardins e passeis	419
Theatros	420
Vehiculos publicos	423
Enterros	426
Consumo d'agua	428
Caixa da conversão	433
Pesos e medidas	434
Medidas inglezas e sua conversão	438
Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e *vice versa*	442
Tabellas de juros	443
Moedas	446

	Paginas
Cambio	450
Peso especifico de algumas substancias	458
Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas	459
Relação entre as unidades de pressão.	459
Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur	460
Expediente	461
Correspondencia	462



ALIMENTO DAS CRIANÇAS

LA SANTÉ RENDUE A TOUS

NÉVRALGIES

MIGRAINES, NEURASTHÉNIE et toutes MALADIES NERVEUSES. Guérison certaine par les PILULES antinévralgiques du **Dr CRONIER**

PRIX : 3 fr. LA BOITE avec Notice. *Franco poste.*

Dépôt : **SCHMITT**, Pharmacien, 75, rue La Boétie. **PARIS**, et toutes bonnes pharmacies.

LES PILULES ANTINÉVRALGIQUES DU Dr CRONIER SONT TRÈS RECOMMANDÉES

ANÉMIE

PILULES CRONIER

A l'Iodure de Fer et de Quinine

Toniques, Fébrifuges et reconstituantes

Le plus efficace des ferrugineux

Le flacon avec notice **4** fr.; 1/2 flac **2** fr. Par la poste

PARIS. — Typ. H. GARNIER.

A. CLAUSEN

CASA CLAUSEN

Rua dos Ourives, 20

TELEPHONE N.º 1

RIO DE JANEIRO

CERVEJA AMERICANA

Clara

CERVEJA MAERZEN

Parda

Aguas Mineraes

DE

CAXAMBÚ

LAMBARY E

CAMBUQUIRA

Charutos POOCK & Co.

BANHOS DE MAR EM CASA

---

5 MINUTOS

Grande Manufactura

DE RAPÉS

FUMOS E CIGARROS

❖ ❖ ❖

CASA BOREL & C.

Successores de MEURON & C.

RIO DE JANEIRO

Especialidades

RAPÉS :

Arêa Preta — Princeza da Bahia — Grosso — Mac
— Tabaco em Pó.

FUMOS :

Semilla — Rio Novo — Barbacena — Goyano — Vi
claro — Maryland para cachimbo.

CIGARROS :

Pan-Americanos — Avenida — Radium — Maravill
Pic-nic com brindes.

CHARUTOS :

De Vieira de Mello e outros — Grande sortimento de
rutos e Cigarros de Havana.

Casa fundada em 1816 com Estabelecimento
no RIO DE JANEIRO e na BAHIA.